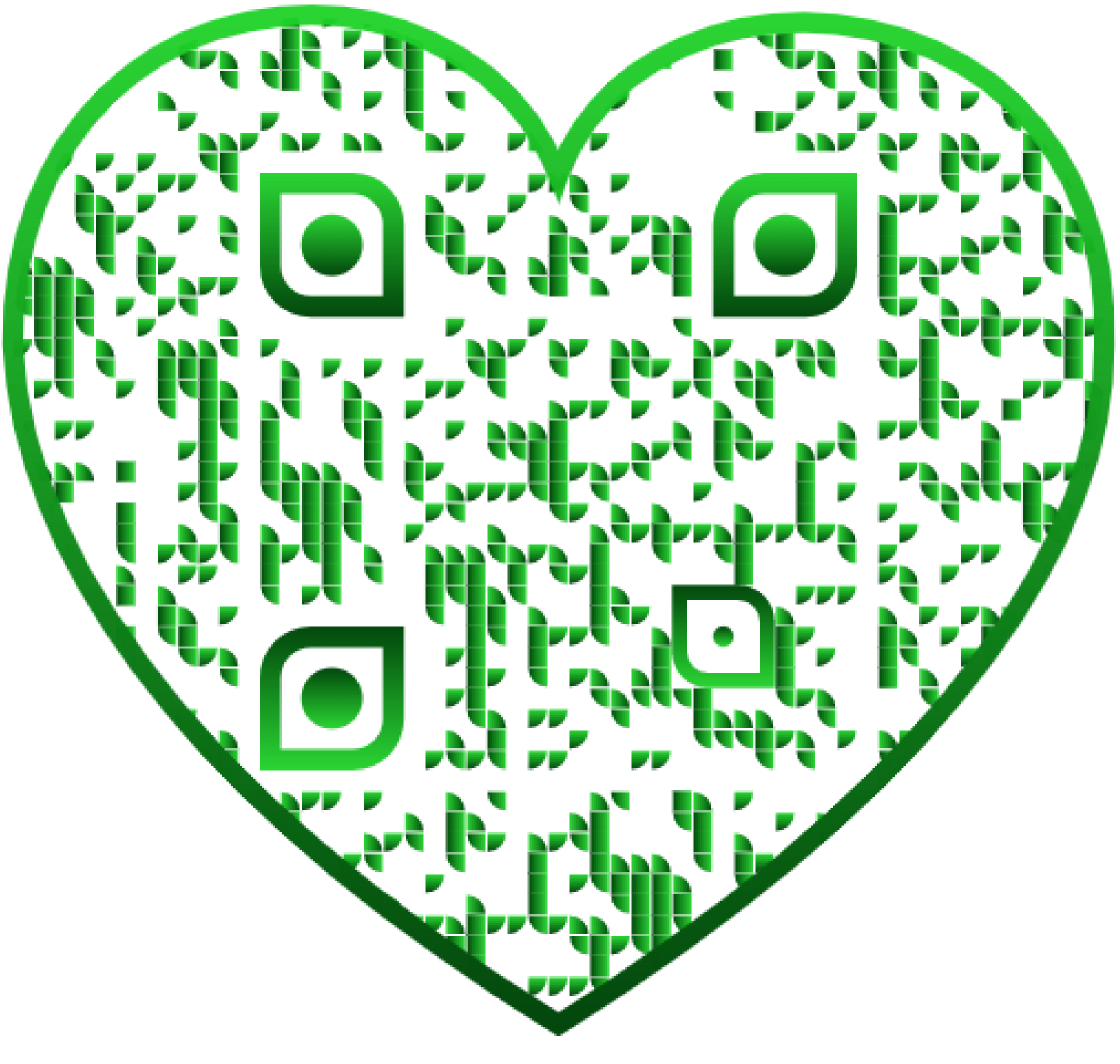
Coleção
Alice Oseman
Rocco
DIGITAL



COLEÇÃO ALICE OSEMAN

ISBN: 978-65-5595-141-7

Contém os títulos:
Um ano solitário | 978-85-7980-365-9
Rádio silêncio | 978-85-7980-438-0
Sem amor | 978-65-5595-087-8

SUMÁRIO

Um ano solitário

Rádio silêncio

Sem amor

Essa não é uma história de amor.
Um ano solitário
Alice Oseman
Autora de Rádio Silêncio e Sem Amor
Rocco DIGITAL

Um ano solitário

Alice Oseman

Tradução de
CAROLINA CAIRES COELHO

Rocco DIGITAL

A Emily Moore,
que esteve ao meu lado desde o começo.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE 1

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

PARTE 2

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

DEPOIS

AGRADECIMENTOS

CRÉDITOS

"*E o seu* defeito é uma propensão a odiar todo mundo."
"E o seu", respondeu ele com um sorriso, "é teimar em interpretar a todos do jeito errado."

Orgulho e preconceito, Jane Austen

PARTE 1

Elizabeth Bennet: O senhor dança, sr. Darcy?
Sr. Darcy: Não se eu puder evitar.

Orgulho e preconceito (2005)

UM

ASSIM QUE PONHO OS PÉS NO SALÃO, percebo que a maioria das pessoas está quase morta, inclusive eu. Fui informada por fontes seguras de que a melancolia pós-Natal é absolutamente normal e que deveríamos nos sentir meio entorpecidos depois do período "mais feliz" do ano, mas não me sinto tão diferente em comparação à véspera de Natal ou ao próprio Natal, ou a qualquer outro dia desde que as férias começaram. Estou de volta, e é um outro ano. Nada vai acontecer.

Fico parada. Becky e eu nos entreolhamos.

— Tori — diz Becky —, você está meio com cara de quem quer se matar.

Ela e as outras pessoas do Nosso Grupo se espalharam em uma série de cadeiras giratórias ao redor das mesas de computador. Como é o primeiro dia depois do recesso, percebo que todo mundo do ensino médio fez maquiagem e cabelo, e logo me sinto deslocada.

Eu me encolho em uma cadeira e concordo filosoficamente.

— É engraçado porque é verdade.

Becky olha para mim mais um pouco, mas sem prestar atenção de verdade, e rimos de algo que não teve graça. Então ela percebe que não estou a fim de fazer nada e se afasta. Eu me apoio nos meus braços e chego a adormecer.

Meu nome é Victoria Spring. Acho que você precisa saber que invento uma porção de coisas e depois me lamento. Gosto de dormir e de blogar. Um dia, vou morrer.

Rebecca Allen provavelmente é minha única amiga de verdade. Ela também deve ser minha melhor amiga. Ainda não sei bem se esses fatos estão ligados. De qualquer maneira, Becky Allen é muito linda e tem cabelos

compridos e roxos. Cheguei à conclusão de que se você tem cabelos roxos as pessoas olham para você. Se você for bonita e tiver cabelos roxos, as pessoas *ficam* olhando para você, o que faz com que você se torne muito popular na sociedade adolescente; o tipo de pessoa que todo mundo diz que conhece, mas com quem provavelmente nunca nem conversou. Becky tem 2.098 amigos no Facebook.

Neste exato momento, ela está falando com outra menina do Nosso Grupo, Evelyn Foley. Evelyn é considerada "retrô" porque tem cabelos bagunçados e usa um colar com um pingente em forma de triângulo.

— Mas a verdadeira dúvida é se existe atração sexual entre Harry e *Malfoy* — diz Evelyn.

Não sei bem se a Becky gosta mesmo da Evelyn. Às vezes, acho que as pessoas só fingem gostar umas das outras.

— Só em *fanfics*, Evelyn — retruca Becky. — Por favor, guarde suas fantasias entre você e seu blog.

Evelyn ri.

— Estou falando por falar. O Malfoy ajudou o Harry no fim, certo? No fundo, ele é um cara legal, não é? Então, por que persegue o Harry por sete anos? Enorme. Armário. Homossexual. — A cada palavra, ela bate palmas. E não deixa claro o que quer dizer. — Todo mundo sabe que as pessoas ficam provocando quem elas gostam. A psicologia aqui é indiscutível.

— Evelyn — diz Becky. — *Primeiro de tudo*, essa ideia de fãzinha de que o Draco Malfoy é uma alma lindamente torturada que está à procura de redenção e compreensão me *afronta*. Em segundo lugar, o único casal não canônico que não tem a ver com a história e que *vale a pena* discutir é Snilian.

— *Snilian?*

— O Snape e a Lilian.

Evelyn parece estar muito ofendida.

— Não acredito que você não apoia Drarry, mas é a favor de *Snape e Lilian*. Quer dizer, pelo menos Drarry é uma possibilidade realista. — Ela balança a cabeça devagar. — Tipo, obviamente, a Lilian escolheu alguém sensual e hilário, como o Tiago Potter.

— O Tiago Potter era um grande babaca. Ainda mais com a Lilian. A J.K. deixou isso bem claro. E, cara... se você não gostar do Snape até o final da série, é porque não entendeu nada de todo o conceito de *Harry Potter*.

— Se Snilian tivesse *rolado*, o Harry Potter não teria *existido*.

— Sem um Harry, o Voldemort talvez não tivesse, tipo... cometido genocídio.

Becky e Evelyn se viram para mim. Deduzo que estou sendo pressionada a contribuir com o assunto.

Eu me sento.

— Você está dizendo que, como é culpa do Harry todos aqueles trouxas e bruxos terem morrido, teria sido melhor que não tivessem existido Harry Potter e os livros, filmes e tudo?

Tenho a impressão de que arruinei a conversa, então murmuro uma desculpa qualquer, me levanto da cadeira e saio correndo do salão. Às vezes, odeio as pessoas. Isso provavelmente é bem ruim para a minha saúde mental.

Há dois colégios na minha cidade: o Harvey Greene Grammar School para Meninas, ou Higgs, como é conhecido, e o Truham Grammar School para Meninos. Mas os dois aceitam meninos *e* meninas no segundo e terceiro anos do ensino médio. Agora que estou no penúltimo ano, tenho que conviver com uma quantidade repentinamente maior de meninos. Os garotos do Higgs são feito criaturas místicas, e ter um namorado *de verdade* coloca você no topo da hierarquia social, mas, pessoalmente, pensar ou falar demais sobre "assuntos de garotos" me dá vontade de cometer suicídio.

Mesmo que eu me importasse com essas coisas, não daria para ficar me exibindo por aí no colégio, graças ao nosso lindo uniforme. Normalmente, o pessoal do ensino médio não tem que usar uniforme, mas os alunos do Higgs são obrigados a usar um modelo horroroso. Cinza é a cor predominante, o que combina bem com um lugar tão chato.

Chego ao meu armário e encontro um Post-it cor-de-rosa colado na porta. Alguém desenhou uma seta apontando para a esquerda, sugerindo que, talvez, eu devesse olhar nessa direção. Irritada, viro a cabeça para a

esquerda. Vejo outro Post-it alguns armários adiante. E na parede no fim do corredor, mais um. As pessoas estão passando por eles, absortas. O que posso dizer? Elas não são observadoras. Não questionam coisas assim. Nunca pensam duas vezes no *déjà vu* quando poderia haver um erro na Matrix. Passam por mendigos na rua e nem sequer veem sua desgraça. Não analisam a psicologia que motiva os criadores de filmes de terror, quando provavelmente todos eles são psicopatas.

Arranco o post-it do armário e sigo até o próximo.

Às vezes, gosto de preencher meus dias com coisinhas para as quais as outras pessoas não ligam muito. Tenho a sensação de estar fazendo algo importante, ainda mais porque não tem mais ninguém fazendo isso.

Agora é um desses momentos.

Os Post-its começam a aparecer em todos os lugares. Como eu disse, as pessoas os ignoram; estão cuidando dos seus afazeres e falando sobre garotos, roupas e coisas fúteis. As meninas do oitavo e nono anos passam com a saia enrolada na cintura e as meias que chegam às coxas. Elas sempre parecem felizes. Isso faz com que eu as odeie um pouco. Mas odeio um monte de coisas.

O penúltimo Post-it que encontro tem uma seta apontando para cima, ou para a frente, e está preso na porta de uma sala de informática fechada no primeiro andar. Um tecido preto cobre a janela da porta. Essa sala, a C16, ficou fechada durante todo o ano passado para reforma, e parece que ninguém quis estreá-la. Isso me deixa meio triste, para falar a verdade, mas entro na C16 e fecho a porta.

Há uma janela comprida ocupando toda a extensão da parede mais distante, e os computadores são verdadeiros tijolos. Cubos sólidos. Parece que viajei no tempo de volta aos anos 1990.

Encontro o último Post-it na parede dos fundos, com um endereço:

SOLITAIRE.CO.UK

Se por acaso você vive numa caverna, se estuda em casa ou se você é um idiota, Solitaire, ou Paciência, é um jogo de baralho para se jogar sozinho. Era o que eu fazia para passar o tempo nas aulas de informática, e esse jogo provavelmente ajudou muito mais o meu raciocínio do que prestar atenção na aula.

De repente, alguém abre a porta.

— Santo Deus! A idade dos computadores aqui deve ser um *crime.*

Eu me viro devagar.

Um garoto está parado na frente da porta fechada.

— Estou ouvindo a sinfonia assustadora da conexão discada — diz ele, olhando para todos os lados. Depois de alguns segundos, por fim percebe que não é a única pessoa na sala.

Ele é um tipo bem comum, não é feio, mas não é lindo; um cara como qualquer outro. Seu traço mais marcante são os óculos grandes, de aros grossos e quadrados, parecidos com aqueles dos cinemas 3D que os meninos de doze anos usam sem as lentes por acharem que ficam "radicais". Caramba, odeio quando as pessoas usam óculos assim. Ele é alto e usa o cabelo repartido. Em uma das mãos, segura uma caneca; na outra, um pedaço de papel e seus horários de aula.

Ao observar meu rosto, seus olhos brilham, e juro por Deus que dobram de tamanho. Ele salta na minha direção feito um leão, com intensidade suficiente para eu me retrair com medo de que acabe comigo. O garoto se inclina para a frente, de modo que seu rosto fica a poucos centímetros do meu. Pelo meu reflexo nas lentes ridiculamente enormes dele, percebo que tem um olho azul e o outro, verde. Heterocromia.

Ele abre um grande sorriso.

— Victoria Spring! — grita, erguendo os braços.

Não digo nem faço nada. Estou com dor de cabeça.

— Você é a Victoria Spring.

Ele segura o pedaço de papel perto do meu rosto. É uma foto. Minha. Embaixo, com letrinhas bem pequenas: Victoria Spring, 11 A. Esteve exposta perto da sala dos funcionários — no primeiro ano, eu era líder de turma, principalmente porque ninguém mais queria ser, por isso fui

voluntária. Todos os líderes foram fotografados. A minha foto é horrorosa. Foi antes de eu cortar o cabelo, então estou meio parecida com a menina do filme *O chamado*. Parece até que não tenho rosto.

Olho no olho azul.

— Você arrancou isso do quadro?

Ele dá um passinho para trás, recuando depois de invadir meu espaço. E coloca aquele sorriso doido na cara.

— Eu disse que ajudaria alguém a procurar você. — Ele bate o papel dos horários no queixo. — Loiro... calça skinny... andando por aí como se não estivesse perdido...

Não conheço *nenhum* garoto e muito menos caras loiros que usam calça skinny.

Dou de ombros.

— Como você soube que eu estava aqui?

Ele também dá de ombros.

— Eu não sabia. Entrei por causa da seta na porta. Pensei que parecia bem misteriosa. E aqui está você! Que reviravolta *hilária* do destino!

Ele toma um gole da bebida. Começo a me perguntar se esse garoto tem problemas mentais.

— Já vi você antes — diz, ainda sorrindo.

Eu me pego olhando o rosto dele com os olhos semicerrados. Certamente já o vi nos corredores, em algum momento. Certamente me lembraria desses óculos horrorosos.

— Acho que nunca vi *você* antes.

— Isso não é surpresa — comenta ele. — Estou no terceiro ano, então você não me veria muito. E entrei no Higgs em setembro passado. Fiz o segundo ano no Truham.

Está explicado. Quatro meses não é tempo suficiente para eu gravar um rosto.

— Então — diz ele, tamborilando na caneca. — O que está acontecendo *aqui*?

Dou um passo para o lado e aponto sem ânimo para o Post-it na parede dos fundos. Ele estica a mão e o puxa.

— Solitaire.co.uk. Interessante. Certo. Eu diria que podemos ligar um desses computadores para dar uma olhada, mas nós morreríamos até o Internet Explorer carregar. Aposto o que você quiser que todos eles rodam com o Windows 95.

Ele se senta em uma das cadeiras giratórias e olha para a paisagem pela janela. Tudo se ilumina como se estivesse pegando fogo. Dá para ver por cima da cidade e até a zona rural. Ele percebe que também estou olhando.

— Parece que está puxando você para fora, não é? — comenta. E suspira sozinho. Feito uma garota. — Vi um cara velho enquanto vinha para cá de manhã. Ele estava sentando em um ponto de ônibus ouvindo um iPod, batendo as mãos nos joelhos, olhando para o céu. Com que frequência você vê isso? Um cara velho ouvindo um iPod. Fico tentando imaginar o que ele estava escutando. Você pensa que poderia ser música clássica, mas pode ser qualquer coisa. Talvez uma música triste.

Ele levanta os pés e os cruza em cima da mesa.

— Espero que não.

— Música triste é legal — falo —, com moderação.

Ele se vira para mim e ajeita a gravata.

— Você é a Victoria Spring mesmo.

Isso deveria ser uma pergunta, mas ele diz como se já soubesse há muito tempo.

— Tori — digo, com a voz monótona de propósito. — Meu nome é Tori.

Ele ri de mim. É uma risada muito alta e forçada.

— Como Tori Amos?

— Não. — Paro. — Não, não como Tori Amos.

Ele enfia as mãos nos bolsos do blazer. Cruzo os braços.

— Você já esteve aqui antes? — pergunta.

— Não.

Ele assente.

— Interessante.

Arregalo os olhos e balanço a cabeça para ele.

— O quê?

— O que, o *quê*?

— O que é interessante?

Acho que não teria como eu parecer menos interessada.

— Nós dois viemos procurar a mesma coisa.

— E o que é?

— Uma *resposta*.

Levanto as sobrancelhas. Ele olha para mim por trás dos óculos. O olho azul é tão claro que quase chega a ser branco. Tem uma personalidade própria.

— Os mistérios são *divertidos*, não são? — pergunta ele. — Você não *acha*?

Então percebo que não acho. Percebo que poderia sair daqui e literalmente não dar a mínima para o solitaire.co.uk nem para esse cara chato nunca mais.

Mas, como quero que ele pare de ser tão mandão, tiro o celular do bolso, digito solitaire.co.uk na barra de endereço da internet e abro a página.

O que aparece quase me faz rir. É um blog vazio. Um blog troll, acho.

Que dia mais sem sentido.

Enfio o telefone na cara dele.

— Mistério resolvido, Sherlock.

A princípio, ele continua sorrindo como se eu estivesse brincando, mas em pouco tempo seus olhos focam na tela do celular e, com cara de quem não acredita no que vê, ele tira o telefone da minha mão.

— É... um blog vazio... — diz ele, não para mim, mas para si mesmo, e de repente (e não sei como isso acontece), me sinto muito, *muito* triste por ele. Porque ele parece extremamente *triste*. O garoto balança a cabeça e me devolve o celular. Não sei bem o que fazer. Pela cara dele, parece que alguém morreu.

— Bem, hum... — Eu mexo os pés. — Vou cair fora.

— Não, não, espere!

Ele se levanta de modo que ficamos um de frente para o outro.

Faz-se uma pausa desconfortável.

Ele me analisa, estreitando os olhos, então olha para a fotografia, e de novo para mim, e de novo para a foto.

— Você cortou o cabelo!

Mordo o lábio, contendo o sarcasmo.

— É — digo sinceramente. — É, cortei o cabelo.

— Era tão *comprido*.

— Sim, era.

— Por que cortou?

Eu tinha saído para fazer compras sozinha no fim das férias de verão porque havia muitas coisas que precisava comprar para o segundo ano, e meus pais estavam ocupados com todas as coisas que estavam acontecendo com Charlie, e eu queria me livrar logo dessa obrigação. Só esqueci que sou péssima em fazer compras. Minha mochila estava rasgada e suja, então passei por lugares descolados: River Island, Zara, Urban Outfitters, Mango e Accessorize. Mas todas as mochilas bonitas custavam tipo umas cinquenta libras, por isso não daria certo. Tentei lojas mais baratas — New Look, Primark e H&M —, mas todas as mochilas eram cafonas. Acabei andando um bilhão de vezes por todas as lojas que vendiam mochilas, até ter um leve ataque em um banco perto do Costa Coffee no meio do shopping. Pensei em como seria começar o segundo ano e todas as coisas que eu precisava fazer e todas as pessoas com quem teria que encontrar e todas as pessoas com quem teria que conversar, e vi meu reflexo em uma vitrine da Waterstones e percebi, naquele momento, que a maior parte do meu rosto estava coberta pelo cabelo, e quem, pelo amor de Deus, conversaria comigo daquele jeito, e comecei a sentir o cabelo todo na testa, no rosto e nos ombros e nas costas, e senti que eles me envolviam feito minhocas, e me sufocavam até a morte. Comecei a respirar muito rápido, fui direto ao cabeleireiro mais próximo e pedi que cortasse meus cabelos na altura dos ombros e longe do meu rosto. O cabeleireiro não queria fazer isso, mas fui muito insistente. Gastei o dinheiro da minha mochila em um corte de cabelo.

— Eu só queria que ele ficasse mais curto — respondo.

Ele se aproxima. Dou um passo para trás.

— Você não diz nada do que quer dizer, não é?

Dou risada de novo. É uma liberação ridícula do ar, mas, para mim, é uma risada.

— *Quem* é você? — pergunto.

Ele congela, se inclina para trás, abre os braços como se fosse o Cristo Redentor e anuncia com uma voz grave e ressonante:

— Meu nome é Michael Holden.

Michael Holden.

— E quem é você, Victoria Spring?

Não penso em nada para dizer, porque esta seria a minha resposta. Nada. Estou num vácuo. Num vazio. Não sou nada.

A voz do sr. Kent surge de repente da caixa de som. Eu me viro e olho para cima, para o alto-falante.

Todos os alunos do segundo e terceiro anos devem ir ao salão para uma reunião rápida.

Quando me viro, a sala está vazia. Estou grudada no carpete. Abro a mão e encontro o Post-it do SOLITAIRE.CO.UK. Não sei como o papel saiu da mão de Michael Holden e chegou à minha, mas aqui está.

E é isso, eu acho.

É como provavelmente começa.

DOIS

A MAIORIA DOS ADOLESCENTES que frequentam o Higgs são idiotas conformistas sem alma. Dei um jeito de me integrar a um pequeno grupo de garotas que considero "gente boa", mas às vezes ainda sinto que sou a única com consciência, tipo num jogo de videogame, e as outras são personagens extras geradas por computador que têm poucas ações selecionadas, como "puxar conversas sem sentido" e "abraçar".

Outra coisa sobre os adolescentes do Higgs, e talvez sobre a maioria dos adolescentes, é que eles empregam muito pouco esforço em noventa por cento de tudo. Não acho que isso seja ruim, porque sempre haverá muito tempo para o "esforço" mais tarde, e se esforçar demais é um desperdício de energia que poderia ser gasta em coisas incríveis, tipo dormir, comer e baixar música em sites ilegais na internet. Não me esforço muito para nada. Muitas outras pessoas também não se esforçam. Entrar no salão e encontrar centenas de adolescentes curvados na cadeira, carteiras e no chão não é algo incomum. Parece que todo mundo está dopado.

Kent ainda não chegou. Eu me aproximo de Becky e do Nosso Grupo no canto dos computadores; parece que eles estão debatendo se Michael Cera é bonito ou não.

— Tori. Tori. Tori. — Becky bate várias vezes no meu braço. — Você pode me ajudar. Você viu *Juno*, não viu? Você acha ele bonitinho, não acha? — Ela bate as mãos no rosto e meio que revira os olhos. — Garotos desastrados são os melhores, não são?

Coloco as mãos nos ombros dela.

— Calma, Rebecca. Nem todo mundo ama o Cera feito você.

Ela começa a falar sem parar sobre *Scott Pilgrim contra o mundo*, mas não presto muita atenção. Michael Cera não é exatamente o Michael no qual

estou pensando.

Saio de perto e começo a caminhar pelo salão.

Sim. Isso mesmo. Estou procurando Michael Holden.

Nesse momento, não sei muito bem *por que* estou à procura dele. Como já devo ter falado, não me interesso por muitas coisas, muito menos por pessoas, mas me irrita quando alguém pensa que pode dar início a uma conversa e depois se levantar e *ir embora*.

É *grosseiro*, sabe?

Passo por todas as panelinhas do salão. Panelinhas são um conceito muito *High School Musical*, mas também são muito clichê porque existem de verdade. Num colégio em que a maioria dos alunos é do sexo feminino, é de se esperar que cada ano seja dividido em três categorias principais:

1. Garotas experientes e barulhentas que falsificam a identidade para entrar em boates, que seguem a moda do que veem em blogs, que muitas vezes fingem não comer, que curtem um bronzeado meio laranja, que fumam socialmente ou que já estão viciadas, aceitam drogas, sabem muito sobre o mundo. Eu desaprovo muito essas pessoas.
2. Garotas esquisitas que parecem não ter a menor ideia do que é se vestir bem nem de como controlar seu comportamento bizarro, já que umas desenham nas outras com aquela caneta de quadro magnético e não lavam direito os cabelos; garotas que acabam namorando caras tão assustadores quanto elas; garotas que, em média, têm idade mental de pelo menos três anos a menos do que sua idade fisiológica. Essas garotas me entristecem muito, porque sinto que elas poderiam ser muito normais se decidissem se esforçar.
3. As tais garotas “normais”. Cerca de metade delas tem namorados constantes, comuns. Conhecem as tendências da moda e da cultura popular. Costumam ser agradáveis; algumas são caladas, outras são barulhentas, gostam de estar com amigos, gostam de uma boa festa, gostam de compras e de filmes, curtem a vida.

Não estou dizendo que todo mundo se encaixa em uma dessas categorias. Adoro saber que existem exceções, porque odeio o fato de esses grupos existirem. Quer dizer, não sei para onde *eu iria*. Acredito que seria da categoria 3, porque é assim, com certeza, que o Nosso Grupo é. Mas, por outro lado, não me sinto muito parecida com ninguém do Nosso Grupo. Não me sinto parecida com ninguém, na verdade.

Caminho pelo salão três ou quatro vezes e concluo que o Michael não está aqui. Tanto faz. Talvez eu tenha imaginado o Michael Holden. De qualquer modo, nem ligo. Volto para o canto do Nosso Grupo, me encolho no chão aos pés da Becky e fecho os olhos.

A porta do salão se abre quando o sr. Kent, o vice-diretor, avança pela multidão, seguido por sua comitiva de sempre: a srta. Strasser, jovem e bonita demais para ser professora do que quer que seja, e nossa Líder, Zelda Okoro (não estou brincando — o nome dela é fantástico assim mesmo). Kent é o tipo de cara com traços finos, conhecido pela assustadora semelhança com o Alan Rickman, e talvez o único professor com alguma inteligência no colégio. Além disso, ele é meu professor de inglês há mais de cinco anos, então nos conhecemos até bem. Isso provavelmente é meio bizarro. Temos uma diretora, a sra. Lemaire. Dizem por aí que ela é membro do governo francês, o que explica por que parece que nunca está no colégio.

— Quero um pouco de *silêncio* — diz Kent na frente de um quadro branco interativo, pendurado na parede logo embaixo do lema do colégio: *Confortamini in Domino et in potentia virtutis eius*.

O mar de uniformes cinza se vira para ele. Por alguns instantes, Kent não diz nada. Ele faz isso direto.

Becky e eu sorrimos uma para a outra e começamos a contar os segundos. É uma brincadeira nossa. Não lembro quando começou, mas sempre que estamos juntas, seja numa reunião geral ou do ensino médio, contamos o tempo em que ele permanece calado. Nosso recorde é de setenta e nove segundos. Sem brincadeira.

Quando chegamos ao doze e Kent abre a boca para falar...

A música começa a tocar pelo sistema de som.

É o tema do Darth Vader, de *Star Wars*.

Uma inquietação instantânea toma conta do ambiente. As pessoas olham para os lados, sussurrando e tentando entender por que o sr. Kent tocaria música pelo sistema de som, e por que escolheria *Star Wars.* Talvez ele comece a passar um sermão sobre uma comunicação clara, ou persistência, empatia e compreensão, habilidades de interdependência, assuntos mais recorrentes em reuniões do ensino médio. Talvez esteja tentando ensinar sobre a importância da liderança. Só quando as imagens começam a aparecer na tela atrás dele é que percebemos, de fato, o que está acontecendo.

Primeiro, é o rosto de Kent transformado no de Yoda no Photoshop. Depois, é Kent como Jabba, o Hutt.

Em seguida, é a Princesa Kent de biquíni dourado.

Todo o ensino médio começa a rir sem o menor controle.

O verdadeiro Kent, de cara séria, mas mantendo a calma, deixa o salão. Assim que Strasser desaparece, as pessoas começam a sair de grupo em grupo, revendo o olhar de Kent quando seu rosto apareceu no de Natalie Portman, com tinta branca adicionada pelo Photoshop e um penteado extravagante. Tenho que admitir, foi meio engraçado.

Quando Kent/Darth Maul sai da tela, e a obra orquestral chega ao clímax pelo sistema de som acima da nossa cabeça, o quadro branco interativo mostra as seguintes palavras:

SOLITAIRE.CO.UK

Becky acessa o site em um computador, e o Nosso Grupo se reúne ao redor para dar uma olhada. O blog troll tem um post, carregado há dois minutos — uma foto do Kent olhando com raiva contida para o quadro.

Todos começam a falar. Bom, todos os outros. Eu fico ali, sentada.

— Alguns alunos provavelmente acharam que isso era inteligente — resmunga Becky. — Eles devem ter visto isso nos blogs e pensaram em tirar fotos e provar para seus amigos hipsters que são muito hilários e rebeldes.

— Bem, é inteligente mesmo — diz Evelyn, com seu complexo de superioridade há muito estabelecido vindo à tona, como sempre acontece. — É mostrar *quem* manda.

Eu nego, balançando a cabeça, porque não tem nada de inteligente, com exceção da habilidade da pessoa que transformou o rosto do Kent no do Yoda. Isso sim é talento com o Photoshop.

Lauren está com um sorrisão estampado. Lauren Romilly fuma socialmente e tem uma boca um pouco grande demais para seu rosto.

— Já imagino os status do Facebook. Isso deve ter tirado o Twitter do ar.

— Preciso de uma foto disso no meu blog — continua Evelyn. — Eu saberia lidar com mais uns dois mil seguidores.

— Qual é, Evelyn — resmunga Lauren. — Você já é famosa na internet.

Isso me faz rir.

— Posta outra foto das suas pernas, Evelyn — digo baixinho. — A foto vai ser compartilhada, tipo, umas vinte mil vezes.

Só a Becky me ouve. Ela sorri para mim e eu sorrio de volta, o que é meio legal, porque raramente penso em coisas engraçadas para dizer.

E é isso aí. É quase tudo o que dizemos sobre o caso.

Em dez minutos o assunto já tinha sido esquecido.

Para dizer a verdade, eu me senti meio esquisita com essa brincadeira. O X da questão é que *Star Wars* era uma grande obsessão minha na infância. Acho que não assisto a nenhum dos filmes há alguns anos, mas ouvir aquela música trouxe algo de volta. Não sei o quê. Algum sentimento no peito.

Ai, estou ficando sentimental.

Aposto que quem fez isso está satisfeito. Isso meio que me faz detestar essa pessoa.

Cinco minutos depois, eu estava quase cochilando, a cabeça na mesa do computador e os braços bloqueando o rosto de qualquer forma de interação social, quando alguém dá um tapinha no meu ombro.

Levanto a cabeça e olho meio desorientada na direção do toque. Becky está me encarando de um jeito esquisito, as mechas roxas descendo ao redor

do rosto. Ela pisca os olhos.

— O que foi? — pergunto.

Ela aponta para trás, e eu me viro.

Tem um cara ali, de pé. Nervoso. Parece sorrir, mas a expressão é de desespero. Percebo o que está acontecendo, mas meu cérebro não aceita bem que isso seja possível, então abro a boca e volto a fechá-la três vezes até dizer:

— Ai, meu Deus.

O cara vem na minha direção.

— V-Victoria?

Com exceção do meu novo conhecido, Michael Holden, só duas pessoas na vida já me chamaram de Victoria. Uma delas é Charlie. E a outra é:

— Lucas Ryan — digo.

Uma vez eu conheci um garoto chamado Lucas Ryan. Ele chorava muito, mas gostava de Pokémon quase tanto quanto eu; acho que por isso nos tornamos amigos. Certa vez, ele me contou que sonhava viver em uma bolha enorme quando crescesse, para voar para todos os lados e ver tudo, e eu disse a ele que essa bolha seria uma péssima casa porque as bolhas sempre são vazias por dentro. Ele me deu um chaveiro do Batman no meu aniversário de oito anos, o livro *Como desenhar mangá,* no de nove, cartas de Pokémon na minha festa de dez anos, e uma camiseta com uma estampa de tigre, no de onze.

Eu meio que preciso olhar duas vezes porque o rosto dele está com um formato bem diferente. Lucas sempre foi menor do que eu, mas está pelo menos uma cabeça mais alto, e a voz dele, claro, está mudada. Começo a procurar coisas que *sejam* as mesmas do Lucas Ryan de onze anos, mas só vejo os cabelos acinzentados, o corpo magro e a expressão estranha.

Além disso, ele é o “cara loiro de calça skinny”.

— Ai, meu Deus — repito. — Oi.

Ele sorri e dá uma risada. Eu me lembro da risada. Vem do peito. Uma risada que sai do peito.

— Oi! — diz ele e sorri um pouco mais. Um belo sorriso. Calmo.

Eu me levanto de uma só vez e olho para ele de cima a baixo. É ele, sim.

— É você mesmo — repito, e preciso me controlar para não estender a mão e dar um tapinha nos ombros dele, só para ter certeza de que está ali mesmo.

Lucas ri. E estreita os olhos.

— Sou eu, sim!

— Como assim você está aqui?

Ele começa a fazer uma cara de envergonhado. Eu me lembro de vê-lo assim.

— Saí do Truham no fim no último semestre. Eu sabia que você estudava aqui, então... — Ele mexe na gola da blusa. É uma coisa que também fazia. — Hum... pensei em tentar encontrar você. Já que não tenho amigos aqui. Então, bem... é. Oi.

Acho que é importante que você saiba que eu nunca fui boa em fazer amigos, e no ensino fundamental não era diferente. Tive apenas um amigo naqueles sete anos de rejeição social aterradora. Mas, apesar de aquela época não ser um momento que eu gostaria de reviver, havia uma coisa boa que provavelmente me fez seguir em frente: a amizade tranquila com Lucas Ryan.

— Uau! — intervém Becky, sem se manter longe de fofocas em potencial. — Como vocês dois se conhecem?

Eu sou uma pessoa bem esquisita, mas o Lucas ganha de mim. Ele se vira para a Becky e fica corado de novo, e quase sinto vergonha *alheia*.

— Ensino fundamental — respondo. — Éramos melhores amigos.

Becky ergue as sobrancelhas delineadas.

— Não acrediiiiito.

Ela olha para nós dois mais uma vez, antes de se concentrar em Lucas.

— Bem, acho que sou sua substituta. Sou a Becky. — Ela faz um gesto ao redor de si mesma, tipo uma mesura. — Bem-vindo à Terra da Opressão.

Lucas, com uma voz fininha, se apresenta:

— Sou o Lucas.

Ele se vira para mim.

— Precisamos conversar.

É assim que o renascimento da amizade acontece?

— Sim... — respondo. O choque está esgotando meu vocabulário. — Sim.

As pessoas começaram a desistir da reunião do ensino médio, já que estamos no começo do primeiro tempo, e os professores não voltaram para o salão.

Lucas assente para mim.

— Bem... não quero me atrasar para minha primeira aula nem nada assim... esse dia todo vai ser meio vergonhoso por si só... mas falo com você depois, está bem? Encontro você no Facebook.

Becky olha sem acreditar enquanto Lucas se afasta, e me segura com firmeza pelo ombro.

— Tori acabou de falar com um *garoto*. Não... Tori acabou de manter uma conversa *sozinha*. Acho que vou chorar.

— Pronto, pronto. — Dou um tapinha no ombro dela. — Seja forte. Você vai superar.

— Estou muito orgulhosa de você. Eu me sinto, tipo, uma mãe orgulhosa.

Resmungo.

— Sei manter conversas por conta própria. Como você chama isso?

— *Eu* sou a única exceção. Com todo mundo, você é tão sociável quanto uma caixa de papelão.

— Talvez eu seja uma caixa de papelão.

Nós duas rimos.

— Engraçado... porque é verdade — digo e dou risada de novo, por fora, pelo menos. Ha, ha, ha.

TRÊS

A PRIMEIRA COISA QUE FAÇO quando chego do colégio é cair na cama e ligar o laptop. Isso acontece todos os dias. Se eu não estiver na escola, você pode ter certeza de que meu laptop estará em um raio de dois metros do meu coração. Meu laptop é minha alma gêmea.

Nos últimos meses, passei a perceber que sou muito mais um blog do que uma pessoa de verdade. Não sei quando essa coisa de blogar começou e não sei quando nem por que me cadastrei nesse site, mas não lembro o que fazia antes e não sei o que faria se o deletasse. Eu me arrependo muito de ter começado esse blog, de verdade. É muito embaraçoso. Mas é o único lugar onde encontro pessoas parecidas comigo. Elas falam sobre si mesmas aqui de um jeito que não fazem na vida real.

Se eu deletá-lo, acho que ficarei sozinha.

Não mantenho um blog para ter mais seguidores ou coisa assim. Não sou a Evelyn. É só que não é socialmente aceitável dizer coisas deprimentes no mundo real porque as pessoas acham que você está tentando chamar atenção. Detesto isso. Enfim, o que estou dizendo é que é maneiro poder dizer o que eu quiser. Ainda que seja só na internet.

Depois de esperar cem bilhões de anos para que a internet carregue, passo um bom tempo no blog. Há algumas mensagens tolas, anônimas — alguns seguidores ficam bem animados com umas coisas patéticas que eu posto. Depois, entro no Facebook. Duas notificações: Lucas e Michael enviaram pedidos de amizade. Aceito ambos. Finalmente, vejo meu e-mail. Sem e-mails.

Então, entro no blog Solitaire de novo.

Ainda tem a foto do Kent olhando de um jeito passivo muito engraçado, mas, tirando isso, a única novidade no blog é o título. Está escrito:

Solitaire:
Paciência Mata.

Não sei o que essas pessoas do Solitaire estão tentando fazer, mas "Paciência Mata" parece um nome tosco de filme de suspense. Parece um site de apostas online.

Tiro o Post-it do SOLITAIRE.CO.UK do bolso e o coloco exatamente no meio da única parede vazia do quarto.

Penso no que aconteceu com Lucas Ryan e, por um breve momento, me sinto esperançosa de novo. Não sei. Não importa. Não sei por que eu me incomodo com isso. Não sei nem mesmo por que segui esses Post-its até a sala de informática. Não sei por que eu faço o que faço, pelo amor de Deus.

Por fim, reúno a vontade de me levantar e desço para beber alguma coisa. Minha mãe está na cozinha, no computador. Ela é muito parecida comigo, se pensar bem. Adora o Microsoft Excel assim como eu adoro o Google Chrome. Ela me pergunta como foi meu dia, mas só dou de ombros e digo que foi bom, porque tenho certeza de que ela não se importa com a resposta.

É porque somos muito parecidas que paramos de conversar tanto uma com a outra. Quando conversamos, ou temos dificuldade de encontrar o que dizer ou só nos irritamos, então, ao que parece, chegamos a um acordo mútuo de que não há motivos para continuarmos tentando. Não me incomodo muito. Meu pai é muito falante, ainda que tudo o que ele diga seja extraordinariamente irrelevante para a minha vida, e ainda tenho o Charlie.

O telefone fixo toca.

— Pode atender? — pergunta minha mãe.

Odeio telefone. É a pior invenção na história do mundo, porque se você não falar, nada acontece. Não pode ficar ouvindo e balançando a cabeça nos momentos certos. Você *tem* que falar. Você *não tem opção*. Ele tira minha liberdade de não falar.

Eu o pego mesmo assim, porque não sou uma filha horrorosa.

— Alô? — digo.

— Tori, sou eu. — É a Becky. — Por que diabos você está atendendo o telefone?

— Decidi repensar minha atitude em relação à vida e me tornar uma pessoa diferente.

— O quê?

— Por que está ligando para mim? Você nunca me liga.

— Cara, isso é importante demais para ser enviado por mensagem.

Silêncio. Espero para ver se vai continuar, mas ela parece esperar que eu fale.

— Certo...

— É o Jack.

Ah.

A Becky me ligou para falar do seu quase namorado, o Jack.

Ela faz isso comigo com certa frequência. Não me refiro à ligação, mas a reclamar comigo sobre seus vários quase namorados.

Enquanto a Becky está falando, insiro "hum" e "sei" e "ai, meu Deus" várias vezes onde precisam ficar. A voz dela some um pouco enquanto me distraio e me imagino no seu lugar. Como uma garota adorável, feliz e hilária que é convidada para pelo menos duas festas por semana e sabe puxar assunto em menos de dois segundos. Eu me imagino entrando numa festa. Música no volume máximo, todo mundo com uma garrafa na mão — de algum modo, tem uma multidão ao meu redor. Estou rindo, sou o centro das atenções. Os olhos brilham admirados quando conto mais uma das minhas histórias histericamente desconcertantes, talvez sobre uma bebedeira ou sobre um ex-namorado, ou um momento em que eu tenha feito algo memorável, e todos procuram entender como vivo uma adolescência tão excêntrica, tão despreocupada e cheia de aventuras. Todo mundo me abraça. Todo mundo quer saber o que tenho aprontado. Quando danço, as pessoas dançam; quando me sento, pronta para fofocar, elas formam um círculo ao meu redor; quando saio, a festa se apaga e morre, feito um sonho esquecido.

— ... você pode imaginar sobre o que estou falando — diz ela.

Na verdade, não faço ideia.

— Há algumas semanas... Meu Deus, eu deveria ter te contado isso... nós fizemos *sexo*.

Eu meio que fico congelada, porque isso me pega de surpresa. Então, percebo que isso já estava rondando há algum tempo. Sempre meio que respeitei a Becky por ser virgem, o que é um pouco pretensioso, se você pensar bem. Sei lá, todas temos pelo menos dezesseis anos, e Becky tem quase dezessete, e tudo bem se a pessoa quer transar, não me importo, não é um crime. Mas o fato de nós duas sermos virgens... não sei. Acho que isso nos tornava iguais de um jeito estranho. E agora estou aqui. Em segundo lugar em mais uma coisa.

— Bom... — Literalmente, não tem nada que eu possa dizer sobre isso — ... tudo bem.

— Você está me julgando. Você acha que sou uma vagabunda.

— Não acho, não!

— Dá para perceber. Você está usando sua voz crítica.

— Não estou!

Silêncio. O que dizer diante de algo assim? *Muito bem? Bom trabalho?*

Ela começa a explicar que o Jack tem um amigo que supostamente seria "perfeito" para mim. Acho que é improvável, a menos que ele seja mudo, cego ou surdo. Ou todas essas três coisas.

Quando desligo o telefone, fico ali, na cozinha. Minha mãe está clicando com o mouse e começo a sentir, de novo, que esse dia todo foi meio sem sentido. Uma imagem de Michael Holden aparece na minha mente, seguida por uma de Lucas Ryan, depois uma do blog Solitaire. Decido que preciso conversar com meu irmão. Eu me sirvo de um pouco de limonada diet e saio da cozinha.

Meu irmão, Charles Spring, tem quinze anos e estuda no primeiro ano do ensino médio do Truham Grammar. Na minha opinião, ele é a pessoa mais legal da história do universo, e sei que "legal" é uma palavra meio sem sentido, mas é o que a deixa tão forte. É muito difícil ser uma pessoa "legal",

porque há muitas coisas que atrapalham. Quando era pequeno, ele se recusava a jogar suas coisas fora porque, para Charlie, todas eram especiais. Todos os livros de bebê. Todas as camisetas que já não serviam mais. Todos os jogos de tabuleiro com os quais ele não brincava. Ele mantinha tudo em pilhas muito altas no quarto porque, supostamente, tudo tinha algum significado. Quando eu perguntava sobre alguma coisa em especial, Charlie me contava que a havia encontrado na praia ou que tinha sido dada por nossa avó, ou que ele havia comprado no zoológico de Londres quando tinha seis anos.

Mamãe e papai se livraram da maior parte desse lixo quando meu irmão ficou doente ano passado — acho que ele ficou meio obcecado com isso, e ficou obcecado com uma porção de outras coisas também (principalmente com comida e colecionar objetos), e isso começou a fazer mal a ele. Mas agora acabou. Ele está melhor, só que ainda é o mesmo cara que acha que tudo é especial. É o tipo de pessoa que Charlie é.

Na sala de estar, fica difícil saber o que Charlie, seu namorado Nick e meu outro irmão, Oliver, estão fazendo. Eles estão entre caixas de papelão, e eu acho que são, tipo, *cinquenta* caixas, todas empilhadas pela sala. Oliver, de sete anos, parece estar comandando a operação enquanto Nick e Charlie reúnem as caixas para fazer uma espécie de escultura do tamanho de um abrigo. As pilhas chegam ao teto. Oliver tem que ficar de pé no sofá para ver a estrutura toda por cima.

Por fim, Charlie dá a volta pela construção de caixas de papelão e me vê olhando da porta.

— Victoria!

Hesito olhando para ele.

— Devo me dar ao trabalho de perguntar?

Ele me lança um olhar como se eu devesse saber exatamente o que está acontecendo.

— Estamos construindo um trator para o Oliver.

Meneio a cabeça.

— Claro. Sim. Isso está bem claro.

Nick aparece. Nicholas Nelson, um aluno do segundo ano como eu, é um daqueles caras tranquilos que na verdade curtem todas aquelas coisas normais que os garotos curtem, como rúgbi e cerveja e palavrões e tudo o mais, mas ele também tem a combinação mais bem-sucedida de nome e sobrenome que já ouvi, o que faz com que seja impossível para mim não gostar dele. Não lembro quando o Nick e o Charlie se tornaram Nick-e-Charlie, mas o Nick foi o único a visitar meu irmão quando ele estava doente, então, para mim, a ficha dele está limpa.

— Tori. — Ele meneia a cabeça para mim com muita seriedade. — Ótimo. Precisamos de mais mão de obra gratuita.

— Tori, pode pegar a fita adesiva? — pede Oliver, mas ele disse "adefiva" no lugar de "adesiva", porque acabou de perder os dois dentes da frente.

Passo a fita "adefiva" a Oliver, aponto em direção às caixas e pergunto a Charlie:

— Onde você conseguiu tudo isso?

Ele só dá de ombros e se afasta:

— São do Oliver, não *minhas*.

E é assim que acabo construindo um trator de papelão na nossa sala de estar.

Quando terminamos, Charlie, Nick e eu nos sentamos do lado de dentro para admirar nosso trabalho. Oliver dá a volta no trator com uma caneta, desenhando nas rodas as manchas de lama e as armas "para o caso de as vacas se unirem ao Lado Negro". Até que não ficou ruim, para ser sincera. Cada caixa tem uma seta preta desenhada, apontando para cima.

Charlie está me contando sobre o seu dia. Ele adora me contar sobre o seu dia.

— Saunders perguntou quem eram nossos músicos preferidos, e eu respondi Muse, e *três* pessoas perguntaram se eu gostava deles por causa do filme *Crepúsculo*. Parece que ninguém acredita que seja possível ter um interesse real.

Faço uma careta.

— Gostaria de conhecer um garoto que tenha *assistido* a *Crepúsculo*, de verdade. Vocês não assistem só à Copa da Inglaterra e *Family Guy*?

Nick suspira.

— Tori, você está generalizando de novo.

Charlie vira a cabeça na direção dele.

— Nicholas, você assiste, basicamente, à Copa da Inglaterra e *Family Guy*, vamos ser sinceros.

— Às vezes eu assisto ao Seis Nações, o torneio de rúgbi.

Todos rimos, e em seguida vem um silêncio normal, curto, durante o qual eu me deito e olho para o teto de papelão.

Começo a contar a eles sobre a piada de hoje. E isso me leva a pensar em Lucas e em Michael Holden.

— Encontrei o Lucas Ryan hoje — digo. Não me incomodo em contar esse tipo de coisa a Nick e Charlie. — Ele entrou para o Higgs.

Ambos piscam, ao mesmo tempo.

— Lucas Ryan... o Lucas Ryan do ensino fundamental? — pergunta Charlie, franzindo a testa.

— Lucas Ryan saiu do Truham? — pergunta Nick, confuso. — Droga. Eu ia colar dele no nosso simulado de psicologia.

Confirmo para os dois balançando a cabeça.

— Foi bom vê-lo. Sabe como é. Porque podemos ser amigos de novo. Acho. Ele sempre foi muito legal comigo.

Eles balançam a cabeça, concordando com o que estou dizendo.

— Eu também conheci um cara chamado Michael Holden.

Nick, que estava tomando um gole de chá, engasgou. Charlie abriu um sorriso largo e começou a rir.

— O que foi? Você conhece ele?

Nick se recupera o suficiente para falar, apesar de ainda tossir a cada palavra.

— Michael Holden, porra. Merda. *Ele vai* entrar para a história do Truham.

Charlie abaixa a cabeça, mas fica de olho em mim.

— Não faça amizade com ele. Deve estar maluco. Todo mundo o evitava no Truham porque ele tem problemas mentais.

Dando um tapinha no joelho de Charlie, Nick comenta:

— Mas *eu* fiz amizade com uma pessoa perturbada e isso acabou sendo espetacular.

Charlie resmunga e dá um tapa na mão de Nick.

— Você lembra quando ele tentou fazer todo mundo entrar num *flashmob* para a gincana do primeiro ano? — pergunta Nick. — E, no fim, ele fez sozinho na mesa do refeitório?

— E quando ele fez um discurso sobre a injustiça da autoridade para o segundo ano? — indaga Charlie. — Só porque ele recebeu advertência por ter brigado com o sr. Yates durante os simulados!

Ele e Nick riram muito.

Isso confirma minha suspeita de que Michael Holden não é o tipo de pessoa com quem eu gostaria de ter amizade. Nunca.

Charlie olha para Nick.

— Ele é gay, não é? Soube que ele é gay.

Nick dá de ombros.

— Bom, eu soube que ele patina no gelo, então não é impossível.

— Hum. — Charlie franze a testa. — Pensei que conhecêssemos todos os gays do Truham.

Eles param e se viram para mim.

— Olha — diz Nick, fazendo um gesto com uma das mãos. — O Lucas Ryan é um cara legal. Mas tem algo de errado com o Michael Holden. Sabe, não me surpreenderia se ele estivesse por trás dessa zoação.

A questão é que eu não acho que o Nick esteja certo. Não tenho prova nenhuma para sustentar essa hipótese. Nem sei direito por que acho isso. Talvez tenha algo a ver com o modo com que Michael Holden falava — como se acreditasse em tudo o que disse. Talvez fosse a tristeza que sentiu quando lhe mostrei o blog Solitaire vazio. Ou talvez fosse outra coisa, algo que não faz sentido, tipo as cores dos seus olhos, ou o modo ridículo como ele reparte os cabelos, ou como colocou aquele post-it na minha mão sendo que sequer me lembro da nossa pele em contato. Talvez seja apenas porque ele está muito *errado*.

Enquanto penso nisso, Oliver entra no trator e se senta no meu colo. Dou um tapinha carinhoso na cabeça dele e entrego o que sobrou da minha

limonada diet, porque a mamãe não permite que ele beba esse tipo de coisa.

— Não sei — digo. — Para ser sincera, aposto que foi só algum babaca com um blog.

QUATRO

ESTOU ATRASADA porque minha mãe pensou que eu tivesse dito oito. Eu disse sete e meia. Como alguém confunde oito com sete e meia?

— De quem é o aniversário? — pergunta ela enquanto estamos no carro.

— De ninguém. Vamos só nos encontrar.

— Você tem dinheiro? Posso te dar algum.

— Tenho quinze libras.

— Becky também vai?

— Ahã.

— E Lauren e Evelyn?

— Provavelmente.

Quando converso com meus pais, não pareço muito mal-humorada. Em geral, pareço bem alegre quando falo com eles. Sou boa nisso.

É terça-feira. Evelyn organizou uma reunião de "início de semestre" no Pizza Express. Não quero ir, mas acho importante me esforçar. Convenção social, esse tipo de coisa.

Digo oi às pessoas que percebem minha chegada e me sento à cabeceira. Quase morro quando percebo que o Lucas está aqui. Já sei que vou achar difícil pensar no que dizer a ele. Eu o evitei com sucesso durante o resto do dia ontem e hoje por esse motivo. Obviamente, Evelyn, Lauren e Becky aproveitaram a oportunidade para fazer dele o "cara" do Nosso Grupo. Ter um garoto no seu grupo social é o equivalente a ter uma casa com piscina, ou uma camiseta de marca com a logo nela, ou uma Ferrari. Isso torna a pessoa mais importante.

Um garçom se aproxima de mim, peço uma limonada diet e olho para a mesa comprida. Todas as pessoas estão conversando, sorrindo, e isso me deixa um pouco triste, como se eu os estivesse observando por uma janela suja.

— Sim, mas a maioria das garotas que estuda no Truham só vai para lá porque quer estar sempre perto dos garotos. — Becky, sentada ao meu lado, está conversando com Lucas, que está sentado à frente. — Piranhas que querem atenção.

— Para ser sincero, as alunas do Truham são quase idolatradas.

Lucas olha para mim e abre um sorriso esquisito. Ele está usando uma camiseta havaiana hilária, do tipo justa com a gola levantada e as mangas levemente enroladas. Não parece tão envergonhado como ontem — na verdade, está *estiloso*. Não pensei que ele fosse esse tipo de cara. O tipo que usa camisas havaianas. Um tipo hipster. Deduzo que ele tem um blog, com certeza.

— Só porque os caras em colégios masculinos sofrem privação sexual — diz Evelyn, ao lado do Lucas, balançando os braços para enfatizar sua opinião. — Já disse antes e vou repetir. Colégios só para um gênero prejudicam a humanidade. Tantas meninas no Higgs não sabem se comportar socialmente porque não conversam com garotos...

— ... está muito fora de controle, cara — conclui Lauren, sentada do outro lado da Evelyn.

— Adoro o uniforme das meninas do Truham. — Becky suspira. — Elas ficam lindas com aquela gravata. — Ela faz um gesto abstrato em volta do pescoço. — Tipo... listras finas ficam bem mais bonitas do que listras grossas.

— Não é a vida real — diz Lucas, meneando a cabeça. — Na vida real, há garotos e há garotas. Não só um nem só o outro.

— Mas aquela *gravata*... — fala Becky. — Sei lá, *eu nem…*

Todos assentem e começam a falar sobre outra coisa. Continuo fazendo o que faço de melhor. Observo.

Tem um garoto sentado perto da Lauren conversando com as meninas do lado oposto da mesa. O nome dele é Ben Hope. Ben Hope é *o cara* do Higgs. E, com *o cara*, eu me refiro ao cara no ensino médio por quem todas as meninas do colégio se interessam. Sempre tem um. Alto e magro. Calça skinny e camiseta justa. Ele costuma alisar os cabelos castanhos e, juro por Deus, aquilo desafia a gravidade, porque balança em um tipo de redemoinho

organizado, mas quando ele não o alisa, fica todo ondulado e ele fica lindo de morrer. Ele sempre parece estar muito sereno. Ele anda de skate.

Eu, pessoalmente, não "gosto" dele. Só estou tentando expressar sua perfeição. Na verdade, considero muitas pessoas bonitas, e talvez ainda mais bonitas quando não percebem isso. Mas, no fim, ser bonito não ajuda muito você como pessoa além de levantar seu ego e aumentar a vaidade.

Ben Hope percebe que estou olhando para ele. Preciso me controlar.

Lucas está conversando comigo. Acho que está tentando me envolver nessa conversa, o que é legal, mas também irritante e desnecessário.

— Tori, *você* gosta do Bruno Mars?

— O quê?

Ele hesita, e Becky se intromete.

— Tori. Bruno Mars. Qual é! Ele é incrível, não é?

— O quê?

— A. Música. Que. Está. Tocando. Você. Gosta?

Eu nem tinha me dado conta de que uma música estava tocando no restaurante. É "Grenade", do Bruno Mars.

Analiso a canção depressa.

— Acho... que é improvável que alguém quisesse pegar uma granada para outra pessoa. Ou pular na frente de um trem por outra pessoa. Isso é muito contraproducente. — E então, mais baixo, para ninguém ouvir: — Se você quisesse fazer uma dessas coisas, seria para *si*.

Lauren bate a mão na mesa.

— Exatamente o que eu disse.

Becky ri de mim e diz:

— Você só não gosta porque é Top 40.

Evelyn dá um passo à frente. Falar mal de qualquer coisa popular é sua especialidade.

— As músicas das paradas de sucesso incluem um monte de garotas que não cantam, só dublam, que só ficam famosas porque usam short justo e top curto, e rappers que não fazem nada além de *falar depressa*.

Para ser sincera, nem gosto tanto de música assim, no geral. Só gosto de algumas músicas específicas. Encontro uma música que eu curto de verdade

e, então, ouço umas vinte bilhões de vezes até passar a detestá-la e ela acaba perdendo a graça. No momento, está acontecendo com "Message in a Bottle", do The Police, e até domingo nunca mais vou querer ouvi-la. Sou uma idiota.

— Se é tão ruim, por que chega ao topo das paradas? — pergunta Becky.

Evelyn passa a mão pelos cabelos.

— Porque vivemos em um mundo comercializado onde todas as pessoas compram música só porque outra pessoa comprou.

Assim que ela termina de dizer isso, noto que o silêncio tomou conta da nossa mesa. Eu me viro e tenho um mini-infarto.

Michael Holden entrou no restaurante.

Percebo que ele está vindo me chamar. Está sorrindo feito um maluco, encarando este lado da mesa. Todo mundo se vira para olhar quando ele puxa uma cadeira e se acomoda na cabeceira, entre mim e Lucas.

Todo mundo meio que olha, murmura, depois dá de ombros e continua comendo, imaginando que ele deve ter sido convidado por outra pessoa. Todo mundo menos eu, Becky, Lucas, Lauren e Evelyn.

— Preciso contar uma coisa para você — diz ele, os olhos em chamas. — Preciso muito contar uma coisa para você.

Lauren começa a falar:

— Você estuda no Higgs!

Michael estende uma das mãos para Lauren apertar. Eu me vejo verdadeiramente sem saber se ele está sendo sarcástico ou não.

— Meu nome é Michael Holden, sou do terceiro ano. Prazer em conhecê-la...?

— Sou Lauren Romilly. Segundo ano. — Lauren, surpresa, segura a mão dele e a aperta. — É... prazer em conhecê-lo também.

— Sem querer ofender — fala Evelyn —, mas por que você está aqui?

Michael olha para ela intensamente até Evelyn perceber que precisa se apresentar.

— Sou... Evelyn Foley... — diz.

Michael dá de ombros.

— É? Não parece ter certeza.

Evelyn não gosta de ser provocada.

Ele pisca para ela.

— Preciso conversar com Tori.

Há um silêncio longo e desconfortável até Becky dizer:

— E... hum... como você e Tori se conhecem?

— Nós nos encontramos por acaso no meio das nossas investigações sobre o Solitaire.

Ela inclina a cabeça para um lado. Olha para mim.

— Vocês têm *investigado*?

— Hum... *não* — digo.

— Então...?

— Eu só segui um caminho de Post-its.

— O quê?

— Segui uma trilha de bilhetes em Post-its. Ela me levou ao blog Solitaire.

— Ah... que legal...

Adoro a Becky, mas às vezes ela age como uma perfeita idiota. Isso me irrita de verdade, porque ela entrou no *ensino médio*, pelo amor de Deus. Ela tirou dez notas A no Certificado Geral de Ensino Médio; como pode ser tão ingênua?!

Enquanto isso, Michael está se servindo dos petiscos que sobraram. Com a mão livre, ele aponta ambiguamente na direção da Becky.

— Você é Becky Allen?

Ela se vira para Michael devagar.

— Você é psicótico?

— Só um *stalker* de Facebook com recursos. Vocês todos têm muita sorte de eu não ser um *serial killer*. — O dedo dele, ainda flexionado, aponta para Lucas. — E Lucas Ryan. Já nos conhecemos.

Michael sorri para ele de um jeito tão forçado que parece condescendente.

— Devo agradecer a você. Foi quem me levou a esta garota.

Lucas assente.

— Gosto da sua camisa — diz Michael, com os olhos meio vidrados.

— Obrigado — agradece Lucas, claramente sem sinceridade.

Começo a me perguntar se Lucas conheceu Michael no Truham. A julgar pela reação de Nick e Charlie, sim. Talvez Lucas não queira se aproximar dele. Estou quase sentindo *pena* de Michael Holden. Pela *segunda vez*.

Michael olha além de Becky.

— E qual é seu nome?

Por um momento, não entendo com quem ele está falando. E então vejo Rita. Ela aparece do outro lado de Becky.

— Hum... Rita. Rita Sengupta. — Ela ri. Não sei por que ela ri, mas ri mesmo assim. Rita provavelmente é a única outra garota com quem sou civilizada, além de Becky, Lauren e Evelyn. Ela anda com Lauren, mas não costuma ser percebida. É a única garota que conheço que fica bem de cabelo curto.

Michael se anima igual a uma criança no Natal.

— Rita! Que nome *fantástico*. "Lovely Rita"!

Quando percebo que ele está se referindo à música dos Beatles, a conversa já avançou. É de surpreender que eu a reconheça. Detesto os Beatles.

— Então, você e Tori acabaram de... se *conhecer*? E começaram a conversar? — pergunta Becky. — Isso parece meio improvável.

É engraçado porque é verdade.

— Sim — diz Michael. — Improvável, sim. Mas foi o que aconteceu.

Mais uma vez, ele olha no meu rosto, ignorando o grupo todo. Não sei explicar como me sinto desconfortável nesse momento. É pior do que o Certificado Geral de Ensino Médio.

— Bem, Tori, preciso contar uma coisa a você.

Eu hesito, sentando nas mãos.

Lauren e Becky e Evelyn e Lucas e Rita estão ouvindo com atenção. Michael olha para cada rosto por cima do aro dos óculos grandes.

— Mas... eu... hum, não lembro o que era.

Lucas ri.

— Você a seguiu até este restaurante para contar algo a ela e agora nem sequer lembra o que era?

Desta vez, Michael percebe o tom de Lucas.

— *Desculpe* se minha memória não é boa. Acho que mereço crédito por ter feito o esforço de vir até aqui.

— Por que não enviou uma mensagem a ela pelo Facebook?

— O Facebook é para trivialidades, tipo ver o que as pessoas estão comendo e quantos "kkkks" elas dividiram com seu crush ontem à noite.

Lucas balança a cabeça, negando.

— Só não entendo como você pode vir aqui e *esquecer*. Você não esqueceria se fosse algo importante.

— Pelo contrário, você provavelmente teria mais chance de se esquecer da coisa mais importante de todas.

Becky pergunta:

— Então você e Tori são amigos?

Michael continua olhando para Lucas antes de se voltar a Becky.

— Essa pergunta é fantástica. — Ele se vira para mim. — O que você acha? Somos amigos?

Para ser sincera, não consigo pensar em uma resposta, porque ela, na minha opinião, não é *sim*, definitivamente, mas tampouco é *não*.

— Como podemos ser amigos se você não sabe nada sobre mim? — pergunto.

Ele toca o queixo, pensativo.

— Vamos ver. Sei que seu nome é Victoria Spring. Está no segundo ano. Seu Facebook mostra que você nasceu no dia 5 de abril. Você é introvertida com complexo pessimista. Está usando roupas bem comuns, colete, jeans, não gosta de enfeites nem de frescura. Não se importa em se vestir bem para os outros. Você pediu uma pizza margherita, tem restrições alimentares. Raramente atualiza seu Facebook, não se importa com as atividades sociais. Mas seguiu o caminho de Post-it ontem, como eu. Você é curiosa. — Ele se inclina para a frente. — Gosta de agir como se não se importasse com nada, e se continuar assim, vai se afundar no abismo que imaginou para si.

Ele para. Seu sorriso desaparece, fica só a lembrança.

— Minha nossa, cara, você é um *stalker*! — Lauren tenta rir, mas ninguém mais ri junto.

— Não — diz Michael. — Só presto atenção.

— Parece que você está apaixonado por ela, ou coisa assim — comenta Evelyn.

Michael abre um sorriso, demonstrando que compreende.

— Acho que é meio assim.

— Mas você é gay, não é? — pergunta Lauren, sempre sem medo de dizer o que as outras pessoas estão pensando. — Tipo... ouvi dizer que você é gay.

— Aaah, você *ouviu* falarem sobre mim? — Ele se inclina para a frente. — Intrigante.

— Mas você é ou não? — pergunta Lucas, tentando, sem sucesso, parecer casual.

Michael balança a mão.

— Algumas pessoas dizem isso. — Então sorri e aponta um dedo para ele. — Nunca se sabe, pode ser que eu esteja apaixonado por *você*.

Lucas cora.

— Você é gay! — grita Becky. — Tori tem um gay como melhor amigo! Eu. Estou. Com. *Inveja*.

Às vezes, sinto vergonha de ser amiga da Becky.

— Preciso fazer xixi — digo, apesar de não precisar; saio da mesa e me encontro no banheiro do restaurante olhando para o espelho enquanto P!nk está me dizendo para "levantar o copo". Fico ali por muito tempo. As mulheres mais velhas lançam olhares estranhos para mim ao entrar e sair das cabines. Não sei exatamente o que estou fazendo. Só fico pensando no que Michael disse. *Afundar no abismo*. Não sei. De que importa? Por que isso me incomoda?

Meu Deus, por que eu me dei ao trabalho de sair hoje?

Continuo olhando para mim mesma no espelho do banheiro, e imagino uma voz dizendo para eu ser engraçada e comunicativa e feliz, como as pessoas normais. Enquanto ouço a voz, começo a me sentir mais positiva em relação às coisas, apesar de qualquer entusiasmo que eu ainda sentisse por rever Lucas ter desaparecido. Acho que é por causa daquela camisa havaiana. Volto para o salão do restaurante.

CINCO

— **QUE BAITA MIJADA!** — diz Michael quando me sento de volta à mesa. Ele ainda está aqui. Uma parte de mim desejava que não estivesse.

— Você parece impressionado — digo.

— Na verdade, estou mesmo.

Becky, Evelyn e Lauren estão conversando do outro lado da mesa com algumas garotas do nosso ano que eu não conheço direito. Lucas sorri para mim por um instante. Rita está rindo e sorrindo, principalmente para Lauren. Elas estão falando sobre uma garota que conhecíamos que se mudou para o Truham para fazer o ensino médio porque disse que "preferia garotos a garotas", e está organizando festas nas quais todo mundo usa ácido e rola no chão.

— Então, você é gay? — pergunto.

Ele hesita.

— Uau. Isso é muito importante para vocês.

Não é importante. Eu nem me importo.

— Você acha garotos atraentes? — pergunto, dando de ombros. — Ou garotas? É uma maneira de saber. Se você não tiver certeza.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você acha que eu não tenho certeza?

Dou de ombros de novo. Não me importo. Eu não me importo mesmo.

— Todo mundo é atraente, para ser honesto — continua ele. — Ainda que seja apenas algo pequeno, como o fato de alguém ter mãos lindas. Não sei. Eu me apaixono um pouco por todo mundo que encontro, mas acho que isso é normal.

— Então, você é bissexual.

Ele sorri e se inclina para a frente.

— Você ama todas essas palavras, não ama? Gay, bissexual, atraente, não atraente...

— Não — interrompo. — Não, eu as detesto.

— Então, por que rotula as pessoas?

Inclino a cabeça para o lado.

— Porque é a vida. Sem organização, baixamos ao caos.

Olhando de maneira distraída, ele se recosta na cadeira de novo. Não acredito que acabei de usar o verbo "baixar".

— Bem, se você se importa tanto, o que você é? — pergunta ele.

— O quê?

— O que você é? Gay, hétero, tarada, o quê?

— Hum... hétero?

— E você tem *certeza* de que é heterossexual? Já gostou de um cara antes?

Na verdade, não. Nunca. Isso porque não tenho consideração pela maioria das pessoas.

Olho para baixo.

— Certo. Conto se me apaixonar por alguma garota em breve.

Os olhos de Michael brilham, mas ele não comenta. Espero não ter passado a impressão de que sou homofóbica.

— Você vai se lembrar do que veio me dizer? — pergunto.

Ele leva a mão aos cabelos bem repartidos.

— Talvez. Talvez amanhã. Veremos.

Logo depois disso, todo mundo afirma que está indo embora. Sem querer, eu gastei dezesseis libras, e Lucas insiste em me dar uma libra a mais, o que eu acho bem fofo da parte dele. Quando saímos do restaurante, ele começa a conversar com a Evelyn. A maioria das pessoas aqui vai para a casa da Evelyn para dormir ou coisa assim. Eles vão se embebedar, coisa e tal, apesar de ser terça-feira. Becky explica que não me convidou porque sabia que eu não ia querer ir (é engraçado porque é verdade), e Ben Hope ouve o que ela disse e me lança um olhar de pena. Becky sorri para ele, e os dois se unem em sentir dó de mim. Decido que vou andando para casa. Michael resolve ir comigo e não sei como impedi-lo, então acho que vai acontecer mesmo.

Estamos andando em silêncio pela rua principal. É um caminho todo vitoriano, com casas marrons, e a rua de paralelepípedos tem um percurso meio sinuoso, como se estivéssemos andando em uma trincheira. Um homem de terno passa correndo e pergunta a alguém ao telefone: "Você já está sentindo alguma coisa?"

Pergunto a Michael por que ele está indo para casa comigo.

— Porque eu moro para estes lados. O mundo não gira ao seu redor, Victoria Spring. — Ele está sendo sarcástico, mas me sinto meio ofendida.

— *Victoria*. — Eu estremeço.

— Hã?

— Por favor, não me chame de *Victoria*.

— Por que não?

— Faz com que eu pense na Rainha Victoria. Aquela que usou preto a vida toda porque seu marido morreu. E "Victoria Spring" mais parece marca de água mineral.

O vento está ganhando força ao nosso redor.

— Também não gosto do meu nome — diz ele.

No mesmo instante, penso em todas as pessoas de quem não gosto que se chamam Michael. Michael Bublé, Michael McIntyre, Michael Jackson.

— Michael significa "aquele que se parece com Deus" — explica ele —, e eu acho que se Deus pudesse escolher se parecer com algum ser humano...

Ele para nesse instante, no meio da rua, olhando para mim, só olhando, através dos óculos, através do azul e do verde, pelas profundezas e expansões, espalhando um bilhão de pensamentos incompreensíveis.

— ... ele não me escolheria.

Continuamos a andar.

Imagina se eu tivesse recebido um nome bíblico, tipo Abigail ou Caridade ou, sei lá, *Eva*, pelo amor de Deus. Sou muito crítica em relação à religião, e isso provavelmente quer dizer que vou para o inferno, se é que ele existe, o que, sejamos sinceros, é bem provável que não. Isso não me incomoda muito porque independentemente do que aconteça no inferno, não pode ser muito pior do que o que rola por aqui.

— Bem — digo —, eu apoio o Partido Trabalhista, mas as pessoas me chamam de Tori. Como os Tories, do antigo Partido Conservador. Se isso fizer você se sentir melhor.

Ele não diz nada, mas estou ocupada demais olhando os paralelepípedos para notar se ele está olhando para mim. Depois de alguns instantes:

— Você apoia o Partido *Trabalhista*?

Percebo que estou congelando. Eu havia me esquecido de que estamos no meio do inverno, que está chovendo e que estou vestindo apenas camiseta, colete e uma calça jeans fina. Eu me arrependo de não ter ligado para a minha mãe, mas detesto importuná-la porque ela sempre suspira e diz: "não, não, está tudo bem, não estão me incomodando", mas dá para perceber que está incomodada, sem dúvida.

O silêncio e um cheiro fraco de comida indiana continuam por toda a rua. Viramos à direita na estrada principal, onde ficam as casas de três andares. Minha casa é uma delas. Duas garotas passam com saltos gigantescos e vestidos tão justos que a pele delas salta para fora. Uma diz à outra:

— Espera aí, quem é Lewis Carroll, porra?

Na minha imaginação, eu tiro uma arma do bolso, mato as duas e depois me mato.

Paro em frente à porta quando chego em casa. Está mais escura do que as outras porque o poste de iluminação mais próximo não está funcionando.

— Aqui é onde eu moro — falo e começo a me afastar.

— Espera, espera, espera — diz ele. Eu me viro. — Posso perguntar uma coisa?

Não resisto a um comentário sarcástico.

— Acabou de perguntar, mas continue, por favor.

— Não podemos mesmo ser amigos?

Ele mais parece uma garotinha de oito anos tentando retomar a amizade com sua melhor amiga depois de ela ter ridicularizado, sem querer, seus novos sapatos, e de ter se desconvidado para sua festa de aniversário.

Michael também está usando apenas camiseta e calça jeans.

— Como você pode não estar congelando? — pergunto.

— Por favor, Tori. Por que você não quer ser minha amiga?

Ele parece desesperado.

— Por que *você* quer ser *meu* amigo? — Balanço a cabeça. — Não estamos no mesmo ano. Não somos parecidos de nenhuma maneira. Eu literalmente não entendo como é possível que você se importe...

Paro nesse instante, porque estou prestes a dizer "comigo", mas percebo no meio do caminho que essa frase seria terrível.

Ele olha para baixo.

— Acho que não... eu entendo que... ou...

Fico parada ali, olhando.

— Sabe, dizem que o comunismo extremo e que o capitalismo extremo são, na verdade, muito parecidos — diz ele.

— Você está doidão? — pergunto.

Ele balança a cabeça e ri.

— Eu me lembro do que ia dizer a você, sabe?

— Lembra?

— Eu me lembrava disso o tempo todo. Só não queria que os outros ouvissem porque não é da conta deles.

— Então, por que você foi me procurar em um restaurante cheio? Por que não me procurou no colégio?

Por um segundo, ele parece realmente ofendido.

— Você acha que eu não *tentei*? — Ele ri. — Mas você parece um fantasma!

Preciso de muita força de vontade para não me virar e sair.

— Só queria dizer que já vi você antes.

Ai, meu Deus. Ele já me disse isso.

— Você me disse isso on...

— Não, não no Higgs. Eu vi quando você foi visitar o Truham. Ano passado. Fui eu que levei você para conhecer o colégio.

A revelação acontece. Eu me lembro. Michael Holden havia me acompanhado com atenção pelo Truham enquanto eu decidia se deveria fazer o ensino médio lá. Ele me perguntou quais matérias eu queria estudar, e se eu gostava muito do Higgs, e se eu tinha passatempos, e se eu gostava bastante de esportes. Na verdade, tudo o que ele disse foi muito comum.

— Mas... — É impossível. — Mas você foi tão... *normal.*

Ele dá de ombros e sorri, e as gotas de chuva no seu rosto quase fazem parecer que ele está chorando.

— Há um momento e um lugar para ser normal. Para a maioria das pessoas, normal é o ajuste padrão. Mas, para algumas, feito você e eu, normal é algo que temos que colocar para fora, como vestir um terno para ir a um jantar chique.

Uau, ele está sendo profundo?

— Por que você precisou me contar isto? Por que precisou me encontrar? Por que era tão importante?

Ele dá de ombros outra vez.

— Não era, eu acho. Mas queria que você soubesse. E quando quero fazer alguma coisa, faço.

Fico olhando para ele. Nick e Charlie tinham razão. Ele é insano.

Michael levanta uma das mãos e acena de leve.

— Até mais, Tori Spring.

E se afasta. Fico ali, embaixo do poste de lâmpada quebrada, com meu colete preto e na chuva, tentando entender se já estou sentindo alguma coisa, e percebendo que é tudo muito engraçado porque é tudo muito verdade.

SEIS

ENTRO EM CASA, vou até a sala de jantar e cumprimento minha família. Eles ainda estão comendo, como sempre. Bem, menos o Oliver. Como o jantar é uma coisa que dura de duas a três horas na nossa casa, Oliver sempre pode sair da mesa quando termina, e eu o ouço brincando de Mario Kart na sala de estar. Decido ficar com ele. Se pudesse trocar de corpo com alguém por um dia, eu escolheria o Oliver.

— Toriiiii!

Assim que entro, ele rola no futon e estica o braço na minha direção feito um zumbi saindo da cova. Oliver deve ter derramado iogurte em toda a roupa da escola hoje. E tem tinta no rosto dele.

— Não consigo vencer na Rainbow Road. Me ajuda!

Suspiro, me sento no futon ao lado dele, e pego o segundo controle remoto de Wii.

— Esse caminho é impossível, cara.

— Não! — resmunga ele. — Nada é impossível. Acho que o jogo está trapaceando.

— O jogo não pode trapacear.

— Está trapaceando. Está trapaceando de propósito.

— Não está trapaceando, Ollie.

— O *Charlie* consegue vencer. Só que ele não gosta de mim.

Respiro fundo e de modo exagerado, levantando do futon.

— Está sugerindo que o Charlie é *melhor* em Mario Kart do que *moi*? — Começo a negar balançando a cabeça. — Não. Na-ah. Sou a Rainha do Mario Kart.

Oliver ri, e seus cabelos finos se esvoaçam no topo da cabeça. Eu me sento de novo no futon e levanto Oliver para que ele se sente no meu colo.

— Certo — digo. — Rainbow Road vai cair.

Não marco o tempo que passamos jogando, mas deve ter sido um bom tempo, porque quando minha mãe entra na sala, ela está bem irritada. E isso é difícil de acontecer com ela. Minha mãe é uma pessoa muito sem emoção.

— Tori, era para o Oliver estar na cama há uma hora.

Oliver parece não ouvi-la. Eu desvio o olhar da corrida.

— Isso não é meu trabalho exatamente — retruco.

Ela olha para mim sem expressão.

— Oliver, está na hora de dormir — fala, ainda olhando para mim.

Oliver termina o jogo e fazemos um high-five quando ele passa por mim. Mesmo quando ele vai embora, minha mãe não para de me olhar.

— Você tem alguma coisa para dizer? — pergunto.

Ao que parece, não tem. Ela se vira e sai. Jogo uma partida rápida no Luigi Circuit e vou para o meu quarto. Acho que minha mãe não gosta muito de mim. Isso não importa muito, porque também não gosto muito dela.

Ligo o rádio e escrevo no blog até de madrugada. No rádio está tocando um monte de besteiras de dubstep, mas o volume está baixo, por isso não me importo muito. Não quero sair da cama para nada, além de descer pelo menos cinco vezes para buscar mais limonada diet. Confiro o blog Solitaire, mas não tem nada novo. Passo um tempão rolando o cursor do mouse para baixo, navegando por todos os meus blogs preferidos, repostando textos de *Donnie Darko* e *Submarine* e *Os Simpsons* fora de contexto. Escrevo uns posts reclamando nem sei do quê e quase mudo a foto de perfil, mas não encontro nenhuma na qual eu esteja normal, por isso mexo no HTML do tema do meu blog por um tempo para ver se tiro os espaços entre cada postagem. Entro no Facebook de Michael, mas ele parece usá-lo ainda menos do que eu. Assisto a um pouco de *QI*, mas não vejo mais graça nem tenho interesse nele, então assisto a *Little Miss Sunshine*, que não terminei ontem. Parece que nunca termino de assistir a um filme no mesmo dia que começo, porque não consigo lidar com o fato de o filme acabar.

Depois de um tempo, coloco meu laptop ao meu lado e me deito. Penso em todas as outras pessoas que estavam no restaurante e que devem estar irritadas e discutindo umas com as outras nos sofás dos pais de Lauren. Em algum momento eu adormeço, mas ouço todos aqueles rangidos vindos de fora, e algo no meu cérebro decide que definitivamente tem algum tipo de gigante e/ou demônio andando na rua, então me aproximo e fecho a janela só para ter certeza de que o que quer que seja não possa entrar.

Quando volto para a cama, todas as coisas que você pode imaginar serem possíveis de pensar em um dia me vêm de uma só vez e, de repente, uma tempestade está acontecendo na minha cabeça. Penso no Solitaire e depois penso em Michael Holden e no porquê de ele ter dito que deveríamos ser amigos, e em como ele era no Truham. Então, me lembro do Lucas e de como ele estava envergonhado, e me pergunto por que ele fez todo aquele esforço para tentar me encontrar. E logo me lembro da sua camisa havaiana que ainda me irrita demais, porque detesto pensar que ele se tornou um cara bobo de uma banda *indie*. Abro os olhos e navego pela internet para esquecer de tudo, e quando me sinto relativamente bem de novo, adormeço com o brilho da página inicial do meu blog esquentando meu rosto e o murmurinho do laptop acalmando minha mente como grilos em um acampamento.

SETE

NÃO ESPERÁVAMOS MAIS NADA DO SOLITAIRE. Achávamos que uma pegadinha bastaria.

Estávamos bem enganados.

Na quarta-feira, todos os relógios desapareceram magicamente e foram substituídos por pedaços de papel nos quais se lia *Tempus Fugit*. Foi engraçado a princípio, mas depois de algumas horas no meio de uma aula sem poder checar seu celular, você não tem como saber que horas são — bem, isso faz você querer arrancar os olhos.

No mesmo dia, houve histeria quando "SexyBack", do Justin Timberlake, começou a tocar pelo alto-falante — a música mais aclamada pelo nono ano na discoteca Higgs-Truham — quando Kent subiu a escada até o palco e a palavra "FESTANÇA" apareceu na tela do projetor.

Na quinta, descobrimos que dois gatos tinham sido soltos no colégio. Parece que os inspetores tiraram um deles, mas o outro — um gato malhado subnutrido com olhos enormes — fugiu o dia todo, entrando e saindo das salas e passando pelos corredores. Eu meio que gosto de gatos, e o vi pela primeira vez na hora do almoço, no refeitório. Praticamente senti que tinha ganhado um amigo novo, pelo modo como ele saltou na cadeira e se sentou com o Nosso Grupo, como se quisesse entrar na nossa conversa e dizer o que achava sobre as celebridades do Twitter e o cenário político atual. Pensei comigo mesma que talvez devesse começar a abrigar gatos, já que parece que eles serão minha única companhia em dez anos.

— Meu animal espiritual poderia ser um gato — disse Becky.

Lauren assentiu.

— Gatos são o animal nacional da Grã-Bretanha.

— Meu namorado tem um gato chamado Steve — conta Evelyn. — Não é um nome excelente para um gato? *Steve*.

Becky revirou os olhos.

— Evelyn. Cara. Quando você vai nos dizer quem é seu namorado?

Mas Evelyn apenas sorriu e fingiu estar envergonhada.

Olhei nos olhos escuros do gato. Ele olhou para mim com atenção.

— Você lembra quando uma mulher foi flagrada jogando um gato em um cesto marrom e o fato virou notícia no país todo?

Toda a zoação foi fotografada e publicada no blog Solitaire.

Não importa.

Hoje é sexta-feira. As pessoas estão começando a achar cada vez menos graça do fato de "Material Girl", da Madonna, estar tocando sem parar o dia todo no sistema de som. Eu tinha uma espécie de obsessão com essa música, e estou prestes a cortar os pulsos com minha tesoura e são só 10:45. Ainda não entendi direito como o Solitaire está fazendo tudo isso, já que Zelda e seus monitores estão patrulhando o Higgs desde o fiasco com os relógios, há dois dias.

Estou sentada a uma mesa jogando xadrez no celular durante uma aula vaga, com o iPhone tocando no último volume alguma música do Radiohead para bloquear a Madonna do sistema de som, que já está me dando vontade de vomitar. No salão restam apenas algumas pessoas, principalmente alunos do terceiro ano revisando a matéria para as recuperações de janeiro. A srta. Strasser está cuidando do ambiente porque, durante as aulas, o salão é reservado para quem está estudando para a recuperação, por isso é obrigatório fazer silêncio. É por isso que gosto desse salão. Menos hoje. Strasser pendurou um avental em cima do alto-falante para abafar o som, mas não está ajudando muito.

Becky e Ben estão sentados juntos num canto. Não estão trabalhando, e os dois sorriem. Becky não para de prender o cabelo atrás da orelha. Ben segura a mão dela e começa a desenhar na palma da mão. Eu desvio o olhar. Parece que o Jack está fora do jogo.

Alguém me dá um tapinha no ombro e, de repente, sinto um leve espasmo. Tiro o fone do ouvido e me viro.

Lucas está na minha frente. Sempre que cruzamos pelos corredores esta semana ele acenou de modo esquisito e rápido. Ou sorriu. Tipo aquele sorriso no qual se enruga o rosto, e que em qualquer outro contexto as pessoas se perguntariam se havia algo de errado. Bem, no momento, ele está carregando uma bolsa grande em um dos ombros e, no outro braço, uma pilha de pelo menos sete livros.

— Oi — cumprimenta ele, falando um pouco mais alto do que um suspiro.

— Oi — digo. Faz-se uma breve pausa, e eu continuo: — Hum... você quer se sentar aqui?

A vergonha toma seu rosto, mas ele responde depressa:

— Sim, obrigado. — Ele coloca a cadeira ao meu lado, solta a bolsa e os livros sobre a mesa e se senta.

Ainda estou segurando meu celular e meio que estou olhando para ele.

Lucas enfia uma das mãos na bolsa e tira uma lata de Sprite. Ele a coloca na minha frente, como um gato colocaria um rato morto na frente do dono.

— Fui à cantina no recreio — diz ele, sem olhar nos meus olhos. — Limonada ainda é sua bebida preferida?

— Hum... — Olho para a lata de Sprite, sem saber direito o que pensar. Não digo que Sprite não é limonada de verdade, nem é diet. — Bem... sim, ainda é. Obrigada, é... legal da sua parte.

Lucas assente e se vira. Eu abro o refrigerante, tomo um gole, volto a colocar os fones de ouvido e retorno ao meu jogo. Depois de mais três movimentos, tenho que tirar os fones novamente.

— Você está jogando xadrez? — pergunta ele. Detesto perguntas que não precisam ser feitas.

— Hum... sim.

— Você se lembra do clube de xadrez?

Lucas e eu éramos membros do clube de xadrez no ensino fundamental. Jogávamos um contra o outro todas as vezes e nunca o venci. Eu sempre fazia escândalo quando perdia. Deus, eu era uma idiota.

— Não — digo. Eu minto muito sem motivo. — Não me lembro.

Ele para, e por um momento eu acho que enxerga através de mim, mas está envergonhado demais para insistir.

— Você tem muitos livros — digo. Como se ele não soubesse disso.

Ele assente, sorrindo de um jeito bizarro.

— Gosto de ler. E fui à biblioteca há pouco tempo.

Reconheço todos os títulos, mas é claro que não li nenhum deles. *A terra desolada*, de T. S. Eliot, *Tess* de Thomas Hardy, *O velho e o mar*, de Hemingway. *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, *Filhos e amantes*, de D. H. Lawrence, *O colecionador*, de John Fowles, e *Emma*, de Jane Austen.

— E aí, o que está lendo? — pergunto.

Os livros pelo menos oferecem um assunto.

— *O grande Gatsby* — diz ele. — F. Scott Fitzgerald.

— Sobre o que é?

— É sobre... — Ele faz uma pausa para pensar. — É sobre alguém que se apaixona por um sonho.

Meneio a cabeça assentindo, como se eu entendesse. Não entendo. Não sei nada sobre literatura, apesar de estudar essa matéria.

Pego *Emma*.

— Isso quer dizer que você gosta de Jane Austen? — Ainda estamos estudando *Orgulho e preconceito* em aula. É arrasador, e não no bom sentido. Não o leia.

Ele inclina a cabeça como se fosse uma pergunta extremamente séria.

— Você parece surpresa.

— Estou. *Orgulho e preconceito* é tenebroso. Mal consigo sair do primeiro capítulo.

— Por que não?

— É o equivalente literário de uma comédia romântica ruim.

Alguém se levanta e tenta passar por nós, e precisamos puxar a cadeira um pouco mais para dentro.

Lucas está olhando para mim com muita atenção. Não gosto disso.

— Você está tão diferente — diz ele, balançando a cabeça e estreitando os olhos para olhar para mim.

— Devo ter crescido alguns centímetros desde os onze anos.

— Não, é... — Ele para de falar.

Abaixo o celular.

— O quê? O que disse?

— Você está mais séria.

Não me lembro de não ter sido séria em algum momento da vida. Até onde sei, nasci jorrando cinismo e esperando o pior.

Não sei bem como responder.

— Provavelmente sou a pessoa mais sem graça depois de Margaret Thatcher.

— Não, você sempre tinha umas brincadeiras imaginárias. Como nossas batalhas de Pokémon. Ou a base secreta que você fez no canto do parquinho.

— Você quer fazer uma batalha de Pokémon? — Cruzo os braços. — Ou tenho pouca imaginação para isso?

— *Não*. — Ele está se enfiando em um buraco e é engraçado ver. — Eu... ah, eu não sei.

Ergo as sobrancelhas.

— Pare enquanto está em vantagem. Estou chata. Sou uma causa perdida.

No mesmo instante, me arrependo por não ter me calado. Sempre faço isso de, sem querer, dizer coisas que me difamam e que deixam as pessoas se sentindo muito desconfortáveis, principalmente quando é verdade. Começo a me arrepender por ter oferecido que Lucas se sentasse comigo. Ele logo volta ao trabalho que havia tirado da bolsa.

"Material Girl" ainda está tocando sem parar. Parece que os inspetores estão tentando resolver isso, mas, no momento, a única solução parece ser cortar a eletricidade do colégio inteiro, o que, de acordo com Kent, seria classificado como "ceder". Ele adotou a postura de Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, o velho sr. Kent. Olho depressa pela janela atrás dos computadores. Sei que deveria estar fazendo o dever de casa também, mas preferiria estar jogando xadrez e admirando o templo nublado, com muito vento. É o meu maior problema com o colégio. Não faço nada que não queira muito fazer. E, na maior parte do tempo, não sinto vontade de fazer nada.

— Você teve uma primeira semana muito boa — digo, meus olhos ainda focados no céu.

— Melhor semana da vida inteira — comenta ele.

Parece um exagero para mim, mas cada um é de um jeito.

Lucas é um cara muito inocente. Esquisito e inocente. Na verdade, ele é tão esquisito que é quase como se estivesse fingindo. Sei que não deve estar, mas ainda assim é a impressão que passa. Ser esquisito está muito na moda no momento. É frustrante. Eu já tive uma boa dose de esquisitice, e ser esquisito *não* é fofo, ser esquisito não deixa a pessoa mais atraente e ser esquisito *certamente* não deveria ser tendência. Faz com que você passe por idiota.

— Por que paramos de ser amigos? — pergunta ele, sem olhar para mim.

Fico parada.

— As pessoas crescem e mudam. É a vida.

Eu me arrependo de dizer isso, por mais que seja verdade. Percebo um pouco de tristeza no seu olhar, mas logo desaparece.

— Bem — diz ele e se vira para mim —, ainda não somos adultos.

Ele pega o celular e começa a ler algo. Observo seu rosto assumir uma expressão confusa. Os sinais sonoros que indicam o fim do recreio acabam soando mais alto do que a música, e ele guarda o telefone e começa a pegar suas coisas.

— Tem aula agora? — pergunto, e percebo que é uma das perguntas sem sentido que detesto fazer.

— História. Vejo você mais tarde.

Ele dá vários passos e se vira como se tivesse mais alguma coisa a dizer. Mas só fica parado. Lanço a ele um sorriso esquisito, que ele retribui e se afasta.

Vejo quando ele encontra um garoto de topete enorme na porta e eles começam a conversar quando saem do salão.

Enfim em paz, volto à minha música. Meu iPod está tocando Aimee Mann — apenas uma de muitas artistas depressivas dos anos 1990 que ninguém conhece. Fico tentando imaginar onde Michael Holden pode estar. Não o vejo desde terça-feira. Não tenho o telefone dele nem nada. Ainda

que tivesse, não enviaria uma mensagem de texto a ele. Não envio mensagem de texto a ninguém.

Não faço muita coisa durante a hora seguinte. Para ser sincera, nem sei se deveria estar em uma aula, mas não sinto vontade de me mexer. Rapidamente, volto a pensar em quem pode ser Solitaire, mas concluo pela bilionésima vez que não me importa. Ajusto um alarme no celular para me lembrar de levar Charlie à terapia hoje à noite porque Nick está ocupado, então fico sentada imóvel com a cabeça apoiada em um dos braços e cochilo.

Acordo um pouco antes de o sinal tocar de novo. Juro por Deus que sou maluca. Falando sério. Um dia, vou me esquecer de como acordar.

OITO

ESTOU ESPARRAMADA SOBRE AS MESAS de computadores do salão às 8:21 da segunda-feira com Becky falando sem parar sobre como Ben Hope estava lindo na casa de Lauren (isso foi há seis dias, pelo amor de Deus), quando alguém grita da porta:

— ALGUÉM VIU TORI SPRING?

Desperto dentre os mortos.

— Ai, Deus.

Becky berra para dizer onde estou, e antes que eu tenha tempo de me esconder embaixo da mesa, Zelda Okoro está na minha frente. Passo as mãos nos cabelos, torcendo para que eles me protejam da sua intervenção ditatorial. Zelda passa maquiagem completa para ir à escola todos os dias, incluindo batom e sombra, e acho que ela deve ser maluca.

— Tori. Estou indicando você para ser agente à paisana.

Demora muito para eu entender essa informação.

— Não está, não — digo. — Não. *Não*.

— Sim. Você não tem escolha. Os diretores adjuntos votaram em quem eles queriam do segundo ano.

— O quê? — Eu me inclino sobre a mesa de novo. — Para quê?

Zelda leva as mãos ao quadril e inclina a cabeça.

— Enfrentamos uma crise, Tori. — Ela fala rápido demais e com frases extremamente curtas. Não gosto disso. — O Higgs está enfrentando uma crise. Uma equipe de oito monitores não vai bastar. Estamos aumentando a equipe de vigilantes para quinze. O Agente à Paisana vai rolar. Amanhã. Às 7 horas.

— Desculpa. *O que* você acabou de dizer?

— Chegamos à conclusão de que a maior parte da sabotagem deve estar acontecendo durante a manhã. Por isso, vamos fazer amanhã cedo. Às 7 horas. É melhor que você esteja por lá.

— Odeio você — digo.

— Não me culpe. Culpe o Solitaire. — Ela se afasta batendo os pés.

Becky, Evelyn, Lauren e Rita estão ao meu redor. Lucas também. Acho que ele faz parte do Nosso Grupo.

— Bem, está claro que você é querida pelos professores — fala Becky. — Quando se der conta, eles farão de você uma verdadeira monitora.

Lanço a ela um olhar de irritação.

— Sim, mas se você fosse monitora, poderia não pegar a fila do almoço — sugere Lauren. — Fast-food, cara. E poderia dar advertência aos alunos do sexto ano quando eles estiverem afoitos demais.

— O que você fez para os professores gostarem de você? — pergunta Becky. — Você não faz muita coisa.

Dou de ombros. Ela tem razão. Não faço muita coisa mesmo.

Mais tarde, passo por Michael no corredor. Digo "passo", mas o que acontece, na verdade, é que ele grita "TORI" tão alto que acabo derrubando minha pasta de inglês no chão. Ele dá uma risada ensurdecedora, fechando os olhos atrás dos óculos, para e fica no meio do corredor, fazendo com que os alunos do sétimo ano trombem nele. Olho para Michael, pego minha pasta e sigo direto.

Estou na aula de inglês. Lendo *Orgulho e preconceito*. Agora que cheguei ao capítulo 6, concluí que odeio esse livro com todas as minhas forças. É chato e previsível, e com frequência sinto vontade de queimá-lo. As mulheres só se importam com os homens, e os homens parecem não se importar com nada. Talvez só o Darcy. Ele não é tão ruim. Lucas é a única pessoa que vejo que está lendo o livro direito, com sua expressão calma e silenciosa, mas com frequência ele confere algo no celular. Passo por alguns blogs no meu telefone embaixo da mesa, mas não tem nada de interessante ali.

Becky está sentada ao meu lado conversando com Ben Hope. Infelizmente, não consigo evitá-los sem ter que mudar de cadeira, sair da sala

ou morrer. Eles estão jogando liga pontos na agenda de Ben. Becky só está perdendo.

— Você está *roubando*! — exclama ela e tenta pegar a caneta dele. Ben dá uma risada atraente. Eles brigam por um momento por causa da caneta. Eu tento não vomitar nem me enfiar embaixo da mesa por estar me sentindo constrangida.

No refeitório, durante o almoço, Becky conta a Evelyn tudo sobre Ben. Em determinado momento, interrompo a conversa delas.

— O que aconteceu com o Jack? — pergunto a Becky.

— Que Jack?

Hesito, e ela se volta para Evelyn.

NOVE

MEU PAI ME LEVA PARA O COLÉGIO às 6:55 no dia seguinte. Estou em transe. No carro, ele diz:

— Talvez, se você pegá-los no flagra, ganhe um prêmio da comunidade.

Não sei o que é um prêmio da comunidade, mas sinto que devo ser a pessoa que tem menos chance de receber um desses no mundo.

Zelda, seus monitores, os ajudantes escolhidos e até o velho Kent estão no corredor, e sou a única ali que veio de uniforme. Basicamente, é noite do lado de fora. O sistema de aquecimento do colégio ainda não foi ligado. Estou contente por ter vestido duas calças hoje cedo.

Zelda, de leggings e tênis de corrida, além de uma blusa de capuz de tecido fácil de secar, assume o controle.

— Certo, pessoal de Operação. Hoje é o dia em que os pegaremos, não é mesmo? Todo mundo ficou responsável por uma parte do colégio. Patrulhem essa área e entrem em contato comigo se encontrarem alguma coisa. Nada tem sido feito aqui desde sexta-feira, então existe a possibilidade de eles não aparecerem hoje. Mas vamos fazer isso até sentirmos que o colégio está seguro, independentemente de acabarmos pegando alguém ou não. Voltem a me encontrar no corredor às oito.

O que eu vim fazer aqui?

Os monitores começam a conversar entre si, e Zelda fala com cada um até mandá-los para as profundezas escuras e não aquecidas do Higgs.

Quando se aproxima de mim, ela me dá um pedaço de papel e diz:

— Tori, você vai patrulhar as salas de TI. Fique com meu número.

Meneio a cabeça para ela e me afasto.

— Hum... Tori?

— Sim?

— Você parece meio... — Ela não termina a frase.

São sete da manhã. Ela que se dane.

Eu me afasto e jogo o pedaço de papel em um cesto de lixo. Paro ao ver Kent de pé perto da entrada do corredor.

— Por que eu? — pergunto, mas ele só ergue as sobrancelhas e sorri para mim, então reviro os olhos e me afasto.

Percorrer o colégio assim é peculiar. Tudo está muito parado. Sereno. Não há circulação de ar. Estou andando numa cena congelada.

O espaço de TI fica no bloco C, no primeiro andar. Há seis salas de computadores: C11, C12, C13, C14, C15 e C16. Não ouço o murmurinho de sempre da sala. Todos os computadores estão desligados. Abro a porta da C11, acendo as luzes e repito a mesma coisa na C12, C13 e C14. Em seguida, desisto e me sento em uma cadeira giratória na C14. O que exatamente Kent pensa que está fazendo ao me envolver nisso tudo? Como se eu fosse fazer algum tipo de "patrulhamento". Apoio o pé no chão e dou um impulso. O mundo gira ao meu redor.

Não sei por quanto tempo faço isso, mas quando paro para ver que horas são, o relógio balança na frente dos meus olhos. Quando ele para, vejo que são 7:16. Eu me pergunto, pelo menos pela décima sexta vez, o que estou fazendo aqui.

É nesse momento que ouço o som distante da inicialização do Windows.

Saio da minha cadeira e vou para o corredor. Olho para um lado. Olho para o outro. O corredor está tomado pela escuridão de ambos os lados, mas, pela porta aberta, a C13 está iluminada com um brilho azul. Atravesso o corredor e entro nela.

O quadro interativo está ligado, o projetor emite um zunido e aparece a tela de início do Windows. Fico na frente do quadro, olhando para ele. O papel de parede da tela inicial é um campo verde com montes e um céu azul. Quanto mais olho, mais o quadro parece se espalhar, mais e mais, até o mundo falso e pixelado invadir o meu. O computador que está ligado a essa tela começa a zunir.

A porta da sala se fecha sozinha, como se eu estivesse num desenho do Scooby-Doo. Corro e levo a mão à maçaneta, mas está trancada, e por um

segundo fico olhando para mim mesma na janela da porta.

Alguém me trancou numa sala de TI, caramba.

Dou um passo para trás e vejo o quadro mudar nos reflexos dos monitores escuros. Giro sem sair do lugar. O campo verde desapareceu. No lugar dele, há uma página em branco do Microsoft Word com o cursor piscando. Tento bater no teclado do computador que está ligado ao quadro e corro o mouse pela mesa. Nada acontece.

Estou começando a suar. Meu cérebro não está aceitando essa situação. Penso em duas possibilidades.

Uma: isso é alguma piada idiota de alguém que conheço.

Duas: Solitaire.

E, nesse momento, o texto rola pela tela em branco.

Atenção, **Operação**,
Evite pânico e alarme.

Pausa.

O quê?

SOLITAIRE é uma organização de bairro dedicada a ajudar os adolescentes da região abordando a causa mais comum de ansiedade entre eles. Estamos do seu lado. Você não deve temer nenhuma ação que tomemos ou não tomemos.

Esperamos que você apoie as futuras ações do Solitaire e venha sentir que o colégio não precisa ser um lugar de formalidade, estresse e isolamento.

Alguém está tentando, de propósito, assustar os monitores. Como não sou monitora, decido não entrar em pânico. Não sei o que acho disso, mas sem dúvida não estou em pânico.

Deixamos aqui um vídeo que achamos que animará sua manhã.
SOLITAIRE
Paciência Mata

A página de texto continua na tela por vários segundos, e então o Windows Media Player aparece. O cursor se aproxima do botão "play" e o vídeo começa.

A cena está meio borrada, mas dá para ver duas pessoas em um palco, uma delas junto a um piano, a outra com um violino nas mãos. O violinista ergue o instrumento ao queixo, levanta o arco e, juntos, os dois começam a tocar.

Só depois dos oito primeiros acordes, e quando a câmera se aproxima, percebo que os músicos não podem ter mais do que oito anos.

Não sei qual é a música. Não importa. Porque às vezes eu ouço uma música e não posso fazer nada além de ficar ali, sentada. Às vezes, de manhã, o rádio liga e uma música está tocando, e é tão linda que fico ali até que ela termine. Às vezes, estou assistindo a um filme, e a cena nem é triste, mas a música é tão triste que não me controlo e caio no choro.

Agora é uma dessas vezes.

Por fim, o vídeo termina e eu permaneço ali sentada.

Acho que o pessoal Solitaire pensa que eles estão sendo intelectuais e profundos. Faz com que assistamos ao vídeo e escrevamos com muita eloquência, como pessoas que se acham hilárias por usarem a palavra "entretanto" em trabalhos escolares. Sinto certa vontade de rir e certa vontade de matá-las.

A questão é que a porta da C13 continua trancada e eu ainda estou presa aqui. Quero gritar, mas não grito. Não sei o que fazer. Não sei o que fazer.

Joguei fora o número da Zelda, como a idiota que eu sou. Não conheço mais ninguém aqui.

Não posso ligar para a Becky. Ela não viria. Meu pai está trabalhando. Minha mãe está de pijama. Charlie só chega no colégio daqui a uns quarenta e cinco minutos.

Só tem uma pessoa que me ajudaria.

Só tem uma pessoa que acreditaria em mim.

Tiro o celular do bolso do blazer.

— Alô?

— Antes de dizer qualquer coisa, tenho uma pergunta.

— Tori? Ai, meu Deus, você me ligou *mesmo*!

— Você existe de verdade?

Tenho pensado na possibilidade de Michael Holden ser fruto da minha imaginação. Isso provavelmente porque não entendo como alguém com uma personalidade assim poderia sobreviver nesse mundo de merda, e também porque não entendo como alguém com uma personalidade assim se interessaria por uma pessoa imbecil, misantropa e pessimista feito eu.

Encontrei o número dele grudado no meu armário ontem na hora do almoço. Estava escrito em um daqueles Post-its cor-de-rosa do Solitaire com uma seta desenhada, mas dessa vez ele acrescentou seu número de telefone e uma carinha sorridente. Eu *sabia* que era o Michael. Quem mais seria?

Ele faz uma longa pausa e diz:

— Eu prometo... eu *juro*... que sou uma pessoa real. Aqui. Na Terra. Vivinho da Silva.

Ele espera que eu diga alguma coisa, e continua quando eu permaneço calada:

— E entendo por que você me perguntaria isso, por isso não me sinto ofendido nem nada.

— Certo. Obrigada por... hum... esclarecer isso.

Passo a explicar, do modo mais casual que consigo, que estou trancada em uma sala de TI.

— Sorte sua que decidi aparecer para ajudar hoje — diz ele. — Eu sabia que algo assim aconteceria. Por isso tive que te dar meu número. Você é um perigo completo a si mesma.

Então ele aparece, passeando em postura casual, com o celular pressionado à orelha, sem sequer notar que estou a poucos metros dele.

Bato a mão várias vezes na janela da porta. Michael se afasta alguns passos, franzindo a testa de um jeito esquisito, e olha para mim. Em seguida, sorri, desliga o telefone e acena sem parar.

— Tori! Ei!

— Me tira daqui — digo, encostando a mão na janela.

— Tem certeza de que está trancada?

— Não, acabei de *esquecer* como abrir uma porta.

— Posso abri-la se você fizer algo para mim antes.

Bato na janela diversas vezes, como se ele fosse um animal e eu estivesse tentando assustá-lo para que saísse correndo.

— Literalmente, não tenho tempo para isso...

— Só uma coisa.

Olho para ele, torcendo para que isso seja forte o bastante para paralisá-lo ou matá-lo.

Ele dá de ombros, não sei por quê.

— Sorria.

Balanço a cabeça devagar, em negativa.

— Qual é o seu problema? Você não entende o que acabou de acontecer comigo.

— Se você provar que tem a capacidade de sorrir, vou acreditar que você é um ser humano e deixarei você sair. — Ele está sério.

Abaixo as mãos. Eu não poderia estar com menos vontade de sorrir do que agora.

— Odeio você.

— Não odeia, não.

— Me deixa sair.

— Você perguntou se eu era uma pessoa de verdade. — Ele ajusta os óculos e sua voz fica mais baixa de repente. É irritante. — Você chegou a pensar que eu posso não acreditar que *você* seja uma pessoa de verdade?

Então, eu sorrio. Não sei como fica parecendo, mas mexo os músculos do meu rosto e entorto os cantos da boca um pouco para fazer o formato de lua crescente com meus lábios. A reação de Michael mostra que ele, na verdade, não pensou que eu faria isso. De imediato, eu me arrependo por ter feito. Ele arregala os olhos, para de sorrir e sai.

— Porra — diz ele. — Isso foi bem difícil para você.

Eu não ligo.

— Tudo bem. Nós somos reais. Vire a chave.

E ele vira.

Nós nos olhamos, e começo a passar por ele, mas Michael para na minha frente, apoiando as mãos no batente da porta.

— *O quê?* — Vou ter um treco. Esse cara. Minha nossa.

— Por que você estava trancada em uma sala de TI? — Os olhos dele estão muito arregalados. Ele está... está... *preocupado*? — O que aconteceu aqui dentro?

Olho para um dos lados. Eu não quero encará-lo.

— O Solitaire invadiu o quadro branco. Espalhou uma mensagem aos monitores. E um vídeo.

Michael engasga feito um desenho animado. Ele tira as mãos do batente e as apoia nos meus ombros. Eu me retraio.

— O que dizia? — pergunta ele, meio assustado, meio aterrorizado. — Sobre o que era o vídeo?

Em outra situação, acho que não me importaria em contar. Sei lá... quem se importa, não é mesmo?

— Vá ver você mesmo — murmuro.

Volto para a sala e ele passa por mim em direção ao computador com o projetor.

— É só uma besteira — digo, soltando meu corpo em uma cadeira giratória ao lado dele. — E, na verdade, você não vai fazer nada naquele computador, de qualquer manei...

Mas Michael está mexendo no mouse normalmente, levando o cursor de volta ao documento de Word.

Ele lê a mensagem toda em voz alta.

— Paciência mata — murmura. — *Paciência mata.*

Então, insiste para que assistamos ao vídeo, com o que eu concordo, principalmente porque o achei adorável na primeira vez que o vi. Quando termina, ele diz:

— Você achou que era "só uma besteira"?

Pausa.

— Sei tocar violino — digo.

— Sério?

— Hum, sim. Bem, não mais. Parei de praticar há alguns anos.

Michael me lança um olhar esquisito. Mas passa, e de repente ele parece impressionado.

— Sabe como é, aposto que eles invadiram o colégio todo. Isso é incrível.

Antes que eu possa discordar, ele abre o Internet Explorer e digita solitaire.co.uk.

O blog do Solitaire aparece. Com uma nova caixa de texto no topo da tela.

Michael arfa com tanta força que é audível.

00:30 11 de janeiro

Pessoal do Solitaire,

O primeiro encontro do Solitaire acontecerá no dia 22 de janeiro, a partir das 20 horas, na terceira casa depois da ponte.

Todos são bem-vindos.

Quando olho para o Michael, ele está cuidadosamente tirando uma foto da postagem com o celular.

— Isso é um tesouro — diz ele. — É a melhor descoberta que fiz hoje.

— Mas ainda são sete e meia — respondo.

— É importante fazer muitas descobertas todos os dias. — Ele se levanta de novo. — É isso o que diferencia um dia do outro.

Se essa afirmação for verdadeira, explica muitas coisas sobre a minha vida.

— Você parece bem assustada. — Michael se senta na cadeira ao meu lado e se inclina para a frente de modo que seu rosto fique paralelo ao meu. — Fizemos progresso. Anime-se!

— Progresso? Progresso com o quê?

Ele franze a testa.

— Com a investigação do Solitaire. Demos um importante salto aqui.

— Ah.

— Você ainda não parece animada.

— Consegue me imaginar animada com alguma coisa?

— Sim, consigo.

Olho para sua cara de bobo. Ele começa a tamborilar os dedos.

— Bom — diz Michael —, nós vamos à reunião deles.

Eu não havia pensado nisso.

— Hum... vamos?

— *Hum*, sim. É sábado que vem. Se precisar, vou arrastar você para lá.

— Por que você quer ir? Por qual motivo?

Ele arregala os olhos.

— Não está curiosa?

Ele está viajando. Está viajando mais do que eu, e não é pouco.

— Hum... olha — digo. — Podemos perfeitamente sair juntos se... tipo... você quiser. Mas eu não ligo para o Solitaire e, para ser sincera, não quero me envolver. Então, hum, é isso aí. Foi mal.

Ele lança um olhar demorado a mim.

— Interessante.

Não digo nada.

— Eles trancaram você nesta sala, e ainda assim você não se importa. Por que não encaramos isso desse jeito: eles são a organização criminosa do mal e você é o Sherlock Holmes. Serei John Watson. Mas precisamos ser Benedict Cumberbatch e Martin Freeman interpretando Sherlock e Watson, porque o Sherlock da BBC é infinitamente melhor do que todas as outras adaptações.

Olho para ele.

— É a única adaptação que trabalha a relação deles *direito*.

— Você parece uma *fangirl*! — sussurro, chocada.

Mais uma pausa, na qual me pergunto se os fãs de Sherlock estão certos e se existe mesmo um clima entre Sherlock Holmes e John Watson.

Por fim, nós nos levantamos e saímos. Ou, pelo menos, eu faço isso. Ele me segue, fechando a porta ao sair. Pela primeira vez, percebo que Michael está usando só a camisa, a gravata e a calça, sem colete nem blazer.

— Não está com frio? — pergunto.

Ele pisca e olha para mim. Seus óculos são enormes. Os cabelos estão tão bem arrumados que quase parecem ser feitos de pedra.

— Por quê? Você está?

Descemos o corredor e, quando quase chegamos ao final, percebo que Michael não está mais atrás de mim. Eu me viro. Ele parou na frente da C16 e a abriu.

Michael franze a testa. Parece meio bizarro assim.

— O que foi? — pergunto.

Ele demora mais do que deveria para responder.

— Nada. Pensei que haveria alguma coisa aqui, mas não tem nada.

Antes que eu pergunte o que diabos ele está dizendo, alguém atrás de mim grita:

— Tori!

Eu me viro de novo. Zelda está correndo na minha direção com uma expressão que será a causadora de rugas prematuras.

— Tori! Você descobriu alguma coisa?

Fico pensando se devo mentir ou não.

— Não, não descobrimos nada. Foi mal.

— Como assim "não descobrimos"?

Eu me viro para Michael de novo. Ou para o espaço onde Michael estava. Mas ele não está ali. Só então me pergunto o que fez com que ele decidisse aparecer no colégio às 7:30 da manhã.

DEZ

PASSO O RESTO DO DIA pensando no que Michael dissera na frente da C16. Mais tarde, volto para ver com meus próprios olhos, mas ele estava certo: não tem nada lá.

Acho que ficar trancada em uma sala de TI meio que mexeu comigo.

Não conto a Becky sobre o lance do Solitaire. Ela está ocupada espalhando a notícia a respeito da sua festa de aniversário à fantasia que acontecerá na sexta, e acho que não se importaria muito.

Na hora do almoço, Lucas me encontra no refeitório. Estou tentando ler outro capítulo de *Orgulho e preconceito*, mas acho que vou assistir ao filme porque esse livro derrete o cérebro. O refeitório está bem vazio — todo mundo provavelmente foi ao Asda porque a comida do Higgs parece comida de cadeia.

— Tudo bem? — pergunta ele, sentando-se à minha mesa. Odeio isso. “Tudo bem.” Sei lá se isso é um cumprimento ou uma pergunta. Respondo com “bem, obrigada” ou “e aí”?

— Nada mal — digo, me ajeitando na cadeira. — E você?

— Estou bem, obrigado.

Percebo que ele está procurando algo para dizer. Depois de uma pausa estupidamente comprida, ele estende o braço na minha direção e dá um tapinha no livro que estou segurando.

— Você odeia ler, não é? Por que não assiste ao filme?

Olho para ele e digo:

— Hum, não sei.

Depois de outra pausa estupidamente demorada, ele pergunta:

— Você vai para a casa da Becky na sexta?

Que pergunta idiota.

— Hum, sim — respondo. — Imagino que você também vá.

— Sim, sim. Você vai fantasiada de quê?

— Ainda não sei.

Ele meneia a cabeça como se o que eu disse significasse alguma coisa.

— Bem, tenho certeza de que você vai estar bonita — diz ele, então acrescenta depressa. — Sabe, quando éramos pequenos, você curtia muito se fantasiar, coisa e tal.

Não me lembro de ter me fantasiado de nada que não fosse um Jedi. Dei de ombros.

— Vou encontrar alguma coisa.

Ele fica bem vermelho, como sempre, e permanece sentado ali observando quando tento ler durante algum tempo. Muito bizarro. Meu Deus. Por fim, pega o celular e começa a escrever uma mensagem e, quando sai para conversar com Evelyn, me pergunto por que ele está sempre vagando por aí feito um fantasma que não quer ser esquecido. Não quero falar com ele, na verdade. Sei lá, achei que seria legal tentar reavivar nossa amizade, mas é difícil demais. Não quero falar com ninguém.

Claro, conto tudo ao Charlie quando chegamos em casa. Ele não sabe o que dizer a respeito da mensagem misteriosa do Solitaire. Na verdade, ele me disse que eu deveria parar de falar tanto com o Michael. Não sei bem o que penso a respeito disso.

No jantar, o papai pergunta:

— Como foi hoje cedo?

— Não encontramos nada — respondo.

Mais uma mentira. Eu devo beirar a loucura.

Meu pai começa a falar sobre outro livro que vai me emprestar. Ele está sempre me emprestando livros. Meu pai cursou a faculdade quando tinha trinta e dois anos e se formou em literatura inglesa. Hoje, trabalha com TI. Mesmo assim, está sempre esperando que eu acabe me tornando uma pensadora filosófica que leu muito Chekhov e James Joyce. Revelar que odeia livros para o meu pai é como revelar a homossexualidade a pais

homofóbicos. Nunca pude contar a ele, e ele me emprestou tantos livros que é tarde demais para reparar esse dano.

De qualquer modo, dessa vez é *Metamorfose*, do Franz Kafka. Assinto, sorrio e tento parecer um pouco interessada, mas provavelmente não soa tão convincente.

Charlie logo muda de assunto e nos conta sobre um filme que ele e Nick assistiram no fim de semana, *Educação*, que pela descrição do Charlie parece ser uma sátira paternalista de garotas adolescentes do mundo todo. Oliver, então, nos conta a respeito do seu novo trator de brinquedo e por que ele é muito mais majestoso do que todos os outros tratores de brinquedo que ele tem. Para a alegria dos meus pais, terminamos de jantar em uma hora, o que deve ser um novo recorde.

— Muito bem, Charlie! Ótimo trabalho! — diz papai, dando um tapinha nas costas dele, mas Charlie se retrai. Minha mãe assente e sorri, mostrando o máximo de expressividade que consegue. Parece que Charlie ganhou o Prêmio Nobel. Ele sai da cozinha sem dizer nada, e se aproxima para assistir a *The Big Bang Theory* comigo. Não é um programa muito engraçado, mas eu ainda assisto a um episódio, pelo menos, todo santo dia.

— Quem eu seria — pergunto em determinado momento —, se fosse algum dos personagens de *The Big Bang Theory*?

— Sheldon — diz Charlie sem hesitar. — Mas não sendo tão enfática em relação a seus pontos de vista.

Viro a cabeça na direção dele.

— Nossa, estou me sentindo ofendida.

Charlie ri.

— Ele é o único motivo pelo qual esse programa é bom, Victoria.

Penso no que ele diz e assinto.

— Você provavelmente está certo.

Charlie fica deitado imóvel no sofá, e eu o observo por um minuto. Seus olhos estão meio vidrados, como se ele não estivesse assistindo à TV de fato, como se estivesse mexendo nas mangas da camisa. Charlie sempre usa camisas de manga comprida.

— Quem eu seria? — pergunta.

Toco o queixo de modo pensativo e declaro:

— Howard. Sem dúvida. Porque ele está sempre conversando com as moças...

Charlie joga uma almofada em mim do outro sofá. Eu grito e me encolho no canto, e lanço uma saraivada de almofadas na direção dele.

Esta noite, assisto à versão de *Orgulho e preconceito* com Keira Knightley, e a considero quase tão horrorosa quanto o livro. O único personagem tolerável é o sr. Darcy. Não entendo por que Elizabeth o considera orgulhoso no começo, porque fica bem claro que ele é apenas tímido. Qualquer ser humano normal deveria identificar aquilo como timidez e sentir pena do coitado porque ele é péssimo em festas e eventos sociais. Não é culpa dele, na verdade. Ele só é assim.

Escrevo um pouco mais no blog e fico deitada ouvindo a chuva e me esqueço da hora, e me esqueço de vestir o pijama. Acrescento *Metamorfose* à pilha de livros por ler. Começo a assistir ao *Clube dos cinco*, mas não estou prestando muita atenção, por isso pulo a melhor parte, aquela em que todos estão sentados em círculo e revelam as coisas mais profundas e pessoais, e choram e coisa e tal. Assisto a essa cena três vezes e desligo o filme. Ouço o gigante/demônio, mas ele mais parece um rosnado hoje, um ronco profundo e barulhento feito um tambor. No papel de parede de redemoinho do meu quarto, desenhos amarelos tortos balançam de um lado a outro, de um lado a outro até eu ficar hipnotizada. Na cama, alguém colocou uma enorme jaula de vidro em cima de mim e o ar está se tornando azedo aos poucos. Nos meus sonhos, estou correndo em círculos no topo de um penhasco, mas tem um garoto de chapéu vermelho que me pega todas as vezes que eu tento saltar.

ONZE

— **NÃO ESTOU BRINCANDO**, Tori. Essa é uma decisão muitíssimo séria.

Olho bem nos olhos de Becky.

— Ah, eu sei. Isso poderia determinar todo o futuro da existência humana.

Estamos no quarto dela. São 16:12, sexta-feira. Estou sentada de pernas cruzadas no beliche dela. Tudo aqui é cor-de-rosa e preto e, se esse quarto fosse uma pessoa, seria uma Kardashian com pouca grana. Tem um pôster de Edward Cullen e Bella Swan na parede. Sempre que olho para ele, sinto vontade de destruí-lo no fragmentador de papel.

— Não, falando sério, não estou brincando. — Becky levanta cada uma das roupas de novo, uma em cada mão. — Sininho ou Hermione?

Olho para as duas. Não são muito diferentes, só que uma é verde e a outra é cinza.

— Sininho — digo.

Ao ver como ela mantém a calma e o bom humor agindo feito uma idiota, seria uma ofensa ao nome de Hermione Granger e ao de J. K. Rowling e a todos os fãs de Harry Potter que Becky fosse como a bruxa mais esperta daquela época.

Ela assente e joga a roupa de Hermione em uma montanha cada vez maior de roupas.

— Foi o que pensei. — Becky começa a se trocar. — De que você vai se fantasiar?

Dou de ombros, ainda pensando em Harry Potter.

— Eu não ia me fantasiar. Pensei que pudesse usar minha capa de invisibilidade.

Becky, só de calcinha e sutiã, apoia as mãos no quadril. Sei que não deveria me sentir esquisita, porque sou a melhor amiga dela há bastante tempo. Mas ainda me sinto desconfortável. Desde quando a nudez se tornou tão normal?

— Tori. Você vai se fantasiar. É a minha festa à fantasia e eu mando.

— Tudo bem. — Penso bastante, considerando minhas opções. — Eu poderia ir de... Branca de Neve?

Becky para como se estivesse esperando a conclusão.

Franzo a testa.

— O que foi?

— Nada. Eu não disse nada.

— Você não acha que eu devo ir de Branca de Neve.

— Não, não, você pode ir de Branca de Neve. Se quiser.

Olho para as minhas mãos.

— Certo. Eu... vou pensar nisso. — Torço meus polegares. — Eu poderia... arrumar os cabelos... encaracolados...

Ela parece satisfeita e veste o vestidinho verde com asas de fada.

— Você vai tentar falar com as pessoas hoje? — pergunta.

— Isso é uma pergunta ou uma ordem?

— Uma ordem.

— Não posso prometer nada.

Becky ri e me dá um tapinha no rosto. Detesto isso.

— Não se preocupe. Vou cuidar de você. Sempre cuido, certo?

Em casa, visto uma camisa branca e uma saia preta que comprei certa vez para uma entrevista de trabalho à qual não compareci. Então, encontro meu colete preto e a calça preta preferidos. Meu cabelo está comprido o suficiente para fazer tranças pequenas, e passo mais delineador do que o normal.

Wandinha Addams. Eu estava meio que brincando sobre a Branca de Neve e, de qualquer modo, não gosto da Disney.

Saio de casa perto das sete. Nick, Charlie e Oliver estão se sentando para jantar. Meus pais sairão para ver uma peça e passarão a noite num hotel. Para ser sincera, Charlie e eu insistimos para que eles passassem a noite lá em vez de fazer o trajeto de duas horas de volta para casa. Acho que eles estavam só meio preocupados por não estarem perto do Charlie. Quase decidi ficar em casa e não ir à festa da Becky, mas Charlie garantiu a todos que ficaria bem, o que tenho certeza de que vai acontecer, porque Nick vai passar a noite com ele. E eu nem vou ficar muito tempo fora.

É uma festa escura. As luzes estão baixas e a casa está lotada de adolescentes. Passo pelos fumantes, e por aqueles que fumam socialmente, reunidos em círculos do lado de fora. Fumar não faz o menor sentido. O único motivo pelo qual alguém fuma é se quiser morrer. Não sei. Talvez todos queiram morrer. Reconheço a maioria das pessoas do colégio e do Truham, e há alunos do primeiro ao terceiro anos, e eu tenho certeza de que Becky não conhece todos eles em pessoa.

Algumas pessoas do Nosso Grupo estão enfiadas na estufa com outras que não conheço. Evelyn, encolhida no canto de um sofá, me vê primeiro.

— Tori!

Ela acena, e me aproximo. Olhando para mim de modo pensativo, ela diz:

— Quem é você?

— Wandinha Addams.

— Quem?

— Você assistiu à *Família Addams*?

— Não.

Mexo os pés.

— Ah.

A fantasia dela é incrível: cabelos alisados presos em um coque elegante, óculos escuros tipo abelha e um vestido estilo anos cinquenta.

— Você é Audrey Hepburn.

Evelyn levanta os braços.

— OBRIGADA! *Alguém* nessa festa tem *cultura*, finalmente!

Lucas também está aqui, sentado ao lado de uma garota e de um garoto que basicamente se tornaram um único ser. Ele está usando uma boina e uma camiseta listrada de mangas enroladas com uma calça jeans justa na altura dos tornozelos e tem uma réstia de alho pendurada no pescoço. De certo modo, está muito estiloso e muito ridículo ao mesmo tempo. Ele acena com timidez para mim com a lata de cerveja.

— Tori! *Bonjour*!

Aceno de volta e, então, quase fujo correndo.

Vou à cozinha. Há muitos alunos do primeiro ano aqui, principalmente garotas vestidas de princesas da Disney em versão promíscua, e três garotos vestidos de Superman. Eles estão conversando animados a respeito das brincadeiras do Solitaire, ao que parece achando tudo muito hilário. Uma das garotas até disse ter participado delas.

Todo mundo parece estar falando sobre o post de reunião no blog do Solitaire — aquele que Michael e eu encontramos depois que ele me tirou da sala de aula de TI. Parece que a cidade toda pretende comparecer.

Eu me vejo ao lado de uma garota que parece estar sozinha, possivelmente uma menina do primeiro ano, mas não sei muito bem, fantasiada de *Doctor Who*, impecável como David Tennant. Na mesma hora, sinto uma espécie de conexão com ela, já que parece estar muito solitária.

Ela olha para mim, e é tarde demais para fingir que não estou olhando, então digo:

— Sua fantasia é... hum... muito boa.

— Obrigada — diz ela, e eu meneio a cabeça e me afasto.

Ignorando as cervejas, os WKDs e os Bacardi Breezers, abro a geladeira de Becky à procura de uma limonada diet. Com o copo de plástico na mão, caminho até o jardim.

É um jardim lindíssimo: tem uma certa elevação com um lago ao fim dela, cercado por uma série de salgueiros sem folhas. Há grupos reunidos no deck de madeira e no gramado, apesar de a temperatura estar beirando 0ºC. De algum modo, Becky pegou um holofote. Ele brilha como o sol, e os grupos de adolescentes lançam sombras em movimento pelo gramado. Vejo

Becky/Sininho com um grupo diferente de alunos do segundo ano. Eu me aproximo dela.

— Oi — digo, posicionando-me no círculo.

— Toriiiii! — Ela está segurando uma garrafa de Baileys Irish Cream com um daqueles canudos retorcidos de plástico. — Cara! Adivinha? Tenho uma coisa muito incrível para te contar! É incrível demais! Você vai morrer, é demais, demais! Você vai morrer!

Sorrio para ela, apesar de Becky estar me chacoalhando pelos ombros e derrubando Baileys em mim.

— Você. Vai. MORRER.

— Sim, sim, eu vou morrer...

— Sabe o Ben Hope?

Sim, sei quem é o Ben Hope, e também sei exatamente o que ela está prestes a dizer.

— *Ben Hope me chamou para sair* — balbucia.

— Ai, meu Deus!

— Pois é! Tipo... eu não esperava *nada disso*! Estávamos conversando mais cedo e ele admitiu que gosta de mim; ai, meu Deus, ele estava tão fofo e *sem jeito*!

Ela começa a falar por um tempo a respeito de Ben Hope enquanto beberica seu Baileys, e eu vou sorrindo, assentindo, e sem dúvida me sentindo muito contente por ela.

Depois de um tempo, Becky começa a repetir a história toda para uma garota fantasiada de Minnie Mouse, e eu me sinto um pouco entediada, por isso checo meu blog pelo celular. Tem um símbolo pequeno de (1), o que significa que tenho uma mensagem:

> Anônimo: *Pensamento do dia: Por que os carros sempre abrem passagem para as ambulâncias?*

Leio a mensagem várias vezes. Poderia ser de qualquer pessoa, acho, mas ninguém que eu conheço na vida real sabe sobre o meu blog. Anônimos

idiotas. Por que os carros sempre abrem passagem para as ambulâncias? Porque o mundo não é composto só por idiotas. Por isso.

Porque o mundo não é composto só por idiotas.

Assim que faço essa dedução, Lucas me encontra. Ele está meio irritado.

— Não entendo quem você é — diz ele, sempre tão *envergonhado*.

— Sou a Wandinha Addams.

— Ah, que linda, que linda.

Ele concorda mostrando que entende, mas percebo que não faz ideia de quem seja Wandinha Addams.

Olho além dele, para o jardim iluminado. Todas as pessoas são uma escuridão borrada. Eu me sinto meio mal e essa limonada diet está deixando um gosto nojento na minha boca. Quero despejá-la ralo abaixo, mas acho que vou me sentir ainda mais perdida se não tiver nada que possa segurar.

— Tori?

Olho para ele. O alho foi má ideia. Não cheira bem.

— Sim?

— Perguntei se você estava bem. Parece que você está enfrentando uma crise de meia-idade.

— Não é crise de meia-idade. É só uma crise de vida.

— Como é? Não ouvi.

— Estou bem, só entediada.

Ele sorri para mim como se eu estivesse brincando, mas não estou brincando. Todas as festas são chatas.

— Você pode conversar com outras pessoas, sabia? — comento. — Não tenho nada de interessante a dizer.

— Você sempre tem coisas interessantes a dizer — diz ele. — Só não as diz.

Minto e digo que preciso de outra bebida, apesar de o meu copo estar cheio além da metade e eu me sentir bem mal. Saio do jardim. Estou sem fôlego e muito brava sem motivo. Passo pela multidão de adolescentes idiotas e bêbados e me tranco no banheiro do andar de baixo. Alguém passou mal aqui — sinto cheiro de vômito. Olho para meu reflexo no espelho. Meu delineador está manchado, então eu o corrijo. Lacrimejo e volto a estragá-lo,

e tento não começar a chorar. Lavo as mãos três vezes e desfaço as tranças porque estou com cara de idiota.

Tem alguém batendo na porta do banheiro. Estou aqui dentro há muito tempo só me olhando no espelho, observando meus olhos lacrimejando e secando, lacrimejando e secando. Abro a porta pronta para socar a pessoa e me vejo bem na frente do bendito Michael Holden.

— Ah, graças a Deus. — Ele corre para dentro e, sem se dar ao trabalho de me deixar sair ou de fechar a porta, levanta a tampa do vaso e começa a mijar. — Graças. A. Deus. Pensei que teria que mijar no canteiro de flores, pelo amor de Deus.

— Certo, mije na presença de uma mulher — digo.

Ele balança a mão de um jeito casual.

Deixo o banheiro.

Quando saio pela porta da frente, Michael me alcança. Ele está fantasiado de Sherlock Holmes. Com chapéu e tudo.

— Aonde você vai? — pergunta.

Dou de ombros.

— Está quente demais ali dentro.

— Está frio demais aqui fora.

— Desde quando você sente frio?

— Será que um dia você vai conversar comigo sem fazer comentários sarcásticos?

Eu me viro e começo a me afastar, mas ele ainda vem atrás de mim.

— Por que você está me seguindo?

— Porque não conheço mais ninguém aqui.

— Você não tem nenhum amigo no último ano?

— Eu... hum...

Paro na calçada na frente da casa de Becky.

— Acho que vou para casa — digo.

— Por quê? Becky é sua amiga. É aniversário dela.

— Ela não vai se importar. Ela não vai nem notar.

— O que você vai fazer em casa? — pergunta ele.

Blogar. Dormir. Blogar.

— Nada.

— Por que não entramos em um quarto do andar de cima para assistir a um filme?

Saindo da boca de outra pessoa, pareceria que ele está me pedindo para entrar em um quarto e fazer sexo com ele, mas como é Michael quem está dizendo isso, sei que ele está falando sério.

Percebo que a limonada diet do meu copo terminou. Não lembro quando a bebi. Quero ir para casa, mas não vou porque sei que não vou dormir. Só vou ficar deitada no meu quarto. O chapéu do Michael é bem idiota. Ele provavelmente pegou aquele casaco de um defunto.

— Ótimo — digo.

DOZE

HÁ UMA LINHA A SER ATRAVESSADA ao formar relacionamentos com as pessoas. O cruzamento dessa linha ocorre quando você passa de apenas conhecer alguém a saber *sobre* alguém, e Michael e eu atravessamos essa linha na festa de aniversário de dezessete de Becky.

Subimos a escada e entramos no quarto dela. Ele, claro, começa a investigar, enquanto eu caio e rolo na cama. Ele passa pelo pôster de Edward Cullen e Bella Inexpressiva Swan, erguendo uma sobrancelha para ele de modo duvidoso. Passa pela estante de fotos de apresentações de dança e medalhas, e pela estante de livros pré-adolescentes que estão intocados há anos, e se aproxima de pilhas e pilhas de vestidos amassados, shorts, camisetas, calças, sutiãs, livros, mochilas e folhas diversas até, enfim, abrir um guarda-roupa, passar pelas prateleiras de roupas dobradas e localizar uma pilha pequena de DVDs.

Michael pega o *Moulin Rouge*, mas pela minha cara, logo o devolve à estante. Algo parecido acontece quando ele pega o *Coisas de meninos e meninas*. Depois de mais um momento, Michael se assusta e pega um terceiro DVD, salta para o outro lado do quarto até a TV de tela plana e a liga.

— Estamos assistindo a *A Bela e a Fera* — anuncia ele.

— Não, não estamos — digo.

— Acho que você vai perceber que estamos, sim.

— Por favor — imploro. — Não. E *Matrix*? *Encontros e desencontros*? *Senhor dos anéis*?

Não sei por que estou dizendo isso. Becky não tem nenhum desses filmes.

— Estou fazendo isso pelo seu próprio bem. — Ele insere o DVD. — Acredito que seu desenvolvimento psicológico sofreu muito devido à falta de

encanto Disney.

Não me dou ao trabalho de perguntar sobre o que ele está falando. Ele se senta na cama ao meu lado e se recosta na cabeceira com um travesseiro. O logo da Disney aparece na tela. Já sinto meus olhos sangrando.

— Você já assistiu a um filme da Disney? — pergunta ele.

— Hum, sim.

— Por que você detesta a Disney?

— Não detesto a Disney.

— Então, por que não quer assistir a *A Bela e a Fera*?

Viro a cabeça. Ele não está assistindo ao filme, apesar de ter começado.

— Não gosto de filmes que são falsos — respondo. — Nos quais os personagens e a história sejam... perfeitos. As coisas não acontecem dessa maneira na vida real.

Ele sorri, mas é um sorriso triste.

— Não é para isso que os filmes servem?

Eu me pergunto por que estou aqui. Eu me pergunto por que ele está aqui. A batida patética do andar de baixo é a única coisa que ouço. Há alguns desenhos na tela, mas são só formas em movimento. Ele começa a falar comigo.

— Você sabia — diz ele — que, na história original, a Bela tem duas irmãs? Mas, no filme, ela é filha única. Fico tentando entender. Não é muito divertido ser filha única.

— Você é filho único?

— Sim.

Isso é meio interessante.

— Eu tenho dois irmãos — conto.

— Eles são como você?

— Não. Definitivamente, não são.

A Bela está sendo cortejada por um cara musculoso. Ele não é atraente, mas eu simpatizo com o fato de ele não gostar de literatura.

— Ela gosta muito de ler — digo, balançando a cabeça para a moça de azul. — Isso não pode ser saudável.

— Você não assiste à aula de literatura inglesa avançada?

— Sim. Dou um jeito de passar, mas não curto. Detesto livros.

— Eu deveria ter estudado inglês. Teria sido bom nisso.

— Por que não estudou?

Ele olha para mim e sorri.

— Acho melhor só ler e não estudar livros.

A Bela sacrificou sua liberdade para salvar seu pai. É muito sentimental. E ela está chorando por isso.

— Me conta alguma coisa interessante sobre você — pede Michael.

Penso por um momento.

— Você sabia que eu nasci no dia em que Kurt Cobain se matou?

— Na verdade, sim. Ele tinha só vinte e sete anos, coitado. Vinte e sete. Talvez a gente morra quando tiver vinte e sete.

— Não tem nada de romântico na morte. Detesto quando as pessoas usam o suicídio de Kurt Cobain como desculpa para adorá-lo por ser uma alma atormentada.

Michael para e olha para mim, depois diz:

— Sim, acho que sim.

Bela fez greve de fome. Isso até os talheres e louças da casa cantarem e dançarem para ela. Agora está sendo perseguida por lobos. Estou me esforçando para seguir o roteiro.

— Me conta alguma coisa interessante a seu respeito — digo.

— Hum... Eu sou, tipo, ridiculamente burro?

Franzo a testa para ele. Isso, obviamente, não é verdade.

Ele lê minha mente.

— Sério. Não tiro nenhuma nota melhor do que C em nenhuma matéria desde o sétimo ano.

— O quê? Por quê?

— Eu só...

Parece quase impossível que alguém como Michael seja burro. Pessoas como ele — pessoas malucas que fazem as coisas acontecer — são sempre espertas. Sempre.

— Quando o assunto são as provas... eu normalmente não escrevo o que eles querem que eu escreva. Não sou muito bom em... hum... organizar

todas as coisas na minha mente. Tipo, faço a aula avançada de biologia e entendo o que é síntese de peptídeos, mas não consigo escrever. Não sou disléxico nem nada. Só não sei o que os professores querem ouvir. Não sei se só me esqueço das coisas, ou talvez eu não saiba como explicá-las. *Não sei*. E é bem *horrível*.

Ao longo disso, ele faz gestos retorcidos com as mãos. Imagino todas as informações voando em série no cérebro dele, incapazes de formar palavras compreensíveis. Parece fazer sentido. Ele está maluco. Talvez não de um jeito ruim. Mas ele está maluco, sem dúvida.

— É muito injusto — continua ele. — O colégio literalmente não se importa com você, a menos que seja bom em escrever coisas ou seja bom em memorizar ou saiba resolver equações difíceis de matemática. E as outras coisas importantes da vida? Como ser um ser humano decente?

— Detesto o colégio — digo.

— Você detesta tudo.

— É engraçado porque é verdade.

Ele se vira para mim de novo. Nós olhamos um para o outro. Na tela, uma pétala cai da rosa que eu acredito ser simbólica de alguma coisa.

— Seus olhos têm cores diferentes — digo.

— Eu não disse que sou um anime mágico?

— Sério, mas por quê?

— Meus olhos azuis escondem a força da minha vida passada, e eu a uso para chamar meus anjos da guarda para me ajudar na minha luta contra as forças sombrias.

— Você está bêbado?

— Sou poeta.

— Bem, controle-se, Lorde Tennyson.

Ele sorri.

— *O rio vai parar de correr.* — Está claro que ele está citando um poema, mas um que eu nunca ouvi. — *O vento vai parar de soprar, as nuvens deixarão de fugir, o coração deixará de bater. Todas as coisas morrem.* [“All things will die”, de Lorde Tennyson (N. da R.T.)]

Jogo uma almofada nele. Michael se abaixa para desviar, mas minha mira é espetacular.

— Certo, certo. — Ele ri. — Não é tão romântico quanto parece. Alguém jogou uma pedra no meu olho quando eu tinha dois anos, então, basicamente, sou meio cego. É bem irritante, na verdade.

Na TV, eles estão dançando. É um pouco esquisito. Uma mulher velha está cantando. Eu me flagro cantando junto — ao que parece, já ouvi essa música. Michael se une a mim. Alternamos as frases.

Ficamos em silêncio por muito tempo, observando as cores na tela. Não sei por quanto tempo o silêncio dura, mas em determinado momento ouço Michael fungar e o vejo levar a mão ao rosto. Quando olho ao redor, vejo que ele está chorando, chorando de verdade. Eu me sinto confusa por um momento. Olho para a tela. A Fera acaba de morrer. E Bela o está segurando, chorando e, ah, espere, uma lágrima cai nos pelos dele, e então um monte de mágica acontece e, sim, pronto, ele por milagre ressuscitou dos mortos. Ah, e ele ficou lindo também. Não é incrível? É o tipo de merda que eu detesto. Nada realista. Sentimental. Merda.

Mas Michael está chorando. Não sei bem o que fazer. Ele levou uma das mãos ao rosto, e os olhos e o nariz estão enrugados. Parece que ele está tentando segurar as lágrimas.

Decido dar um tapinha na sua outra mão, que está apoiada na cama. Espero que isso passe uma impressão de conforto, não de sarcasmo. Acho que passa a impressão certa, porque ele segura minha mão e a aperta com muita força.

O filme termina logo depois disso. Ele o desliga com o controle remoto e ficamos sentados em silêncio olhando para a tela escura.

— Eu conheci seu irmão — diz Michael, depois de muito tempo.

— Charlie?

— Do Truham...

Viro a cabeça sem dizer nada.

Michael continua.

— Nunca falei com ele. Ele sempre me pareceu meio quieto, mas todo mundo o adorava, o que é muito raro em um colégio só de garotos. Ele era

diferente.

É então que eu decido contar. Não sei por que isso acontece. Mas entendo essa necessidade. Meu cérebro desiste. Não me mantenho presa a ele.

Conto a ele sobre Charlie.

Tudo.

Sobre quando ele começou a colecionar coisas, e sobre quando ele parou de comer, e sobre quando ele começou a se ferir.

Para ser honesta, já não é mais grande coisa. Ele foi ao hospital. Está melhor. E tem o Nick. Bem, ele ainda está se recuperando, mas está bem. Está tudo bem.

Não sei quando, mas adormeço. Não totalmente. Não sei mais dizer se estou acordada ou se estou sonhando. Deve ser esquisito adormecer nesse tipo de situação, mas estou começando a não me importar mais com coisas assim. O que mais me surpreende é como tudo acontece de repente. Normalmente, demora muito. Normalmente, quando estou tentando dormir, faço muitas coisas tolas, tipo rolar e imaginar que estou dormindo ao lado de alguém, então estico o braço e toco seus cabelos. Ou uno as mãos e, depois de um tempo, começo a achar que estou segurando a mão de outra pessoa, não a minha. Juro por Deus que tem algo de errado comigo. Juro mesmo.

Mas, dessa vez, eu me sinto rolar a ponto de ficar aconchegada no peito dele, embaixo do braço. Michael tem um cheiro leve de fogueira. Em algum momento, acho que alguém abre a porta e nos vê deitados meio adormecidos e juntos. Independentemente de quem seja, olha para nós por um momento e volta a fechar a porta em silêncio. Os gritos no andar de baixo começam a diminuir apesar da música ainda estar tocando. Fico atenta a qualquer criatura demoníaca do lado de fora da janela, mas a noite está silenciosa. Nada me prende. Está ótimo. Sinto o ar no quarto e é como se não houvesse nada.

Meu telefone toca.

1:39
Casa chamando

— Alô?
— Tori, você já está vindo para casa?
— Oliver? Por que não está dormindo?
— Eu estava assistindo a *Doctor Who*.
— Você não assistiu ao episódio dos Anjos Lamentadores, não é?
— ...
— Ollie? Você está bem? Por que ligou para mim?
— ...
— Oliver? Você está aí?
— Aconteceu alguma coisa com o Charlie.

Devo ter feito uma cara muito esquisita depois, porque Michael lança a mim um olhar estranho. Um olhar engraçado, assustado.

— O que... aconteceu?
— ...
— O que aconteceu, Oliver? O que o Charlie fez? Onde ele está?
— Não consigo entrar na cozinha. O Charlie fechou a porta e eu não posso abrir. Só estou ouvindo o Charlie.
— ...
— Quando você vem para casa, Tori?
— Estou indo agora.

Desligo.

Michael está acordado. Estou sentada de pernas cruzadas no meio da cama. Ele está sentado de pernas cruzadas na minha frente.

— Merda — digo. — Merda merda merda merda merda merda porra.

Michael nem sequer me pergunta. Só diz:

— Vou levar você para casa.

Estamos correndo. Saímos porta afora, descemos a escada e passamos pelas pessoas. Algumas ainda estão aproveitando a festa, algumas estão amontoadas no chão, algumas estão se agarrando, algumas estão chorando. Estou quase na porta da frente quando Becky me pega. Ela está fodida.

— Estou *fodida*. — Ela segura meus braços com muita força.

— Estou indo embora, Becky.

— Você é tão *linda*, Tori. Sinto sua falta. Amo muito você. Você é tão *linda* e fofa.

— Becky...

Ela se segura no meu ombro, com os joelhos fraquejando.

— Não fique triste. Prometa para mim, Tori. Prometa. Prometa que não vai mais ficar triste.

— Eu prometo. Eu tenho que...

— Eu odeio o Jack. Ele é tão... tão... idiota. Eu mereço um... alguém como o Ben. Ele é tão *lindo*. Igual a você. Você detesta tudo, mas ainda assim é linda. Você é tipo... você é um fantasma. Amo muito você... muito. Não fique... não... fique triste nunca mais.

Não quero me afastar dela porque ela está mais do que bêbada, mas preciso chegar em casa. Michael me empurra para a frente, e nós abandonamos Becky, cujas pernas parecem fracas demais, a maquiagem carregada demais, os cabelos penteados para trás demais.

Michael está correndo e eu também estou. Ele sobe na bicicleta. É uma bicicleta de verdade. As pessoas andam nessas coisas ainda?

— Sobe na garupa — diz ele.

— Você está brincando — falo.

— É isso ou ir andando.

Eu subo na garupa.

E, assim, Sherlock Holmes e Wandinha Addams voam noite adentro. Ele está pedalando tão depressa que as casas pelas quais passamos se tornam borrões em linhas cinza e marrom, e estou me segurando à cintura dele com tanta força que meus dedos ficaram dormentes. Percebo que estou feliz, ainda que não devesse estar, e a emoção conflituosa só deixa o momento mais maluco, mais radiante, mais imensurável. O vento sopra no meu rosto e faz meus olhos ficarem marejados, e perco a noção de onde estamos, apesar de conhecer essa cidade do avesso, e só penso que deve ter sido essa a sensação daquele garoto que saiu voando com o ET. Como se não importasse se eu morresse.

Chegamos à minha casa em quinze minutos. Michael não entra. Ele tem modos, preciso admitir. Ele sobe na bicicleta quando olho para ele.

— Espero que Charlie esteja bem — diz.

Assinto.

Ele assente de volta. E vai embora. Destranco a porta e entro em casa.

TREZE

OLIVER DESCE A ESCADA meio sonolento. Pijama do *Thomas e seus amigos*. Ursinho de pelúcia no braço. Fico feliz por ele nunca ter entendido o que há de errado com Charlie.

— Você está bem, Oliver?

— Mmmm... sim.

— Você vai para a cama?

— E o Charlie?

— Ele vai ficar bem. Deixa comigo.

Oliver assente e sobe a escada de novo, esfregando os olhos. Corro em direção à porta da cozinha, que está fechada.

Sinto náuseas. Nem acordei de todo ainda.

— Charlie. — Bato à porta.

Silêncio total. Tento entrar, mas ele a trancou com alguma coisa.

— Abra a porta, Charles. Não estou brincando. Vou quebrar a porta.

— Não vai, não. — A voz dele está morta. Vazia. Mas estou aliviada porque ele está vivo.

Abaixo a maçaneta e empurro a porta com meu corpo todo.

— Não entre! — Ele parece em pânico, o que me deixa em pânico porque Charlie nunca entra em pânico e é por isso que ele é quem é. — Não entre aqui! Por favor! — Ouço o barulho de coisas sendo arrastadas sem parar.

Não paro de jogar o corpo contra a porta, e o que a está bloqueando começa a se afastar. Abro o suficiente para passar e entro.

— Não, vá embora! Me deixa aqui sozinho! — Olho para ele. — Sai daqui!

Ele andou chorando. Seus olhos estão muito vermelhos, ele está com olheiras, e a escuridão da sala o afoga em um brilho. Tem um prato de lasanha na mesa da cozinha, frio, intocado. Toda a nossa comida foi retirada dos armários, da geladeira e do congelador, e disposta do lado de fora em ordem de tamanho e cor em várias pilhas pelo cômodo. Há alguns lenços manchados de sangue nas mãos dele.

Ele não está

melhor.

— Sinto muito — diz, encolhido na cadeira, com a cabeça jogada para trás, os olhos inexpressivos. — Sinto muito, sinto muito. Eu não queria. Me desculpa.

Não consigo fazer nada. É difícil não vomitar.

— Sinto muito — repete ele. — Sinto muitíssimo.

— Onde está o Nick? — pergunto. — Por que ele não está com você?

Ele fica muito vermelho e murmura algo inaudível.

— O quê?

— Nós discutimos. Ele foi embora.

Comecei a negar balançando a cabeça. Ela vai da esquerda para a direita, da esquerda para a direita, em um ato incontrolável de rebeldia.

— Aquele idiota. Aquele idiota imbecil.

— Não, Victoria, foi minha culpa.

Meu telefone está na minha mão e estou teclando o número de Nick. Ele atende depois de dois toques.

— Alô?

— Você entende a gravidade do que acabou de fazer, seu grande idiota?

— Tori? O que você...

— Se o Oliver não tivesse ligado para mim, o Charlie poderia... — Não consigo nem dizer. — Isso é tudo culpa sua.

— Não sou... Espera, que merda aconteceu?

— Que merda você *acha* que aconteceu? Você abandonou o Charlie durante uma refeição. Não pode fazer isso. Não pode deixá-lo enquanto ele está comendo, muito menos *chateá-lo*. Você não aprendeu isso ano passado?

— Eu não...

— Confiei em você. Você tinha que cuidar dele, mas entrei na cozinha e ele está... eu não deveria ter saído. Deveria ter ficado aqui. Nós somos... eu sou a pessoa que deveria *estar aqui* quando isso acontece.

— Espera. O que...

Estou segurando o telefone com tanta força que chego a tremer. Charlie está olhando para mim, com lágrimas caindo dos olhos. Ele está tão velho. Não é uma criancinha. Em alguns meses, ele vai completar dezesseis anos, como eu. Ele parece ser mais velho do que eu, pelo amor de Deus. Poderia passar por alguém de dezoito anos, fácil.

Solto o telefone, puxo uma cadeira para perto do meu irmão e o abraço.

Nick chega e, com Charlie, limpamos a cozinha. Charlie não para de fazer careta e de levar as mãos à cabeça enquanto eu desorganizo as pilhas de coisas valiosas dele, mas faço isso porque o psiquiatra dele nos disse que é preciso ser bruto. Ele gritava comigo quando eu mudava os alimentos de lugar. Às vezes, ele tentava me conter fisicamente. Mas não faz mais isso.

Eu me livro da lasanha. Encontro o kit de primeiros socorros e coloco curativos no braço de Charlie. Felizmente, os cortes não são fundos o bastante para precisar de pontos, dessa vez. Arrumo a mesa e faço três porções de torrada com feijão, e nós três nos sentamos. É uma refeição difícil. Charlie não quer comer nada. Ele não para de mexer as pernas e de levar o garfo à boca, mas sempre para no meio do caminho. Às vezes, no hospital, eles permitiam que Charlie bebesse uma bebida com muitas calorias em vez de fazer uma refeição. Não temos nada disso em casa. Tento não gritar com ele, porque isso vai piorar tudo.

Por fim, Nick e eu o levamos para a cama.

— Sinto muito — diz Charlie, deitado na cama com o braço em cima da testa.

Estou de pé na porta. Nick está no chão usando o pijama de Charlie, que é pequeno demais para ele, com um cobertor e um travesseiro. Está olhando para Charlie com uma expressão de medo e amor ao mesmo tempo. Eu

ainda não o perdoei, mas sei que ele vai se redimir. Sei que ele se importa com Charlie. Muito.

— Eu sei — digo. — Mas vou ter que contar ao papai e à mamãe.

— Eu sei.

— Volto para ver você daqui a pouco.

— Está bem.

Fico parada ali. Depois de um tempo, ele pergunta:

— Você... está bem?

Uma pergunta bizarra, na minha opinião. Foi ele quem acabou de...

— Estou perfeitamente bem.

Apago a luz e desço para ligar para meu pai. Ele permanece calmo. Calmo demais. Não gosto disso. Quero que entre em pânico, grite e enlouqueça, mas ele não faz isso. Ele me conta que eles irão para casa agora mesmo. Desligo o telefone, encho um copo com limonada diet e me sento na sala de estar por um tempo. É madrugada. Todas as cortinas estão abertas.

Não se encontram muitas pessoas como Charlie Spring no mundo. Acho que já disse isso. Especificamente, não se encontram muitas pessoas como Charlie Spring em colégios só de meninos. Se quer saber minha opinião, esses colégios parecem ser infernais. Talvez seja porque não conheço muitos garotos. Talvez seja por eu ter uma impressão muito ruim dos caras que vejo saindo pelos portões do Truham, derramando Lucozade nos cabelos uns dos outros, chamando um ao outro de gay e perseguindo garotos ruivos. Não sei.

Não sei nada sobre a vida de Charlie naquele colégio.

Volto para o andar de cima e espio no quarto do meu irmão. Ele e Nick estão adormecidos na cama de Charlie, este deitado no peito daquele. Fecho a porta.

Vou para o meu quarto. Começo a tremer de novo, me olho no espelho por muito tempo e me pergunto se sou mesmo a Wandinha Addams. Eu me lembro de ter encontrado o Charlie no banheiro daquela vez. Havia muito mais sangue naquela ocasião.

Está muito escuro no quarto, mas a página inicial do meu blog, aberta na tela do laptop, serve como uma luminária azul. Ando em círculos; ando em círculos e mais círculos até meus pés doerem. Coloco Bon Iver para tocar,

depois um pouco de Muse, seguido por Noah and the Whale; sabe como é, coisas bem idiotas e aflitivas. Choro e paro. Tem uma mensagem de texto no celular, mas não a leio. Ouço o escuro. Todos estão vindo pegar você. Seus batimentos cardíacos são passos. Seu irmão é psicótico. Você não tem amigos. Ninguém sente pena de você. *A Bela e a Fera* não é real. É engraçado porque é verdade. Não fique triste nunca mais. Não fique triste nunca mais.

CATORZE

14:02
Michael Holden **chamando**

— Alô?
— Não acordei você, né?
— Michael? Não.
— Ótimo. Dormir é importante.
— Como conseguiu meu número?
— Você ligou para mim, lembra? Na sala de TI. Salvei seu contato.
— Que espertinho você é.
— Eu diria engenhoso.
— Você ligou para falar de Charlie?
— Liguei para falar sobre você.
— ...
— O Charlie está bem?
— Meus pais o levaram ao hospital hoje. Para fazer exames, coisas assim.
— Onde você está?
— Na cama.
— Às duas da tarde?
— Sim.
— Será que eu poderia...
— O quê?
— Poderia ir até aí?
— Por quê?
— Não gosto de pensar que você está aí sozinha. Você me lembra uma pessoa idosa que mora sozinha, tipo... com gatos e assistindo à TV durante o dia.
— É mesmo?

— E eu sou um cara bacana e jovem que gostaria de ir à sua casa para fazer você se lembrar da guerra e me oferecer um chá com biscoitos.

— Não gosto de chá.

— Mas gosta de biscoitos. Todo mundo gosta de biscoitos.

— Não estou a fim de comer biscoitos hoje.

— Bom, ainda assim, eu vou, Tori.

— Você não precisa vir. Estou bem.

— Não *minta*.

Ele vai vir. Não me dou ao trabalho de trocar o pijama nem de pentear os cabelos, nem de ver se meu rosto está normal. Não me importo. Não saio da cama, apesar de estar com fome, aceitando o fato de que minha indisposição para me levantar provavelmente fará com que eu morra de inanição. Então, percebo que não posso deixar meus pais terem *dois filhos* que passam fome. Ai, Deus, que dilema. Até mesmo ficar deitada na cama é estressante.

A campainha toca e toma a decisão por mim.

Fico na varanda com uma das mãos na porta aberta. Ele fica no degrau de cima com uma aparência animada demais e alto demais com os cabelos repartidos de lado e os óculos estupidamente grandes. A bicicleta dele está acorrentada à nossa cerca. Eu não tinha notado ontem à noite que há um cesto nela. Está um frio de congelar, mas ele está vestindo só uma camiseta e calça jeans outra vez.

Michael olha para mim de cima a baixo.

— Minha nossa.

Tento fechar a porta na cara dele, mas ele a mantém aberta com uma das mãos. Não posso impedi-lo depois disso. Ele vem e me agarra. Me abraça. Encosta o queixo na minha cabeça. Meus braços estão presos nas laterais do corpo e meu rosto está meio pressionado contra o peito dele. O vento sopra ao nosso redor, mas não estou com frio.

Ele prepara uma xícara de chá para mim. Minha nossa, como eu detesto chá. Bebemos em canecas desbotadas à mesa da cozinha.

Ele pergunta:

— O que você faz aos sábados? Você sai?

— Não se puder evitar — digo. — E você?

— Não sei bem.

Tomo um gole da água suja.

— Você não sabe?

Ele se recosta.

— O tempo passa. Faço coisas. Algumas delas importam. Outras, não.

— Pensei que você fosse otimista.

Ele sorri.

— Só porque algo não importa não quer dizer que não valha a pena fazê-la. — A luz da cozinha está apagada. Está muito escuro. — Então, aonde devemos ir hoje?

Balanço a cabeça, negando.

— Não posso sair, Oliver está aqui.

Ele pisca sem entender.

— Oliver?

Espero que ele se lembre, mas ele não se lembra.

— Meu irmão de sete anos. Eu contei que tenho dois irmãos.

Ele hesita de novo.

— Ah, sim. Sim. Contou. — Ele está bem animado. — Ele é como você? Posso conhecê-lo?

— Hum, claro...

Ligo para Oliver e ele desce a escada depois de um ou dois minutos com um trator em uma das mãos, ainda de pijama e roupão. O roupão tem orelhas de tigre no capuz. Ele está na escada, inclina-se no corrimão e olha para a cozinha.

Michael se apresenta, claro, acenando e sorrindo.

— Oi! Sou o Michael.

Oliver se apresenta também, com a mesma animação.

— Meu nome é Oliver Jonathan Spring! — diz ele, balançando o trator. — E este é o Trator Tom.

Ele segura o Trator Tom perto da orelha e ouve, depois continua:

— Trator Tom não acha que você seja perigoso, então você pode entrar no trator sala de estar, se quiser.

— Seria muito legal visitar o trator sala de estar — diz Michael. Acho que ele está um pouco surpreso. Oliver não é nada parecido comigo.

Oliver o analisa com olhos críticos. Depois de pensar por um momento, ele leva uma mão à boca e sussurra alto para mim:

— Ele é seu *namorado*?

Isso me faz rir. Alto. Uma risada de verdade. Michael ri também, depois para e olha para mim enquanto continuo a sorrir. Acho que ele nunca me viu rir antes. Será que ele já me viu sorrir? Ele não diz nada. Só olha.

E é assim que o resto do meu sábado acontece com Michael Holden.

Não me dei ao trabalho de me trocar. Ele invade os armários da cozinha e me ensina a fazer um bolo de chocolate, e comemos bolo de chocolate durante o resto do dia. Michael corta o bolo em quadradinhos, não em fatias, e quando o questiono sobre isso, ele só responde:

— Não gosto de me conformar com cortes convencionais de bolos.

Oliver continua correndo escada acima e abaixo mostrando a Michael sua coleção ampla e variada de tratores, pelos quais Michael se interessa educada e animadamente. Tiro um cochilo no quarto entre quatro e cinco da tarde enquanto Michael fica no chão lendo *A metamorfose*. Quando acordo, ele me conta por que o personagem principal não é de fato o personagem principal ou algo assim, e também me conta que não gostou do fim porque o tal personagem principal morre. Então, ele se desculpa por ter estragado o fim para mim. Faço ele se lembrar de que não leio.

Depois disso, nós três entramos no trator sala de estar e jogamos um jogo de tabuleiro antigo chamado Jogo da Vida, que Michael encontrou embaixo da minha cama. Você recebe uma grana preta, tipo no Monopoly, e o objetivo do jogo parece ser ter a vida mais bem-sucedida. É um jogo muito antigo. De qualquer modo, ele demora cerca de duas horas e, depois de mais uma rodada de bolo, jogamos *Sonic Heroes* no PS2. Oliver triunfantemente derrota nós dois, e tenho que carregá-lo de cavalinho pelo resto da noite como pagamento. Quando o levo para a cama, faço Michael assistir a *Os excêntricos Tenenbaums* comigo. Ele chora quando Luke Wilson corta os pulsos. Nós dois choramos quando Luke Wilson e Gwyneth Paltrow decidem manter o amor que sentem um pelo outro em segredo.

São dez da noite quando minha mãe, meu pai e Charlie chegam em casa. Charlie sobe direto para dormir sem dizer nada para mim. Michael e eu estamos no sofá na sala de estar e ele está tocando uma música para mim no meu laptop. O laptop está ligado no rádio. Música com piano. Ou coisa assim. Está fazendo com que nós dois cochilemos, e estou encostada nele, mas não de um jeito romântico, nada disso. Meus pais meio que param à porta e ficam ali, hesitantes, paralisados.

— Oi — diz Michael. Ele se levanta e estende uma das mãos para meu pai. — Sou Michael Holden. Sou o novo amigo da Tori.

Meu pai aperta a mão dele.

— Michael Holden. Certo. É um prazer conhecê-lo, Michael.

Michael aperta a mão da minha mãe também, o que eu acho um pouco esquisito. Não sei. Não sou especialista em etiqueta social.

— Certo — diz mamãe. — Claro, amigo da Tori.

— Espero que não haja problema no fato de eu ter vindo aqui — comenta Michael. — Conheci Tori há algumas semanas. Pensei que talvez ela fosse meio solitária.

— Problema nenhum — responde meu pai, assentindo. — Muito gentil da sua parte, Michael.

A conversa é tão chata e clichê que quase sinto vontade de dormir. Mas não durmo.

Michael volta a falar com meu pai:

— Li *A metamorfose* enquanto estava aqui. Tori me disse que o senhor emprestou o livro a ela. Achei incrível.

— Achou? — A luz da literatura brilha nos olhos do meu pai. — O que mais achou?

Eles continuam falando sobre literatura enquanto fico deitada no sofá. Percebo que minha mãe me olha de relance, como se tentasse arrancar a verdade de mim. Não, digo a ela por telepatia. Não, Michael não é meu namorado. Ele chora assistindo a *A Bela e a Fera*. Ele me ensinou a fazer bolo de chocolate. Ele me seguiu quando fui a um restaurante e fingiu esquecer o porquê.

QUINZE

QUANDO ACORDO, não me lembro de quem sou porque estou tendo um sonho maluco. Mas, em pouco tempo, desperto direito e descubro que é domingo. Ainda estou no sofá. Meu telefone está no bolso da camisola e olho as horas nele. São 7:42 da manhã.

Imediatamente subo a escada e espio o quarto do Charlie. Ele ainda está dormindo, claro, e parece bem tranquilo. Seria bom se ele sempre estivesse assim.

Ontem, Michael Holden me contou muitas coisas, e uma delas foi onde ele mora. Assim — e ainda não sei bem como ou por que isso acontece —, algo nesse domingo desanimador faz com que eu saia do sofá e vá para a casa dele no Sol Moribundo.

O Sol Moribundo é um penhasco que dá vista para o rio. É o único penhasco no condado. Não sei por que tem um penhasco acima de um rio, porque não existem, normalmente, penhascos acima de rios, só em filmes e em documentários abstratos a respeito de lugares aos quais nunca iremos. Mas o Sol Moribundo tem esse nome dramático porque se você ficar de pé olhando para o ponto mais distante do penhasco, você fica de frente para o sol poente. Há alguns anos, decidi dar uma volta pela nossa cidade, e me lembro da casa marrom que ficava a poucos metros da beira do penhasco, como se estivesse prestes a se jogar.

Talvez seja o fato de eu me lembrar de tudo isso que me faça caminhar pela rua comprida e sair da casa marrom no Sol Moribundo às nove da manhã.

A casa de Michael tem um portão de madeira e uma porta de madeira, e uma placa na parede da entrada na qual se lê Casa da Jane. É onde seria de se esperar encontrar um fazendeiro ou um idoso solitário. Fico ali, na frente do

portão. Vir aqui foi um erro. Um erro enorme. São nove da manhã. Ninguém levanta às nove da manhã em um domingo. Não posso bater à porta da casa de alguém. Fazíamos isso no ensino fundamental, pelo amor de Deus.

Volto a descer a rua.

Dei vinte passos quando ouço o som da porta da frente se abrindo.

— *Tori?*

Paro na rua. Não deveria ter vindo aqui. Não deveria ter vindo aqui.

— Tori? É você, não é?

Devagar, eu me viro. Michael fechou o portão e está descendo a rua correndo na minha direção. Ele para na minha frente e abre seu sorriso brilhante.

Por um momento, não acredito que é ele. Está desarrumado. O cabelo, que costuma ser repartido de lado com gel, está revolto em mechas onduladas, e ele está vestindo uma quantidade admirável de roupas, incluindo um colete e meias de lã. Os óculos estão escorregando do nariz. Ele não parece desperto, e sua voz, normalmente tão fraca, está um pouco rouca.

— Tori! — ele chama e pigarreia. — É Tori Spring!

Por que vim aqui? O que estava passando pela minha cabeça? Por que sou idiota?

— Você veio à minha casa — diz ele, balançando a cabeça de um lado a outro com o que só imagino que seja encantamento puro. — Sei lá, pensei que você pudesse vir, mas também pensei que não... sabe?

Olho para um dos lados.

— Desculpa.

— Não, não, que bom que você veio. De verdade.

— Posso ir para casa. Não quis...

— *Não.*

Ele ri, e é uma risada bacana. Passa uma das mãos pelos cabelos. Nunca o vi fazer isso.

Eu me flagro retribuindo o sorriso. Também não entendo bem como isso acontece.

Um carro se aproxima por trás de nós, e logo vamos para o canto da rua para deixá-lo passar. O céu ainda está um pouco laranja e, em todas as direções, menos na cidade, vemos campos muitos abandonados com mato alto, a grama comprida balançando feito ondas do mar. Começo a sentir que estou no filme *Orgulho e preconceito*, sabe, aquela cena do fim na qual eles vão para o campo na névoa e o sol está nascendo.

— Você quer... sair? — pergunto. E acrescento depressa: — Hoje?

Ele está boquiaberto, literalmente. Por. Que. Sou. Tão. Idiota?

— S-sim, claro. Uau, sim. *Sim*.

Por quê?

Olho para a casa.

— Você tem uma bela casa — elogio.

Fico imaginando como ela é por dentro. Fico tentando imaginar quem são os pais dele. Tento imaginar como ele decorou o quarto. Com pôsteres? Com luzes? Talvez tenha pintado alguma coisa. Talvez ele tenha jogos de tabuleiro antigos em pilhas. Talvez tenha um pufe. Talvez tenha bonequinhos. Talvez ele tenha lençóis de estampa asteca e paredes pretas, e ursinhos de pelúcia em caixas, e um diário embaixo do travesseiro.

Michael olha para a casa, e sua expressão muda de repente, fica desanimada.

— Sim — diz. — Acho que sim. — Ele se vira para mim. — Mas poderíamos ir a algum lugar.

Ele volta correndo para o portão e o tranca. O cabelo dele está hilário. Mas bonito. Não paro de olhar. Ele volta e passa por mim, depois se vira e estende a mão. Seu colete, grande demais para ele, está esvoaçando ao redor do corpo.

— Você vem?

Dou um passo na direção dele. E faço algo muito, muito patético.

— Seu cabelo — digo, erguendo a mão para segurar uma mecha escura que cobre o olho azul dele. — Está... *solto*. — Coloco a mecha de lado.

Então percebo o que estou fazendo, dou um salto para trás e me retraio. Queria poder desaparecer, tipo o Harry Potter.

Pelo que parece um tempo muito longo, ele não para de olhar para mim com uma expressão congelada, e depois disso, juro que fica um pouco vermelho. Ele ainda está estendendo a mão. Eu a pego, mas isso quase faz com que *ele* se sobressalte.

— Sua mão está muito fria — diz ele. — Você *tem* sangue no corpo?

— Não — respondo. — Sou uma fantasma. Lembra?

DEZESSEIS

TEM ALGUMA COISA DIFERENTE NO AR quando descemos a rua. Estamos de mãos dadas, mas não de um jeito romântico, nada disso. O rosto de Michael não sai da minha mente, e chego à conclusão de que não conheço o garoto que está andando do meu lado. Não o conheço mesmo.

Michael me leva a um café na cidade, chamado Café Rivière. Fica perto de um rio, por isso tem esse nome nada original, e eu já estive ali muitas vezes antes. Somos as únicas pessoas ali, além do proprietário francês e idoso que está varrendo o chão, e nos sentamos a uma mesa com uma toalha de mesa xadrezinha e um vaso de flores perto de uma janela. Michael bebe chá. Eu como um croissant.

Morrendo de vontade de conversar, ainda que não saiba o porquê, começo com "Por que você mudou de colégio?".

A cara que ele faz na mesma hora me mostra que não fiz a pergunta de um jeito casual como pretendia.

Eu me encolho.

— Ah, desculpa. Desculpa. Que enxerida! Não precisa responder.

Durante vários momentos, ele continua bebendo o chá. Em seguida, pousa a xícara na mesa e olha para as flores entre nós.

— Não, tudo bem. Não é muito importante.

Ele ri sozinho, como se estivesse me lembrando de uma coisa.

— Eu... hum... não me dei muito bem com as pessoas de lá. Nem com os professores, nem com os alunos... Pensei que mudar um pouco de ambiente poderia me fazer bem. Pensei que talvez eu me desse melhor com garotas ou algo idiota assim.

Ele dá de ombros e ri, mas não está achando graça, é uma risada diferente.

— Mas não. Obviamente, minha personalidade é fantástica demais tanto para garotas quanto para garotos.

Não sei por que, mas começo a me sentir bem triste. Não é minha tristeza normal de sempre, sabe, aquele drama desnecessário e dó de mim mesma, mas, sim, uma tristeza que é meio projetada para fora.

— Você deveria estar no elenco de *Waterloo Road* ou de *Skins* ou qualquer coisa assim — digo.

Ele ri de novo.

— Por quê?

— Porque você é...

Termino a frase dando de ombros. Ele responde com um sorriso.

Permanecemos em silêncio por vários outros instantes. Eu como. Ele bebe.

— O que vai fazer ano que vem? — pergunto. É meio como se eu o estivesse entrevistando, mas, pela primeira vez, sinto algo esquisito. Como um *interesse*. — Faculdade?

Ele mexe na xícara em postura distraída.

— Não. Sim. Não, não sei. Está tarde demais, de qualquer modo; o prazo da UCAS era ontem. Como posso me decidir sobre o que estudar na faculdade? Na maior parte do tempo, no colégio, não sou capaz nem de decidir qual *caneta* usar.

— Pensei que nosso colégio, tipo... *fizesse* os alunos se candidatarem à faculdade no último ano. Ou pelo menos a um programa de aprendiz ou coisa assim. Ainda que a pessoa não aceite o convite, no fim das contas.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Sabe, o colégio não pode *obrigar* você a fazer nada.

A verdade da frase dele me acerta como se fosse um tapa na cara.

— Mas... por que não se candidatou a algumas faculdades, de qualquer modo? Para o caso de decidir querer ir?

— Porque *odeio* estudar! — Isso sai bem alto. Ele começa a balançar a cabeça. — Pensar em ter que me sentar em uma cadeira por três anos e aprender coisas que não vão me ajudar na vida *literalmente* me enoja. Sempre

fui péssimo em provas e sempre serei, e *odeio* que todo mundo pense que é preciso fazer faculdade para se ter uma vida decente!

Fico parada, embasbacada.

Não dizemos nada por cerca de um minuto, até que ele olha nos meus olhos.

— Eu provavelmente só vou fazer esportes — diz ele, calmo de novo, com um sorriso tímido.

— Isso. O que você faz?

— Oi?

— Qual esporte você pratica?

— Sou um patinador de velocidade.

— Espera aí... um o quê?

— Patinador de velocidade.

— Tipo corrida no gelo?

— É.

Balanço a cabeça.

— Parece que você escolheu o esporte mais improvável.

Ele assente, concordando.

— Pois é.

— Você é bom nisso?

Ele faz uma pausa.

— Mais ou menos — diz ele.

Começou a chover. As gotas caem no rio, água encontrando água, e escorrem pela janela como se o vidro estivesse chorando.

— Ser patinador seria bem legal — comenta ele. — Mas, sabe como é, é difícil. Coisas assim são difíceis.

Como um pouco mais de croissant.

— Está chovendo. — Ele se apoia na mão. — Se o sol saísse de novo, apareceria um arco-íris. Seria bonito.

Olho pela janela. O céu está cinza.

— Não precisa aparecer um arco-íris para ficar bonito.

O dono do café murmura algo. Uma idosa com um cajado entra e se senta ao nosso lado, perto de uma janela. Parece um baita esforço para ela.

Percebo que as flores na nossa mesa são falsas.

— O que devemos fazer? — pergunta Michael.

Demoro um pouco para pensar.

— Vai ter *Star Wars: O império contra-ataca* no cinema hoje à tarde — digo.

— Você é fã de *Star Wars*?

Cruzo os braços.

— Isso te surpreende?

Ele olha para mim.

— Você é muito surpreendente. De modo geral.

E sua expressão muda.

— Você é fã de *Star Wars* — diz ele.

Franzo a testa.

— Bem... sou.

— E sabe tocar violino.

— Hum... sei.

— Gosta de gatos?

Começo a rir.

— Do que você está falando, porra?

— Me distraia um pouco.

— Sim, está bem, os gatos são fabulosos.

— E o que você acha sobre a Madonna? E sobre o Justin Timberlake?

Michael é uma pessoa muito esquisita, mas essa conversa está chegando cada vez mais perto da insanidade.

— Hum... sim, algumas músicas deles são boas. Mas, por favor, explique o que você está falando. Estou começando a me preocupar com sua saúde mental.

— *Solitaire*.

Nós dois paramos, um olhando para a cara do outro. A brincadeira com *Star Wars*. O vídeo do violino. Os gatos, "Material Girl", "SexyBack", do Justin Timberlake...

— Você está sugerindo o que acho que está sugerindo?

— O que acha que estou sugerindo? — pergunta ele, com cara de inocente.

— Acho que você está sugerindo que o Solitaire tem algo a ver *comigo*.

— E o que você tem a dizer sobre isso?

— Posso dizer que isso é a coisa mais hilária que ouvi esse ano. — Fico de pé e começo a vestir o casaco. — Sou, literalmente, a pessoa mais sem graça da face da Terra.

— Isso é o que *você* pensa.

Em vez de discutir mais, pergunto:

— Por que está tão interessado neles?

Ele para e se recosta de novo.

— Não sei. Só fico curioso em relação a isso, sabe? Quero saber quem está fazendo isso. E por quê. — Ele ri. — Minha vida é bem sem graça.

Demora alguns segundos para o impacto total dessa última frase dele chegar a mim.

É a primeira vez que ouço Michael Holden dizer algo assim.

Algo que eu diria.

— Ei — digo. Meneio a cabeça para ele, afirmando. — A minha também.

Antes de sairmos do café, Michael compra uma jarra de chá para a senhora. Em seguida, ele me leva ao rinque de patinação para me mostrar a rapidez com que patina. Percebo que ele tem muita amizade com todos os funcionários. Michael os cumprimenta enquanto passa, e eles fazem questão de me cumprimentar também, o que é meio esquisito, mas me deixa meio tranquila.

Michael patina como louco. Ele não passa por mim, ele *voa*, e tudo fica mais lento e eu vejo seu rosto se virar para mim e um sorriso, o sorriso dele, se abre e ele desaparece, deixando só seu cheiro. Eu, em comparação, caio mais de sete vezes.

Depois de deslizar pelo gelo por um tempo, ele decide ter pena e patinar comigo. Seguro as mãos dele, tentando não cair de cara, enquanto Michael patina de costas, e me puxa junto e ri tanto da minha cara concentrada que pequenas lágrimas aparecem no canto dos seus olhos. Quando pego o jeito

da coisa, nós patinamos pelo rinque ao som de “Radio People”, de Zapp, uma preciosidade não valorizada dos anos 1980, e por coincidência minha música preferida de *Curtindo a vida adoidado*. Na saída, depois de cerca de uma hora, ele me mostra a foto dele no quadro do Clube de Patinação, aos dez anos, segurando um troféu acima da cabeça.

Não tem ninguém na cidade além de poucos idosos. Domingo preguiçoso. Visitamos todas as lojas antigas. Toco um violino de segunda mão e me lembro de um número surpreendentemente grande de músicas. Michael me acompanha ao piano, e tocamos até os donos da loja decidirem que somos chatos demais e nos mandarem embora. Em outra loja, encontramos um caleidoscópio incrível. É de madeira e se abre para fora feito um telescópio, e nós nos revezamos analisando os detalhes até Michael decidir comprá-lo. É caro também. Pergunto por que comprou. Ele diz que não gostou de pensar que o instrumento talvez nunca fosse visto por alguém.

Caminhamos ao longo do rio e lançamos pedras nele, e brincamos de jogar gravetos na água sobre a ponte. Voltamos ao Café Rivière para almoçar um almoço tardio e para Michael tomar mais chá. Vamos ao cinema assistir *Star Wars: O império contra-ataca*, que, claro, é excelente, e então assistimos à *Dirty Dancing* porque parece que estamos fazendo um dia “De volta aos anos 1980”. *Dirty Dancing* é um filme muito idiota. A protagonista provavelmente é a pessoa mais irritante que tive a infelicidade de conhecer. Ainda mais por causa das suas roupas. E sua voz.

No meio do filme, recebo outra mensagem no meu blog.

Anônimo: *Pensamento do dia: Por que as pessoas deixam jornais nos trens?*

Mostro o comentário a Michael.

— Que pergunta *fantástica* — diz ele.

Não entendo por que é uma pergunta fantástica, por isso eu a apago, como fiz com a outra.

Não sei que horas são, mas está escurecendo. Voltamos ao Sol Moribundo. Mais à frente no penhasco fica a casa de Michael, brilhando contra o céu. O topo do penhasco realmente é o melhor lugar do mundo. O melhor lugar do universo.

Nós nos equilibramos na beirada, deixando o vento passar por nossas orelhas. Balanço minhas pernas e, depois de certa persuasão, ele também faz a mesma coisa.

— O sol está se pondo — diz ele.

— O sol também se levanta — falo, sem me conter.

Ele vira a cabeça como um robô.

— Diga de novo.

— O quê?

— Diga de novo.

— Dizer o quê?

— O que acabou de dizer.

Suspiro.

— *O sol também se levanta.*

— E quem, posso perguntar, escreveu essa preciosidade literária?

Suspiro de novo.

— Ernest Hemingway.

Ele começa a balançar a cabeça.

— Você odeia literatura. Odeia. Não consegue nem mesmo ler *Orgulho e preconceito*.

Eu não respondo.

— Cite outros três romances de Hemingway.

— É mesmo? Você vai mesmo me pedir para fazer isso?

Ele sorri.

Reviro os olhos.

— *Por quem os sinos dobram. O velho e o mar. Adeus às armas.*

Ele fica boquiaberto.

— Não li nenhum deles.

— Vou ter que testar você.

— Ai, meu Deus.

— Quem escreveu *A redoma de vidro*?

— ...

— Não finja que não sabe, Spring.

É a primeira vez que ele me chama só pelo sobrenome. Não sei bem o que isso diz sobre nosso relacionamento.

— Certo. Sylvia Plath.

— Quem escreveu *O apanhador no campo de centeio*?

— J. D. Salinger. Você está me dando os mais fáceis.

— Certo. Quem escreveu *O chamado*?

— Samuel Beckett.

— *Um teto todo seu*?

— Virginia Woolf.

Ele olha para mim de soslaio.

— *Os belos e malditos*.

Quero parar de responder, mas não consigo. Sou incapaz de mentir para ele.

— F. Scott Fitzgerald.

Ele balança a cabeça.

— Você sabe os nomes de todos os livros, mas não leu nenhum deles. É meio como se recusar a pegar uma única moeda numa chuva de dinheiro.

Sei que se eu insistisse em continuar lendo além das primeiras páginas, provavelmente gostaria de alguns livros, mas não insisto. Não consigo ler livros porque eu sei que nada daquilo é real. Sim, sou hipócrita. Os filmes não são de verdade, e eu os amo. Mas os livros... são diferentes. Quando você assiste a um filme, é meio alguém de fora olhando para dentro. Com um livro... você está bem ali. Você está ali dentro. É o personagem principal.

Um minuto depois, ele pergunta:

— Você já namorou alguém, Tori?

Dou risada.

— Claro que não.

— Não diga isso. Você é sexy pra caramba. Poderia ter um namorado com facilidade.

Não sou sexy pra caramba coisa nenhuma.

Começo a falar com sotaque.

— Sou uma mulher forte e independente que não depende de homem nenhum.

Isso faz Michael rir tanto que ele tem que rolar para o lado e esconder o rosto com as mãos, o que me faz rir também. Continuamos rindo histericamente até o sol se pôr quase por completo.

Quando nos acalmamos, Michael se deita na grama.

— Espero que você não se importe se eu disser, mas parece que a Becky não anda muito com você no colégio. Sei lá, se eu não soubesse, não teria como adivinhar que vocês eram melhores amigas. — Ele olha para mim. — Vocês não conversam muito.

Cruzo as pernas. Mais uma mudança repentina de assunto.

— É... ela... não sei. Talvez seja por isso que somos melhores amigas. Porque não precisamos mais conversar tanto. — Olho para ele deitado. O braço está sobre a testa, os cabelos espalhados no escuro e o resto da luz rodopiando em formatos caleidoscópicos no seu olho azul. Desvio o olhar. — Ela tem muito mais amigos do que eu, acho. Mas tudo bem. Não me incomodo. É compreensível. Sou bem chata. Sei lá, ela teria uma vida muito chata se passasse o tempo todo comigo.

— Você não é chata. É o oposto de chata.

Pausa.

— Acho que você é uma ótima amiga — diz.

Ele sorri para mim e me lembro da expressão dele no dia em que nos conhecemos; alegre, vibrante, com algo quase inalcançável.

— Becky tem muita sorte de ter alguém como você.

Eu não seria nada sem a Becky, acho. Apesar de as coisas estarem diferentes. Às vezes, choro pensando em quanto a amo.

— É o contrário — digo.

A maior parte das nuvens já se afastou. O céu está laranja no horizonte, levando a um azul-escuro acima das nossas cabeças. Parece um portal. Começo a pensar no filme do *Star Wars* a que assistimos mais cedo. Eu queria muito ser Jedi quando era criança. Meu sabre de luz seria verde.

— Eu deveria ir para casa — falo, por fim. — Não contei a meus pais que pretendia sair.

— Ah. Certo. — Nós dois nos levantamos. — Vou para casa com você.

— Não precisa fazer isso.

Mas ele faz, de qualquer modo.

DEZESSETE

QUANDO CHEGAMOS DO LADO DE FORA DE CASA, o céu está escuro e sem estrelas.

Michael se vira e me abraça. Isso me pega de surpresa, de um jeito que eu não tenho tempo para reagir, e meus braços ficam, de novo, presos nas laterais do meu corpo.

— Tive um dia muito bom — diz ele, me abraçando.

— Eu também tive.

Ele me solta.

— Você acha que somos amigos?

Hesito. Não consigo pensar no porquê. Hesito sem motivo.

Vou me arrepender do que digo em seguida quase na mesma hora em que as palavras saem da minha boca.

— É como se... se você quisesse muito ser meu amigo — digo.

Ele parece levemente envergonhado, parece quase se desculpar.

— É como se você estivesse fazendo isso sozinho — comento.

— Todas as amizades são egoístas. Talvez se fôssemos todos altruístas, deixaríamos uns aos outros em paz.

— Às vezes, isso é o melhor.

Essa frase o magoa. Eu não deveria ter dito. Estou afastando a felicidade temporária dele.

— É?

Não sei por que não posso dizer que somos amigos e pronto.

— O que é isso? Essa coisa toda. Conheci você, tipo... há duas semanas. Nada disso faz sentido. Não entendo por que você quer ser meu amigo.

— Foi o que você disse da última vez.

— Última vez?

— Por que está deixando tudo isso tão complicado? Não somos crianças de seis anos.

— Eu sou péssima em... eu sou... não sei.

Ele entorta os lábios para baixo.

— Não sei o que dizer — digo.

— Tudo bem. — Ele tira os óculos para limpá-los com a manga da blusa. Eu nunca o vi sem óculos antes. — Está tudo bem.

E então, quando volta a colocar os óculos, toda a tristeza se desfaz, e o que sobra por baixo é o Michael de verdade, o fogo, o garoto que patina, o garoto que me seguiu até um restaurante para me dizer algo sobre o qual ele não se lembrava, o garoto que não tem nada melhor a fazer a não ser me forçar a sair de casa e viver.

— Está na hora de eu desistir? — pergunta, e ele mesmo responde. — Não, não está.

— Você fala como se estivesse apaixonado por mim. Pelo amor de Deus.

— Não há motivo para eu não me apaixonar por você.

— Você deu a entender que era gay.

— Isso é subjetivo.

— E então?

— Se sou gay?

— Se está apaixonado por mim.

Ele pisca.

— *Isso é segredo*.

— Vou entender isso como um não.

— Claro que vai. Claro que vai entender isso como um não. Nem sequer teve que fazer a pergunta, não é?

Ele está me irritando. Muito.

— Meu Deus do céu! Sei que sou uma pessimista idiota, mas pare de agir como se eu fosse uma espécie de psicopata deprimida!

E, de repente — feito uma mudança de vento, um obstáculo na rua ou o momento em que você grita num filme de terror —, de repente, ele se torna uma pessoa bem diferente. Seu sorriso desaparece, e o azul e o verde dos olhos se intensificam. Ele cerra o punho e rosna, *rosna* para mim.

— Talvez você *seja mesmo uma psicopata deprimida*.

Paro, assustada, enjoada.

— Tudo bem.

Eu me viro,
entro em casa
e fecho a porta.

Charlie está na casa de Nick — quem diria? Vou ao quarto dele e me deito. Ele tem um mapa-múndi do lado da cama com certos lugares circulados. Praga. Quioto. Seattle. Também há várias fotos dele com Nick. Nick e Charlie na London Eye. Nick e Charlie num jogo de rúgbi. Nick e Charlie na praia. O quarto dele é muito organizado. Obsessivamente organizado. Tem cheiro de produto de limpeza. Olho para o livro que ele está lendo, ao lado do travesseiro dele. Chama-se *Abaixo de zero* e é de Bret Easton Ellis. Charlie já conversou comigo sobre ele, certa vez. Disse que gostava do livro porque é do tipo que faz você entender as pessoas um pouco melhor, e também disse que o ajudava a *me* entender um pouco melhor. Não acreditei muito nele, porque acho que os romances podem muito bem fazer lavagem cerebral nas pessoas, e parece que Bret Easton Ellis não é bem falado no Twitter.

No criado-mudo há uma gaveta onde ficavam todas as barras de chocolate organizadas, mas minha mãe as encontrou e jogou no lixo algumas semanas antes de Charlie ir para o hospital pela primeira vez. Agora, há muitos livros na gaveta. Muitos dos quais, claro, meu pai deu a ele. Fecho a gaveta.

Vou pegar meu laptop e o levo ao quarto de Charlie, e começo a navegar por alguns blogs.

Estraguei tudo, não é?

Estou brava por Michael ter dito aquilo. Detesto que ele tenha dito aquilo. Mas eu disse coisas idiotas também. Fico sentada pensando se Michael vai conversar comigo amanhã. Isso deve ser minha culpa. Tudo é minha culpa.

Fico imaginando o quanto Becky vai falar sobre Ben amanhã. Muito. Penso também com quem mais eu poderia ficar. Não tem ninguém. Penso que nunca mais quero sair dessa casa. Penso se tinha lição de casa a fazer este fim de semana. Penso na pessoa terrível que eu sou.

Coloco *Amélie* para assistir, que é o melhor filme estrangeiro da história do cinema. Na minha opinião, esse é um dos filmes *indie originais*. Acerta *em cheio* no romance. Dá para dizer que é de *verdade*. Não é tipo "ela é linda, ele é bonitão, os dois se odeiam, e então percebem que existe um outro lado dos dois, começam a gostar um do outro, declaração de amor, fim". O romance desse filme tem sentido. Não é falso, é crível. É *real*.

Desço a escada. Minha mãe está no computador. Digo boa-noite a ela, mas ela demora pelo menos vinte segundos para me ouvir, por isso subo a escada de novo com um copo de limonada diet.

DEZOITO

BECKY ESTÁ com Ben Hope na escola. Eles estão juntos. Estão juntos no salão e estão sorrindo muito. Depois que passo muitos minutos sentada em uma cadeira giratória, Becky enfim percebe que estou aqui.

— Oi!

Ela sorri para mim, mas o cumprimento parece forçado.

— Bom dia.

Becky e Ben também estão sentados, e Becky está com as pernas esticadas sobre o colo dele.

— Acho que nunca falei com você — diz Ben. Ele é tão atraente que eu me sinto mais do que esquisita. Detesto isso. — Qual é o seu nome?

— Tori Spring — respondo. — Estou na sua turma de matemática. E de inglês.

— Ah, sim, pensei que a tinha visto! — Acho que ele não tinha me visto. — Sim, sou o Ben.

— Sim.

Permanecemos sentados ali por um tempo, ele esperando que eu continue a conversa. Está claro que ele não me conhece bem.

— Espere. Tori *Spring*? — Ele semicerra os olhos para mim. — Você... é a irmã de *Charlie* Spring?

— Sou.

— Charlie Spring... que sai com Nick Nelson?

— Isso.

Instantaneamente, todos os rastros de simpatia desaparecem do rosto, deixando apenas um tipo de ansiedade sofrida. Por um momento, é quase como se ele estivesse esperando uma reação da minha parte. Mas logo passa.

— Legal. Sim, eu o vi no Truham.

Meneio a cabeça.

— Legal.

— Você conhecia Charlie Spring? — pergunta Becky.

Ben mexe nos botões da camisa.

— Não muito. Eu o via por aí, sabe? Mundo pequeno, né?

— Sim — digo, depois murmuro: — *Né*.

Becky está olhando para mim com uma expressão esquisita. Olho para ela, tentando lhe contar por telepatia que não quero estar aqui.

— Tori — diz Becky —, você fez o dever de casa de sociologia?

— Fiz. E você?

Ela sorri timidamente e olha de esguelha para Ben. Eles trocam um olhar brincalhão.

— Estávamos ocupados. — Ela ri.

Tento não pensar nas conotações da palavra "ocupados".

Evelyn está aqui o tempo todo, longe de nós, falando com algum aluno do segundo ano com quem eu não converso. Nesse momento, ela gira na cadeira, revira os olhos para Ben e Becky e diz:

— Ai, por que vocês dois são tão *adoráveis*?

Olho para ela. Seu penteado de hoje está bem peculiar, o que só enfatiza sua originalidade hipster. Ela está usando brincos grandes e as unhas estão pretas. Sei que a aparência não deveria importar, nem as roupas, e me esforço para não julgá-la, mas sou uma pessoa muito ruim, então fracasso feio.

Procuro na bolsa, encontro meu dever de casa e o entrego a Becky.

— Devolva na aula de sociologia — digo.

— *Ah*. — Ela pega a folha de papel. — Você é *incrível*. Obrigada, querida.

Becky nunca me chamou de "querida" em toda a minha vida. Ela já me chamou de "cara". Já me chamou de "chapa". Já me chamou de "meu" cem bilhões de vezes. Mas nunca, nunca me chamou de "querida".

O sinal toca e saio sem me despedir.

Lucas se aproxima de mim no intervalo enquanto estou arrumando meus livros no armário. Ele tenta dar início a uma conversa e, para ser sincera, só porque sinto muita pena dele na maior parte do tempo, me esforço muito para ouvi-lo. Mas "me esforço muito" quer dizer que eu só não o ignoro. Sinto que os cabelos dele cresceram desde sexta.

Conversamos sobre a festa de Becky.

— Sim, fui para casa meio cedo — diz ele. — Você meio que desapareceu do nada.

Fico me perguntando se ele me viu com Michael.

— Pois é — respondo, olhando depressa para ele com uma das mãos na porta do armário. — Hum... eu também fui para casa.

Ele meneia a cabeça para mim e enfia as mãos nos bolsos da calça. Mas percebo. Percebo que ele sabe que eu não fui para casa. Há um silêncio breve, e ele segue em frente depressa.

— Não sei se ela gostou do meu presente — comenta ele, dando de ombros. Em seguida, olha para mim. — Sempre fui muito bom em comprar presentes para *você*.

Concordo balançando a cabeça. É verdade.

— Sim, verdade.

— Cinco de abril, né?

Ele se lembra do dia do meu aniversário.

Eu me viro, demorando mais do que preciso para pegar meus livros de matemática.

— Bem lembrado.

Mais uma pausa esquisita.

— O meu é em outubro — diz ele. Então, ele já tem dezessete. — Pensei que você pudesse não se lembrar.

— Não sou muito boa em lembrar as coisas.

— Sim. Não, tudo bem.

Ele ri. Começo a me sentir meio tonta. Quando os alunos enfim saem para a terceira aula, o alívio quase me faz desmaiar.

Na quarta aula, Solitaire aparece de novo.

O único site que os computadores do colégio acessam é o blog do Solitaire, que no momento está mostrando uma foto grande de Jake Gyllenhaal sem camisa, embaixo das seguintes palavras:

Pessoal do Solitaire,

Chegamos aos 2 mil seguidores. Sua recompensa é a destruição de todas as aulas de TI de hoje no Higgs, à la Gyllenhaal. Para aqueles de vocês que não frequentam o Higgs, temos certeza de que gostarão de Gyllenhaal mesmo assim.

Paciência Mata

Os professores estão praticamente arrancando os alunos das salas de informática, e todas as aulas de TI são canceladas até segunda ordem. Eu admiro o Solitaire por seus esforços.

Kent decidiu avançar um pouco com as coisas, e não o critico por isso. No começo do almoço, me vejo entrando na sala do ensino médio para fazer uma "entrevista de aluno", que é um termo dos professores para "interrogatório". Kent está ali sentado à frente do computador e Strasser também, piscando animada. Eu me sento em uma cadeira. Na parede em frente há um pôster no qual se lê "CONVERSAR É BOM". Isso não faz o menor sentido.

— Não vamos segurá-la aqui por muito tempo — diz ela. — Aqui é seguro. O que você disser aqui dentro permanecerá em segredo.

Kent lança um olhar esquisito a Strasser.

— Só queremos saber se você viu ou ouviu algo que possa nos ajudar — diz ele.

— Não — respondo, apesar de haver mensagens, e a invasão da C13, e a reunião. — Sinto muito. Nada.

Sei que isso é mentira. E não sei por que menti. Só sinto que se disser algo a respeito do que vi e ouvi, isso vai me *envolver*. E eu não gosto de estar *envolvida*.

— Tudo bem — diz Kent. — Fique atenta. Sei que você não é monitora, mas... você sabe como é.

Afirmo balançando a cabeça e me levanto para sair.

— Tori — chama Kent. Eu me viro. Ele lança um olhar para mim. Um olhar diferente. Mas então passa. — Fique atenta. As coisas não podem piorar.

Estou navegando por um blog no salão depois do almoço quando Nosso Grupo entra e se senta a uma mesa, vindo do refeitório. Hoje, vejo Becky, Lauren e Rita. Nada de Lucas nem de Evelyn. Eu me esqueci de preparar meu almoço e estou sem dinheiro, mas, para ser sincera, estou meio enjoada só de pensar em comida. Becky me vê perto dos computadores e se aproxima. Saio do blog e abro um trabalho de inglês que não terminei.

— Por que está aqui sozinha?

— Não fiz aquele trabalho de inglês ainda.

— Que trabalho de inglês? Pensei que tivéssemos outro dever de casa.

— O miniensaio. Os protagonistas de *Orgulho e preconceito*. É para amanhã.

— Ah. É, não vai rolar de jeito nenhum. Comecei a perceber que prefiro viver a fazer trabalhos.

Meneio a cabeça como se entendesse.

— É justo.

— Você viu minha atualização no Facebook?

— Vi.

Ela suspira e leva as mãos ao rosto.

— Estou muito feliz! Nem acredito! Ele é o cara mais maneiro que já conheci.

Concordo e sorrio.

— Estou muito feliz por você! — Não paro de assentir e sorrir. Estou como aquele buldogue da Seguradora Churchill. *Isso*.

— No sábado, enviei uma mensagem de texto a ele, tipo... você estava falando sério sobre todas as coisas que disse na festa, ou estava só afetado pelo álcool, e ele disse que estava falando sério a respeito de tudo, que gosta muito de mim.

— Que bonitinho!

— Eu gosto muito dele também.

— Que bom!

Ela pega o telefone e percorre a lista de contatos, então o balança e ri.

— Há muito tempo não me sinto tão feliz!

Mantenho as mãos unidas no colo.

— Estou muito feliz por você, Becky!

— Hehehehe, obrigada.

Permanecemos em silêncio por alguns segundos. Apenas sorrimos.

— O que você fez no fim de semana? — pergunta ela, por obrigação.

Passo a mão pelos cabelos. Uma mecha tinha caído para o lado errado.

— Nada. Você me conhece.

Ela continua olhando nos meus olhos.

— Acho que você poderia ser muito mais extrovertida do que é. Tipo... você não se esforça. Se tentasse, poderia encontrar um namorado rapidinho.

— Não preciso de namorado — digo.

Depois de um tempo, os alunos vão para a aula. Terminei e imprimi aquele trabalho. Todo mundo segue para os seus grupos, menos eu. Começo a caminhar para a minha sala, mas quando viro à direita, Michael passa por mim e, ao vê-lo, sinto vontade de começar a dar chutes e socos nas coisas. Ele para e pergunta:

— Aonde você vai?

Mas eu caminho, passo pelo portão da escola e continuo andando. Não tem quase ninguém na nossa cidade moribunda e estamos com temperaturas congelantes, mas deixei meu casaco no colégio, e quando finalmente chego em casa, estou sozinha, então vou para a cama e durmo até minha mãe me acordar para jantar, sem ter a menor ideia de que fugi da escola.

Naquela tarde, Charlie tem um horário com o psiquiatra no hospital, e todos decidimos ir — minha mãe, meu pai e eu —, por isso deixamos Oliver em casa com Nick de babá. Meus pais vão a uma reunião primeiro, e deixam Charlie e eu na sala de espera. É a primeira vez que estou no hospital desde

que Charlie foi internado ano passado, e ainda é assustadoramente otimista. Na parede tem um quadro grande de um arco-íris e do sol com uma carinha sorridente.

A ala dos adolescentes tem pacientes com todos os tipos de doenças mentais. Neste momento, na mesma sala em que estamos, há uma garota anoréxica lendo *Jogos vorazes,* e a ironia disso tudo é cruel demais para que eu caia na risada. Tem um garoto mais jovem, de uns treze anos, assistindo *Shrek* e rindo feito um louco de tudo o que o Burro diz.

Charlie não conversa comigo desde sexta-feira. Mas também não conversei com ele. Depois de vários minutos, ele quebra nosso silêncio.

— Por que não estamos conversando? — Ele está usando uma camisa xadrez larga e calça jeans. Seus olhos estão escuros e inexpressivos.

— Não sei. — É tudo o que digo.

— Você está brava comigo.

— Não estou, não.

— Deveria estar.

Cruzo as pernas no sofá.

— Não é sua culpa.

— De quem é, então? — Ele se apoia em uma das mãos. — Quem é responsável por isso?

— *Ninguém* — digo. — Merdas acontecem. Merdas acontecem com pessoas erradas. Você sabe disso.

Ele olha para mim por muito tempo, com a cabeça um pouco abaixada. Está segurando as mangas da camisa, por isso não vejo os punhos.

— O que você esteve aprontando? — pergunta ele.

Penso antes de dizer.

— Passei o fim de semana todo com Michael Holden.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Não nesse sentido — falo.

— Eu não disse nada.

— Mas estava pensando.

— Por que passou o fim de semana todo com ele? Vocês são amigos? — Os olhos dele brilham. — Eu não pensei que você tinha feito isso.

Fecho a cara.

— Ele me disse que eu era uma "psicopata deprimida". Acho que ele não...

A máquina de água borbulha. As janelas estão entreabertas e o vento está esvoaçando as cortinas dos anos 1980. Charlie olha para mim.

— O que mais está acontecendo? — pergunta. — Não conversamos direito há muito tempo.

Relaciono os acontecimentos.

— Becky está saindo com Ben Hope. Ela fala sobre ele o tempo todo. Não converso com papai nem com mamãe direito desde sábado. Não tenho dormido muito. E... Michael.

Charlie assente.

— Muita coisa.

— Eu sei. Uma série de problemas de Primeiro Mundo.

No corredor fora da sala de visitas, o alarme de emergência começa a tocar, indicando que em algum lugar no prédio um paciente precisa ser controlado. Observo pelas cortinas quando uma garota passa correndo, gritando, e acaba sendo perseguida e pega por três assistentes grandalhões. É quase cômico. Charlie nem pisca.

— Espere — disse ele. — Você disse que Becky está saindo com *Ben Hope*?

— Sim.

— Ben Hope que estudava no Truham?

— Por quê? Você o conhece?

A pergunta quase parece assustá-lo. Depois de uma breve pausa, ele diz:

— Sim, éramos amigos. Mas não somos mais.

— Sei.

— Não vou ao colégio amanhã também.

— Sério?

— Sério. Mamãe e papai estão me obrigando. Eles estão levando isso meio longe demais.

Dou risada.

— Encontrei você coberto de sangue na cozinha, idiota.

Ele se recosta.

— Bom, sou ou não sou uma bela rainha dramática?

— Você quer que eu pegue o ônibus com você na quarta?

Costumo ir andando à escola, e Charlie vai de ônibus. Odeio pegar ônibus.

A expressão dele fica mais leve e Charlie sorri.

— Quero, obrigado. — Ele se ajeita no sofá, de modo que seu corpo fica de frente para mim. — Acho que você deveria dar uma chance ao Michael.

Uma chance?

— Sei que Nick e eu dissemos que ele é esquisito, e ele *é* esquisito, e sei que você acha que é mais fácil ficar sozinha, mas cada minuto que você passa pensando no que não está fazendo é outro minuto em que você se esquece de como conviver com os outros.

— Eu não...

— Michael é legal. Ele provou isso. Não entendo por que você não aceita coisas assim. Se não puder aceitar as coisas que não entende, vai passar a vida questionando tudo. Assim, você vai ter que viver a vida na sua própria cabeça.

Somos interrompidos por uma enfermeira que entra na sala e pede para Charlie ir à reunião com nossos pais. Ele se levanta, mas não se afasta. Olha para mim.

— Isso é ruim? — pergunto.

Ele pisca lentamente, olhando de relance para a anoréxica que está lendo *Jogos vorazes*.

— Victoria, é assim que uma pessoa acaba vindo parar num lugar como este.

DEZENOVE

O ALARME DE INCÊNDIO TOCA na quinta aula do dia seguinte. Eu tinha acabado de me sentar no salão, ouvindo "Fix You", do Coldplay, no iPod sem parar (patético, eu sei), quando a sirene começou a tocar. Estamos no meio do mato congelante do campo do colégio, em fila com nossos grupos.

Ouço pelo menos três pessoas comentando sobre um incêndio no escritório de Kent, mas por ter passado mais de cinco anos numa escola só de meninas, aprendi a não confiar em nada do que dizem.

Ninguém que eu conheça de verdade está no meu grupo, por isso estremeço e olho ao redor. Vejo Michael em um grupo a algumas fileiras de mim, meio deslocado entre os alunos do terceiro ano. Ele parece meio deslocado em qualquer lugar.

Começo a me perguntar se meu acesso no domingo é o motivo pelo qual ele não me ligou nem me procurou na escola. Fico tentando imaginar se ele ainda vai querer ser meu amigo. Talvez eu devesse ouvir o Charlie. Se ele acha que Michael é legal, deve ser, e eu deveria dar uma chance a ele. Não que isso importe, porque eu recusei sua sugestão, de qualquer modo. Ele não vai me dar outra chance. Tudo bem. Beleza. Não quero ir àquela reunião do Solitaire nesse sábado, então pelo menos escapei dessa.

Fico olhando para ele porque alguma coisa não está certa.

Com os olhos semicerrados, ele está olhando para um livro sem ler, e seu rosto está tão congelado que *eu* fico tensa. Na verdade, quase acho que ele está prestes a chorar. Não vejo o nome do livro, mas é muito grosso e está quase no fim. Além disso, a gravata dele não está feita — ele a enrolou no pescoço tipo um cachecol — e seus cabelos não estão repartidos como sempre. Queria saber o que ele está lendo. Sei que não gosto de livros, mas

sempre dá para saber o que alguém está pensando ao observar o que está lendo.

Um pouco mais adiante, Lucas caminha em direção ao campo com Evelyn e um cara desconhecido com cabelos compridos, parte do último grupo a chegar. Lucas parece igualmente triste. Começo a sentir que todo mundo está triste. Tudo está triste. Tudo triste.

Fico me perguntando se Lucas é o namorado secreto da Evelyn. É possível que seja.

Não quero mais pensar em Lucas nem em Michael. Pego meu celular e acesso o blog do Solitaire. Pelo menos posso dar mais uma olhada em Jake Gyllenhaal. Ele é um ser humano lindo.

Mas tem um post novo que superou Jake. É uma foto de uma mão, talvez a de uma garota, mas pode ser de um garoto, com o indicador esticado, prestes a quebrar o vidro de um botão do alarme de incêndio de uma escola. Embaixo, está escrito:

OUSO
PERTURBAR O UNIVERSO?

Olho para a foto por muito tempo e começo a me sentir um pouco claustrofóbica. Aquela pergunta, aquelas duas linhas de poesia, ficam brilhando na minha mente como se estivessem se dirigindo a mim. Fico tentando entender como sequer *sei* que essas duas linhas são de um poema, porque acho que nunca vi um poema que não fizesse parte de um trabalho de escola. Eu me pergunto se deveria indagar a Michael, porque ele provavelmente saberia de qual poema era, mas então lembro que ele acha que sou uma psicopata depressiva. E termina aí.

VINTE

CHEGO EM CASA. Tudo acontece normalmente. Digo oi a Nick e a Charlie. Ligo meu laptop. Coloco um filme para assistir. E aí faço algo esquisito.

Ligo para o Michael.

16:49
Chamando

M: Alô?

T: Oi, é a Tori.

M: Tori? Sério? Você me ligou *de novo*? Duas vezes em quinze dias. Você não me passa a impressão de ser alguém que gosta de dar telefonemas.

T: Pode acreditar, não sou.

M:

T: Eu reagi de modo exagerado. Sou eu quem tem que pedir desculpa. Liguei para me desculpar.

M:

T:

M: Também peço desculpa. Não acho que você seja uma psicopata.

T: Não? É uma suposição válida.

M: Nem sei por que precisamos nos desculpar. Nem me lembro sobre o que estamos discutindo. Não acho que *discutimos*.

T: Está em negação?

M: Você está?

T: O que quer dizer?

M: Sei lá.

T: Me desculpe por ter reagido mal.

M:

T: Quero ser sua amiga. Pode... podemos...

M: Já somos amigos, Tori. Não precisa pedir. Já somos amigos.

T:

M: Charlie está bem?

T: Ele está bem.

M: Você está bem?

T: Estou bem.

M:

T:

M: Sei que Becky e Ben andam bem juntinhos.

T: Ah, sim, eles estão praticamente grudados. Ela está bem feliz.

M: Você está feliz?

T: O quê?

M: Você está feliz?

T: Sim, estou feliz por ela. Estou feliz por ela. É minha melhor amiga. Estou bem feliz por ela.

M: Não foi o que perguntei.

T: Não entendi.

M:

T:

M: Você vai à reunião do Solitaire comigo no sábado?

T:

M: Não quero ir sozinho.

T: Vou.

M: Você vai?

T: Sim.

M:

T: Por que estou ouvindo o sopro do vento? Onde você *está*?

M: No rinque.

T: No rinque de *patinação*?

M: Tem algum outro rinque?

T: Você está ao telefone e patinando ao mesmo tempo.

M: Os homens são bons em executar várias tarefas, sabe? Onde você está?

T: Em casa, claro.

M: Que fracassada.

T: Que música é essa que está tocando?

M:

T: É música de filme, não é?

M: É?

T: É do *Gladiador*. Chama-se "Now We Are Free".

M:

T:

M: Seu conhecimento acerca de filmes é mágico.

T: Mágico?

M: Você é mágica, Tori.

T: É você quem sabe patinar. É a coisa mais próxima de voar que um ser humano consegue fazer sem um veículo.

M:

T: Você pode voar, Michael.

M:

T: O que foi?

M: Posso voar.

T: Você pode voar.

M: Ninguém nunca...

T:

M: Preferiria encontrar você em Hogwarts, então.

T: Ou na Terra do Nunca.

M: Ou nos dois.

T: Ou nos dois.

VINTE E UM

FICAR SENTADA ao lado de Charlie numa manhã de quarta-feira me acalma. Tenho muitas mensagens não lidas no blog, mas não quero lê-las. Está muito, muito ensolarado hoje. Encontramos Nick fora do Truham. Ele dá um beijo rápido em Charlie, e os dois começam a conversar, rindo. Observo quando ele e Charlie entram e sobem o caminho até o Higgs.

Estou meio que me sentindo bem porque Michael e eu estamos bem. Não sei por que exagerei tanto aquele dia. Não, mentira. Eu sei por quê. É porque sou uma idiota.

O sr. Compton, meu professor de matemática imbecil e incompreensível, decide, por somente uma aula, que precisamos formar pares com pessoas com quem não nos sentamos. E é assim que acabo me sentando ao lado de Ben Hope na aula de matemática do primeiro horário. Trocamos cumprimentos e ficamos em silêncio enquanto Compton começa a explicar a regra do trapézio do modo mais complicado que se pode imaginar. Ben não tem estojo. Ele tem uma caneta e uma régua pequena que leva no bolso da camisa. Também se esqueceu de levar o livro. Tenho a sensação de que pode ter sido de propósito.

No meio da aula, Compton sai para tirar cópia de algumas folhas e passa um tempo fora. Para minha surpresa, Ben decide que precisa conversar comigo.

— Ei — diz ele. — Como está o Charlie?

Viro a cabeça devagar para a esquerda. Surpreendentemente, ele parece mesmo preocupado.

— Hum... — Verdade? Mentira? — Nada mal.

Ben assente.

— Sim. Certo.

— Charlie disse que vocês eram amigos, ou coisa assim.

Ele arregala os olhos.

— Hum, sim. Acho que sim. Mas sabe como é. Tipo, pois é. Todo mundo conhece o Charlie. Sabe?

Sim. Todo mundo conhece. Ninguém fica longe do colégio por três meses sem que todo mundo descubra o motivo.

— Sei.

O silêncio entre nós volta. Os outros alunos estão conversando e já está quase no fim da aula. Será que Compton foi comido pela fotocopiadora?

De repente, eu me vejo falando. Falando *primeiro*. Isso é bem raro.

— Todo mundo adora o Charlie no Truham — digo. — Não adora?

Ben começa a bater a caneta na mesa. Um sorriso estranhamente nervoso aparece no rosto dele.

— Bom, eu não diria *todo mundo*. — Ele engole em seco. Fecho a cara para Ben, que logo diz: — Não, quero dizer, ninguém pode ser amado por *todo*s*,* não é?

Pigarreio.

— Acho que não.

— Não o conheço mais, na verdade — diz ele.

— Sim, entendo.

Normalmente, pessoas como Charlie, pessoas boas, são esquecidas. Normalmente, as pessoas populares são as mais falantes e engraçadas, têm opiniões, usam roupas diferentes, abrem sorrisões e abraçam apertado. As pessoas boas são vulneráveis porque não sabem ser más. Não sabem como se colocar no alto. E seria de se pensar que alguém como Nick estaria acima no Truham — falante, atraente, líder da turma, jogador de rúgbi. Mas não. É o Charlie.

O que estou tentando dizer é que Charlie é uma boa pessoa e, apesar de tudo o que acabei de explicar, todo mundo gosta dele. E eu acho que isso é um milagre da modernidade.

VINTE E DOIS

ALMOÇO. SALÃO. Estou olhando para o meu reflexo em uma tela de computador manchada, com as mãos na cabeça. Não porque estou especialmente estressada nem nada — estou numa posição confortável, bem confortável.

— Oi — diz Lucas, sorrindo e sentado na cadeira ao meu lado. Olho para ele. Não parece tão envergonhado hoje, o que é um progresso colossal.

— Por que tão feliz? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Por que não?

Reviro os olhos, fingindo sarcasmo.

— Não gosto da sua atitude.

Ele olha para mim por um minuto. Pego o celular e abro o feed do meu blog.

Então, ele diz:

— Ei, hum, o que vai fazer no sábado?

— Hum, nada, acho.

— Você... deveríamos fazer algo.

— ... deveríamos?

— Sim. — Ele é quem está envergonhado. — Bem, se quiser.

— Tipo o quê?

Ele balança a cabeça, negando.

— Não sei. Só... ficar em algum lugar.

Eu me forço a pensar com muito cuidado a respeito. Poderia tentar. Para variar. Poderia tentar ser um ser humano bom.

— Ah, hum, eu disse que faria uma coisa à noite. Mas estou livre durante o dia.

Ele se anima.

— Ótimo! O que você quer fazer?

— Não sei. Foi ideia sua.

— Ah, sim... bem, você poderia ir à minha casa, se quiser. Só para assistir a filmes...

— Evelyn está bem com isso?

Sim. Cheguei lá.

— Hum... — Ele meio que dá risada, como se eu estivesse brincando. — Oi?

— Evelyn. — Minha voz começa a falhar. — Você não é... você e Evelyn...?

— Hum... estamos... não...

— Certo. Bem. Legal. Só para saber.

— Do que vocês estão falando? — Becky nos chama. Nós dois giramos na cadeira. — Parece que você está falando sobre algo interessante. Quero fofocar. *Diga*.

Pouso as pernas no colo de Lucas porque não estou nem aí para ser reservada.

— Obviamente estamos flertando. Minha nossa, Becky.

Por um segundo, Becky acha que estou falando sério. É um momento triunfante.

Mais tarde, passo por Michael no corredor. Ele para e aponta para mim.

— Você.

— Eu.

Rapidamente passamos a conversar numa escada.

— Está livre no sábado? — pergunta. Ele está segurando uma das suas canecas idiotas de chá de novo. Até deixou cair um pouco na camisa branca.

Estou prestes a dizer que sim, mas então me lembro.

— Hum... não. Eu disse que Lucas e eu faríamos algo. Foi mal.

— Ah, tranquilo. — Ele beberica o chá. — Vocês não podem faltar a reunião do Solitaire de qualquer modo.

— Ah.

— Você esqueceu?

— Não. Todo mundo está falando sobre isso.

— Acho que sim.

Nós nos entreolhamos.

— Eu *tenho* que ir? — pergunto. — Você sabe que eu não dou a mínima para o Solitaire.

— Sei — retruca ele, o que quer dizer sim, eu tenho que ir.

A horda de garotas de outros anos subindo a escada atrás de nós está diminuindo aos poucos. Preciso ir para a aula de inglês.

— De qualquer modo — diz ele. — Sim. Me encontre no sábado à noite. Quando você e Lucas terminarem... de se afagar. — Ele ergue e abaixa as sobrancelhas.

Lentamente, balanço a cabeça.

— Acho que nunca ouvi ninguém dizer essa palavra na vida real.

— Bom... — diz ele. — Fico feliz por ter tornado seu dia um pouco mais especial.

VINTE E TRÊS

QUANDO ERA MAIS JOVEM, todos os dias depois da aula eu descia a rua e encontrava o Charlie na frente do Truham. Então, seguíamos para casa de ônibus ou a pé. Apesar de ser um trajeto de ônibus de apenas dez minutos, eu tinha que aumentar o volume do meu iPod quase no máximo. Sabia que estaria surda aos vinte anos, mas se eu tivesse que ouvir aquelas crianças todo santo dia, acreditava que não chegaria aos vinte. Acho que nem aos dezessete.

Ainda assim, apesar do meu boicote de dois anos ao ônibus, comecei a pegá-lo de novo na quarta-feira para fazer companhia a Charlie, e não tem sido tão ruim até aqui. Tivemos uma boa oportunidade de falar sobre as coisas. Gosto de conversar com o Charlie.

Bem, hoje é sexta, e o Michael decidiu que vai para casa comigo. Isso é legal, para dizer a verdade.

Nick está à minha espera na frente do Truham. Ele sempre fica particularmente lindo de gravata e blazer. A palavra "RÚGBI" costurada acima do brasão da escola reflete um pouco de luz do sol. Está usando óculos escuros. Ray-Bans. Ele vê quando Michael e eu nos aproximamos.

— Certo. — Nick assente, com as mãos nos bolsos, bolsa da Adidas atravessada no peito.

— Certo — repito.

Nick observa Michael.

— Michael Holden — diz ele.

Michael está com as mãos nas costas.

— Você é Nick Nelson.

Vejo a incerteza inicial de Nick passar com a reação estranhamente normal de Michael.

— Sim, pois é, eu me lembro de você. Do Truham. Você tem má fama, cara.

— Sim, pois é. Sou incrível.

— Radical.

Michael sorri.

— *Nicholas Nelson*. Você tem um nome excelente.

Nick ri daquela maneira calorosa dele, quase como se ele e Michael fossem amigos há anos.

— Pois é. Não tenho?

Grupos de alunos do Truham passam por nós, correndo por motivos inexplicáveis, enquanto o trânsito se mantém. Um grupo de alunas do nono ano do Higgs se aconchega de um grupo de garotos do nono ano do Truham contra o portal a vários metros de nós. Há pelo menos três casais no grupo. Deus.

Coço a testa, agitada.

— Onde está o Charlie?

Nick ergue a sobrancelha e se vira na direção do Truham.

— Ele é o único cara da turma que se importa com Clássicos, então provavelmente foi levado para uma longa conversa com o Rogers sobre, sei lá... provérbios gregos ou algo assim...

— Toriiiii!

Eu me viro. Becky está contornando os carros e saltitando na minha direção, com os cabelos roxos esvoaçados atrás dela.

Quando chega, ela diz:

— Ben disse que tinha que ir ao Truham para pegar algo do ano passado, um livro ou coisa assim, então vou esperar com vocês. Não quero ficar sozinha feito uma boba.

Sorrio. Está começando a ficar muito difícil fazer isso perto de Becky, às vezes, mas faço um esforço e forço um sorriso.

Michael e Nick estão olhando para ela com expressões vazias que não entendo.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Esperando Charlie — digo.

— Ah, sim.

— Devemos entrar para encontrá-lo? — sugere Nick. — Ele está sendo muito lento.

Mas nenhum de nós se move.

— Parece que estamos em *Esperando Godot* — murmura Michael.

Ouvi falar da peça, mas não faço a menor ideia do que ele está falando.

E, como se as coisas não pudessem ficar mais esquisitas, Lucas aparece do nada.

Nick ergue os braços.

— Lucas! Cara!

Os dois se abraçam com um abraço de homens, mas Lucas parece bobo. Eles começam a trocar gentilezas e os dois usam as palavras "cara" e "amigo" vezes demais, e Michael acaba resmungando "Ai, meu *Deus*" alto demais. Felizmente, parece que Lucas e Nick não ouvem. Eu dou um risadinha.

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunta Lucas, fingindo não ver Michael.

— Esperando Charlie — diz Nick.

— Esperando Ben — replica Becky.

— Por que não vão à procura deles? Preciso entrar para pegar meu livro de artes.

— É o que Ben está fazendo — diz Becky.

Quando Ben volta a ser mencionado, Nick parece franzir a testa para Becky. Mas pode ser que eu esteja apenas imaginando.

— Bem, então vamos — chama ele e empurra os óculos nariz acima.

— Não podemos — sussurra Michael, transbordando sarcasmo, tão baixo que só eu ouço. — *Por que não*? Estamos esperando Charlie. *Ah*.

Ele pode estar citando uma frase, mas não ouvi nem vi nada sobre *Esperando Godot*, por isso não entendo.

Nick se vira na hora e entra no colégio. Becky logo vai atrás. E depois todos nós.

Eu me lembro na mesma hora do motivo pelo qual escolhi não estudar nesse colégio. Os garotos que passam por nós são mais do que desconhecidos. Eu me sinto presa. Quando entramos no prédio principal, as

paredes parecem estar cada vez mais altas e as luzes estão baixas e piscando; vejo num breve flashback a nuca de Michael me levando em direção às provas de matemática nível avançado do Truham no ano passado. De vez em quando, passamos por radiadores antigos e enferrujados; nenhum deles parece estar emitindo calor. Começo a tremer.

— Meu Deus, parece um hospício abandonado, não é? — Michael está à esquerda. — Eu tinha esquecido como as coisas são aqui. É como se elas tivessem sido construídas com sofrimento.

Passamos pelos corredores que parecem se materializar à frente dos nossos pés. Michael começa a assoviar. Os garotos do Truham lançam olhares engraçados na nossa direção, principalmente para Michael. Um grupo de garotos mais velhos grita:

— Oi! Michael Holden! *Babaca!*

E Michael se vira e ergue os dois polegares em sinal de positivo na direção deles. Passamos por portas duplas e nos encontramos em um labirinto grande de armários, nada diferente do nosso vestiário do Higgs. A princípio, parece vazio. Até ouvirmos uma voz.

— Que *porra* você disse a eles?

Nós cinco paramos.

A voz continua.

— Porque não me lembro de ter dito que você poderia espalhar *mentiras* a respeito de mim para a retardada da sua irmã.

Quem mais está ali murmura algo inaudível. Já sei quem é. Acho que todo mundo já sabe quem é.

Vejo a cara de Becky. Não vejo essa expressão no rosto dela há muito tempo.

— *Não* me faça *rir*. Aposto que você mal podia esperar para sair correndo para contar a alguém. Todo mundo sabe que você é um idiota que gosta de atenção. Todo mundo sabe que você está fazendo isso para chamar atenção. E está contando mentiras a respeito de nós para sua irmã para ela poder espalhar a merda toda? Você acha que é muito melhor do que todo mundo porque não come, e agora voltou a estudar e, apesar de você nem ter *olhado*

para mim desde que começou a andar com aquele cara do rúgbi, acha que pode espalhar merda a meu respeito que nem é verdade, porra.

— Não sei o que você acha que ouviu — diz Charlie, mais alto —, mas eu literalmente não contei a *ninguém*. De qualquer modo, não acredito que você ainda esteja *com medo* de as pessoas descobrirem.

Uma batida e um baque são ouvidos. Começo a correr em direção às vozes até perceber o que estou fazendo e encontrar Charlie encolhido no chão num canto do armário. Ben Hope está irado, batendo no rosto de Charlie, e tem sangue, e Nick acerta Ben na lateral do corpo e os dois caem no corredor e batem na parede, e estou ajoelhada ao lado de Charlie e levando minhas mãos ao rosto dele, sem ousar tocá-lo, mas os olhos dele mal estão abertos, e acho que estou tremendo e tudo parece algo que não sei e Nick está gritando "VOU MATAR VOCÊ!" várias e várias vezes; depois Michael e Lucas arrastam Nick para longe e eu ainda estou meio ali, sentada com meu irmão, com as mãos trêmulas, arrependida por ter acordado hoje, ontem, antes...

— Esse imbecil merece isso! — grita Ben, ofegante. — Ele é um mentiroso imbecil!

— Ele não disse nada para mim — digo, calma no começo. E começo a gritar. — ELE NÃO DISSE NADA PARA MIM!

Todo mundo fica em silêncio. Ben está ofegante. O que eu considerava atraente nele morreu e foi cremado.

Michael se ajoelha comigo, deixando Nick aos cuidados de Lucas. Ele estala os dedos levemente ao lado da orelha de Charlie. Charlie se remexe e seus olhos se abrem.

— Você sabe meu nome? — pergunta Michael, que não é mais Michael, mas alguém bem diferente, alguém sério, um sabe-tudo.

Depois de uma pausa, Charlie responde:

— Michael Holden. — Então, sorri feito um louco. — Holden... engraçado...

Algo muda em Nick e em um único movimento rápido, ele está no chão com a gente. Segura Charlie nos braços.

— Precisamos levá-lo ao hospital? O que está doendo?

Charlie ergue a mão, passa um dedo no rosto dele e abaixa a mão.

— Eu acho... que estou bem.

— Talvez ele tenha batido a cabeça — diz Nick.

— Não quero ir ao hospital — afirma Charlie. Seus olhos ficam fixos.

Olho ao redor. Becky parece ter desaparecido e Ben está se esforçando para ficar de pé, e Lucas parece não saber o que fazer consigo mesmo.

Charlie se levanta surpreendentemente depressa. Limpa uma mancha de sangue. Ele ficará com hematomas, mas pelo menos o nariz ainda está reto. Ele olha para Ben. Ben olha para trás e é quando vejo nos olhos de Ben.

Medo.

— Não vou contar — diz Charlie —, porque *não* sou um idiota feito você. — Ben zomba dele, mas Charlie ignora. — Mas acho que você deve pelo menos tentar ser honesto consigo mesmo, ainda que não possa ser honesto com as outras pessoas. Só é triste, sabe?

— Saia de perto de mim — resmunga Ben, mas a voz dele falha, como se estivesse à beira das lágrimas. — Suma com seu namorado, pelo amor de Deus.

Nick quase ataca pela segunda vez, mas vejo seu esforço para se controlar.

Ben olha nos meus olhos quando saímos. Olho para ele e sua expressão muda, passando do ódio para o que eu espero que seja arrependimento. Duvido. Sinto vontade de vomitar. Tento pensar em algo a dizer para ele, mas nada resume o que quero dizer. Espero que ele esteja com vontade de morrer.

Alguém segura meu braço e viro a cabeça.

— Vamos, Tori — diz Lucas.

Então, eu vou.

Enquanto saímos, Lucas com uma das mãos nas minhas costas, Nick e Michael apoiando Charlie, que ainda está um pouco trêmulo, passamos por Becky, que, por algum motivo, foi até o final de um corredor de armários. Nós nos olhamos. Sei que ela vai terminar com Ben. Ela tem que terminar com Ben. Deve ter ouvido alguma coisa. Ela é minha melhor amiga. Charlie é meu irmão.

Não entendo o que aconteceu.

— Deveríamos sentir pena de Ben? — pergunta alguém, talvez Michael.
— Por que não existem pessoas felizes? — indaga outra pessoa, talvez eu.

VINTE E QUATRO

ALGUÉM LIGA PARA O MEU CELULAR às 9:04, mas estou na cama e meu telefone está meio longe, por isso deixo que toque. Às 9:15, alguém liga no telefone fixo e Charlie entra no meu quarto, mas mantenho os olhos fechados e finjo que ainda estou dormindo, e ele vai embora. Minha cama sussurra para mim, para que eu fique. Minhas cortinas bloqueiam a luz do dia.

Às 14:34, meu pai abre a porta, ofegante e murmurando, e de repente me sinto enjoada. Cinco minutos depois, desço a escada e me sento no sofá da sala de estar.

Minha mãe entra para passar roupa.

— Você vai se vestir? — pergunta ela.

— Não, mãe. Não vou trocar de roupa nunca mais. Vou ficar de pijama até morrer.

Ela não diz mais nada. Apenas sai.

Meu pai entra na sala de estar.

— Então, você está viva?

Não digo nada porque não me sinto viva.

Ele se senta ao meu lado.

— Você vai me contar o que está acontecendo?

Não, não vou.

— Olha, se você quer ser mais feliz, precisa *tentar*. Tem que se esforçar. Seu problema é que você não tenta.

Eu tento. Tentei. Tentei por dezesseis anos.

— Cadê o Charlie? — pergunto.

— Com Nick. — Meu pai balança a cabeça, negando. — Ainda não acredito que Charlie levou um bastão de críquete na cara. Aquele garoto tem

azar, mesmo.

Não digo nada.

— Você vai sair hoje?

— Não.

— Por que não? E o Michael? Você poderia passar o dia com ele de novo.

Não respondo e meu pai olha para mim.

— E a Becky? Não a vejo por aqui há algum tempo.

Não respondo de novo.

Ele suspira e revira os olhos.

— *Adolescentes* — diz, como se o simples fato de eu ser uma adolescente explicasse tudo a meu respeito.

E, então, ele sai ofegante, bufando e suspirando.

Eu me sento no cobertor sobre a cama, com uma limonada diet na mão e o celular na outra. Encontro o número de Michael nos contatos e aperto o botão verde. Não sei por que estou ligando para ele. Acho que pode ser culpa do meu pai.

Cai direto na caixa postal.

Largo o telefone na cama e rolo para o lado de modo a ficar embaixo dos cobertores.

Claro que não posso esperar que ele apareça do nada. Afinal, ele tem uma vida. Tem uma família, trabalhos e coisas para fazer. A vida toda dele não gira ao meu redor.

Sou uma narcisista.

Procuro entre os lençóis e acabo encontrando meu laptop. Eu o ligo. Sempre que sinto dúvida em relação a alguma coisa, minha primeira parada é o Google.

E certamente estou em dúvida. A respeito de tudo.

Digito "Michael Holden" na barra de pesquisa e aperto o Enter.

Michael Holden não é um nome tão incomum. Muitos outros Michael Holdens aparecem, em especial páginas do MySpace. Desde quando o

MySpace ganhou espaço? Muitos perfis do Twitter também surgem, mas não encontro o Twitter do meu Michael Holden. Ele não parece ser o tipo de cara que tem um perfil no Twitter. Suspiro e fecho o laptop. Pelo menos, tentei.

Então, como se eu tivesse combinado o momento de fechar o laptop, meu celular começa a tocar. Olho para a tela. O nome Michael Holden brilha. Com um tipo de entusiasmo novo, pressiono o botão verde.

— Alô?

— Tori! O que está rolando?

Parece que demoro mais do que o necessário para responder alguma coisa.

— Hum... hum, nada demais.

Por trás da voz de Michael, ouço o burburinho de pessoas.

— Onde você está? — pergunto. — O que está acontecendo?

Dessa vez, é ele quem para.

— Ah, sim, não contei a você, não é? Estou no rinque.

— Ah. Você tem treino ou algo assim?

— Hum, não. É que... tenho uma espécie de competição hoje.

— Uma competição?

— Isso!

— Que competição?

Ele para de novo.

— É... hum... é meio... é a semifinal do Campeonato Nacional de Patinação Juvenil.

Meu estômago se revira.

— Olha, preciso ir. Prometo que ligo quando terminar, está bem? E nós nos vemos à noite!

— ... sim.

— Certo, até mais tarde!

Ele desliga. Afasto o celular da orelha e olho para o aparelho.

Semifinal do Campeonato Nacional de Patinação Juvenil.

Não é uma competição idiota qualquer.

É...

É *importante*.

Era para isso que ele ia me convidar hoje, mas eu disse que não, que sairia com o *Lucas*. Por isso decidi evitar o Lucas.

Sem hesitar, saio da cama.

Paro a bicicleta de Charlie na frente do rinque. São 16:32 e está escuro. Devo ter perdido a apresentação. Não sei nem por que tentei, mas tentei. Quanto tempo duram as competições de patinação?

Por que Michael não me contou tudo isso antes?

Eu corro, sim, corro de verdade, entro na sala vazia e passo pelas portas duplas chegando ao estádio. Vários torcedores tomam a arquibancada do rinque e, à minha direita, patinadores ansiosos ocupam os bancos. Alguns deles devem ter dezesseis anos, alguns podem ter vinte e cinco. Não sou boa em adivinhar a idade de garotos.

Eu me aproximo da proteção de plástico do rinque e dou a volta até encontrar o portão onde a proteção não é tão alta. Olho por cima.

Tem uma corrida acontecendo. Por um momento, não sei para onde estou olhando nem quem estou procurando, porque todos parecem iguais com as mesmas roupas ridículas que são tipo macacões de vinil e capacetes redondos. Oito caras passam por mim e a rajada de ar toma meu rosto e meus cabelos, que eu me esqueci de arrumar antes de sair de casa, e eles se recostam nos cantos do rinque, muito perto do gelo, raspando-o com as pontas dos dedos. Não entendo como eles não caem.

Ao passarem por mim pela segunda vez é que o vejo; ele vira a cabeça, mostrando os olhos arregalados através dos óculos grandes e uma expressão ridiculamente firme. Os olhos me encontram e seu corpo se vira, os cabelos penteados para trás, e seu rosto, mais do que surpreso, permanece paralelo ao meu. Percebo na hora que algo mudou.

Ele fica olhando. Talvez para mim. Seu rosto se abre por completo, se ilumina, e todo o resto parece desaparecer na névoa. Coloco uma das mãos contra a proteção de plástico e me levanto.

Não sei se ele me viu. Não grito. Só fico parada.

Michael aparece na frente de todos. A multidão grita, mas um outro rapaz se destaca no grupo, voando, e o alcança, e passa Michael, e percebo que a corrida terminou e que Michael ficou em segundo lugar.

Eu me afasto do rinque e me protejo atrás da arquibancada quando os patinadores partem em direção ao portão. Homens mais velhos com roupões de ginástica cumprimentam os rapazes, e um deles dá um tapinha nas costas de Michael, mas tem algo de errado, muito errado com Michael.

Ele não é o "Michael Holden".

Tirou os patins e os óculos. Tira o capacete, as luvas, e os joga no chão.

Seu rosto se contorce numa careta, ele cerra os punhos de modo que a pele fica sem cor, passa pelo homem e se senta no banco. Chega a uma fileira de armários e olha dentro deles, sem expressão, com o peito subindo e descendo. Com uma malícia quase assustadora, Michael dá um soco nos armários, rosnando de raiva. Quando se vira, dá um chute num monte de capacetes de corrida, espalhando-os no chão. Agarra os próprios cabelos como se tentasse arrancá-los.

Nunca o vi assim.

Sei que não deveria me surpreender. Conheço Michael há menos de três semanas. Mas minha percepção em relação às pessoas raramente muda e, quando muda, nunca é tão drástica. É esquisito que vejamos alguém que sorri o tempo todo, assim presumimos que essa pessoa seja feliz o tempo todo. É esquisito que uma pessoa seja legal com você e então você já pensa que ela é uma "boa pessoa" de modo geral. Não sabia que Michael podia ser tão sério a respeito de algo, nem ficar tão irado. É como ver seu pai chorar.

Mas o que mais me assusta é que nenhuma pessoa, nesse mar de gente, pareça notar.

Caminho em direção a ele. Estou furiosa. Odeio todas as pessoas por não se importarem. Eu as afasto conforme caminho, sem desviar os olhos de Michael Holden. Enfim o alcanço, passando pela multidão, e observo quando ele começa a atacar um pedaço de papel que tirou do bolso, feito um louco. Por alguns segundos, não sei o que fazer a respeito. Mas depois me peguei dizendo:

— Sim, Michael Holden. Rasgue esse maldito papel.

Ele larga tudo, vira-se e aponta para mim.

A raiva suaviza e se torna tristeza.

— Tori — diz ele, mas não escuto, só vejo seus lábios formarem as palavras.

Ele está usando um macacão, está bem vermelho e os cabelos estão úmidos de suor. Seus olhos não param quietos devido à fúria, mas é *ele.*

Nós dois não sabemos o que dizer.

— Você chegou em segundo lugar — falo, por fim, sem motivo. — Incrível.

Sua expressão, passiva, triste, tão estranha, não muda. Ele tira os óculos do bolso e os coloca no rosto.

— Não venci. Não me classifiquei.

Ele desvia o olhar. Acho que está exagerando um pouco.

— Não pensei que você estivesse aqui. Pensei que tivesse imaginado ter visto você. — Ele faz uma pausa. — É a primeira vez que você me chama de Michael Holden.

Seu peito ainda está subindo e descendo depressa. Ele parece mais velho, de certo modo, com o macacão justo. E mais alto. O macacão é quase todo vermelho, com algumas partes cor de laranja e pretas. Michael tem uma vida inteira sobre a qual não conheço inscrita na sua roupa — centenas de horas no gelo, treinando, entrando em competições, testando seu vigor, tentando comer direito. Não sei de nada disso. Mas *quero* saber.

Abro e fecho a boca diversas vezes.

— Você fica bravo com frequência? — pergunto.

— Sempre estou bravo — diz ele.

Pausa.

— Normalmente, outras coisas se sobressaem, mas estou sempre bravo. E às vezes... — Ele olha de um jeito vago para a direita. — Às vezes...

A multidão faz barulho e eu odeio essas pessoas ainda mais.

— O que aconteceu com você e Lucas? — pergunta ele.

Penso nos telefonemas para os quais eu estava “dormindo”.

— Ah, sim. Não. Não é... não. Não estava me sentindo muito bem.

— Ah.

— Sabe... na verdade eu não *gosto* muito do Lucas... *não assim* — falo.

— Certo — diz ele.

Ficamos em silêncio por muito tempo. Algo muda no rosto dele. É meio parecido com esperança, mas não sei ao certo.

— Você não vai me criticar? — pergunta. — Dizer que é só uma competição de patinação? Que não significa nada?

Penso no que ele diz.

— Não. Significa alguma coisa.

Ele sorri. Poderia dizer que ele se parece com o Michael original de novo, mas não se parece, não. Tem algo novo no seu sorriso.

— A felicidade é o preço do pensamento profundo — diz ele.

— De quem é essa frase?

Ele pisca.

— Minha.

Estou sozinha de novo nessa multidão e sinto algo esquisito. Não é felicidade. Sei que é excelente ele ter chegado em segundo numa classificação nacional, mas só penso que Michael sabe mentir tanto quanto eu.

VINTE E CINCO

NÃO DESCOBRIMOS DE QUEM É A CASA, mas a "terceira casa depois da ponte" fica mesmo no rio. O amplo jardim desce para a água, que bate com persistência na terra. Há um barco a remo antigo amarrado a uma árvore que não deve ser usado há séculos, e por cima do rio é possível ver os campos planos do outro lado. Os campos, escurecidos na noite, se misturam no horizonte, como se não soubessem bem onde a terra termina e o céu começa.

Esse "encontro" não é um encontro.

É uma festa em casa.

O que eu estava esperando? Esperava cadeiras. Petiscos. Um alto-falante. Talvez uma apresentação de PowerPoint.

A noite está fria e ameaça nevar. Sinto uma vontade enorme de estar na minha cama, e meu estômago está tenso. Detesto festas. Sempre detestei. Sempre vou detestar. Nem é pelos motivos certos; odeio festas e odeio as pessoas que participam delas. Não tenho justificativa. Sou apenas ridícula.

Passamos pelos fumantes e pela porta aberta.

São cerca de 22 horas. A música está bombando. Claramente, ninguém mora nessa casa — ela está sem mobília, exceto por algumas espreguiçadeiras alinhadas na sala de estar e no quintal, e percebo uma espécie de esquema de cores neutras. A única coisa que está dando vida à casa é a coleção impressionante de arte nas paredes. Não tem comida, mas há garrafas e copos de bebida coloridos por todos os lados. As pessoas estão reunidas em corredores e em salas, muitas delas fumando cigarro, muitas outras fumando maconha, poucas sentadas.

Muitas das garotas eu reconheço como alunas do Higgs, mas Michael não desconfia de que alguém dentre essas pessoas seja a mente por trás do

Solitaire. Há alunos mais velhos que não conheço. Alguns deles devem ter vinte anos, se não tiverem mais. Para ser sincera, isso me deixa meio nervosa.

Não sei por que estou aqui. Vejo a aluna do primeiro ano que estava na festa de Becky, aquela que tinha ido como *Doctor Who*. Ela está sozinha, como da última vez, e parece meio perdida. Está caminhando muito devagar pelo corredor, sem bebida, olhando com tristeza para um quadro de uma rua molhada de paralelepípedos com guarda-chuvas vermelhos e janelas de um café. Eu me pergunto o que ela está pensando. Imagino que seja algo parecido com o que estou pensando. Ela não me vê.

As primeiras pessoas que encontramos são Becky e Lauren. Eu deveria ter imaginado que elas viriam, já que vão a todas as festas da cidade, e eu deveria ter imaginado que as encontraria bêbadas. Becky aponta para nós com a mão que não está segurando uma garrafa.

— Ai, meu Deus, Tori e Michael, gente! — Ela cutuca Lauren sem parar no braço. — Lauren! Lauren! É *Sprolden*!

Lauren franze a testa.

— Cara! Pensei que tínhamos concordado em chamá-los de "Mori"! Ou "Tichael"! — Ela suspira. — Cara, seus nomes não são bons o bastante, tipo, eles não funcionam, não como Klaine ou Romione, nem Destiel ou Merthur...

As duas riem sem controle.

Começo a me sentir ainda mais nervosa.

— Não pensei que vocês fossem se interessar pelo Solitaire.

Becky balança a garrafa, dando de ombros e revirando os olhos.

— Olha, uma festa é uma festa... não sei... um cara... mas, tipo, é o *Solitaire*, nós tipo... nos infiltramos no *Solitaire*... — Ela leva o dedo aos lábios.

— *Shhhhhhhh*. — Ela bebe no gargalo da garrafa. — Escuta, você sabe que música é essa? Tipo... a gente não consegue descobrir.

— É "Smells Like Teen Spirit". Nirvana.

— É mesmo, está certo, meu Deus, pensei que fosse isso mesmo. Não diz o nome da música na letra.

Olho para Lauren, que está olhando ao redor, surpresa.

— Você está bem, Lauren?

Ela volta à Terra e ri para mim.

— Essa festa não é de doido? — Lauren ergue os braços num gesto de como quem quer dizer "não sei". — Está chovendo caras lindos e as bebidas são gratuitas!

— Que bom para você — digo, e a vontade de ser uma pessoa legal desaparece lentamente.

Ela finge não me ouvir e ambas se afastam, rindo de nada.

Michael e eu andamos pela festa.

Não é como nos filmes nem nos seriados de drama adolescente, onde tudo perde a intensidade e fica em câmera lenta, as luzes piscando, as pessoas pulando com as mãos levantadas. Nada é assim na vida real. As pessoas ficam paradas ao redor.

Michael conversa com muita gente. Pergunta a todos sobre o Solitaire. Encontramos Rita, em silêncio com um grupo de meninas do meu ano. Ela me vê e acena, o que quer dizer que tenho que dizer oi.

— Oi — diz ela quando me aproximo. — Como está o Charlie? Fiquei sabendo de uma briga ou coisa assim. Ben Hope, não foi?

Pouca coisa permanece em segredo em uma cidade como essa, então não me surpreende que todos saibam.

— Não foi uma briga — digo bem depressa e pigarreio. — Hum, ele está bem. Com hematomas, mas bem.

Rita assente de modo compreensivo.

— Ah, certo. Bem, fico feliz por ele não ter se machucado com gravidade.

Depois disso, Michael e eu acabamos em um círculo de alunos do terceiro ano na cozinha. Ele afirma que nunca falou com nenhum deles antes.

— Ninguém sabe, tipo... ninguém sabe quem fez —, fala uma garota. Ela está usando uma saia bem justa e um batom vermelho nada atraente. — Há

rumores de que se trata de um traficante ou, tipo... um professor que foi demitido e quer se vingar.

— Fiquem de olho — interrompe um cara usando uma mochila com a palavra “ATLETA”. — Tipo... fiquem de olho no blog, tá? Fiquei sabendo que as coisas vão ficar boas pra caramba quando eles fizerem um post novo mais tarde.

Uma pausa. Olho para o chão cheio de jornais. Vejo uma manchete anunciando “27 MORTOS” e uma foto de um prédio em chamas.

— Por quê? — pergunta Michael. — Por que isso?

Mas o cara só pisca, feito um peixe, e pergunta:

— Por que vocês não estão bebendo?

Decido ser uma pessoa normal e encontrar algo adequado para beber. Michael desaparece por muito tempo, por isso pego a garrafa dele de algum lugar e me sento sozinha em uma cadeira no pátio, me sentindo como um marido alcoólatra de meia-idade. Passa das onze e todo mundo está bêbado. Quem está desempenhando o papel de DJ se realoca no quintal e, depois de um tempo, não dá para saber se estou no quintal de uma casa numa cidade pequena ou numa edição do Reading Festival. Vejo Nick e Charlie pela janela da sala de estar, aos beijos em um canto como se fosse o último dia da vida deles, apesar do rosto machucado de Charlie. Acho que a cena é romântica. Parece que eles estão apaixonados.

Eu me levanto e entro para procurar Michael, mas a bebida da garrafa, seja o que for, é meio forte. Quando me dou conta, perdi o senso de tempo, espaço e realidade, e não tenho ideia do que estou fazendo. Eu me pego no corredor de novo, na frente daquele quadro que retrata a rua de paralelepípedos molhada com guarda-chuvas vermelhos e janelinhas escuras de cafés. Não paro de olhar para ele. Eu me forço a me virar e vejo o Lucas do outro lado do corredor. Não sei bem se ele me vê ou não, mas ele logo entra na outra sala. Eu me afasto e me perco na casa. Guarda-chuvas vermelhos. Janelinhas escuras de cafés.

Michael me pega do nada. Ele me puxa de onde eu estava — da cozinha, talvez, perdida em um mar de bonés Boy London e roupas de sarja — e começamos a atravessar a casa. Não sei para onde estamos indo. Mas não tento impedi-lo. Não sei bem o porquê.

Conforme caminhamos, fico olhando para a mão dele segurando meu punho. Talvez seja porque bebi, ou por estar com frio, ou talvez seja porque eu meio que *senti falta dele* quando ele estava longe, mas independentemente do que seja — fico pensando em como é bom tê-lo segurando meu braço. Não de um jeito esquisito e pervertido. A mão dele é grande, comparada à minha, e bem quente, e pelo modo com que os dedos dele envolvem meu braço, parece que eles tinham que fazer isso desde sempre, como se fossem peças que se encaixam em um quebra-cabeça. Não sei. Do que estou falando?

Por fim, quando saímos e estamos no meio dos dançarinos malucos, ele diminui o ritmo e gira na lama. É meio esquisito quando ele olha para mim. Mais uma vez, culpo a bebida. Mas é diferente. Ele está lindo ali, parado. Seus cabelos estão meio esvoaçados na direção errada, e a luz do fogo reflete nos seus óculos.

Acho que ele percebeu que bebi um pouco.

— Dança comigo? — berra ele mais alto do que os gritos.

Sem explicação, começo a tossir. Ele revira os olhos para mim e ri. Começo a pensar em bailes de formatura e casamentos e, por alguns segundos, acabo me esquecendo de que estamos em um quintal todo fodido e as pessoas estão vestidas com roupas quase idênticas.

Ele tira a mão do meu punho e a usa para alisar os cabelos, depois olha para mim pelo que parece ser um ano inteiro. Fico me perguntando o que ele está vendo. De repente, ele segura meus braços e literalmente se ajoelha aos meus pés.

— Por favor, dance comigo — implora. — Sei que dançar é esquisito e ultrapassado, e eu sei que você não gosta de fazer coisas assim e, para ser sincero, nem eu, e sei que a noite não vai durar muito e que em pouco tempo todo mundo vai para casa para ficar com a cara no laptop e para suas camas vazias, e provavelmente ficaremos sozinhos amanhã, e todos temos que

ir para o colégio na segunda-feira. Mas acho que se você tentasse *dançar*, poderia sentir por alguns minutos que tudo isso, todas essas *pessoas*... nada disso é muito ruim.

Olho para baixo e encontro os olhos dele.

Começo a rir antes de me ajoelhar também.

E faço algo muito esquisito.

Quando estou de joelhos — não resisto —, meio que caio para a frente em cima dele e o abraço.

— Sim — digo no seu ouvido.

Ele passa os braços pela minha cintura, nós dois nos levantamos, e ele continua me puxando em meio à vastidão de adolescentes.

Chegamos ao centro da multidão que se reúne ao redor do DJ.

Ele pousa as mãos nos meus ombros. Nossos rostos se separam por centímetros apenas. A música está tão alta que ele tem que gritar.

— *Sim*, Tori! Eles estão tocando Smiths! Então tocando os lindos Smiths, Tori!

Os Smiths são a banda da internet — para ser mais específica e, infelizmente, uma banda que muitas pessoas ouvem porque o Morrissey tem aquela atitude vintage e autodepreciativa que todo mundo parece desejar. Se a internet fosse um país, "There is a Light That Never Goes Out" seria o hino nacional.

Sinto que dou um pequeno passo para trás.

— Você... você tem.. um *blog*?

Por um segundo, ele está confuso, mas só sorri e balança a cabeça.

— Caramba, Tori! Preciso ter um blog para gostar dos Smiths? É a regra agora?

E é nesse momento, acho, que decido que não me importo com mais nada hoje à noite, que não me importo com blogs, internet, filmes ou com o que as pessoas estão usando, e sim, sim, vou me divertir, vou me animar, vou passar tempo com meu único amigo, Michael Holden, e vamos dançar até não aguentarmos mais, depois vamos para casa e enfrentaremos nossas camas vazias. Quando começamos a pular sem parar, sorrindo de um jeito tão ridículo, trocando olhares e olhando para o céu ou para nada, Morrissey

canta algo sobre timidez, e eu acho que as coisas não podem ser tão ruins, afinal.

VINTE E SEIS

À 00:16 ENTRO, porque se eu não fizer xixi, acho que minha bexiga vai estourar. Todo mundo está esperando pelo post do blog do Solitaire, que, de acordo com os últimos boatos, será publicado à 00:30. As pessoas estão sentadas segurando seus celulares. Encontro o banheiro e, quando saio, vejo Lucas sozinho em um canto, enviando uma mensagem de texto. Ele me vê olhando e dá um pulo, mas em vez de caminhar na minha direção, sai depressa. Como se estivesse tentando me evitar.

Eu o sigo até a sala de estar, querendo pedir desculpas por ter me esquecido de sair com ele hoje, mas ele não me vê. Observo quando Lucas se aproxima de Evelyn. Ela está usando aqueles brincos de argolas, saltos grossos, leggings com estampa de cruzes de cabeça para baixo e um casaco de pele falsa. Seus cabelos despenteados estão presos no topo da cabeça. Lucas, de modo parecido, está usando roupas hipster hoje — uma camiseta folgada da Joy Division com as mangas enroladas, jeans justos demais e coturnos. Ele diz algo a ela, que responde com um meneio de cabeça. É isso, concluo. Independentemente do que Lucas disse, eles são, sim, um casal.

Volto a sair. Enfim começou a nevar. Direito. A música acabou, mas todo mundo está saltitando, gritando, tentando pegar flocos com a boca. Olho para a cena. Os flocos boiam na água e se dissolvem, misturando-se com o rio conforme ele segue em direção ao mar. Amo a neve. Ela deixa tudo lindo.

É nesse momento que vejo Becky de novo.

Ela está encostada com um cara em uma árvore, e eu sei que ela ainda está irada porque eles nem estão se beijando de um jeito romântico. Estou prestes a me virar, mas eles se mexem um pouco e eu vejo quem é o cara.

É Ben Hope.

Não sei por quanto tempo fico ali, mas em determinado momento ele abre os olhos e me vê. Becky também olha. Ela ri e, então, *se dá conta*. Peguei uma bebida quando estava saindo, mas caiu na neve, e minha mão segura o vento. Eles se afastam de mim, e Ben passa por mim e entra na casa. Becky fica ao lado da árvore.

Ela ergue as sobrancelhas para mim quando me aproximo e pergunto:

— *Como é que é*?

Queria estar morta. Minhas mãos se fecham e se abrem.

Ela ri.

— *Como é que é*, pelo amor de Deus!

Becky me traiu. Porque ela não se importa.

— Tudo o que pensei a seu respeito está errado — digo.

— Do que você está falando?

— Estou alucinando, por acaso?

— Você está bêbada?

— Você é uma *piranha* nojenta — retruco. Acho que estou gritando, mas não sei ao certo. Tenho só setenta por cento de certeza de que estou dizendo essas coisas em voz alta. — Eu achava que você era só esquecida, mas tenho provas concretas de que você *não está nem aí*.

— O q...

— Não tente agir como se não soubesse o que acabou de fazer. Crie vergonha na cara. Vamos, tente se defender. Estou literalmente morrendo de vontade de ouvir uma justificativa. Vai me dizer que eu não entendo?

Os olhos de Becky começam a ficar marejados. Como se ela estivesse mesmo *chateada*.

— Eu não...

— É isso, não é? Sou sua amiguinha ingênua cuja vida triste faz com que você se sinta *melhor* a respeito de si mesma. Bem, você está certa nisso. Não tenho uma única pista sobre nada. Mas sabe do que eu sei? Sei quando alguém está sendo uma vaca nojenta. Vá em frente, pode chorar suas lágrimas de crocodilo, se quiser. Você não está nem aí *com nada*, não é?

A voz de Becky está mais séria, ainda que um pouco hesitante, e ela começa a gritar comigo.

— Bem... você... você está sendo uma vaca nojenta. Minha nossa, acalme-se!

Paro. Isso é ruim. Preciso parar. Não consigo.

— Espera aí... você entende o nível de traição que você acabou de alcançar? Você tem *alguma* ideia do que é amizade? Não pensei que fosse possível que alguém fosse *tão* egoísta, mas está *claro* que me enganei redondamente. — Acho que estou chorando. — Você me matou. Você literalmente me matou.

— Acalme-se! Minha *nossa*, Tori!

— Você provou de modo concreto que todo mundo e tudo é merda para você. Muito bem. Estrelinha dourada para você. Por favor, pode se apagar da minha vida.

E é isso. Vou embora. Embora. Acho que todo mundo é assim. Sorrisos, abraços, anos juntos, feriados, confissões de madrugada, lágrimas, telefonemas, um milhão de palavras — não significam nada. Becky não se importa. Ninguém se importa.

A neve que cai está borrando minha visão, ou talvez sejam as lágrimas. Volto para a casa e, quando entro, as pessoas começam a gritar e a erguer os celulares acima da cabeça. Não consigo parar de chorar, mas pego meu telefone, encontro a página do Solitaire e vejo o post:

00:30 23 de janeiro

Pessoal do Solitaire,

Gostaríamos de ter vocês colaborando com nossa nova empreitada.

Na nossa reunião hoje, temos um aluno do segundo ano, chamado Ben Hope, que machucou de propósito um aluno do primeiro ano do Truham. Todo mundo sabe que Ben Hope é um homofóbico valentão que se esconde atrás da fachada da popularidade.

Esperamos que vocês se unam ao Solitaire na prevenção de atos de violência no futuro, dando a ele exatamente o que merece.

Ajam de acordo. Protejam os desprotegidos. A justiça é tudo. Paciência Mata.

VINTE E SETE

HÁ UMA MULTIDÃO AO MEU REDOR, pessoas gritando em todas as direções, e não consigo ir a lugar nenhum. Depois de vários minutos de pandemônio, o fluxo segue firme em uma direção em vez de se tornar um redemoinho, e sou arrancada da casa na corrente. Todo mundo está no quintal. Alguém grita:

— Carma, desgraçado!

É carma?

Dois garotos seguram Ben Hope enquanto vários outros dão chutes e socos nele. O sangue espirra na neve e o espetáculo ganha gritos animados sempre que um golpe é dado. A poucos metros dali, Nick e Charlie estão no meio da multidão, Nick abraçando Charlie, os dois com uma expressão impossível de decifrar. Charlie dá um passo à frente, como se estivesse prestes a intervir, mas Nick o puxa para trás. Eles trocam um olhar e depois dão as costas para a neve. Os dois saem da multidão e desaparecem.

Não pude apoiar o Charlie, e o Solitaire está fazendo meu trabalho por mim. Acho que nunca fiz meu trabalho direito.

Mas talvez isso não tenha a ver com o Charlie.

Relembro o que Michael disse para mim no Café Rivière.

Ai, Deus.

Talvez tenha a ver comigo.

Dou risada com as lágrimas ainda caindo, mas tanta risada que a barriga chega a doer. Boba. Ideia boba. Sou boba. *Egoísta*. Nada nunca tem a ver comigo.

Mais um golpe. A multidão grita de alegria, balançando as bebidas, como se estivessem todos num show, como se estivessem felizes.

Ninguém está tentando ajudar.

Ninguém

ninguém.

Não sei o que fazer. Se isso fosse um filme, eu estaria ali, seria a heroína impedindo essa falsa justiça. Mas não se trata de filme. Não sou a heroína.

Começo a entrar em pânico. Eu me viro para as pessoas e saio pelo outro lado. Meus olhos não firmam o foco. Sirenes começam a tocar ao longe. Ambulância? Polícia? Justiça é tudo? Paciência Mata?

Michael, do nada, me segura pelos ombros. Ele não está olhando para mim. Está olhando para a cena, como o resto das pessoas, observando sem fazer nada, sem se importar.

Afasto suas mãos de mim, murmurando.

— É o que somos. Solitaire. Poderíamos... eles poderiam... eles vão *matá-lo*. A gente acha que já viu pessoas más, mas aí encontramos pessoas piores. Elas não estão fazendo nada, não estão. Somos igualmente maus. Somos igualmente maus por não fazermos nada. Não nos importamos. Não nos importamos que eles o *matem*...

— *Tori*. — Michael segura meus ombros de novo, mas dou um passo para trás e ele abaixa os braços. — Vou levar você para casa.

— Não quero que você me leve para casa.

— Sou seu amigo, Tori. É o que fazemos.

— Não tenho amigos. Você não é meu amigo. Pare de fingir que se *importa*, porra.

Antes de ele contra-argumentar, vou embora. Estou correndo. Saí da casa. Estou fora do quintal. Estou fora do mundo. Os gigantes e demônios estão subindo e eu os estou perseguindo. Tenho certeza de que vou vomitar. Estou tendo alucinações? Não sou a heroína. É engraçado porque é verdade. Começo a rir, ou talvez esteja chorando. Talvez eu não me importe mais. Talvez eu desmaie. Talvez eu morra quando tiver vinte e sete.

PARTE 2

Donnie: Tem uma tempestade chegando — diz Frank. Uma tempestade que engolirá as crianças. E eu as devolverei do reino da dor. Devolverei as crianças de volta para suas portas. Enviarei os mortos de volta para o subterrâneo. Eu as enviarei de volta a um lugar onde ninguém mais pode vê-las. Só eu, porque sou Donnie Darko.

Donnie Darko: Versão do Diretor (2004)

UM

LUCAS ERA CHORÃO. Acontecia na maioria dos dias no ensino fundamental, e acho que era um dos principais motivos pelos quais eu era amiga dele. Eu não me importava com o choro.

Vinha devagar. Ele fazia uma cara esquisita por alguns minutos antes: não de triste, mas como se estivesse repassando um programa de TV na mente, observando os eventos se desdobrarem. Ele olhava para baixo, mas não para o chão. E, então, as lágrimas começavam a cair. Sempre em silêncio. Nunca ofegante.

Acho que não havia motivo em particular para o choro. Acho que era só a personalidade dele. Quando não estava chorando, nós jogávamos xadrez, duelo de sabres de luz ou batalhas de Pokémon. Quando estava chorando, líamos livros. Foi a época da minha vida em que li livros.

Eu sempre me sentia no ápice quando estávamos juntos. É engraçado —, nunca tive esse relacionamento com outra pessoa. Bem, talvez com Becky. No começo da nossa amizade.

Quando Lucas e eu deixamos o ensino fundamental, saímos pensando que continuaríamos nos encontrando. Como todo mundo que já saiu do ensino fundamental pode imaginar, isso não veio a acontecer. Eu o vi apenas uma vez depois daquela época — antes de agora, claro. Um encontro por acaso na rua. Eu tinha doze anos. Ele me disse que tinha enviado um ovo de Páscoa pelo correio. Estávamos em maio. Eu não recebia correspondência nenhuma desde o meu aniversário.

Em casa, naquela noite, escrevi um cartão para ele. Disse que esperava que ainda pudéssemos ser amigos, e dei meu endereço de e-mail; fiz um desenho de mim e dele para reforçar. Nunca enviei esse cartão. Ele ficou na

gaveta debaixo da minha mesa por muitos anos até eu limpar meu quarto. Quando o encontrei, eu o rasguei e joguei no lixo.

Penso em todas essas coisas enquanto caminho pelo colégio na segunda-feira. Não o encontro. Todo esse tempo estou apenas sentada, reclamando sobre a merda que tudo é, sem me dar ao trabalho de tentar melhorar as coisas. Eu me odeio por isso. Sou como todas as pessoas reunidas no encontro do Solitaire, que não se importam em ajudar. Acho que não consigo mais ser assim.

Michael não está em lugar nenhum onde possa vê-lo. Ele provavelmente decidiu me deixar em paz para sempre, o que é bastante compreensível. Eu estraguei tudo de novo. A Tori de sempre.

Bem, quero conversar com Lucas sobre sábado, pedir desculpas por não tê-lo encontrado como disse que encontraria. Dizer que ele não precisa mais me evitar.

Por duas vezes, acho que vi seus braços compridos em movimento pelo corredor, mas quando corro para alcançá-lo, percebo que é só mais um dos garotos magros do ensino médio. Lucas não está no salão antes da aula, no intervalo nem no almoço. Depois de um tempo, eu me esqueço de quem estou procurando e continuo caminhando sem parar. Confiro meu celular diversas vezes, mas só tem uma mensagem no meu blog:

Anônimo: *Pensamento do dia: Para que estudamos literatura?*

Becky e Nosso Grupo não falaram comigo durante todo o dia.

Ben Hope não foi ao hospital. Ele não estava prestes a morrer. Algumas pessoas parecem sentir pena dele, enquanto outras dizem que ele mereceu o que teve por ser homofóbico. Não sei mais o que acho sobre isso. Quando Charlie e eu conversamos a respeito, ele me pareceu bem abalado.

— Isso é minha culpa — disse ele, fazendo uma careta. — É minha culpa Ben ter ficado bravo, para começo de conversa, então é minha culpa que o Solitaire...

— Não é culpa de ninguém — falei —, apenas do Solitaire.

Na terça, Kent pede para eu ficar na sala depois da aula de inglês. Becky parece achar que estou com problemas sérios, mas Kent não diz nada até as pessoas saírem. Ele se senta à mesa, os braços dobrados, óculos meio tortos de modo casual.

— Tori, acho que precisamos conversar a respeito do seu trabalho sobre os "protagonistas de *Orgulho e preconceito*".

— ...

— Foi um texto muito cheio de ira.

— ...

— Por que você decidiu escrevê-lo daquela maneira?

— Odeio aquele livro.

Kent passa a mão na testa.

— Sim, tive essa impressão.

Ele tira meu texto da pasta de papelão e o coloca entre nós.

— "Sinto muito, sr. Kent" — lê Kent. — "Mas não li *Orgulho e preconceito*. Discordei da primeira frase e foi o suficiente para mim."

Kent olha para mim por um momento, depois pula para o segundo parágrafo.

— "Elizabeth Bennet não deixa o sr. Darcy apesar de ele ser 'imperfeito'. Apenas quando o melhor lado dele é revelado é que ela decide aceitar Pemberley e os cem bilhões por ano. Imagine. Parece que é impossível, para as mulheres desse romance, ir além do exterior e tentar trazer à tona o melhor lado dos outros. Sim, tudo bem. Elizabeth sofre preconceito. Eu sei, eu sei, Jane Austen. Muito bem."

— Sim — digo. — Isso aí.

— Não terminei. — Kent ri. Ele pula para a minha conclusão. — "É por isso que o sr. Darcy é, a meu ver, um verdadeiro herói. Ele se esforça, apesar de ser maltratado e julgado. *Orgulho e preconceito* é a briga de um homem para ser visto pelos outros como ele vê a si mesmo. Assim, ele não é comum. Um herói comum é corajoso, confiante e vistoso. O sr. Darcy é tímido, assombrado por si mesmo e incapaz de lutar por seu personagem. Mas ele ama, e eu acho que é só o que importa no mundo da literatura."

Eu deveria sentir vergonha disso, mas não sinto.

Ele suspira de novo.

— É interessante que você se identifique com um personagem como o sr. Darcy.

— Por quê?

— Bem, a maioria dos alunos escolhe Elizabeth como o personagem mais forte.

Olho para ele.

— O sr. Darcy tem que aguentar todo mundo detestando-o por motivos que nem sequer são verdade, e ele nem reclama por isso. Eu acho que isso é ser muito forte.

Kent ri de novo.

— Elizabeth Bennet é tida como uma das mulheres mais fortes da literatura do século XIX. Imagino que você não seja feminista.

— Você acha que não sou feminista porque sinto mais empatia por um homem em uma comédia romântica pretensiosa do século XIX?

Ele abre um sorrisão e não responde.

Dou de ombros de novo.

— É só o que acho.

Ele assente de modo pensativo.

— Bem, é justo. Mas não escreva de modo tão coloquial no teste. Você é inteligente mas, com isso, vai tirar uma nota ruim.

— Tudo bem.

Ele devolve meu trabalho.

— Olha, Tori. — Ele coça o queixo, emitindo um som áspero com a barba crescendo. — Percebi que você não tem conseguido boas notas em todas as matérias em que mais se saía bem. — Ele pausa, hesita. — Quero dizer que você estava indo muito bem no primeiro ano. Principalmente em língua inglesa.

— Tirei um B no simulado de sociologia do semestre passado — digo. — Não é tão ruim.

— Tem tirado D em língua inglesa, Tori. Pessoas que tiram dois A em provas de inglês não tiram D em outras mais fáceis.

— ...

— Consegue pensar num motivo para isso ter acontecido?

Ele olha para mim com cuidado.

— Acho... Que não gosto mais... do colégio.

— Por quê?

— É só que... eu detesto estar aqui. — Minha voz perde a força. Olho para o relógio da sala de aula. — Preciso ir. Tenho aula de música.

Ele assente muito devagar.

— Acho que muitas pessoas detestam estar aqui. — Ele vira a cabeça para o lado e espia pela janela. — Mas é a vida, certo?

— É.

— Se ficarmos dizendo que detestamos viver, nunca vamos querer estar aqui. Você não pode desistir dela. Não pode ser derrotista em relação a ela.

— É.

— Certo.

Saio correndo porta afora.

DOIS

ENCONTRO LUCAS perto dos armários no fundo do corredor e, dessa vez, ele não consegue me evitar.

Está com Evelyn e com aquele cara do topete. Eles estão enrugando o nariz porque o Solitaire colocou o Higgs todo em polvorosa há aproximadamente uma hora. Clássico, nojento e desnecessário; no entanto, a maioria das pessoas hoje parece ser incentivadora desse tipo de brincadeira, de modo geral. O cheiro nesse corredor é de ovo podre. Cubro a boca e o nariz com meu casaco.

Lucas, Evelyn e o Cara do Topete estão conversando — sérios —, mas como me tornei uma pessoa grosseira e arrogante, não estou nem aí se vou interromper.

— Por que está me evitando? — pergunto.

Lucas quase derruba vários fichários grandes e olha ao redor de Evelyn. Ele afasta a mão do nariz.

— Victoria. Deus.

Evelyn e o cara se viram e me observam com suspeita antes de se afastarem. Dou um passo em direção a Lucas. Ele está com a bolsa jogada por cima do ombro.

— Tem certeza de que Evelyn não é sua namorada? — pergunto, ainda segurando a blusa sobre parte do rosto.

— O quê? — Ele ri com nervosismo. — Por que você acha isso?

— Eu sempre vejo você com ela. Você é o namorado secreto dela?

Ele pisca várias vezes.

— Hum, não. Não.

— Está mentindo?

— *Não*.

— Está bravo porque eu me esqueci de que íamos nos encontrar no sábado?

— Não. Não, juro que não.

— Então por que está me evitando? Não vejo você desde... Não vejo você desde essa semana.

Ele enfia o fichário no armário e tira um caderno grande de rascunhos.

— Não estou evitando você.

— Não minta.

Ele se retrai.

Entendi. Lucas tem tentado, desde o começo do semestre, fazer amizade comigo de novo. E eu tenho sido péssima nisso. Só porque detesto fazer amigos, tenho sido grosseira com ele e o ignoro, evito e não tenho feito esforço nenhum por ele. Sou eu, como sempre, sendo idiota com todo mundo sem motivo aparente. Entendo. Entendo que eu não me *envolva* com outras pessoas, exatamente. Mas, desde sábado, tenho sentido que *não* me envolver pode ser tão ruim quanto me envolver.

Parece que Lucas nem quer me conhecer.

— Olha — digo, soltando a blusa, sentindo o desespero tomar minha alma —, éramos melhores amigos, certo? Não quero que você me evite. Sinto muito se esqueci sobre sábado. Eu me esqueço de coisas assim. Mas você é uma das três pessoas com quem tenho amizade e não quero deixar de falar com você.

Ele passa uma das mãos pelos cabelos. Está no meio da testa.

— Eu... não sei o que dizer.

— Então, *por favor*, diga por que me evitou na noite de sábado.

Algo está diferente. Ele olha de um lado para outro.

— Não posso ficar perto de você. — E mais baixo: — Não consigo.

— O quê?

Ele bate a porta do armário para fechá-la. Faz um barulho que é alto demais.

— Preciso ir.

— Só...

Mas Lucas já se afastou. Fico parada perto do armário por um minuto. O cheiro de ovo podre parece estar aumentando, assim como minha raiva pelo Solitaire. Lucas se esqueceu de trancar o armário direito, então não resisto e dou uma espiada lá dentro. Há três fichários ali: o de literatura inglesa, o de psicologia e o de história, além de uma porção de folhas soltas. Pego uma. É uma folha de psicologia a respeito de como lidar com o estresse. Tem uma foto de uma garota com as mãos na cabeça, um pouco como naquele quadro famoso, *O grito*. Uma das sugestões é exercício físico frequente, e outra é escrever seus problemas. Devolvo a folha e fecho o armário de Lucas.

TRÊS

MINHA AVÓ E MEU AVÔ VIERAM NOS VER. Pela primeira vez em meses. Estamos todos à mesa do jantar tentando não chamar a atenção de ninguém, mas vejo que minha mãe fica olhando com preocupação na direção do meu avô, e depois para Charlie. Meu pai está sentado entre Charlie e Oliver. Estou à cabeceira da mesa.

— Sua mãe nos contou que você voltou ao time de rúgbi, Charlie — diz meu avô. Quando fala, ele se inclina para a frente como se não ouvíssemos o que diz, apesar de ele falar duas vezes mais alto do que todo mundo. Acho que isso é muito típico dele. — Foi uma bênção eles terem aceitado você de volta. Você estragou as coisas com eles, com todo aquele tempo que passou fora.

— É, foi bem bacana da parte deles — comenta Charlie. Ele está segurando a faca e o garfo ao lado do prato.

— Parece que não vemos Charlie há anos — diz minha avó —, não é, Richard? Quando virmos você de novo, é provável que esteja casado e com filhos.

Charlie se força a rir por educação.

— Você pode me passar o parmesão, papai? — pede minha mãe.

Meu avô passa o parmesão.

— Um time de rúgbi sempre precisa de um magricela feito você. Para correr, sabe? Se você tivesse comido mais desde sempre, teria crescido o bastante para ser um dos jogadores de verdade, mas acho que é tarde demais para isso. Pessoalmente, eu culpo seus pais. Mais vegetais escuros desde cedo.

— Papai, não contou a nós sobre sua viagem a Oxford — diz minha mãe.

Olho para o prato. É lasanha. Não comi nada ainda.

Discretamente, pego o telefone do bolso e vejo que tenho uma mensagem. Eu havia enviado uma mensagem de texto para Lucas mais cedo.

(15:23) **Tori Spring**
olha me desculpa mesmo

(18:53) **Lucas Ryan**
tudo bem bjo

(19:06) **Tori Spring**
claro que não está tudo bem

(19:18) me desculpa

(19:22) **Lucas Ryan**
não é por isso na vdd bjo

(19:29) **Tori Spring**
então pq está me evitando

Meu pai terminou de jantar, mas estou levando as coisas com calma por causa de Charlie.

— Como você está, Tori? — pergunta minha avó. — Está gostando do ensino médio?

— Sim, sim. — Sorrio para ela. — É excelente.

— Eles devem estar tratando vocês como adultos.

— Ah, sim, sim.

(19:42)
vc precisa me dizer pq

— E suas aulas são interessantes?

— Sim, muito.

— Tem pensado muito sobre a faculdade?

Sorrio.

— Não, não muito.

Minha vó assente.

— Deveria começar a pensar — resmunga meu avô. — Decisões importantes. Uma atitude errada e você pode acabar num escritório pelo resto da vida. Como eu.

— Como está a Becky? — pergunta minha avó. — Ela é uma garota adorável. Seria bom se você mantivesse contato com ela quando partir.

— Ela está bem, sim. Ela é bacana.

— Cabelos compridos lindos.

(19:45) **Lucas Ryan**
pode me ver no centro à noite? bjo

— E o Charlie? Tem pensado no ensino médio? No que diz respeito às matérias?

— Hum, sim, sem dúvida farei as clássicas, e talvez língua inglesa, mas tirando isso, não sei bem. Talvez educação física ou algo assim. Ou psicologia.

— Onde vai tentar?

— Higgs, acho.

— Higgs?

— Harvey Greene. O colégio de Tori.

Minha avó assente.

— Entendi.

— Uma escola só de garotas? — resmunga meu avô. — Não vai encontrar disciplina lá. Um rapaz em formação precisa de disciplina.

Meu garfo faz um barulho alto no prato. Meu avô olha para mim e depois para Charlie.

— Você fez bons amigos naquele colégio. Por que vai deixá-los?

— Eu vou vê-los fora do colégio.

— Seu amigo Nicholas está no ensino médio do Truham, não está?

— Sim.

— Por que não quer estudar com ele?

Charlie quase engasga com a comida.

— Não é isso, eu só acho que o Higgs é um colégio melhor.

Meu avô balança a cabeça, sem entender.

— Educação. O que é isso comparado com a amizade?

Não aguento mais esse papo, e estou ficando irritada demais para pedir licença sem passar mal. Enquanto me retiro, ouço meu avô dizer:

— A menina tem estômago sensível. Como o irmão dela.

Chego primeiro. Eu me sento a uma mesa do lado de fora do Café Rivière. Nós combinamos de nos encontrar às 21 horas, e faltam dez minutos. A rua está vazia e o rio está quieto, mas um eco distante de uma daquelas bandas *indie* — talvez Noah and the Whale ou Fleet Foxes ou Foals ou The xx ou alguma dessas, nunca sei a diferença — está saindo por uma janela aberta acima da minha cabeça. A música continua tocando enquanto espero por Lucas.

Espero até as 21 horas. E depois, espero até 21:15. E depois, espero até 21:30.

Às 22:07, meu celular vibra.

(22:07) **Lucas Ryan**
Desculpa bjo

Olho para a mensagem por muito tempo. Para a palavra sem ponto, e com o bjo sem sentido.

Coloco o telefone na mesa e olho para cima. O céu sempre parece estar mais claro quando está nevando. Solto o ar. Um bafo quente sopra acima da minha cabeça.

Em seguida, fico de pé e começo a caminhar de volta para casa.

QUATRO

NA REUNIÃO DE QUARTA-FEIRA, os alunos do ensino médio se espalham por cinco fileiras separadas do salão. É preciso preencher todos os espaços, caso contrário não cabe todo mundo, por isso não dá para escolher com quem sentar. É assim que termino, sem querer, me sentando entre Rita e Becky.

Conforme as pessoas vão preenchendo as fileiras de cadeiras, Ben Hope, de volta ao colégio com o rosto machucado, olha para mim. Não parece assustado, nem bravo, e nem parece tentar me ignorar. Só parece triste. Como se estivesse prestes a chorar. Provavelmente porque ele não vai mais ser popular. Não vi Ben e Becky juntos ainda, o que é um sinal de que talvez Becky tenha ouvido a minha explosão. Penso em Charlie. Fico me perguntando onde Michael pode estar. Gostaria que Ben não existisse.

Kent tem a palavra. Está falando sobre mulheres. A maioria dos presentes é formada por mulheres.

— ... mas vou dizer a verdade. Vocês, como mulheres, estão em desvantagem no mundo, automaticamente.

Becky, à minha direita, não para de cruzar e descruzar as pernas. Eu procuro não me mexer.

— Acho que... que muitas de vocês não percebem como têm tido sorte até aqui.

Começo a contar as pausas de Kent. Becky não se une a mim.

— Por frequentarem... o *melhor*... colégio feminino no condado... é um privilégio enorme.

Vejo Lucas duas fileiras à minha frente. Ele estava olhando nos meus olhos quando se sentou e eu não me dei ao trabalho de tentar desviar a atenção.

Fiquei olhando. Nem me sinto brava, de verdade, por ele ter furado comigo ontem. Não sinto nada.

— Sei que muitas de vocês... reclamam do trabalho árduo, mas até terem que enfrentar o mundo real, o mundo do trabalho, não entenderão o sentido... de trabalho árduo.

Rita me dá um tapinha no joelho, de repente. Entrega a mim a folha do hino. Embaixo da letra de "Love Shine a Light", ela escreveu:

Você está se isolando!!!

— Vocês enfrentarão um choque enorme quando saírem deste colégio. Este colégio, onde *todos* são tratados como iguais.

Leio aquilo várias vezes e olho para Rita. Ela é só alguém que conheço. Não somos amigas.

— Vocês terão que trabalhar mais do que os homens... para chegar onde querem. *Essa* é a verdade.

Ela dá de ombros para mim.

— Assim, espero que enquanto estiverem neste colégio, pensem e valorizem o que têm. Vocês são todas muito sortudas. Têm o potencial de fazer o que quiserem fazer e ser o que quiserem ser.

Dobro a folha do hino e faço um origami de avião com ela, mas não o lanço, porque não podemos fazer isso na reunião. Todo mundo se levanta e canta "Love Shine a Light", e a letra quase faz com que eu dê risada. Ao sair, jogo o avião de papel discretamente no bolso do blazer de Becky.

Não me sento com ninguém no almoço. Acabo não almoçando, na verdade, mas não me importo. Ando pelo colégio. Em muitos momentos durante o dia, eu me pergunto onde Michael poderia estar, mas em outros, tenho certeza absoluta de que não me importa saber.

Não vi Michael durante toda a semana.

Tenho pensado muito na patinação dele. Nas semifinais do Campeonato Nacional Juvenil.

Fico me perguntando por que ele não me contou sobre isso.

Fico me perguntando por que ele não está aqui.

Estou sentada de costas para as quadras de tênis, cercada por gaivotas, o que é esquisito, porque elas já deveriam ter migrado. É a quinta aula. Música. Sempre mato a quinta aula da quarta-feira porque é a nossa aula de ensaio. Estou vendo todas as meninas do sexto ano saírem do prédio principal e irem para o campo, algumas correndo, a maioria rindo e cada uma delas com vários foguetes de fogos de artifício na mão. Não vejo nenhum professor.

Não sei o que o Solitaire disse às alunas do sexto ano, mas fica claro para mim que isso é coisa deles.

Pego o celular e entro no Google. Digito "Michael Holden" e, depois, o nome da nossa cidade. E pressiono o Enter.

Como num passe de mágica, meu Michael Holden aparece nos resultados de busca.

O primeiro resultado é uma matéria no jornal da nossa região, intitulado "Adolescente da região vence o Campeonato Nacional de Patinação de Velocidade". Clico nele. Demora um pouco para carregar. Meus joelhos começam a tremer de ansiedade. Às vezes, eu detesto a internet.

A matéria tem cerca de três anos. Tem uma foto do Michael com uns quinze anos, mas ele não parece tão diferente. Talvez seu rosto esteja um pouco menos definido. Os cabelos talvez um pouco mais compridos. Talvez ele não seja tão alto. Na foto, ele está sentado num pódio com um troféu e um buquê de flores. Está sorrindo.

O adolescente da região, Michael Holden, patinou e venceu o Campeonato Nacional de Patinação de Velocidade Sub16 deste ano...

Entre as vitórias anteriores de Holden estão o Campeonato Regional Sub12, o Campeonato Regional Sub14 e o Campeonato Nacional Sub14...

O diretor da Patinação de Velocidade do Reino Unido, sr. John Lincoln, pronunciou-se em resposta à sequência inegavelmente extraordinária de vitórias de Holden. Lincoln afirmou que "Encontramos um futuro competidor internacional. Holden mostra comprometimento, experiência, vontade e talento para sagrar o Reino Unido campeão em um esporte que nunca recebeu atenção satisfatória neste país."

Volto para a página dos resultados da pesquisa. Há muitos outros textos de natureza semelhante. Michael venceu os campeonatos Sub18 do ano passado.

Acho que por isso ele ficou bravo por ter chegado em segundo na semifinal. E é compreensível. Acho que eu também ficaria brava se fosse ele.

Fico ali, sentada, olhando para o Google por um tempo e me perguntando se estou surpresa, mas acho que não. Só parece momentaneamente impossível que Michael tenha essa vida espetacular que não conheço. Uma vida na qual ele não roda por aí com um sorriso no rosto fazendo coisas sem sentido.

É muito fácil acreditar que sabemos tudo sobre alguém.

Desligo o telefone e me recosto na cerca de arame.

As alunas do sexto ano se reuniram. Um professor sai correndo do colégio em direção a elas, mas é tarde demais. Elas fazem uma contagem regressiva a partir de dez, erguem os fogos de artifício e os estouram, e parece que entrei num campo de batalha da Segunda Guerra Mundial. Em pouco tempo, alguém está gritando e pulando, os fogos de artifício voando feito um furacão nas cores do arco-íris. Outros professores começam a aparecer, também gritando. Eu me pego sorrindo, depois começo a rir e, em seguida, me sinto decepcionada comigo mesma. Não deveria estar gostando de nada que o Solitaire está fazendo, mas também é a primeira vez na vida em que senti algo de positivo em relação ao sexto ano.

CINCO

ESTOU INDO PARA CASA no ônibus quando Michael enfim decide reaparecer de modo dramático. Estou sentada na segunda fileira do fundo, na escada à esquerda, ouvindo Elvis Costello como a maldita hipster que sou, quando ele aparece atrás de mim com a bicicleta velha e percorre a rua com a mesma velocidade do ônibus. A janela pela qual estou olhando está toda suja e a neve secou gotas de água nela, mas ainda assim vejo o rosto dele de perfil, sorrindo ao vento feito um cão com a cabeça para fora da janela do carro.

Ele se vira, procurando pelas janelas, e acaba percebendo que estou, na verdade, num ponto adjacente a ele. Com os cabelos esvoaçados, o casaco voando atrás dele feito uma capa, ele acena de maneira assustadora e bate a mão com tanta força na janela que todo aluno idiota no ônibus para de fazer o que está fazendo e olha para mim. Levanto a mão e aceno, sentindo-me um tanto mal.

Ele continua fazendo isso até eu descer do ônibus, dez minutos depois, e nesse momento começa a nevar de novo. Digo a Nick e a Charlie que eles podem seguir sem mim. Quando ficamos sozinhos, nós nos sentamos em um muro do jardim, e Michael encosta a bicicleta. Percebo que ele não está vestindo o uniforme do colégio.

Olho para a esquerda, até encontrar o rosto dele. Michael não está olhando para mim. Espero que comece a conversa, mas ele não diz nada. Acho que está me desafiando.

Demorou mais do que deveria para que eu reconhecesse que quero ficar perto dele.

— Eu… — digo, forçando as palavras — sinto muito.

Ele hesita como se estivesse confuso, vira-se para mim e sorri de modo gentil.

— Tudo bem — diz.

Eu meneio a cabeça um pouco e desvio o olhar.

— Já fizemos isso antes, certo? — comenta ele.

— Isso o quê?

— O lance esquisito de pedir desculpas.

Lembro o comentário da "psicopata deprimida". Mas não é a mesma coisa. Eu estava sendo tola e a raiva dele o dominou. Foram só palavras.

Eu não sabia nada do Michael até então.

Ele ainda tem aquele brilho. Aquela luz. Mas tem mais. As coisas que não podem ser vistas, apenas encontradas.

— Onde você esteve? — pergunto.

Ele desvia o olhar e ri.

— Fui *suspenso*. Pela tarde de segunda, ontem e hoje.

Isso é tão ridículo que acabo rindo.

— Você finalmente fez alguém ter um acesso nervoso?

Ele ri de novo, mas é esquisito.

— Isso poderia acontecer, para ser sincero. — O rosto dele muda. — Não, sim, eu... hum... xinguei o Kent.

Dou risada.

— Você *xingou*? Foi suspenso por ter *xingado*?

— Sim. — Ele coça a cabeça. — Parece que o Higgs tem regras a esse respeito.

— A Terra da Opressão — digo, meneando a cabeça, citando Becky. — Como isso aconteceu?

— Meio que começou na aula de História, acho. Fizemos os simulados há algumas semanas, recebemos nossas notas na segunda, e minha professora pediu para eu ficar depois da aula porque, como era de se esperar, eu fui muito mal. Acho que tirei um E ou coisa assim. Então ela começou a descer a lenha em mim, sabe? Começou a reclamar dizendo que sou uma decepção, que nem me *esforço*. Foi quando comecei a ficar muito incomodado porque eu me esforcei, sim. Mas ela não parava mais, mostrou a prova, apontou para

ela e disse: "O que você acha que é isso? Nada faz sentido aqui. Onde está a justificativa? Onde está sua técnica de redação?" Resumindo, ela acabou me levando à sala do Kent como se eu fosse um aluno do ensino fundamental.

Ele para. Não está olhando para mim.

— E Kent começou com um sermão de que eu deveria fazer melhor, que não estou me comprometendo o suficiente com o colégio e não estou me esforçando como deveria. Tentei me defender, mas você sabe como o Kent é. Assim que tentei argumentar, ele ficou todo agressivo e mandão, o que me deixou ainda mais irado, porque você sabe, os professores *não admitem* que eles *podem* estar errados, e tipo... eu não *pretendia*, mas acabei dizendo "Mas você nem *liga* pra porra nenhuma relacionada a mim, não é?". E... pois é, fui suspenso.

Isso me lembra o Michael que Nick descreveu no primeiro dia do semestre. Mas, em vez de achar a história um pouco esquisita, fico bem impressionada.

— Que rebelde — digo.

Ele olha para mim por muito tempo.

— Sim, sou incrível.

— Mas é verdade, os professores *não* estão nem aí.

— Pois é. Eu já deveria saber.

Nós dois voltamos a olhar para as casas do outro lado. As janelas estão todas laranja por causa do pôr do sol. Raspo os sapatos na calçada cheia de neve. Sinto uma certa vontade de perguntar a ele sobre a patinação, mas, ao mesmo tempo, acho que é uma coisa *dele*. Uma coisa particular e especial dele.

— Ando bem entediada sem você — digo.

Ele faz uma longa pausa.

— Eu também — diz Michael.

— Você soube o que o sexto ano fez hoje?

— Sim... foi hilário.

— Eu estava lá. Eu sempre fico no campo na quinta aula da quarta-feira, então eu estava lá, literalmente. Foi... foi como uma chuva de serpentinas ou coisa assim.

Ele parece parar de se mexer. Depois de alguns segundos, vira a cabeça devagar na minha direção.

— *Isso* foi uma boa coincidência — diz ele.

Demoro um pouco para entender o que ele está dizendo.

É ridículo. O Solitaire não teria como saber que eu sempre mato aquela aula e fico no pátio. Nem os professores notam, na maior parte das vezes. É *ridículo*. Mas começo a pensar no que Michael disse antes. A respeito de *Star Wars*. "Material Girl". Os gatos. O violino. E o ataque a Ben Hope — teve a ver com o *meu* irmão. Mas é impossível. Não sou especial. É impossível. Mas...

Foram *muitas* coincidências.

— Sim — digo. — Só uma coincidência.

Nós dois nos levantamos e começamos a percorrer o caminho que clareia aos poucos, Michael empurrando a bicicleta ao seu lado. Isso deixa uma linha cinza comprida atrás de nós. Pontinhos brancos de neve caem nos cabelos dele.

— E agora? — pergunto. Não sei bem de qual "agora" estou falando. Desse minuto? De hoje? Do resto das nossas vidas?

— Agora? — Michael pensa na minha pergunta. — Nós comemoramos e aproveitamos a juventude. Não é o que devemos fazer?

Eu me pego sorrindo.

— Sim. Sim, é o que devemos fazer.

Caminhamos um pouco mais. A neve deixa de ser um brilho suave e passa a se tornar flocos grandes feito moedas.

— Eu fiquei sabendo do que você disse à Becky — diz ele.

— Quem contou?

— Charlie.

— Quem contou ao *Charlie*?

Ele balança a cabeça.

— Não sei.

— Quando você conversou com ele?

Michael evita meus olhos.

— Outro dia. Eu só queria ter certeza de que você estava bem...

— O que foi, você acha que estou *deprimida* ou coisa assim?

Eu digo isso meio brava.

Não quero que as pessoas se preocupem comigo. Não tem nada *com o que* se preocupar. Não quero que as pessoas tentem entender por que estou como estou, porque *eu* deveria ser a primeira pessoa a entender isso. E eu *ainda* não entendo. Não quero que as pessoas interfiram. Não quero as pessoas na minha cabeça, falando disso e daquilo, sempre mexendo nos pequenos fragmentos de mim.

Se é isso o que os amigos fazem, não quero.

Ele sorri. Um sorriso adequado. E depois ri.

— Você não aceita que as pessoas se importem!

Não digo nada. Ele tem razão. Mas não digo nada.

Ele para de rir. Muitos minutos se passam em silêncio.

Começo a pensar sobre cerca de quatro semanas atrás, quando eu não conhecia o Michael. Quando o Solitaire não tinha acontecido. Sei que me sinto mais triste com as coisas. Muitas coisas ao meu redor têm sido tristes, e pareço ser a única pessoa capaz de ver isso. Becky, por exemplo. Lucas. Ben Hope. Solitaire. Todo mundo acha normal machucar os outros. Ou talvez eles não percebam que estão machucando as pessoas. Mas eu percebo.

O problema é que as pessoas não agem.

O problema é que *eu* não ajo.

Fico sentada aqui, sem fazer nada, pensando que alguém vai vir melhorar as coisas.

Por fim, Michael e eu acabamos na fronteira da cidade. Está escurecendo, e mais de uma lâmpada de poste pisca quando passamos, lançando uma luz amarela no chão. Descemos o caminho amplo entre duas casas grandes e chegamos aos campos, tomados de neve, que se estendem entre a cidade e o rio. Brancos, cinza e azuis; tudo em uma névoa borrada, chuva no para-brisa, uma pintura.

Fico ali parada. Tudo para, de certo modo, como se eu tivesse saído da Terra. Como se eu tivesse saído do universo.

— É linda — comento. — Não acha a neve linda?

Espero Michael concordar comigo, mas ele não concorda.

— Não sei — diz ele. — Está frio. É romântico, acho, mas isso só deixa as coisas frias.

SEIS

— ENTÃO, TORI. — Kent passa os olhos no meu próximo texto. — Qual foi sua opinião dessa vez?

É sexta-feira e estamos na hora do almoço. Eu não tinha nada para fazer, por isso vim entregar meu trabalho de inglês mais cedo. O tema é "Até que ponto o casamento é a preocupação principal de *Orgulho e preconceito*?". Kent parece falante hoje — minha característica menos preferida num personagem.

— Escrevi um trabalho normal.

— Pensei que você pudesse fazer isso. — Ele assente. — Ainda quero saber o que você achou.

Tento pensar no momento em que escrevi. No almoço de segunda-feira? Na terça? Todos os dias se tornam um só.

— Você acha que o casamento é a preocupação principal?

— É *uma* preocupação. Não uma preocupação *principal*.

— Você acha que a Elizabeth se importa com casamento em geral?

Eu imagino o filme.

— Acho que sim. Mas isso não ocorre a ela enquanto está com Darcy. Tipo... ela não liga as duas coisas. Darcy e casamento. Eles são dois problemas separados.

— Então, o que você acreditaria ser *a* preocupação principal de *Orgulho e preconceito*?

— Eles próprios. — Enfio as mãos nos bolsos do blazer. — Eles passam o tempo todo procurando entender quem são e quem parecem ser.

Kent meneia a cabeça de novo, como se soubesse de algo que eu não sei.

— Que interessante. A maioria das pessoas diz que o amor é o tema principal. Ou o sistema de classes. — Ele coloca meu trabalho em uma pasta

de papelão. — Você lê muitos livros em casa, Tori?

— Não leio.

Isso parece surpreendê-lo.

— Ainda assim, você decidiu fazer literatura inglesa nível avançado.

Dou de ombros.

— O que você faz para se divertir, Tori?

— Para me divertir?

— Com certeza você tem um passatempo. Todo mundo tem um passatempo. Eu leio, por exemplo.

Meus passatempos são beber limonada diet e ser uma idiota amarga.

— Eu tocava violino.

— Ah, está vendo? Um passatempo.

Não gosto das implicações da palavra "passatempo". Faz com que eu pense em artesanato. Ou golfe. Algo que pessoas animadas fazem.

— Mas desisti.

— Por quê?

— Não sei. Só não gostei muito.

Kent assente para mim pela centésima vez, batendo a mão no joelho.

— É justo. Do que você *realmente* gosta?

— Acho que gosto de assistir a filmes.

— E os amigos? Você não gosta de estar com eles?

Penso nisso. Eu deveria gostar de estar com eles. É o que as pessoas fazem. Elas ficam com os amigos para se divertir. Eles têm aventuras, viajam e se apaixonam. Eles brigam e perdem um ao outro, mas sempre se encontram de novo. É o que as pessoas fazem.

— Quem você consideraria seu amigo?

Mais uma vez, penso e faço uma lista na minha mente.

1. Michael Holden — o candidato mais qualificado para o status de amigo.
2. Becky Allen — foi a melhor amiga no passado, mas é claro que não é mais.
3. Lucas Ryan — ver anterior.

Quem mais era meu amigo antes disso? Não lembro.

— As coisas são muito mais fáceis com menos amigos. — Kent suspira, dobrando os braços contra o casaco de tweed. — Mas a amizade vem com muitos benefícios.

Fico tentando imaginar o que ele está falando.

— Os amigos são mesmo tão importantes?

Ele une as mãos.

— Pense em todos os filmes que já viu. A maioria das pessoas que se saem bem e que acabam felizes têm amigos, não é mesmo? Normalmente, têm um ou dois amigos muito próximos. Veja Darcy e Bingley. Jane e Elizabeth. Frodo e Sam. Harry, Ron e Hermione. Os amigos são importantes. As pessoas que vivem sozinhas costumam ser os antagonistas. Como Voldemort.

— Até mesmo o Voldemort tinha seguidores — digo, mas a palavra "seguidores" me faz pensar no meu blog.

— Seguidores: sim. Amigos? Amigos de verdade? Definitivamente não. Não dá para depender apenas de si mesmo, apesar de parecer uma maneira mais fácil de viver.

Eu discordo, então decido não dizer nada.

Kent se inclina para a frente.

— Vamos, Tori. Saia dessa. Você é melhor do que isso.

— Melhor do que o quê? Desculpa se minhas notas não foram boas.

— Não seja boba. Você sabe que não é disso que estamos falando.

Franzo a testa.

Ele franze a dele em resposta — um franzir de testa sarcástico.

— Mexa-se. Está na hora de você se erguer. Não pode continuar deixando as oportunidades da vida escaparem.

Eu saio da cadeira e me viro para sair.

Quando abro a porta, ele murmura:

— Nada vai mudar até você decidir que quer que mude.

Fecho a porta ao sair, pensando se acabei de imaginar essa conversa toda.

SETE

A ÚLTIMA AULA É VAGA, por isso entro no salão. Fico olhando para Becky, que está trabalhando na outra mesa, mas ela não olha para mim. Evelyn também está ali. Ela fica ao telefone durante toda a hora.

Confiro meu blog e vejo uma mensagem:

Anônimo: *Pensamento do dia: Por que as pessoas acreditam em Deus?*

Confiro o blog do Solitaire, e o post de destaque no momento é um gif de um menininho fazendo bolinhas de sabão com um daqueles frascos de plástico. Um monte de bolhas explode no ar e sobe ao céu; a câmera as mostra e a luz do sol as atravessa, deixando-as cor-de-rosa, laranja, verde e azul. Então, o gif se repete, e dá para ver o menininho de novo, soprando as bolhas para o céu; o menino, as bolhas, o céu, o menino, as bolhas, o céu.

Quando chego em casa, até minha mãe nota que algo mudou e tenta, sem muito ânimo, saber o que é, mas acabo voltando para o quarto. Caminho por um tempo e me deito. Charlie entra no quarto e pergunta o que aconteceu. Quando estou prestes a contar a ele, começo a chorar, e não é um choro silencioso dessa vez, mas um choro alto, e eu me detesto tanto por isso que literalmente escondo o rosto com as mãos e choro tanto que paro de respirar direito.

— Preciso fazer alguma coisa — continuo dizendo. — Tenho que fazer alguma coisa.

— Fazer alguma coisa em relação a quê? — pergunta Charlie, puxando os joelhos contra o peito.

— Só... não sei... todo mundo, tudo enlouqueceu. Todo mundo enlouqueceu. Eu estraguei tudo com a Becky e não paro de estragar tudo

com o Michael e nem sei quem *é* o Lucas, não de verdade. Minha vida era muito normal antes. Eu detestava me sentir tão entediada, mas quero me sentir assim de novo. Não me importava com nada antes. Mas, no sábado, todas aquelas pessoas, ninguém deu a *mínima*. Não se importaram com o fato de que Ben Hope poderia morrer de tanto apanhar. Eu sei que isso não aconteceu. Mas, tipo, eu não. Eu *não posso* mais ser assim. Sei que não faz sentido. Sei que só estou me estressando por nada. Eu sei, sou uma merda, sou um ser humano vergonhoso. Mas antes do Solitaire, tudo estava bem. Eu estava bem. Eu costumava estar bem.

Charlie apenas assente.

— Certo.

Ele permanece sentado comigo enquanto estou reclamando e chorando. Quando me acalmo, finjo precisar dormir, por isso ele vai embora. Deito com os olhos abertos e penso em tudo o que aconteceu na minha vida toda, e não demoro muito para chegar onde estou. Concluo que é impossível dormir, por isso começo a procurar no quarto por nada em particular. Encontro minha caixa de coisas especiais na gaveta da mesa — uma caixa de recordações, acho — e em cima dela há um diário que escrevi no verão do sexto ano. Leio a primeira página:

> Domingo, 24 de agosto
> Acordei às 10:30. Becky *et moi* fomos ao cinema hoje e vimos Piratas do Carybe 2 (é assim que se escreve???). MINHA NOSSA, foi INCRÍVEL. Becky acha Orlando Bloom o mais lindo, mas prefiro o Johnny Depp. Ele é hilário e brilhante. Fomos comer pizza na rua de cima. Ela comeu havaiana, mas é claro que a minha era simples, só de queijo. DELÍCIA! Ela vem na próxima semana para passar a noite também, e vai ser muito divertido. Ela diz que precisa me contar sobre um garoto de quem ela gosta!! E vamos comer tanto e ficar acordadas a noite toda assistindo a filmes!!!!!

Coloco o diário na gaveta de baixo outra vez e me sento com calma por muitos minutos. Em seguida, eu o pego de novo, encontro uma tesoura e começo a rasgá-lo, cortando as páginas e a capa dura, rasgando e puxando, até sobrar um monte de algo parecido com confete no meu colo.

Na caixa de tesouro encontro ainda um frasco de bolhinhas de sabão vazio. Becky me deu no meu aniversário há muito tempo. Eu adorava bolhas, ainda que não me conformasse com o fato de elas serem vazias por dentro. E então eu me lembro do gif no blog do Solitaire. Isso é outra coisa. Outra coisa a adicionar na lista: o vídeo do violino e o *Star Wars*, toda aquela bobagem. Olho para o frasco de bolhinhas de sabão e não sinto nada. Ou tudo. Não sei.

Não. Eu *sei*, sim.

Michael estava certo. Sempre esteve certo. Solitaire. O Solitaire está... falando comigo. Michael tinha *razão*.

Não faz nenhum sentido, mas sei que sou eu. Tem tudo a ver comigo.

Corro até o banheiro e vomito.

Quando volto, afasto a caixa, fecho a gaveta e abro outra. Esta está cheia de artigos de papelaria. Testo todas as minhas canetas com rabiscos grandes nos pedaços de papel e enfio as que não funcionam embaixo da cama, ou seja, a maioria delas. Estou murmurando alto para encobrir os sons vindos da janela, porque sei que os estou inventando. Meus olhos não param de lacrimejar, depois se acalmam e lacrimejam de novo, e eu os esfrego com tanta força que vejo estrelas mesmo quando eles estão abertos.

Pego a tesoura de novo e passo pelo menos meia hora sentada na frente do espelho, aparando as pontas do cabelo obsessivamente. Pego uma caneta preta e sinto uma necessidade forte de escrever alguma coisa. Então, no meu próprio braço, com a caneta preta, escrevo "SOU VICTORIA ANNABEL SPRING" em parte porque não penso em mais nada a escrever, e em parte porque estou com a sensação de que preciso me lembrar de que tenho um nome do meio.

Solitaire está conversando comigo. Talvez de propósito, talvez não. Mas decidi que depende de mim fazer algo a respeito. Depende apenas de mim.

Caminho até a mesa de cabeceira. Pego algumas canetas velhas e alguns livros que não tenho lido, meus lencinhos de remover maquiagem e o diário no qual já não escrevo. Eu o abro, leio alguns dos registros e volto a fechá-lo. É muito triste. Uma adolescente cheia de clichês. Sinto nojo de mim mesma. Fecho os olhos e prendo a respiração por mais tempo que consigo (quarenta

e seis segundos). Choro, de modo consistente e patético, por vinte e três minutos. Ligo o laptop e procuro meus blogs preferidos. Não posto nada no meu blog. Não lembro a última vez que fiz isso.

OITO

A SEMANA TEM SIDO ESQUISITA. Meio sem saber o que fazer, fiquei na cama a maior parte do tempo, navegando pela internet, assistindo TV etc. etc. Nick e Charlie vieram para "bater um papo" depois do almoço no domingo e fizeram com que eu me sentisse muito mal por ser uma preguiçosa. Meu fim de semana terminou com Nick e Charlie me arrastando a um festival local de música no The Clay, que é um campo sem grama perto da ponte, limitado por algumas árvores e cercas quebradas.

Nick, Charlie e eu passamos pela lama em direção aos grupos que rodeiam o palco. Ainda não está nevando de verdade, mas sinto que está chegando a hora. Quem pensou que janeiro fosse um bom mês para um festival de música provavelmente era sádico.

A banda, ao que parece uma banda *indie* de Londres, faz tanto barulho que é possível ouvi-la do outro lado da rua. Apesar de não haver luzes acesas, várias pessoas parecem estar segurando uma tocha ou carregando uma haste luminosa, e perto da beira do campo há uma grande fogueira. Eu me sinto muito despreparada. Penso em correr de volta para a ponte, subir a rua e ir para casa.

Não. Nada de correr para casa.

— Você está bem? — grita Charlie mais alto do que a música. Ele e Nick estão muitos metros à minha frente, Nick com uma tocha acesa na minha direção, o que me deixa cega.

— Vai ficar com a gente? — Nick aponta para o palco. — Vamos assistir.

— Não — respondo.

Charlie só olha para mim quando me afasto. Nick o puxa para longe e eles desaparecem em meio à multidão.

Eu também desapareço na multidão.

Está bem quente e não enxergo muita coisa — só o verde e o amarelo de varetas luminosas e as luzes do palco. A banda está tocando há pelo menos meia hora e o campo do The Clay está mais para um lamaçal. A lama suja minha calça jeans. Vejo muitas pessoas que conheço do colégio e, sempre que as vejo, aceno de modo expansivo e sarcástico. No meio da multidão, Evelyn me chacoalha pelos ombros e grita que está procurando seu namorado. Isso faz com que eu não goste dela.

Depois de um tempo, percebo que não paro de pisar em pedacinhos de papel. Eles literalmente estão *por toda parte*. Estou sozinha na multidão quando decido pegar um deles e analisá-lo com atenção, iluminando-o com a lanterna do celular.

É um panfleto. De fundo preto. Tem um símbolo vermelho no meio: um coração virado para baixo, desenhado de qualquer jeito de modo a parecer a letra A, com um círculo ao redor da letra.

Parece o símbolo de Anarquia.

Embaixo do símbolo, está a palavra:

SEXTA-FEIRA

Minhas mãos começam a tremer.

Antes que eu pense no que isso significa, sou empurrada na direção de Becky. Ela está pulando sem parar perto da barreira com Lauren e Rita. Nós nos olhamos.

Lucas também está ali, atrás de Rita. Está vestindo uma camisa com pontinhas de metal na gola, por baixo de um colete de vovô e uma jaqueta jeans grande. Também está usando calça jeans de barra dobrada da Vans. Só de olhar para ele, eu me sinto muito triste.

Enfio o panfleto de SEXTA-FEIRA no bolso do casaco.

Ele me vê por cima do ombro de Rita e meio que se retrai, o que deve ser muito difícil em uma multidão como aquela. Aponto para meu peito, sem desviar o olhar. Então, aponto para ele. Em seguida, aponto para o lado vazio do campo.

Ele não se mexe e eu o seguro pelo braço e começo a puxá-lo para trás, para longe da multidão e dos alto-falantes reverberantes.

Eu me lembro de quando tínhamos dez anos, ou nove, ou oito, em uma situação parecida — eu puxando Lucas pelo braço. Ele nunca fazia nada sozinho. Eu sempre fui muito boa em fazer coisas sozinha. Acho que meio que *gostava* de cuidar dele. Mas chega um momento em que você não pode continuar cuidando de outras pessoas. Precisa começar a cuidar de si.

E, de novo, acho que não faço nenhuma das duas coisas.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele. Nós nos afastamos da multidão e nos colocamos um pouco à frente da fogueira. Vários grupos de pessoas passam com garrafas de bebidas nas mãos, rindo, apesar de a área ao redor do fogo estar quase vazia.

— Estou fazendo coisas agora — digo. Ponho a mão no ombro dele e me inclino para a frente, com seriedade. — Por que... *quando* você se tornou hipster?

Ele tira a minha mão do ombro dele com delicadeza.

— Estou falando sério — diz ele.

A banda parou. Há um silêncio momentâneo, o ar tomado pelas vozes que se tornam um único barulho. Vejo muitos daqueles panfletos aos meus pés.

— Fiquei sentada na frente do café por uma hora inteira — conto, torcendo para que ele se sinta muito mal. — Se não me contar por que está me evitando, então, tipo... podemos dar tudo por encerrado e parar de ser amigos.

Ele fica tenso e vermelho, o que dá para ver mesmo com a luz fraca. Caio na real de que nunca mais seremos melhores amigos.

— É que... — diz ele — é muito difícil... para mim... estar perto de você...

— *Por quê?*

Ele demora um pouco para responder. Alisa os cabelos para o lado, esfrega o olho e confere para ver se a gola da blusa não está para cima, e coça o joelho. Em seguida, começa a rir.

— Você é muito engraçada, Victoria. — Ele balança a cabeça. — Você é mesmo muito engraçada.

Sinto vontade de dar um soco na cara dele. Mas recorro apenas à histeria.

— Mas que *porra* é essa? Do que você está *falando*?! — grito, mas não dá para perceber por causa do barulho na multidão. — Você é *louco*. Não sei por que você está me dizendo isso. Não sei por que você decidiu que deveríamos ser melhores amigos de novo e não sei por que você nem sequer olha nos meus olhos; não entendo *nada* do que você está fazendo nem dizendo, e isso está me *matando*, porque já não entendo nada sobre mim nem sobre Michael, nem sobre Becky nem sobre meu irmão nem sobre *nada* nesse planeta de merda. Se você secretamente me odeia ou algo assim, *precisa desabafar*. Estou pedindo para você me dar *uma* resposta direta, *uma* frase que possa resolver pelo menos *alguma coisa* na minha cabeça, mas NÃO. Você não se importa, não é?! Você não está NEM AÍ para os meus sentimentos nem para os sentimentos de ninguém. Você é como todas as outras pessoas.

— Você está errada — diz ele. — Você está err...

— Todo mundo tem *problemas* tenebrosos. — Balanço a cabeça com força, segurando-a com as duas mãos. Começo a falar com uma voz prepotente sem motivo. — Até mesmo você. Até mesmo o Lucas, perfeito e inocente, tem *problemas*.

Ele está olhando para mim de modo confuso e é hilário. Começo a rir.

— Talvez, tipo, *todo mundo* que eu conheço tenha problemas. Tipo... não há pessoas felizes. *Nada* funciona. Mesmo quando é alguém que você considera perfeito. Como o meu irmão! — Sorrio para ele. — Meu irmão, meu irmãozinho, ele é muuuuito perfeito, mas ele... ele não gosta de comida, tipo, literalmente não gosta de comida ou, sei lá, ele ama comida. Ele ama *tanto* que precisa ser perfeito o tempo todo, sabe?

Seguro Lucas por um ombro de novo para que ele compreenda.

— E, um dia, ele ficou muito bravo consigo mesmo, ele tipo... ele ficou muito puto, ele detestava o quanto adorava comida. Pois é, e ele pensou que seria melhor se não houvesse comida nenhuma. — Começo a rir tanto que meus olhos lacrimejam. — Mas isso é tão bobo! Porque precisamos comer comida para não morrer, não é? Então, meu irmão Charles, Charlie, ele, ele

pensou que seria melhor se superasse isso naquele momento! Até que ele, ano passado, ele... — Eu seguro meu punho e aponto. — ... ele se *machucou*. E escreveu um cartão para mim, dizendo que estava muito arrependido e tal, mas que eu não deveria ficar triste porque ele estava bem *feliz* com aquilo.

Balanço a cabeça e rio sem parar.

— E sabe o que me dá vontade de *morrer*? O fato de, tipo, durante todo aquele tempo, eu *saber* que aconteceria, mas não ter feito *nada*. Nem disse nada a ninguém a respeito disso, porque pensei que estava *imaginando* coisas. Bem, eu me surpreendi muito quando entrei no banheiro naquele dia.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto.

— E sabe o que é *literalmente hilário*? No cartão, havia a imagem de um *bolo*!

Ele está calado e não acha nada hilário, o que acho esquisito. Ele emite um som de dor e se vira depressa e se afasta. Seco as lágrimas que chorei enquanto ria, e tiro aquele folheto do bolso e olho para ele, mas a música começou outra vez, estou fria demais e meu cérebro não parece estar processando nada. Só aquela maldita imagem daquele maldito bolo.

NOVE

— VICTORIA? Tori? Você está aí?

Alguém está falando comigo ao telefone.

— Onde você está? Está tudo bem?

Estou sozinha perto da multidão. A música acabou. Todo mundo está esperando a próxima banda, e mais e mais pessoas começam a se unir, e em um ou dois minutos estou presa novamente na massa de corpos. O chão está coberto por aqueles panfletos e as pessoas começaram a recolhê-los. Tudo está acontecendo muito depressa.

— Estou bem — digo, por fim. — Charlie, estou bem. Estou no campo.

— Certo. Tudo bem. Nick e eu estamos voltando para o carro. Você também precisa vir.

Ouço um farfalhar quando Nick pega o telefone de Charlie.

— Tori, escute. Você precisa voltar para o carro *agora mesmo*.

Mas mal ouço o Nick.

Mal ouço o Nick porque outra coisa está acontecendo.

Há uma tela enorme de LED no palco. Até esse momento, ela está passando formas decorativas em movimento e, vez ou outra, os nomes das músicas que estão tocando.

A tela fica preta, deixando apenas pontos que são as hastes luminosas espalhadas pela multidão escura. Começo a me aproximar da tela, as figuras ao meu redor irresistivelmente atraídas em direção a ela. Eu me viro, pretendendo começar a me afastar da multidão, e é quando vejo — tem uma figura, a figura de um garoto, olhando inexpressivo do outro lado do rio. É Nick? Não sei dizer.

— Algo... algo está acontecendo... — digo ao telefone, virando-me na direção da tela.

— Tori, você PRECISA voltar para o carro. A coisa toda vai ficar MALUCA aí.

A tela de LED muda. Brilha numa luz branca, depois vermelha feito sangue, e em seguida volta a ficar preta.

— Tori? Alô? Está me ouvindo?

Há um pontinho vermelho no meio da tela.

— TORI?!

Ele aumenta e ganha forma.

É o coração de cabeça para baixo.

A multidão grita como se a Beyoncé tivesse acabado de subir ao palco.

Pressiono o botão vermelho do meu telefone.

E uma voz distorcida e sem gênero começa a falar.

— BOA NOITE, PESSOAS DO SOLITAIRE.

Todo mundo ergue os braços e grita — de alegria, de medo, não sei mais, mas estão *adorando*. Corpos avançam, batendo uns nos outros, todo mundo suando, e em pouco tempo estou me esforçando até para respirar.

— ESTAMOS NOS DIVERTINDO?

O chão vibra quando as vozes ressoam. O panfleto que peguei está na minha mão. Não vejo Lucas, nem Becky, nem ninguém que conheço. Preciso cair fora. Dou cotoveladas e dou um giro de cento e oitenta graus, e começo a passar pela multidão que está gritando...

— ESTAMOS AQUI PARA CONTAR SOBRE UM ACONTECIMENTO ESPECIAL QUE ESTAMOS PLANEJANDO.

Passo pelos corpos, mas parece que não estou me mexendo. As pessoas começam a olhar para cima, para a tela, como se estivessem hipnotizadas, gritando palavras impossíveis de entender...

E eu o vejo de novo. Espio entre os vãos das cabeças na multidão. Ali, do outro lado do rio. O garoto.

— QUEREMOS QUE SEJA UMA GRANDE SURPRESA. *NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA*. SE VOCÊ FREQUENTA O COLÉGIO HARVEY GREENE, O *COLÉGIO HIGGS*, É MELHOR SE PREPARAR.

Estreito os olhos, mas está muito escuro e as pessoas fazem muito barulho, estão tão felizes e assustadoras que não vejo quem é. Viro o corpo de novo para a tela de LED, cotovelos e joelhos encostados no meu corpo, e uma contagem regressiva começa mostrando os dias, horas, minutos e segundos — a multidão começou a erguer os punhos — 04:01:26:52, 04:01:26:48, 04:01:26:45.

— VAI SER A MAIOR OPERAÇÃO DO SOLITAIRE!

E, com isso, de uma só vez, pelo menos vinte fogos de artifício são estourados na multidão, subindo, lançados pelas pessoas como meteoros e caindo feito chuva de faíscas na cabeça delas, a cinco metros de onde estou. As pessoas mais próximas dão gritos assustados, pulam para trás e para longe do perigo, mas a maioria dos gritos ainda é de felicidade, de animação. A multidão começa a se balançar e a tremer e sou levada em todas as direções; meu coração bate com tanta força que tenho a impressão de estar morrendo, sim, estou morrendo, vou morrer — até que, por fim, me afasto da multidão e me encontro na barranceira do rio.

Olho horrorizada para as pessoas. Os fogos de artifício de todas as formas e cores estão explodindo sem parar entre os corpos. Na ribanceira, vejo várias pessoas fugindo, uma ou outra em chamas. A alguns metros, uma garota cai e precisa ser arrastada para longe por seus amigos, que estão gritando.

Mas a maioria parece estar se divertindo. Estão encantadas com as luzes das cores do arco-íris.

— *Tori Spring!*

Por um momento, acho que é a voz do Solitaire falando, falando *comigo*, e meu coração para. Mas não é. É *ele*. Escuto quando ele grita. Eu me viro. Ele está do outro lado do rio, que é estreito aqui, o rosto iluminado pelo celular como se estivesse prestes a contar uma história assustadora, sem fôlego, só de camiseta e calça jeans. Ele começa a acenar para mim. Juro por Deus que ele deve ter um sistema de aquecimento central interno.

Olho para Michael.

Ele está segurando uma garrafa.

— Isso é... isso é *chá*? — grito.

Ele levanta a garrafa e olha para ela, como se tivesse esquecido da sua presença ali. Volta a olhar para mim e seus olhos brilham, e ele grita para a noite:

— O chá é o elixir da vida!

Uma nova onda de gritos passa pelo grupo perto de mim. Eu me viro e vejo as pessoas se afastando, gritando e apontando para uma luz pequena no chão a apenas dois passos de onde estou. Uma pequena luz seguindo devagar em direção a um cilindro enfiado no chão.

— GOSTARÍAMOS, EM ESPECIAL, DE AGRADECER AO COMITÊ DO FESTIVAL QUE NÃO NOS DEIXOU ESTAR AQUI.

Demoro exatamente dois segundos para perceber que, se eu não me mexer, um dos fogos de artifício vai explodir na minha cara.

— TORI. — A voz de Michael me envolve. Eu pareço incapaz de me mexer. — TORI, PULE NO RIO AGORA MESMO.

Eu viro a cabeça na direção dele. É quase tentador aceitar meu destino e ponto final.

O rosto dele está paralisado em uma expressão de terror puro. Ele para e pula no rio.

Faz zero grau aqui.

— Puta merda — digo sem me controlar.

— FIQUEM DE OLHO NO BLOG. E FIQUEM DE OLHO UNS NOS OUTROS. VOCÊS SÃO TODOS IMPORTANTES. PACIÊNCIA MATA.

A luz está se aproximando do cilindro. Talvez eu tenha cinco segundos. Quatro.

— TORI, PULE NO RIO!

A tela fica escura e os gritos atingem o ponto mais alto. Michael está vindo na minha direção, uma das mãos estendida, a outra segurando a garrafa acima da cabeça. Minha única opção.

— TORI!!!

Salto da ribanceira no rio.

Tudo parece perder a velocidade. Atrás de mim, os fogos estouram. Enquanto estou saltando, vejo o reflexo deles na água, amarelos, azuis, verdes

e roxos dançando pelas ondas, e está quase lindo, mas quase, apenas. Caio com um "splash" tão frio que minhas pernas quase bambeiam.

E sinto a dor no braço esquerdo.

Olho para ele. Vejo as chamas subindo pela manga. Ouço Michael gritar algo, mas não sei o que é. E enfio o braço na água gelada.

— Ai, meu Deus. — Michael está saindo, segurando a garrafa acima da cabeça. O rio tem pelo menos dez metros de largura. — PUTA que pariu, está congelando!

— E LEMBREM-SE, PESSOAL DO SOLITAIRE: JUSTIÇA É TUDO.

A voz interrompe. Do outro lado do rio, os grupos de pessoas estão correndo pela cidade até seus carros.

— Você está bem? — grita Michael.

Eu tiro o braço da água com hesitação. A manga do casaco está toda queimada, e o colete e as mangas da camisa estão em frangalhos. A pele que vejo ali está bem vermelha. Pressiono o local com a outra mão. Dói. Muito.

— Puta que pariu.

Michael tenta sair mais depressa, mas percebo que seu corpo está tremendo.

Dou um passo à frente, mais para dentro do rio, meu corpo tremendo sem controle, talvez por causa do frio e talvez porque acabei de escapar da morte, ou talvez por causa da dor ardida no braço. Começo a murmurar como se delirasse.

— Vamos morrer. Vamos acabar mortos.

Ele sorri. Está na metade do caminho. A água está batendo no peito.

— Bem, anda logo. Não estou a fim de morrer de hipotermia hoje.

A água subiu aos meus joelhos, ou talvez eu tenha dado um passo à frente de novo.

— Está bêbado?!

Ele ergue os braços acima da cabeça e grita:

— SOU O CARA MAIS SÓBRIO DESSE PLANETA INTEIRO!

A água está na minha cintura. Estou andando para a frente?

Ele está a dois metros de distância.

— Estou saindo! — diz ele, cantarolando. — Pode ser que eu demore um pouco! — E então: — Santa mãe de Deus, eu vou literalmente morrer congelado.

Estou pensando a mesma coisa.

— Qual é o seu problema? — pergunta ele. Não é preciso gritar. — Você só... só ficou parada.

— Eu quase morri — respondo, sem ouvi-lo direito. Acho que devo estar entrando em choque. — Os fogos de artifício.

— Tudo bem. Você está bem. — Ele ergue meu braço e dá uma olhada. Engole em seco e tenta não xingar. — Certo. Você está bem.

— Tem gente... tem muita gente ferida...

— Ei. — Ele encontra minha outra mão na água e se inclina um pouco para a frente de modo que nossos olhos fiquem paralelos. — Tudo bem. Todo mundo vai ficar bem. Vamos ao hospital.

— Sexta-feira — digo. — Solitaire é... na sexta-feira.

Olhamos para trás e a imagem é incrível. Está chovendo panfletos. Eles caem na multidão de grandes ventiladores montados no palco, e os fogos de artifício ainda estão surgindo pelo campo, cada um deles lançando uma onda de berros dos participantes. É uma tempestade, uma baita tempestade. O tipo de tempestade na qual você sai de casa para se molhar só pelo risco da morte.

— Estive procurando você — digo.

Não sinto a maior parte do meu corpo.

Por algum motivo, ele coloca as mãos no meu rosto e se inclina para a frente, dizendo:

— Tori Spring. Estou à sua procura *desde sempre*.

Os fogos continuam estourando sem parar, e o rosto de Michael continua brilhando com as cores do arco-íris; a luz reflete nos seus óculos e vários panfletos caem ao nosso redor como se estivéssemos presos em um furacão, e a água preta nos sufoca, e estamos tão perto e há pessoas gritando conosco e apontando, mas não estou nem aí, e o frio se tornou uma dor que não dói e mal se faz notar. E eu acho que as lágrimas congelam no meu rosto, e não sei bem o que acontece, mas por meio de um tipo de força planetária, eu me vejo agarrada a ele como se não soubesse mais o que fazer, e ele está

agarrado a mim como se eu estivesse afundando, e eu acho que ele beija minha cabeça; pode ser só um floco de neve, mas ele sussurra: "ninguém chora sozinho", ou pode ter sido "ninguém morre sozinho", e eu sinto que enquanto ficar aqui, pode ser que exista uma pequena chance de haver algo minimamente bom no mundo, e a última coisa de que me lembro pensando antes de desmaiar de frio é que se eu morresse, preferiria virar fantasma a ir para o céu.

DEZ

ACHO QUE DEVE SER SEGUNDA-FEIRA. A noite passada foi um borrão. Eu me lembro de ter despertado na ribanceira do rio nos braços de Michael, eu me lembro do frio doloroso da água e do cheiro da camiseta dele, e me lembro de ter fugido. Acho que estou com medo de alguma coisa, mas não sei o que é. Não sei o que dizer.

Fui ao pronto-socorro. Nick e Charlie me obrigaram. Tenho um baita curativo no braço, mas tudo bem, não está doendo tanto. Preciso tirá-lo hoje à noite e passar pomada no ferimento. Não estou ansiosa para fazer isso.

Sempre que olho para a ferida, me lembro do Solitaire. Faz com que eu me lembre do que eles são capazes.

Todo mundo parece bem feliz hoje e não gosto disso. O sol está muito forte e tenho que usar óculos escuros a caminho do colégio porque o céu, uma enorme piscina, está tentando me afogar. Eu me sento no salão, e Rita pergunta o que aconteceu com meu braço, e digo a ela que o Solitaire fez isso. Ela pergunta se estou bem. A pergunta faz com que eu chore, por isso digo a ela que estou bem e fujo correndo. Estou bem.

Tenho flashes da vida ao meu redor. Um grupo qualquer de meninas está sentado. Uma garota do segundo ano olha pela janela enquanto as amigas dela riem ao redor. Uma imagem de uma montanha com a palavra "Ambição". Uma luz que não para de piscar. Mas acho que o que me acalma é saber que vou descobrir quem está por trás do Solitaire e o que estão planejando fazer na sexta-feira, e vou impedi-los.

Na hora do intervalo, já contei sessenta e seis pôsteres do Solitaire espalhados pelo colégio. "**SEXTA-FEIRA: A JUSTIÇA VIRÁ**". Kent, Zelda e os monitores estão em polvorosa, e não dá para passar por um corredor sem notar um deles arrancando cartazes das paredes, murmurando

algo com raiva, baixinho. Hoje, há dois posts novos no blog do Solitaire: uma foto da reunião da semana passada, na qual um cartaz do Solitaire apareceu na tela do projetor, e uma imagem da Virgem Maria. Vou imprimir esses dois e colá-los na parede do meu quarto, onde já coloquei todos os posts anteriores do Solitaire. Minha parede já está quase toda coberta.

Primeiro, o Solitaire surrou um garoto. Depois, feriu gravemente um grupo de pessoas, tudo com o propósito de fazer um espetáculo. E todo mundo na cidade está apaixonado por ele.

Está claro para mim que, se eu não parar o Solitaire, ninguém mais vai.

Na hora do almoço, sinto que estou sendo seguida, mas quando chego ao departamento de TI, acredito que despistei quem quer que fosse. Então, eu me sento na sala C15, a que fica de frente para a C16, onde conheci Michael. Há três pessoas comigo na sala. Um aluno do terceiro ano está navegando no site da Universidade de Cambridge, e duas alunas do sexto ano estão fazendo o Quiz Impossível com enorme concentração. Elas não percebem minha presença.

Ligo o computador e navego pelo blog do Solitaire por quarenta e cinco minutos.

Em determinado momento, a pessoa que me seguiu entra na C15. É Michael, óbvio. Ainda me sentindo culpada por ter fugido outra vez, e sem querer falar sobre isso, passo por ele e saio da sala, e começo a andar depressa sem uma direção determinada. Ele me alcança. Estamos caminhando muito depressa.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Estou andando — responde Michael.

Dobramos uma esquina.

— Matemática — diz ele. Estamos no corredor das salas de matemática. — Eles fazem os painéis bem bonitos aqui porque, caso contrário, ninguém gostaria de matemática. Por que as pessoas achariam que matemática é divertido? Tudo o que ela faz é deixar nas pessoas a falsa impressão de desafio.

Kent sai de uma sala de aula alguns passos à nossa frente.

— Tudo certo, sr. Kent! — diz Michael. Kent meneia a cabeça para ele e passa por nós.

— Eu definitivamente acho que ele escreve poesia — continua Michael. — Dá para perceber. Nos olhos dele e no modo como cruza os braços o tempo todo.

Paro. Demos uma volta completa no primeiro andar do Higgs. Permanecemos imóveis, meio que olhando um para o outro. Ele está segurando uma xícara de chá. Por um momento bizarro, tenho a impressão de que queremos nos abraçar, mas logo ponho fim a esse pensamento, me virando, e volto para a C15.

Eu me sento ao computador para o qual estaria olhando, e ele se senta ao meu lado.

— Você fugiu de novo — diz Michael.

Não olho para ele.

— Não respondeu minhas mensagens de texto de ontem depois que fugiu. Tive que enviar uma mensagem ao Charlie, pelo Facebook, para descobrir o que tinha acontecido com você.

Não digo nada.

— Você recebeu minhas mensagens de texto? Minhas mensagens de voz? Eu meio que fiquei preocupado que você estivesse sofrendo de hipotermia ou coisa assim. E o seu braço. Fiquei bem preocupado.

Não me lembro de ter recebido mensagem nenhuma. Nem de texto, nem de voz. Eu me lembro de Nick gritando comigo por ser uma idiota, e de Charlie sentado ao meu lado no banco de trás do carro, e não ao lado do Nick no banco do passageiro. Eu me lembro de ter esperado no pronto-socorro por horas. E de o Nick ter adormecido recostado no ombro do Charlie, e do Charlie jogando um jogo de vinte perguntas comigo, e ele ganhando todas. Eu me lembro de não ter dormido na noite passada. Eu me lembro de ter dito à minha mãe que iria para o colégio, e só.

— O que você está fazendo? — pergunta ele.

O que estou fazendo.

— Estou... — Penso. Estou olhando para mim mesma na tela escura do computador. — Estou... eu estou fazendo algo. A respeito do Solitaire.

— Desde quando tem interesse no Solitaire?

— Desde... — começo, mas não sei o que dizer.

Ele não fecha a cara, não sorri nem nada.

— Por que eu não me interessaria? — pergunto. — *Você* está interessado. Foi você quem disse que o Solitaire estava de olho em mim.

— Só pensei que você não estivesse interessada — diz ele, a voz meio hesitante. — Não é bem do seu feitio... Achei que não... que você não se importava muito, sabe, a princípio.

Isso é verdade.

— *Você* ainda está interessado... certo? — pergunto, com medo da resposta.

Michael olha para mim por muito tempo.

— Gostaria de saber quem está por trás de tudo isso — diz ele —, e sei que o que aconteceu com Ben Hope foi bem nojento, e ontem... bom, foi bem idiota. É um milagre que ninguém tenha morrido. Você viu a matéria na BBC News? O Clay Festival dando a entender que foi o ato final que deu errado ou algo assim. O Solitaire nem foi citado. Acho que os organizadores não queriam que ninguém soubesse que eles foram dominados. E quem vai dar ouvidos a um monte de garotos falando sobre um blog que organizou tudo?

Michael está me olhando como se estivesse com medo de mim. Minha expressão deve estar bem esquisita. Ele inclina a cabeça.

— Quando você dormiu pela última vez?

Não me dou ao trabalho de responder. Permanecemos em silêncio por um momento até ele tentar de novo.

— Olha, isso é algo muito genérico a dizer, mas... — Ele faz uma pausa. — Se quiser, tipo, conversar sobre alguma coisa... sabe como é... as pessoas sempre precisam conversar... Você não fala muito. Estou sempre aqui... tipo... para conversar. Você sabe disso, não sabe?

A frase está tão confusa que mal compreendo o que ele quer dizer, então só concordo com animação. A julgar pelo sorriso levemente aliviado dele,

isso parece satisfazê-lo. Pelo menos, até ele perguntar:

— Vai me contar por que mudou de ideia? Por que está tão obcecada?

Não percebi que estou obcecada. Não acho que usaria essa palavra.

— Alguém tem que ficar obcecado.

— Por quê?

— É importante. Ninguém mais liga para as coisas importantes. — Paro de falar. — Estamos tão acostumados com o desastre que o aceitamos. Achamos que o merecemos.

O sorriso dele, fugaz, desaparece.

— Acho que ninguém merece um desastre. Acho que muita gente quer um desastre porque é a única coisa que sobra com poder de chamar atenção.

— Quem gosta de chamar atenção?

— Algumas pessoas não recebem atenção nenhuma — diz ele, e de novo vejo o cara do rinque de patinação: sério, sincero e discretamente *irado*. — Algumas pessoas *não* recebem atenção. Dá para entender por que saem querendo ser notadas. Se estiverem esperando há muito tempo por algo que pode nunca vir.

De repente, tenho a sensação de ser cega, ou talvez surda, perdendo o fio da meada.

Ele começa a procurar algo na bolsa e, depois de alguns instantes, tira uma lata e a estende a mim. É uma marca bem desconhecida de limonada diet. Uma das minhas preferidas. Ele sorri, mas é um sorriso forçado.

— Estive numa loja e me lembrei de você.

Olho para a lata, com uma sensação muito estranha no estômago.

— Obrigada.

Mais uma longa pausa.

— Olha — digo —, quando aqueles fogos de artifício estavam prestes a estourar, pensei que eu morreria. Pensei... que pegaria fogo e morreria.

Ele olha para mim.

— Mas isso não aconteceu.

Ele é uma boa pessoa, de verdade. Boa demais para andar com alguém feito eu. Quase dou risada de mim mesma por pensar em algo tão clichê. Acho que já disse que as coisas são clichês por serem verdade. Bem, tem uma

coisa que eu sei que é verdade, e é que Michael Holden é bom demais para mim.

Mais tarde, às 19 horas, jantar. Meus pais saíram. Nick e Charlie estão do outro lado da mesa, eu estou ao lado de Oliver. Comemos macarrão com um pouco de carne. Não sei bem que carne é. Não consigo me concentrar.

— Tori, o que houve? — Charlie balança o garfo na minha direção. — O que está havendo? Tem alguma coisa acontecendo.

— *Solitaire*, é isso que está acontecendo — falo. — Mas ninguém liga. Todo mundo está sentado falando sobre coisas que não importam e fingindo que tudo não passa de uma baita piada engraçada.

Nick e Charlie olham para mim como se eu fosse maluca. Bem, eu sou.

— É muito esquisito que o Solitaire não tenha sido denunciado — diz Nick. — Tipo, mesmo com aquele lance no The Clay. O Solitaire nem foi citado. As pessoas parecem não estar levando o Solitaire muito a sério...

Charlie suspira e o interrompe.

— Independentemente de o Solitaire fazer coisas boas ou não, não há motivos para a Tori ou quem quer que seja se envolver. Não é problema nosso, certo? Os professores ou a polícia não deveriam estar fazendo algo a respeito? É culpa deles se não se importam em fazer nada.

E é nesse momento que eu percebo que também o perdi.

— Pensei que vocês dois fossem... melhores do que isso.

— Isso o quê? — Charlie ergue as sobrancelhas.

— Isso com que as pessoas se preocupam o tempo todo. — Aperto as mãos, levando-as à cabeça. — É tudo falso. Todo mundo está fingindo. Por que *ninguém* liga para *nada*?

— Tori, sério, você está...

— SIM — grito. — SIM, ESTOU BEM, OBRIGADA. MAS. E. VOCÊ?

E saio dali antes de começar a chorar.

Está claro que Charlie contou a meus pais. Quando eles chegam em casa, nem sei que horas, batem na porta do meu quarto. Não respondo, e eles entram.

— O que foi? — pergunto. Estou sentada na cama tentando escolher um filme para assistir nos últimos trinta e sete minutos. Na TV, um repórter está falando sobre o suicídio de um aluno de Cambridge, e meu laptop está sobre as minhas pernas feito um gato adormecido, com a página do meu blog emitindo sua luz azul fraca.

Meus pais observam minha parede por bastante tempo. Não dá mais para ver a tinta por baixo. Virou uma colcha de retalhos de impressões do Solitaire, centenas delas.

— O que está acontecendo, Tori? — indaga meu pai, desviando os olhos do painel.

— Não sei.

— Seu dia foi ruim?

— Sim. Como sempre.

— Olha, não precisa ser tão melodramática. — Minha mãe suspira, parecendo decepcionada com alguma coisa. — Anime-se. Sorria.

Dou uma risada forçada.

— Minha nossa.

Ela suspira de novo. Meu pai a imita.

— Bem, deixaremos você com seu segredo — diz ele. — Se vai ser sarcástica...

— Ha. Ha. Sarcástica.

Eles reviram os olhos e saem. Começo a me sentir enjoada. Acho que é a cama. Não sei. Não faço nem ideia. Então, a solução que encontro para isso é cair na cama e no chão, apoiando-me com preguiça na minha parede de Solitaire. Meu quarto está meio escuro.

Sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira.

ONZE

— MÃE — digo. É terça-feira, são 7:45, e não encontro uma saia. É uma daquelas situações em que falar com minha mãe é inevitável. — Mãe, pode passar minha saia do uniforme?

Ela não diz nada porque está de roupão diante do computador da cozinha. Quem vê, pensa que ela está me ignorando, mas na verdade está muito concentrada no e-mail idiota que está escrevendo.

— Mãe — repito. — Mãe. Mãe. Mãe. Mãe. Mãe. Mã...

— *O que foi?*

— Pode passar minha saia do uniforme?

— Não pode vestir a outra?

— Está pequena demais. Está pequena demais desde que nós a compramos.

— Bom, não vou passar sua saia do uniforme. Você mesma pode passá-la.

— Nunca passei nada na vida e preciso sair em quinze minutos.

— Que irritante.

— É, sim, mãe.

Ela não responde. Meu Deus.

— Então, acho que vou ter que ir para o colégio sem saia.

— Acho que vai.

Trinco os dentes. Preciso pegar um ônibus em quinze minutos e ainda estou de pijama.

— Você se importa? — pergunto. — Você se importa se eu não tenho uma saia?

— No momento, Tori, *não*. Está no armário para passar. Só está um pouco amassada.

— Sim, eu encontrei. É para ser uma saia com pregas, mãe. No momento, não tem prega nenhuma.

— Tori, estou muito ocupada.

— Mas não tenho saia para ir ao colégio.

— Use a outra saia, então, pelo amor de Deus!

— Acabei de dizer, está peq...

— Tori! Não estou nem aí!

Paro de falar. Olho para ela.

Eu me pergunto se vou acabar como ela. Sem me preocupar se minha filha tem uma saia para vestir para ir à aula.

E percebo uma coisa.

— Sabe de uma coisa, mãe? — digo, começando a rir de mim mesma. — Acho que eu também não estou nem aí.

Subo a escada, visto a saia cinza que está pequena demais e o short velho de educação física por baixo para ninguém ver nada; depois tento ajeitar meus cabelos, mas ah, adivinha só, também não estou nem aí para isso, e então vou passar um pouco de maquiagem, mas não, espere, também não estou nem aí para a minha cara, por isso volto para baixo e pego a bolsa da escola e saio de casa com Charlie, curtindo a sensação deliciosa que vem do fato de eu não estar nem aí para nada no mundo inteiro.

Estou me sentindo meio como um fantasma hoje. Eu me sento em uma cadeira giratória no salão, mexendo no curativo do meu braço, e olho, pela janela, algumas alunas do sexto ano jogando bolas de neve umas nas outras. Todas estão sorrindo.

— Tori — chama Becky, de um ponto mais distante da sala. — Preciso falar com você.

Meio a contragosto, eu me levanto da cadeira e desvio dos alunos do ensino médio para chegar até ela. Não seria legal se eu andasse normalmente entre as pessoas?

— Como está seu braço? — pergunta ela. Becky está agindo de um jeito superesquisito.

Já passei disso, já não me sinto esquisita. Para que me preocupar com o que as pessoas pensam? Para que me preocupar com o que quer que seja?

— Tudo bem — digo. Uma resposta por obrigação a uma pergunta por obrigação.

— Olha, não vou pedir desculpa, tá? Eu não estava errada. — Ela fala como se estivesse me culpando por estar brava com ela. — Só vou dizer que não sei o que *nós duas* estivemos pensando. — Ela olha nos meus olhos. — Não temos agido como agem duas amigas nos últimos tempos, não é?

Não digo nada.

— E não estou falando só de depois do ocorrido no... do ocorrido. Está rolando assim há meses. Parece que você... parece que você não quer ser minha amiga. É como se você não gostasse de mim.

— Não é que eu não goste de você — digo, mas não sei como continuar. Não sei o que é.

— Se somos... se não pudermos agir como amigas, não faz sentido continuarmos sendo amigas.

Enquanto ela diz isso, seus olhos ficam um pouco marejados. Não penso em nada a dizer. Conheci Becky no primeiro dia do sexto ano. Nós nos sentamos juntas na hora de fazer grupos e na aula de ciência. Passamos cola e jogamos STOP, e eu a ajudei a decorar seu armário com fotos do Orlando Bloom. Ela me emprestou dinheiro para comprar biscoitos no recreio. Ela sempre conversava comigo, apesar de eu ser uma das mais quietas. Cinco anos e meio depois, aqui estamos.

— Acho que não combinamos — diz ela. — Acho que não é possível para nós continuarmos amigas. Você mudou. Pode ser que eu também tenha mudado, mas você mudou, com certeza. E não é necessariamente algo ruim, mas é verdade.

— Então é minha culpa não sermos mais amigas?

Becky não reage.

— Não sei mais se você precisa de mim.

— Por que diz isso?

— Você não gosta de ficar comigo, gosta?

Dou risada, exasperada, e me esqueço de tudo, menos dela e de Ben, dela e do cara que bateu no meu irmão.

— Está tentando se fazer de vítima? Está terminando comigo? Não estamos numa comédia romântica, Becky. Não estamos em um drama lésbico.

Ela franze a testa, decepcionada.

— Você não está me levando a sério. Pare com toda essa merda — retruca ela. — Pare, está bem? *Anime-se*. Você sabe que é pessimista, conheço você há cinco anos, mas isso está saindo do controle. Vá ficar mais com Michael.

— O que — escarneço —, para que ele possa me *consertar*? Para que ele possa me ensinar a parar de ser quem eu sou? — Dou uma risada alta. — Ele não deveria andar com alguém como eu.

Ela fica de pé.

— Você deveria tentar encontrar pessoas que sejam mais parecidas com você. Elas serão melhores para você.

— Não tem ninguém como eu.

— Acho que você está parando de funcionar.

Tusso alto.

— Não sou um *carro*.

E ela está furiosa, tipo, caramba, a raiva quase brota do seu rosto. Ela precisa se controlar muito para não gritar a última palavra:

— *Beleza*.

Becky se aproxima de um grupo do qual eu acreditava fazer parte. Eu deveria ter a sensação de ter perdido alguma coisa, mas não sinto nada. Começo a ouvir um álbum triste no meu iPod, algo para sentir pena de mim mesma e repassar os fatos na minha mente: o primeiro post no blog do Solitaire é uma imagem de *Clube da luta*. Você tem uma chance em vinte mil de ser assassinado. Charlie não comeu hoje cedo — chorou quando eu tentei alimentá-lo, por isso desisti. Provavelmente foi minha culpa, por estar brava com ele ontem. Eu tenho três mensagens de texto de Michael Holden não lidas, e vinte e seis mensagens não lidas no meu blog.

Está tarde. Voltei para a C16 — a sala de computadores velha no primeiro andar onde encontrei aquele Post-it. Dá para perceber que ninguém esteve aqui. O sol ilumina a poeira que se espalha no ar.

Enquanto olho pela janela com o rosto pressionado contra o vidro, percebo que há uma escada alta de metal do lado de fora à minha esquerda, com o degrau de cima paralelo à janela pela qual estou olhando. Leva ao telhado de concreto do conservatório de arte — uma sala de aula recém-construída que sai do primeiro andar — e desce espiralada até o chão. Acho que nunca vi essa escada antes.

Saio da C16, vou até o térreo, saio e subo a escada de metal até o andar de cima.

Apesar de eu não estar no telhado do colégio em si, ficar de pé no telhado do conservatório de arte é bem perigoso, já que é o topo. Dou uma olhada na grama lá embaixo. Ela desce levemente em direção ao campo.

Olho para fora. O campo cheio se abre à distância. O rio segue seu fluxo lento.

Eu me sento de modo que minhas pernas ficam penduradas na beirada. Ninguém pode me ver nem me encontrar aqui. É o quarto tempo da terça-feira, quase hora do almoço, e estou matando a aula de música pela centésima vez. Não importa.

Acesso o blog do Solitaire pelo celular. O marcador da contagem regressiva está no topo da tela. Eu o confiro sem parar. 02:11:23:26. Dois dias, onze horas, vinte e três minutos, vinte e seis segundos até a quinta-feira virar sexta. As esquisitices do Solitaire hoje se concentraram no número 2: centenas de pôsteres, Post-its em todas as superfícies, escritos em todos os quadros brancos, aparecendo em computadores. Daqui, vejo que o número 2 está pintado de vermelho na neve do campo. Parece um pouco com sangue.

Um pouco distante do número 2 no campo está um objeto grande de madeira. Fico de pé e dou um passo para trás. Percebo se tratar do púlpito de Kent, de onde ele lidera as reuniões do colégio. Um grupo pequeno de alunos se reuniu do lado de fora, olhando, como eu. Claramente esperando que algo interessante aconteça. Na frente da multidão, o Cara do Topete está de pé segurando uma câmera.

Cruzo os braços. Meu blazer voa atrás de mim, solto no vento. Acho que estou bem dramática, de pé aqui no telhado.

Pintado na frente do púlpito está o símbolo de Anarquia do Solitaire.

A parte da frente, na qual Kent ficaria quando falasse, está virada para o outro lado em relação a nós, de frente para o campo cheio de neve, em direção à cidade e ao rio mais adiante. Música, Ludovico Einaudi, começa a tocar do lado de fora, misturando-se com o sopro do vento constante. Um pedaço de papel, um dos antigos discursos de Kent preso ao púlpito, se ergue de algum modo e balança conforme o vento sopra, como se estivesse fazendo um gesto para chamar a cidade e o rio.

E o púlpito se incendeia.

Em menos de trinta segundos está terminado, mas parece mais tempo. Uma faísca da base ateia fogo ao objeto de madeira e as chamas ficam duas vezes maiores do que o púlpito, aumentando-o, expandindo-o. É meio bonito. O laranja-avermelhado do espetáculo lança um brilho claro pela neve, de modo que o campo todo se ilumina, para cima e para baixo. O vento está tão forte que o fogo começa a girar ao redor da madeira, lançando pedaços de carvão para todas as direções, um túnel de fumaça subindo. Aos poucos, a escuridão se espalha pela madeira clara. Ela crepita. O púlpito lança um último olhar demorado ao que poderia ter sido a liberdade. E, de uma só vez, a estrutura toda rui e se transforma numa pilha destruída, e o fogo, antes forte, diminui. O que sobra é um pouco mais do que um monte de cinzas e restos.

Fico paralisada. Os alunos que se espalham no campo estão gritando, mas não de medo. Uma garotinha dá um passo e recupera um pedaço quebrado do púlpito, levando-o de volta a seus amigos. Professores começam a aparecer, berrando broncas e afastando as pessoas, e observo quando a garota larga o pedaço do púlpito na neve.

Quando o campo está vazio, desço a escada e corro pela neve para recuperá-lo. Observo o pedaço de madeira queimada. Em seguida, olho em direção à pilha de restos e para a neve acinzentada, depois para o rio longo e onipresente, e penso no mar de alunos anônimos que estavam tão animados para ver isso. Isso faz com que eu me lembre das pessoas que assistiram às

agressões a Ben Hope, rindo da sua dor. A multidão que comemorou feito crianças com os fogos de artifício no The Clay, enquanto os feridos corriam, assustados, queimados.

Cerro o punho. O pedaço de madeira se dissolve e se torna poeira preta.

DOZE

QUANDO CHEGO AO COLÉGIO na quarta-feira, procuro por Michael Holden nos grupos no salão. Fico tentando imaginar se vê-lo vai fazer com que eu me sinta melhor ou pior. Pode ser que as duas coisas aconteçam. Sei que o estou puxando para baixo. Ao me ver, Michael Holden não vai se sentir melhor. Ele merece ter uma amiga que ame a vida e o riso, que ame se divertir e se aventurar, alguém com quem beber chá e discutir sobre um livro e observar estrelas, patinar e dançar. Alguém que não seja eu.

Becky, Lauren, Evelyn e Rita estão sentadas no lugar onde costumamos ficar, no canto. Nada de Ben, nada de Lucas. Como o começo do ano, tudo outra vez. Fico parada à porta do salão, meio que olhando para elas. Ainda que eu não percebesse seu cabelo cada vez mais irritante e visse as roupas que ela usa como escolhas de um ser humano decente e aceitável, Evelyn sempre fez muitas coisas que não aprovo, como pensar que é melhor do que as outras pessoas e fingir saber mais do que sabe. Fico me perguntando se ela não gosta de mim tanto quanto eu não gosto dela.

Eu me sento na cadeira giratória, longe do Nosso Grupo, pensando em todos os meus atributos. Pessimista. Estraga-prazeres. Insuportavelmente esquisita e provavelmente paranoica. Iludida. Nojenta. À beira da loucura. Psicopata depr...

— Tori.

Eu me viro na cadeira. Michael Holden me encontrou.

Olho para ele. Está sorrindo, mas é um sorriso esquisito. Falso. Ou estou imaginando coisas?

— Hoje é quarta-feira — digo na mesma hora, sem querer puxar uma conversa com amenidades, mas já fazendo isso.

Ele hesita, mas não parece muito abalado.

— Sim. Sim, é, sim.

— Acho — falo, encostando-me na mesa com a cabeça apoiada no braço — que não gosto de quarta-feira porque é o dia do meio. Parece que você está estudando há dias, mas ainda falta um monte até o fim de semana. É o dia mais... decepcionante.

Enquanto ele absorve isso, outra coisa meio que toma sua expressão. Quase como pânico ou algo assim. Ele tosse.

— Podemos... conversar em um lugar mais silencioso?

Não quero ter que me levantar.

Mas ele insiste.

— Por favor. Tenho novidades.

Enquanto estamos caminhando, eu olho para a nuca dele. Na verdade, olho para o corpo todo dele. Sempre pensei em Michael Holden como um tipo de entidade, uma órbita brilhante de surpresa, e mesmo assim, olhando ele caminhar com seu uniforme de sempre, cabelos meio macios e despenteados, em comparação a quando ele passava gel na época em que o conheci, eu me vejo pensando no fato de que ele é só um cara normal. Que ele se levanta e vai para a cama, que ouve música e assiste à TV, que estuda para provas e deve fazer dever de casa, que ele se senta para jantar, que toma banho e escova os dentes. Coisas normais.

Do que estou falando?

Ele me leva à biblioteca. Não está tão silencioso quanto pensou que estaria. Há meninas de outros anos ao redor das mesas, exatamente como as garotas do ensino médio fazem no salão, só que com muito mais entusiasmo. Não há muitos livros; na verdade, é mais uma sala grande com algumas estantes do que uma biblioteca. A atmosfera é bem esquisita. Quase fico feliz por estar tão claro e animado aqui. É uma sensação esquisita porque não gosto de coisas felizes e claras.

Nós nos sentamos no meio de uma fileira de não ficção. Ele está olhando para mim, mas eu não quero mais olhar para ele. Olhar o rosto dele me faz sentir engraçada.

— Você estava se escondendo ontem! — diz ele, tentando fazer parecer uma piada engraçadinha. Como se tivéssemos seis anos.

Por um segundo, eu me pergunto se ele sabe a respeito do meu lugar lindo e especial no telhado do conservatório de arte, mas é impossível.

— Como está seu braço?

— Está bem. Você não tinha algo a me dizer?

E a pausa que ele faz nesse momento... é como se ele tivesse tudo o que quer me dizer, e nada.

— Você está... — começa, e em seguida muda de ideia. — Suas mãos estão frias.

Olho para as minhas mãos, ainda evitando os olhos dele. Ele estava segurando minha mão quando chegamos aqui? Fecho as mãos em punhos e suspiro. Tudo bem. Vamos às amenidades.

— Assisti aos três *Senhor dos anéis* ontem à noite e *V de vingança*. Ah, e tive um sonho. Acho que foi com a Winona Ryder.

Sinto a tristeza que sai dele de repente e tenho vontade de me levantar, fugir e continuar fugindo.

— Também descobri que cerca de cem bilhões de pessoas morreram desde que o mundo teve início. Você sabia disso? Cem bilhões. É um número grande, mas ainda assim não parece suficiente.

Faz-se um longo silêncio. Alguns dos grupos de alunos de outros anos estão olhando para nós e rindo, pensando que estamos numa conversa profunda e romântica.

Finalmente, ele diz algo produtivo:

— Acho que nenhum de nós tem dormido muito.

Decido olhar para ele nesse momento.

Fico meio chocada.

Porque não vejo nada do Michael de sempre naquele sorriso calmo.

E penso naquela vez no rinque de patinação em que ele estava muito bravo,

mas é muito diferente.

E penso na tristeza que tem estado nos olhos de Lucas desde o dia em que o encontrei,

mas também é diferente disso.

Dividida entre o verde e o azul, existe uma beleza que não se define que as pessoas chamam de humanidade.

— Você não precisa mais fazer isso. — Estou sussurrando, não porque não quero que as pessoas ouçam, mas porque parece que me esqueci de como aumentar o volume da minha voz. — Você não tem que ser meu amigo. Não quero que as pessoas sintam pena de mim. Estou cem por cento bem. De verdade. Entendo o que você tem tentado fazer, e você é uma boa pessoa, é a pessoa perfeita, na verdade, mas tudo bem, não precisa mais fingir. Estou bem. Não preciso que você me ajude. Farei algo a respeito de tudo isso e, então, ficarei bem e tudo voltará ao normal.

O rosto dele não muda. Ele estende uma mão na minha direção e seca do meu rosto o que deve ser uma lágrima — não de um jeito romântico, mas como se eu tivesse um mosquito transmissor da malária pousado na testa. Ele olha para a lágrima meio confuso, depois estende a mão para mim. Eu não tinha percebido que estava chorando. Não me sinto triste. Não sinto nada.

— Não sou uma pessoa perfeita — diz ele. Seu sorriso ainda está ali, mas não é um sorriso feliz. — E não tenho amigos além de você. Se por acaso você não soube, a maioria das pessoas sabe que sou o rei das bizarrices; ou melhor, sim, às vezes eu sou visto como charmoso e excêntrico, mas no fim, as pessoas percebem que estou me esforçando demais. Tenho certeza de que Lucas Ryan e Nick Nelson podem contar a você muitas histórias incríveis sobre mim.

Ele se recosta. Parece irritado, para ser honesta.

— Se *você* não quer ser *minha* amiga, entendo. Não precisa dar nenhuma desculpa. Sei que sou a pessoa que sempre vem atrás de você. Sempre sou eu quem puxa assunto. Às vezes, você passa um tempão sem dizer nada. Mas isso não quer dizer que nossa amizade se resuma a *eu* tentar fazer *você* se sentir melhor. Você sabe que é mais que isso.

Talvez eu não queira ser amiga de Michael Holden. Talvez seja melhor.

Ficamos sentados juntos por um tempo. Escolho um livro qualquer da estante atrás de mim. Chama-se *A enciclopédia da vida* e deve ter cinquenta páginas, no máximo. Michael estende a mão na minha direção, mas não segura a minha mão, como eu espero que faça. Em vez disso, segura uma

mecha dos meus cabelos, que acredito que estava no meu rosto, e a prende com cuidado atrás da minha orelha esquerda.

— Você sabia que a maioria dos suicídios acontece na primavera? — digo em determinado momento, por algum motivo inexplicável.

Em seguida, olho para ele.

— Você não disse que tinha novidades?

E, nesse instante, ele se levanta e se afasta de mim, sai pela porta da biblioteca e da minha vida, e tenho cem por cento de certeza de que Michael Holden merece amigos melhores do que a psicopata pessimista e introvertida da Tori Spring.

TREZE

A MÚSICA QUE NÃO PARA DE TOCAR no alto-falante na quinta-feira é "The Final Countdown", do Europe. A maioria das pessoas curte a canção na primeira hora, mas na segunda aula ninguém mais está gritando IT'S THE FINAL COUNTDOWWWWN no corredor, para minha alegria (se é que sinto isso). Zelda e seu grupo estão andando pelos corredores outra vez, arrancando cartazes das paredes, e hoje isso inclui fotos de Nelson Mandela, Desmond Tutu, Abraham Lincoln, Emmeline Pankhurst, Winston Churchill e, estranhamente, os antigos líderes das paradas de Natal, Rage Against the Machine. Talvez o Solitaire esteja tentando nos oferecer algum incentivo positivo.

Tem nevado muito desde que acordei. Isso, claro, espalha a histeria em massa e a insanidade em todo mundo dos anos menores, e uma espécie de depressão coletiva em todo mundo dos anos mais avançados. A maioria dos alunos já foi para casa na hora do recreio, e as aulas foram oficialmente canceladas. Eu poderia muito bem ir para casa caminhando. Mas não vou.

Amanhã é o dia.

No começo do que seria a terceira aula, saio do colégio e sigo em direção ao conservatório de arte. Eu me sento, recostada no montinho de grama que leva à parede de concreto da sala, e o telhado acima da minha cabeça me protege o suficiente para que não neve sobre mim. Mas está frio. Tipo... um frio de matar. Ao sair, peguei um aquecedor grande da sala de música e o pluguei através de uma janela da sala de aula a poucos metros dali. Eu o deixei aconchegado na neve ao meu lado, emitindo nuvens de calor ao redor do meu corpo. Estou vestindo três blusas, dois casacos, quatro meias-calças, botas, blazer, japona, chapéu, cachecol e luvas, e um short embaixo da saia.

Se eu não descobrir o que vai acontecer amanhã antes de amanhã, terei que ir ao colégio e descobrir no mesmo dia. O Solitaire vai fazer alguma coisa no Higgs. É o que eles têm feito até aqui, não é?

Eu me sinto estranhamente animada. Deve ser porque não durmo há bastante tempo.

Ontem à noite, assisti a um filme chamado *Hora de voltar*. Não tudo, mas a maior parte. Fiquei surpresa por ainda não o ter assistido, porque o achei excelente em todos os aspectos possíveis, e estou falando sério — até o coloquei na minha lista de "Melhores Filmes". É sobre um cara, Andrew, e não dá para saber ao certo se a vida dele é muito deprimente ou não. Parece que ele não tem amigos nem familiares decentes, até conhecer uma moça (a animada, excêntrica e bela Natalie Portman, claro) que mostra a ele como viver direito outra vez.

Olha, agora que estou pensando melhor, não sei se gostei do filme tanto assim. Foi muito clichê. Para ser sincera, pode ser que eu tenha me encantado com os efeitos especiais. Foi bom no começo, principalmente quando Andrew sonhou que estava em um acidente de avião. E a cena em que ele veste uma camisa que combina com o papel de parede atrás dele, fazendo com que ele suma da cena, de certo modo. Gostei muito dessas cenas.

É óbvio que Zach Braff (que escreveu, dirigiu, atuou e compilou a trilha sonora) criou esse filme a respeito de si. Talvez tenha sido o que o tornou tão real para mim.

Não paro de digitar o número de Michael no celular e, em seguida, apago o número. Depois de fazer isso por cerca de dez minutos, percebo que sei o número dele de cor. Eu me amaldiçoo por agir feito uma adolescente idiota. E, sem querer, aperto o botão verde de chamada.

Eu me xingo, resignada.

Mas não desligo.

Levo o telefone à orelha.

Ouço o clique da chamada sendo atendida, mas ele não diz alô nem nada. Presta atenção. Acho que escuto sua respiração, mas pode ser só o vento.

— Oi, Michael — digo por fim.

Nada.

— Vou falar, por isso você não pode desligar.

Nada.

— Às vezes — falo —, não sei se as pessoas são reais ou não. Muitas pessoas fingem ser legais comigo, por isso nunca tenho certeza.

Nada.

— Só estou...

— Estou bem bravo com você, Tori, para ser sincero.

Ele fala. As palavras giram na minha mente e sinto vontade de virar para o lado e vomitar.

— Você não me enxerga como uma pessoa, não é? — pergunta ele. — Sou só um objeto que sempre aparece para impedir que você se deteste tanto.

— Errado — respondo. — Está totalmente errado.

— Prove.

Tento falar, mas não sai nada. Minha prova é encoberta por algo feito neve, e não consigo pôr para fora. Não consigo explicar que sim, que ele faz com que eu não me odeie tanto, mas que não, não é por isso que quero ser amiga dele mais do que qualquer coisa na vida.

Ele ri baixinho.

— Você é um caso perdido, não é? É tão ruim com sentimentos quanto eu.

Tento pensar em quando Michael pode ter expressado seus sentimentos, mas só me lembro daquele dia no rinque de patinação no gelo, daquela raiva tão maluca que ele parecia prestes a explodir.

— Podemos nos encontrar? — pergunto. Preciso conversar com ele. No mundo real.

— Por quê?

— Porque... — Mais uma vez, minha voz está presa na garganta. — Porque... eu gosto... de estar... com você.

Ele faz uma longa pausa. Por um breve momento, penso que ele desligou. Até que ele suspira.

— Onde você está? Está em casa?

— No campo. Perto do conservatório de arte.

— Mas a rua está parecendo Hoth.

Uma referência a *Star Wars*. Isso me pega de surpresa, e mais uma vez não respondo nada.

— Vejo você num minuto — diz ele.

Desligo.

Ele chega em quase um minuto exatamente, o que me surpreende. Não está usando um casaco, cachecol nem nada por cima do uniforme. Penso que ele deve ser um radiador e não me contou.

A vários metros dali, Michael absorve a situação. Acho que é engraçado e por isso ele ri.

— Você colocou um aquecedor *do lado de fora*?

Olho para o aparelho.

— Estou congelando.

Ele acha que sou louca. Não está errado.

— Que genial. Acho que *eu* não faria isso.

Ele se senta ao meu lado, recostado no muro do conservatório de arte. Olhamos para o campo. Não dá para saber ao certo onde ele termina e onde começam os flocos de neve que parecem formar um lençol. A neve cai devagar e na vertical. Eu diria que há paz total na terra, a não ser por um floco solitário que de vez em quando cai no meu rosto.

Em determinado momento, ele olha para o meu braço esquerdo, que está descansando na neve entre nós dois. Ele não diz nada sobre isso.

— Você tinha novidades para me contar — digo. É incrível que eu me lembre disso. — Mas não me contou.

Ele vira a cabeça para mim, com o sorriso distraído.

— Hum, sim. Bom, não é muito importante.

Isso quer dizer que é importante.

— Só queria dizer que terei outra corrida daqui a algumas semanas — diz, um pouco envergonhado. — Vou competir no Campeonato Mundial Júnior de Patinação de Velocidade. — Ele dá de ombros e sorri. — Sei lá, os britânicos nunca vencem, mas se eu conseguir um tempo bom lá, pode ser que vá para as Olimpíadas Juvenis de Inverno.

Eu me afasto do muro.

— Puta merda.

Ele dá de ombros de novo.

— Eu fracassei nos Nacionais há algumas semanas, mas... tenho tempos melhores do que os que fiz antes, por isso eles decidiram me deixar participar.

— Michael — falo —, você é literalmente extraordinário.

Ele ri.

— Extraordinário é só uma extensão do ordinário — diz ele.

Mas ele está enganado. É extraordinário, extraordinário no sentido de incrível, no sentido de milagroso.

— Então, você toparia? — pergunta ele.

— Toparia o quê? — replico.

— Toparia ir? Assistir? Posso levar uma pessoa, e normalmente é um familiar, mas sabe...

E sem pensar, sem refletir se meus pais deixariam, sem me preocupar com Charlie...

— Sim. Toparia.

Ele sorri para mim, e vejo uma expressão nova que causa um aperto no meu peito — uma espécie de gratidão crua, como se o fato de eu ir com ele fosse a única coisa que importasse.

Abro a boca para começar uma conversa séria, mas Michael percebe e ergue um dedo para me calar.

— Estamos desperdiçando essa neve — comenta ele. Eu me vejo nos óculos dele.

— Desperdiçando?

Ele fica de pé e caminha para a nevasca.

— A neve não deve ser só *admirada*, certo? — diz ele, formando uma bola de neve nas mãos e jogando-a de uma mão à outra.

Não digo nada porque acho que é exatamente para isso que a neve serve.

— *Vamos*. — Ele está sorrindo para mim. — Jogue uma bola de neve em mim.

Enrugo a testa.

— Por quê?

— *À toa*!

— Não faz sentido.

— O sentido *é* que não faz sentido.

Suspiro. Não vou vencer essa discussão. A contragosto, eu me levanto, saio no Ártico e, com pouco entusiasmo, faço uma bola de neve. Por sorte, sou destra, por isso meu braço machucado não me coloca em desvantagem. Lanço a bola na direção de Michael, e ela cai a cerca de três metros à direita dele. Ele olha para ela e ergue o polegar para mim, num sinal de positivo.

— Você tentou.

Alguma coisa no modo como ele diz isso, que não é autoritário, só *decepcionado*, faz com que eu estreite os olhos para ele, pegue outra bola de neve e tente de novo, dessa vez acertando em cheio o peito dele. Uma sensação falsa de vitória toma conta de mim.

Erguendo os braços, ele grita:

— Você está viva!

Lanço outra bola de neve. Ele lança uma em mim e corre. Antes que eu perceba o que estou fazendo, a coisa toda se torna uma perseguição ao redor do campo. Caio mais de uma vez, mas enfio neve na camisa dele duas vezes e ele me acerta na nuca, e meu cabelo fica ensopado, mas não sinto tanto frio porque estamos correndo com o rosto desprotegido como se não existisse mais nada no mundo além de nós dois e neve e neve e mais neve e mais neve, nada de chão, nada de céu, nada de nada. Começo a me perguntar como Michael torna incrível algo frio, então me pergunto se muitas pessoas são assim, e imagino que se não estivesse tão ocupada pensando em outras coisas, se seria como sou.

Michael Holden está correndo na minha direção. Ele segura um monte de neve e sorri feito um louco, por isso atravesso o campo e corro para o colégio. Não tem ninguém em lugar nenhum, e o vazio é incrível, de certa forma. Corro para o prédio do ensino médio e para o salão, que está vazio, mas sou lenta demais. Quando abro as portas do salão, Michael joga a neve em cima da minha cabeça. Grito e dou risada. Risada? *Risada.*

Deito de barriga para cima, ofegante, em cima de uma mesa de computador, colocando o teclado em cima da barriga para abrir espaço. Ele cai sentado em uma cadeira giratória, balançando a cabeça feito um cachorro molhado. A cadeira rola para trás por alguns centímetros e uma ideia surge na mente dele.

— Vamos ao próximo jogo — diz. — Você precisa ir daqui... — Ele faz um gesto para o canto do computador — Até aqui... — Aponta para a porta do outro lado, depois do labirinto de mesas e cadeiras — ... de pé em uma dessas cadeiras.

— Prefiro *não* quebrar o pescoço.

— Para de ser chata. Não pode dizer não.

— Mas esta é minha palavra de efeito.

— Invente outra.

Depois de um longo suspiro, subo na cadeira giratória. É muito mais difícil do que parece, porque além de as cadeiras giratórias serem moles, elas também giram, por isso se chamam *giratórias*. Eu me equilibro, fico de pé e aponto para Michael, que ficou de pé na cadeira com os braços muito estendidos.

— Quando eu cair e morrer, volto para puxar seu pé.

Ele dá de ombros.

— Não seria tão ruim.

Nós deslizamos ao redor das mesas, segurando cadeiras de plástico para seguir em frente. Em determinado momento, a cadeira de Michael tomba, mas ele, de modo espetacular, passa por cima do encosto, aterrissando à minha frente numa posição meio ajoelhada. O rosto dele, com olhos arregalados, exprime uma reação de susto por vários segundos, mas depois sorri para mim, abrindo os braços e gritando:

— Case-se comigo, meu amor!

É tão engraçado que quase morro. Ele se aproxima de mim e começa a girar ao redor da cadeira na qual estou de pé, não muito rápido, mas um pouco, e para. Estou de pé, girando nessa cadeira com os braços abertos, e as janelas de neve aparecendo com a sala escura em um redemoinho borrado de amarelo e branco. Enquanto giro, vou pensando que tudo parece muito triste, mas se esse dia ficasse na história, todo mundo diria que foi um dia lindo.

Juntamos todas as mesas individuais para formar uma mesa enorme, e deitamos no meio dela de barriga para cima embaixo da claraboia, para podermos ver a neve caindo acima de nós. Michael apoia as mãos sobre a barriga dele, os dedos entrelaçados, e deixo as minhas ao lado do corpo. Não faço ideia do que estamos fazendo nem do porquê. Imagino que ele acha que é esse o sentido. Para ser sincera, tudo isso poderia ser imaginário e eu nem saberia.

— Pensamento do dia — diz Michael. Ele levanta uma das mãos e toca o curativo do meu braço, mexendo com as bordas no meu punho. — Você acha que se fôssemos felizes a vida toda, morreríamos com a impressão de que perdemos alguma coisa?

Não digo nada por um tempo.

E então:

— Eram suas? — Aquelas mensagens do blog, aquelas mensagens que pensei... — Você me mandou aquelas mensagens?

Ele sorri, olhando para o teto.

— O que posso dizer? Seu blog é mais interessante do que você acha, sua **pessimista-crônica**.

A URL do meu blog. Normalmente, eu sentiria vontade de morrer se alguém descobrisse meu blog. Se Becky, Lauren, Evelyn ou Rita, ou qualquer uma delas, descobrisse o lugar onde digo coisas idiotas a meu respeito, fingindo que sou uma adolescente infeliz e problemática, implorando pela empatia de gente que nunca vi em pessoa...

Viro a cabeça na direção dele.

Ele olha para mim.

— O que foi?

Quase digo algo nesse momento. Quase digo algo.

Mas não digo nada.

E ele diz:

— Gostaria de ser mais como você.

E a neve cai e fecho meus olhos e nós dois adormecemos juntos.

Acordo, ele se foi e estou no escuro. Sozinha. Não... não sozinha. Tem alguém aqui. Alguém. Aqui?

Quando recobro meus sentidos, começo a decifrar sussurros vindos do salão. Se eu tivesse energia, me sentaria para ver. Mas não tenho. Fico deitada prestando atenção.

— Não — diz Michael. — Você tem agido feito um merdinha. Não se pode ferrar alguém assim. Você entende como ela está se sentindo no momento? Você tem ideia do que fez?

— Sim, mas...

— Explique tudo ou não diga nada. Seja honesto ou cale a boca. Deixar pistas e se esconder é a pior coisa a se fazer.

— Não estou deixando pistas.

— O que você disse a ela? Porque ela *sabe*, Lucas. Ela *sabe* que tem algo rolando.

— Tentei explicar...

— Não tentou, não. Então você vai lá para dizer a ela tudo o que acabou de dizer para mim. Você deve isso a ela. Ela é uma pessoa de verdade, não um sonho de infância. Tem sentimentos de verdade. — Faz-se uma longa pausa. — Porra! É uma puta de uma revelação.

Nunca ouvi Michael xingar tanto em uma conversa.

Nunca ouvi Michael e Lucas conversando desde o Pizza Express.

Acho que não quero saber do que eles estão falando.

Eu me sento, parada na mesa, e me viro para olhar para os dois.

Eles estão de pé na frente da porta, Michael segurando-a com uma das mãos. Lucas me vê primeiro. Depois, Michael. Ele parece prestes a vomitar.

Segura Lucas com firmeza por um dos ombros e o empurra na minha direção.

— Se vai fazer *alguma coisa* a respeito de *alguma coisa* — diz ele, falando comigo, apontando para Lucas —, precisa conversar com *ele*.

Lucas está aterrorizado. Meio que espero que ele comece a gritar feito uma menininha.

Triunfante, Michael ergue o punho ao estilo de Judd Nelson.

— FIM! — grita ele.

E sai da sala.

Somos só Lucas e eu. Meu ex-melhor amigo, o garoto que chorava todos os dias, e Tori Spring. De pé ao lado da minha mesa, vestindo um tipo de parca por cima do uniforme, ele está usando um daqueles chapéus com aba bem grande caindo na frente do rosto e parece absolutamente histérico.

Cruzo as pernas como fazíamos no ensino fundamental.

Não há tempo para se sentir desconfortável. Sem tempo para ser tímido, temeroso do que as outras pessoas diriam. Está na hora de começar a dizer as coisas que estão na nossa mente. Tudo o que nos faria reter — já se foi. E somos apenas pessoas. E essa é a verdade.

— Seu novo melhor amigo é maluco — diz Lucas, com perceptível ressentimento.

Dou de ombros. Michael no Truham. Michael sem amigos.

— Ao que parece, todo mundo já sabia... Michael, o maluco. Para ser sincera, acho que é só um mecanismo de defesa.

Isso parece surpreender Lucas. Dou uma risadinha e volto a me deitar sobre as mesas.

— Então, você me deve uma explicação? — pergunto com uma voz dramática, mas é engraçada demais, e eu começo a rir.

Ele ri, tira o chapéu, o coloca no bolso e cruza os braços.

— Para ser sincero, Victoria, não acredito que você não adivinhou.

— Bem, então eu devo ser meio idiota.

— É.

Silêncio. Nós dois estamos parados.

— Você *sabe* — diz ele, dando mais um passo para perto de mim. — Você precisa pensar com cuidado. Precisa pensar em todas as coisas que aconteceram.

Eu me levanto e dou um passo para trás. Não tem nada na minha mente, só névoa.

Lucas sobe na mesa e anda um pouco na minha direção, com nervosismo, como se temesse que as mesas caíssem com seu peso. Ele tenta explicar de novo.

— Você... você se lembra de ter ido à minha casa quando éramos pequenos?

Quero muito rir, mas não consigo mais. Ele olha um pouco para baixo e vê o curativo no meu braço, e quase estremece por isso.

— Éramos melhores amigos, não? — pergunta ele, mas isso não quer dizer nada. Becky era minha "melhor amiga". Melhor amiga. O que isso indica?

— O quê? — Balanço a cabeça. — Do que você está falando?

— Você se *lembra*, sim — diz ele, a voz um pouco mais alta do que um sussurro. — Se eu me lembro, então você também se lembra. Conte-me sobre quando ia à minha casa todas aquelas vezes. Conte-me o que via lá.

Ele tem razão. Eu me lembro. Gostaria de não me lembrar. Era verão, tínhamos onze anos e estávamos quase no fim do quinto ano. Fui à casa dele umas cem vezes. Nós jogávamos xadrez. Ficávamos no jardim. Tomávamos sorvete. Corríamos pela casa — era uma casa grande. Três andares com um monte de lugares para nos escondermos. Tudo era meio bege. Eles tinham muitos quadros.

Muitos quadros.

Eles tinham muitos quadros.

E tem um de que me lembro.

Perguntei a Lucas, quando tinha onze anos:

— Esse quadro é uma pintura da rua?

— Sim — respondeu ele. Naquela época, Lucas era mais baixo do que eu, os cabelos eram loiros, quase brancos. — A rua de paralelepípedos na

chuva.

— Gosto dos guarda-chuvas vermelhos — disse. — Acho que deve ser chuva de verão.

— Também acho.

O quadro da rua de paralelepípedos molhada com guarda-chuvas vermelhos e janelas escuras do café, o quadro para o qual a garota do *Doctor Who* estava olhando intensamente na festa do Solitaire está na casa do Lucas.

Começo a respirar muito rápido.

— Aquele quadro — digo.

Ele não diz nada.

— Mas a festa do Solitaire... aquela não era sua casa. Você não mora nessa cidade.

— Não — diz ele. — Meus pais investem em propriedades. São donos de muitas casas vazias. Aquela casa era uma delas. Eles colocam aqueles quadros ali para deixá-la mais bonita para as visitas.

De repente, tudo se encaixa.

— Você faz parte do Solitaire — digo.

Ele assente devagar.

— Eu criei. Eu criei o Solitaire — confessa.

Dou um passo para trás.

— Não — falo. — Não, você não criou.

— Criei aquele blog. Organizei a zoação.

Star Wars. Violinos. Gatos, Madonna. Ben Hope e Charlie. Fogo. Bolhas. Os fogos de artifício no The Clay e o fogo e a voz distorcida? Eu teria reconhecido a voz dele.

Dou um passo para trás.

— Você está mentindo.

— Não estou.

Dou mais um passo para trás, mas não há mesa na qual eu possa subir. Piso em falso e caio para trás no nada, e Michael Holden me segura pelos braços, e só Deus sabe desde quando ele está ali perto. Ele me levanta um pouco e me acomoda no chão. É estranho sentir as mãos dele nos meus braços.

— Posso... — Não consigo falar. Estou engasgando, minha garganta está fechando. — Vo-você é um sádico...

— Eu sei, desculpa, a coisa toda saiu um pouco do controle.

— Saiu *um pouco do controle*? — grito. — As pessoas poderiam ter *morrido*.

Michael me envolve nos braços. Eu o afasto, volto para cima das mesas e marcho na direção de Lucas, que se encolhe um pouco quando olho para ele.

— Todas as brincadeiras estavam relacionadas comigo, não é? — digo mais a mim mesma do que para ele.

Michael havia percebido isso desde o começo. Porque é inteligente. Muito inteligente. E eu, sendo quem sou, não me importei em ouvir mais ninguém além de mim mesma.

Lucas assente.

— Por que você fez o Solitaire? — pergunto.

Ele não consegue respirar. Puxa o ar e engole em seco.

— Estou apaixonado por você.

Naquele momento, penso em muitas opções. Uma delas é dar um soco na cara dele. Outra é pular da janela. A opção escolhida é correr. Por isso estou correndo.

Uma pessoa não prega peças em um colégio inteiro porque está apaixonada. Você não faz uma festa inteira atacar alguém porque está *apaixonado* por alguém.

Estou correndo pelo colégio, entrando e saindo de salas nas quais nunca entrei, passando por corredores escuros e vazios pelos quais nunca mais vou passar. Enquanto isso, Lucas está atrás de mim, gritando que quer se explicar direito, como se tivesse mais o que dizer. Não há mais nada a explicar. Ele é louco. Como todo mundo. Ele não se importa se as pessoas se machucam. Como todo mundo.

Eu me vejo sem saída no departamento de artes. É a sala em que estive dois dias antes, fora da qual fiquei mais cedo hoje — o conservatório de arte. Olho ao redor, procurando desesperadamente um lugar aonde ir, enquanto

Lucas permanece ofegante perto da porta. As janelas são pequenas demais para eu passar por elas.

— Desculpa — diz ele, ainda ofegante, com as mãos apoiadas nos joelhos. — Desculpa, foi meio repentino. Não fez nenhum sentido.

Eu quase grito com uma risada.

— Ah, você *acha*?

— Posso me explicar direito?

Olho para ele.

— É a explicação final?

Ele se levanta.

— Sim, sim, é sim.

Eu me sento em um banquinho. Ele se senta no banquinho ao meu lado. Eu me inclino para longe dele, mas não digo nada. Ele começa a história.

— Nunca me esqueci de nada em relação a você. Sempre que descíamos a rua, eu olhava para a sua casa, rezando para que você saísse naquele momento. Ficava imaginando mil situações nas quais eu entrava em contato com você e voltávamos a ser amigos. Tipo, nós nos encontraríamos no Facebook e começaríamos a conversar, e decidiríamos nos ver. Ou nos encontraríamos sem querer em algum lugar; na rua, em uma festa, sei lá. Quando fiquei mais velho, você se tornou *a* garota. Sabe? A garota com quem eu acabaria vivendo um grande romance. Começamos como amigos de infância. Nós nos encontraríamos de novo, e pronto. Felizes para sempre. Como num filme.

Escuto calada. Ele continua:

— Mas você não é a Victoria que eu tinha em mente. Sei lá. Você é outra pessoa. Acho que é alguém que eu não conheço. Não sei no que eu estava pensando. Olha, não sou um *stalker* nem nada assim. Visitei o Higgs no semestre passado para ver se eu gostaria dele, sabe? Michael me mostrou o colégio. Ele me mostrou todos os lugares e o último que visitei foi... o salão. E foi onde vi você. Sentada, literalmente, diante de mim.

Estou atenta à história.

— Pensei que teria um ataque do coração. Você estava sentada à frente de um computador, mas de costas para mim. Estava sentada ali ao computador, jogando Solitaire. E parecia tão... estava com uma das mãos na cabeça, e com a outra você clicava o mouse sem parar, e parecia *morta*. Parecia cansada e morta. E, baixinho, ficava dizendo "Eu me odeio, eu me odeio, eu me odeio". Mas ninguém ouviu, só eu.

Não me lembro disso. Não me lembro desse dia.

— Sei que parece idiota. Aposto que você estava só estressada com o curso ou algo assim. Mas eu não consegui parar de pensar. Até que comecei a ter várias ideias. Pensei que talvez você realmente se odiasse. E odiei o colégio por fazer isso com você.

A explicação de Lucas não para:

— Fiquei maluco de raiva pensando nisso. E foi quando inventei o Solitaire. Conversei com um cara que eu conhecia do Truham que tinha passado para o Higgs, e decidimos começar a pregar peças. Eu tinha uma ideia *bem doida* de que umas intervenções hilárias pudessem trazer um pouco de alegria à sua vida. E à vida de todos. Então, sim, organizei o lance do Ben Hope. Eu estava muito bravo com o que tinha acontecido com o Charlie. Ben mereceu aquilo. Mas aí... o lance no The Clay aconteceu. As pessoas se feriram. *Você* se feriu. Saiu do controle. Depois disso, eu parei. Não fiz *mais nada* desde domingo. Mas temos uma porção de seguidores. Fizemos com que todos levassem tudo muito a sério, pensando que eles eram anarquistas ou coisa assim, com os pôsteres, os fogos de artifício e os slogans idiotas. Não sei. Não sei.

A expressão dele é de profunda tristeza.

— Michael me encontrou há cerca de meia hora. Sei que você vai me odiar. Mas... sim. Ele tem razão. É pior quando você não sabe.

As lágrimas começam a rolar pelo rosto dele, e não sei o que fazer. Como quando éramos pequenos. Sempre lágrimas sem barulho.

— Sou um ser humano da pior espécie — fala Lucas, e apoia os cotovelos na mesa, desviando o olhar de mim.

— Bom, você não vai ter minha compaixão — digo.

Porque ele desistiu. Lucas desistiu. Ele deixou aqueles sentimentos idiotas e imaginários controlarem sua vida, e fez coisas ruins acontecerem. Coisas muito ruins. Que fizeram outras coisas ruins acontecerem. É assim que o mundo funciona. É por isso que não deixamos os sentimentos controlarem nosso comportamento.

Estou com raiva.

Com raiva porque Lucas não lutou contra seus sentimentos.

Mas é assim que o mundo funciona.

Lucas fica de pé e eu me retraio.

— Fique longe de mim. — Eu me vejo dizendo, como se ele fosse um animal raivoso.

Não acredito que precisei de todo esse tempo para perceber a verdade.

Ele não é mais Lucas Ryan para mim.

— Victoria, eu vi você naquele dia e pensei que a pessoa por quem eu tinha sido apaixonado por seis anos acabaria se matando.

— Não encosta em mim. Fique longe.

Ninguém é sincero, ninguém fala a verdade. Não se pode confiar em ninguém nem em nada. As emoções são a doença fatal da humanidade. E estamos todos morrendo.

— Olha, não faço mais parte do Solitaire...

— Você era tão *inocente* e *sem jeito.* — Estou falando depressa, feito uma louca. Não sei por que estou dizendo essas coisas. Não é exatamente com o Lucas que eu estou brava. — Acho que você pensou que fosse romântico, com seus livros e suas malditas roupas de hipster. Por que eu não me apaixonaria por você? Durante todo esse tempo, você estava armando e fingindo.

Por que estou surpresa? Isso é o que todo mundo faz.

E, então, sei muito bem o que fazer.

— O que o Solitaire vai fazer amanhã? — pergunto.

Tenho a chance de fazer alguma coisa. De finalmente, maravilhosamente, colocar fim a toda dor.

Ele não diz nada, por isso eu berro.

— *Diga!* Diga o que vai acontecer amanhã!

— Não sei exatamente — diz Lucas, mas acho que ele está mentindo. — Só sei que eles vão se encontrar lá dentro às 6 horas.

É onde estarei. Amanhã às seis. Vou desfazer tudo.

— Por que não me contou isso antes? — sussurro. — Por que não contou a ninguém?

Ele não responde. Não consegue.

A tristeza está vindo como uma tempestade.

E eu começo a rir feito uma *serial killer*.

Dou risada e corro. Corro para fora do colégio. Corro pela cidade morta. Corro e penso que talvez a dor tenha fim, mas ela não para de arder por dentro, queimando tudo.

CATORZE

DIA QUATRO DE FEVEREIRO É UMA SEXTA-FEIRA. O Reino Unido tem testemunhado a mais pesada nevasca desde 1963. Cerca de 360 mil pessoas nascem, e os raios acertam a terra 518.400 vezes. Um total de 154.080 pessoas morrem.

Fujo de casa às 5:24. Não assisti a filme nenhum durante a noite. Nenhum deles me pareceu interessante. Além disso, meu quarto estava meio que me assustando porque eu tirei todos os papéis sobre o Solitaire do quadro, e o carpete parecia um rio de papel e tachinhas. Apenas fiquei sentada na cama, sem fazer nada. De qualquer modo, estou usando o máximo de roupas que consigo por cima do uniforme e estou armada com meu celular, uma tocha e uma lata de limonada diet fechada que acho que não vou beber. Estou me sentindo um pouco perturbada porque não durmo há cerca de uma semana, mas é uma sensação boa, uma perturbação extática, uma *perturbação* invencível, infinita.

O post do blog do Solitaire apareceu às 20 horas ontem.

20:00 3 de fevereiro
Pessoal do Solitaire,

Amanhã cedo, a maior operação do Solitaire acontecerá no Colégio Harvey Greene. Vocês são muito bem-vindos para participar. Obrigado por todo o apoio neste semestre.

Esperamos ter acrescentado algo ao que poderia ter sido um inverno muito entediante.

Paciência Mata

Sinto uma vontade imediata de ligar para a Becky.

— ... alô?

Becky dorme com o telefone mudo, mas no modo vibrar, perto da cabeça. Sei disso porque ela me contava que os garotos a acordavam assim

quando enviavam mensagem de texto à noite.

— Becky. É a Tori.

— Ai, meu Deus. Tori. — Ela não parece muito animada. — Por que... você está me ligando... às... 5 horas?

— São vinte para as seis.

— Ah, sim, *isso* muda *tudo*.

— É uma diferença de quarenta e cinco minutos. Dá para fazer muita coisa em quarenta minutos.

— Mas... por que.. está ligando?

— Para dizer que estou me sentindo bem melhor.

Pausa.

— Bom... isso é bom, mas...

— Sim, eu sei. Eu me sinto muito, muito bem.

— Então... você não deveria estar dormindo?

— Sim, sim, vou fazer isso quando resolver as coisas de uma vez. Vai acontecer hoje o Solitaire, você sabe.

Segunda pausa.

— Espere. — Ela despertou. — Espere. O que... onde você está?

Olho ao redor. Já estou quase lá, na verdade.

— Indo para o colégio. Por quê?

— Ai, meu *Deus*! — Escuto um farfalhar quando ela se senta na cama. — Cara, o que você está fazendo?!

— Eu já disse...

— TORI! VÁ PARA CASA!

— *Vá para casa*. — Dou risada. — E fazer o quê? Chorar mais?

— VOCÊ ENLOUQUECEU? SÃO 5 HORAS! O QUE VOCÊ ESTÁ TENTANDO...

Paro de rir e aperto o botão vermelho porque ela está me fazendo chorar.

Meus pés afundam na neve enquanto corro pela cidade. Tenho certeza de que em determinado momento vou dar um passo e meu pé não vai parar; só vai afundar mais na neve até desaparecer. Não fossem as luzes da rua, estaria escuro como o breu, mas as luzes estão pintando o branco com um brilho amarelo e fraco. A neve parece doente. Mórbida.

Quinze minutos depois, passo por uma moita para entrar no colégio porque os portões principais estão trancados. Ganho um arranhão grande no rosto e, quando vou olhar na tela do celular, concluo que gosto dele.

O estacionamento está vazio. Passo pela neve em direção à entrada principal e, quando me aproximo, vejo que a porta está entreaberta. Entro e percebo de imediato o alarme branco de roubo e incêndio na parede, ou o que era uma caixa branca na parede. Ela foi arrancada e está pendurada no gesso por apenas alguns fios. Os outros foram cortados. Olho para ele por alguns segundos antes de descer um corredor.

Eles estão aqui.

Caminho por um tempo, um Fantasma do Natal Passado. Eu me lembro da última vez que estive aqui em um momento qualquer do dia — semanas atrás, com monitores e Zelda, e o vídeo do violino. Aquilo parece ter acontecido há muito tempo. Tudo parece mais frio.

Quando me aproximo mais do fim do corredor, começo a ouvir sussurros ininteligíveis vindos do canto da sala de inglês. A sala de aula do sr. Kent. Eu me encosto na parede perto da porta como um espião. Há uma luz fraca vinda da janela de plástico. Cuidadosa e lentamente, espio a sala.

Espero encontrar um monte de agentes do Solitaire, mas o que vejo são três pessoas reunidas em mesas no meio da sala, iluminadas apenas por uma tocha grande acesa acima delas. O primeiro é o cara do topete grande que já vi com Lucas uma centena de vezes, com roupas bem hipsters, como as que Lucas usa — calça skinny, tênis de enfiar o pé, jaqueta e camisa polo Ben Sherman.

A segunda pessoa é Evelyn Foley.

O Topete a está abraçando. Ah. O namorado secreto da Evelyn é o Topete. Penso no The Clay. Será que a voz do Solitaire era de uma garota? Está frio demais para que eu me lembre de tudo, por isso dou atenção à terceira pessoa.

Lucas.

Topete e Evelyn parecem estar meio em cima dele. Lucas está sussurrando depressa para o Topete. Ele me disse que não fazia mais parte do Solitaire,

não disse? Talvez eu devesse entrar na sala e começar a gritar. Acenar meu telefone. Ameaçar ligar para a polícia. Talvez...

— *Ai, meu Deus.*

Na outra ponta do corredor, Becky Allen aparece, e eu quase caio para trás. Ela aponta para mim com um dedo acusatório e sibila:

— Eu sabia que você não iria para casa!

Meus olhos, arregalados e sem foco, se mexem sem parar quando ela atravessa o corredor. Em pouco tempo, Becky está ao meu lado, a calça do pijama do Superman com as barras enfiadas em pelo menos três pares de meia e botas forradas, um capuz, um casaco e várias outras peças de lã. Ela está aqui. Becky veio aqui. Por mim. Ela está muito esquisita sem maquiagem, e os cabelos roxos estão presos numa espécie de coque oleoso, e não sei por que ou como isso acontece, mas estou *aliviada* por ela estar aqui.

— Ah, minha nossa, você é maluca — sussurra ela. — Você. É. Maluca. — E aí ela me abraça, e eu deixo, e por vários segundos sinto que somos amigas. Ela me solta, se retrai e faz uma careta. — Amiga, o que você fez com a sua *cara*?

Becky levanta a manga e a passa de qualquer modo pelo meu rosto, e quando a afasta, está manchada de vermelho. Então sorri e balança a cabeça. Eu me lembro da Becky que conheci três anos atrás, antes dos garotos, do sexo, antes do álcool, antes de ela começar a mudar enquanto eu continuava exatamente a mesma.

Aponto em direção à porta da sala de inglês.

— Olhe lá dentro.

Ela anda na ponta dos pés passando por mim e olha. Seu rosto é tomado pelo horror.

— *Evelyn?* O que... e por que *Lucas*... — Ela mantém a boca muito aberta enquanto se dá conta de tudo. — Isso... isso é o *Solitaire*? — Becky se vira para mim de novo e balança a cabeça. — Isso é confuso demais para esse momento do dia. Nem tenho nem certeza de que estou acordada.

— *Shh.*

Tento ouvir o que eles estão dizendo. Becky passa pela porta e ficamos de pé, escondidas no escuro, uma de cada lado da porta. Vagamente,

começamos a decifrar uma conversa. São 6:04.

— Coragem, Lucas. — Evelyn. Ela está usando shorts jeans de cintura alta, meia-calça e uma jaqueta Harrington. — Não estou brincando. Sentimos *muitíssimo* por tirar você do seu cobertor elétrico e da Radio 4, mas pode ter um *pouco de coragem*?

O rosto de Lucas, marcado pelas sombras, é tomado por uma careta.

— Posso lembrar a vocês que *eu* sou a pessoa que deu início ao Solitaire, para começo de conversa? Assim, minha coragem não deve ser questionada, obrigado.

— Sim, você começou — diz o Topete. É a primeira vez que olho direito para ele e, para alguém com tantos cabelos, ele é muito pequeno. Ao lado dele, sobre a mesa, há uma sacola de compras da Morrison's. Sua voz também é mais sofisticada do que eu pensei. — E você foi embora exatamente quando começamos a fazer coisas que *valem a pena*. Estamos fazendo algo ótimo e, ainda assim, você está aqui dizendo que *tudo* pelo que você batalhou tem sido, e eu repito, "uma besteira completa".

— Não foi para isso que me esforcei — retruca Lucas. — Pensei que pregar uma peça nesse colégio ajudaria as pessoas.

— Foder com esse colégio é a melhor coisa que aconteceu com esta cidade — declara Topete.

— Mas isso não vai ajudar ninguém. Não vai mudar nada. Mudar um ambiente não muda uma pessoa.

— Para de bobagem, Lucas. — Evelyn balança a cabeça. — Você não é Gandhi, querido.

— Você deve perceber como isso é uma ideia idiota — diz Lucas.

— Me dê o maçarico — pede Topete.

Becky, com as mãos espalmadas na parede feito o Homem-Aranha, vira a cabeça depressa.

— *Maçarico?* — diz ela, sem emitir som.

Eu dou de ombros. Olho com mais intensidade para Lucas e percebo que ele está segurando atrás das costas o que, a princípio, se parece com uma arma, mas que na verdade é só um maçarico.

Só se pode fazer uma coisa com um maçarico.

— Hum, não — diz Lucas, mas mesmo de longe, percebo que ele está nervoso. Topete tenta pegar o braço de Lucas, mas ele dá um passo para trás a tempo. Topete começa a rir feito um maluco.

— Bem, *merda* — pragueja Topete. — Você se meteu em toda essa enrascada, e agora pensa que vai roubar nossas coisas e fugir com elas. Igual a um moleque. Por que veio aqui? Por que não foi nos dedurar, como o bebê chorão que você é?

Lucas apoia o peso do corpo na outra perna, em silêncio.

— Me dê esse maçarico — diz Topete. — É sua última chance.

— Vá se foder — retruca Lucas.

Topete leva a mão ao rosto e coça a testa, suspirando.

— Deus.

Então, como se alguém tivesse apertado o interruptor do cérebro, ele dá um golpe muito rápido, um soco no rosto de Lucas.

Lucas, surpreendentemente controlado, não cai; endireita o corpo e olha bem nos olhos do Topete.

— *Vá se foder!* — repete Lucas.

Topete dá um soco no estômago de Lucas, dessa vez fazendo com que ele se dobre para a frente. Segura o braço de Lucas com facilidade e arranca o maçarico, depois pega Lucas pela gola, segura o cabo contra seu pescoço e o empurra contra a parede. Imagino que ele esteja pensando que está parecendo um chefão da Máfia, mas não ajuda muito o fato de ele ter cara de um menino de sete anos e a voz fina.

— Você não podia *ir embora*, não é, cara? Não podia deixar quieto, não é?

É claro que o Topete não vai atirar no pescoço de Lucas com a arma que está segurando. Está claro para o Topete que ele não vai queimar Lucas. Está claro para todo mundo que já viveu e para todo mundo que viverá que o Topete não tem coragem, vontade, nem malícia de ferir seriamente um cara um pouco ingênuo feito Lucas Ryan. Mas eu acho que se alguém está segurando uma arma perto do seu pescoço, então coisas desse tipo não são mais tão claras como deveriam ser.

Becky não está mais do meu lado.

Ela aplica um golpe de caratê para abrir a porta.

— Certo, galera. Podem parar. Agora. Parem com a loucura.

Com uma das mãos levantada, ela sai do esconderijo. Evelyn dá um grito, Lucas dá uma risada triunfante e Topete solta a gola de Lucas e dá um passo para trás como se temesse que Becky pudesse prendê-lo no ato.

Eu a acompanho para dentro e me arrependo na hora. Lucas me vê e para de rir.

Becky se aproxima e se coloca entre Lucas e a arma. Seu rosto sem maquiagem a transforma em um guerreiro de pele clara e olhos pequenos.

— Ah, querido. — Ela suspira para o Topete e inclina a cabeça, fingindo compaixão. — Você acha mesmo que intimida alguém, não acha? Mas pelo amor de Deus, *onde* você conseguiu essa merda? Numa loja de 1,99?

Topete tenta rir e ignorá-la, mas é em vão. Os olhos de Becky ficam intensos. Ela estende as mãos.

— Vá em frente, cara. — Suas sobrancelhas estão muito erguidas. — Vamos. Queime meu cabelo ou qualquer coisa assim. Estou relativamente curiosa para ver se você é capaz de puxar esse gatilho.

Vejo que Topete está desesperado, tentando pensar em algo esperto a dizer. Depois de alguns instantes meio embaraçosos, ele dá um passo para trás, pega a bolsa da Morrison's, coloca o maçarico dentro e puxa o gatilho. A chama do maçarico brilha laranja por cerca de dois segundos, até Topete afastá-la e jogar a bolsa na direção da estante de livros. O que tem na bolsa começa a soltar fumaça e a fazer barulho.

Todo mundo na sala olha para a bolsa.

A fumaça diminui aos poucos. A sacola de plástico murcha antes de cair da estante e no chão, virada para cima.

Faz-se um longo silêncio.

Por fim, Becky joga a cabeça para trás e dá uma risada alta.

— Ai, meu *Deus*! Ai, meu *Deus*!

Topete não tem mais nada a dizer. Não tem como desfazer o que acabou de acontecer. Acho que essa é a coisa mais idiota que já vi.

— *Esse* é o *grand finale* do Solitaire! — Becky continua rindo. — Minha nossa, você é o hipster mais iludido que já vi. Você dá um novo sentido à palavra iludido.

Topete ergue o maçarico e caminha em direção à bolsa, como se fosse tentar de novo, mas Becky o agarra com força pelo punho e, com a outra mão, arranca a arma dele. Ela a chacoalha no ar e pega o celular do bolso do casaco.

— Dê um passo em direção à bolsa, seu puto, e vou chamar a polícia. — Ela ergue a sobrancelha feito uma professora desapontada. — Não pense que não sei seu nome, *Aaron Riley*.

Topete, ou Aaron Riley ou sei lá quem, olha para ela.

— Você acha que eles acreditariam numa vagabunda?

Becky joga a cabeça para trás uma segunda vez.

— Ah, cara. Conheci *tantos* valentões iguais a você. — Ela dá um tapinha no braço do Topete. — Você faz muito bem a coisa toda de ser machão. Muito bem.

Olho depressa para Lucas, mas ele está olhando para Becky, balançando a cabeça distraidamente.

— Vocês são todos iguais — diz Becky. — Todos idiotas que acham que, fazendo papel de espertos, dominam o mundo todo. Por que não vai para casa reclamar sobre isso no blog como *gente normal*? — Ela dá um passo na direção dele. — Afinal, o que você está tentando fazer aqui, cara? O que o Solitaire está tentando fazer? Vocês acham que são melhores do que os outros? Estão tentando dizer que o colégio não é importante? Estão tentando nos ensinar sobre moral e sobre como sermos pessoas melhores? Estão tentando dizer que se rirmos de tudo, se tolerarmos umas merdas e abrirmos um sorriso, então a vida vai ser bacana? É *isso* o que o Solitaire está tentando fazer?

Ela solta um gemido forte de exasperação, e me faz dar um pulo.

— A tristeza é uma emoção humana natural, seu *imbecil*.

Evelyn, que está observando com os lábios contraídos durante todo o tempo, fala por fim:

— Por que está nos julgando? Você nem mesmo entende o que estamos fazendo.

— Ah, Evelyn. Fala sério. O Solitaire? Você está do lado deles?

Becky começa a apagar e a acender o maçarico. Talvez ela esteja tão perturbada quanto eu. Evelyn se retrai.

— E *esse* idiota tem sido seu namorado secreto todo esse tempo. Ele está usando mais gel no cabelo do que usei o ano passado inteiro, Evelyn! — Ela balança a cabeça como alguém idoso e cansado. — Solitaire. Minha nossa. Eu me sinto no sétimo ano de novo.

— Por que está agindo como se fosse o último biscoito do pacote? — pergunta Evelyn. — Você se acha melhor do que nós?

Becky dá uma risada alta e coloca o maçarico na calça do pijama.

— Melhor? Haha. Já fiz umas coisas bem ruins para as pessoas. E estou admitindo. Quer saber de uma coisa, Evelyn? Talvez eu queira ser especial. Talvez, às vezes, eu só queira expressar as emoções que estou sentindo, em vez de ter que fazer essa cara de feliz que faço todo dia só para passar a impressão, a vacas como você, de que *não sou chata*.

Ela aponta para mim de novo como se estivesse socando o ar.

— Parece que a Tori entende o que vocês estavam tentando fazer. Não sei por que estão tentando destruir nosso colegiozinho de merda. Mas Tori acha que... de modo geral, vocês estão fazendo algo ruim, e eu *acredito nela, porra*. — Ela abaixa o braço. — Meu Deus, Evelyn. Você me irrita muito. Caramba. Esses *creepers* são os sapatos mais feios que já vi. Volte ao seu blog ou a Glastonbury, ou de onde tenha vindo e *não saia mais*.

Topete e Evelyn lançam um olhar aterrorizado a Becky e desistem.

É meio forte, de certo modo.

Porque as pessoas são muito teimosas e não querem estar erradas. Eu acho que os dois sabiam que o que estavam prestes a fazer *era* errado, ou talvez no fundo não tiveram a coragem de ir até o fim. Talvez, no fim das contas, eles nunca tenham sido os verdadeiros antagonistas. Mas se não são, quem é?

Devagar, seguimos os dois saindo da sala e atravessando o corredor. Vemos quando eles passam pelas portas duplas. Se eu fosse um dos dois, provavelmente mudaria de colégio de imediato. Eles partirão em um minuto. Para sempre. Desaparecerão.

Ficamos ali por um tempo, sem dizer muita coisa. Depois de alguns minutos, começo a suar. Talvez eu esteja brava. Não. Não sinto nada.

Lucas está de pé ao meu lado e se vira. Seus olhos são grandes e azuis e parecidos com os de um cachorro.

— Por que você veio aqui, Victoria?

— Aqueles dois poderiam machucar você — digo, mas nós dois sabemos que não é verdade.

— Por que veio?

Tudo está muito borrado.

Lucas suspira.

— Bem, acabou, finalmente. Becky meio que salvou todos nós.

Becky parece estar em choque, encolhida no chão, encostada na parede do corredor com as pernas abertas cobertas por uma calça com estampa do Superman. Ela segura o maçarico perto do rosto, e o acende e apaga na frente dos olhos, e a ouço murmurando:

— Este é o maçarico mais pretensioso que já vi... é muito *pretensioso*...

— Estou perdoado? — pergunta Lucas.

Talvez eu desmaie.

Dou de ombros.

— Você não está apaixonado por mim de verdade, está?

Ele pisca os olhos, e não está olhando para mim.

— Hum, não. Não era amor, de fato. Era... eu só achei que precisava de você... por algum motivo... — Ele balança a cabeça. — Acho a Becky muito adorável.

Tento não vomitar nem me apunhalar com as chaves de casa. Abro um sorriso, como o de um palhaço.

— Hahaha! Você e todo o sistema solar pensam isso!

A expressão de Lucas muda, como se ele finalmente entendesse quem sou.

— Pode parar de me chamar de Victoria? — pergunto.

Ele dá um passo para longe de mim.

— Sim, claro. Tori.

Eu começo a sentir calor.

— Eles iam fazer o que eu acho que iam fazer?

Lucas não para de olhar ao redor. Não olha para mim.

— Eles iam incendiar o colégio — diz.

É quase engraçado. Outro sonho de infância. Se tivessem dez anos, talvez curtíssemos pensar na escola em chamas, porque significaria que não teríamos mais aulas, certo? Mas parece violento e sem sentido. Tão violento e sem sentido quanto todas as outras coisas que o Solitaire fez.

Até que percebo algo.

Eu me viro.

— Aonde você vai? — pergunta Lucas.

Atravesso o corredor, de volta à sala de Kent, sentindo cada vez mais calor conforme me aproximo.

— O que você vai fazer?

Olho a sala. E me pergunto se perdi a noção.

— Tori?

Eu me viro para Lucas e o vejo de pé no fim do corredor. Olho para ele de verdade.

— Saia daqui — digo, talvez baixo demais.

— O quê?

— Pegue a Becky e saia.

— Espere, o que você...

E ele vê o brilho laranja iluminando um lado do meu corpo.

O brilho laranja que vem do fogo que está tomando a sala de Kent.

— Puta merda — diz Lucas.

Começo a correr pelo corredor em direção ao extintor de incêndio mais próximo e o pego, mas ele não sai da parede.

Ouço um estalar horroroso. A porta da sala de aula quebrou e está queimando.

Lucas está perto de mim e do extintor, mas, por mais que puxemos, não conseguimos tirá-lo da parede. O fogo sai da sala e se espalha pelos quadros da parede, e o teto é logo tomado pela fumaça.

— Precisamos sair! — grita Lucas em meio às chamas altas. — Não podemos fazer nada!

— Sim, *podemos*. — Temos que fazer alguma coisa. Eu tenho que fazer alguma coisa. Solto o extintor e corro mais para o interior do colégio. Tem outro no próximo corredor. No corredor de ciências.

Becky se levantou do chão. Ela começa a correr atrás de mim, assim como Lucas, mas um quadro enorme de repente cai da parede, queimando papel e tachinhas, bloqueando o corredor. Não os vejo. O carpete pega fogo e as chamas começam a avançar na minha direção...

— TORI! — grita alguém.

Não sei quem. Não me importa. Localizo o extintor de incêndio e o retiro com facilidade da parede. Está escrito "ÁGUA", mas também "PARA SER USADO EM INCÊNDIOS ENVOLVENDO MADEIRA, PAPEL, TECIDO, CABOS NÃO ELÉTRICOS". O fogo se espalha pelo corredor, nas paredes, no teto, no chão, e me empurra para trás. Há luzes e tomadas por todos os lados.

— TORI!

Dessa vez, a voz vem de trás de mim. Duas mãos pousam nos meus ombros e me sobressalto como se fosse a própria Morte.

Mas não é.

É ele, com camiseta e calça jeans, óculos, cabelos, braços, pernas, olhos, tudo...

É Michael Holden.

Ele arranca o extintor dos meus braços...

E o joga para fora da janela mais próxima.

QUINZE

SOU FORÇADA CORREDOR ABAIXO e lançada para fora da saída de incêndio mais próxima. Não sei como Michael sabia que eu estava aqui. Não sei o que ele está fazendo. Mas preciso parar aquele incêndio. Preciso entrar ali. Se eu não puder fazer nada, terá tudo sido em vão. Minha vida toda. Tudo. Nada.

Ele tenta me pegar, mas sou praticamente um torpedo. Corro de volta pela saída de incêndio e desço o corredor seguinte, para longe das chamas que estavam vindo, procurando outro extintor de incêndio. Estou meio ofegante e não enxergo nada, e estou correndo tão depressa que não sei onde esse corredor fica no colégio, e começo a correr de novo.

Mas Michael corre tão bem quanto patina. Ele me segura pela cintura quando pego o extintor de incêndio da parede, quando o fogo atravessa a saída de incêndio e se aproxima de nós...

— TORI! PRECISAMOS SAIR, AGORA!

O fogo tira o rosto de Michael do escuro. Eu me viro nos braços dele e parto para a frente, mas ele aperta meu braço e começa a me arrastar, e quando me dou conta, estou puxando meu braço com tanta força que minha pele começa a arder. Estou gritando com ele e puxando, e dando chutes sem olhar a direção, e acabo acertando a barriga dele. Devo ter chutado com força porque ele cai para trás e leva as mãos na altura do estômago. No mesmo instante, percebo o que fiz e paro, olhando para ele à luz laranja. Nós nos encaramos e ele parece *perceber* alguma coisa, e sinto vontade de rir, porque sim, ele enfim notou, assim como Lucas acabou notando, e estendo os braços para ele...

E eu vejo o fogo.

O inferno no laboratório de ciências à nossa direita. O laboratório de ciências que é ligado àquela sala de aula de inglês por uma única porta, pela qual as chamas devem ter passado direto.

Eu me lanço para cima de Michael e o empurro...

E a sala de aula explode: mesas retorcidas, cadeiras, bolas de fogo em formato de livros. Estou no chão, vários metros à frente, milagrosamente viva, e abro os olhos mas não vejo nada. Michael está perdido em algum lugar perto de mim na fumaça. Eu caio para trás quando uma perna de cadeira passa pelo meu rosto, e grito o nome dele, sem saber se ele está vivo ou...

Eu me levanto e corro.

Chorando? Gritando coisas. Um nome? O nome dele?

A ideia eterna do Solitaire. Aquele sonho de infância.

Ele está morto? Não. Vejo uma forma se erguer vagamente da fumaça, debatendo-se antes de desaparecer no colégio. Em determinado momento, acho que ouço quando ele me chama, mas pode ser que eu esteja apenas imaginando.

Grito o nome dele e estou correndo de novo, para fora da nuvem de fumaça, para longe do corredor de ciências. No canto, vejo que as chamas chegaram a uma sala de arte e que os trabalhos artísticos, horas e mais horas de trabalho, estão derretendo e formando bolas de acrílico frito e pingando no chão. É tão triste que sinto vontade de chorar, mas a fumaça já começou a causar as lágrimas. Começo a entrar em pânico também. Não por causa do fogo.

Nem mesmo porque estou perdendo e o Solitaire está ganhando.

Porque Michael está aqui.

Outro corredor. Mais um. Onde estou? Nada é igual no escuro e no incêndio. Luzes elípticas brilham ao meu redor feito sirenes, como se eu estivesse desmaiando. Losangos brilhando. Estou gritando de novo. *Michael Holden*. O fogo ronca e um furacão de ar quente passa pelos túneis do colégio.

Grito por ele. Estou chamando sem parar, tremendo muito, os trabalhos e os textos feitos à mão nas paredes estão se desintegrando ao meu redor e não

consigo respirar.

— Fracassei — digo, quando as palavras me ocorrem. É engraçado, isso nunca acontece. — Fracassei, fracassei.

Não fracassei com o colégio. Nem mesmo comigo. Mas com Michael. Fracassei com ele. Fracassei em deixar de ser triste. Ele tentou muito, tentou muito ser legal, ser meu amigo, e eu fracassei com ele. Paro de gritar. Não tem mais nada. Michael, morto, o colégio, morrendo, e eu. Não tem mais nada.

E ouço uma voz.

Meu nome na fumaça.

Eu me viro, mas só há chamas nessa direção. Em que prédio estou? Deve haver uma janela, uma saída de incêndio, algo, mas tudo está queimando, a fumaça está começando a sufocar o ar e, por fim, a mim; então antes que eu me dê conta já estou subindo um lance de escadas para o próximo andar, com a fumaça e as chamas nos meus calcanhares.

Dobro uma esquina à esquerda, esquerda de novo, entro na sala de aula. A porta bate atrás de mim. Pego uma cadeira, sem pensar em nada além do fogo, da fumaça e de morrer, e estouro a janela fina. Fecho os olhos quando uma chuva de pó de vidro cai sobre meus cabelos.

Saio na manhã, e estou no topo do que parece ser um forro de concreto e, finalmente, *finalmente*, eu me lembro de onde estou.

O lugar lindo.

O pequeno telhado de concreto do conservatório de arte. O campo de neve e o rio. O céu escuro da manhã. Ar frio.

Espaço infinito.

Mil pensamentos de uma vez. Michael Holden é novecentos deles. O resto é ódio por mim mesma.

Fracassei em tudo.

Olho para a janela estourada. A que isso leva? Apenas dor. Olho para a escada de metal à minha direita. A que ela leva? A mim, fracassando, todas as vezes, fracassando em fazer algo certo, a dizer algo certo.

Estou na beirada e olho para baixo. Está longe. Está me chamando.
Uma esperança de algo melhor. Uma terceira opção.
Está muito quente. Tiro o casaco e as luvas.
E me toma nesse momento.
Eu nunca soube o que queria da vida. Até agora.
Eu meio que desejo estar morta.

DEZESSEIS

MEUS PÉS VAGAM, distraídos, perto da beirada. Penso em Michael Holden. Principalmente em como ele está sempre bravo o tempo todo, em segredo. Penso que muitas pessoas estão bravas o tempo todo, em segredo.

Penso em Lucas Ryan e fico mais triste. Há outra tragédia na qual não sou a salvadora.

Penso na minha ex-melhor amiga, Becky Allen. Acho que não sei quem ela é. Acho que sabia antes — antes de crescermos —, mas depois disso, ela mudou e eu não.

Penso no meu irmão, Charlie Spring, e em Nick Nelson. Às vezes, o paraíso não é o que as pessoas acham que deveria ser.

Penso em Ben Hope.

Às vezes, as pessoas odeiam a si mesmas.

E, enquanto penso, o colégio Harvey Greene se dissolve. Meus pés avançam delicadamente pelo telhado de concreto. Se eu cair por acidente, o universo estará pronto para me pegar.

E então...

Ele aparece.

Charlie Spring.

Um ponto solitário no branco tingido de laranja.

Está acenando e gritando.

— NÃO!

Não, diz ele.

E tem outra pessoa correndo ao seu lado. Mais alto, mais forte. Ele segura a mão de Charlie. Nick Nelson.

E outra. E outra. Por quê? O que está acontecendo com as pessoas? Por que elas nunca nos dão um pouco de paz?

Vejo Lucas e Becky. Becky leva as mãos à boca. Lucas leva as mãos à cabeça. Charlie está gritando em uma batalha com o vento e as chamas. Gritando, girando, queimando.

— Pare!

Essa voz está mais próxima e vem de cima. Decido que provavelmente é Deus, porque acho que é assim que Deus age. Ele espera até seus últimos momentos e *só então* interfere e leva você a sério. É como quando você tem quatro anos e diz a seus pais que vai fugir. E eles dizem: "Certo, faça isso." Como se não se importassem. E só começam a se importar quando você sai pela porta e atravessa a rua com seu ursinho embaixo do braço e um pacote de biscoitos na mochila.

— Tori!

Eu me viro e olho para cima.

No topo do prédio, acima da janela que eu estourei, está Michael Holden, deitado de bruços em cima do telhado, de modo que apenas sua cabeça e os ombros aparecem.

Ele estende um braço para mim.

— Por favor!

Só de vê-lo, sinto vontade de morrer ainda mais.

— O colégio está pegando fogo — digo, e me viro para o outro lado. — Você precisa sair.

— Vire-se, Tori. Vire-se, sua idiota.

Algo me faz virar. Pego minha tocha, e me pergunto por um instante por que ainda não a usei até agora, e eu a direciono para cima. Então, eu o vejo direito. Cabelos bagunçados e empoeirados. Manchas de fuligem no rosto. Uma marca de queimadura no braço estendido.

— Você quer se matar? — pergunta ele, e a pergunta parece irreal porque nunca ouvimos ninguém fazer um questionamento desses na vida real. — Não quero que você faça isso. Não posso permitir. Você não pode me deixar aqui sozinho.

Sua voz falha.

— Você precisa ficar aqui — diz.

E ele faz o que eu faço. Puxa o lábio para dentro, entorta a boca para baixo e os olhos e nariz se enrugam, e uma lágrima aparece no canto do olho azul. Ele levanta a mão para cobrir o rosto.

— Sinto muito — falo, porque o rosto dele, todo enrugado e choroso, me causa dor física. Começo a chorar também. Contra a minha vontade, eu me afasto da beirada para mais perto dele, e espero que isso faça com que ele compreenda. — Sinto muito, muito, muito, muito.

— *Cala a boca!* — Ele está sorrindo enquanto chora, desesperado. Tira as mãos do rosto e ergue os dois braços. Em seguida, dá um soco no chão. — Meu Deus, como sou burro! Não acredito que não percebi isso antes. Não acredito.

Estou embaixo do rosto dele. Seus óculos começam a deslizar pelo nariz e ele logo os empurra para cima.

— Sabe, a pior coisa é que quando eu joguei aquele extintor para fora, eu não estava pensando só em salvar você. — Ele ri com tristeza. — Todos precisamos ser salvos.

— Então por que...

Paro. De repente, entendo tudo. Esse cara. Essa pessoa. Por que demorei tanto para entender? Ele precisava de mim tanto quanto eu precisava dele, porque ele estava *irado*, e sempre esteve.

— Você queria que o colégio incendiasse.

Ele ri de novo e esfrega os olhos.

— Você me conhece.

E ele tem razão. Eu o conheço. Só porque alguém sorri não quer dizer que está feliz.

— Nunca fui bom o suficiente — diz ele. — Eu me estresso tanto, não faço amigos... *Deus*, não sei fazer amigos. — Ele olha além de mim. — Às vezes, queria ser uma pessoa normal. Mas não consigo. Não sou. Por mais que eu tente. E o colégio pegou fogo e eu pensei... algo me disse que poderia ser uma maneira de sair de tudo isso. Pensei que faria com que eu me sentisse melhor, e que você se sentisse melhor.

Ele se senta com as pernas balançando do lado de fora, a meros centímetros da minha cabeça.

— Eu estava enganado — diz ele.

Olho para a beirada do prédio. Ninguém é feliz. O que o futuro reserva?

— Algumas pessoas não nasceram para estudar — comenta Michael. — Isso não quer dizer que não nasceram para viver.

— Não consigo — digo. A beirada está muito perto. — Não consigo.

— Vou ajudar você.

— Por que você faria isso?

Ele desce no forro onde estou e olha para mim. Olha de verdade. Eu me lembro da primeira vez que me vi nos seus óculos grandes.

A Tori que está olhando para si parece diferente, de certo modo.

— Uma pessoa pode mudar tudo — diz ele. — E você mudou tudo para mim.

Atrás dele, uma pequena bola de fogo surge de um telhado. Ela ilumina temporariamente as pontas dos cabelos de Michael, mas ele nem pisca.

— Você é minha melhor amiga — declara.

Ele fica corado e eu fico envergonhada ao vê-lo envergonhado. Ele alisa os cabelos com uma das mãos e seca os olhos.

— Todos vamos morrer. Um dia. Então, eu quero acertar pela primeira vez, sabe? *Não quero* cometer mais erros. E eu sei que isto não é um erro. — Ele sorri. — Você não é um erro.

Ele se vira de repente e olha na direção do colégio em chamas.

— Talvez tivéssemos impedido — diz. — Talvez... talvez se, se eu não tivesse... — A voz dele fica embargada e ele leva uma mão à boca, os olhos cheios de lágrimas mais uma vez.

É uma sensação nova. Ou muito velha.

Faço algo que não espero. Estendo o braço. Meu braço se ergue e se estende no ar em direção a ele. Só quero ter certeza de que ele está aqui. Ter certeza de que não o imaginei.

Minha mão toca sua manga.

— Você não deveria se odiar — falo, porque sei que ele não se odeia apenas por ter deixado o colégio pegar fogo.

Ele se odeia por muitos outros motivos também. Mas não deveria se odiar. Não *pode*. Ele me faz acreditar que existem boas pessoas no mundo.

Não sei como isso aconteceu, mas o que sei é que esse sentimento existe desde o começo. Quando conheci Michael Holden, eu soube, no fundo, que ele era a melhor pessoa que alguém poderia esperar ser... tão perfeito a ponto de não ser real. E isso fez com que eu o detestasse, de certo modo. No entanto, em vez de aprender lentamente mais e mais coisas boas sobre ele, encontrei defeitos e mais defeitos. E sabe de uma coisa? É isso o que faz com que eu seja como ele. É por isso que ele é uma pessoa perfeita de verdade. Porque é uma pessoa real.

Digo-lhe tudo isso.

— Bem — continuo, sem saber como acabar isso, mas sabendo que devo chegar a uma conclusão. — Nunca vou odiar você. Talvez eu possa ajudá-lo a entender por que nunca vou odiar você.

Uma pausa, o som do incêndio, o cheiro de fumaça. Ele olha para mim como se eu o tivesse atacado.

E nós nos beijamos.

Não sabemos se este momento é apropriado, depois de eu ter quase me matado sem querer e tudo o mais, e de Michael se odiar tanto, mas acontece mesmo assim, tudo enfim faz sentido, saber que seria apocalíptico que eu *não* estivesse aqui com ele, porque então — naquele momento —, foi como... foi como... se eu realmente fosse morrer se não... se não o *abraçasse*.

— Acho que amo você desde que nos conhecemos — confessa ele quando nos afastamos. — Eu só me enganei pensando ser curiosidade.

— Além de isso ser uma mentira absurda — digo, com a sensação de que vou desmaiar —, é também a frase mais *idiota* de uma comédia romântica que já tive que aturar. E já aturei muitas. Já que sou um ímã fabuloso para galãs.

Ele hesita. Abre um sorriso e ri, jogando a cabeça para trás.

— Ai, meu Deus, aqui está você, Tori — diz ele, rindo alto, e me puxa para mais um abraço e praticamente me levanta do chão. — Ai, meu *Deus*!

Eu sorrio. Eu o abraço e sorrio.

Sem aviso, ele se afasta, aponta e diz:

— O que, pelo amor de Guy Fawkes, está acontecendo?

Eu me viro, confusa, em direção ao campo.

O branco quase sumiu. Não há só quatro pontos, mas pelo menos cem. Dezenas e dezenas de adolescentes. Acho que nós não os ouvimos por causa do vento e do fogo, mas agora que eles nos viram começaram a acenar e a gritar. Não enxergo os rostos com clareza, mas cada pessoa é uma pessoa inteira. Uma pessoa inteira com uma vida inteira, que sai da cama cedo, vai para o colégio, conversa com os amigos, come comida e *vive*. Eles estão entoando nossos nomes e eu não conheço a maioria deles, e a maioria deles não me conhece e eu nem sei por que eles estão aqui, mas ainda assim... ainda...

No meio de tudo, vejo Charlie sendo carregado nas costas de Nick, e Becky por Lucas. Estão acenando e gritando.

— Eu não entendo — falo com a voz falhando.

Michael tira o celular do bolso e acessa o blog do Solitaire. Não tem nada de novo ali. Então, acessa o Facebook e desce pelo feed.

— Bem — diz ele, e eu olho por cima do ombro dele para o celular.

Lucas Ryan
Solitaire está incendiando a Higgs 32 minutos atrás via Mobile
94 curtidas *43 compartilhamentos*
Ver todos os 203 comentários

— Talvez... — diz Michael. — Talvez ele tenha pensado... com o colégio queimando... foi incrível demais para perder a chance.

Olho para ele, e ele olha para mim.

— Você não acha incrível? — pergunta Michael.

E de certo modo, é, eu acho. O colégio está pegando fogo. Isso não acontece na vida real.

— Lucas Ryan, seu hipster milagroso maldito — diz Michael, olhando para as pessoas. — Você realmente, e sem querer, deu início a algo lindo.

Alguma coisa no meu coração me faz sorrir. Um sorriso real.

E as coisas ficam borradas de novo, e eu meio que começo a rir e a chorar ao mesmo tempo, e não sei se estou feliz ou perturbada. Como estou meio retraída, Michael tem que inclinar sobre minha cabeça para me abraçar

direito enquanto estou tremendo, mas ele faz isso mesmo assim. A neve cai. Atrás de nós, o colégio rui e ouço os caminhões dos bombeiros atravessando a cidade.

— Então — diz ele, erguendo as sobrancelhas com a suavidade de sempre. — Você odeia a si mesma, eu odeio a mim mesmo. Interesses em comum. Deveríamos nos unir.

Não sei por que, mas começo a sentir que estou delirando. Ver todas essas pessoas ali. Algumas delas pulam e acenam. Algumas só estão aqui porque vieram para uma aventura, mas pela primeira vez acho que nenhuma delas está se gabando ou fingindo. Estão sendo apenas pessoas.

Quero dizer, ainda não estou cem por cento certa de que quero acordar amanhã. Não estou bem só porque Michael está aqui. Ainda quero ir para a cama e ficar ali o dia todo porque é muito fácil fazer isso. Mas, no momento, só vejo as crianças andando na neve, sorrindo e acenando como se não tivessem provas, pais, decisões a respeito de que faculdade e de que profissão escolher, e todas as coisas estressantes com que temos que nos preocupar. Tem um cara sentado ao meu lado que notou tudo isso também. Um cara que talvez eu possa ajudar, como ele me ajudou.

Não posso dizer que me sinto *feliz*. Nem sei se saberia se *estivesse*. Mas todas aquelas pessoas ali estão tão engraçadas que sinto vontade de rir, chorar, dançar e cantar e *não* pular do prédio de um jeito dramático e espetacular. Sério. É engraçado porque é verdade.

DEPOIS

Karl Benson: Não vejo você desde o primeiro ano. Pensei que tivesse se matado.

Andrew Largeman: O quê?

Karl Benson: Pensei que tivesse se matado. Não foi você?

Andrew Largeman: Não, não. Não fui eu.

Hora de voltar (2004)

ENTÃO, acho que mesmo depois de pensar com cuidado, ainda não sei como isso tudo aconteceu. Não estou traumatizada. Não é nada drástico assim. Nada tem me ferido. Não digo que tudo isso aconteceu em um único dia, por um único acontecimento, devido a uma única pessoa. Só sei que, assim que começou, ficou muito fácil deixar rolar. E acho que foi assim que acabei aqui.

Michael sabe que ele vai ser interrogado pela polícia. Eu também, provavelmente. Assim como Lucas e Becky, suponho. Todos estávamos lá. Espero que não sejamos presos. Acho que Lucas não contaria o que aconteceu de verdade. Mas não sei mais muita coisa sobre Lucas Ryan.

Nick, com uma praticidade surpreendente, disse que a melhor coisa a fazer era levar meus pais para nos encontrar no hospital, por isso nós seis estamos apertados no carro dele. Eu, Michael, Lucas, Becky, Nick e Charlie. Becky está no colo de Lucas porque o carro do Nick é um Fiat minúsculo. Eu acho que o Lucas está começando a gostar da Becky, acho mesmo. Porque ela impediu o Topete de atirar nele, teoricamente, ou qualquer coisa assim. Ele não para de olhar para ela com uma cara hilária e isso faz com que eu me sinta um pouco triste. Ela não percebe, claro.

Becky é uma pessoa de bom coração. Apesar do que faz às vezes. Acho que eu sempre soube disso.

Estou no assento do meio. Estou com muita dificuldade para me concentrar em qualquer coisa, acho que estou meio que dormindo. A neve está caindo. Todos os flocos de neve são exatamente iguais. A canção tocando no rádio do carro é alguma do Radiohead. Tudo do lado de fora está azul-escuro.

Charlie liga para nossos pais do banco da frente. Não escuto a conversa. Depois de um tempo, ele desliga e fica em silêncio por um minuto, olhando para o telefone. Então, levanta a cabeça e olha para o céu da manhã.

— Victoria — diz ele, e eu escuto.

Ele diz muitas coisas; coisas que seria de se esperar que as pessoas dissessem nesse tipo de situação, sobre amor e compreensão e apoio, e sobre estar perto, coisas que supostamente não são ditas o suficiente, coisas que normalmente não precisam ser ditas. Não escuto nenhuma delas com muita atenção, porque eu já sabia disso tudo. Ninguém fala enquanto ele fala; nós só observamos as lojas passando enquanto olhamos pelas janelas, ouvindo o zunido do carro e o som da sua voz. Quando termina, ele se vira para olhar para mim e diz outra coisa.

— Eu percebi — comenta ele. — Mas não fiz nada. Eu não fiz nada.

Comecei a chorar.

— Amo você mesmo assim — digo, minha voz bastante diferente. Não lembro se já disse essas palavras na vida, nem mesmo quando era criança. Começo a me perguntar como eu era antes, e se tenho me imaginado como alguém diferente todo esse tempo. Ele abre um sorriso lindo e triste e diz:

— Também amo você, Tori.

Michael decide pegar minha mão e cobri-la com a dele.

— Quer saber o que o papai disse? — pergunta Charlie, virando-se para a frente. Ele não está falando para mim, mas para o carro todo. — Ele disse que isso está acontecendo provavelmente porque leu *O apanhador no campo de centeio* muitas vezes quando tinha a nossa idade, e que a história entrou nos genes dele.

Becky suspira.

— Minha nossa. Será que um adolescente pode ser triste e, tipo, *não* ser comparado com esse livro?

Lucas sorri para ela.

— Sei lá, alguém aqui já *leu* esse livro? — pergunta ela.

Em uníssono, respondemos “não”. Nem o Lucas leu. Engraçado.

Ouvimos a música do Radiohead.

Sinto muita vontade de sair do carro. Acho que o Michael percebe que quero fazer isso. Talvez o Lucas também. Charlie não para de olhar pelo espelho retrovisor.

Depois de um tempo, Nick diz:

— Onde você vai fazer o ensino médio, Charlie?

Nunca ouvi o Nick falar tão baixo.

Charlie responde segurando a mão de Nick, que está segurando o câmbio com tanta força a ponto de deixar seus dedos brancos, e diz:

— No Truham. Vou ficar lá. Vou ficar com você, tá? E eu acho... acho que muitos de nós ficaremos no Truham. — E Nick assente.

Becky recosta a cabeça no ombro de Lucas, com sono.

— Não quero ir ao hospital — sussurro no ouvido de Michael. Isso não é totalmente verdade.

Ele olha para mim e está mais do que incomodado.

— Eu sei. — Ele encosta a cabeça em cima da minha. — Eu sei.

Lucas se remexe no assento ao meu lado. Está olhando pela janela, para as árvores que passam, para o borrão preto e verde.

— Este tem que ser o melhor período das nossas vidas — diz.

Becky ri encostada no ombro dele.

— Se este é o melhor período da minha vida, gostaria que acabasse agora mesmo.

O carro sobe o morro até a ponte, e então estamos acima do rio congelado. A Terra gira algumas centenas de metros e o sol se aproxima um pouco em direção ao nosso horizonte, preparando-se para espalhar sua luz fraca de inverno sobre o que resta dessa terra. Atrás de nós, um canal de fumaça vazou no céu claro, bloqueando as poucas estrelas restantes que tentavam causar uma impressão.

Becky continua a murmurar, como se falasse em meio a um sonho.

— Eu entendi. Eles só queriam fazer com que tivéssemos a impressão de fazer parte de algo *importante*. Deixar uma impressão no mundo. Porque, tipo, estamos todos esperando que algo mude. Paciência *pode* matar você. — A voz dela se torna quase um sussurro. — Espera... longa espera...

Ela boceja.

— Mas um dia vai acabar. Sempre acaba.

E há um momento no qual todo mundo está sentado e *pensando*, sabe? Como aquela sensação de terminar de ver um filme. Você desliga a TV, a tela está escura, mas as imagens estão repassando na sua mente, e você pensa: e se isso for a minha vida? E se isso acontecer comigo? Por que eu não tenho esse final feliz? Por que *eu* estou reclamando dos *meus* problemas?

Não sei o que vai acontecer com nosso colégio e não sei o que vai acontecer conosco. Não sei por quanto tempo vou ficar assim.

Só sei que estou aqui. E estou viva. E não estou sozinha.

AGRADECIMENTOS

UM ALÔ PARA O MEU COLÉGIO! Sem vocês, este livro não teria acontecido. Obrigada por fazerem de algum jeito com que eu deteste e ame vocês ao mesmo tempo e por sempre me manterem crítica. Vocês me criaram bem: com desdém por autoridade e com níveis fortes de pessimismo e ansiedade. Fizeram com que eu lutasse, caramba.

Preciso agradecer à incrível e inquieta Claire Wilson, por escolher meu manuscrito em uma pilha enorme, e por não ter dúvidas quando apareci no escritório dela e anunciei ter apenas dezoito anos. Eu não estaria vivendo meu sonho se não fosse por você. Eu seria uma aluna triste escrevendo textos sobre John Donne.

Também devo agradecer às minhas duas editoras incríveis: Lizzie Clifford e Erica Sussman. A energia e o entusiasmo que colocaram neste livro têm sido um milhão de vezes maior do que qualquer coisa que eu esperasse, e o livro não teria ficado nem um décimo tão bom sem sua orientação valiosíssima. Obrigada a Lexie e a todo mundo na editora que me ajudou e contribuiu, na RCW e na HarperCollins. Sou grata todos os dias por estar em um mundo tão incentivador e nerd.

Obrigada à minha família por sempre ser mais interessante e menos reclamona do que vocês pensam que são. Obrigada a meus amigos escritores por conversarem comigo às três da madrugada sobre elencos dos sonhos e sobre todas as outras coisas que fazemos para nos sentir mais normais. Obrigada a Adam por ser meu primeiro leitor e por não achar que sou maluca (você está enganado, eu sou maluca).

Obrigada a Emily, Ellen e Mel por nunca desistirem de mim, por tornarem o colégio suportável e às vezes divertido, e por serem pessoas realmente excelentes. A elas e para o resto do nosso grupo — Hannah,

Annie, Anna, Megan, Ruth — eu amo vocês, eu amo vocês, eu amo vocês. Não acredito na sorte que tive por ter conhecido vocês.

Alice x

Título original
SOLITAIRE

Originalmente publicado em língua inglesa por
HarperCollins Publishers Ltd.

Copyright © Alice Oseman, 2014
Todos os direitos reservados.

O direito moral de Alice Oseman de ser identificada
como autora desta obra foi assegurado.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Publishers Ltd.

Copyright da edição brasileira © 2018 *by* Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
JULIA WERNECK

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição digital: fevereiro, 2018.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O91a

Oseman, Alice

Um ano solitário [recurso eletrônico] / Alice Oseman; tradução Carolina Caires Coelho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital

Tradução de: Solitaire

ISBN 978-85-7980-365-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

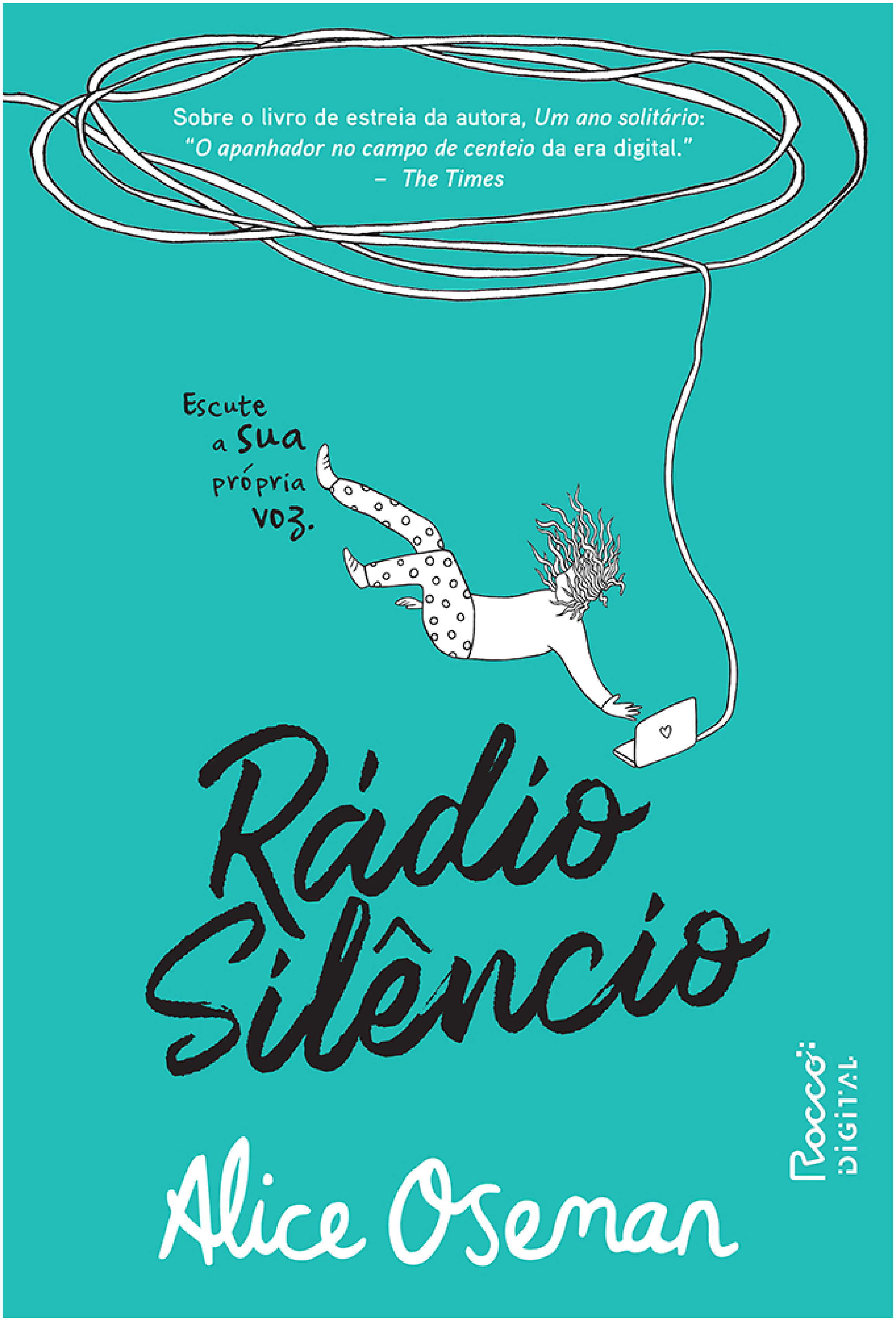
17-40298

CDD: 028.5

CDU: 087.5

A AUTORA

ALICE OSEMAN nasceu em 1994, em Kent, na Inglaterra. Ela se formou em Letras na Durham University, em 2016, e atualmente trabalha como escritora e ilustradora. Alice normalmente pode ser encontrada encarando telas de computadores, questionando o significado da vida ou fazendo qualquer coisa para evitar um emprego de escritório. *Um ano solitário* é seu primeiro livro.


Sobre o livro de estreia da autora, *Um ano solitário*:
"O apanhador no campo de centeio da era digital."
– *The Times*
Escute a sua própria voz.
Rádio Silêncio
Alice Oseman
Rocco DIGITAL

Rádio Silêncio

Alice Oseman

Tradução de
CAROLINA CAIRES COELHO

Rocco DIGITAL

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Universe City: Ep. 1 — azul-escuro

Futuros

1. Trimestre de verão a)

Eu era inteligente

O narrador

Morrendo, mas passando bem

Fazer o que quer

Sempre quis ter um passatempo

Uma adolescente normal

Vagões diferentes

Alguém está ouvindo

Consegui

1. Trimestre de verão b)

Aled last na minha cama

Pois é, eu sei

Esquisito

Ganharíamos milhões

Poder

Universe City: Ep. 2 — skatista

Online

Stop-motion

#Floquinhodenevesensível

Sem jeito

Logaritmos

Antes de continuarmos

Estamos em todos os cantos

Daniel Jun

Chata

Babar, o rei dos elefantes

2. Férias de verão a)

Sua arte é muito linda

Anjo

Muito burra

Universe City: Ep. 15 — m4g14 d4 1nf0rm4t1c4

Verdade

Rir e correr

Rádio

February Friday

Universe City: Ep. 32 — barulho cósmico

O grande esquema das coisas

Botar medo

Usina elétrica

Kanye não teria gostado

Monte de cobertores

Azul-escuro

2. Férias de verão b)

O pior episódio

5 Coisas estranhas com as quais sou obcecado

Universe City: Ep. 126 — escola fantasma

Vai dormir

3. Trimestre de outono a)

Alunos confusos de terno

Touloser

Ser artístico era decepcionante?

Raine

Assim

Universe City: Ep. 132 — telefone

No escuro

Famoso no youtube

É mais fácil mentir na internet

Vórtice do tempo

Me desculpe

3. Trimestre do outono b)

Jogar tudo para o alto

Frances da escola

Atleta das olimpíadas de inverno

Espaço

Ódio

Universe City: Ep. 140 — bem

Guy Denning

Apertar o play

Universe City: Ep. 141 — dia de nada

O que mais se deveria fazer

Coisas inúteis

Brancos velhos

Única coisa especial

Beijinhos de criança

Extremamente cansada

Universe City: Ep. 142 — sim

Horas e horas

4. Férias de natal

Um mistério da internet

Teto da galáxia

3:54

Destruindo

Mãos enferrujadas do norte

Minha amiga

Crânio

Que vocês todos se fodam

5. Trimestre da primavera a)

Ruído branco

Você deve ter vindo de uma estrela

Fracassar

Menina de cabelos grisalhos

Agenda

London’s burning

Filho de ouro

Família

O “incidente”

Universe City: Ep. 1 — azul-escuro

5. Trimestre da primavera b)

A arte imita a vida

Um computador com cara triste

Ouvir

Ninguém

Assim esperávamos

Sozinho

Universidade

5. Trimestre da primavera c)

Universe City

Verão

Uma nova voz

Universe City ao vivo na Live! Video Londres 2014

Agradecimentos

Créditos

A Autora

A escola está uma droga.
Ah, por que tenho que trabalhar? Não, não entendo.
Mm.
Olhem para mim. Olhem para minha cara.
Parece que eu me importo com a escola?
Não.

"lonely boy goes to a rave", Teen Suicide

UNIVERSE CITY: Ep. 1 — azul-escuro

UniverseCity 109.982 visualizações

Em perigo. Preso na Universe City. Mandem ajuda.

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

Olá.

Espero que alguém esteja ouvindo.

Estou enviando esse sinal via rádio — muito antiquado, eu sei, mas talvez um dos poucos métodos de comunicação que a City se esqueceu de monitorar —, num pedido sombrio e *desesperado* de socorro.

As coisas na Universe City não são o que parecem ser.

Não posso contar quem sou. Por favor, me chame... por favor me chame apenas de Rádio. Rádio *Silêncio*. Afinal, sou só uma voz numa rádio, e pode ser que ninguém esteja ouvindo.

Fico me perguntando... se ninguém está ouvindo minha voz, estou fazendo algum som?

[...]

FUTUROS

— Você está ouvindo isso? — perguntou Carys Last, pulando à minha frente tão repentinamente que eu quase trombei nela. Estávamos na plataforma da estação. Tínhamos quinze anos e éramos amigas.

— O quê? — perguntei, porque não conseguia escutar nada além da música que estava ouvindo com um só fone de ouvido. Acho que devia ser Animal Collective.

Carys riu, o que não acontecia com muita frequência.

— Sua música está alta demais — disse ela, enfiando um dedo pelo fio do fone de ouvido e puxando-o para longe de mim. — Ouça.

Ficamos paradas, ouvindo, e eu me lembro de todas as coisas que ouvi naquele momento. Ouvi o ronco do trem do qual havíamos acabado de descer deixando a estação, seguindo em direção à cidade. Ouvi o guarda da catraca explicando a um senhor que o trem de alta velocidade que seguiria a St Pancras tinha sido cancelado hoje por causa da neve. Ouvi o burburinho distante do trânsito, o vento acima de nossa cabeça, a descarga no banheiro da estação e "*Trem chegando agora à — Plataforma Um — é o — 8.02 — para — Ramsgate*", neve sendo retirada e um caminhão de bombeiro, além da voz de Carys e...

Incêndio.

Nós nos viramos e olhamos para a cidade à nossa frente, morta e coberta pela neve. Normalmente conseguíamos ver nossa escola dali, mas hoje havia uma nuvem de fumaça na frente.

— Como não vimos a fumaça enquanto estávamos no trem? — perguntou Carys.

— Eu estava dormindo — falei.

— Eu não estava.

— Você não estava prestando atenção.

— Bom, acho que a escola pegou fogo — disse ela, se afastando até se sentar no banco da estação. — O desejo da Carys de sete anos se tornou realidade.

Fiquei observando mais um momento e me aproximei dela.

— Acha que foram aquelas pessoas que nos pregaram peças? — perguntei, me referindo aos blogueiros anônimos que vinham aprontando com nossa escola com cada vez mais intensidade no último mês.

Carys deu de ombros.

— Não importa muito, certo? O resultado final é o mesmo.

— Importa, sim. — Foi naquele momento em que tudo começou a se encaixar. — É... parece bem sério. Vamos ter que mudar de escola. Parece que os blocos C e D inteiros simplesmente... sumiram. — Amassei a saia com as mãos. — Meu armário ficava no bloco D. Meu caderno de artes estava lá. Passei dias trabalhando em alguns daqueles desenhos.

— Que merda.

Estremeci.

— Por que eles fariam isso? Destruíram muito trabalho árduo. Estragaram a educação de muitos alunos, coisas que afetam demais o futuro das pessoas. Acabaram com a vida de muita gente, literalmente.

Carys pareceu pensar no que ouviu e abriu a boca para responder, mas acabou por fechá-la de novo, sem dizer nada.

1. TRIMESTRE DE VERÃO

a)

EU ERA INTELIGENTE

— Nós nos importamos com a felicidade de nossos alunos e nos *importamos* com o sucesso deles — disse nossa diretora, a dra. Afolayan, na frente de quatrocentos pais e alunos do ensino médio na noite da reunião de trimestre do verão do penúltimo ano. Eu tinha dezessete anos e era representante de turma e estava nos bastidores porque dois minutos depois seria a minha vez de falar no palco. Eu não tinha planejado meu discurso, mas não estava nervosa. Estava satisfeita comigo mesma.

— Consideramos que é nossa *obrigação* dar aos nossos jovens acesso às maiores oportunidades que existem no mundo hoje.

Eu havia conseguido me tornar a representante no ano anterior porque o pôster de minha campanha era uma foto minha com queixo duplo. Além disso, eu tinha usado a palavra “meme” no meu discurso de eleição. Isso expressava a ideia de que eu não me importava nem um pouco com a eleição, apesar de o contrário ser a verdade, e fez as pessoas quererem votar em mim. Não se pode dizer que eu não conheço meu eleitorado.

Apesar disso, eu não tinha muita certeza do que diria no discurso da reunião de pais. Afolayan estava falando tudo o que eu tinha anotado no folheto da casa noturna que encontrei no bolso de meu blazer cinco minutos antes.

— Nosso programa Oxbridge tem sido muito bem-sucedido este ano...

Amassei o folheto e o joguei no chão. Seria no improviso.

Eu já tinha improvisado discursos antes, então não era nada grave, e ninguém percebia que eles eram improvisados; ninguém nem *sequer pensava* que eles podiam ser. Eu era conhecida por ser organizada, sempre fazer minha lição de

casa, tirar notas altas com frequência e planejar entrar na Universidade de Cambridge. Meus professores me adoravam e meus colegas me invejavam.

Eu era inteligente.

Eu era a melhor aluna de minha série.

Eu estudaria em Cambridge, conseguiria um bom emprego, ganharia muito dinheiro e seria feliz.

— E eu acho que o corpo docente também merece uma salva de palmas por todo o trabalho árduo que eles fizeram este ano — disse a dra. Afolayan.

A plateia aplaudiu, mas vi alguns alunos revirarem os olhos.

— Agora gostaria de apresentar nossa representante, Frances Janvier.

Ela pronunciou o sobrenome errado. Vi Daniel Jun, o outro representante, me observando do outro lado do palco. Daniel me odiava porque nós dois éramos máquinas implacáveis nos estudos.

— Frances tem sido excelente desde que entrou aqui há alguns anos, e para mim é um enorme prazer tê-la representando tudo o que defendemos aqui na Academy. Hoje, ela vai conversar com vocês sobre a experiência dela como aluna do ensino médio este ano, além de seus planos para o futuro.

Eu me levantei, subi no palco e sorri e me senti bem, porque tinha nascido para isso.

O NARRADOR

— Você não vai improvisar de novo, né, Frances? — perguntou minha mãe, quinze minutos antes. — Da última vez, você acabou seu discurso fazendo sinal de positivo com a mão para todo mundo.

Ela estava comigo no corredor à frente da entrada do palco.

Minha mãe sempre adorou a reunião de pais, principalmente porque adora os olhares breves e confusos que as pessoas trocam quando ela se apresenta como minha mãe. Isso acontece porque sou birracial e ela é branca e, por algum motivo, em geral pensam que sou espanhola porque fiz aula de espanhol ano passado com professor particular.

Ela também adorava ouvir os professores dizerem a ela, muitas vezes, que eu era excelente.

Balancei o folheto da casa noturna.

— Com licença. Estou extremamente preparada.

Minha mãe o pegou de minha mão e o analisou.

— Há literalmente três pontos anotados nisso. Um deles é "cite a Internet".

— Só preciso disso. Sou bem versada na arte da bobagem.

— Ah, disso eu sei. — Minha mãe me devolveu o folheto e se recostou na parede. — Mas podemos passar sem outro incidente no qual você passe três minutos falando sobre *Game of Thrones*.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

— Não.

Dei de ombros.

— Já tenho os principais pontos resolvidos. Sou inteligente, vou fazer faculdade, blá-blá-blá, notas, sucesso, felicidade. Estou bem.

Às vezes, eu tinha a impressão de que só falava daquilo. Afinal, ser inteligente era minha principal fonte de autoestima. Sou uma pessoa muito triste, em todos os sentidos da palavra, mas pelo menos faria faculdade.

Minha mãe ergueu uma sobrancelha para mim.

— Você está me deixando nervosa.

Tentei parar de pensar nisso e pensei a respeito dos meus planos da noite.

Naquela noite, eu chegaria em casa e faria um café, comeria um pedaço de bolo, subiria a escada e me sentaria na cama para ouvir o último episódio de *Universe City*. O *Universe City* era um podcast no YouTube a respeito de um aluno detetive que usava ternos e procurava uma maneira de escapar da universidade infestada de monstros, no mundo da ficção científica. Ninguém sabia quem fazia o podcast, mas era a voz do narrador que me deixou viciada na série — tem um tom tranquilo. Dá vontade de dormir. Da maneira menos esquisita possível, é meio como se alguém estivesse fazendo cafuné em você.

Era isso o que eu pretendia fazer quando chegasse em casa.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — perguntou minha mãe, abaixando o olhar para mirar em mim. Ela sempre me perguntava isso antes de eu sair para falar em público, o que era frequente.

— Vou ficar bem.

Ela ajeitou a gola de meu blazer e tocou meu broche de prata de representante com um dos dedos. Perguntou:

— Por que mesmo você sempre quis ser representante de turma?

Respondi:

— Porque sou ótima nisso.

Mas estava pensando: *porque as universidades adoram*.

MORRENDO, MAS PASSANDO BEM

Eu disse a minha parte, desci do palco e conferi meu telefone, porque havia passado a tarde toda sem checá-lo. Foi quando eu vi. Vi a mensagem do Twitter que estava prestes a mudar minha vida, provavelmente para sempre.

Dei uma tossida assustada, afundei o corpo na cadeira de plástico e segurei o braço do Representante Daniel Jun com tanta força que ele sussurrou:

— Ai! O que foi?

— Uma coisa impressionante aconteceu comigo no Twitter.

Daniel, que parecia um pouco interessado até ouvir a palavra “Twitter”, franziu o cenho e puxou o braço. Empinou o nariz e desviou o olhar como se eu tivesse feito algo extremamente constrangedor.

O mais importante a se saber a respeito de Daniel Jun é que ele provavelmente teria se matado se achasse que, com isso, conseguiria notas melhores. Para a maioria das pessoas, éramos exatamente iguais. Éramos inteligentes e queríamos entrar em Cambridge, o que era só o que todo mundo via: dois deuses brilhantes da academia voando alto acima do prédio da escola.

A diferença entre nós era que eu considerava nossa “rivalidade” totalmente hilária, enquanto Daniel agia como se estivéssemos em uma guerra para ver quem sabia ser mais nerd.

Bom...

Duas coisas muito impressionantes tinham acontecido, na verdade. A primeira foi:

@UniverseCity está te seguindo

A segunda foi uma mensagem direta endereçada a “Toulouse”, meu pseudônimo on-line:

Mensagens diretas > **com Rádio**

oi toulouse! pode parecer bem esquisito, mas vi umas artes de Universe City que você postou e adorei

queria saber se você tem interesse em trabalhar com o programa para criar artes para os episódios de Universe City.

estou tentando encontrar alguém com o estilo certo para o programa e adorei o seu.

Universe City não tem fins lucrativos, por isso não posso pagar, então vou entender perfeitamente se você quiser recusar, mas me parece que você adora

o programa, e eu quero saber se tem interesse. Claro que receberia os créditos. queria muito poder pagar, mas não tenho grana

(sou estudante). pois é. me avisa se tiver interesse. se não tiver, ainda assim adoro seus desenhos. muito mesmo. ok.

Rádio x

— Desembucha — disse Daniel, revirando os olhos. — O que aconteceu?

— Uma coisa impressionante — sussurrei.

— É, isso eu já entendi.

De repente, me toquei que não podia contar nada daquilo para ninguém. As pessoas provavelmente nem sequer sabiam o que era o *Universe City* e desenhar *fanart* era um passatempo estranho de qualquer modo, e elas podiam pensar que eu estava desenhando pornografia ou coisa assim e sairiam vasculhando meu Tumblr para ler todos os meus posts de lá e tudo seria um terror. Frances Janvier, Destaque da Escola e Representante de Turma, Exposta como a Louca do Fandom.

Pigarreei.

— Hum... você não se interessaria. Não se preocupe.

— Tá bom, então.

Daniel balançou a cabeça e se virou.

Universe City. Tinha. Me. Escolhido. Como artista. Deles.

Eu estava morrendo, mas passando bem.

— Frances? — disse alguém em voz baixa. — Você está bem?

Olhei para a frente e me vi cara a cara com Aled Last, o melhor amigo de Daniel.

Aled Last sempre parecia uma criancinha que tinha se perdido da mãe em um mercado. Isso provavelmente tinha algo a ver com sua aparência jovem, seus olhos arredondados e seus cabelos finos como os de bebê. Ele nunca parecia se sentir à vontade com as roupas que usava.

Ele não estudava na nossa escola — frequentava uma escola só de garotos do outro lado da cidade e, apesar de ser só três meses mais velho do que eu, estava um ano à minha frente. Todo mundo o conhecia por causa do Daniel. Eu o conhecia porque ele morava na casa em frente à minha, porque eu já tinha sido amiga da irmã gêmea dele e porque pegávamos o mesmo trem para ir à escola, apesar de ficarmos em vagões diferentes e de não conversarmos um com o outro.

Aled Last estava de pé ao lado de Daniel, olhando para onde eu ainda estava sentada, ofegante, na cadeira. Ele fez uma careta e disse em seguida:

— Hum, desculpa, mas parecia que você estava passando mal, sei lá.

Tentei dizer alguma coisa sem cair num riso histérico.

— Estou bem — falei, mas estava sorrindo e provavelmente parecia prestes a matar alguém. — Por que você está aqui? Dando apoio ao Daniel?

Diziam os boatos que Aled e Daniel eram inseparáveis desde sempre, apesar de Daniel ser um idiota arrogante e cheio de opinião e de Aled não falar mais de cinquenta palavras por dia.

— Hum, não — disse ele, com a voz quase baixa demais para ser ouvida, como sempre. Parecia aterrorizado. — A dra. Afolayan queria que eu desse uma palestra. Sobre a faculdade.

Fiquei olhando para ele.

— Mas você nem estuda na nossa escola.

— É... não.

— Por que ela quer isso, então?

— Foi ideia do sr. Shannon. — O sr. Shannon era o diretor da escola de Aled. — Alguma coisa a ver com camaradagem entre nossas escolas. Um de meus amigos deveria estar fazendo isso, na verdade... ele foi o representante de turma ano passado... mas ele está ocupado, então... me pediu para eu fazer... é.

A voz de Aled foi ficando bem baixa enquanto ele falava, quase como se ele pensasse que eu não estava prestando atenção, apesar de eu estar olhando bem na cara dele.

— E você disse sim? — perguntei.

— Disse.

— *Por quê?*

Aled só riu.

Estava visivelmente trêmulo.

— Porque ele é um tonto — disse Daniel, cruzando os braços.

— Sou — murmurou Aled, mas estava sorrindo.

— Você não tem que fazer isso — falei. — Eu poderia dizer a todo mundo que você está passando mal e pronto.

— Eu meio que tenho que fazer isso — disse ele.

— Você não meio que tem que fazer nada se não quiser — respondi, mas sabia que isso não era verdade, assim como Aled também sabia, porque ele só riu e balançou a cabeça.

Não dissemos mais nada.

Afolayan subiu ao palco de novo.

— Agora quero apresentar Aled Last, um dos *ótimos* alunos do último ano do ensino médio da escola de garotos, que vai para uma das universidades de maior prestígio no Reino Unido em setembro. Bem, se ele fechar todas as matérias com nota máxima, claro!

Todos os pais riram daquilo. Daniel, Aled e eu não rimos.

Afolayan e os pais começaram a aplaudir e Aled subiu ao palco. Aproximou-se do microfone. Eu já tinha feito isso mil vezes e sempre sentia aquele frio na barriga antes, mas ver Aled fazer aquilo foi três bilhões de vezes pior.

Eu nunca tinha conversado direito com o Aled antes. Pegávamos o mesmo trem para ir à escola, mas ele ficava em um vagão diferente. Eu não sabia quase nada a respeito dele.

— Hum… é, oi — disse ele. Ele falava como se tivesse acabado de chorar.

— Eu não sabia que ele era tímido desse jeito — sussurrei a Daniel, que não disse nada.

— Então, ano passado, eu… bem, eu fiz uma entrevista…

Daniel e eu ficamos observando enquanto ele lutava para encontrar palavras. Daniel, acostumado a falar em público, como eu, às vezes balançava a cabeça. Em determinado momento, ele disse:

— Cacete, ele deveria ter recusado.

Eu não gostava muito de assistir, então voltei a me sentar durante a segunda metade da apresentação e li a mensagem do Twitter mais cinquenta vezes. Tentei desligar a mente e me concentrar no *Universe City* e nas mensagens. Rádio tinha gostado da minha arte. Rascunhos bobos dos personagens, desenhos esquisitos, rabiscos feitos às três da madrugada em meu bloco de rascunho barato em vez de terminar meu trabalho de história. Nada assim tinha acontecido comigo, nunca.

Quando Aled desceu do palco e se aproximou de nós de novo, eu disse:

— Muito bem, você foi muito bem!

Nós dois sabíamos que eu estava mentindo de novo.

Nossos olhares se cruzaram. Ele tinha olheiras profundas. Talvez fosse um notívago como eu.

— Obrigado — disse ele e se afastou, e eu pensei que provavelmente seria a última vez em que eu o veria na vida.

FAZER O QUE QUER

Minha mãe mal teve tempo de dizer "belo discurso" quando a encontrei em nosso carro, antes de eu começar a contar sobre o *Universe City*. Já tinha tentado fazer minha mãe gostar de *Universe City* quando a forcei a escutar os cinco primeiros episódios enquanto estávamos indo à Cornuália, num feriado, mas a conclusão dela foi: "Não entendo muito bem. Deveria ser engraçado ou assustador? Espera, Rádio Silêncio é uma menina, um menino ou nem um nem outro? Por que nunca assiste às aulas da faculdade?" Achei bem justo. Pelo menos, ela ainda assistia a *Glee* comigo.

— Tem certeza de que isso não é um enorme golpe? — perguntou minha mãe, franzindo o cenho, enquanto nos afastávamos da Academy. Apoiei os pés no banco. — Parece que eles estão tentando roubar sua arte sem nem pagar.

— Era a conta oficial deles no Twitter. Verificada — falei, mas isso não teve o mesmo efeito na minha mãe como tinha em mim. — Gostaram tanto da minha arte que querem que eu entre para a equipe deles!

Minha mãe não disse nada. Ergueu as sobrancelhas.

— Por favor, fique feliz por mim — falei, virando a cabeça na direção dela.

— É muito bom! Incrível! Só não quero que as pessoas roubem seus desenhos. Você adora todos eles.

— Não acho que seja roubo! Eles me dariam os créditos.

— Você assinou um contrato?

— *Mãe!* — resmunguei irritada. Não fazia muito sentido tentar explicar para ela. — Não importa, vou ter que recusar, de qualquer modo.

— Como assim? O que quer dizer?

Dei de ombros.

— Simplesmente não vou ter tempo. Daqui a alguns meses, estarei no último ano do ensino médio. Vou ter tanta coisa para fazer *o tempo todo*, e ainda um preparatório para entrar em Cambridge... não tem como eu ter tempo de desenhar alguma coisa para cada episódio, sendo que são semanais.

Minha mãe franziu o cenho.

— Não entendi. Pensei que você estivesse bem animada em relação a isso.

— *Estou*... Tipo, é incrível que tenham me mandado uma mensagem e achado minha arte boa, mas... tenho que ser realista...

— Olha, oportunidades assim não aparecem com muita frequência — disse minha mãe. — E está claro que você quer fazer isso.

— É, mas... Tenho tanta lição de casa todo dia, e as aulas e a revisão ficarão mais pesadas...

— Acho que você deveria aceitar. — Minha mãe olhou para a frente e virou o volante. — Acho que você estuda demais e deveria aproveitar uma oportunidade de fazer o que quer.

E o que eu queria fazer era isto:

Mensagens diretas > **com Rádio**

> Oi! Nossa... muito obrigada, não acredito que você gostou de minha arte!
> Seria uma honra fazer parte disso!

> Meu e-mail é touloser@gmail.com, se for mais fácil conversarmos por lá.
> Mal posso esperar para saber o que você está pensando em termos de design!

> De verdade, *Universe City* é minha série preferida de todas. Não consigo agradecer o suficiente por pensarem em mim!!

> Espero não estar parecendo uma fã desesperada!
> Haha bjs

SEMPRE QUIS TER UM PASSATEMPO

Eu tinha muito trabalho a fazer quando cheguei em casa. Eu quase sempre tinha trabalho a fazer quando chegava em casa. Eu quase sempre *fazia* trabalho quando chegava em casa porque tinha a sensação de que estava perdendo tempo quando não estava fazendo trabalhos da escola. Sei que isso é meio triste, e sempre quis ter um passatempo, como futebol, piano ou patinação no gelo, mas a verdade é que eu só era boa em passar nas provas. E tudo bem. Eu não era mal agradecida. Seria pior se fosse o contrário.

Naquele dia, no dia em que recebi uma mensagem no Twitter do criador do *Universe City*, não fiz nenhum trabalho quando cheguei em casa.

Eu me joguei na cama, liguei o laptop e fui logo para o Tumblr, onde postei todas as minhas artes. Rolei a página para baixo. O que exatamente o Criador tinha visto nelas? Eram todas uma porcaria. Rabiscos que eu fazia para desligar meu cérebro, para cair no sono e me esquecer de textos de história, trabalhos de arte e discursos de representante de turma por cinco minutos.

Entrei no Twitter para ver se o Criador tinha respondido, mas não tinha nada. Conferi meu e-mail para ver se tinha recebido alguma coisa, mas também não tinha nada.

Eu adorava *Universe City*.

Talvez aquele fosse meu passatempo. Desenhar coisas de *Universe City*.

Não parecia ser um passatempo. Mais parecia um segredo bem guardado.

De qualquer modo, meus desenhos eram todos sem sentido. Eu não podia vendê-los. Não podia compartilhá-los com meus amigos. Eles não me fariam chegar a Cambridge.

Continuei rolando a página, voltando meses e meses, voltando ao ano passado e ao ano anterior ao passado, rolando pelo tempo. Eu havia desenhado tudo. Eu havia desenhado personagens — o narrador Rádio Silêncio e os vários companheiros de Rádio. Eu havia desenhado o cenário — a universidade escura e empoeirada, Universe City. Eu havia desenhado os vilões, as armas e os monstros, a bicicleta lunar de Rádio e os ternos de Rádio, o Prédio Azul-Escuro, a Estrada Solitária e até February Friday. Eu havia desenhado tudo, tudo.

Por que fiz isso?

Por que sou assim?

Era a única coisa de que eu gostava, de verdade. A única coisa que eu tinha, além de minhas notas.

Não... espera. Isso seria muito triste. E esquisito.

Só me ajudava a dormir.

Talvez.

Não sei.

Fechei meu laptop, desci as escadas para comer um pouco e tentei parar de pensar naquilo.

UMA ADOLESCENTE NORMAL

— Então, tá — falei quando o carro parou na frente do Wetherspoon's às 21h, vários dias depois. — Vou nessa para encher a cara, usar várias drogas e transar muito.

— Puxa! — disse minha mãe, esboçando um sorriso. — Tá certo. Minha filha ficou maluca.

— Na verdade, isso é 100% minha personalidade real.

Abri a porta do carro e pisei na calçada gritando:

— Não se preocupe, não vou morrer!

— Não perca o último trem!

Era o último dia de aula antes das férias e eu tinha combinado de ir a uma casa noturna no centro, a Johnny Richard's, com meus amigos. Era a primeira vez que eu ia a uma boate e estava aterrorizada, mas andava tão perto de estar afastada do nosso grupo de amigos que, se eu não tivesse ido, achava que eles deixariam de me considerar uma das "principais amigas" e as coisas ficariam esquisitas demais para mim no dia a dia. Não conseguia imaginar o que me aguardava além de caras bêbados com camisas em tons pastel e Maya e Raine tentando me fazer dançar, sem jeito, ao som do Skrillex.

Minha mãe partiu com o carro.

Atravessei a rua e espiei dentro do Spoons pela porta. Vi meus amigos sentados no canto, bebendo e rindo. Todos eram pessoas ótimas, mas me deixavam nervosa. Não eram malvados comigo nem nada assim, só me viam de um modo muito particular – a Frances da escola, representante de turma, chata, nerd, máquina de estudar. Acho que eles não estavam totalmente enganados.

Fui ao bar e pedi duas doses de vodca com suco de limão. O bartender não pediu meu documento, apesar de eu ter um falso por garantia, o que me surpreendeu, porque normalmente eu aparento ter cerca de treze anos.

Então, caminhei em direção a meus amigos, passando pelos grupos de caras fazendo pré para a festa – mais coisas que me deixam nervosa.

Olha, eu preciso parar de ter medo de ser uma adolescente normal.

— Como é que é? Boquetes? — Lorraine Sengupta, conhecida por todos como Raine, estava sentada ao meu lado. — Nem vale a pena, cara. Os garotos são fracos. Não querem nem beijar depois.

Maya, a pessoa mais escandalosa do grupo e, portanto, a líder, estava com os cotovelos apoiados sobre a mesa e três copos vazios a sua frente.

— Ah, para com isso, nem todos são assim.

— Mas muitos deles são, então, literalmente, estou pouco me fodendo. Nem vale a pena, pra jogar a real.

Raine disse tudo isso mesmo. Ela não parecia estar sendo irônica no jeito de falar e eu não soube muito bem o que pensar.

Aquela conversa estava sendo tão irrelevante para a minha vida que há dez minutos eu fingia estar enviando mensagens de texto.

Rádio ainda não tinha respondido às minhas mensagens de Twitter nem enviado um e-mail. Já fazia quatro dias.

— Não, não acredito em casais que dormem abraçados — disse Raine. Estavam falando sobre outra coisa agora. — Acho que é mentira que a mídia espalha para as massas.

— Oi, Daniel!

A voz de Maya chamou minha atenção e parei de olhar para o telefone. Daniel Jun e Aled Last estavam passando pela nossa mesa. Daniel vestia uma camiseta cinza sem estampa e calça jeans azul simples. Eu nunca o vira usar nada estampado desde que o conhecia, há um ano. Aled parecia igualmente simples, como se Daniel tivesse escolhido suas roupas.

Daniel olhou para baixo e nos viu e, momentaneamente, olhou em meus olhos antes de responder para Maya.

— Oi, tudo bem?

Eles começaram a conversar. Aled estava em silêncio, em pé atrás de Daniel, curvado, como se tentasse parecer menos visível. Também olhei nos olhos dele, mas ele desviou o olhar depressa.

Raine se inclinou para a frente enquanto Daniel e os outros conversavam.

— Quem é aquele cara branco? — perguntou ela.

— Aled Last? Ele estuda na escola de garotos.

— Ah, o irmão gêmeo de Carys Last?

— Isso.

— Você não era amiga dela antes?

— É...

Tentei pensar no que dizer.

— Mais ou menos — falei. — Conversávamos no trem. Às vezes.

Raine provavelmente era a pessoa com quem eu mais falava no grupo. Ela não me provocava por ser uma nerd bitolada, como fazia todo mundo. Se eu tivesse sido mais natural, acho que teríamos sido boas amigas, já que tínhamos um senso de humor parecido. Mas ela conseguia ser bacana e esquisita porque não era representante de turma e porque raspava o lado direito da cabeça, por isso ninguém se surpreendia muito quando ela fazia algo incomum.

Raine assentiu.

— Entendi.

Vi Aled tomar um gole da bebida que estava segurando e observar o salão ao seu redor. Parecia estar profundamente desconfortável.

— Frances, você está pronta pra Johnny R's. — Um de meus amigos estava inclinado sobre a mesa e olhava para mim com um sorriso malicioso.

Como eu disse, meus amigos não eram terríveis comigo, mas me tratavam como se eu não tivesse tido praticamente nenhuma experiência importante na vida e fosse, de modo geral, uma nerd obcecada.

O que era verdade, então tudo bem.

—É... tô, acho que sim — respondi.

Dois caras se aproximaram de Aled e começaram a falar com ele. Os dois eram altos e tinham ar de poder, e notei que era porque o cara da direita — de pele morena e camisa xadrez — tinha sido o representante da turma na maior parte do ano anterior na escola de garotos, e o garoto da esquerda — atarracado e com um

corte de cabelo *undercut* — era o capitão de rúgbi da escola de garotos. Eu já tinha visto os dois dando palestras no dia de integração dos alunos do ensino médio na escola deles.

Aled sorriu para os dois — eu torcia para que Aled tivesse outros amigos além de Daniel. Tentei pegar pedaços da conversa deles. Aled disse:

— É, o Dan conseguiu me convencer dessa vez!

O representante de turma respondeu:

— Não se sinta obrigado a ir à Johnny's, se não quiser. Acho que vamos para casa antes disso.

Ele olhou para o capitão de rúgbi, que assentiu e disse:

— Isso. Avise se precisar de carona, cara! Estou de carro.

Para ser sincera, queria poder fazer a mesma coisa, simplesmente ir para casa quando quisesse, mas não podia, porque tenho muito medo de fazer o que quero.

— Está bem esquisito — disse outro de meus amigos, chamando a minha atenção.

— Estou me sentindo mal! — disse outro. — A Frances é muito inocente! Parece que estamos corrompendo você quando te arrastamos para festas e fazemos você beber.

— Mas ela merece uma noite sem estudar!

— Quero ver a Frances bêbada.

— Você acha que vai ser daquelas que chora?

— Não, acho que ela vai ser uma bêbada engraçada. Acho que ela tem uma personalidade secreta que não conhecemos.

Eu não soube o que dizer.

Raine me cutucou.

— Não se preocupe. Se algum cara nojento chegar em você, vou derrubar minha bebida nele, sem querer querendo.

Alguém riu.

— Ela vai fazer isso mesmo. Já fez uma vez.

Eu ri também e queria ter coragem de dizer algo engraçado, mas não disse porque não era uma pessoa engraçada no meio deles. Eu era entediante.

Tomei o resto da minha bebida, olhei ao redor e fiquei tentando imaginar para onde Daniel e Aled tinham ido.

Eu me sentia meio esquisita porque Raine tinha falado de Carys e eu sempre me sentia esquisita quando as pessoas falavam de Carys, porque não gostava de pensar nela.

Carys Last fugiu de casa dois anos antes. Ninguém sabia o porquê nem se importava, porque ela não tinha muitos amigos. Na verdade, ela não tinha nenhum amigo. Só eu.

VAGÕES DIFERENTES

Conheci Carys Last no trem que nos levava à escola quando tínhamos quinze anos.

Eram 7:14 e eu estava sentada no assento dela.

Ela olhou para baixo, para mim, como uma bibliotecária olhando para alguém por cima de uma mesa alta. Seus cabelos eram loiros platinados, e tinha uma franja tão volumosa e comprida que quase não dava para ver seus olhos. O sol marcava sua silhueta como se ela fosse uma aparição de outro mundo.

— Oh — disse ela. — Tudo bem, minha cara companheira de trem? Está sentada no meu assento.

Falando assim, parece que ela estava tentando ser má, mas não estava, de verdade.

Foi esquisito. Tipo, nós já tínhamos nos visto várias outras vezes. Nós duas entrávamos na estação do bairro toda manhã, além de Aled, e éramos as últimas pessoas a sair do trem todo fim de tarde. Fazíamos isso desde que eu havia começado o ensino médio. Mesmo assim, nunca tínhamos conversado. Acho que as pessoas são assim.

A voz dela era diferente do que eu tinha imaginado. Ela tinha um sotaque de gente rica de Londres, que nem no reality show *Made in Chelsea*, mas era mais charmoso do que irritante, e ela falava lentamente e baixinho, como se estivesse levemente chapada. Também vale a pena comentar que eu era bem mais baixa do que ela naquela época. Ela parecia um elfo majestoso e eu parecia um gremlin.

De repente, percebi que era verdade. Eu estava sentada no assento dela. Não fazia ideia do porquê. Normalmente, eu me sentava em um vagão totalmente diferente.

— Ai, Deus, desculpa. Vou sair...

— O quê? Ah, não. Não quero que você *saia*. Nossa, desculpa. Devo ter falado de um jeito muito grosseiro.

Ela se sentou no assento à minha frente.

Carys Last parecia não sorrir nem sentir necessidade de abrir um sorriso amarelo, como eu estava fazendo. Fiquei muito impressionada com isso.

Aled não estava com ela. Naquele momento, não achei esquisito. Depois desse incidente, notei que eles ficavam em vagões diferentes. Também não achei esquisito. Eu não o conhecia, então não me importava.

— Você não costuma se sentar no último vagão? — perguntou ela.

— Hum... sim.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você mora no bairro, não é? — perguntou.

— É.

— Do outro lado da rua?

— Acho que sim.

Carys assentiu. Manteve uma expressão inacreditavelmente séria, o que era esquisito, porque todo mundo que eu conhecia sempre tentava sorrir o tempo todo. A compostura dela fazia com que parecesse bem mais velha do que era e admiravelmente elegante.

Ela apoiou as mãos na mesa, e eu notei que havia pequenas cicatrizes de queimadura nelas.

— Gostei da sua blusa — disse ela.

Eu estava vestindo uma blusa com um computador e uma carinha triste estampados por baixo do meu blazer da escola.

Olhei para baixo porque tinha me esquecido do que estava vestindo. Era começo de janeiro e fazia um frio congelante, por isso eu estava usando mais uma blusa por cima da minha blusa da escola. Aquela blusa em especial era uma das muitas peças de roupa que eu tinha comprado, mas que nunca usava na frente de meus amigos porque achava que eles ririam de mim. Minhas escolhas pessoais de estilo ficavam em casa.

— G-gostou? — gaguejei, pensando que podia ter entendido errado.

Carys riu.

— Gostei. Por quê?

— Obrigada — respondi, balançando um pouco a cabeça. Olhei para baixo, para minhas mãos, e então pela janela. De repente, o trem partiu e saímos da estação do bairro.

— Por que você entrou neste vagão hoje? — perguntou ela.

Olhei para ela de novo, direito dessa vez. Até aquele momento, ela tinha sido só uma garota de cabelos loiros tingidos que se sentava na outra ponta da estação de trem do bairro toda manhã. Mas agora estávamos conversando e ela estava ali, usando maquiagem, apesar de ser contrário ao Código de Conduta do colégio. Ela era grande, delicada e, de alguma forma, poderosa. Como conseguia ser tão simpática, mas não sorrir? Parecia que ela era capaz de matar alguém, se fosse preciso. Parecia sempre saber o que estava fazendo. De algum modo, eu sabia que aquela não seria a única vez em que conversaríamos. Meu Deus, eu não fazia *a menor ideia* do que aconteceria.

— Não sei — respondi.

ALGUÉM ESTÁ OUVINDO

Mais uma hora se passou até ser aceitável ir à Johnny R’s, e eu estava tentando me manter calma, tentando não enviar mensagem a minha mãe pelo Facebook para pedir que ela fosse me buscar porque seria um fracasso. Eu era um fracasso, mas ninguém mais precisava saber disso.

Todos nos levantamos para ir à Johnny R’s. Eu estava me sentindo meio zonza e não tinha total controle de minhas pernas, mas ainda assim ouvi Raine dizer “Que legal” e apontar a minha blusa, uma camisa simples de chiffon que escolhi por parecer algo que Maya usaria.

Eu me esqueci quase completamente de Aled, mas enquanto descíamos a rua, meu telefone começou a tocar. Eu o tirei do bolso e olhei para a tela. Daniel Jun estava me ligando.

Daniel Jun tinha meu número porque, como éramos representantes de turma, fazíamos muitos eventos da escola juntos. Ele nunca tinha me ligado e só enviava mensagens de texto algumas vezes com coisas comuns relacionadas à escola, como “você vai montar a mesa do bolo ou eu monto?” e “você recebe os ingressos na porta e eu direciono as pessoas para dentro no portão”. Por isso, e por saber que Daniel não gostava de mim, eu não fazia a menor ideia de por que estava me ligando.

Mas eu estava bêbada, então atendi o telefone.

F: Alô?
Daniel: (vozes abafadas e música alta)
F: Alô? Daniel?
D: Alô? (risos) para, cala a boca... *alô?*

F: Daniel? Por que está me ligando?
D: (risos) (mais música)
F: Daniel?
D: (desliga)

Olhei para meu telefone.

— Ok... — falei em voz alta, mas ninguém me ouviu.

Um grupo de caras passou por mim e desci da calçada e comecei a andar na rua. Não queria estar ali. Precisava estar estudando, revisando questões para redação, escrevendo umas anotações de matemática, relendo a mensagem enviada por Rádio, fazendo um esboço com ideias para os vídeos... tinha um monte de coisas para fazer e estar aqui era, para ser sincera, uma completa perda de tempo.

Meu telefone tocou de novo.

F: Daniel, juro pra você...
Aled: Frances? É a Frances?
F: Aled?
A: Franceeeees! (música)

Eu mal conhecia o Aled. Mal tinha conversado com ele antes daquela semana.

Por que...

O quê?

F: Por que você está me ligando?
A: Ah... Dan... Dan tentou passar um trote em você, acho... Acho que não deu certo...
F: ...Sei.
A: ...
F: Onde você está? Daniel está com você?
A: Ah, estamos na Johnny's... que estranho eu nem saber quem é o Johnny... O Dan... (risos, vozes abafadas)
F: ...Você está bem?

A: Estou... desculpa... O Daniel ligou para você de novo e me entregou o telefone... Não sei bem o que aconteceu. Não sei por que estou falando com você! Haha...

Andei um pouco mais depressa para não perder meus amigos totalmente.

F: Aled, se o Daniel está com você, então vou só desligar...
A: Sim, desculpa... é... tá.

Eu senti pena dele. Não entendia por que ele era amigo de Daniel; não entendia se Daniel dava ordens a ele. Daniel era de dar ordens a muita gente.

F: Tudo bem.
A: Não gosto muito daqui.

Franzi o cenho.

A: Frances?
F: Oi?
A: Eu não gosto muito daqui.
F: ... Aqui onde?
A: Você gosta daqui?
F: *Onde?*

Fez-se silêncio por um momento... bom, silêncio, mas a música, as vozes e as risadas continuaram.

F: Aled, por favor, me diga se o Daniel está aí para eu poder seguir com minha noite sem me preocupar com você.
A: Não sei onde o Daniel está.
F: Você quer que eu passe aí para te levar para casa ou coisa assim?
A: Olha... sabe... parece que você está na rádio...

Pensei na hora em *Universe City* e Rádio Silêncio.

F: Meu Deus, você está muito bêbado.
A: (risos) Olá. Espero que alguém esteja ouvindo...

Ele desligou. Senti o estômago revirar com aquelas palavras.

— Olá. Espero que alguém esteja ouvindo — falei, baixinho.

Palavras que tinha passado os últimos dois anos ouvindo sem parar, palavras que eu tinha escrito muitas vezes dentro de balões de diálogos e na parede do meu quarto. Palavras que eu tinha ouvido serem ditas com uma voz masculina e com uma voz feminina, mudando de poucas em poucas semanas, sempre com aquele sotaque antigo e clássico de rádio da época da Segunda Guerra Mundial.

A frase de abertura de todo episódio de *Universe City*:

"Olá. Espero que alguém esteja ouvindo."

CONSEGUI

O segurança na porta não questionou a carteira de habilitação que mostrei para ele, que pertencia à irmã mais velha de Raine, Rita, apesar do fato de Rita ser indiana e ter cabelos lisos e curtos. Eu não sabia bem como alguém podia confundir uma garota indiana com uma garota etíope-britânica, mas estava acontecendo.

A entrada na Johnny's era gratuita antes das 23h, o que foi bom para mim, porque eu detestava gastar dinheiro com coisas que não queria fazer.

Entrei com meus amigos.

Era exatamente como eu esperava que fosse.

Gente bêbada. Luzes piscando. Música alta. Clichês.

— Amiga, você quer beber?! — gritou Raine para mim a quinze centímetros.

Neguei balançando a cabeça.

— Estou me sentindo meio mal.

Maya ouviu e riu.

— Ai, Frances, sua santa. Vamos, só mais uma dose!

— Acho que vou ao banheiro.

Maya já tinha começado a falar com outra pessoa.

— Você quer que eu vá com você? — perguntou Raine.

Balancei a cabeça, recusando.

— Está tudo bem, estou bem.

— Tá. — Raine segurou meu braço e me direcionou para um lugar que não discerni do outro lado da sala. — O banheiro fica ali! Depois encontra a gente no bar, tá?

Assenti.

Eu não tinha a menor intenção de ir ao banheiro.

Raine acenou para mim e se afastou.

Eu ia encontrar Aled Last.

Assim que tive certeza de que meus amigos estavam distraídos no bar, subi a escada. Estavam tocando indie rock nesse andar e estava bem mais silencioso também, o que me deixou feliz, porque o dubstep alto estava começando a me deixar meio em pânico, como se fosse a música tema de um filme de ação e eu tivesse dez segundos para me salvar de uma explosão.

E aí, Aled Last apareceu do meu lado, literalmente.

Eu não tinha planejado ir encontrá-lo até ele fazer uma referência a *Universe City*. Mas isso... não podia ter sido uma coincidência, não é? Ele havia dito a frase *certinha*, palavra por palavra. Com a mesma entonação, sibilando o "s" em "espero", o prolongar do "indo" em "ouvindo" e o tom descontraído no fim.

Ele também ouvia?

Eu nunca tinha conhecido outra pessoa que acompanhasse *Universe City*.

Foi bem surpreendente que Aled não tivesse sido expulso da casa noturna, porque ele tinha apagado. Ou estava dormindo. De qualquer modo, estava sentado no chão, recostado na parede de um jeito que deixava claro que alguém o havia colocado ali. Provavelmente Daniel. O que era surpreendente, já que Daniel costumava proteger Aled. Pelo menos, era o que eu tinha ouvido falar. Talvez fosse o contrário.

Eu me agachei na frente dele. A parede na qual ele estava encostado estava toda úmida devido ao calor no ambiente. Eu o chacoalhei pelo braço e gritei mais alto do que a música.

— Aled?

Eu o chacoalhei de novo. Ele parecia bem adormecido, com as luzes da casa noturna, vermelhas e laranjas, brilhando em seu rosto. Parecia uma criança.

— Não esteja morto. Acabaria com o meu dia.

Ele acordou de repente, se afastando da parede e me acertando na testa.

Doeu tanto que nem sequer consegui dizer nada além de um "filho da puta" baixinho, com uma única lágrima surgindo do canto do olho esquerdo.

Enquanto eu estava me encolhendo para tentar minimizar a dor, Aled gritou:

— Frances Janvier!

Ele pronunciou meu sobrenome corretamente.

Continuou:

— Eu te acertei no rosto?

— Acertar é pouco! — gritei em resposta, me desenrolando.

Pensei que ele daria risada, mas os olhos estavam arregalados e ele claramente ainda estava bêbado, então só disse:

— Ai, meu Deus, sinto muito.

Por estar bêbado, ele levou a mão à minha testa e deu um tapinha, como se estivesse tentando afastar a dor como mágica.

— Desculpa — disse ele de novo, com a expressão de preocupação sincera. — Você está chorando? Nossa, eu pareço a Wendy do *Peter Pan*. — O olhar momentaneamente sem foco e então em mim de novo. — Garota, por que você está chorando?

— Não estou... — falei. — Bem, talvez por dentro.

Foi quando ele começou a rir. Algo nisso também me fez querer rir, então foi o que eu fiz. Ele encostou a cabeça na parede de novo e cobriu a boca com a mão enquanto ria. Estava muito bêbado e minha cabeça latejava e o lugar estava nojento, mas, por alguns segundos, tudo ficou totalmente hilário.

Quando ele terminou, puxou minha jaqueta jeans e usou meu ombro para se erguer do chão. Instantaneamente, bateu uma das mãos na parede para não cair. Eu também me levantei, sem saber bem o que deveria fazer agora. Nem sequer sabia como o Aled havia chegado àquela condição. Não sabia muito sobre ele. Eu não tinha motivos para me importar.

— Você viu o Dan? — perguntou ele, tocando meu ombro e se recostando, semicerrando os olhos.

— Quem é... ah, Daniel. — Todo mundo que eu conhecia o chamava de Daniel. — Não, desculpa.

— Ah...

Ele olhou para os pés e se pareceu com uma criança, com os cabelos compridos mais adequados para um garoto de catorze anos, com a calça jeans e a blusa meio esquisitas nele. Ele só parecia... não sei o quê.

Eu queria perguntar para ele sobre *Universe City*.

— Vamos sair um pouco — falei, mas acho que Aled não me ouviu. Passei o braço por seu ombro e comecei a puxá-lo por entre a multidão, em meio ao som do baixo e ao calor, entre as pessoas, até a escada.

— Aled!

Eu parei de repente, Aled apoiando a maior parte de seu peso contra meu corpo, e me virei para a voz. Daniel estava passando entre as pessoas que dançavam para chegar até nós, segurando um copo cheio de água.

— Ah — disse ele, olhando para mim como se eu fosse um monte de roupas sujas. — Não sabia que você tinha saído hoje.

Qual era o *problema* dele?

— Você literalmente me ligou, Daniel.

— Liguei porque Aled disse que queria falar com você.

— Aled disse que você estava tentando me passar um trote.

— Por que eu faria isso? Não tenho doze anos.

— Bom, por que Aled queria falar comigo? Eu nem o conheço.

— Como *eu* vou saber?

— Porque você é o melhor amigo dele e porque você estava com ele hoje?

Daniel não respondeu nada.

— Ou acho que você não estava — continuei. — É, eu só estava salvando o Aled do chão.

— O quê?

Dei uma risadinha.

— Você simplesmente deixou seu amigo desmaiado no chão de uma casa noturna, Daniel?

— Não! — Ele ergueu o copo de água. — Eu estava buscando água para ele. Não sou um idiota completo.

Isso era novidade para mim, mas parecia ser demais dizer isso a ele.

Então, eu me virei para Aled, que estava se apoiando em mim.

— Por que você me ligou?

Ele franziu o cenho, então deu uma batidinha no meu nariz com o dedo e disse:

— Gosto de você.

Comecei a rir, pensando que ele estava brincando, mas Aled não riu. Ele me soltou e passou o outro braço ao redor de Daniel, que deu um passo para trás com certa surpresa, erguendo a mão para segurar o copo.

— Não é esquisito — disse Aled, com o rosto literalmente a milímetros do de Daniel — que eu fui o mais alto por cerca de dezesseis anos, mas agora você, de repente, ficou mais alto?

— É, muito esquisito — respondeu Daniel, com o mais próximo de um sorriso que eu tinha visto em muitos meses.

Aled apoiou a cabeça no ombro de Daniel e fechou os olhos, e Daniel deu um tapinha carinhoso no peito de Aled. Murmurou algo para Aled, que não consegui ouvir direito, e então deu a água para ele. Aled pegou sem dizer nada e começou a beber.

Olhei para os dois e Daniel pareceu se lembrar de que eu estava ali.

— Você vai para casa agora? — disse ele. — Pode levá-lo para casa?

Enfiei as mãos nos bolsos. Não queria estar ali, de qualquer modo.

— Posso, claro.

— Eu não o deixei no chão — disse ele. — Fui buscar água para ele.

— Você já disse isso.

— É, mas acho que você não acreditou em mim.

Dei de ombros.

Daniel levou Aled até mim, onde ele logo se agarrou aos meus ombros de novo e derramou um pouco de água em minha manga.

— Não deveria tê-lo trazido aqui — disse Daniel, mas estava falando sozinho, eu acho, e vi um pouco de arrependimento ou algo assim no rosto dele ao olhar para Aled, que estava prestes a dormir em meus braços, com as luzes da casa noturna brilhando em sua pele.

— O que... — murmurou Aled quando fomos para a rua. — Onde está Dan?

— Ele disse que eu tinha que levar você para casa — falei.

Fiquei me perguntando exatamente como eu ia explicar isso aos meus amigos. Pensei que deveria enviar uma mensagem para Raine assim que chegássemos à estação de trem.

— Certo.

Olhei para ele, porque ele havia falado muito como o tímido Aled com quem eu tinha conversado na noite da reunião de pais, o Aled com a voz sussurrada e os olhos inquietos.

— Você pega o meu trem — continuou conforme fomos descendo a rua vazia.

— Pego — falei.

— Você e Carys se sentam... se sentavam juntas.

Meu coração deu um pulinho ao ouvir o nome de Carys.

— É — falei.

— Ela gostava de você — disse Aled — mais do que... hum...

Ele parecia ter perdido o fio da meada. Eu não queria falar sobre Carys, por isso não o pressionei.

— Aled, você escuta *Universe City*? — perguntei.

Ele parou de andar naquele instante, e tirei o braço do seu ombro.

— O quê? — perguntou ele, com as lâmpadas dos postes o iluminando e a luz neon da placa da Johnny R's brilhando fraca atrás dele.

Hesitei. Por que perguntei aquilo?

— *Universe City?* — perguntou ele, com os olhos meio caídos e a voz alta como se ainda estivéssemos dentro da boate. — Por quê?

Desviei o olhar. Obviamente ele não conhecia. Pelo menos, ele não se lembraria dessa conversa.

— Não importa.

— *Não* — disse ele, descendo da calçada e quase caindo em cima de mim de novo. Os olhos dele estavam arregalados. — Por que me perguntou isso?

Fiquei olhando.

— Hum...

Ele esperou.

— Você... pensei que tivesse ouvido você repetir o que é dito na série. Posso ter me enganado...

— *Você* acompanha *Universe City*?

— Hum... sim.

— Isso é muito... improvável. Eu ainda não tenho nem 50 mil inscritos.

Espere.

— Como é?

Aled deu um passo à frente.

— Como você soube? O Dan me disse que ninguém se ligaria.

— *O quê?* — perguntei, dessa vez com mais ênfase. — Se ligaria em quê?

Aled não disse nada. Só começou a sorrir.

— Você acompanha *Universe City*? — perguntei, mas a essa altura, já tinha me esquecido por que estava perguntando, se era porque a ideia de que outra pessoa amasse a série tanto quanto eu fizesse com que eu me sentisse um pouco menos esquisita ou se era por querer que Aled dissesse o que aparentemente estava se recusando a dizer.

— Eu *sou Universe City* — disse ele. E eu fiquei ali.

— O quê? — perguntei.

— Sou o Rádio — disse ele. — Sou o Rádio Silêncio. Eu faço o *Universe City*.

Fiquei ali, parada.

Não dissemos nada.

Uma rajada de vento passou por nós. Um grupo de meninas ria num pub perto dali. Um alarme de carro disparou.

Aled desviou o olhar, como se houvesse alguém perto de nós que ele pudesse ver, mas eu, não.

Então, ele olhou para mim de novo, apoiou uma das mãos em meu ombro, inclinou-se para a frente e perguntou com preocupação:

— Você está bem?

— É que...

Eu não sabia muito bem como dizer que por dois anos eu andava obcecada por um podcast no YouTube a respeito das aventuras de ficção científica de um universitário agênero que sempre usa luvas e tem poderes especiais e habilidades de detetive para resolver mistérios por uma cidade cujo nome é o trocadilho mais idiota que já ouvi na vida, e que eu tinha trinta e sete cadernos no meu quarto com rabiscos que eu tinha feito para aquele programa, especificamente, e que eu nunca tinha conhecido ninguém na vida real que tivesse sequer ouvido falar dele, e nunca tinha comentado com nenhum de meus amigos, e, naquele momento, na frente da Johnny R's no último dia de aula antes das férias, eu descobria que uma pessoa cuja irmã gêmea tinha sido minha melhor amiga por um tempo e que

morava na minha rua desde sempre, uma pessoa que nunca dizia nada quando estava sóbria, era a criadora do programa.

Aquele garoto de dezessete anos, pequeno e loiro, que nunca dizia nada, na rua comigo.

— Estou ouvindo — disse Aled, com um sorriso bobo. Ele estava *tão* bêbado... fazia ideia do que estava falando?

— Eu demoraria horas para explicar — falei.

— Eu ouviria você por horas — disse ele.

1. TRIMESTRE DE VERÃO

b)

ALED LAST NA MINHA CAMA

Não gosto que outras pessoas entrem no meu quarto porque morro de medo de descobrirem um de meus segredos, como meu hábito de desenhar fanart, meu histórico na internet ou o fato de eu ainda dormir com um ursinho de pelúcia.

Principalmente, não gosto de outras pessoas na minha cama, desde os doze anos, quando uma amiga veio dormir em casa e eu tive um pesadelo no qual um Tamagotchi falava com uma voz bem grave. Eu dei um soco na cara dela, o nariz dela sangrou e ela chorou. Uma metáfora adequada para a maioria de minhas antigas amizades.

Apesar disso, naquela noite, acabei com Aled Last na minha cama.

Haha.

Não, não é o que você está pensando.

Quando Aled e eu saímos do trem — ou, no caso de Aled, caiu do trem — e descemos a escada de pedra que ligava a estação ao nosso bairro de interior, Aled disse que Daniel Jun estava com suas chaves, porque Daniel usava a jaqueta dele e as chaves se encontravam no bolso, e ele não podia acordar a mãe porque ela "literalmente arrancaria a cabeça dele". O jeito com que ele disse isso foi bem convincente, e a mãe dele é uma das líderes do conselho de pais da Academy, então, por alguns segundos, eu acreditei. Sempre achei a mãe do Aled intimidadora, como se, com uma palavra, ela pudesse esmagar minha autoestima e servi-la para o cachorro comer. Não que isso seja muito difícil.

Então, pois é. Eu falei:

— Você quer dormir na minha casa ou coisa assim?

Obviamente falei brincando, mas ele apoiou todo o peso no meu ombro e respondeu meio:

— Bom...

Dei uma risada como se soubesse que isso ia acontecer desde o momento em que Aled se abaixou no meio da rua.

Então eu disse:

— Tá, tá.

Ele adormeceria logo, de qualquer modo, e eu não era uma daquelas pessoas estranhas de quarenta anos que acha que meninos e meninas não podem dividir uma cama sem que nada aconteça.

Aled entrou na minha casa e caiu na minha cama sem dizer nada, e quando eu saí do banheiro, onde tinha vestido meu pijama, ele estava dormindo, virado de costas para mim, com o peito subindo e descendo lentamente. Apaguei a luz.

Eu queria estar um pouco mais bêbada também, porque demorei umas boas duas horas para dormir, como sempre acontece, e por duas horas inteiras, por não estar jogando no celular nem fuçando no Tumblr, tive que ficar olhando para a nuca dele sob a luz azul fraca de meu quarto. A última pessoa que tinha dormido comigo na minha cama de casal foi Carys, quando eu tinha quinze anos, algumas noites antes de ela fugir, e se eu estreitasse um pouco os olhos, quase conseguia fingir que a pessoa ao meu lado era ela, com os mesmos cabelos loiros e as orelhas pontudas. Mas, quando abri os olhos de novo, ficou claro que Aled, e não Carys, estava comigo na cama. Por algum motivo, achei isso meio confortante. Não sei.

Aled precisava cortar os cabelos, e sua blusa, logo notei, pertencia a Daniel.

POIS É, EU SEI

Acordei primeiro, perto das onze horas. Parecia que Aled tinha passado a noite toda na mesma posição, então conferi depressa para ver se ele tinha morrido (não tinha) antes de sair da cama. Rapidamente, repassei as decisões da noite anterior. Todas pareciam combinar com minhas expectativas em relação a mim mesma — fracote, me coloco em situações ruins para garantir a segurança de pessoas que mal conheço, faço perguntas esquisitas e me arrependo delas depois... Aled Last estar na minha cama era mesmo uma coisa comum de acontecer com Frances. O que exatamente eu diria quando ele acordasse?

E aí, Aled? Você está na minha cama, provavelmente não se lembra o motivo. Juro que não te trouxe aqui à força. A propósito, sabe aquele podcast esquisito que você faz para o YouTube? Pois é, basicamente eu ando obcecada com ele há anos.

Imediatamente, desci a escada. Era melhor dar a notícia para a minha mãe antes que ela o encontrasse e pensasse que sua filha estava namorando um garoto loiro, pequeno e constrangido sem ter contado para ela antes.

Minha mãe estava na sala de TV, vestindo seu macacão de unicórnio e assistindo a *Game of Thrones*. Ela olhou para a frente quando eu entrei na sala e me encolhi do lado dela no sofá.

— Oi, e aí? — disse ela. Segurava um pacotinho de cereal integral. Enfiou um deles na boca. — Você parece meio cansada.

— Bem... — falei, mas não sabia bem o que dizer depois.

— Você se divertiu na discoteca? — perguntou ela, mas estava sorrindo. Minha mãe fingia não ter ideia de nada a respeito do que adolescentes do século XXI faziam. Além de ser sarcástica com os professores, aquilo era outra coisa que ela gostava de fazer. — Você *curtiu*? Você *badalou*?

— Ah, claro, estávamos felizões e tudo — falei, fazendo uma dancinha.

— Ótimo, ótimo. Assim você vai arrumar um bofe.

Ri alto, mais da ideia de um dia eu "arrumar um bofe" em qualquer situação que fosse, mas então, com uma lentidão exagerada, ela apertou o pause no controle remoto, deixou de lado o saco de cereal e olhou nos meus olhos, entrelaçando os dedos das mãos em seu colo como um diretor de escola podia fazer em cima de sua mesa.

— Por falar nisso — continuou —, eu estava querendo saber quem é, exatamente, o bonitinho que está dormindo na sua cama.

Ah. Tá.

— Pois é — falei rindo. — Sim, é um bonitinho.

— Entrei no seu quarto para pegar a roupa suja e o vi. — Minha mãe abriu as mãos como se revivesse a cena. — Primeiro, pensei que ele fosse um urso de pelúcia gigante. Ou um daqueles travesseiros japoneses dos desenhos que você me mostrou na internet.

— É... não. Ele é de verdade. Um garoto de verdade.

— Ela estava vestido, então imagino que não tenha rolado um pega pra capar.

— Mãe, mesmo quando você usa a expressão "pega pra capar" com ironia, eu sinto vontade de fechar os ouvidos com cola permanente.

Minha mãe não disse nada por um instante, nem eu, e então, nós duas ouvimos uma batida vindo do andar de cima.

— É Aled Last — falei. — O irmão gêmeo de Carys, sabe?

— O *irmão* da sua amiga? — Riu minha mãe. — Ah, que coisa, agora estamos nos transformando em uma comédia romântica, não é?

Foi engraçado, mas eu não ri, e a expressão dela ficou séria.

— O que está rolando, Frances? Pensei que você fosse ficar fora até mais tarde com seus amigos. Você sabe bem que merece alguma comemoração de fim de semestre antes de começar a estudar para as provas.

Ela olhou para mim com solidariedade. Minha mãe sempre achou que eu me importava demais com as tarefas da escola. Minha mãe sempre foi o oposto do que alguém esperaria de uma mãe normal, mas, mesmo assim, ela conseguia ser incrível.

— Aled estava bêbado, por isso tive que trazê-lo para casa. Ele esqueceu as chaves e parece que a mãe dele é meio chata.

— Ah, sim, *Carol Last*. — Minha mãe contraiu os lábios. Desviou o olhar, acessando uma lembrança. — Ela sempre tenta falar comigo no correio.

Ouvimos mais um baque vindo de meu quarto. Ela franziu a testa e olhou para mim.

— Você não o feriu com gravidade, não é?

— Acho melhor eu ir ver o que está acontecendo.

— Sim, vá ver seu gato. Ele provavelmente está saindo pela janela.

— Pare com isso, mãe, meus parceiros românticos nunca tentariam sair pela janela.

Ela abriu aquele sorriso simpático dela que sempre me fazia pensar que ela sabia algo que eu não sabia. Eu me levantei para sair.

— Não deixe que ele escape! — disse ela. — Esta pode ser sua única chance de garantir um marido!

Então me lembrei de outra coisa sobre a qual minha mãe provavelmente devia saber.

— Ah, olha só — falei, virando quando cheguei à porta. — Sabe *Universe City*?

A risada de minha mãe foi interrompida por uma expressão de confusão.

— Hum... sei, o que tem?

— Pois é, Aled é o criador.

De repente, me dei conta de que Aled provavelmente não se lembraria de ter me dito que era o criador da *Universe City*. Ótimo. Mais uma situação esquisita com a qual eu teria que lidar.

— O quê? — perguntou minha mãe. — O que você está falando?

— Foi ele quem me mandou aquela mensagem no Twitter. Ele é o criador de *Universe City*. Descobri ontem.

Minha mãe ficou só olhando.

— Pois é — falei. — Pois é, eu sei.

ESQUISITO

Quando voltei ao meu quarto, encontrei Aled agachado ao lado da cama, segurando um cabide como se fosse um machado. Quando entrei, ele se virou para olhar para mim, com os olhos arregalados e os cabelos — compridos demais — todos despenteados. Acho que ele estava meio... aterrorizado. Compreensível.

Demorei alguns segundos para decidir o que dizer.

— Você... pretendia me decapitar com um cabide?

Ele piscou uma vez e então abaixou a arma e se endireitou, com o terror diminuindo. Eu o olhei de cima a baixo — claro, ele ainda estava usando a mesma roupa da noite anterior, a blusa cor de vinho de Daniel e a calça jeans escura, mas, pela primeira vez, notei que ele usava calçados de lona excelente, de cor verde-limão, com cadarços roxos fluorescentes, e me deu muita vontade de perguntar onde ele os havia comprado.

— Ah. Frances Janvier — disse ele. E ainda pronunciou o nome certo.

Em seguida, suspirou e se sentou na minha cama.

Foi como se eu estivesse vendo uma pessoa totalmente diferente. Agora que eu sabia que ele era o Criador, a voz de Rádio Silêncio, ele nem mais se parecia com Aled Last — não o Aled Last que eu conhecia. Não a sombra de Daniel Jun, não o garoto que nem parecia ter personalidade. Não o garoto que só sorria e concordava com o que diziam e, de modo geral, para ser sincera, parecia ser a pessoa mais entediante e normal do mundo todo.

Ele era *Rádio Silêncio*. Vinha fazendo um programa no YouTube por mais de *dois anos*. Uma explosão linda, sem limites de uma história.

Eu estava prestes a dar uma de fã louca, meu Deus. Que vergonha.

— Jesus Cristo — disse ele. A voz dele era tão baixa quando estava sóbrio que parecia que não estava acostumado a conversar normalmente ou coisa assim, como se tivesse que se forçar a falar alto. — Pensei que tivesse sido sequestrado.

Ele cobriu o rosto com as mãos, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Ficou assim por um bom tempo. Eu fiquei de pé meio sem jeito à porta.

— Hum... desculpa — falei, apesar de não saber bem pelo que estava me desculpando. — Bom, você... você pediu. Eu não te atraí para dentro da minha casa. Não tinha segundas intenções.

Ele olhou para mim, olhos arregalados de novo, e eu resmunguei.

— Ah, sim, parece algo que alguém com segundas intenções diria.

— Isso é muito esquisito — disse ele, entortando a boca num meio sorriso. — Sou eu quem deveria estar me desculpando.

— Sim. Isso é bem esquisito.

— Você quer que eu vá embora e pronto?

— Hum... — Parei. — Bom, não vou te impedir de sair. Sério, não sou uma sequestradora.

Aled ficou me observando.

— Espera — disse ele. — Nós não... nós ficamos?

A ideia me pareceu tão idiota que eu cheguei a rir. Pensando bem agora, pode ter sido meio grosseiro.

— Ah, não. Não. Está tudo bem.

— Tá — disse ele. Olhou para baixo e eu não sabia dizer o que ele podia estar pensando. — Sim, isso seria muito estranho.

Fizemos mais uma pausa. Eu precisava dizer alguma coisa a respeito de *Universe City* antes que ele se fosse. Estava claro que ele não se lembrava de nada a esse respeito. Eu minto muito mal e também não sei guardar segredo.

Finalmente, ele largou o cabide que estava segurando.

— Você tem um quarto bem bacana — disse ele com timidez, apontando meu pôster de *Welcome to Night Vale*. — Eu adoro *Welcome to Night Vale*.

Claro que sim. *Welcome to Night Vale* era mais um podcast da internet que eu adorava, assim como *Universe City*. Mas preferia o *Universe City,* porque gostava mais dos personagens.

— Eu não sabia que você curtia essas coisas — continuou.

— Ah. — Eu não sabia bem o que ele pretendia com aquilo. — Bom, pois é.

— Pensei que você... sabe como é... gostasse de estudar e... hum... gostasse de ser representante de turma e... é.

— Ah, claro. — Dei uma risada esquisita. A escola era a minha vida, minha alma e tudo a meu respeito. Acho que ele tinha razão. — Bom, sim, minhas notas são bem importantes, e também ser representante de turma e coisa e tal... tipo, estou tentando entrar em Cambridge, então preciso... tenho que estudar muito, então... é.

Ele me observou enquanto eu falava, assentindo devagar, e disse:

— Ah, sim, tá certo.

Não parecia que ele se importava tanto com aquilo quanto tinha se importado com meu pôster do *Welcome to Night Vale*. Ele notou que estava olhando fixamente, desviou o olhar e disse:

— Desculpa, estou tornando tudo ainda mais esquisito. — Ficou de pé, ajeitando os cabelos com uma das mãos. — Vou embora. Não vamos mais nos ver com frequência.

— Oi?

— Porque eu saí da escola e tal.

— Ah.

— Haha.

Ficamos nos encarando. Foi muito esquisito. Minha calça de pijama tinha a estampa das Tartarugas Ninja.

— Você me disse que faz o *Universe City*.

Falei tão depressa que imediatamente temi que ele não tivesse me ouvido. Pensei que, como não havia jeito fácil de tocar no assunto, eu poderia simplesmente só dizer. É assim que faço com a maior parte das coisas.

Aled não disse nada, mas ficou sério e se afastou um pouco.

— Eu te disse... — falou ele, mas a voz sumiu.

— Não sei quanto você se lembra, mas, tipo, estou literalmente... — Parei antes de dizer algo que me fizesse parecer bem doida. — Eu adoro, adoro mesmo o seu programa. Eu o acompanho desde o começo.

— Como assim? — perguntou ele, parecendo surpreso de verdade. — Mas faz mais de dois anos.

— Pois é — falei, rindo. — Não é esquisito?

— É muito… — Ele passou a falar mais alto. — Muito legal.

— Sim, eu gosto de verdade, tipo… não sei, os personagens são muito bem-feitos e verossímeis. Principalmente o Rádio, a coisa toda de ser agênero é genial, de verdade, quando a voz feminina apareceu pela primeira vez, eu escutei o episódio umas vinte vezes. Mas é tão bom não ter certeza se é voz de garoto ou de garota, é incrível. Quer dizer… nenhuma voz é de garota ou de garoto, não é? Rádio não tem gênero. Bom, sim, os personagens secundários também são brilhantes, mas não tem aquela tensão sexual de *Doctor Who*, eles são quem são, e é bem legal que eles não sejam todos melhores amigos de Rádio, às vezes são inimigos. E cada história é hilária, não dá para saber o que vai acontecer, mas todos os enredos constantes são bons também, tipo, eu ainda não sei por que Rádio não pode tirar as luvas nem o que é guardado dentro do Prédio Azul-Escuro, nem se Rádio um dia vai conhecer Vulpes, e não vou te perturbar perguntando sobre a conspiração de February Friday porque, tipo, isso estragaria a coisa. Sim, é bem… é muito bom, não sei explicar como adoro tudo. De verdade.

Enquanto eu falava, os olhos de Aled foram ficando cada vez mais arregalados. No meio do que eu dizia, ele voltou a se sentar na minha cama. Quando eu estava terminando, ele cobriu as mãos com as mangas. Quando terminei, me arrependi de tudo na mesma hora.

— Nunca tinha conhecido um fã do programa — disse ele, com a voz baixa de novo, quase inaudível. E então, ele riu. Cobriu a boca com a mão como tinha feito na noite anterior, e eu me perguntei, não pela primeira vez, por que ele fazia isso.

Olhei para um lado.

— Além disso… — continuei, pensando que naquele momento eu contaria a ele que eu era Toulouse, a artista fã com quem ele tinha feito contato pelo Twitter. Pensei que eu contaria a ele, ele ficaria maluco, eu mostraria a ele meus trinta e sete cadernos de desenho, ele ficaria ainda mais doido, eu o chamaria de esquisito, ele fugiria, eu nunca mais o veria de novo.

Balancei a cabeça.

— Hum… eu me esqueci do que ia dizer.

Aled abaixou a mão.

— Tudo bem.

— Você deveria ter visto minha cara ontem quando você me contou — falei, com uma risada forçada.

Ele sorriu, mas parecia nervoso.

Olhei para baixo.

— Pois é... Bem, pode ir para casa agora, se quiser. Desculpa.

— Não se desculpe — disse ele, com aquela voz baixinha.

Precisei me esforçar muito para não pedir desculpas por ter pedido desculpas.

Ele se levantou, mas não caminhou até a porta. Parecia querer dizer alguma coisa, mas não sabia quais palavras usar.

— Ah... você pode tomar o café da manhã aqui, se quiser. Sem pressão, não precisa...

— Ah, eu me sentiria mal — disse ele, mas estava sorrindo um pouco e, pela primeira vez, eu senti que sabia o que ele estava pensando.

— Tudo bem. As pessoas não costumam vir aqui com frequência, então... é legal! — Percebi como parecia triste quando disse aquilo.

— Tudo bem — disse ele. — Se você não se incomodar.

— Legal.

Ele olhou ao redor mais uma vez. Vi que ele viu minha mesa e as tabelas bagunçadas, e também as anotações espalhadas por todos os lados, até no chão. Ele olhou para as minhas prateleiras, que tinham uma mistura de literatura clássica que eu pretendia ler para minha prova de Cambridge e alguns DVDs, incluindo a coleção toda do Studio Ghibli que minha mãe havia me dado em meu aniversário de dezesseis anos. Ele olhou para fora da janela do meu quarto, em direção à casa dele. Eu não sabia qual janela da casa era a do seu quarto.

— Nunca contei a ninguém a respeito do *Universe City* — disse ele, olhando de novo para mim. — Achava que as pessoas pensariam que eu sou esquisito.

Havia uma centena de coisas que eu poderia ter dito em resposta àquilo, mas só disse:

— Mesma coisa comigo.

Voltamos a fazer silêncio. Acho que estávamos apenas tentando absorver o que estava acontecendo. Até hoje não faço ideia se ele estava feliz com aquela revelação. Às vezes eu acho que talvez tudo teria sido melhor se eu não tivesse

contado a ele que sabia. Outras vezes, acho que é a melhor coisa que eu tinha dito na vida inteira.

— Então... vamos tomar café? — perguntei, porque não havia como aquela conversa, aquela reunião, aquela coincidência estupidamente extrema terminar.

— Tá, vamos — disse ele, e, apesar de sua voz continuar baixa e tímida, parecia mesmo que ele queria ficar, para que pudesse conversar um pouco comigo.

GANHARÍAMOS MILHÕES

Ele não ficou muito tempo. Acho que percebeu que eu estava tendo um treco por dentro com a situação toda, mas mesmo assim fiz umas torradas para ele e tentei não bombardeá-lo com perguntas, apesar de querer. Depois de perguntar quem sabia sobre *Universe City* (só Daniel), por que ele tinha começado a fazer o programa (ele estava entediado) e como ele fazia todos os efeitos de vozes (com software de edição), pensei que seria melhor eu me acalmar, então preparei um pouco de cereal e me sentei à frente dele na bancada. Estávamos em maio, o verão ainda não tinha chegado, mas o sol da manhã irritava meus olhos pela janela da cozinha.

Conversamos sobre os assuntos comuns, como coisas da escola, férias e o que tínhamos estudado. Nós dois tínhamos feito nossas provas de arte, mas ele ainda tinha literatura inglesa, história e matemática, e eu ainda tinha literatura inglesa, história e política. Ele esperava tirar nota máxima em tudo, o que não surpreendia no caso de alguém que havia entrado em uma das maiores universidades do país, e ele disse que não sabia como, mas não estava estressado com suas provas. Eu não comentei que estava tão estressada que estava perdendo mais cabelos do que o normal na hora do banho.

Em determinado momento, ele perguntou se eu tinha um analgésico, e de repente vi que seus olhos estavam bem vermelhos e lacrimejantes e que ele não tinha comido muito da torrada. Sempre consigo me lembrar dele naquele primeiro dia no café da manhã. À luz do sol, seus cabelos e sua pele pareciam ter quase a mesma cor.

— Você sai muito? — perguntei, dando um pouco de paracetamol e um copo de água para ele.

— Não. — E então deu uma risadinha. — Não gosto muito de sair, para falar a verdade. Sou meio solitário.

— Eu também não saio muito. Ontem à noite foi minha primeira vez na Johnny R's. Estava bem mais quente do que eu esperava.

Ele riu de novo com a mão cobrindo a boca.

— Sim, é nojento.

— As paredes estavam tipo... *molhadas*.

— Pois é!

— Provavelmente teria dado para armar um tobogã. Eu teria me divertido mais se tivesse um escorregador, não vou mentir. — Fiz um gesto esquisito de deslizar com as mãos. — Escorregar na água estando bêbado. Eu pagaria pra ver.

Aquilo foi esquisito. Por que eu tinha dito aquilo? Esperei que ele me olhasse com aquela cara de "Frances, do que está falando?".

Não aconteceu.

— Eu pagaria por um pula-pula — disse ele. — Sei lá, deveriam reservar um andar que fosse totalmente ocupado por um pula-pula.

— Ou uma sala que fosse só de brinquedos.

— Você já foi ao Monkey Bizz?

— Fui!

— Sabe aquela parte dos fundos com balanços de pneus e um campo? Seria legal algo assim.

— Ah, meu Deus. Sim. Deveríamos criar isso, ganharíamos milhões.

— Ganharíamos, sim.

Fizemos uma pausa enquanto comíamos. Não foi esquisito.

Um pouco antes de ele ir embora, enquanto estávamos parados à porta, perguntei:

— Onde você comprou seus sapatos? São muito legais.

Ele olhou para mim como se eu tivesse dado a notícia de que ele havia ganhado na loteria.

— Na ASOS.

— Ah, bacana — respondi.

— São... — Ele quase não continuou. — Sei que eles são esquisitos. Eu os encontrei na seção feminina.

— Ah, não se parecem com sapatos femininos. — Olhei para os pés dele. — Também não parecem ser masculinos. São só sapatos.

Olhei para ele e sorri, sem saber direito onde aquela conversa daria. Ele estava olhando para mim, com a expressão totalmente indecifrável.

— Tenho um casaco da Topman — continuei. — E vou te dizer uma coisa, a seção masculina da Primark é a melhor para comprar suéteres de Natal.

Aled Last puxou as mangas da blusa para cobrir as mãos.

— Obrigado pelo que você disse a respeito do *Universe City* — disse ele, meio sem olhar nos meus olhos. — Eu... hum... significou muito para mim.

Aquela era a oportunidade perfeita de dizer para ele.

Que eu era a artista com quem ele conversou via Twitter.

Só que eu não o conhecia. Não sabia como ele reagiria. Eu o considerava a pessoa mais legal que já tinha conhecido, mas não significava que confiava nele.

— Não foi nada! — disse.

Quando ele acenou e se afastou da minha casa, me ocorreu que aquela provavelmente tinha sido a conversa mais comprida que eu havia tido com alguém da minha idade nas últimas semanas, pelo menos. Pensei que talvez pudéssemos ser amigos agora, mas talvez fosse meio esquisito.

Voltei para meu quarto, vi meus cadernos de rascunho aparecendo embaixo da cama e pensei "Se ele soubesse...". Pensei em Carys, e se ela era um assunto que podia ser abordado — Aled sabia que tínhamos sido amigas. Meu Deus, ele sempre esteve no trem, não é?

Pensei que precisava contar para ele que eu era a artista porque, se demorasse muito, talvez ele começasse a me odiar, e eu não queria que isso acontecesse. Nada de bom vem quando mentimos para as pessoas. Eu já devia saber disso.

PODER

Carys nunca mentia sobre nada. Também nunca contava a verdade toda, o que parecia pior, de certo modo. Só percebi isso muito tempo depois de ela sumir.

Ela dominava nossas conversas no trem com histórias da sua vida. Discussões com a mãe, com os colegas de escola e com professores. Redações péssimas que ela havia escrito e provas nas quais tinha sido reprovada. Fugir de casa para ir a festas, as vezes em que ficava bêbada e todas as fofocas em sua sala. Ela era tudo o que eu não era: drama, emoção, intriga, poder. Eu não era nada. Nada acontecia comigo.

Ela nunca contava a verdade completa e eu não percebia. Eu ficava tão encantada com o jeito que Carys tinha de brilhar forte, com suas histórias incríveis e cabelos platinados, que não achava estranho o fato de ela e Aled chegarem separados à estação de manhã e de ele caminhar vinte metros atrás de nós na volta da escola. Não achava estranho que eles nunca conversassem nem se sentassem juntos. Eu não questionava nada. Não estava prestando atenção.

Eu estava cega e fracassei. Nunca mais vou deixar que isso aconteça.

UNIVERSE CITY: Ep. 2 — skatista

UniverseCity

84.873 visualizações

Vou aceitar aliados a partir de agora. Até ter notícias de você, a sobrevivência será minha prioridade.

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Ele tem uma bicicleta ótima, posso garantir. Três rodas e brilha no escuro. Claro, é útil ter alguém por perto que use as próprias mãos. Não sei explicar como é ruim ter que usar essas luvas o tempo todo.

Ainda não sei bem por que pedi ajuda dele. Já sobrevivi todo esse tempo sem ninguém. Mas desde que falei com você, acho... acho que mudei um pouco de opinião.

Se quiser sair daqui, vou ter que conversar com um pessoal da cidade, de vez em quando. Há coisas na Universe City que não se podem imaginar no mundo real, escondidas sob a poeira metálica. Monstros, demônios e abominações sintéticas.

Todo dia ficamos sabendo do último desastre — algum pobre solitário voltando de uma palestra, um geek cansado no canto escuro da biblioteca, uma menina jovem e triste sozinha na cama.

E é aonde quero chegar, colega:

Cheguei à conclusão de que é impossível sobreviver sem companhia na Universe City.

[...]

ONLINE

Estava assistindo a *O quinto elemento* e comendo pizza com minha mãe quando meu telefone vibrou, indicando que eu tinha recebido uma mensagem no Facebook. Eu o peguei, pensando que seria de meus amigos, mas quase engasguei com a borda da pizza quando li o nome na tela.

(19:31) **Aled Last**
oi frances só queria agradecer de novo por ter me recebido na sua casa ontem, acho que acabei com a sua noite... me desculpa bjo

(19:34) **Frances Janvier**
Oi, tudo bem!! Não se preocupe!! <3
Para ser sincera, eu não queriiiia estar lá... e eu meeeeio que usei você como desculpa para ir para casa, não vou mentir

(19:36) **Aled Last**
ah que bom então!
pensei que seria uma boa ideia ficar bêbado porque estava nervoso por ir à johnny's mas acho que errei na quantidade de bebida haha
nunca fiquei bêbado daquele jeito antes

(19:37) **Frances Janvier**
Não se preocupe!! Você também estava com o Daniel, então tudo bem! quando te encontrei, ele estava buscando água ☺

(19:38) **Aled Last**
é verdade ☺

(19:38) **Frances Janvier**
:D

Nós dois permanecemos online por alguns minutos depois disso. Eu queria dizer mais alguma coisa e sentia que ele também queria, mas nenhum de nós sabia o que era. Apaguei a tela do meu celular e tentei me concentrar no filme, mas não conseguia parar de pensar nele.

STOP-MOTION

O dia seguinte era domingo, o dia em que eu tinha decidido começar a estudar as revisões e também o dia em que recebi um e-mail de Rádio Silêncio – Aled – enquanto respondia a uma questão de matemática sobre diferenciação.

> **Rádio Silêncio** universecitypodcast@gmail.com
> para mim
> Oi, Toulouse,
> Muito obrigado por me responder pelo Twitter! Estou muito feliz por saber que você quer trabalhar com o programa. Há um tempo ando querendo implementar uma identidade visual.

O e-mail continuava por alguns parágrafos e Aled falava sobre todas as ideias que ele tinha para o programa: gifs pixelados e repetidos como aqueles que ele tinha visto no meu blog, ou desenhos stop-motion sobre uma lousa branca, talvez até uma atualização no logo do *Universe City*, se não fosse responsabilidade demais. Ele perguntou se eu tinha certeza de que podia me comprometer, porque não podia decepcionar seus assinantes – se estivesse dentro, estava dentro *mesmo*, não podia sair sem um bom motivo.

Isso me deixou nervosa.

Coloquei o telefone em cima das respostas de matemática que vinha anotando em um caderno. As letras do e-mail e os números do papel se misturaram por um momento.

Eu precisava contar para ele que era eu.

Antes que acabasse estragando outra amizade.

#FLOQUINHODENEVESENSÍVEL

Demorei até a noite de segunda-feira para criar um plano.

Pretendia perguntar a ele a respeito dos sapatos. Era assim que eu começaria outra conversa.

De alguma forma, acabaria contando que era Toulouse, a artista a quem ele havia enviado um e-mail para falar do podcast com o qual eu já tinha dito que estava obcecada.

De algum jeito. Não sabia como.

Ficaria tudo bem.

Sou versada na arte de enrolar.

(16:33) **Frances Janvier**
Aled!! É um assunto do nada, mas queria saber onde mesmo você comprou seus sapatos?? Estou meio obcecada com eles e faz uma hora que estou procurando na internet hahaha

(17:45) **Aled Last**
oi! ah hm comprei na ASOS, mas são uns Vans bem velhos, acho que você não vai mais encontrá-los.

(17:49) **Frances Janvier**
Ah droga que penaaa

(17:50) **Aled Last**
sinto muito!! ☹
se te consola, Dan sempre diz que eles parecem sapatos para crianças de 12 anos e faz uma cara de nojo toda vez que eu os uso

(17:52) **Frances Janvier**
Bem, deve ser por isso que gosto deles, a maioria das coisas do meu guarda-roupa parecem roupas de crianças de 12 anos. Sou uma menina de 12 anos por dentro

(17:53) **Aled Last**
mas o queeeee? você sempre se veste de um jeito tão profissional para ir para a escola!!

(17:53) **Frances Janvier**
Ah, sim... bom, preciso manter a fama de máquina de estudar da representante do ensino médio
Em casa, adoro blusas com estampas de hambúrgueres e camisetas dos Simpsons

(17:55) **Aled Last**
blusas com estampas de hambúrguer? preciso ver isso

(17:57) **Frances Janvie**r
[foto da webcam de blusa da Frances, que ela está usando no momento, cheia de hambúrgueres]

(17:58) **Aled Last**
CARA
isso é incrível
Além disso tenho uma blusa do mesmo site?? estou usando agora, literalmente??

(17:58) **Frances Janvier**
COMO É QUE É?
Me mostra agora

(18:00) **Aled Last**
[foto da webcam da blusa de Aled que ele está usando no momento — tem OVNIs nas mangas]

(18:00) **Frances Janvier**
Mddc
Adorei
Não sabia que você usava coisas assim!! Você está sempre usando roupas sem estampa quando não está de uniforme

(18:01) **Aled Last**
é que sempre tenho medo de que as pessoas riam de mim... sl deve ser bobagem minha haha

(18:02) **Frances Janvier**
Não, não é, sou exatamente assim
Todas as minhas amigas andam tão bonitas e arrumadas e elegantes o tempo todo... se eu aparecesse usando uma blusa de hambúrgueres, elas provavelmente me mandariam ir para casa

(18:03) **Aled Last**
mddc suas amigas parecem malvadas

(18:03) **Frances Janvier**
Que nada, elas são legais, é só que... sl eu me sinto meio diferente delas às vezes. Muito #floquinhodenevesensível, né?!

(18:04) **Aled Last**
não, também sei como é! haha

No fim, conversamos no Facebook até mais de 22:00 e eu me esqueci totalmente de contar para ele que eu sou a artista. Lembrei às 3:00, comecei a entrar em pânico e só consegui dormir umas duas horas depois disso.

SEM JEITO

— Você é uma idiota — disse minha mãe quando contei a ela toda a situação na quarta-feira. — Não uma idiota sem inteligência, mas um tipo de idiota ingênua que consegue entrar em uma situação difícil, mas não consegue sair dela porque fica sem jeito.

— Você acabou de descrever minha vida.

Eu estava deitada no tapete da sala revirando uns trabalhos antigos de matemática enquanto minha mãe assistia a reprises de *How I Met Your Mother*, com as pernas cruzadas no sofá e uma xícara de chá nas mãos.

Ela suspirou.

— Você sabe que só precisa dizer, não é?

— Parece ser um assunto importante demais para ser tratado no Facebook.

— Então, vá à casa dele. Ele mora literalmente do outro lado da rua.

— É esquisito, ninguém bate na porta de alguém do nada.

— Tá. Mande uma mensagem e diga que precisa ir à casa dele para contar algo importante.

— Mãe, assim fica parecendo que quero me declarar apaixonada por ele.

Ela suspirou de novo.

— Bom, então não sei o que dizer. Foi você mesma quem reclamou que isso a está impedindo de se concentrar em seus estudos. Pensei que fosse importante para você.

— Mas *é*!

— Você mal o conhece! Por que isso está te incomodando tanto assim?

— Conversamos por muito tempo na segunda, fico sem jeito de tocar nesse assunto agora.

— Bom, a vida é assim, né?

Eu rolei no chão para ficar de frente para a minha mãe.

— Sinto que poderíamos ser amigos — falei. — Mas não quero estragar tudo.

— Ah, querida. — Minha mãe me lançou um olhar solidário. — Você tem um monte de outros amigos.

— Mas eles só gostam da Frances da escola. Não da Frances real.

LOGARITMOS

Apesar de ter me saído bem em todas as provas que fiz, sempre entro em pânico por causa delas. Sei que parece normal, mas não me sinto normal quando acabo chorando por causa de exponenciais e logaritmos, o assunto totalmente inútil de uma de minhas provas de matemática. Eu não conseguia encontrar minhas anotações sobre a matéria em minha pasta, e o livro não explicava nada. Hoje em dia, eu não me lembro de absolutamente nada de minhas aulas de matemática do passado.

Eram 22:24 da noite anterior à prova e eu estava sentada no chão da sala com minha mãe, com a maioria das minhas anotações e livros de matemática espalhados no chão ao nosso redor. Minha mãe estava com o laptop no colo clicando para encontrar algum site onde houvesse uma explicação decente a respeito de logaritmos. Pela terceira vez na noite, eu estava tentando não chorar.

A ideia de que eu poderia tirar nota ruim porque não conseguia encontrar uma explicação para um determinado assunto me dava vontade de me esfaquear.

— Tem alguém com quem você possa falar sobre isso? — perguntou minha mãe, ainda pesquisando no Google. — Algum amigo da sua sala?

Maya assistia às aulas de matemática comigo, mas ela era péssima na matéria e saberia menos do que eu. Ainda que ela soubesse mais, eu não tinha certeza de que pudesse falar com ela. Eu nunca tinha enviado mensagem de texto só para ela, só conversávamos nos grupos.

— Não — respondi.

Minha mãe franziu o cenho e fechou o laptop.

— Amor, acho melhor você ir para a cama — disse ela com a voz calma. — Estar cansada para a prova só vai piorar as coisas.

Eu não soube o que dizer porque não queria ir para a cama.

— Acho que você não pode fazer nada. Não é sua culpa.

— Eu sei — respondi.

Então, fui para a cama.

E só chorei.

O que é muito ridículo, para ser sincera. Eu sou ridícula mesmo. Não deveria estar surpresa comigo.

Explicaria por que eu fiz o que fiz naquela noite.

Enviei uma mensagem a Aled de novo.

(00:13) **Frances Janvier**
Está acordado?

(00:17) **Aled Last**
oi sim estou. tá tudo bem??

(00:18) **Frances Janvier**
Ah desculpa por mandar mensagem do nada de novo...
Só tive uma noite meio difícil kkk

(00:19) **Aled Last**
sem problema nenhum!!! o que foi??
se estiver se sentindo mal, é sempre bom falar sobre isso

(00:21) **Frances Janvier**
Tá. Bom, tenho prova de matemática amanhã
E percebi hoje que perdi um assunto inteiro na revisão
E é um dos assuntos mais difíceis... logaritmos?
E queria saber (se você não estiver fazendo nada agora!!) se conhece algum site decente onde eu possa pegar explicação?? Não consigo entender e me sinto péssima com isso

(00:21) **Aled Last**
ai meu deus, que terrível

(00:23) **Frances Janvier**
Tipo... se eu ficar com B em matemática... nem sei se Cambridge vai querer me entrevistar
Sl
Sei que parece besteira, eu não deveria estar tão chateada com isso haha

(00:23) **Aled Last**
não... eu entendo totalmente... não tem nada mais estressante do que fazer uma prova sabendo que não estamos preparados
vou ver se consigo encontrar minhas anotações, espera

(00:24) **Frances Janvier**
Só se você não estiver ocupado! Me sinto muito mal por pedir, mas... você é a única pessoa a quem posso pedir

(00:25) **Aled Last**
olha, talvez seja uma ideia doida mas
posso ir aí, se você quiser?
tipo... agora?
para ajudar?

(00:25) **Frances Janvier**
Sério!???? Isso seria literalmente incrível

(00:26) **Aled Last**
é! afinal, moro do outro lado da rua e não tenho que acordar cedo amanhã

(00:27) **Frances Janvier**
Me sinto péssima, tem certeza? Já é mais de meia-noite

(00:27) **Aled Last**
quero ajudar! você me ajudou a voltar para casa semana passada e me sinto péssimo em relação a isso, então... assim ficamos quites? Haha

(00:27) **Frances Janvier**
Tá bom!! Ai, você vai salvar minha vida

(00:28) **Aled Last**
tô indo

Quando abri a porta passando de meia-noite e meia, horas antes de minha prova de matemática, abracei Aled imediatamente.

Não foi esquisito, apesar de eu ter tomado a iniciativa e ele ter se surpreendido e dado um passinho para trás porque não estava esperando aquilo.

— Oi — falei quando o soltei.

— Oi — disse ele, quase num sussurro, e então pigarreou. Estava usando uma blusa com capuz da Corvinal, o short cinza do pijama, meias grossas e os sapatos verde-limão, e segurava um fichário roxo. — Hum, desculpa por eu vir de pijama.

Fiz um gesto para mim mesma, porque eu estava usando uma camisola, uma camiseta listrada e legging dos Vingadores.

— Não julgo. Na verdade, eu vivo de pijama.

Dei um passo para o lado para deixar que ele entrasse e fechei a porta. Ele avançou um pouco no corredor antes de se virar para mim.

— Sua mãe concordou que você viesse? — perguntei.

— É possível que eu tenha pulado a janela.

— Isso é um baita clichê.

Ele sorriu.

— Tá. Então... logaritmos? — Ele ergueu o fichário. — Trouxe minhas anotações do ano passado.

— Pensei que você as tivesse queimado ou coisa assim.

— Eu dediquei esforço demais a elas para *queimá-las*.

Ficamos na sala por mais de uma hora. Minha mãe fez chocolate quente e, com a voz baixa, Aled explicou o que eram exponenciais e logaritmos, além do tipo de pergunta que poderia cair na prova e como responder.

Para alguém tão calado, ele ensinava surpreendentemente bem. Explicou tudo passo a passo e cuidou para fazermos uma pergunta de exemplo para cada tópico. Para alguém como eu, que provavelmente conseguiria falar sem parar até morrer, foi incrível ouvi-lo.

Quando terminamos, senti que tudo ficaria bem.

— Você me salvou, literalmente — falei enquanto o acompanhava até a porta.

Aled parecia um pouco mais cansado naquele momento, com os olhos meio lacrimejantes, e tinha prendido os cabelos atrás das orelhas.

— Não literalmente — disse ele, rindo. — Mas espero ter ajudado.

Eu queria dizer que ele tinha feito mais do que isso, mas seria constrangedor.

Porque então me dei conta do que ele tinha feito por mim. Tinha saído de casa de madrugada, de pijama, pulado a janela para vir me ajudar com uma matéria da prova de matemática. Tínhamos conversado pessoalmente só uma vez antes disso. Por que alguém faria algo assim por outra pessoa? Por *mim*?

— Tenho uma coisa para contar, mas estou com muito medo — falei.

A expressão de Aled mudou.

— Tem uma coisa para me contar? — perguntou ele, ficando nervoso no mesmo instante.

Respirei fundo.

— Sou Toulouse — falei. — Touloser no Twitter e no Tumblr. A artista a quem você enviou mensagem.

Fizemos uma longa pausa.

Depois, ele disse:

— Está mentindo? Está... brincando? Isso foi ideia do Dan... do Daniel... ou coisa assim?

— Não. É... sei que parece piada, mas só não sabia como dizer. Quando você me contou que era o Criador, eu... tipo... fiquei desesperada por dentro e tipo... estava prestes a contar para você, mas não fazia ideia de como você reagiria e não queria que você me odiasse.

— Porque sou o Criador — interrompeu. — O criador do seu canal preferido no YouTube.

— É.

— Então... tá.

Ele olhou para baixo.

Parecia quase triste.

— Então... você... estava só fingindo ser legal todo esse tempo? — perguntou, com a voz baixinha e suave. — Tipo... hum... sabe... me trouxe para a sua casa e... não sei. Você estava mentindo a respeito das roupas, de tudo? E me pedindo ajuda com matemática? Para que pudesse fazer amizade com o criador de seu canal preferido do YouTube e... ter acesso a spoilers secretos ou...

— O quê? Não! Nada disso foi mentira, eu juro.

— Então por que tem conversado comigo? — perguntou ele.

Ele continuou:

— Sou tão sem graça.

Ao mesmo tempo, eu disse:

— Porque você é legal.

Nós olhamos um para o outro. Ele riu um pouco e balançou a cabeça.

— Isso é muito esquisito.

— É...

— Sei lá... essa coincidência é *doida*. Isso não deveria estar acontecendo agora. Moramos na mesma rua. Temos o mesmo gosto por roupas.

Assenti.

— Você é representante de turma e desenha fanart secretamente? — perguntou ele.

Assenti de novo e me controlei para não pedir desculpa.

— Sou a única pessoa que sabe? — perguntou ele.

Assenti pela terceira vez e nós dois compreendemos.

— Certo — disse ele e se abaixou para calçar os sapatos.

Observei enquanto ele amarrava os cadarços e ficava de pé.

— Você... Não tenho que fazer isso, se você não quiser — falei. — Se for muito estranho.

Ele puxou as mangas para cobrir as mãos.

— Como assim?

— Quero dizer, se for estranho me deixar fazer as artes do *Universe City*... Sei lá, eu poderia simplesmente nunca mais te ver, pode pedir para outra pessoa, alguém que você não conheça. Tudo bem, por mim.

Ele arregalou os olhos.

— Não quero deixar de te ver — falou e balançou a cabeça levemente. — Quero que você faça a arte.

Acreditei nele, de verdade.

Ele queria me ver de novo e queria que eu fizesse a arte.

— Tem certeza? Não me importo se você não quiser que eu...

— Eu quero!

Tentei conter um sorriso, mas não consegui.

— Tá bom.

Ele assentiu, nós nos olhamos por um momento e, apesar de eu achar que ele queria dizer mais alguma coisa, ele se virou e abriu a porta. Olhou para trás mais uma vez antes de sair.

— Envio mensagem para você amanhã.

— Tá bom!

— Boa sorte na prova.

Ele acenou e partiu. Fechei a porta e me virei.

Minha mãe estava de pé atrás de mim, me observando.

— Muito bem — disse ela, com um sorrisinho.

— O quê? — perguntei, atordoada, tentando repassar o que havia acontecido antes que me esquecesse de tudo.

— Você contou para ele.

— Contei.

— Ele não te odiou.

— Não.

Fiquei bem parada.

— Tudo bem? — perguntou minha mãe.

— Eu só... não faço ideia do que ele está pensando. Não sei o que ele pensa 95% do tempo.

— É, ele é assim.

— Assim como?

— Assim, o tipo de pessoa que não fala espontaneamente. — Ela cruzou os braços. — Que não diz nada se não perguntarem.

— Hum.

— Você gosta dele? — perguntou ela.

Hesitei, sem entender muito bem a pergunta.

— Hum... sim, claro.

— Não, quero saber se você *gosta dele*.

Hesitei de novo.

— Ah. Bom, não pensei nisso.

Então pensei nisso.

Percebi que não gostava dele dessa maneira.

Não importava.

— Não. Acho que não — respondi. — Isso é meio irrelevante, não é?

Minha mãe franziu a testa.

— Irrelevante para o quê?

— Não sei, só irrelevante. — Passei por ela e comecei a subir a escada. — Que pergunta do nada.

ANTES DE CONTINUARMOS

Não nos vimos pessoalmente por algum tempo depois daquela noite, mas continuamos trocando mensagens pelo Facebook. Abordagens tímidas com “oi, tudo bem?” se tornaram discursos inflamados a respeito de programas de TV e, apesar de só termos nos encontrado duas vezes, parecia que éramos amigos. Amigos que pouco sabiam um sobre o outro, exceto os maiores segredos.

Só quero dizer algo antes de continuarmos.

Você provavelmente acha que Aled Last e eu vamos nos apaixonar um pelo outro ou coisa assim. Já que ele é um garoto e eu, uma garota.

Só queria dizer que...

Não vamos.

Só isso.

ESTAMOS EM TODOS OS CANTOS

A única pessoa por quem me interessei na vida foi Carys Last. Bem, a menos que você considere as pessoas que eu não conheci na vida real, como Sebastian Stan, Natalie Dormer, Alfie Enoch, Kristen Stewart etc. Não que Carys fosse mais acessível do que qualquer um desses.

Acho que o principal motivo pelo qual me interessei foi porque ela era bonita, e o segundo porque ela era a única garota *queer* que conheci.

O que é meio bobo, quanto mais penso nisso.

— Eu estava conversando com uma menina da Academy, *bem* bonita, e... *espera*. — Carys fez uma pausa e olhou para mim. Isso provavelmente aconteceu dois meses depois de começarmos a nos sentar juntas no trem. Eu me sentia muito estressada em relação a isso todo dia de manhã e toda tarde, porque ela era muito intimidadora e eu sentia medo de dizer algo idiota na frente dela. — Você sabe que sou gay, não sabe?

Eu não sabia.

Ela ergueu as sobrancelhas, provavelmente por causa da minha expressão de choque.

— Ah, pensei que todo mundo soubesse! — Ela apoiou o queixo na mão, o cotovelo na mesa entre nós, e olhou para mim. — Que engraçado.

— Nunca tinha conhecido nenhum gay — falei. — Nem ninguém bissexual.

Quase completei com "além de mim", mas me contive no último segundo.

— Provavelmente conheceu, sim — disse ela —, só não sabia que a pessoa era gay.

Pelo jeito com que disse, parecia que ela tinha conhecido todas as pessoas do mundo.

Ela ajeitou a franja com uma das mãos e disse com uma voz bem assustadora:

— *Estamos em todos os cantos.*

Ri, sem saber o que dizer.

Ela continuou a história a respeito da menina da Academy e como achava que as pessoas costumavam ser mais homofóbicas na Academy por se tratar de uma escola mista e não de uma escola só de meninas, como era a nossa, mas tive dificuldade para me concentrar porque estava tentando assimilar o que ela havia me dito. Demorei um pouco para perceber que meu primeiro sentimento em relação àquilo foi ciúmes. Ela estava vivendo uma experiência clássica de adolescente e eu estava fazendo lição de casa até meia-noite todos os dias.

Eu a odiei por ter tudo resolvido e a admirei por ser perfeita.

Eu era a fim dela e não conseguia evitar, mas não tinha que beijá-la.

Não tinha e não deveria tê-la beijado.

Isso não me impediu de beijar Carys Last em um dia de verão dois anos atrás e de estragar tudo.

DANIEL JUN

Na manhã de minha primeira prova de história, algo bem surpreendente aconteceu.

Daniel Jun veio falar comigo.

Eu estava na maior sala do ensino médio, pretensiosamente chamada de "Centro de Aprendizado Independente", ou CAI, em vez do que realmente era: uma sala de descanso. Eu estava lendo uns mapas mentais que tinha feito na semana anterior, tentando decorar todos os efeitos da Doutrina Truman e do Plano Marshall (coisa nada fácil de se fazer às 8:20), quando ele se aproximou de mim, passando pelas mesas ocupadas por alunos em pânico estudando de última hora.

Daniel realmente achava que era quem mandava na escola, apesar de sermos *dois* representantes, e com frequência fazia textões sobre capitalismo no Facebook.

Eu achava bizarro que alguém tão calmo e gentil como Aled Last pudesse ser amigo de alguém tão horrendo como Daniel Jun.

— Frances — disse ele quando alcançou minha mesa, e eu desviei o olhar dos meus mapas.

— Daniel — falei, obviamente desconfiada.

Ele se apoiou na mesa com uma das mãos, depois de afastar meus mapas para abrir espaço.

— Você tem conversado com o Aled recentemente? — perguntou, passando a outra mão pelos cabelos.

Aquela com certeza não era a pergunta que eu estava esperando.

— Se eu tenho conversado com o Aled recentemente? — repeti.

Daniel ergueu as sobrancelhas.

— Olha, a gente conversa de vez em quando pelo Facebook — falei. — Ele também me ajudou com uma matéria na semana passada.

Era verdade, ainda que "às vezes" significasse todo dia, e "me ajudou com uma matéria" significasse que ele foi à minha casa e ficou duas horas por lá, de madrugada, de pijama, apesar de só termos conversado pessoalmente uma vez.

— Certo — disse Daniel.

Ele assentiu e olhou para baixo, mas não se mexeu. Eu o encarei. Ele olhou para meus mapas.

— O que é isso?

— É um mapa mental, Daniel — falei, tentando não me irritar muito. Não queria ficar de mau humor porque tinha prova de história. Escrever sobre a divisão da Alemanha por duas horas já era bem triste.

— *Ah* — disse ele, olhando para o papel como se fosse um monte de vômito. — Tá.

Suspirei.

— Daniel, preciso muito estudar. Seria ótimo se você fosse embora.

Ele se endireitou.

— Tá, tá — disse, mas não se mexeu. Ficou olhando para a minha cara.

— *O que foi?* — perguntei.

— Você...

Ele parou. Eu fiquei olhando. Uma nova expressão surgiu em seu rosto, e demorei um pouco para perceber que era *preocupação*.

— É só que não o vejo há algum tempo — disse ele, e sua voz pareceu mais suave, diferente de como ele costumava falar.

— E daí?

— Ele disse alguma coisa sobre mim?

Daniel ficou parado, sem se mexer, por mais um segundo.

— Não — falei. — Vocês discutiram?

— Não — disse ele, mas eu não sabia bem se ele estava dizendo a verdade.

Ele se virou para sair, mas parou e se virou para mim de novo.

— Quais são as notas de que você precisa? Para entrar em Cambridge?

— Uma nota A* e duas A — falei. — E você?

— Duas A* e uma A.

— Ah, precisa ser mais alta para exatas?

— Não sei.

Ficamos nos olhando por um momento e ele deu de ombros.

— Bom, tchau — disse, antes de ir embora.

Talvez, se eu soubesse o que sei agora, teria dito algo a Aled. Teria perguntado mais a ele sobre Daniel, sobre a relação deles. Ou talvez não. Não sei. Agora já era.

CHATA

— Frances? Oi?

Olhei para a frente. Maya estava olhando para mim do outro lado da mesa de almoço.

Nossas provas tinham terminado e eu estava na escola de novo. Ou seja, estávamos começando as aulas novas e eu não queria deixar que minha concentração sumisse nem queria perder informações importantes, então achava que não teria muito tempo para ver Aled antes das férias de verão. Mesmo assim, tínhamos combinado de nos encontrar no fim de semana e, para ser sincera, eu estava bem animada.

— Você ouviu? — perguntou Maya.

Eu estava resolvendo umas questões de matemática do livro. Lição de casa que a maioria das pessoas não fazia, mas eu sempre fazia.

— Hum, não — falei, envergonhada.

Meus amigos riram.

— Estávamos pensando em ir ao cinema no sábado — disse outra pessoa. — Você quer ir?

Olhei ao redor procurando Raine, mas ela não estava ali.

— Acho... — Fiz uma pausa. — Tenho muita coisa para fazer. Confirmo depois.

Meus amigos riram de novo.

— Frances sendo Frances — disse uma, de modo brincalhão, mas ainda assim doeu um pouco. — Não se preocupe.

A ironia era que eu, na verdade, não tinha trabalho nenhum pra fazer no fim de semana. Tínhamos acabado as provas e só agora começaríamos as aulas novas.

Era só que eu me encontraria com Aled no fim de semana e, para ser sincera, apesar de estar falando com ele há apenas um mês, na maior parte do tempo no Facebook, eu preferia sair com ele.

Eu me sentia chata com meus amigos da escola. Eu era a Frances da Escola, calada, obcecada por trabalhos e chata.

Eu não era assim quando estava com Aled.

BABAR, O REI DOS ELEFANTES

A próxima vez em que nos vimos pessoalmente depois da sessão de logaritmos da madrugada foi na casa dele, no sábado da semana em que as aulas voltaram. Eu nem me senti nervosa, o que achei um pouco esquisito porque, como disse antes, normalmente eu me sentia nervosa até quando via meus amigos de escola, que dirá um cara que eu conhecia há cerca de quatro semanas.

Parei na frente da porta e conferi se não estava vestindo nada de ridículo por acaso antes de apertar a campainha.

Ele abriu a porta em dois segundos.

— Oi! — disse ele, sorrindo.

Sua aparência estava muito diferente da última vez em que o tinha visto. Seus cabelos estavam mais compridos, cobrindo as orelhas e as sobrancelhas totalmente, e ele não vestia mais o capuz sem combinar com o short — tinha voltado a vestir calça jeans e camiseta. Não pareciam combinar com ele.

— Oi — respondi. Eu meio que queria abraçá-lo, mas senti que podia ser um pouco esquisito.

Apesar de ser amiga da irmã gêmea de Aled por um ano, eu nunca tinha entrado na casa deles. Aled fez um tour comigo. Havia um quadro-negro com a lista de afazeres e uma relação de tarefas na cozinha, flores artificiais em vasos cobrindo os parapeitos e as superfícies, e um labrador velho chamado Brian, que pulou atrás de nós até subirmos as escadas. A mãe de Aled não estava em casa.

O quarto dele, por outro lado, era uma caverna do tesouro. Todos os outros cômodos da casa tinham as cores creme e marrom, mas o quarto dele não tinha nenhuma parede visível devido aos pôsteres, às luzinhas cobrindo o teto e a cama, aos vários vasos de plantas, ao quadro branco todo rabiscado, e a nada menos do

que quatro pufes. O cobertor sobre a cama tinha a estampa de uma cidade iluminada.

Ele parecia bem nervoso por me deixar entrar no quarto. O chão, a escrivaninha e a mesa de cabeceira estavam vazios, como se ele tivesse organizado e escondido as coisas antes de eu chegar. Tentei não ficar olhando por muito tempo para nenhuma parte do quarto e me sentei à mesa, uma opção mais segura do que a cama. Os quartos são janelas para a alma.

Aled se sentou na cama e cruzou as pernas. A cama era de solteiro, menos da metade do tamanho da minha, mas Aled não era muito alto — tínhamos a mesma altura —, então tudo bem.

— Então! — falei. — *Universe City!* Arte! Planejamento! Coisas!

Fui batendo palmas entre cada palavra e Aled sorriu, olhando para baixo.

— Isso...

Nós tínhamos concordado em nos encontrar naquele dia para fazer uma "reunião" sobre o *Universe City*. Usei especificamente a palavra "reunião" quando sugeri que nos encontrássemos. Eu me sentia meio estranha por pedir para que ele me recebesse porque queria vê-lo. Apesar de ser verdade.

Aled abriu o laptop.

— Eu estava analisando seu blog porque há alguns desenhos em especial que pensei que seriam bem legais para os vídeos... tipo, um bom estilo...

Ele digitou no teclado, mas eu não consegui ver a tela. Eu me virei de lado a lado na cadeira. Ele parou, olhou para mim e fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Venha ver.

Fui me sentar na cama.

Analisamos o blog e conversamos um tempo sobre que estilo funcionaria para vídeos de vinte minutos de duração sem que eu tivesse que fazer uma animação de vinte minutos por semana (impossível). Eu comecei a falar sem parar primeiro, mas ele foi ficando mais confiante conforme avançávamos e, no fim, nós dois estávamos falando.

— Mas o lance com desenhar os personagens é que eu acho que a ideia de todo mundo a respeito de como eles são é levemente diferente e sempre haveria gente decepcionada — dizia ele, digitando anotações em seu Evernote. Nós dois

estávamos sentados na cama, recostados na parede. — Tipo Rádio, principalmente... se você tentasse desenhar Rádio, enfrentaríamos todo tipo de perguntas. Por exemplo, se a aparência muda com a voz, se é totalmente andrógino, ou como é a androginia total quando gênero não tem nada a ver com aparência e voz.

— Sim, exatamente, não se pode simplesmente colocar Rádio vestindo, tipo, roupas masculinas com corpo magricela e feminino... essa é uma visão muito estereotipada da androginia.

Ele assentiu.

— As pessoas ainda podem ser agêneras se usarem saias e barba, coisas assim.

— Exatamente.

Aled digitou "Rádio — sem aparência física" depois de um novo pontinho e assentiu, olhando para mim.

— Quer beber alguma coisa?

— Claro, com certeza. O que você tem?

Ele listou as opções, eu escolhi limonada e ele foi pegar as bebidas. Não se esqueceu de fechar o laptop, como se temesse que eu começasse a olhar seu histórico de navegação assim que ele saísse. Não posso julgá-lo. Eu também não confiava em mim.

Fiquei parada por um momento.

Então não consegui mais conter minha curiosidade.

Fui primeiro até a estante acima da cama. De um lado, havia uma coleção de CDs gastos, incluindo todos os álbuns de Kendrick Lamar, o que me surpreendeu, e cinco álbuns diferentes do Radiohead, o que me surpreendeu de novo. De outro lado, vi um monte de cadernos usados e pareceu invasivo demais ver o que tinha dentro deles.

Não havia nada sobre a mesa, mas, depois de analisar mais de perto, vi que havia manchinhas de tinta seca e cola PVA. Não ousei abrir nenhuma das gavetas.

Li alguns dos rabiscos no quadro branco dele. Pouca coisa fazia sentido, mas parecia uma mistura de listas de afazeres e de anotações a respeito de episódios de *Universe City* a serem gravados. "Azul-escuro" estava circulado. Do lado direito, ele tinha escrito "estrelas — brilhando sobre algo, metáfora?". Em outro canto, havia as palavras "JOANA D´ARC".

Fui até o guarda-roupa dele, que estava coberto por pôsteres de filmes, e o abri.

Foi uma atitude extremamente invasiva, mas fui adiante mesmo assim.

Acho que eu queria saber se havia alguém como eu no mundo.

Havia camisetas ali. Um monte delas. Camisetas com bolsos estampados, camisetas com desenhos de animais, camisetas cobertas de skatistas, salgadinhos e estrelas. Havia blusas, enormes blusas de lã com gola larga, gola rulê e golas rasgadas, casaquinhos com remendos no cotovelo, moletons largos, uma estampa de barco, um computador nas costas e uma que trazia a palavra “NÃO” em fonte helvética preta. Havia uma calça, azul-clara, com joaninhas bordadas e um boné de aba larga com o logo da Nasa. Havia uma jaqueta jeans larga com Babar, o Rei dos Elefantes, nas costas.

— Você está... inspecionando minhas roupas?

Eu me virei lentamente e vi Aled de pé na porta, segurando um copo de limonada. Ele parecia surpreso, mas não bravo.

— Por que não usa nenhuma destas? — perguntei, me sentindo quase embasbacada, porque o guarda-roupa dele podia ser o meu.

Ele riu e olhou para as roupas que estava vestindo naquele momento. Jeans azul e camiseta cinza.

— Ah, não sei. Dan... Daniel me acha muito estranho.

Peguei a jaqueta do Babar do armário e a vesti, então me olhei no espelho.

— Esta é, literalmente, a melhor peça de roupa que já vi na vida. Pronto. Você conseguiu. Você tem a melhor peça de roupa do universo inteiro. — Eu me virei para ele e fiz uma pose. — Provavelmente vou roubá-la. Fique sabendo. — Comecei a mexer no guarda-roupa dele. — Isto... parece o meu guarda-roupa. Eu não sabia se você estava brincando quando me contou no Facebook, eu teria usado algo melhor hoje, mas não sabia. Tenho uma legging com estampa de *Monstros S.A.* Pensei em usá-la, mas não sei... Você precisa me contar onde comprou essas calças porque elas são literalmente... Nunca vi algo como elas...

Fiquei falando sem parar e não conseguia me lembrar da última vez em que tinha falado tanto assim com alguém além de minha mãe. Aled olhou para mim. O sol entrava pela janela e iluminava o rosto dele, então não consegui ver sua cara direito.

— Pensei mesmo que você fosse... — disse ele, quando finalmente parei de falar. — Tipo... aquela pessoa calada que se mata de estudar. Não que haja algo de *errado* em ser assim, mas... não sei. Só... achava que você era muito chata. E você não é.

Ele disse isso de modo tão franco que quase corei. Quase.

Ele balançou a cabeça e riu de si.

— Desculpa, isso parecia bem menos cruel na minha mente.

Dei de ombros e voltei a me sentar na cama dele.

— Para ser sincera, também achava que você era chato. Aí descobri que você faz a coisa de que mais gosto no mundo todo.

Ele sorriu, envergonhado.

— *Universe City* é a coisa de que você mais gosta no mundo?

Parei, me perguntando por que tinha dito aquilo. Fiquei me perguntando se era verdade mesmo. Tarde demais para me corrigir.

Ri.

— É.

— Isso... é muito legal de ouvir.

Voltamos a falar sobre *Universe City*, mas logo nos distraímos quando eu comecei a ver o iTunes dele, descobrimos que nós dois gostamos de M.I.A. e começamos a assistir aos shows dela no YouTube, sentados na cama com o cobertor sobre as pernas, bebendo limonada. Acabei recitando a parte toda de rap da música "Bring the Noize" enquanto ele observava bem surpreso. Eu me senti envergonhada até a metade, quando ele começou a mexer a cabeça no ritmo. Depois disso, consideramos voltar a falar de *Universe City*, mas Aled admitiu que estava meio cansado e sugeriu assistir a um filme, então assistimos a *Encontros e desencontros*, porque eu não tinha visto ainda, e Aled acabou dormindo.

Nós nos encontramos de novo no dia seguinte. Pegamos o trem para o centro da cidade para ir ao Creams, um café onde são servidos milk-shakes, com a desculpa de falar sobre *Universe City.* Em vez disso, passamos uma hora falando sobre todos os programas de TV a que assistíamos quando éramos crianças. Nós dois éramos obcecados por Digimon e decidimos assistir ao filme quando chegamos em casa. Eu estava usando a legging com estampa de *Monstros S.A.*, e ele, a jaqueta do Babar.

2. FÉRIAS DE VERÃO

a)

SUA ARTE É MUITO LINDA

— Você fala sozinha? — perguntou Aled. — Em voz alta?

Era fim de julho, as aulas tinham terminado e estávamos no meu quarto. Eu estava no chão, rascunhando ideias para o meu primeiro episódio de *Universe City* no laptop. Sempre levava meu laptop comigo para a casa dele porque Aled tinha uma coisa estranha de não querer que ninguém usasse seu laptop. Ele brincava dizendo achar que sua mãe o vasculhava em segredo enquanto ele estava na escola, e que isso o deixara paranoico. Eu achava bem justo — não ia querer que ninguém visse meu histórico de navegação, nem mesmo o Aled. Algumas coisas realmente precisavam ser mantidas em segredo.

Ele estava sentado na cama, escrevendo o roteiro. O rádio estava ligado e o sol brilhava com um feixe de luz no tapete.

— Hum... às vezes — falei. — Falo. Se não houver ninguém por perto. Acontece por acidente.

Ele não disse nada, então perguntei:

— Por quê?

Ele parou de digitar e olhou para a frente, apoiando o queixo em uma das mãos.

— Eu estava pensando, dia desses... a respeito do fato de eu nunca falar sozinho. Pensei que podia ser normal, mas aí me perguntei se, na realidade, era estranho.

— Eu achava que falar sozinho era esquisito — falei. Minha mãe havia me flagrado fazendo isso várias vezes e riu de mim.

Nós dois nos entreolhamos.

— E aí, quem é o esquisito? — perguntei, sorrindo.

— Não sei — disse ele, dando de ombros. — Às vezes, eu acho que, se ninguém falasse comigo, eu nunca mais falaria.

— Isso parece triste.

Ele hesitou.

— É, sim.

Tudo com Aled era divertido ou bom. Normalmente, as duas coisas. Começamos a perceber que nem sequer importava o que fazíamos juntos, porque sabíamos que, se estivéssemos juntos, nos divertiríamos.

Comecei a me sentir menos envergonhada em relação a todas as coisas esquisitas que fazia, como repentinamente cantar músicas sem nenhum contexto, ou minha base de dados infinita de fatos enciclopédicos aleatórios e aquela vez em que comecei uma conversa por mensagens sobre os motivos pelos quais queijo era comida que durou quatro horas.

Eu implicava com ele por ter cabelos tão compridos até ele dizer, um dia, de um jeito bem claro, que queria usar os cabelos daquele jeito, então parei de perturbá-lo.

Jogávamos videogames ou jogos de tabuleiro, assistíamos a vídeos no YouTube, a filmes ou a programas de TV, assávamos bolos e biscoitos ou pedíamos comida. Só podíamos fazer coisas na casa dele quando a mãe não estava, por isso, na maior parte do tempo, ficávamos na minha casa. Ele aguentava enquanto eu gritava com *Moulin Rouge* e eu aguentava enquanto ele repetia todas as frases de *De volta para o futuro*. Tentei aprender a tocar violão com o violão dele, mas desisti porque era péssima. Ele me ajudou a pintar um mural de uma paisagem noturna da cidade na parede do meu quarto. Assistimos a quatro temporadas de *The Office*. Ficávamos no quarto um do outro com os laptops no colo; caíamos no sono a qualquer hora do dia; eu sempre o convencia de que era uma boa ideia fazer sessões de *Just Dance*; descobrimos que éramos muito apaixonados por Banco Imobiliário. Eu não fazia lição de casa quando estava com ele. Ele não lia nenhum texto da faculdade quando estava comigo.

No centro de tudo isso, estava *Universe City*.

Começamos a rascunhar coisas para a arte do vídeo e a colar todas as nossas ideias na parede do meu quarto, mas havia tantas ideias que demoramos tempo demais para nos decidir em relação a qualquer coisa. Aled havia começado a me

pedir conselhos enquanto planejava episódios futuros e a me dar spoilers, e eu me sentia tão pouco merecedora que quase pedi para ele parar. Quase.

— Acho que isso não está dando certo — falei, depois de termos permanecido em silêncio por um tempo, rascunhando e digitando. Aled olhou para mim e eu me afastei para mostrar o que estava desenhando no Photoshop: uma paisagem da Universe City, com as luzes piscando e as ruas escuras. — Acho que as formas estão erradas. Tudo está pontudo e quadrado demais, está muito bidimensional.

— Hum... — disse ele. Fiquei me perguntando se ele sabia do que eu estava falando. Sempre me via, repentinamente, dizendo coisas que não faziam sentido na frente de Aled, e acho que às vezes ele só fingia entender. — É, talvez.

— Não tenho certeza...

Não terminei a frase.

Tomei uma decisão.

Eu me inclinei para a frente, procurei embaixo da cama e peguei meu caderno de rascunhos. Abri, folheei e encontrei o que estava procurando: outro desenho da cidade, mas, nesse, a cidade parecia totalmente diferente. Era mais como uma vista aérea e os prédios eram curvos e suaves, como se estivessem dançando ao vento.

Eu nunca tinha mostrado meus cadernos de desenho a ninguém até então.

— O que acha de algo assim? — falei, mostrando o desenho a Aled.

Lentamente, ele tirou o caderno de minhas mãos. Olhou para o desenho por um instante e disse:

— Sua arte é muito linda.

Tossi, disfarçando.

— Obrigada — falei.

— Algo assim seria ótimo — disse ele.

— É?

— É.

— Tá.

Aled continuou olhando para o caderno. Passou os polegares pelas bordas e se virou para mim.

— Tudo isso é coisa da *Universe City*?

Hesitei e assenti.

Ele voltou a olhar para o caderno.

— Posso dar uma olhada?

Eu sabia que ele ia pedir e me senti absurdamente nervosa por deixar, mas acabei dizendo:

— Claro que pode!

ANJO

Aled pegou uma gripe alguns dias depois, mas ainda estávamos querendo que meu primeiro episódio fosse lançado no dia 10 de agosto, por isso continuei a visitá-lo enquanto estava doente. Além disso, eu estava começando a me acostumar a vê-lo todos os dias e me sentia meio solitária quando não o via. Nenhum de meus amigos da escola andava falando comigo.

A mãe de Aled parecia nunca estar em casa. Perguntei o motivo e ele disse que ela trabalhava muito. A única coisa que eu sabia era que ela estabelecia horários rígidos para ele voltar para casa — Aled tinha que voltar até as 20:00 toda noite —, mas só.

Uma tarde, deitado na cama embaixo do cobertor com paisagem de cidade, tremendo, ele disse:

— Não entendo por que você não para de vir aqui.

Eu não soube bem se ele estava se referindo a quando estava doente ou de modo geral.

— Somos amigos — falei. — Sei que sou hilária, mas também sou preocupada.

— Mas isso não é divertido para você — disse ele, com uma risada fraca. — Estou doente.

Os cabelos dele estavam oleosos, separados por tufos. Eu estava sentada no chão, totalmente concentrada no sanduíche que preparava para ele com os diversos itens que eu tinha trazido de casa em uma caixa térmica enorme.

— Não sei, eu estaria sozinha se estivesse em casa. É ainda menos divertido.

Ele resmungou e disse:

— Não entendo.

Eu ri:

— Não é isso o que amigos fazem?

Naquele momento, percebi que eu não tinha certeza. Ninguém nunca tinha feito nada parecido por mim antes. Era esquisito? Eu estava ultrapassando uma barreira, invadindo o espaço pessoal dele, sendo muito grudenta?

— Eu... não sei — murmurou.

— Bom, é você quem tem um melhor amigo.

Eu me arrependi assim que terminei de falar, mas nenhum de nós podia negar que era verdade.

— Dan? Ele não me visitaria enquanto eu estivesse doente — disse Aled. — Não tem motivo. Seria entediante.

— Não estou entediada — falei, porque era verdade. — Tenho você com quem conversar. E sanduíches para fazer.

Ele riu de novo e escondeu o rosto embaixo do cobertor.

— Por que você é tão legal comigo?

— Porque sou um anjo.

— É, sim. — Ele esticou o braço e me deu um tapinha na cabeça. — Estou platonicamente apaixonado por você.

— Isso foi literalmente a versão menino-menina de "sem viadagem", mas valorizo o sentimento.

— Pode me dar o sanduíche agora?

— Ainda não. Acho que o equilíbrio entre batatinhas e queijo não está perfeito.

Depois de comer o sanduíche, Aled adormeceu, então eu deixei uma mensagem no quadro branco dele ("FIQUE BEM LOGO"), com um desenho (eu dirigindo uma ambulância), e voltei para casa, percebendo que o xis da questão era que eu não sabia bem como me comportar com amigos.

MUITO BURRA

Só entendi por que Carys queria andar comigo quando percebi que ninguém queria ser amigo dela e, essencialmente, eu era a única opção. Isso me deixou um pouco triste porque eu sabia que, se ela pudesse escolher, provavelmente teria escolhido outra pessoa. Ela só gostava de mim porque eu a ouvia.

Quando mudamos para a Academy depois que a nossa escola pegou fogo, ela começou a falar menos sobre seus amigos de escola. Apesar de ela não me contar o porquê, eu imaginava que era porque não havia o que ser dito, nem ninguém sobre quem conversar.

— Por que você conversa comigo todo dia? — perguntou ela em um dia de primavera no caminho para a escola.

Eu não sabia se devia dizer que era porque *ela* falava *comigo* todos os dias, ou porque eu não tinha ninguém mais com quem conversar, ou porque eu era a fim dela.

— Por que não? — perguntei, sorrindo.

Ela deu de ombros.

— Muitos motivos, na verdade.

— Tipo quais?

— Sou um pouco irritante, não sou? — disse ela. — E muito burra, em comparação a você.

As notas dela eram péssimas, eu sabia disso, mas não achava que isso a tornava inferior a mim. De muitos modos, parecia que ela transcendia a escola: não se importava, não sentia a necessidade de se importar.

— Você não é irritante nem burra — falei.

Eu achava mesmo que a coisa toda se transformaria em um tipo de romance brilhante. Achava que ela despertaria um dia e perceberia que eu estivera ali ao lado dela desde sempre. Pensava que eu a beijaria e que ela perceberia que eu me importava com ela mais do que qualquer outra pessoa no mundo todo.

Iludida. Eu estava iludida. Eu não estava ao lado dela, de jeito nenhum.

— Acho que você se daria bem com meu irmão — disse ela.

— Por quê?

— Vocês dois são legais demais.

Ela olhou primeiro para baixo, então pela janela e o sol iluminou seus olhos.

UNIVERSE CITY: Ep. 15 — m4g14 d4 1nf0rm4t1c4

UniverseCity

84.375 visualizações

Sobre a Importância da Magia nos Canos Sob Nós

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Um pouco da magia da informática. Só precisamos disso, amigos. Quando se vive em uma cidade grande como esta, como mais devemos nos comunicar, além da magia da informática? Os Governantes consertaram toda a tubulação recentemente — uma das poucas boas coisas que eles fizeram por nós. Juro que consigo sentir algo de ruim neles, mas acho que a ignorância é uma bênção.

Tenho contatos em todos os lugares. Mais úteis do que amigos, na verdade. Tenho olhos e ouvidos por todos os lados, vejo e ouço tudo. Estou pronto para o que colocarem no meu caminho. Sei que colocarão algo em meu caminho. Já vi em meus sonhos e em meu espelho da sorte. Consigo ver a dois quilômetros, a dez quilômetros. Está vindo.

Mas tenho a mágica da informática a meu favor. Tenho meus amigos — não, *contatos*. Muito mais valiosos, caro amigo, como disse. Há magia sob nossos pés, não só em nossos olhos.

[...]

VERDADE

— Frances, minha querida, o que está acontecendo?

Minha mãe entrelaçou os dedos e se inclinou para a frente sobre a bancada.

— *O qua?* — perguntei, porque estava com a boca cheia de cereal.

— Você não fez nenhum dever de férias nem se preparou para Cambridge esta semana. — Minha mãe ergueu as sobrancelhas e tentou parecer séria. Não deu certo porque ela estava usando o macacão de unicórnio. — E você está andando com o Aled cerca de 500% mais do que com seus amigos normais.

Engoli em seco.

— É... verdade.

— Você tem deixado os cabelos soltos com mais frequência. Pensei que não gostasse de deixá-los assim.

— Não tenho paciência de prendê-los o tempo todo.

— Pensei que você preferisse assim.

Dei de ombros.

Minha mãe olhou para mim.

Eu olhei para ela.

— Qual é o problema? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Não é problema. Eu só achei estranho.

— Por quê?

— Porque é diferente e incomum.

— E daí?

Minha mãe deu de ombros de novo.

— Não sei.

Eu não tinha pensado nisso, mas minha mãe tinha razão. Nas férias de verão, eu costumava me ocupar fazendo dever de casa, estudando, estagiando ou trabalhando em um emprego terrível nos restaurantes ou nas lojas de roupas da cidade.

Eu não tinha pensado em nenhuma dessas coisas.

— Você não está estressada nem nada assim, não é? — perguntou minha mãe.

— Não — respondi. — Não, não mesmo.

— E é verdade, certo?

— Verdade, sim.

Minha mãe assentiu lentamente e disse:

— Tá bom. Só quis ter certeza. Há algum tempo não vejo a Frances da escola.

— Frances da escola? O que quer dizer?

Ela sorriu.

— Foi algo que você mesma disse há algum tempo. Não se preocupe.

RIR E CORRER

Demorei uma semana em agosto para perceber que Aled estava me impedindo de conversar com sua mãe de propósito.

Eu só sabia algumas coisas sobre Carol Last. Ela era representante do conselho de pais. Era uma rígida mãe solteira. Sempre conversava com a minha mãe quando elas se encontravam no correio do bairro. Quando ela estava em casa, Aled dizia que tínhamos que ir à minha casa ou a outro lugar, porque aparentemente ela não gostava de receber visitas.

Isso parecia ser uma desculpa satisfatória até eu conhecê-la.

Naquele dia em especial, eu estava pensando em ir à casa dele. Tanto eu quanto o Aled dormíamos até tarde, por isso costumávamos nos encontrar às duas da tarde. Desde nossa ida ao Creams, vínhamos usando nossas roupas estranhas: eu com uma coleção grande de leggings de estampa esquisita e jaquetas e blusas grandes demais, e ele com shorts listrados, casacos enormes e camisetas largas, além daqueles sapatos verde-limão. Naquele dia, ele estava usando shorts preto e uma blusa de moletom preta e grande, com "1995" estampado com letras grande e brancas. Os cabelos dele tinham crescido o suficiente para ser repartidos.

Sempre achava que ele era mais estiloso do que eu, mas ele sempre achava que eu era mais estilosa do que ele.

Normalmente, eu teria que bater na porta, mas, naquele dia, ele estava sentado do lado de fora, me esperando. Brian, o labrador idoso de Aled, estava sentado na calçada e trotou na minha direção assim que saí de casa. Brian já me amava, o que era bom para a minha autoestima.

— Oi, oi — falei para Aled enquanto atravessava a rua.

Aled sorriu e se levantou.

— Tudo bem?

Nós só nos abraçávamos na despedida, agora. Acho que era mais especial.

A primeira coisa que eu notei foi que o carro da mãe dele estava na frente da casa. Já sabia o que o Aled diria.

— Pensei que podíamos levar o Brian para dar uma volta — disse ele, puxando as mangas para cobrir as mãos.

Estávamos no meio da rua quando abordei o assunto.

— É esquisito que eu nunca tenha nem sequer falado com sua mãe.

Ele fez uma pausa significativa.

— É? — perguntou, mantendo a cabeça baixa.

— Sim, tipo, nem sequer a vi. Você já falou com a minha mãe muitas vezes. — Imaginei que já éramos próximos o bastante para que eu pudesse fazer uma pergunta constrangedora. Tinha feito isso muito na última semana. — Sua mãe não gosta de mim?

— Como assim?

— Eu já fui umas vinte vezes na sua casa e nunca a vi. — Enfiei as mãos nos bolsos. Aled não disse nada, mas ficou apoiando o peso do corpo em uma das pernas e depois na outra. — Vamos jogar a real. Ela é racista ou algo assim?

— Não, meu Deus, não...

— Certo — falei, esperando que ele continuasse.

Ele parou de andar, boca entreaberta como se estivesse prestes a dizer algo. Mas ele realmente não soube me explicar.

— Ela... ela me odeia ou sei lá? — perguntei, e então ri, pensando que isso suavizaria o tom.

— Não! Não é nada com você, eu juro! — disse ele tão depressa, com os olhos tão arregalados, que eu soube que ele não estava mentindo.

Eu me dei conta de como estava sendo esquisita.

— Tá bem, tá bem. — Dei um passinho para trás, balançando a cabeça no que eu torci para que fosse um gesto casual. — Você não tem que me contar nada se não quiser. Tudo bem. Estou sendo esquisita, mesmo.

Olhei para baixo. Brian estava olhando para mim, então eu me abaixei e acariciei seu pelo.

— Allie?

Aled virou o rosto e eu também olhei. Ali estava ela. Carol Last, inclinada para fora da janela do carro. Eu nem tinha escutado o carro se aproximando.

Ela estava aterrorizante, naquele estilo clássico de mãe branca de classe média. Cabelos curtos e tingidos, corpo meio arredondado, um sorriso que dizia "Quer uma xícara de chá?" e olhos que diziam "Vou incendiar tudo o que você ama".

— Vai sair, querido? — perguntou ela, com as sobrancelhas erguidas.

Aled estava de frente para ela e eu não consegui ver sua expressão.

— É, vou levar o Brian para passear.

Então, o olhar dela me encontrou.

— Tudo bem com você, Frances querida? — Levantou uma das mãos e sorriu. — Faz um tempo que não te vejo.

Eu sabia que nós duas estávamos pensando na Carys.

— Ah, sim, estou muito bem, obrigada — respondi.

— Como foram as provas? Tudo conforme o esperado?

— Espero que sim! — falei, com uma risada forçada.

— Todos esperamos! — Riu. — Aled precisa de umas notas bem altas se quiser entrar na universidade que quer, não é? — falou olhando para Aled. — Mas ele estudou como um doido, então tenho *certeza* de que vai dar tudo certo.

Aled não disse nada.

Carol olhou para mim de novo, esboçando um sorriso.

— Ele tem se esforçado muito. A família toda está orgulhosa. Nós sabíamos que ele seria inteligente desde que era pequenininho. — Riu de novo, olhando para cima como se revivesse uma lembrança. — Ele conseguia ler livros antes mesmo de começar o ensino básico. Tinha uma habilidade natural, o nosso Allie. Nasceu para ser um acadêmico. — Suspirou e se virou para Aled. — Mas todos sabemos que não conseguimos nada na vida se não *nos esforçarmos muito,* não é?

— Mmm — disse Aled.

— Não podemos nos distrair muito, não é?

— Não.

Carol parou e olhou para seu filho por muito tempo. Falou um pouco mais baixo:

— Você não vai demorar muito, não é, Allie? A vovó chega às quatro e você disse que estaria em casa.

— Voltamos antes das quatro — disse Aled. A voz dele ficou estranhamente monótona.

— Então, tudo bem — disse Carol, com uma risadinha. — Não deixe o Brian comer lesmas!

Então, ela partiu.

Aled começou a descer a rua imediatamente. Corri para acompanhar.

Caminhamos em silêncio por um minuto.

Quando chegamos ao fim da rua, eu disse:

— Então... ela me odeia ou não?

Aled chutou uma pedra.

— Ela não te odeia.

Dobramos à esquerda e subimos pelo espaço que separava as casas dos campos e da mata à frente. Brian, conhecendo o caminho, já tinha passado por ali e cheirava a grama um pouco mais adiante.

— Nossa, que alívio! — falei, rindo, mas ainda havia algo.

Continuamos caminhando e entramos na trilha pelo milharal. O milho tinha crescido tanto que não conseguíamos ver sobre ele.

Depois de mais alguns minutos, Aled disse:

— Eu só... não queria que você a conhecesse.

Esperei, mas ele não explicou. Não conseguia, não podia.

— Por quê? Ela parece legal...

— Ah, é, ela *parece* legal — disse Aled, com a voz tomada por uma amargura que eu nunca tinha visto vir dele.

— Ela... não é legal? — perguntei.

Ele não estava olhando para mim.

— Tá *legal.*

— Tá.

— Tá.

— *Aled*.

Parei de andar. Depois de mais alguns passos, ele também parou e se virou. Brian estava em algum ponto à nossa frente, cheirando o milho.

— Se estiver se sentindo mal — falei, repetindo exatamente o que ele tinha dito na noite em que me ensinou toda a matéria de matemática em uma hora —, é sempre bom falar sobre isso.

Ele hesitou e também sorriu, como se não conseguisse se conter.

— Nem sei. Desculpa.

Ele respirou fundo.

— É que eu não gosto nada da minha mãe. Só isso.

De repente, percebi por que ele teve tanta dificuldade para me contar. Porque parece algo muito infantil de se dizer. Uma coisa de adolescente. *Ai, detesto meus pais*, esse tipo de coisa.

— Ela é horrível comigo o tempo todo — disse ele. — Sei que ela pareceu legal ali. Ela... ela só... não costuma agir daquele jeito. — Riu. — Isso tudo parece bem idiota.

— Não parece — falei. — Parece complicado.

— Eu só meio que queria manter você longe dela. — O sol passou atrás de uma nuvem, e eu consegui vê-lo direito de novo. Seus cabelos estavam levantados pelo vento. — Tipo... quando estamos juntos, não tenho que pensar nela nem nas coisas da família... nem nos trabalhos. Consigo só me divertir. Mas se ela te conhecer... os dois mundos se cruzarão. — Ele fez um gesto com as mãos, e então riu de novo, mas foi uma risada triste. — Isso é muito idiota.

— Não é, *não*.

— Eu... — Finalmente, ele olhou em meus olhos. — Eu gosto de andar com você e não quero que nada estrague isso.

Eu não soube o que dizer.

Então, só o abracei.

Ele se retraiu um pouco, como da primeira vez.

— Eu literalmente arrancaria uma perna para impedir que isso seja estragado — falei, com o queixo apoiado no ombro dele. — Não estou brincando. Eu abriria mão de navegar na internet por um ano. Eu queimaria meus DVDs de *Parks and Recreation*.

— Cala a boca. — Riu, mas levantou os braços e me envolveu pela cintura.

— Mas não estou brincando — falei e apertei ainda mais.

Eu não permitiria que nada estragasse nossa amizade. Nem pais horrorosos, nem a escola, nem a distância, nem nada. Parece meio idiota e tola, essa conversa toda. Mas eu... não sei o que é. Não sei por que eu me sentia daquele modo sendo que só o conhecia há dois meses. Seria por gostarmos do mesmo tipo de música? Seria porque nossos estilos eram os mesmos? Seria por não haver silêncios desconfortáveis, nem brigas, por ele me ajudar quando ninguém mais ajudava, e por eu tê-lo ajudado quando o melhor amigo dele estava ocupado? Seria por eu adorar a história que ele escrevia? Porque eu adorava *o Aled*?

Não sei. Não importa.

Ser amiga do Aled fazia com que eu me sentisse como se nunca tivesse tido um amigo de verdade antes.

Meia hora depois, estávamos falando sobre o novo episódio de *Universe City*. Aled não sabia bem se Rádio deveria matar seu novo companheiro, Atlas, ou se Atlas deveria se sacrificar por Rádio. Aled gostava da ideia do sacrifício, mas eu disse que Rádio matá-lo seria mais triste e, por isso, melhor, já que Atlas tinha sido seu companheiro por mais de três meses. Eu estava meio apegada ao Atlas e achava que ele merecia uma boa morte.

— Poderia ser um caso envolvendo zumbis — falei. — Tipo, Rádio ter que matá-lo antes que ele se transforme em um devorador de pessoas faminto. Isso sempre é emocionante.

— Mas é *tão* clichê — disse Aled, passando a mão pelos cabelos. — Precisa ser algo original, caso contrário, não faz sentido.

— Tá, sem zumbis. Dragões. Dragões, em vez de zumbis.

— Rádio tem que matá-lo antes que ele se transforme em um *dragão*.

— Para ser sincera, é meio chocante que você ainda não tenha colocado nenhum dragão na história.

Aled levou a mão ao coração.

— Credo, sua grosseira.

— Dragões são melhores que zumbis, fala sério.

— Mas dragões não são tão tristes quanto zumbis. Atlas poderia muito bem viver uma vida feliz de dragão.

— Talvez ele *devesse* viver uma vida feliz de dragão!

— Então ele *não* morre?

— Não, só se transforma em um dragão e voa para longe. Ainda é triste, mas também esperançoso. Todo mundo adora um fim triste, mas esperançoso.

Aled franziu o cenho.

— Esperançoso... para uma vida feliz de dragão.

— É. Cuidando de uma princesa ou coisa assim. Queimando uns cavaleiros de meia-idade.

— *Universe City* é ambientado nos anos 2500. Estamos nos enfiando em um universo paralelo.

Entramos em um pasto de ovelhas sem notar que o céu tinha se fechado e, quando começou a chover, levantei a mão para ter certeza de que de fato estava acontecendo. Era verão, fazia uns 22°C e, cinco minutos antes, estava ensolarado.

— Nããããããooooo — reclamei.

Eu me virei para Aled. Ele estava estreitando os olhos para olhar para o céu.

— Nossa!

Olhei ao nosso redor. Duzentos metros à frente, havia um arvoredo: um abrigo. Apontei na direção dele e olhei para Aled.

— Está a fim de correr?

— Haha... como é que é?

Eu já tinha começado a correr, partindo em direção às árvores no gramado, com a chuva já pesada o suficiente para meus olhos arderem, Brian trotando ao meu lado. Depois de um instante, ouvi Aled correndo também, olhei para trás e estiquei o braço para ele, gritando:

— Vem!

Ele me acompanhou. Esticou o braço, pegou minha mão e corremos juntos pelo campo na chuva. Ele riu e eu me lembrei de uma risada de criança e desejei que as pessoas sempre pudessem rir e correr daquele jeito.

RÁDIO

Meu primeiro episódio de *Universe City* saiu no sábado, dia 10 de agosto.

Tínhamos combinado que eu faria uma pequena animação para cada episódio, nada muito longo, apenas uma para os vinte minutos. Um gif de quatro segundos, repetindo-se sem parar. O que eu fiz para esse episódio foi a cidade — Universe City — saindo do chão, com estrelas brilhando no céu. Analisando agora, até era bem ruim, mas nós dois adoramos naquele momento, e acho que é o que importa.

Ouvi Aled gravar o episódio na noite anterior. Fiquei surpresa por ele ter permitido. Eu sabia que Aled era mais reservado e calado do que eu, apesar de termos jogado o *Just Dance* do *High School Musical* naquela semana e de "dançar", se é que podemos chamar disso, não parecer algo com que ele ficaria bem. Aled apresentando um episódio do *Universe City* era mais pessoal do que qualquer coisa que eu tinha visto ou ouvido antes, incluindo a vez em que batemos um papo, às 2h da manhã, a respeito do nosso funcionamento intestinal.

Mas estava tudo bem para ele.

Ele apagou a luz do quarto. As luzinhas acima de nós pareciam estrelinhas e as pontas dos cabelos dele estavam acesas, todas em cores diferentes. Ele se encolheu a sua mesa e mexeu por alguns minutos em um microfone bonito, que deve ter custado muita grana. Eu estava em um pufe, com o cobertor dele me envolvendo porque sempre fazia frio dentro da casa. Eu estava cansada, o quarto era azul-escuro e etéreo e eu poderia ter adormecido...

— Olá. Espero que alguém esteja ouvindo...

Ele havia redigido o roteiro no laptop. Repetia frases se as errasse. Enquanto gravava, as ondas de som subiam e desciam na tela do computador. Era como se eu estivesse ouvindo uma pessoa totalmente diferente — não, não diferente, só

mais Aled. Aled 100%. Aled sendo ele mesmo. Eu estava ouvindo o cérebro de Aled.

Eu viajei, como sempre fazia. Eu me perdia na história, esquecia das coisas.

Todo episódio do *Universe City* termina com a apresentação de uma música. A mesma música, toda vez — um rock de trinta segundos que Aled tinha escrito chamado “Não nos resta nada” —, mas uma nova apresentação.

Só percebi que Aled ia apresentá-la quando ele pegou a guitarra e a plugou no amplificador. Baterias e baixo pré-gravados começaram a tocar pelos alto-falantes e, quando ele tocou a guitarra, estava tão alto que levei as mãos às orelhas para tampar os ouvidos. Foi como sempre era, mas muito melhor pessoalmente, como mil guitarras, motosserras e trovões, tudo de uma vez, o baixo fazendo a parede tremer atrás da minha cabeça. Ele começou a cantar daquele jeito meio aos berros e eu poderia ter cantado junto, queria ter cantado junto, mas não cantei porque não queria estragar o momento. Eu já sabia a melodia e a letra.

Não nos resta nada mais
Por que você não ouve?
Por que não está me ouvindo?
Não resta nada.

Quando ele terminou, virou-se na cadeira e disse, com a voz baixa de costume, como se eu tivesse saído de um sonho:

— E aí, qual voz? Alta, baixa ou média?

Eram dez da noite. O teto do quarto dele parecia uma galáxia. Ele me contou que o pintou quando tinha catorze anos.

— Você escolhe — falei.

Ele puxou as mangas para cobrir as mãos. Eu estava começando a entender o que aquilo significava.

Eu disse:

— Hoje é o melhor dia da minha vida inteira.

Ele sorriu.

— Cala a boca. — Virou-se de novo para o laptop, o corpo marcado contra o brilho da tela, e disse: — Acho que a voz média. Gosto mais de Rádio andrógino.

FEBRUARY FRIDAY

Meu Tumblr ganhou mais de mil novos seguidores em um dia. Estava lotado com recados me dizendo o quanto adoravam minha arte e me parabenizando por ter conseguido trabalhar com o programa pelo qual era obcecada. Claro, alguns também diziam o quanto detestavam a arte e me detestavam.

Eu estava em todas as tags de *Universe City* no Tumblr: minha arte, meu blog, meu Twitter, *eu*. Eles ainda não sabiam nada sobre mim, na verdade, e por isso eu me sentia muito grata. O anonimato da internet pode ser algo bom de vez em quando.

Não havia problema em Aled saber que eu era Toulouse, a artista de *Universe City*, mas pensar que outra pessoa poderia descobrir ainda me assustava.

E, claro, quando meu envolvimento com *Universe City* foi revelado, fui bombardeada com tweets e perguntas no Tumblr de pessoas querendo saber quem era o Criador. Eu já esperava isso, mas isso não me impedia de ficar estressada. Não pude postar nada online durante vários dias depois do episódio sem que viesse uma nova avalanche de perguntas a respeito de quem eu era e de quem era o Criador.

Assim que mostrei as mensagens para o Aled, ele entrou em pânico.

Estávamos sentados no sofá da sala da minha casa, assistindo a *A viagem de Chihiro*. Ele leu a mensagem na minha caixa de entrada do Tumblr. Enquanto rolava a página, levou a mão à testa e começou a dizer, baixinho:

— Ai, não, ai, não, meu Deus.

— Está tudo bem, eu não vou sair contando para eles.

— Não podemos deixar que eles descubram.

Eu não sabia muito bem por que Aled queria manter *Universe City* em segredo. Imaginei que fosse apenas porque ele gostava de privacidade, porque não queria seu rosto na internet. Parecia meio invasivo perguntar.

— Tá bom — falei.

— Tenho uma ideia — disse ele.

Ele abriu o Twitter no laptop e digitou um tweet:

RÁDIO @UniverseCity
February Friday — eu ainda acredito, eu ainda ouço.

— February Friday — falei. — Sim, boa ideia.

February Friday, ou a seção "Cartas a February", produz, provavelmente, as maiores teorias da conspiração dentro do fandom de *Universe City*.

A wiki do fandom explicou muito bem.

February Friday e teorias de fandom

Costuma-se acreditar dentro do fandom de Universe City que a série toda é um presente do Criador Anônimo a uma pessoa por quem se apaixonou.

A grande maioria dos primeiros episódios (2011) e cerca de metade dos episódios mais antigos (a partir de 2012) têm um trecho, normalmente ao final do episódio, dirigido a um personagem que não aparece nem tem grande influência na história, February Friday. Nesses segmentos, Rádio Silêncio costuma lamentar a incapacidade de se comunicar com February Friday, usando imagens abstratas e metáforas indetermináveis.

Normalmente, a seção não faz muito sentido, levando o fandom a acreditar que é composta por piadas internas que o Criador Anônimo divide com a pessoa real representada por February Friday. Uma vez que essas seções em nada contribuem com o enredo de Universe City *e não têm enredo sequencial solto, o fandom afirma que devem ter certa importância ao Criador.*

Muitas tentativas foram feitas para determinar o sentido do que se tornou conhecido como Cartas a February, mas todas as tentativas são apenas

suposições e análises objetivas.

Por isso, Rádio escrever no Twitter sobre February Friday obviamente causou um caos no fandom. De modo breve e inconclusivo, mas, mesmo assim, uma *caos* inegável.

Todo mundo se distraiu o suficiente para parar de me mandar mensagens exigindo saber quem eu sou e quem é Rádio.

Desde que conheci Aled, eu vinha pensando muito sobre a conspiração de February Friday: sobre quem February poderia ser, se era uma representação de alguém que ele conhecia. Pensei logo em Carys, mas rejeitei essa ideia, já que as Cartas a February eram tão românticas. Até cheguei a pensar em mim em determinado momento, antes de perceber que Aled não me conhecia quando começou a fazer *Universe City*.

Claro, ser amiga de Aled agora significava que eu tinha a oportunidade de perguntar a respeito de February Friday.

O que eu fiz.

— Então... só por curiosidade... — Rolei no sofá para ficar de frente para ele. — Posso saber o segredo de February Friday?

Aled mordeu o lábio e pensou um pouco.

— Hum... — Ele se virou para ficar de frente para mim também. — Certo, não se ofenda, mas acho que precisa continuar sendo um grande segredo.

Achei aquilo bem justo.

UNIVERSE CITY: Ep. 32 — barulho cósmico

UniverseCity | 110.897 visualizações

Você ainda está ouvindo?

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Acho que agora, February, nós "perdemos contato", como dizem. Não que já tenhamos mantido contato. No fim, ainda estou procurando onde você procurou, andando por onde você andou, estou em sua sombra azul-escura e parece que você nunca se vira para me ver ali.

Às vezes me pergunto se você já explodiu, como uma estrela, e o que estou vendo é você três milhões de anos no passado, e você não está mais aqui. Como podemos estar juntos aqui, agora, sendo que você está tão longe? Quando você está tão no passado? Estou berrando, mas você nunca se vira para me ver. Talvez eu já tenha explodido.

De qualquer modo, vamos trazer coisas lindas ao universo.

[...]

O GRANDE ESQUEMA DAS COISAS

Quinta-feira, 15 de agosto, era o dia dos resultados. Também era o aniversário de dezoito anos de Aled.

Nossa amizade tinha se tornado isto:

(00:00) **Frances Janvier**
FELIZ ANIVERSÁRIO ESPERO QUE VOCÊ ESTEJA EM CLIMA DE FESTA
TE AMO MUITO SEU LINDO
NÃO ACREDITO QUE MEU AMIGUINHO É UM HOMEM AGORA ESTOU CHORANDO

(00:02) **Aled Last**
por que está me atormentando com mensagens vergonhosas dessas

(00:03) **Frances Janvier**
¯_(ツ)_/¯

(00:03) **Aled Last**
nossa
mas obg t amo (✿♥‿♥)

(00:04) **Frances Janvier**
ISSO que mata de vergonha amg

(00:04) **Aled Last**
foi minha vingança

Eu estava muito estressada com o dia dos resultados, porque é o que sempre faço. Também estava estressada porque não tinha visto nem falado com meus amigos de escola em quase três semanas. Se tivesse sorte, poderia entrar, pegar meus resultados e partir antes que alguém pudesse fazer a temida pergunta: “Como foram os resultados?”

— Tenho certeza de que você se saiu bem, France — disse minha mãe, fechando a porta do carro. Tínhamos acabado de chegar à escola e eu estava morrendo de calor com o uniforme da escola. — Ai, meu Deus, desculpa, essa é literalmente a coisa menos útil que eu poderia dizer.

— Bem isso — falei.

Atravessamos o estacionamento até o prédio do ensino médio e subimos a escada. Minha mãe não parava de olhar para mim. Acho que ela queria dizer alguma coisa, mas, sinceramente, não há nada a dizer quando estamos prestes a ler quatro letras que moldam o resto de nossa vida.

A sala estava cheia porque minha mãe e eu estávamos um pouco atrasadas. Professores em mesas entregavam envelopes de papel pardo. Taças de vinho eram oferecidas na mesa dos fundos para os pais. Uma menina da minha sala de história estava chorando a apenas cinco metros de distância, e eu tentei não olhar para ela.

— Vou pegar um pouco de vinho para você — disse minha mãe. Eu me virei para ela, que olhou para mim e falou:

"É só a escola, não é?"

— É *só a escola* — repeti, balançando a cabeça. — Nunca é *só a escola*.

Minha mãe suspirou.

— Mas não importa. No Grande Esquema das Coisas.

— Se você está dizendo — falei, revirando os olhos.

Tirei quatro notas A. É a nota mais alta do meu nível.

Eu esperava estar feliz com isso. Esperava pular de alegria e chorar de felicidade.

Não senti nada disso. Só não era uma decepção.

O dia de meus resultados do décimo ano foi um dia antes de Carys fugir. Era um dia de resultados obviamente importantes para ela, porque é quando os alunos do ano em que ela estava pegam a maioria dos resultados das provas para se candidatarem à faculdade. Eu sabia que ela nunca tirava notas muito boas, mas aquele foi o único dia em que a vi ficar triste por isso.

Eu havia acabado de receber a nota da prova de ciências que tinha feito um ano adiantado, pela qual recebi um A*, e estava saindo daquela mesma sala, o CAI,

com minha mãe, olhando para o pequeno “a*” em letras minúsculas Times New Roman, o primeiro de muitos que viriam. Descemos a escada e estávamos prestes a sair do prédio quando Carys e Carol Last passaram pela porta aberta, seguindo em direção ao estacionamento.

Ouvi as palavras “bem ridícula” e imaginei que tivesse sido a Carol a dizê-las, mas até hoje não tenho certeza.

Carys estava chorando e a mãe dela estava segurando seu braço com tanta força que devia estar doendo.

Bebi o vinho que minha mãe roubou para mim praticamente em um gole só, de frente para a parede para que nenhum dos professores me visse. Então, passamos pela dra. Afolayan, que tentou chamar minha atenção, e saímos da sala, descemos a escada e saímos do prédio, indo em direção à luz do sol. Eu segurava o envelope dos resultados com tanta força que o havia amassado e borrado meu nome.

— Tudo? — perguntou minha mãe. — Você não me parece muito feliz.

Ela estava certa, mas eu não sabia por quê.

— Frances!

Eu me virei, torcendo para não ser nenhum dos meus amigos, mas claro que era. Era Raine Sengupta. Ela estava encostada em um corrimão fora do prédio, conversando com alguém que eu não conhecia. Ela se aproximou de mim. O lado direito de sua cabeça tinha sido raspado recentemente.

— Tudo bem, amiga? — perguntou ela, assentindo para o meu envelope.

Sorri.

— Sim! Sim, quatro notas A.

— Minha nossa, parabéns!

— Obrigada, pois é, estou muito feliz.

— Então você está pronta para ir para a Cambridge?

— É, acho que sim.

— Legal.

Fizemos uma pausa.

— E você? — perguntei.

Raine deu de ombros.

— Dois Cs, um D e um E. Não fui ótima, mas acho que Afolayan vai me deixar voltar. Se eu fizer umas reposições.

— Ah... — não fazia ideia do que dizer, e Raine claramente notou.

Ela riu.

— Está tudo bem. Não faço lição nenhuma e meu trabalho de arte foi uma *merda*.

Nós nos despedimos meio sem jeito e eu e minha mãe fomos embora.

— Quem era aquela? — perguntou minha mãe assim que chegamos ao carro.

— Raine Sengupta?

— Acho que você nunca falou dela.

— Ela é do meu grupo de amigos. Não somos muito próximas.

Meu telefone tocou e era uma mensagem de texto de Aled.

Aled Last
4 A*! tô dentro

Minha mãe abaixou o para-sol diante de seu rosto.

— Está pronta para ir para casa? — perguntou.

— Sim — respondi.

BOTAR MEDO

Havia um grande evento no Facebook para a noite pós-provas que aconteceria na Johnny R's no mesmo dia, para o qual todo mundo do ensino médio tinha sido convidado, mas eu não queria ir. Primeiro, porque todo mundo ia encher a cara, o que eu poderia muito bem fazer sozinha na sala de casa enquanto assistia a vídeos no YouTube, em vez de ter que me preocupar em pegar o último trem ou evitar assédio sexual. Em segundo lugar, eu não andava conversando com meus amigos de escola ultimamente, só com a Raine, e acho que, se estivéssemos no *The Sims*, nossa barra de amizade não mostraria quase nada.

Eu sabia que Aled estava ocupado comemorando o aniversário com Daniel, o que era um pouco esquisito, já que eu achava que eles não andavam muito juntos ultimamente, mas Daniel era o melhor amigo dele da vida toda, então tudo bem. Minha mãe havia comprado champanhe e dito que poderíamos pedir pizza e jogar *Master*. Eu daria o presente de Aled a ele no dia seguinte.

O que eu não estava esperando era Daniel Jun batendo à minha porta às 21:43.

Eu estava bem alegrinha, mas teria rido muito mesmo sóbria. Ele estava usando o uniforme antigo da escola: o que usava antes de ir para a Academy no ensino médio. Teoricamente, era totalmente normal — um blazer e calça pretos, uma gravata simples azul-marinho e um brasão com um "T" dourado —, mas, por causa do surto de crescimento de Daniel no último ano, a calça não passava dos tornozelos e o blazer estava tão apertado e curto que ele estava ridículo.

Ele só ficou parado, de sobrancelhas erguidas, enquanto eu ria sem parar.

— Meu Deus, você parece o Bruno Mars!

Lágrimas se juntavam em meus olhos.

Daniel franziu a testa.

— Bruno Mars tem ascendência porto-riquenha e filipina, não coreana, então isso é muito ofensivo.

— Eu estava me referindo ao comprimento da sua calça. Você vai fazer teste para os *Jersey Boys*?

Ele hesitou.

— Vou. É esse mesmo meu objetivo de vida. Escrevi no meu plano de carreira.

— Seus conhecimentos sobre Bruno Mars são impressionantes, por sinal. — Eu me recostei na porta. — Quer jogar *Master*? Estou no meio de uma partida.

— Bem, por que mais eu estaria aqui, Frances?

Nós nos entreolhamos.

— *Por que* você está aqui? — perguntei. — Não deveria estar com o Aled?

Ele ergueu as sobrancelhas de novo.

— Basicamente, íamos à festa pós-provas na Johnny R's, mas Aled não está muito a fim de ir e disse que seria legal te encontrar no aniversário dele.

— Pensei que vocês dois iam sair.

— Vamos.

— Sem mim.

— Até agora.

— Então, eu estaria meio segurando vela.

Ele riu.

— Pois é, estaria!

Pensei em bater com a porta na cara dele.

— Você vai ou não? — perguntou ele.

— Você vai ser um idiota comigo a noite toda se eu for?

— Provavelmente.

Pelo menos, ele era sincero.

— Então tá. Mas tenho duas perguntas. Primeiro, por que você está usando o uniforme antigo?

— Era o tema da festa na Johnny R's. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Você viu o evento no Facebook, pelo menos?

— Por alto.

— Sei.

— Em segundo lugar, por que o Aled não está aqui?

— Eu falei para ele que ia mijar.

— Ele acha que você está no banheiro agora?

— Isso.

Fiquei olhando para o Daniel. Aquilo era uma ideia totalmente dele. Ele estava fazendo algo *bacana* por alguém. Claro, se fosse fazer algo legal por alguém, esse alguém provavelmente seria Aled, mas *mesmo assim*. Já era... alguma coisa.

— Beleza, então. Legal — falei. — Mas vai ser esquisito, já que você literalmente me detesta.

— Eu não *literalmente te detesto* — disse ele. — Que drama.

Comecei a falar de um jeito todo afetado.

— Ah, desculpa, quero dizer que não *nos damos muito bem, exatamente*.

— Só porque você me bota medo o tempo todo.

— Desculpa, mas é *você* quem *me* bota medo o tempo todo!

Nós ficamos olhando um para o outro.

— Paradoxo do medo — continuei. — Um ciclo de medo. Medo-ception.

— Você vai assim? — perguntou ele.

Olhei para a minha roupa. Eu estava usando um macacão do Batman.

— Sim. Algum problema?

— Muitos — disse ele, virando-se. — Muitos problemas.

Entrei e disse a minha mãe que ia à casa do Aled, e ela disse que tudo bem, já que tinha que assistir a *The Great British Bake Off*, e pediu para que eu não fizesse muito barulho quando entrasse. Peguei minhas chaves da tigela perto da porta, o cartão e o presente do Aled de cima da mesa da cozinha, calcei os sapatos e dei mais uma olhada no espelho da entrada. Minha maquiagem estava uma porcaria e os cabelos tinham começado a se soltar do coque, mas eu não me importei muito com isso. O que íamos fazer, encher a cara na sala de Aled? Era só o que podíamos fazer, aparentemente. Sei lá. Então, é, beber, tá bom, sei lá.

USINA ELÉTRICA

— Não sei se você sabe — falei enquanto descíamos a rua na direção totalmente oposta à da casa de Aled —, mas este não é o caminho para a casa do Aled.

— Você é tão inteligente, até impressiona — disse Daniel. — Você tirou seus quatro As?

— Tirei. E você?

— Também.

— Legal — falei e sacudi a cabeça. — E aí, aonde estamos indo? Não estou vestida para sair.

Daniel andava alguns passos à minha frente. Ele se virou e começou a andar de costas, olhando para mim, com o rosto iluminado pelas lâmpadas dos postes da rua.

— Pensamos em acampar no campo — disse ele.

— É permitido?

— Provavelmente não.

— Ah, você está infringindo a lei! Que orgulho.

Ele só se virou de costas para mim. Hilário.

— Não vi você e o Aled andando juntos nesse verão — comentei.

Ele não olhou para mim.

— E daí?

— Não sei. Você estava viajando?

Ele riu.

— Quem me dera — respondeu.

— Você disse que não tem visto o Aled.

— Quando eu disse isso?

— Hum… — Eu estava com a impressão de que entrava em território perigoso. — Lembra, antes da minha prova de história, você foi conversar comigo…

— Ah. Não, só estamos ocupados. Eu trabalho cerca de cinco dias por semana no Frankie & Benny's, no centro. E você sabe que ele não é muito bom em responder a mensagens.

Ele sempre respondia às minhas mensagens, mas não disse isso ao Daniel.

— Como vocês ficaram tão próximos, afinal? — perguntou ele, franzindo o cenho.

— Eu o salvei de uma casa noturna — falei, e Daniel não disse nada. Desviou o olhar e enfiou as mãos nos bolsos.

O céu ainda não estava preto, só meio azul-escuro e nebuloso, mas dava para ver a lua e algumas estrelas, o que era agradável. Pulamos a cerca para entrar no campo vazio ao lado do vilarejo e eu fiquei surpresa ao notar como era silencioso. Não havia vento, nem carros, *nada*. A impressão que eu tinha era de que não tinha estado em nenhum lugar tão silencioso a vida toda, apesar de eu morar ali, no interior, desde que tinha nascido.

Em um pedaço de terra seca no meio do campo, estava uma fogueira pequena e, ao lado dela, uma barraca grande e, ao lado dela, Aled Last, com o corpo todo iluminado pelo fogo. Ele estava usando o uniforme da escola, que servia bem nele, porque o havia vestido nos últimos dois meses, mas ainda ficava meio esquisito, provavelmente porque eu estava acostumada a vê-lo usando shorts de cores interessantes e blusas largas.

Como era possível que ele tivesse dezoito anos? Como era possível que alguém que eu conhecesse tivesse dezoito anos?

Passei por Daniel com sua calça curta, corri pela grama e caí em cima do Aled.

Uma hora depois, já tínhamos bebido três quartos de uma garrafa de vodca, o que não era bom para mim porque o álcool faz com que eu durma.

Aled tinha aberto seu presente, um rádio em forma de arranha-céu. As janelas piscavam no ritmo do som quando o rádio estava ligado. Ele me disse que aquela era a melhor coisa que ele já tinha visto na vida, o que provavelmente era mentira, mas fiquei feliz por ele ter gostado. Funcionava a pilha, então sintonizei a Rádio 1

ao fundo e um programa com temática eletrônica estava sendo transmitido, com sintetizadores e baixo. As luzes da cidade e da usina elétrica brilhavam ao longe.

Daniel deu uma olhada e disse:

— Meu Jesus do céu. Você sabe sobre o *Universe City*, não sabe?

Daniel Bêbado era mais sarcástico, falava mais palavrões e era mais mandão do que o Daniel Sóbrio, mas, de algum modo, era mais fácil rir dele do que dar na cara dele.

— Hum — falei.

— Hum — disse Aled.

— Não enrolem, eu sei qual é a de vocês. — Daniel jogou a cabeça para trás e riu. — Bom, era só questão de tempo até alguém descobrir. — Ele se inclinou na minha direção. — Há quanto tempo você ouve? Você já ouvia quando eu tocava baixo na música-tema?

Eu ri.

— Você toca baixo?

— Não mais.

Aled interrompeu antes que eu pudesse dizer algo mais. Há meia hora, ele estava balançando um graveto em chamas no ar, fazendo formas com o fogo.

— Ela é a nova artista.

Daniel franziu o cenho.

— Artista?

— É, ela fez o gif do episódio da semana passada.

— Ah. — A voz de Daniel ficou mais baixa. — Não ouvi o da semana passada ainda.

Aled sorriu.

— Você é um fã fajuto.

— Cala a boca, é claro que sou fã.

— Fã fajuto.

— Fui a primeira pessoa a sequer *me inscrever*.

— Fã fajuto.

Daniel jogou um punhado de terra em Aled e Aled riu e se virou para não ser acertado.

A noite toda foi boba assim. Eu não entendia bem por que estávamos juntos. Aled não era da minha turma; ele não frequentava a minha escola. Daniel nem gostava de mim. Que tipo de grupo de amigos é formado por dois meninos e uma menina?

Daniel e Aled começaram a falar sobre suas notas.

— Só estou... muito aliviado — dizia Daniel. — Tipo... entrar em uma boa universidade para estudar biologia... Eu quero isso há uns seis anos. Eu me odiaria se estragasse tudo agora.

— Estou muito feliz por você — disse Aled, que estava deitado de lado, ainda enfiando um graveto no fogo.

— Você deve estar muito feliz por *você*.

— Haha, é, não sei — disse Aled, o que eu não entendia muito bem. Por que ele não ficaria feliz com as notas? — É bom. Só acho que não me importo com nada *tanto* assim.

— Você se importa com *Universe City* — falei.

Aled olhou para mim.

— Ah, é. Tá, verdade.

Eu estava cansada, sentia meus olhos se fechando. Pensei em Carys — tínhamos nos embriagado desse jeito no mesmo dia dois anos atrás, na noite de resultados, naquela festa. Tinha sido uma noite ruim.

Quando exatamente eu ia falar sobre Carys com Aled?

— Bem, vi *muita* gente chorando por causa das notas hoje cedo, então acho que vocês deveriam estar comemorando — disse Daniel. Ele passou as garrafas de vodca e de Coca-Cola a Aled. — Beba, aniversariante.

Eu sabia que chegaria ao nível seguinte de embriaguez logo, no qual eu diria coisas das quais me arrependeria depois. Talvez eu acabasse dormindo antes disso, talvez não. Arranquei um pouco de grama do chão e comecei a jogá-la no fogo.

KANYE NÃO TERIA GOSTADO

Estávamos em um campo, depois não estávamos mais e depois voltamos a ele. Eu tinha conseguido um cobertor e Aled e eu estávamos cantando uma música de Kanye West. Aled sabia a parte toda do rap, mas eu não, então ele fez uma apresentação dramática na frente das estrelas. Estava quente e o céu estava lindo. Kanye não teria gostado.

Estávamos na barraca e Daniel tinha dormido depois de vomitar no mato e de voltar com um arranhão enorme no braço. Aled dizia:

— Por um lado, estou pensando que esse trabalho é importante, tipo... é muito importante que eu receba boas notas e seja aceito, mas, por outro lado, meu cérebro está meio... não sei, não me importo, vai ficar tudo bem no fim ou algo assim. Então estou chegando a um ponto no qual não faço nenhum trabalho se não tiver, só faço as coisas que tenho que fazer, mas não me importo? Não sei, isso não faz o menor sentido...

Por algum motivo, fiquei assentindo, sorrindo e concordando.

— Quem é February Friday? — pergunto a Aled.

— Não sei! — responde ele.

— Mas somos amigos! — digo.

— Isso é irrelevante! — diz ele.

— É alguém por quem você está apaixonado? Como diz o fandom?

Ele ri e não responde.

Estamos no meio do campo vendo quem grita mais.

Tiramos fotos borradas e escuras e postamos no Twitter. Fico me perguntando se é uma boa ideia, apesar de eu saber que ninguém conseguiria ver nosso rosto, mas não consigo fazer nada a respeito.

RÁDIO @UniverseCity
@touloser toulouse espontânea [foto borrada de seu queixo duplo]

toulouse @touloser
@UniverseCity Rádio revelado [foto borrada dos sapatos de Aled]

Estamos deitados na grama.

— Acho que estou ouvindo uma raposa — digo.

— A voz dentro da minha mente é a voz de Rádio — diz Aled.

— Como pode você não estar com frio? — digo.

— Parei de sentir qualquer coisa há muito tempo — diz Aled.

Estamos deitados na barraca.

— Eu costumava ter pesadelos bem pesados chamados terrores noturnos, quando acordamos ainda achando que estamos em um pesadelo — digo.

— Toda noite, sinto dor no peito e tenho certeza de que vou morrer — diz Aled.

— Não acontecem mais na adolescência — digo.

— As dores no peito ou os terrores noturnos? — diz Aled.

Estamos tentando gravar um episódio de *Universe City* há dez minutos, mas a única coisa que aconteceu até aqui é que Aled e eu estamos brincando de pega-pega, o que me faz cair em cima dele de novo (sem querer, dessa vez). Passei vários minutos sendo um personagem que criei na hora e chamei de "Toulouse", como minha identidade na internet, e agora nós três estamos brincando de Eu Nunca.

— Eu nunca... — Aled toca seu queixo. — Eu nunca peidei e culpei outra pessoa.

Daniel resmunga e eu dou risada, e nós dois tomamos um gole de nossa bebida.

— Você nunca fez isso? — pergunto a Aled.

— Não, não sou tão descarado. Assumo a responsabilidade por minhas atitudes.

— Certo. Eu nunca... — Olho para os dois. — Nunca desrespeitei a hora de voltar para casa.

Daniel ri.

— Você é muito fraquinha — diz, tomando um gole da bebida.

Aled olha para mim e diz:

— Então eu também sou fraquinho.

No mesmo instante, Daniel parece se sentir culpado.

— Eu nunca... — Daniel dá um tapinha na garrafa — ... disse que amava alguém sem de fato amar.

Digo um "aaaaahhhh". Aled levanta o copo como se fosse tomar um gole, mas então aparentemente muda de ideia e esfrega os olhos, ou talvez só precisasse esfregar os olhos. Nenhum de nós bebe.

— Tá, eu nunca... — Aled faz uma pausa, e seu olhar perde o foco. — Eu nunca quis fazer faculdade.

Daniel e eu ficamos calados por um tempo, então Daniel ri como se Aled estivesse de brincadeira e Aled ri como se estivesse mesmo de brincadeira, mas não sei o que fazer, porque não parece nem um pouco que Aled está de brincadeira.

Eu cochilo pouco tempo depois na barraca e acordo com Daniel dormindo ao meu lado. Aled não está em lugar nenhum, então saio da barraca e o encontro caminhando em círculos na grama, com o telefone perto da boca, murmurando coisas que não consigo ouvir direito.

Vou até ele e pergunto:

— O que você está dizendo?

Ele olha para a frente e seu corpo todo se retrai.

— Meu Deus, não vi que você estava tão perto.

Nós dois nos esquecemos do que estávamos falando.

Daniel acorda para cantar "Não nos resta nada" com a gente. O vídeo é borrado: nós correndo pela paisagem no escuro, imagens de olhos, de pele. Postamos o episódio no YouTube antes de mudar de ideia.

Daniel e eu estamos deitados, um ao lado do outro, e ele diz:

— Um dia, quando eu tinha cinco anos, uma menina riu do meu nome de verdade, tipo, *o dia todo*. Ela ficou correndo pelo parquinho gritando "DAE-SUNG, DAE-SUNG, DAE-SUNG, DAE-SUNG TEM UM NOME IDIOTA" com uma voz bem idiota e me deixou *muito* triste, tipo, eu comecei a *chorar,* e minha professora teve que chamar minha mãe. Eu ainda estava chorando quando minha mãe foi me buscar. Minha mãe com certeza é a mulher mais doce do mundo, então ela me levou para casa e disse: "O que acha de ganhar um nome inglês de verdade? Moramos na Inglaterra agora e você é um menino inglês." Aquilo me deixou muito feliz na época. Ela pediu para a escola mudar meu nome no registro para Daniel e foi isso.

Concordo com a cabeça.

— Você queria que as pessoas te chamassem de Dae-Sung?

— Queria. Sei que minha mãe teve boa intenção, mas "Daniel" parece uma mentira. Pode ser que eu use meu nome verdadeiro quando entrar na faculdade...

— Às vezes eu queria ter um nome etíope — digo. — Ou outro nome do leste africano... Queria ser mais próxima de minha etnia, na verdade.

Daniel vira o rosto para mim.

— E seus pais? Eles não são...?

— Minha mãe é branca. Meu pai é etíope, mas ele e minha mãe se divorciaram quando eu tinha quatro anos e ele mora na Escócia agora, tem outra família. Ainda conversamos por telefone com frequência, mas eu só o vejo algumas vezes por ano, e quase nunca vejo meus avós, tios, tias e primos daquele lado da família. Eu só queria me sentir mais próxima deles... às vezes eu tenho a impressão de que sou a única pessoa negra que conheço. Tipo... o sobrenome do meu pai é Mengesha. Queria ser Frances Mengesha.

— Frances Mengesha. Parece bom.

— Eu sei.

— Suas iniciais seriam FM. Como rádio FM.

Ainda consigo ouvir a raposa. Parece que alguém está sendo brutalmente assassinado.

Aled se deita ao lado da fogueira e fecha os olhos e Daniel rola, se ajoelha, coloca as mãos espalmadas na grama, uma de cada lado do rosto do Aled, e se inclina

para ele. Aled abre os olhos, mas não estabelece contato visual. Seus olhos se encolhem quando ele ri e rola para o lado, afastando Daniel.

Vou ver a raposa, seguindo em direção ao som, em direção à trilha na mata. Eu imaginaria que sentiria medo ou coisa assim, na mata escura à noite, mas não sinto.

Estou chegando quando uma pessoa começa a caminhar na minha direção, aí eu fico assustada, assustada *demais*, e quase me jogo no chão ou viro e corro, mas ilumino a pessoa com a luz do meu celular e é realmente Carys Last, caminhando no escuro no meio da noite.

— Jesus Cristo — digo.

Não, espere. Não é ela, é só um sonho.

Espera, estou dormindo agora?

— Não é ele — diz Carys. — Sou eu.

Eu não me surpreenderia se fosse Jesus, porque parece que ela saiu do céu, ou talvez seja apenas a luz do meu celular brilhando na pele dela e em seus cabelos platinados.

Eu não estava sonhando. Aquilo realmente aconteceu, dois anos atrás, na noite do dia dos resultados.

Estávamos em uma festa em uma casa. Ela foi para o mato.

Por que estou me lembrando disso agora?

— Você é tipo... uma mulher-raposa? — perguntei a ela.

— Não, só gosto da vida selvagem — disse ela. — À noite.

— Você não deveria andar no escuro à noite.

— Nem você.

— Bom, você me pegou agora.

Talvez não estivesse acontecendo nada.

Estávamos bebendo. Eu, principalmente. Tínhamos ido a várias festas antes daquela. Eu estava me acostumando a ver as pessoas apagando ou simplesmente vomitando em vasos de plantas. Estava me acostumando com o grupo de garotos que sempre se reunia no jardim para fumar maconha porque, bem, não sei ao certo por que eles faziam isso. Eu estava me acostumando com as pessoas que ficavam umas com as outras sem pensar duas vezes, ainda que me desse nojo só de ver.

Voltamos juntas para a festa. Eram duas ou três da madrugada.

Entramos pelo portão dos fundos e passamos por alguns corpos na grama.

Ela estava tão quieta naquela dia. Quieta e triste.

Nós nos sentamos em um sofá na sala. Estava tão escuro que mal conseguíamos nos ver ali.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ela.

Não insisti, mas, depois de um tempo, ela continuou.

— Tenho inveja de você — disse Carys.

— O quê? Por quê?

— Como você simplesmente... *desliza* pela vida? Amigos, escola, família... — Ela balançou a cabeça. — Você desliza pela vida sem errar.

Abri a boca para dizer algo, mas não tive o que dizer.

— Você tem muito mais força do que pensa ter — disse ela. — Mas você desperdiça isso. Só faz o que todo mundo manda.

Eu ainda não sabia do que ela estava falando, então só disse:

— Você é esquisita para alguém de quinze anos.

— Ha. Você parece uma adulta falando.

Franzi o cenho.

— É você quem está se fazendo de superior pra *cacete*.

— Você fica boca-suja quando bebe.

— Sempre sou boca-suja na minha mente.

— Todo mundo é diferente dentro da própria mente.

— Você é muito...

De repente, estamos perto do fogo, e Aled está dormindo ao lado de Daniel na barraca e o tempo vai passando. Como chegamos aqui? Carys está mesmo aqui? À luz dourada do fogo, ela parece demoníaca.

— Por que você é assim? — pergunto a ela.

— Eu quero... — Ela está segurando uma bebida. De onde tirou o copo? Isso não pode estar acontecendo. Não está acontecendo de verdade. — Só quero que alguém me ouça.

Não me lembro quando ela foi embora nem de mais nada que ela disse, exceto dois minutos depois, quando ela se levantou.

— Ninguém me escuta.

MONTE DE COBERTORES

Estávamos deitados no tapete da sala de estar de Aled. A barraca tinha sido uma má ideia — estava frio, ficamos sem água e nenhum de nós queria fazer xixi ao ar livre —, por isso entramos. Acho que entramos. Não me lembro desse momento, só de Aled murmurando algo a respeito de sua mãe ter viajado com a família por uns dias, o que era esquisito, porque, afinal, como uma mãe não passaria o aniversário do filho com ele?

Daniel adormeceu de novo no sofá e Aled e eu nos deitamos no chão. Havia cobertores em cima de nós, todas as luzes estavam apagadas e eu só conseguia ver os olhos claros de Aled, só ouvia um burburinho baixo vindo do rádio arranha-céu. Não conseguia acreditar no quanto eu amava Aled Last, ainda que não fosse da maneira ideal que tornasse socialmente aceitável que morássemos juntos até a morte.

Aled se virou para ficar de frente para mim.

— Você saía muito com a Carys? — perguntou ele, a voz apenas um murmúrio. — Tirando o trem.

Não tínhamos falado sobre a Carys ainda.

— Para falar a verdade, não éramos muito amigas — menti. — Saíamos juntas quando eu estava no primeiro ano, mas não éramos muito amigas.

Aled continuou olhando para mim. Ele remexeu a sobrancelha de leve.

Eu queria perguntar por que ele nunca se sentava com a irmã no trem que nos levava à escola. Queria perguntar se Carys tinha falado sobre mim durante aquele verão em que todos tínhamos quinze anos. Queria perguntar o que ela havia dito quando chegou em casa na noite em que a beijei, se ainda estava brava, se contara

a ele que tinha gritado comigo, se havia dito que me detestava agora, se sempre tinha me detestado.

Queria perguntar se ele tinha notícias dela, mas não consegui, então não o fiz. Queria dizer para ele que ela foi embora por minha causa.

Queria contar para ele que eu já tinha sido a fim da irmã dele e que um dia a beijei quando ela estava triste porque pensei ser a coisa certa a se fazer, apesar de ter sido a coisa errada.

— Sabia... — A voz de Aled falhou e ele ficou sem falar por meio minuto. — Minha mãe não me conta onde ela está. Nem como ela está.

— O quê? Por que não?

— Ela não quer que eu a veja. Minha mãe a *odeia*. Odeia *mesmo*. Não é só reprovação materna nem nada assim. Minha mãe não quer vê-la nunca mais.

— Isso é bem... doido.

— Hum.

Às vezes eu levava um baque com o peso de todas as coisas que não sabia, não só em relação a Carys, mas em relação a tudo, qualquer coisa. Como é ter uma mãe de quem a gente não gosta ou que não gosta da gente? Como é fugir de casa? Não sei, nunca saberei. Sempre vou me sentir péssima por não saber.

— Acho que pode ter sido minha culpa — falei.

— O que foi sua culpa?

— A partida de Carys.

Aled franziu o cenho.

— O quê? Por que você diria isso?

Eu precisava contar para ele.

— Eu a beijei. Acabei com nossa amizade.

Alex hesitou, assustado.

— O que... você...?

Assenti, suspirei e me senti como se tivesse acabado de sair do mar.

— Aquilo... não foi sua culpa — disse ele. — Não foi... — Ele pigarreou. — Não foi sua culpa.

Eu me detestei. Eu me detestei tanto que queria mergulhar no chão e ir para o centro da Terra.

— Não sou sua amiga por causa dela — falei.

— Não pensei isso.

Ele me abraçou nesse momento. Foi um pouco difícil, porque nós dois estávamos deitados no chão, mas basicamente deixamos de ser dois montes de cobertores e passamos a ser um monte gigante de cobertores.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Passei muito tempo sem checar meu telefone.

Então ele disse:

— Você acha que seremos famosos um dia?

— Não sei — respondi. — Acho que não quero ser famosa.

— Deve ser estressante ver pessoas tentando desvendar nossa identidade o tempo todo. O fandom... eles são malucos. Lindos e intensos, mas.... malucos.

Sorri.

— É meio divertido. Parece que fazemos parte de um mistério enorme.

Ele sorriu.

— *Fazemos* parte de um mistério enorme.

— Você quer ser famoso?

— Eu só... quero ser especial.

— Você é especial.

Ele riu e disse:

— Ah, cala a boca.

AZUL-ESCURO

Só me lembro de ter acordado no carpete, morrendo de frio no escuro — devia ser três da madrugada, talvez quatro — com um gosto esquisito na boca, como algum produto que usaríamos na aula de química, com tudo morto ao meu redor, com a poeira flutuando no ar, sem Aled e Daniel.

Precisava muito fazer xixi, por isso deixei o monte de cobertores e saí da sala em direção ao banheiro, mas parei no instante em que ouvi vozes vindas da cozinha.

Eles não me viram na porta porque estava quase totalmente escuro. Mal conseguia vê-los também — eram só manchas iluminadas precariamente pelo luar —, mas não precisava. Estavam sentados à mesa da sala de jantar, Aled encostando a cabeça no braço, Daniel apoiando o queixo em uma das mãos, um olhando para o outro. Daniel tomou um gole de uma garrafa dentro da qual devia haver vinho, não tive certeza.

Eles demoraram para falar.

— É, mas não tem a ver com as pessoas saberem ou não — disse Aled. — Não tem a ver com ninguém, não me importo mesmo com o que os outros vão pensar.

— Está claro que você tem me evitado — disse Daniel. — Mal nos vimos durante todo o verão.

— Você... você andou ocupado. Estava trabalhando...

— Estava, mas eu conseguiria tempo para você se você quisesse. Mas parece que você não quer.

— Quero, sim!

— Então pode me dizer o que está acontecendo? — Daniel parecia incomodado.

A voz de Aled ficou mais baixa.

— Não tem nada acontecendo.

— Se não gosta de mim, é só falar. Não tem motivo para mentir.

— É claro que gosto de você.

— Estou falando em outro sentido.

Aled ergueu a mão e tocou o braço de Daniel, mas, quando respondeu, parecia estar falando sozinho.

— Olha, por que estaríamos assim se eu não gostasse de você em outro sentido?

Daniel se mantinha parado.

— Pois é.

— Pois é.

Acho que foi quando percebi o que estava acontecendo. Segundos antes de acontecer. Lembro que nem fiquei surpresa. Não sei o que senti. Talvez tenha me sentido meio solitária.

Aled levantou a cabeça e os braços. Daniel se acomodou neles e encostou a cabeça no peito de Aled, que o abraçou com força, passando a mão lentamente pelas costas de Daniel. Quando eles terminaram de se abraçar, Aled ficou ali, esperando acontecer. Daniel levantou uma das mãos, passou os dedos pelos cabelos de Aled e disse:

— Você precisa cortar o cabelo.

Então Daniel se inclinou e o beijou. Eu me virei. Não precisava ver mais nada.

Acordei um pouco depois no tapete, congelando de frio no escuro, e Aled respirava como se fosse um astronauta sem oxigênio, sentado ao meu lado com a cabeça inclinada para a frente e o rosto totalmente coberto pelas mãos. Daniel não estava ali. Aled continuou respirando, respirando e com as mãos na cabeça. Eu me sentei, pousei a mão no ombro dele e disse:

— Aled.

Ele não olhou para mim, só continuou tremendo, e de repente eu notei que ele estava *chorando*. Tentei me movimentar para que ele pudesse olhar para mim e repeti:

— Aled.

Nada aconteceu até ele emitir um gemido horroroso. Não foi só um choro, foi pior, era o tipo de choro em que queremos arrancar os olhos e esmurrar uma parede. Eu não aguentei ver, não suporto quando as pessoas choram, muito menos quando choram assim. Eu o abracei e o mantive ali. O corpo inteiro dele tremia e eu não sabia mais o que fazer, então só fiquei ali e perguntei:

— O que foi?

Perguntei bilhões de vezes, mas ele continuou balançando a cabeça e eu não sabia o que aquilo significava. Quando consegui fazer com que ele se deitasse e perguntei de novo, ele disse:

— Desculpe... Desculpe...

Minutos depois, acrescentou:

— Não quero fazer faculdade.

Acho que ele ainda estava chorando quando eu adormeci.

Quando acordei de novo, Daniel estava no sofá, dentro do saco de dormir, como se estivesse acampando sob as estrelas.

Percebi, de repente, que Daniel era February Friday.

Claro que sim. Romance secreto, melhor amigo de infância... dava para ser mais romântico do que isso? Não que eu entendesse dessas coisas. Pensei que ficaria feliz por finalmente saber, mas não senti nada. Olhei para o teto, meio esperando encontrar umas estrelas ali, mas não havia nada.

Senti muita vontade de fazer xixi de novo, então me sentei e olhei para Aled, que estava dormindo de novo, deitado ao meu lado no chão, com a cabeça virada para mim, uma das mãos embaixo do rosto. Estreitei os olhos e achei a pele sob os olhos dele meio arroxeada, o que era esquisito, mas pensei que podia ser a luz, que parecia estar presa em um estado azul-escuro permanentemente.

2. FÉRIAS DE VERÃO

b)

O PIOR EPISÓDIO

Eu já tinha acordado muitas vezes enquanto dormia na casa de alguém, mas nunca com uma pessoa me abraçando, que era o que Aled estava fazendo quando acordei às 11:34 da manhã seguinte com a sensação de que fogos de artifício estouravam dentro da minha cabeça.

Não me lembrava de muita coisa, mas sim de que Aled e Daniel estavam ficando, de que Daniel era February Friday, de que Aled tinha começado a chorar sem motivo e de que tínhamos gravado e postado, bêbados, um episódio de *Universe City*.

Parecia que alguma coisa ruim tinha acontecido, ainda que tudo estivesse igual.

Quando voltei para a sala com uma tigela de cereal, Aled e Daniel estavam sentados lado a lado no chão. Fiquei me perguntando se eles poderiam ter discutido na noite passada, o que explicaria o choro repentino de Aled, mas eles estavam quase encostados um no outro, vendo um vídeo no telefone de Aled. Demorei um pouco para entender o que era.

Eu me sentei ao lado deles e observei em silêncio.

Quando terminou, Daniel disse:

— Nossa, que coisa vergonhosa.

Aled disse:

— É o pior episódio que já fizemos.

Eu disse:

— Vejam as visualizações.

As visualizações, que normalmente eram de cinco ou seis mil para cada episódio novo, tinham sido 30.327.

5 COISAS ESTRANHAS COM AS QUAIS SOU OBCECADO

Um YouTuber famoso tinha promovido *Universe City* em seu canal. O vídeo se chamava "5 COISAS ESTRANHAS COM AS QUAIS SOU OBCECADO" e, além de um cofre em formato de porquinho vestindo um tutu, um app de Doge, um jogo chamado *Can Your Pet?* e um telefone em formato de hambúrguer, o YouTuber falava sobre como gostava de um podcast esquisito e pouco valorizado chamado *Universe City*.

O canal tinha mais de três milhões de inscritos. O vídeo, quatro horas depois de postado, tinha 300 mil visualizações, e continha um link para o episódio do *Universe City* na descrição.

Demorei dois minutos no Tumblr para descobrir que isso tinha acontecido e, ainda sentados no tapete, Aled, Daniel e eu assistimos ao vídeo no telefone de Aled.

"Por último, queria falar sobre um canal *bizarro* pelo qual sou maluco...", disse o YouTuber, levantando uma das mãos. Uma imagem do logo do *Universe City* apareceu na tela. "*Universe City*. É um podcast sobre um estudante que envia mensagens com pedidos de socorro de uma universidade futurista dentro da qual está preso. O que eu adoro é que ninguém sabe quem faz o programa e tem um monte de teorias conspiratórias malucas a respeito dele, tipo as pessoas se questionando se os personagens são mesmo pessoas reais na vida real. Só pensei em acrescentar o podcast neste vídeo um pouco antes de gravá-lo porque o criador do programa postou um novo episódio há cerca de meia hora — provavelmente há algumas horas, para quem estiver assistindo a este vídeo — e alcançou um nível totalmente novo de esquisitice. Mal dá para entender o que está

rolando: uma hora a gente ouve sons esquisitos e gritos, depois ouvimos pessoas brincando de Eu Nunca, e o personagem principal, Rádio Silêncio, está surtando... é *tão* esquisito e eu adoro simplesmente não ter ideia do que está acontecendo na maior parte do tempo. Uma vez, fiquei acordado até as seis da manhã lendo a respeito de todos os mistérios e conspirações no programa. Se você gosta das minhas histórias esquisitas nesse canal, *precisa* conferir. Vou deixar um link na descrição!"

— Isso é muito surreal — disse Aled.

— É — falei. Eu assistia aos vídeos daquele YouTuber desde os meus catorze anos.

— Queria que ele tivesse postado o link para o primeiro episódio — disse Aled. — Eu ia apagar este episódio.

Franzi a testa.

— Você quer apagar o episódio?

— Quero. Está ridículo e uma porcaria. — Ele fez uma pausa. — E nem foi postado numa sexta-feira. Sempre posto às sextas.

— Bom, pelo menos atraiu mais gente para o programa. É bom!

— Hum — disse ele. Resmungou de novo e apoiou a cabeça na mão. — Por que eu postei isso?

Daniel e eu não dissemos nada. Acho que não sabíamos o que dizer. Pensei que deveríamos ficar felizes em relação a isso, mas talvez fosse errado. Aled não parecia feliz. Ele se levantou e disse que prepararia uma torrada e Daniel e eu nos entreolhamos. Daniel se levantou e foi atrás dele e eu fiquei ali, assistindo ao episódio de novo.

UNIVERSE CITY: Ep. 126 — escola fantasma

UniverseCity

598.230 visualizações

??? quê

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Você se lembra de como os coelhos nos olhavam quando descemos a rua? Com inveja, talvez, ou assustados. Eu estava sempre atrás dela esperando o vidro descer. O nome em latim da raposa é *Vulpes vulpes*. Você sempre gostou do nome. Esses problemas da escola fantasma me irritam. “Problemas” parece ser pouco. Você vai fumar seus cigarrinhos enquanto se inclina para fora da janela sob as estrelas? Você sempre teve coragem suficiente para arder no Fogo. Queria saber se você se arrepende de sua obsessão com Bukowski. Eu me arrependo e nem era eu quem tinha a obsessão. Pelo menos, você era despreocupada o suficiente para dizer que tinha obsessão por algo. Só digo coisas horrorosas porque sinto culpa. Não quero ter nada a ver com isso, detesto quando me dizem o que tenho que fazer. Por que preciso ir só porque todo mundo está mandando? Minha m-mãe? Ninguém poderia tomar decisões por mim. Estou aqui agora, estou esperando e vai acontecer. Havia escolha, por acaso? Parece que eu me importo com a escola, por acaso? Não me lembro de quando aconteceu. Não me lembro de nada que tenha feito, nem do porquê. Tudo é muito confuso. Tudo fica melhor sob as estrelas, acho. Se tiver outra vida depois da morte, te encontro lá, colega...

[...]

VAI DORMIR

Sexta-feira, 16 de agosto

(21:39) **Aled Last**
frances temos 50.270 agora
socorro

(23:40) **Frances Janvier**
É... caramba aquele youtuber tem muita influência
Bem impressionante

(23:46) **Aled Last**
de todos os episódios que poderiam ter viralizado...
tinha que ser bem esse, né?
kkk ótimo

(23:50) **Frances Janvier**
Ah cara... Que pena
Dá para apagá-lo, né? É seu programa, você tem controle

(23:52) **Aled Last**
não posso perder isso
já me deu mais de 3 mil novos inscritos

(23:53) **Frances Janvier**
Sério mesmo???

(23:54) **Aled Last**
pois é
muitos comentários do youtube dizem que eles gostaram muito de Toulouse

(23:55) **Frances Janvier**
Sério??? Mas eu estava péssima meu deus

(23:55) **Aled Last**

sinceramente, há muito tempo não recebo uma reação tão positiva assim para um parceiro
quer participar do próximo?

(23:56) **Frances Janvier**
SIM certeza???

(23:57) **Aled Last**
eu não teria perguntado se não tivesse certeza haha

(23:58) **Frances Janvier**
<3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3 <3

Terça-feira, 20 de agosto

(11:20) **Aled Last**
CINQUENTA MIL INSCRITOS isso pede uma ida à pizza hut. você tem grana?

(11:34) **Frances Janvier**
PARABENS CARA tenho, a gente se encontra em cinco minutos

Quarta-feira, 21 de agosto

(02:17) **Aled Last**
ei, você quer cantar não nos resta nada quando gravarmos amanhã?
sozinha

(02:32) **Frances Janvier**
Sozinha!???!?????
Você sabe que não canto nada, certo?
Sou totalmente desafinada

(02:34) **Aled Last**
certo, isso vai tornar as coisas mais interessantes

Sexta-feira, 30 de agosto

(04:33) **Aled Last**
SETENTA E CINCO MIL INSCRITOS
COMO
POR QUÊ
LITERALMENTE FICAMOS BÊBADOS E RESMUNGAMOS PARA UMA CÂMERA

(10:45) **Frances Janvier**
TÔ INDO NA SUA CASA AGORA
cara, você tá dormindo, né

Levanta ou vou ficar tocando a campainha sem parar

(11:03) **Aled Last**
pare de tocar a campainha pfv

Domingo, 1º de setembro

(00:34) **Frances Janvier**
Não quero ir à escola amanhã
Posso ir para a faculdade com você?

(00:35) **Aled Last**
não
vai dormir

(00:36) **Frances Janvier**
Tá na cara que você não me conhece

(00:37) **Aled Last**
precisa parar de ir para a cama às 4h agora que o verão acabou

(00:37) **Frances Janvier**
☹

(00:38) **Aled Last**
quer que eu cante uma canção de ninar para você?

(00:38) **Frances Janvier**
Sim, pfv

(00:39) **Aled Last**
vá dormiiiiiiiiiir
vá dormiiiiiiiiiir
vá dormiiiiiiiiiir pequena frances
é só isso

(00:41) **Frances Janvier**
Que lindo, vou me lembrar desse momento para sempre

(00:42) **Aled Last**
cala a boca e vai dormir

3. TRIMESTRE DE OUTONO

a)

ALUNOS CONFUSOS DE TERNO

— Não acredito que não vejo você há *dois meses*! — disse uma de minhas amigas no primeiro dia do trimestre do outono.

Estávamos de volta à mesa do almoço, agora todos alunos do último ano, nos sentindo menos como alunos confusos de terno e mais como veteranos velhos do sistema de educação.

— O que você tem feito? — perguntou ela.

Também não conseguia acreditar. Só percebi que já fazia tudo isso quando cheguei à escola no primeiro dia da volta e três das minhas amigas tinham mudado a cor dos cabelos e uma estava tão bronzeada que quase chegara à minha cor.

— Ah... nada de mais! — falei, sem querer. Nada de mais. Até parece.

Ela esperou que eu dissesse mais alguma coisa, mas eu não sabia o que era. O que eu falava ano passado quando estava com meus amigos da escola? Falava alguma coisa? Ou nada?

— Oi, Frances — disse outra amiga. — Você não estava com Aled Last nas férias?

— Quem é Aled Last? — perguntou a primeira amiga.

— Acho que ele é amigo de Daniel Jun, estudava na escola dos meninos.

— E Frances está saindo com ele?

As amigas olharam para mim e esperaram.

— Hum... não — falei, e ri com nervosismo. — Somos só amigos.

Nenhuma delas acreditou em mim. Olhei ao redor à procura de Raine, mas ela não estava ali.

— O que você fazia com ele, então? — perguntou uma amiga, sorrindo.

Aled havia me dito, semanas atrás, que ninguém podia saber que ele fazia *Universe City*. Ele disse isso com muita veemência, na verdade, com um certo pânico no olhar, um contraste a seu ar inquieto. Segundo ele, se alguém soubesse, o conceito, o mistério e a intriga do programa acabariam arruinados. Então, ele riu e brincou dizendo que não queria que a mãe dele descobrisse, porque seria vergonhoso e ele se sentiria esquisito se soubesse que ela estaria ouvindo.

Dei de ombros.

— Só passamos tempo juntos! Moramos na mesma rua...

Eu sabia que não parecia convincente e elas sabiam que não parecia convincente, mas aceitaram mesmo assim. Começaram a falar de outras coisas e fiquei em silêncio porque não tinha nada com que contribuir, o que não era nada incomum perto de minhas amigas da escola, mas foi estranho, porque eu tinha me esquecido de que costumava me comportar assim.

TOULOSER

— Eu me sentia tão confuso a respeito de como as amizades eram nessa altura do campeonato que simplesmente aceitei que não tinha amizades verdadeiras, colega — disse Aled no microfone com sua voz de Rádio, e olhou para mim e me deu um tapinha na mão porque não li minha fala. — É sua vez.

Estávamos gravando o episódio de meados de setembro em uma quinta-feira à noite, duas semanas depois da volta às aulas. O quarto de Aled estava escuro, com exceção do brilho da tela do laptop e das luzinhas ao redor da cama. Eu não estava prestando atenção porque andava olhando para o meu telefone. Estava olhando para o meu telefone porque tinha acabado de receber um e-mail me avisando que alguém tinha enviado uma mensagem anônima pelo Tumblr. A mensagem anônima no Tumblr dizia o seguinte:

Anônimo disse:
seu nome verdadeiro é frances janvier?

Fiquei olhando. Aled olhou também. Meu telefone vibrou quando um segundo e-mail chegou.

Anônimo disse:
Oi, não sei se você viu, mas um monte de gente na tag de *Universe City* no Tumblr está dizendo que você é uma garota chamada Frances. Não se sinta pressionada a dizer algo sobre isso, mas pensei que você deveria ser avisada

— Merda — disse Aled, que raramente falava palavrão.

— Pois é — concordei.

Sem dizer nada, Aled abriu uma aba na internet e entrou direto no Tumblr. Ele tinha uma conta, mas nunca postava nada, só a usava para espiar o fandom.

O post principal da tag de *Universe City* no Tumblr, com mais de cinco mil comentários, era um post comprido dedicado a me identificar como a voz de Toulouse, a artista do programa, e a dona do blog touloser, conhecida online apenas como "Toulouse".

Alguém — talvez da escola ou da cidade, não sei — havia feito um post no Tumblr comparando um vídeo meu apresentando um discurso para os representantes dos pais em um evento (divulgado no site da escola) com minha voz nos últimos episódios e algumas capturas de tela borradas do episódio da escola fantasma.

Por baixo das provas, a pessoa tinha escrito:

> MINHA NOSSA! Você acha que a Toulouse é essa tal de "Frances Janvier"!!?? Elas se parecem e as vozes são as mesmas! Kkkk! XD @touloser @touloser @touloser

O "XD" me fez ranger os dentes.

— Eles estão literalmente a um passo de me encontrar — disse Aled.

Olhei na direção dele e vi que estava mexendo nas mangas da blusa.

— O que você quer que eu faça? — perguntei com sinceridade. — O que devemos fazer? Eles provavelmente me respeitariam se eu pedisse para que não procurassem você.

— Não vai impedi-los — disse ele e esfregou a testa.

— Eu poderia negar...

— Não vão acreditar em você — resmungou. — Tudo isso por causa daquele episódio idiota... como sou imbecil...

Eu me remexi na cadeira.

— Bom... quero dizer, não é sua culpa, mas se eles descobrirem que é você... não vai ser um *desastre*, né? Sei lá, provavelmente vai acabar acontecendo em algum momento, principalmente se você continuar ganhando inscritos...

— *Não*, seria um mistério para sempre! É o que torna o programa tão bom! — Aled balançou a cabeça, com os olhos fora de foco encarando a tela a sua frente. — É o que torna especial... é tão... está tudo ali, é só... uma coisa meio etérea, uma bola mágica e especial de felicidade pairando no ar acima da cabeça de todos, que ninguém consegue tocar. É só minha e ninguém pode interferir, nem o fandom, nem minha mãe, *ninguém*.

Eu me senti perdendo o fio da meada do que ele estava dizendo, então não respondi. Olhei meus e-mails de novo e encontrei dez novas mensagens.

Fui em frente e fiz um post de qualquer modo.

touloser

é, vocês acertaram kkkk

então, nos últimos dois anos no tumblr, vocês me conhecem como toulouse ou touloser, e tenho certeza de que vocês adivinharam ser um nome falso. eu me mantive no anonimato porque ninguém sabia que eu fazia esses desenhos ou estava tão vergonhosamente obcecada com esse canal lindo do youtube.

acho que subestimei a capacidade que as pessoas têm de relacionar vozes e rostos, e correram muitos boatos a meu respeito por aí nas últimas duas semanas.

então, sim, meu nome real é Frances Janvier, e sou a artista do universe city e a voz de toulouse. eu era só uma grande fã do programa, e agora, de repente, estou ajudando a fazer o programa, o que é esquisito, mas é isso.

não, não vou contar quem é o Rádio. por favor, parem de perguntar. também seria legal se vocês pudessem parar de me stalkear.

certo. tchau.

#universe city #Rádio Silêncio #universe citizens #kkk por favor parem de mandar as mesmas perguntas #valeu #vou voltar a desenhar agora

A essa altura, eu já tinha cerca de quatro mil seguidores no Tumblr.

Até o fim de semana, eram 25 mil.

Até a segunda-feira seguinte, cinco pessoas diferentes me abordaram na escola para perguntar se eu era a voz da Toulouse de *Universe City* e, claro, eu tive que dizer que era.

Uma semana depois, todo mundo na escola sabia que eu, Frances Janvier, a representante de turma chata e extremamente estudiosa, estava fazendo algo esquisito no YouTube, em segredo. Ou não mais em segredo, acho.

SER ARTÍSTICO ERA DECEPCIONANTE?

— Você provavelmente está ciente do motivo pelo qual eu precisava conversar com você, Frances.

Eu estava sentada no escritório da dra. Afolayan na terceira semana de setembro, em uma cadeira posicionada de um jeito torto na lateral da sala, por isso tive que virar a cabeça para olhar para ela. Eu não fazia ideia do motivo pelo qual ela queria falar comigo, e talvez por isso tenha me sentido tão chocada quando recebi um bilhete me chamando para ir à sala dela no intervalo.

Afolayan era uma diretora muito boa, não vou mentir. Era conhecida, principalmente, pelo discurso que fazia anualmente contando que tinha deixado um pequeno vilarejo na Nigéria e conseguido o doutorado na Universidade de Oxford. Ela expunha o diploma de doutora na parede do escritório em uma moldura de madeira para lembrar a todos que entravam ali que é inaceitável ter mau rendimento.

Para ser sincera, nunca gostei muito dela.

Ela cruzou as pernas e entrelaçou os dedos sobre a mesa. Lançou a mim um sorrisinho de decepção.

— É... não estou — falei com um sorrisinho vago no fim, como se isso fosse melhorar as coisas.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Certo.

Fizemos uma pausa quando ela se recostou na cadeira e uniu as mãos sobre uma das pernas dobradas.

— Parece que você está envolvida em um vídeo que viralizou na internet que passa uma imagem muito ruim do que fazemos aqui na Academy.

Ah.

— Ah — falei.

— É, é um vídeo muito divertido — disse ela, sem qualquer expressão. — E tem muita... "propaganda".

Não sei bem que cara eu estava fazendo naquele momento.

— Ele chamou muita atenção, não é? — continuou. — Quase 200 mil visualizações agora? Alguns pais têm feito perguntas.

— Ah. Quem... quem contou a vocês?

— Ouvi um aluno contar.

— Ah — repeti.

— Então, eu estava querendo saber, realmente, por que você postaria algo como aquilo. Suas opiniões são as mesmas do... — ela olhou para uma anotação em um Post-it —... *Universe City*? Acha que devemos abolir o sistema escolar para viver no mato e aprender a fazer fogo? Comprar comida permutando galinhas e cultivar nossos legumes? Pôr fim ao capitalismo?

Havia muitos motivos pelos quais eu não gostava da dra. Afolayan. Ela era desnecessariamente grosseira com os alunos e acreditava piamente nas "ferramentas do pensamento". Apesar disso, eu não conseguia me lembrar da última vez em que havia desprezado alguém tanto quanto a desprezava naquele momento. Se tem uma coisa que detesto muito é quando alguém tenta ser superior a mim.

— Não — falei, porque se tivesse tentado dizer outra coisa, teria começado a gritar ou a chorar.

— Então por que você postou o vídeo?

Eu estava bêbada.

— Achei que ficou artístico — falei.

— *Certo*. — Ela sorriu. — Bem, isso... bem, tenho que dizer que é muito decepcionante. Esperava mais.

Ser artística era decepcionante? Eu estava perdendo o foco da conversa. Estava me esforçando bastante para não chorar.

— É — falei.

Ela olhou para mim.

— Vou ter que tirar você do posto de representante de turma, Frances — disse ela.

— Ah — falei, mas já imaginava que aconteceria, imaginava desde o começo.

— Você simplesmente não tem apresentado uma boa imagem para a escola. Precisamos de representantes que realmente *acreditem* na escola e que *se importem* com seu sucesso, o que, claramente, não é seu caso.

Eu me cansei.

— Acho isso um pouco injusto — falei. — O vídeo obviamente foi um erro, e sinto muito por isso, mas, para ser sincera, a senhora só sabe que participei dele porque alguém contou, nem sequer estava ligado a uma conta que pertença a mim, e a senhora está apenas imaginando que eu compartilho das mesmas ideias. Além disso, o que eu faço fora da escola não deveria afetar meu papel de representante, de qualquer modo.

A expressão de Afolayan mudou assim que comecei a falar. Ela parecia *brava*.

— Se as coisas que você faz fora da escola afetam a escola, então afetam seu papel de representante — disse ela. — O vídeo viralizou entre muitos de nossos alunos.

— Então eu devo basear minha vida e tudo o que eu faço no fato de eu ser representante e de alguém ver, por acidente, o que estou fazendo?

— Acho que você está sendo muito imatura.

Parei de falar. Não tinha motivo para tentar argumentar. Ela nem sequer ouviria o que eu tinha a dizer.

Eles nunca ouvem, não é? Nunca nem sequer *tentam* ouvir.

— Está bem — eu disse.

— Não foi um começo muito bom para o último ano, não é?

Ela ergueu as sobrancelhas de novo e esboçou um sorrisinho de pena como se dissesse "Você deveria sair agora antes que eu tenha que pedir para que saia".

— Obrigada — falei, mas não sei por quê, já que não tinha nada a agradecer. Saí de minha cadeira e caminhei em direção à porta.

— Ah, vou precisar de seu crachá de representante de volta — disse Afolayan. Eu me virei e ela estava estendendo a mão.

— Meu Deus, Frances! O que aconteceu? Você está bem?

Só uma de minhas amigas, Maya, estava sentada à nossa mesa quando cheguei ali. Eu estava chorando, o que era constrangedor. Não estava chorando alto nem nada, mas meus olhos estavam marejados e eu tinha que secá-los o tempo todo para que o rímel não escorresse.

Expliquei para ela o que tinha acontecido. Maya parecia meio desconfortável em relação ao fato de eu estar chorando. Nenhuma delas já tinha me visto chorar.

— Tudo bem... não vai afetar nada, de fato, né? — Maya riu de um jeito esquisito. — Sei lá, pelo menos você não vai ter que fazer aqueles discursos nem eventos!

— Afeta minha candidatura à faculdade... tipo, um parágrafo todo de minha carta de apresentação era sobre meu papel como representante. Era, literalmente, o único motivo pelo qual eu quis ser representante, pra começo de conversa, algo que eu podia dizer que eu fazia... Não tenho nenhum outro passatempo nem... Cambridge espera ver o aluno em algum tipo de... em algum tipo de papel de liderança...

Maya ouviu e fez cara de solidária, passou a mão em minhas costas e tentou ser solícita, mas percebi que ela não entendia. Eu disse que ia ao banheiro para ajeitar a maquiagem, mas acabei entrando em um dos reservados para tentar me acalmar, me odiando por ter chorado na frente dos outros e, acima de tudo, por deixar que outras pessoas me fizessem chorar.

RAINE

— Então, Frances — disse uma menina que eu conheci na aula de história, Jess, inclinando-se sobre a cadeira para conversar comigo de uma outra mesa —, se você é a Toulouse de *Universe City*, quem faz a voz de Rádio Silêncio? É o seu amigo Aled?

Era a quarta semana de setembro. Uma quarta-feira. Aled partiria para a universidade em três dias.

Todo mundo do último ano tinha sido forçado a passar o primeiro tempo no CAI para escrever as cartas de apresentação para a candidatura à universidade, mas ninguém estava se esforçando. Minha carta de apresentação estava muito boa, e quando digo "muito boa", quero dizer que eram as mais eloquentes 500 palavras de besteiras que já escrevi, mas eu ainda estava tentando decidir o que incluir no meu parágrafo de "atividades extracurriculares", agora que não podia mais me gabar de ser representante de turma.

— Foi por isso que vocês passaram tanto tempo juntos nas férias?

Aparentemente, muitas pessoas tinham tomado conhecimento a respeito do tempo que eu andava passando com Aled nas férias. Só achavam isso interessante porque acreditavam que eu era uma espécie de ermitã obcecada com a escola. O que era verdade em boa parte do tempo, então tudo bem.

Pensei em mentir para a Jess, mas entro em pânico sob pressão, então só disse:

— Hum... não posso... não tenho permissão para contar.

— Vocês não moram no mesmo bairro? — perguntou outra garota, que estava sentada perto de Jess.

— Moramos mesmo — respondi.

De repente, todo mundo dentro de um raio de cinco metros estava olhando para mim.

— Porque, tipo, como você está trabalhando no programa agora, deve ser bem próxima do criador.

— Hum... — Senti minhas mãos começando a suar. — Bom, não é bem assim.

— É o que todo mundo no Tumblr está dizendo, pelo menos.

Eu não disse nada porque ela tinha razão. Todo mundo no Tumblr parecia pensar que eu e o Criador éramos melhores amigos.

Bem, acho que eles não estavam muito longe da verdade.

— Por que você não pode nos dizer? — perguntou Jess, sorrindo como se estivesse se divertindo como nunca na vida. Nunca fui muito próxima de Jess, e ela era conhecida por sempre ostentar os piores bronzeados artificiais. No primeiro ano do ensino médio, um professor foi advertido por tê-la chamado de "pernas de bacon" durante a aula.

— Porque... — parei antes de dizer "ele" — a pessoa que faz o programa não quer que ninguém saiba. — Ri para tentar diminuir a tensão. — Tipo... faz parte do mistério.

— Ele é seu namorado?

— O que... quem? Rádio?

— Aled.

— Hum, não.

Jess continuou sorrindo. As pessoas que estavam ouvindo tinham começado a desviar o olhar, conversando entre elas.

— Espere, vocês estão falando sobre Aled Last? — interrompeu alguém do outro lado da mesa. Olhei na direção da voz e percebi que era Raine Sengupta, recostada na cadeira contra a parede e batendo uma régua na mesa. — Não acho que é ele, porque ele é tipo a pessoa mais calada do mundo.

Ela olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, esboçando um sorriso, e eu de repente percebi que ela estava mentindo.

— Além disso, Daniel Jun não gostaria dessas porcarias — continuou. — Tipo... todo aquele lance de arte. Acho que ele não seria melhor amigo de um YouTuber.

— Hum... verdade — disse Jess.

Raine balançou as pernas, ainda perigosamente inclinada na cadeira.

— Provavelmente é alguém que nem conhecemos.

— Eu só quero *saber* — disse Jess alto demais. O professor acabou percebendo que ninguém estava estudando, se levantou e deu uma bronca em todo mundo.

Raine fez um sinal de paz e amor para mim assim que Jess se virou e eu não sabia se era o gesto mais idiota ou o mais bacana que já tinha visto. Olhei de relance para o papel na frente dela, que deveria ser um rascunho de sua carta de apresentação, mas na verdade estava totalmente em branco. Quando fui conversar com ela no fim da aula, ela já tinha saído da sala.

Só voltei a vê-la no fim do dia, quando ela estava descendo a rua, literalmente três passos à minha frente. Eu ia naquela direção, de qualquer modo, para a estação de trem. Normalmente, evitaria qualquer possibilidade de encontrar pessoas que conhecia vagamente, mas... não sei. Talvez o sinal que ela tinha me dado na aula de história fosse coisa da minha cabeça.

— Raine!

Ela se virou. Eu faria qualquer coisa para ter os cabelos como os dela. Meus cabelos são bem encaracolados e ficariam péssimos curtos, apesar de eu prendê-los todos os dias.

— Oi! — disse ela. — Tudo bem, amiga?

— Sim, tudo certo, valeu. E você?

— Arrasada, na real.

Ela parecia mesmo arrasada, mas a maioria de nós estava daquele jeito.

— Eu te procurei na hora do almoço...

Ela riu. Seu sorriso era o de alguém que sabia algo que não deveria saber.

— Ah, desculpa, eu fico suspensa meio que todo almoço.

— O quê? Por quê?

— Bom, sabe que minhas notas foram meio ruins?

— Sei.

— Basicamente, me obrigam a estudar na hora do almoço e nos tempos livres para compensar.

— Até na hora do *almoço*?

— É, tenho dez minutos para comer e aí tenho que me sentar na frente da sala da dra. Afolayan por quarenta minutos e fazer a lição de casa e tal.

— Isso... é moralmente errado.

— E eu não sei? A hora do almoço é um direito humano básico.

Dobramos uma esquina e começou a chover. O cinza do céu se misturou ao cinza da calçada. Abri meu guarda-chuva e cuidei para que ele cobrisse nós duas.

— Pois é... e aí, por acaso você conhece o Aled Last? Ficou parecendo que você estava mentindo descaradamente para a Jess, o que foi hilário, diga-se de passagem.

Ela riu e confirmou.

— Ai, Deus, na verdade, não suporto aquela menina. Espera... — Olhou para mim. — Você não é amigona dela, né?

— Não falo muito com ela. Só sei daquela história das pernas de bacon.

— Ai, meu Deus... as *pernas de bacon*. Fiquei sabendo. É assim que vou chamá-la daqui pra frente, com certeza absoluta. — Ela balançou a cabeça devagar, sorrindo. — Pois é, detesto que ela queira saber todas as fofocas o tempo todo. Não está nem aí para os sentimentos das pessoas. Bem a cara da Pernas de Bacon.

Fizemos uma pausa. De repente, percebi que Raine estava olhando com atenção para o outro lado da rua. Segui seu olhar e vi que ela observava um Golden Retriever na calçada com seu dono.

Olhei de novo para ela e ela voltou a atenção para mim.

— Ah, desculpa, é que eu adoro cachorros, sério. Se pudesse escolher alguma coisa, seria um cachorro. *Mas*...

Dei risada. Ela dizia o que queria sempre que queria. Incrível.

— Aled Last...

— Sim.

— Daniel Jun me contou a respeito desse lance do YouTube.

Olhei para ela, surpresa.

— Sério?

— Sim. — Raine riu. — Ele estava bem mal. E eu sempre cuido das pessoas quando elas ficam muito, tipo, *muito* bêbadas. Sabe quando você precisa de alguém para te ajudar a não sufocar com o próprio vômito? Estávamos em uma festa e ele simplesmente começou a me contar.

— Meu Deus... você sabe se Aled sabe?

Raine deu de ombros.

— Não faço ideia, não converso com ele. Nem sequer assisto aos vídeos, então... acho que não importa. Sei que ele não quer que ninguém saiba, então não vou sair contando por aí.

— Isso foi... recente?

— Ah, foi, tem uns dois meses. — Raine fez uma pausa. — Daniel parecia meio chateado com o Aled, sei lá. Foi a impressão que me deu. Aled gostava do canal no YouTube um pouquinho mais do que gostava de Daniel, sabe?

Eu pensei no que tinha visto no dia dos resultados. Aled e Daniel juntos e, depois, Aled chorando tanto que pensei que ele fosse derreter.

— É muito triste, se for verdade — falei. — Eles são melhores amigos.

Raine me observou.

— É, *melhores amigos*.

Paramos de falar.

Olhei para ela.

— Você... sabe de alguma coisa?

Ela abriu um sorrisão.

— Se eu sei que Aled e Daniel estão se comendo? Sei, amiga.

Ela disse isso de um jeito tão blasé que acabei rindo de nervoso. Nem tinha passado pela minha cabeça que eles andavam transando. A ideia meio que me assustava, porque sempre pensei que Aled e eu tínhamos o mesmo nível de experiência sexual.

— Ah, não sabia que mais alguém sabia disso.

— Só eu, acho. Por causa do dia em que Daniel ficou bêbado.

— Certo...

Havíamos chegado à avenida. Eu tinha que entrar à esquerda para ir à estação de trem; ela tinha que continuar reto. Eu não sabia para onde ela estava indo.

— Bom, obrigada — falei. — Você basicamente me salvou. Falo demais sob pressão.

— Ah, amiga, tudo bem. — Ela sorriu. — Qualquer coisa para impedir que a Pernas de Bacon espalhe merda por aí. E você anda meio calada ultimamente. Parece que está com a cabeça longe daqui.

Fiquei surpresa por ela ter notado alguma coisa a meu respeito. Raine, Maya e nossas amigas mal prestavam atenção em mim.

— Ah, bom, sabe como é. Coisas acontecendo — falei.

— Essas coisas todas de *Universe City*?

— É... é muita coisa. On-line. E agora as pessoas na vida real. É estressante.

— Ai. — Ela lançou a mim um olhar de solidariedade. — Não se preocupe. As pessoas vão acabar parando de falar disso um dia.

Eu ri.

— É, *um dia*.

Ela se afastou com um vago "até mais" e mais um sinal de paz e amor meio esquisito, mas não consegui responder. Senti duas coisas: em primeiro lugar, surpresa por Raine saber tantas coisas, apesar de aparentar ser a pessoa mais superficial que eu conhecia; em segundo lugar, uma certa tristeza por ter chegado a pensar que ela era superficial.

ASSIM

Na noite de quinta-feira, eu estava na casa de Aled até mais tarde do que o normal porque a mãe dele tinha viajado por alguns dias para visitar outros parentes. Eram só 21:30 e eu sei que Aled tinha dezoito anos, mas nós dois ainda nos sentíamos meio bebezinhos, para falar a verdade. Nenhum de nós sabia usar a máquina de lavar.

Estávamos sentados à mesa da cozinha da casa dele, esperando nossas pizzas congeladas ficarem prontas. Eu, obviamente, falava sobre algo totalmente ridículo, e Aled só escutava, calado, e contribuía com um comentário de vez em quando. Tudo estava normal.

Bom, não estava.

— Está tudo bem? — perguntou Aled, quando fizemos uma pausa natural na conversa. — Na escola, coisa e tal?

Isso me surpreendeu porque Aled raramente fazia perguntas genéricas como aquela.

— Sim, sim — respondi rindo. — Mas estou muito cansada. Juro que quase não durmo mais.

O timer do forno apitou e Aled bateu as mãos e foi pegar as pizzas do forno. Eu comecei a cantarolar a palavra "pizza" sem parar.

Ele partiria para a universidade em dois dias.

Quando estávamos comendo, eu disse:

— Preciso te contar uma coisa meio importante.

Por um segundo, Aled parou de mastigar.

— O que é?

— Você conhece Raine Sengupta?

— De vista.

— Ontem, ela me disse que sabe sobre *Universe City*. Sabe que você é o Criador.

Aled parou de comer totalmente e olhou em meus olhos. Ai. Eu provavelmente tinha dito algo que não deveria ter dito. De novo. Por que isso sempre acontecia? Por que eu sempre acabava descobrindo aquelas coisas?

— Nossa. — Aled passou uma das mãos pelos cabelos. — Jesus...

— Ela disse que não contaria para ninguém.

— É, ela *disse*.

— E também disse...

Parei. Eu estava prestes a dizer que ela sabia sobre Aled e Daniel, mas então me lembrei que ele nem sequer sabia que *eu* sabia.

Aled estava olhando fixamente para mim e até parecia meio assustado.

— Ai, meu Deus, o que foi?

— Bom, ela sabe sobre... você e o Daniel.

Aled ficou parado, em um silêncio aterrorizante.

— O que tem nós dois? — perguntou ele, lentamente.

— Você sabe... — Mas não consegui terminar a frase.

— Ah — disse Aled.

Eu me ajeitei na cadeira.

Aled soltou um suspiro e olhou para baixo, para seu prato.

— Você já sabia?

Eu não fazia ideia de por que ainda não tinha contado a ele. Acho que simplesmente detesto falar de coisas que deixam as pessoas machucadas e envergonhadas.

— Vi vocês dois se beijando no seu aniversário — falei, depois segui com uma pressa! — Nada mais! Era isso. E então, um pouco mais tarde eu acordei e você estava... tipo... soluçando.

Aled correu uma das mãos pelos cabelos.

— Ah, é. Pensei que você estivesse bêbada demais para se lembrar.

Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não disse, então eu perguntei.

— Por que não me contou?

Ele olhou em meus olhos de novo e eu vi a tristeza grande dentro deles. Ele riu.

— Sinceramente, pelo mesmo motivo que não deixei você conhecer minha mãe. Você está em... um ponto à parte de todas as... coisas difíceis que estão rolando na minha vida... — Ele riu. — Ah, meu Deus, que coisa mais *idiota* de se dizer. Desculpa.

Eu também ri, porque parecia mesmo uma coisa idiota, mas entendi o que ele quis dizer.

Não era tão simples como "Daniel e eu temos um relacionamento".

Não existia nada simples, certo?

— Por que você estava chorando? — perguntei.

Aled olhou para mim por mais um instante, mas voltou a olhar para a comida, pegando a borda da pizza com a mão.

— Não me lembro. Provavelmente só estava muito bêbado. — Ele riu, mas eu percebi que era um riso falso. — Fico emotivo quando bebo.

— Ah.

Não acreditei nele, mas estava claro que ele não queria me contar.

— Então o Daniel é gay? — perguntei, porque não tinha como não perguntar.

— É — disse ele.

— Hum. — Eu ainda estava bem chocada por não ter me dado conta. — Sabe... Eu sou bissexual.

Aled arregalou os olhos.

— O que... você é?

— Haha, sou. Eu te contei que beijei a Carys, não?

— É, contou, mas... — Aled balançou a cabeça. — Não sei. Não pensei muito nisso. — Ele fez uma pausa. — Por que não me contou isso antes?

— Não sei — comecei, mas era mentira. — Nunca contei a ninguém.

De repente, Aled pareceu bem triste.

— Não?

— Não...

Nós dois comemos pizza.

— Quando você descobriu que era bi? — Aled perguntou com a voz tão baixa que quase não escutei enquanto mastigava.

Eu não estava esperando aquela pergunta. Quase senti vontade de não responder.

Mas então, meio percebi por que ele estava perguntando.

— Não houve um momento certo — falei. — Foi tipo... bom, eu descobri o que era ser bi pesquisando na internet e as coisas meio que fizeram sentido... — Nunca tentei explicar isso a ninguém. Nem mesmo a mim mesma, na vida. — Tipo... pode parecer muito idiota, mas sempre consegui me imaginar com garotos e também com garotas. Claro que eles são um pouco diferentes, mas tipo... os sentimentos, de modo geral, são os mesmos... isso faz sentido? Nada disso faz sentido...

— Não, faz sentido, sim — disse ele. — Por que você não contou aos seus amigos de escola?

Olhei para ele.

— Não havia ninguém a quem valesse a pena contar.

Ele arregalou os olhos um pouco. Talvez se desse conta de que era, basicamente, meu único amigo. Eu meio esperava que ele não percebesse. Só fazia com que eu sentisse pena de mim mesma.

Continuei:

— Tipo, é um dos motivos pelos quais eu adorei *Universe City*, pra começo de conversa. Porque Rádio se apaixona por pessoas de todos os tipos, meninos, meninas, outros gêneros e... tipo... alienígenas e tal.

Dei risada e ele sorriu também.

— Acho que todo mundo está meio cansado desses romances de meninos com meninas — disse ele. — Para ser sincero, acho que o mundo já se cansou disso.

Eu queria muito perguntar para ele.

Mas é o tipo de coisa que não se pergunta.

É a pessoa quem tem que contar.

Quando a porta da casa se abriu, nos assustamos tanto que eu quase derrubei a jarra de limonada.

A mãe de Aled entrou na cozinha e olhou para mim, com uma sacola de pano a tiracolo e a chave do carro na mão.

— Ah, oi, Frances, querida — disse ela, erguendo as sobrancelhas. — Não pensei que encontraria você aqui tão tarde.

Olhei para o relógio na parede da cozinha. Eram quase 22:00. Pulei da cadeira.

— Ah, meu Deus, sim, desculpa, melhor eu ir para casa.

Ela mal parecia ter me ouvido, mas, depois de colocar a sacola no balcão da cozinha, me interrompeu:

— Deixe de bobagem, você está comendo!

Eu não soube o que dizer, então só me sentei de novo, lentamente.

— Pensei que você estivesse na casa do vovô, mãe — disse Aled, e a voz dele estava meio esquisita. Meio... *forçada*.

— Eu estava, querido, mas eles têm umas coisas para fazer no fim de semana...

Ela começou a dar uma explicação desnecessariamente longa a respeito dos planos para o fim de semana dos avós de Aled. Eu fiquei tentando chamar a atenção de Aled, mas ele estava olhando para Carol como um animal selvagem tentando se manter escondido.

Ela começou a lavar as mãos e, pela primeira vez desde que havia entrado na cozinha, olhou na direção do filho.

— Seu cabelo está ficando meio comprido, não é, Allie? Quer que eu marque um corte?

Fez-se um silêncio insuportavelmente longo.

— Hum... na verdade, gosto dele assim — disse ele.

Ela franziu o cenho e fechou a torneira. Começou a limpar as panelas como se estivesse tentando gastá-las.

— O quê? Não acha que fica meio desleixado, querido? Você está parecendo um pouco com aqueles viciados que a gente sempre vê na rua.

— Gosto assim — disse Aled.

Carol secou as mãos no pano de prato.

— Posso cortá-los para você, se quiser. — Ela olhou para mim. — Eu cortava os cabelos dele quando ele era pequeno.

Aled não disse nada. Totalmente horrorizada, vi Carol Last pegar uma tesoura de cozinha do balcão e começar a caminhar em direção a Aled.

— Não, mãe, tudo bem...

— Olha — disse ela. — Eu podia só aparar as pontas para você, não demoraria nada.

— Está bom assim, mãe.

— Você ficaria com cara de mais inteligente, Allie.

Eu não achei que fosse acontecer. Via que era possível que acontecesse, mas não acreditava que aconteceria. Aquilo era a vida real, não um drama na TV.

— Não, não, não, não, mãe! *Não*...

Ela literalmente pegou um punhado dos cabelos de Aled e cortou cerca de dez centímetros.

Aled se jogou para trás e se levantou tão depressa que ficou claro que ele também não pensou que fosse acontecer. De repente, percebi que eu também tinha me levantado — quando fiz isso?

Ela havia acabado de cortar os cabelos dele.

Que merda foi aquela?

— Mãe... — Aled tentou dizer algo, mas Carol o interrompeu.

— Ah, querido, vamos, está comprido demais, não é? Você será maltratado se aparecer na faculdade assim! — Ela se virou para mim de novo. Segurava a mecha de cabelos em uma das mãos e a tesoura aberta na outra. — Concorda, Frances?

Eu literalmente não consegui dizer nada.

Aled mantinha a mão no lugar onde antes estava a mecha de cabelos. Lentamente, como um zumbi, ele disse:

— Frances... tem que ir para casa agora...

Carol sorriu. Ela sorria de um jeito que indicava total falta de noção ou uma maldade absolutamente psicótica.

— Ah, é, já deve estar na hora de dormir!

— Sim... — falei, como se estivesse sufocada. Aled me levou depressa até a porta, segurando um dos meus braços, antes que minhas pernas conseguissem se mexer sozinhas. Abriu a porta sem olhar para mim e meio que me empurrou para fora.

A noite estava limpa. Era possível ver muitas estrelas.

Eu me virei para olhar para ele.

— O que exatamente... acabou de acontecer?

Aled tirou a mão dos cabelos e, como se as coisas já não estivessem bem ruins, o loiro-escuro estava manchado de vermelho. Peguei a mão dele e a virei. Vi um corte pequeno no meio da palma da mão, feito quando ele tentou afastar a tesoura.

Ele puxou a mão de volta.

— Tudo bem. Ela é sempre assim.

— Ela te machuca? — perguntei. — Me diga se ela te machuca. Agora mesmo. Estou falando sério.

— *Não*, juro que não. — Ele balançou a mão ferida. — Foi um acidente.

— Isso não está certo. Ela não pode simplesmente... Ela... Mas que *porra* é essa?

— Tudo bem. Vá pra casa, mando mensagem mais tarde.

— Tá, mas por que ela...

— Ela é assim, está só fazendo um jogo. Mando mensagem mais tarde.

— Não, quero falar sobre isso agora, Aled...

— Mas eu *não quero*, porra.

Aled Last nunca falava palavrões, só quando realmente era necessário.

Ele bateu a porta na minha cara.

Eu não pude fazer nada.

Nada.

UNIVERSE CITY: Ep. 132 — telefone

UniverseCity

98.763 visualizações

Ataque de ciborgues (de novo)

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Eu me escondi por exatamente quarenta e sete minutos — meu cronômetro lunar estava comigo — na caixa telefônica perto da usina elétrica na rua Tomsby. Ninguém nunca procura ali. Todo mundo sabe que a caixa é mal-assombrada. Não quero falar a respeito do que vi.

Enquanto me escondia e esperava, também pensava e decidia. Eu deixaria o ciborgue me perseguir para sempre? Teria que olhar para trás de dois em dois minutos para ver aquelas luzes e os circuitos barulhentos? Não. Isso não é vida. Nem mesmo nas barricadas cruéis e horrorosas da Cidade do Universo.

Consigo aguentar umas agressões de vez em quando, colega, pode acreditar. Parece que estou nesta Cidade desde sempre. Nem sequer me estressa mais — pelos deuses, se tivesse alguém ouvindo, eu já teria tido notícias suas.

Consigo aguentar umas agressões de vez em quando. Sou forte. Sou uma estrela. Tenho peito de aço e olhos de diamante. Ciborgues vivem e se desfazem, mas eu nunca vou me desfazer. Mesmo quando o pó de meus ossos sobrevoar os muros da Cidade, estarei vivendo e estarei voando, e vou acenar e rir.

[...]

NO ESCURO

Recebo um e-mail sempre que alguém me manda uma mensagem no Tumblr e fiquei no mínimo surpresa quando conferi meu e-mail durante o intervalo na escola no dia seguinte e vi vinte e sete e-mails do Tumblr indicando que eu tinha recebido perguntas.

Abri o aplicativo do Tumblr e dei uma olhada.

Anônimo disse:
você é February Friday???

Fiz uma careta, mas continuei lendo.

Anônimo disse:
O que acha dessa história de ser February Friday? xx

Anônimo disse:
NÃO MAS VOCÊ TEM QUE DIZER SE É FEBRUARY
É SUA OBRIGAÇÃO COMO DEUSA DO FANDOM

Anônimo disse:
vc eh mesmo february friday??

Anônimo disse:
Seu nome quer dizer janeiro em francês, vc é amiga do Criador e sua escola foi incendiada numa sexta de fevereiro... COINCIDÊNCIA? explique pfv bjs

Havia mais de vinte e sete mensagens. O Tumblr obviamente desistiu de me mandar e-mails em determinado momento. Todas as mensagens falavam de February Friday.

Gastei cinco minutos procurando pela fonte dos boatos.

univers3c1ties

Possível February Friday?

Certo, pessoal, não passa de especulação, mas e se a Frances Janvier (touloser) for February Friday? Eu tenho feito uma pesquisinha (kkk juro que não sou stalker) e acho que temos argumentos para isso

- Frances frequentava uma escola que pegou fogo numa sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011 (fonte)
- Ela é fã do programa desde o começo — ela foi a primeira a saber sobre ele?? O Criador contou para ela?
- O fato de ela ser um dos maiores nomes no fandom e de agora, de repente, estar *trabalhando* no programa?? Ela tem, sim, alguma relação com o Criador e com o programa, e não está revelando tudo para nós.
- *O nome dela literalmente significa janeiro em francês?? Coincidência??*
- Além disso, estes tweets falam por si só:

toulouse @touloser
acho que as cartas para february são minha parte preferida de todo programa, o criador é um gênio!!!
13 abr 11

toulouse @touloser
queria que houvesse mais cartas a February, elas não aparecem mais no programa ;_; sinto falta da bagunça das palavras
14 dez 11

toulouse @touloser
Universe City salvou minha vida <3
29 ago 11

Sei lá. Quando o governo vai nos contar a verdade? kkk Tudo especulação, claro...
#universe city #cidadãos universe #Rádio silêncio #toulouse #frances janvier #touladio #february friday #cartas a february

Nada disso me surpreendia. Aled e eu tínhamos passado do conforto da privacidade havia muito tempo, só nós dois sentados em uma sala e rindo ao microfone no escuro.

Bem, nada disso convenceu. *Universe City* havia começado antes de eu conhecer Carys, então eu nem sabia de Aled na época. Então, eu ser February Friday era impossível.

E eu já sabia que February Friday era Daniel.

Estava começando a ficar meio irritante.

Decidi não mostrar isso a Aled. Ele não podia fazer nada a respeito.

Pensei que deveria responder a pelo menos uma mensagem; caso contrário, as pessoas não parariam de perguntar.

Anônimo disse:
O que acha dessa história de ser February Friday? xx
touloser respondeu:
Não sou February Friday. O grande lance com February Friday é que ninguém sabe quem é. Por que todo mundo está tão obcecado querendo transformar February Friday em uma pessoa da vida real? Na vida do Criador?? Pensei que uma das regras do fandom fosse respeitar a privacidade do Criador. Obviamente se mantém anônimo por um motivo. E nem sei por que vocês acham que sou amiga do Criador. Há mais de cinquenta mensagens perguntando se sou February. Parem. Aproveitem o programa e parem de me perguntar isso, porque não tenho respostas.

Eu estava exausta. Sempre me sentia cansada na sexta-feira, mas dessa vez foi pior. Eu me lembro que foi pior porque dormi no trem para a escola e acabei sonhando com dois melhores amigos que viviam em uma caverna de gelo.

Aled não havia falado comigo ainda e eu estava preocupada.

Não sabia exatamente o que estava me estressando. Não era uma coisa só. Era tipo um bilhão de coisinhas, todas unidas para formar uma onda enorme de estresse. Eu me sentia me afogando.

Chequei o aplicativo mais uma vez antes de a campainha tocar e indicar o fim do intervalo. Foi quando vi uma mensagem.

Anônimo perguntou:
Você diz que "não sabe por que achamos que você é amiga do criador" sendo que literalmente temos prova de que o criador é seu amigo Aled Last?

FAMOSO NO YOUTUBE

— Você almoça a mesma coisa todo dia?

Olhei para a frente, deixando de me concentrar em meu panini de queijo e presunto. Raine Sengupta se sentou ao meu lado na mesa que sempre ocupávamos no refeitório do ensino médio. Ela carregava uma bolsa laranja chamativa em um braço e o telefone na outra mão. Nossos outros amigos não tinham chegado ainda.

— Sou muito pouco criativa — falei. — Não gosto de mudança.

Ela assentiu brevemente, como se fosse uma explicação razoável.

— Como você sabia disso, afinal? — perguntei.

— Você meio que se destaca, amiga. Fica aqui numa mesa, sozinha, por cerca de dez minutos até o resto das pessoas chegar.

— Ah. — Ótimo. — É exatamente o contrário do que eu pretendia.

— Não é seu estilo de almoço?

— Eu queria seguir uma linha mais "garota invisível quer comer o sanduíche em paz".

Ela riu.

— O maior sonho de todo mundo!

Também dei risada e ela colocou a bolsa no banquinho à minha frente. Fez um barulho que sugeria que ela tinha pelo menos metade do meu peso corporal.

Eu estava tentando não pensar a respeito da mensagem sobre Aled. Não tinha checado o Tumblr desde o intervalo.

Raine se inclinou sobre a mesa, apoiando-se em uma das mãos.

— Só queria te dizer que tem alguma coisa acontecendo na frente da escola, envolvendo Aled Last.

— O quê?

— É, acho que ele veio encontrar o Daniel para almoçar e está sendo... tipo... bombardeado por crianças.

Coloquei meu panini na mesa.

— O quê? — perguntei.

— Estão fazendo perguntas sobre *Universe City*. É melhor você dar um pulo até lá para ver o que está rolando. Tipo... antes de acabarem com ele.

Eu me levantei imediatamente.

— Meu Deus... tá, vou lá.

— Não sabia que vocês eram tão bons amigos — disse ela, tirando uma lancheira da bolsa. — Surpreendente.

— Por quê? — perguntei, mas ela só deu de ombros.

O uniforme do ensino fundamental é preto e amarelo, então parecia que o Aled estava sendo atacado por um enxame de abelhas.

Cerca de quinze adolescentes o cercavam na frente do portão de entrada da escola, fazendo perguntas como se ele fosse uma celebridade. Um menino mais velho estava tirando fotos com o telefone. Um grupo de meninas do sétimo ano ria sempre que ele dizia alguma coisa. Um menino do sétimo ano gritava perguntas sem parar, como "Como você ficou famoso no YouTube?", "Como ganhar mais seguidores no Instagram?" e "Você pode me seguir no Twitter?".

Parei a poucos metros da multidão.

Como eles sabiam?

Como sabiam que ele era Rádio Silêncio?

Não era isso o que nós queríamos que acontecesse.

Não era isso o que *ele* queria que acontecesse.

Aled finalmente me viu.

Ele havia cortado os cabelos. Parecia meio normal agora.

Ele estava usando jeans e blusa de lã também.

Parecia arrasado.

— Você fez isso? — perguntou ele para mim, mas não consegui ouvi-lo, só vi seus lábios se mexendo. Eu não consegui ouvi-lo e me sentia tão incomodada com tudo que senti vontade de empurrar a multidão e gritar para todo mundo, fazer com que todos o deixassem em paz.

— Você contou para eles?!

Ele parecia *irado*.

E decepcionado.

Não demorou muito para eu acreditar que eu era decepcionante, apesar de não ter feito nada. Eu não tinha exposto o maior segredo de todos.

— TÁ BOM, PESSOAL.

Comecei a gritar sem conseguir me conter.

Os adolescentes se viraram para olhar para mim, um pouco menos barulhentos.

— Não sei o que vocês pensam que estão fazendo, mas só alunos do ensino médio podem sair da escola no intervalo. Como nenhum de vocês é, sugiro que entrem.

Todo mundo ficou olhando para mim.

Fiz uma cara feia e tentei encarar cada uma das pessoas.

— *Agora*. Posso não ser mais a representante, mas ainda posso relatar tudo isso a Afolayan.

Deu certo. Deu mesmo.

Não sei se vocês sabem, mas quando somos alunos, é muito difícil fazer com que outros alunos nos obedeçam.

Os adolescentes foram embora, deixando Aled e eu sozinhos na frente da escola. Aled olhava para mim como se nem me conhecesse.

Acho que eu estava bem diferente, com meu uniforme, gritando com outros alunos.

Ele começou a balançar a cabeça. Mais do que qualquer coisa, parecia assustado.

— *O que está acontecendo?*

A voz de Daniel interrompeu nosso silêncio. Eu me virei e o vi saindo do portão da escola e caminhando na nossa direção.

— Eles... — Senti minha voz falhando. — Eles descobriram que Aled é o Criador. Todo mundo.

— Foi você? — perguntou Aled de novo, como se Daniel nem estivesse ali.

— *Não,* Aled, eu juro...

— Não entendo — disse Aled, que parecia prestes a começar a chorar. — Isso... precisava ser um segredo. Tem certeza de que não contou para eles? Você deve ter feito isso sem querer...

— Não! Perguntaram, mas eu não... não disse nada. *Juro*.

Aled balançou a cabeça de novo, mas não parecia estar indignado comigo.

— Acabou — disse ele.

— O quê? — perguntei.

— Acabou. Minha mãe vai descobrir e vai me fazer parar.

— Espera... *O quê?* Por que ela faria isso?

— Acabou — disse ele, como se não tivesse me ouvido, e então não focou o olhar em mais nada. — Vou para casa.

Ele se virou e se afastou com Daniel, e eu não fazia ideia se ele acreditava em mim ou não.

É MAIS FÁCIL MENTIR NA INTERNET

É mais fácil mentir na internet.

touloser
olha, gente... o Criador não é Aled Last. Sim, Aled Last é meu amigo na vida real, mas isso não quer dizer nada. O Criador é alguém que conheço da internet. E mais uma vez, não, não sou February Friday. Parem de stalkear o Aled, parem de postar fotos dele. parem de enviar mensagens irritantes ao Criador sobre ele. Aled é um bom amigo e vocês não estão fazendo nenhum favor a ele.
valeu, tchau
#já cansei desses boatos #tipo vocês precisam se acalmar pfv #queria que vocês nunca tivessem descoberto quem sou
#universe city #cidadãos do universe #Rádio Silêncio #touloser

Não sei por que não tinha conseguido dizer isso a Jess nem a outra pessoa antes.

Imediatamente fui bombardeada com mensagens dizendo que eu estava mentindo.

Anônimo disse:
kkkk sabemos que você tá mentindo

Anônimo disse:
Pra que você postou isso? kkkk

Anônimo disse:
AGORA você acha que sabe mentir.

Eu não fazia ideia de como eles sabiam que eu estava mentindo, só soube quando enviei uma mensagem ao Aled com um link para o post.

Ele me respondeu quase imediatamente.

Aled Last
não adianta, eles sabem que sou eu

Frances Janvier
Como??? Eles não têm prova!!!

Ele me enviou um link para outro posto do Tumblr.

universe-city-analysis-blog
Aled Last = o Criador?
Há muito a ser dito na tag *Universe City* hoje para determinar se o adolescente chamado "Aled Last", de Kent, Inglaterra, é a voz e o Criador de *Universe City*. Pensei em facilitar para todo mundo compilando as provas que temos, a maioria delas da artista de *Universe City*, Frances Janvier (touloser), e acho que a conclusão é fortemente sustentada.

- Quem conhece Frances touloser (também conhecida como a artista de *Universe City* e a voz de Toulouse) confirmou que ela se aproximou de Aled Last no verão. Eles foram vistos juntos na cidade em que vivem e têm fotos juntos em suas páginas pessoais no Facebook. Foi daí que começou a especulação a respeito de Aled Last.
- Quando confrontamos Frances, na vida real, sugerindo que Aled Last é o Criador, ela respondeu "Não posso dizer" [fonte — claro que temos que considerar a palavra dessa pessoa]. Se Aled Last não é o Criador, qual seria o problema em dizer que ele não era?
- De modo parecido, Frances não tem respondido às perguntas sobre Aled Last em seu Tumblr ou em seu Twitter, apesar de as pessoas dizerem que enviaram mensagens. Repito: por que Frances não poderia confirmar que Aled Last não é o Criador?

Bem, nada disso é prova concreta de que Aled Last é o Criador. A evidência que confirma isso aconteceu mês passado:

- Na noite do agora infame episódio da "escola fantasma", a conta do Twitter de Frances, @touloser, postou uma foto borrada de dois sapatos verde-limão, com a legenda "Rádio revelado" [link]. Aled Last pode ser visto usando esses sapatos em diversas fotos de sua página pessoal no Facebook.

º [foto]
º [foto]
º [foto]

- Esses sapatos são um modelo antigo e clássico da Vans que não é mais produzido há vários anos [fonte]. Pela página do Facebook de Aled, dá para supor que ele tem esses sapatos há três ou quatro anos. Obviamente, são tênis muito raros, já que a maioria das pessoas já teria se livrado deles — poucas pessoas usam o mesmo par de sapatos continuamente por vários anos.
- Além disso, de algumas capturas de tela do episódio da "escola fantasma", é possível ver uma pessoa loira com cabelos compridos, que se parece com algumas fotos de

Aled:
° [foto]
° [captura de tela]
° [captura de tela]
Fique à vontade para tirar suas conclusões, claro. Mas para mim, está quase definido que Aled Last é o Criador de *Universe City*.

O post tinha mais de dez mil comentários.

Era nojento. Pessoas que conheciam Aled na vida real tinham pegado coisas de seu Facebook *privado*. Elas tinham escutado minha conversa com Jess e me *citado*. O que estava acontecendo? Quem elas achavam que eu era? Uma celebridade?

O pior era que eles estavam certos.

Aled Last era o Criador. Eles tinham juntado as provas e descoberto.

Era totalmente minha culpa.

Frances Janvier
Merda... sinto muito Aled não sei nem o que dizer

Aled Last
tudo bem

VÓRTICE DO TEMPO

Eram 18:00 quando recebi uma mensagem de Raine no Facebook.

(18:01) **Lorraine Sengupta**
Oi, o que aconteceu com o aled afinal?? Ficou tudo bem??

(18:03) **Frances Janvier**
Todo mundo sabe que ele é o criador. Descobriram no tumblr
:\

(18:04) **Lorraine Sengupta**
E ele ficou chateado??

(18:04) **Frances Janvier**
Muito

(18:05) **Lorraine Sengupta**
Por quê??
Ele não está só reclamando por ter ganhado um monte de seguidores na internet? Kkk
Meio tô querendo dizer para ele medir esse privilégio...

(18:07) **Frances Janvier**
É que acho que ele queria mesmo que ficasse em segredo
Você entenderia se ouvisse o programa, é muito pessoal para ele

(18:09) **Lorraine Sengupta**
Tá, mas há coisas piores do que ficar famoso na internet
Kkkk

Senti vontade de dizer para ela que o problema não era aquele. O que Aled tinha dito? Que a mãe dele faria com que ele parasse? Teria sido um exagero? Ou realmente aconteceria? Por que ela faria isso?

(18:04) **Lorraine Sengupta**
Por que você tá tão obcecada com aquele garoto branco? Kkk

(18:15) **Frances Janvier**
Não sou obcecada haha
Acho que só gosto muito dele

(18:16) **Lorraine Sengupta**
Tipo você quer dar pra ele??

(18:16) **Frances Janvier**
NÃO mddc
Não posso gostar de um cara sem querer ficar com ele?

(18:17) **Lorraine Sengupta**
Claro que pode! Kkkk Só queria ter certeza :D
Então por que gosta tanto dele?

(18:18) **Frances Janvier**
Ele faz com que eu me sinta um pouco menos esquisita, acho

(18:18) **Lorraine Sengupta**
Pq ele também é esquisito?

(18:19) **Frances Janvier**
É haha

(18:20) **Lorraine Sengupta**
Ah, que fofo
Bem, acho que você é uma boa amiga, então parabéns para você
Mas não acho que aled tenha direito de ficar triste... ele está literalmente triste por ser famoso
Sem falar que ele é tipo uma das pessoas mais inteligentes da escola dele!! Pra qual universidade ele vai? Tipo aquela logo abaixo de Oxbridge na classificação? Dane-se isso!!!
Ele não tem direito de reclamar de nada. Ele está literalmente vivendo a vida perfeita. Melhor universidade, tem um canal de YouTube de sucesso, do que ele está reclamando?? Só porque uns alunos querem fazer perguntas? Literalmente a coisa mais idiota que já ouvi. Eu faria qualquer coisa para ser ele, na real, a vida dele é perfeita

Eu não soube o que dizer de novo e, sinceramente, só queria que a conversa terminasse. Queria sair voando, me agarrar a um avião e desaparecer.

(18:24) **Lorraine Sengupta**
Seu ídolo é problemático kkk

(18:24) **Frances Janvier**
Haha acho que sim

(18:27) **Lorraine Sengupta**
P.S.: Você vai lá no lance do spoons hoje à noite?

(18:29) **Frances Janvier**
Lance?

(18:30) **Lorraine Sengupta**
É, com a galera do último ano. É a última noite antes de a maioria ir para a faculdade

(18:32) **Frances Janvier**
Não conheço ninguém
Ficaria no canto comendo salgadinhos

(18:32) **Lorraine Sengupta**
Você me conhece!! E pode ser que o Aled vá?

(18:33) **Frances Janvier**
É?

(18:33) **Lorraine Sengupta**
Bom... talvez... mas eu vou, com certeza!!

Eu não queria ir mesmo. Queria ficar em casa, pedir pizza, assistir a sete episódios de *Parks and Recreation* e enviar setenta mensagens de texto a Aled.

A essa altura, seria esquisito demais dizer não e eu queria muito que ela gostasse de mim porque poucas pessoas gostavam. Sou fraca, esquisita, solitária e idiota.

— Ah, meu Deus, Frances, sua *jaqueta.*

Raine estava dentro do carro — um Ford Ka roxo que parecia perigosamente perto de entrar em combustão espontânea — na frente da minha casa às 21h, observando enquanto eu caminhava na direção dela. Minha jaqueta era de jeans preto, estampada com a palavra "moleca" nas mangas, de branco. Eu estava ótima (ridícula). Normalmente, quando saía com minhas amigas, tentava me vestir de

um jeito um pouco mais normal, mas eu estava num humor péssimo e com dificuldade para me preocupar com qualquer coisa que não fosse o que eu tinha feito com Aled. As roupas são uma janela para a alma.

— Isso aí é um "Meu Deus, você está totalmente ridícula?" — perguntei, sentando-me no banco do carona. — Porque seria uma reação compreensível.

— Não, quero dizer que não sabia que você era tão... pop punk. Pensei que teria que corromper a nerd, mas... você não é uma nerd, exatamente, certo?

— This is real, this is me... É real, sou assim — falei.

Ela hesitou.

— Você acabou de usar uma frase de *Camp Rock* comigo? Não é muito punk pop.

— I've got to be I aaam... Vou ser do jeito que eu sou.

— Certo, primeiro, isso é *High School Musical*...

Saímos do vilarejo. Raine estava usando tênis plataforma branco e meias listradas, uma camiseta cinza comprida e uma jaqueta Harrington. Ela sempre parecia linda sem fazer esforço, como uma modelo de alguma revista indie que só se compra on-line.

— Você não queria vir, não é? — perguntou Raine, sorrindo ao virar o volante. Ela era uma motorista surpreendentemente boa.

— Haha, o que mais teria para fazer? — perguntei, sem falar que estava literalmente suando de nervosismo por estar prestes a ir ao Spoons de novo, porque haveria muitas pessoas da escola ali, incluindo gente do último ano que eu só conhecia um pouco, e seria muito esquisito. Haveria um monte de grupos de caras assustadores e eu com certeza deveria ter escolhido algo mais simples para vestir. Só estava fazendo aquilo, só queria fazer aquilo tudo de novo, porque poderia pedir desculpas a Aled e poderíamos fazer as pazes antes de ele ir para a faculdade amanhã, encontrar um monte de amigos novos e se esquecer de mim.

— Exatamente — disse Raine.

Tínhamos chegado à estrada. Com uma das mãos, Raine ligou o rádio, tirou um iPod do bolso e mexeu nele. A música começou a tocar nos alto-falantes do carro — seu iPod tinha uma espécie de transmissor de FM preso a ele.

Bateria eletrônica e baixo começaram a tocar.

— Quem está tocando? — perguntei.

— Madeon — disse ela.

— É bom.

— É ótimo para dar umas bandas.

— Bandas?

— Uns rolês de carro. Você não dá rolê de carro?

— Não dirijo. Não tenho dinheiro para isso.

— Arranje um emprego, amiga. Trabalhei quarenta horas por semana numa loja durante todo o verão para comprar esse lixo. — Ela deu um tapa no volante. — Meus pais são pobres, não tem como eles me darem um carro, e eu *precisava* ter um. Precisava sair da minha cidade.

— Onde você trabalhou?

— Na Hollister. Eles são preconceituosos pra cacete, mas pagam direitinho.

— Pelo menos isso.

Raine aumentou a música.

— É, esse cara do Madeon tem a mesma idade que eu. Acho que é por isso que gosto tanto da música dele. Ou só acho que nunca fiz nada com a minha vida.

— Parece que você está no espaço — falei. — Ou em uma cidade futurística na qual tudo é azul-escuro. Você está usando prata, e há naves espaciais nos sobrevoando.

Ela olhou para mim.

— Você é mesmo fã de *Universe City*, né?

Dei risada.

— Sou, até morrer.

— Ouvi alguns episódios hoje cedo. Alguns dos recentes dos quais você participa.

— É mesmo? O que achou?

— Muito legal. — Ela parou para pensar. — É... tem *alguma coisa*. As histórias não são obras da literatura nem nada assim, mas tipo, os personagens, o mundo e a linguagem meio que nos hipnotizam. É, é bom.

— Então você shipa Rádio e Toulouse?

O interesse dos fãs em Rádio e Toulouse como casal tinha aumentado exponencialmente naquele mês, o que fazia com que eu me sentisse meio esquisita, já que éramos Aled e eu, e muitas pessoas achavam que os personagens

representavam pessoas na vida real. Pelo menos três pessoas na escola tinham me perguntado se Rádio e eu estávamos namorando na vida real. Não estávamos nem sequer tentando tornar a relação entre Rádio e Toulouse romântica.

Ela pensou naquilo por um segundo.

— Hum... não sei. Não tem a ver com isso, tem? Tipo... se eles ficarem juntos, vai ser bom, mas se não ficarem, não vai estragar nem mudar nada. O programa não é exatamente um romance.

— É exatamente e literalmente o que acho.

A música de repente ficou mais alta. Raine trocou de marcha e pegou a pista da ponta.

— Gostei muito da música — falei, tocando o display do rádio.

— O quê? — perguntou Raine. A música estava alta demais.

Só ri e balancei a cabeça. Raine abriu um sorriso confuso para mim. Meu Deus, eu mal conhecia a Raine, mas mesmo assim estava ali, me divertindo um pouco. A estrada se estendia à nossa frente, azul-escura, com luzes piscando. Parecia um vórtice do tempo.

Raine conhecia literalmente todo mundo que estava no Spoons, todo mundo que tinha deixado as escolas da cidade quatro meses atrás e que estava enchendo a cara uma última vez antes de partir para a universidade e, gradualmente, parar de manter contato com os amigos.

Precisei de apenas três conversas esquisitas para precisar beber. Raine buscou uma bebida para mim, já que eu ainda tinha dezessete anos. Ela estava bebendo água porque ia dirigir, mas, em determinado momento, disse para mim:

— É, eu parei de beber há muito tempo, costumava fazer umas coisas bem idiotas.

Fiquei tentando entender a que ela se referia. Eu deveria ter parado de beber, mas as conversas esquisitas com pessoas que eu não conhecia provavelmente teriam me destruído emocionalmente.

O Spoons estava lotado. Foi assustador.

— É, eu e minha namorada íamos para a Disney mês passado — disse um cara enquanto eu esperava pelo terceiro drinque. — Mas decidimos economizar grana

para a facul porque, tipo, a gente não conseguiu bolsa, então preciso de dinheiro para me manter enquanto tento arrumar um emprego.

— Como é? Pensei que todo mundo conseguisse bolsa — falei.

— Conseguem os *financiamentos*. Mas eles não cobrem todos os gastos do aluguel, a não ser que a pessoa esteja morando num muquifo. Só dá para conseguir bolsa se você for pobre, se seus pais forem divorciados, ou algo assim.

— Ah — falei.

— É, todo mundo pensou que o representante da escola dos garotos ia entrar em Cambridge — disse uma garota, meia hora depois.

Eu estava na quarta bebida, sentada a uma mesa redonda, enquanto Raine falava com quatro pessoas diferentes de uma vez. A menina balançava a cabeça, incrédula.

— Ele sempre foi o melhor aluno do ano. Mas aí ele não passou. Tipo, sete outras pessoas passaram, mas ele, não. E todo mundo ficou meio "Nossa, *claro* que ele vai entrar" por muito tempo. Foi terrível

— Que triste — falei.

— Sinceramente não sei o que estou fazendo — disse outro cara, que estava usando uma jaqueta jeans com uma camiseta do Joy Division por baixo. Ele tinha uma postura esquisita, como se sentisse envergonhado por alguma coisa. — Não sei como passei no primeiro ano. Não fiz nada. E agora estou indo para o segundo ano e... sinceramente não sei o que estou fazendo. — Ele parecia cansado ao olhar para mim. — Queria poder voltar no tempo e fazer as coisas de outro jeito. Gostaria de voltar e mudar tudo... fiz algumas coisas idiotas... Fiz algumas coisas idiotas...

O Spoons virou a Johnny R's, como sempre acontecia, e nenhum de nós percebeu. Nem sei como consegui entrar sem documento, mas de repente estava ali, recostada na ponta esquerda do bar da Johnny R's com uma bebida que parecia água, mas com certeza não era, a julgar pelo gosto.

Olhei para a esquerda e vi uma garota sentada que parecia estar exatamente como eu: encostada no bar, com uma bebida a sua frente, olhando sem qualquer expressão para a multidão. Ela me flagrou olhando-a e se virou. Tinha uma beleza clássica, com olhos grandes e boca larga, e também os cabelos mais lindos que eu

já tinha visto: chegavam até sua cintura e as partes que não eram roxas eram de um tom lilás-acinzentado desbotado. Fez com que eu me lembrasse de Aled.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Hum, tudo — falei. — Tudo bem.

— Você parece um pouco atordoada.

— Não, só estou entediada.

— Haha, eu também.

Fizemos uma pausa.

— Você estuda na Academy? — perguntei.

— Não, não, estou na faculdade. Estudei na outra.

Ela havia estudado na outra. É o que as pessoas dizem quando frequentavam minha escola de antes, aquela que se incendiou, e então tiveram que se mudar para a escola de meninos.

— Ah, entendi.

Ela bebericou a bebida.

— Mas detesto. Devo largar.

— Detesta o quê?

— A faculdade. Vou começar o segundo ano, mas... — Ela parou de falar.

Eu franzi o cenho. Por que alguém detestaria a faculdade?

— Acho que vou para casa — disse ela.

— Seus amigos não estão aqui?

— Estão, mas... não sei. Acho que não sou o tipo de... não sei.

— O quê?

— Eu gostava de vir aqui, mas não acho que... — Ela riu de repente.

— O quê? — perguntei.

— Uma de minhas amigas... ela sempre disse que eu me cansaria um dia. Tipo, ela sempre dizia não quando eu tentava trazê-la na época da escola, quando nós duas tínhamos uns dezoito anos. Ela sempre dizia não, porque detestaria, e então dizia que eu também detestaria no final e que ela só estava se adiantando. — Ela riu de novo. — Bom, ela tinha razão. Como sempre.

— Ah. Ela está aqui agora?

A garota olhou para mim.

— Não...

— Ela parece ser bacana.

A garota passou uma das mãos pelos cabelos compridos. A luz deixou o roxo tão lindo que ela se parecia com uma fada.

— Ela é. — Ela olhou além de mim. Não consegui ver seus olhos no escuro. — Não acredito que ela esteve certa o tempo todo — disse ela.

Não consegui ouvir direito porque a música estava alta demais e eu estava prestes a pedir para ela repetir, mas então ela ergueu as sobrancelhas, forçou um sorriso e disse:

— Até mais tarde.

Nunca mais a vi na vida. Ela desapareceu e eu fiquei me perguntando se pararia de andar com o Aled quando ele se fosse, e um dia eu estaria sozinha em uma casa noturna com uma bebida, olhando para outros amigos dançando, rostos sem traços que ainda não conheci, todos se afogando sob o som.

Terminei meu copo num só gole.

ME DESCULPE

— Frances, Frances, Frances, Frances, Frances... — Raine correu até mim no meio do terceiro andar, onde tocava um remix de "White Sky", do Vampire Weekend.

Eu estava bêbada e não fazia ideia do que estava fazendo nem do porquê. Só estava.

Raine segurava um copo de plástico com líquido transparente e, por um segundo, acreditei mesmo que fosse um copo todo de vodca.

Ela me viu olhando.

— Amiga, é água! — Ela riu. — Estou dirigindo!

"Teenage Dirtbag" começou a tocar acima de nós.

Raine levantou uma das mãos e apontou o teto.

— Maaaaano! Frances, temos que dançar essa.

Eu ri. Fiquei rindo, sempre ria muito quando estava bêbada. Eu a segui até onde as pessoas estavam dançando. Estava abafado e quatro caras tentaram me encoxar. Um cara apertou minha bunda e eu fui contida demais para reagir, então Raine jogou água nele e ele gritou. Eu ri. Raine riu. De qualquer modo, danço muito mal. Raine dançava bem. Também era linda. Eu estava bêbada e fiquei me perguntando se estava apaixonada por ela, o que me fez rir muito. Não, não estou apaixonada por ninguém.

Aled aparecia e sumia da minha frente, como se estivesse se teletransportando. Ele era mágico de muitas maneiras, mas eu não estava apaixonada por ele, apesar de ele estar sempre lindo de camisa e com os cabelos despenteados porque estávamos todos suados. Mais tarde, dancei com a Maya ao som de uma música doida do London Grammar.

— Frances, você está outra pessoa, totalmente diferente! — disse Maya.

Vi Aled no canto, conversando com alguém — ah, sim, claro que era Daniel. Eu precisava falar com Aled de novo, mas não queria que ele me odiasse. Queria desesperadamente que tudo ficasse bem, mas não sabia como fazer isso.

Agora que sabia que Aled e Daniel estavam juntos, notei todas as coisinhas que não tinha notado antes, como a maneira com que Daniel olhava para Aled enquanto falava, com que Daniel puxava Aled pelo braço e Aled acompanhava sem questionar, com que, quando conversavam, ficavam tão próximos que era como se estivessem prestes a se beijar. Eu era mesmo uma idiota.

Maya, Jess e uns dois caras, Luke e Jamal, estavam bêbados também e reclamando de Raine enquanto dançávamos, multitarefa. Eles disseram que ela era fácil, ou coisa assim, e fazia todos eles se sentirem bem estranhos. Maya lançou um olhar estranho para mim enquanto estavam falando, e eu percebi que era por eu ter fechado a cara para eles.

Eu ainda estava pensando no que aquela garota de cabelos roxos tinha dito a respeito de querer sair da faculdade. Estava pensando naquilo porque não entendi nada, nunca tinha ouvido alguém sugerir algo daquele tipo, mas aí... *obviamente* nem todo mundo gostava da faculdade. Mas eu sabia que gostaria. O que ela tinha dito não importava. Eu era a estudiosa Frances Janvier. Eu estudaria em Cambridge, conseguiria um bom emprego, ganharia muito dinheiro e seria feliz.

Não é? É, sim. Faculdade, emprego, dinheiro, felicidade. É assim que se faz. É a fórmula. Todo mundo sabe disso. Eu sabia disso.

Pensar nisso estava me dando dor de cabeça. Ou talvez a música estivesse alta demais.

Observei Aled e Daniel caminharem em direção à escada. Claro que eu acompanhei, sem nem me dar ao trabalho de contar para a Raine aonde eu estava indo; ela ficaria bem, ela conversa com todo mundo. Eu não sabia o que ia dizer, mas sabia que tinha que dizer alguma coisa. Não podia simplesmente deixar as coisas daquele jeito, não queria ficar sozinha assim. Daniel sempre estivera ali antes de mim, eu tinha sido uma idiota por pensar que Aled poderia sequer me considerar sua melhor amiga sendo que ele já tinha um há muito tempo, apesar de ele ter sinceramente sido o melhor amigo que eu tive na vida toda. Talvez eu passasse a vida toda sem conhecer outra pessoa tão brilhante quanto ele.

Quase os perdi na multidão porque todo mundo estava começando a ficar igual a todo mundo, muitos jeans justos, vestidinhos, cabelos curtos e sapatos plataforma, além de óculos Wayfarer, elásticos de cabelo de veludo e jaquetas jeans. Saí, fui até a área de fumantes e fiquei surpresa com o frio que fazia — não estávamos no verão? Espera... não, é quase outubro. Como passou tão depressa? Estava tão silencioso do lado de fora, tão frio, calmo e escuro...

— Ah — disse Aled quando eu praticamente trombei com ele. Nenhum de nós estava fumando, claro, mas estava tão quente lá dentro que pensei que acabaria derretendo. Não que eu teria reclamado se tivesse derretido. Teria resolvido muitos de meus problemas.

Aled parecia estar sozinho, com uma bebida na mão. Vestia uma de suas camisas de mangas curtas sem graça e jeans skinny bem comuns. E o *cabelo* dele... ele não parecia ele mesmo. Senti vontade de abraçá-lo, como se isso pudesse fazer com que ele voltasse ao normal.

Estava escuro e cheio de gente ali fora, e todos os bancos estavam ocupados. Um remix de "Chocolate" do The 1975 tocava no térreo da Johnny R's e quase revirei os olhos.

— Me desculpe — falei imediatamente, apesar de parecer muito *infantil*. — Sinceramente, Aled, estou tão... não sei dizer quanto...

— Tudo bem — disse ele, sem mudar a expressão, obviamente mentindo. — Só fiquei surpreso. Está tudo bem.

Não parecia que ele só estava surpreso.

Parecia que ele queria morrer.

— *Não* está tudo bem. Não está. Você não queria que ninguém soubesse e agora todo mundo sabe. E sua mãe, sei lá... você disse que pode ser que ela faça você parar de fazer o programa, ou coisa assim...

Ele estava de pé com as pernas cruzadas. Não estava usando os sapatos verde-limão. Estava usando apenas um par de sapatos brancos comuns que eu não tinha visto antes.

Ele balançou a cabeça de leve.

— É que... não entendo por que você não poderia apenas *mentir*. Não entendo por que você não negou quando perguntaram se era eu.

— Eu… — Eu não sabia por que não menti. Mentia o tempo todo. Minha personalidade toda era uma mentira sempre que eu entrava na escola, não era? Espera, não… a Frances da escola não era uma *mentira*, ela era só… Não sei… — Eu… me desculpe.

— Sim, tá, eu *sei* — rebateu Aled, irritado.

Eu só queria que ele ficasse bem. Só queria que a gente ficasse bem.

— Você está bem? — perguntei.

Ele olhou para mim.

— Estou bem — disse ele.

— Não — falei.

— O quê? — perguntou ele.

— Você está bem? — perguntei de novo.

— Já falei que estou *bem*! — Ele falou mais alto e quase dei um passo para trás. — Jesus, é o que é. Não podemos fazer nada a respeito, pare de fazer disso algo maior do que já é!

— Mas é importante para você…

— Não importa — disse ele, e eu tive a sensação de que me quebraria em mil pedaços. — É ridículo ficar triste por isso, então não importa.

— Mas você *está* triste por isso.

— Pare de tocar nesse assunto! — Ele falou ainda mais alto, parecia quase em pânico.

— Você é meu amigo mais importante — falei de novo.

— Você não tem suas coisas com as quais se preocupar? — perguntou ele.

— Não. — Ri de novo, mas podia ter começado a chorar. — Não, minha vida é fácil, totalmente chata e fácil. Nada acontece comigo. Tiro boas notas, tenho uma boa família, e pronto. Literalmente não tenho nada do que reclamar. Não posso me preocupar com os problemas de meus amigos?

— Minha vida está *bem* — disse ele, mas sua voz estava rouca.

— Beleza! — falei, ou devo ter gritado, talvez eu estivesse mais bêbada do que pensava. — Beleza, beleza, beleza, beleza, beleza. Está tudo beleza. Estamos todos bem.

Aled deu um passinho para trás e parecia *magoado*. Eu sabia que tinha feito algo errado, *de novo*. Por que sou tão idiota?

— O que acha que está tentando fazer? — perguntou ele, a voz mais alta agora. — Por que está tão obcecada comigo?

Aquilo doeu como uma punhalada no peito.

— Só... vou te ouvir!

— Não preciso que você me ouça! Não quero falar sobre nada! Pare de me *perturbar*!

Foi isso.

Ele não me disse nada.

Não queria.

— Por que... você fez aquilo? — perguntou ele, cerrando as mãos em punhos.

— Por que eu fiz o quê?!

— *Disse a todo mundo que sou o Criador!*

Comecei a balançar a cabeça sem parar.

— Eu... eu não, juro que não...

— Está *mentindo*!

— O que... o que...

Ele se aproximou de mim e eu cheguei a dar um passo para trás. Talvez ele tivesse bebido, mas eu tinha bebido muito, então não sabia.

— Você simplesmente... queria me usar para ser popular na internet, né?

Eu não conseguia falar.

— Pare de fingir que se importa comigo! — Agora ele estava gritando sem parar. As pessoas começaram a olhar para nós. — Você só se importa com *Universe City!* É só mais uma fã tentando me expor e tirar de mim a *única coisa* com que me importo! Nem sequer sei qual é sua personalidade real, você age de modo tão diferente perto das outras pessoas. Literalmente planejou tudo isso desde o começo, fingindo gostar de ficar comigo, dizendo que não se importava em ser famosa na internet e coisa e tal...

— O que... Não! — Minha mente estava meio vazia. — Não é verdade!

— Então o que é? Por que está tão obcecada comigo?

— Desculpe — falei, mas não sabia se estava conseguindo falar.

— Pare de dizer isso! — O rosto de Aled estava todo retorcido e os olhos estavam marejados. — Pare de mentir! Você está presa em alguma ilusão de novo, como esteve com Carys.

De repente, tive a sensação de que acabaria vomitando.

— Sou só o substituto. Você está *obcecada* comigo, assim como esteve com Carys, e conseguiu estragar a única coisa que eu tinha, a única coisa boa que tenho, porra, assim como conseguiu acabar com a Carys. Você também está a fim de mim?

— Eu não... Isso é... Não estou a fim de você.

— Então por que vai à minha casa todo dia? — Ele falava como se outra pessoa estivesse falando por ele. Deu um passo à frente de novo, estava muito bravo. — Admita!

Minha voz estava descontrolada.

— Não estou a fim de você!

Você acredita em mim?, pensei. *Alguém acredita em mim?* Eu achava que podia ser a única pessoa que acreditava em mim.

— *Que merda é essa? Por que fez isso comigo?*

Lágrimas tinham começado a escorrer por meu rosto.

— Eu... Foi um acidente...

Aled deu um passo para trás.

— Você mesma me disse que é o motivo pelo qual a Carys se *foi.*

Ele disse a última palavra tão alto que dei um passo para trás de novo, agora chorando mesmo. *Meu Deus*, como eu me detestava, eu me detestava demais. Me desculpe, me desculpe, me desculpe, me desculpe, me desculpe...

Quando me dei conta do que estava acontecendo, Daniel estava na minha frente, quase me empurrando para trás, dizendo:

— Vá embora, Frances, deixe-o sozinho.

Em seguida, Raine apareceu na minha frente dizendo:

— Sai fora, cara! O que você disse para ela?

Eles começaram a gritar um com o outro, mas eu não estava ouvindo nada até Raine dizer:

— Ele não é sua *propriedade*!

Eles sumiram e eu saí da casa noturna e me sentei na calçada, tentando impedir que as lágrimas saíssem de meus olhos, mas elas não paravam...

— Frances, meu Deus.

— Me desculpe, me desculpe, me desculpe, me desculpe...

— Você não fez nada, Frances!

— Fiz! Estraguei tudo de novo...

— Não foi você.

— Foi, foi tudo minha culpa.

— Não é importante, ele vai superar, eu prometo.

— Não... Não é só isso, é a Carys também, Carys... foi minha culpa, é minha culpa que ela sumiu... e ninguém sabe onde ela está e Aled ficou sozinho com a mãe dele, é tudo minha culpa...

De repente, eu estava sentada em um banco com a cabeça no ombro da Raine. Na mão dela, estava o telefone, tocando uma música que parecia estar saindo da mão dela mesmo, mas a saída de som do telefone era uma porcaria e a música parecia menos com música e mais com o burburinho do rádio de um carro na estrada às duas da madrugada. O cara cantava “I can lay inside” e a música tocava como a escuridão do céu e tocava comigo. Eu me sentia bêbada e confusa e não conseguia me lembrar do que ia dizer.

3. TRIMESTRE DO OUTONO

b)

JOGAR TUDO PARA O ALTO

- No dia seguinte, enviei uma mensagem de texto para o Aled. Depois, enviei uma mensagem pelo Facebook. Depois, liguei para ele. Não tinha resposta, e às quinze para as sete da noite, saí da minha casa com a intenção de bater à porta dele, mas o carro da mãe não estava, nem ele.
- No fim de semana, enviei a ele um pedido de desculpas bem longo pelo Facebook, que pareceu ridículo enquanto eu o escrevia e continuou ridículo quando o li. Enquanto escrevia, percebi que não havia nada que pudesse fazer para melhorar a situação e era possível que eu tivesse acabado de perder o único amigo de verdade que já tinha tido na vida toda.
- Meu comportamento pelo resto do mês de outubro foi mais ridículo do que pensei que seria possível. Eu chorava todos os dias, não conseguia dormir direito e ficava muito irritada comigo mesma por causa disso tudo. Engordei, mas não me incomodei muito. Nunca tinha sido magricela mesmo.
- Outubro foi um mês cheio de trabalho da escola também. Estava passando a maior parte das noites fazendo lição. Eu tinha muito trabalho de arte para fazer e precisava escrever redações de inglês *toda semana*. Eu estava tentando ler alguns livros para minhas entrevistas de Cambridge, mas não conseguia me concentrar. Eu me forcei a ler mesmo assim. *Os contos da Cantuária*, *Filhos e amantes* e *Por quem os sinos dobram*. Se eu não entrasse em Cambridge, tudo o que eu tinha tentado ser ao longo da minha vida escolar seria um desperdício total.
- Uma noite, vi Aled descendo a rua, vindo da estação, levando uma mala. Imaginei que passaria o fim de semana em casa. Quase corri para fora para falar com ele, mas ele teria respondido às minhas mensagens se quisesse retomar a amizade. Queria saber o que estava achando da faculdade. Ele tinha sido

marcado em algumas fotos de calouradas no Facebook, com outros calouros, sorrindo, bebendo e às vezes até fantasiado. Eu não sabia se deveria me sentir feliz ou triste, mas ver as fotos fez com que eu me sentisse péssima.

- Obviamente, parei de fazer a voz de Toulouse em *Universe City* e parei de fazer a arte. Aled mudou a história de modo que Toulouse fosse expulsa da cidade de repente. Fiquei muito triste com isso, como se eu mesma tivesse sido expulsa.
- Recebi muitas mensagens no Tumblr perguntando por que aquilo havia acontecido. Falei que era a história, que a participação de Toulouse tinha terminado.
- Recebi muitas mensagens no Tumblr perguntando por que minha arte não aparecia mais nos vídeos de *Universe City* e por que eu não andava postando desenhos ultimamente. Falei que estava ocupada com coisas da escola e precisava dar um tempo.
- Recebi muitas mensagens.
- Quase joguei tudo para o alto e deletei meu Tumblr, mas não consegui, então procurei me manter longe de lá tanto quanto fosse possível.
- No dia primeiro de novembro, eu fiz dezoito anos. Pensei que me sentiria diferente, mas, claro, não me senti. Acho que a idade não tem muito a ver com ser adulto.

FRANCES DA ESCOLA

— Frances, você parece tão *irritada* — disse Maya, rindo. — O que está acontecendo?

Todo dia que eu passava almoçando com meus “amigos” de escola parecia que eu estava me aproximando um pouco mais de fazer as malas, sair da cidade e caminhar até o País de Gales.

Eles não eram pessoas ruins. Eram apenas amigos da Frances da Escola — a Frances calada, estudiosa — e não da Frances real — que adorava memes, era louca por leggings estampadas e estava prestes a ter um treco. Como a Frances da escola era muito chata, não gostavam muito de falar com ela, nem se importavam muito em saber como ela era. A Frances da escola, comecei a perceber, quase não tinha personalidade, então eu não culpava ninguém por rir dela.

Era início de novembro e eu estava tendo cada vez mais dificuldade de ser a Frances da escola.

Sorri para Maya.

— Haha. Tudo bem. Só estou estressada.

“Só estressada” começava a ter o mesmo sentido de “estou bem”.

— Ai, meu Deus, eu *também* — disse ela, e então começou a falar com outra pessoa.

Raine se virou para mim. Ela sempre tinha se sentado perto de mim na hora do almoço e eu me sentia extremamente grata por isso, porque era a única pessoa com quem eu conversava de verdade.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou ela com um tom muito menos autoritário do que o de Maya. — Você parece meio doente, na verdade.

Eu ri.

— Obrigada.

Ela sorriu.

— Não! É sério... hum, só estou dizendo que você não tem agido de um jeito muito normal.

— Haha. Não sei o que é ser normal.

— Ainda está chateada por causa do Aled?

Ela disse aquilo de um jeito tão direto que quase ri de novo.

— Um pouco, acho. Ele não responde a nenhuma das minhas mensagens...

Raine olhou para mim por um momento.

— Ele é um idiota — disse ela, o que me fez rir de um jeito meio traumatizado.

— O quê? O que aconteceu?

— Se ele não consegue nem pensar racionalmente para ver que você foi amiga dele todo esse tempo, por que você tenta? Está claro que ele não se importa o suficiente para valorizar sua amizade. Você também não deveria se importar. — Ela balançou a cabeça. — Você não precisa de amigos assim.

Eu sabia que tudo era muito mais complicado do que aquilo e sabia que tudo era minha culpa e que eu não era digna de pena, mas ainda assim era bom ouvir Raine dizer essas coisas.

— Acho que sim — falei.

Ela me abraçou e percebi que era a primeira vez que fazia isso. Eu a abracei também, da maneira que consegui, sentada onde estava.

— Você merece amigos melhores — disse ela. — Você é um anjo iluminado.

Eu não soube nem o que dizer nem o que pensar. Só a abracei.

ATLETA DAS OLIMPÍADAS DE INVERNO

— Frances, quando acontecem suas entrevistas de Cambridge?

Eu estava passando pela porta dos fundos da quadra da escola quando Daniel falou comigo pela primeira vez desde setembro. Ele estava ao lado da cortina do palco com um atleta das Olimpíadas de Inverno que havia chegado para dar um discurso para as turmas do fundamental.

É claro que Daniel tinha bons motivos para estar bravo comigo e, como eu não era mais a representante de turma, não tinha motivos para ficar perto dele. Por isso, não me surpreendi quando ele começou a se recusar a olhar na minha cara nos corredores da escola.

Eu não tinha pressa para chegar a lugar nenhum, então entrei na área dos bastidores. Ele nem tinha feito a pergunta de um jeito grosseiro.

— Dia 10 de dezembro — falei.

Estávamos em meados de novembro e eu ainda tinha algumas semanas. Não tinha lido tudo o que disse que leria na minha carta de compromisso ainda. Não tinha tido tempo para me preparar para as entrevistas e fazer os trabalhos escolares ao mesmo tempo.

— Ah — disse ele. — Mesma coisa para mim.

Ele parecia estar um pouco diferente do que na última vez em que eu tinha conversado com ele. Pensei que talvez tivesse deixado os cabelos crescerem um pouco, mas não tinha certeza, já que ele sempre o mantinha penteado para trás em um topete.

— Como estão as coisas? — perguntei. — Está pronto? Sabe tudo sobre... tipo... bactérias e... esqueletos e coisas assim?

— Bactérias e esqueletos...

— O que foi? Não sei o que vocês estudam em biologia.

— Mas você fez aula de biologia.

Cruzei os braços.

— O núcleo é a usina da célula. A membrana da célula... o que a membrana da célula faz? Espero que você saiba o que faz a membrana da célula. Pode ser que perguntem.

— Eles provavelmente não vão me perguntar o que faz a membrana da célula.

— O que vão perguntar?

Ele olhou para mim por um instante.

— Nada que você entenderia.

— Que bom que não estou me candidatando para estudar biologia, né?

— É.

De repente, notei que Raine estava nos fundos com a gente. Ela estava enchendo de perguntas o atleta das Olimpíadas de Inverno, e senti uma certa pena dele. Ele devia ser só dois anos mais velho do que a gente e parecia meio nerd e sem jeito para um atleta, muito alto, com óculos enormes e calça jeans um pouco curta demais. Parecia estar meio em pânico por ter que falar por vinte minutos com adolescentes, e Raine não estava ajudando em nada. Aparentemente, ele tinha frequentado a escola do outro lado da cidade, a escola de Aled, e agora estava ali para falar sobre seu sucesso, suas conquistas e coisas assim.

Daniel me viu olhando para ela e revirou os olhos.

— Ela queria conhecê-lo.

— Ah.

— Enfim, é o seguinte — continuou Daniel, olhando em meus olhos. — Preciso de uma carona até Cambridge.

— Precisa de uma carona...?

— Pois é. Meus pais estão trabalhando e não tenho dinheiro para chegar a Cambridge sozinho.

— Seus pais não podem te dar dinheiro para o trem?

Ele meio que travou a mandíbula como se não quisesse dizer o que estava prestes a dizer.

— Meus pais não me dão dinheiro para fazer as coisas — disse ele. — E precisei parar de trabalhar por causa da escola.

— Eles não te dão dinheiro nem mesmo para ir a *Cambridge*?

— Eles acham que não é nada de mais. — Ele balançou a cabeça levemente. — Acham que nem preciso fazer faculdade. Meu pai... Meu pai quer que eu vá trabalhar com ele... Ele tem uma loja de eletrônicos... — Ele parou de falar.

Eu olhei fixamente para ele. De repente, senti muita pena.

— Eu ia pegar o trem para chegar lá — falei. — Minha mãe vai estar trabalhando.

Daniel assentiu e olhou para baixo.

— Ah, tá. Bom, tudo bem.

Raine se inclinou na cadeira. O atleta pareceu meio aliviado.

— Eu levo vocês de carro, se quiserem — disse ela.

— O quê? — perguntei.

— O quê? — perguntou Daniel.

— Levo vocês. — Raine abriu um sorrisão e apoiou o queixo na mão. — Até Cambridge.

— Você vai ter aula — disse Daniel, sem hesitar.

— E daí?

— E daí... você vai faltar?

Ela deu de ombros.

— Vou falsificar uma autorização para justificar minha falta. Sempre funciona.

Daniel pareceu muito incomodado. Para mim, era muito esquisito que Daniel tivesse aberto o coração, quando estava bêbado, a uma garota com quem ele não tinha absolutamente nada em comum. Por outro lado, talvez tenha sido este o motivo para ele se abrir.

— Tá — disse ele, tentando, sem conseguir, esconder o tom de irritação. — Tá, seria ótimo.

— É, obrigada — falei. — Muita gentileza.

Caímos num silêncio desconfortável por alguns segundos, então a professora fez um gesto do outro lado do palco para que Daniel aparecesse para apresentar o atleta olímpico. Ele obedeceu, o atleta subiu ao palco e Daniel saiu.

Daniel e eu não conversamos enquanto o cara estava falando. Para ser sincera, ele não era um orador muito bom — sempre perdia o raciocínio. Acho que ele deveria estar inspirando as pessoas a estudarem bastante e explicando a respeito das carreiras relacionadas ao esporte, e parecia bem confiante no que dizia, mas não parava de dizer coisas como "Eu não me dava muito bem na faculdade", "Eu me sentia meio alienado na escola", ou "Não acho que nós possamos ter nossa vida definida pelas notas que tiramos nas provas".

Quando o cara terminou, Daniel e eu sorrimos e agradecemos por ele ter vindo e tal. Ele perguntou se ele tinha se saído bem e claro que dissemos que sim. Depois disso, ele saiu acompanhado de um professor e Daniel e eu começamos a voltar para a sala de descanso.

Enquanto passávamos pelos corredores, perguntei a ele:

— Você tem visto Aled com frequência?

— Você já sabe sobre nós, não sabe? — perguntou ele, olhando para mim.

— Sei.

— Bom, ele não fala mais comigo.

— Por quê?

— Não sei. Um belo dia ele parou de responder às minhas mensagens.

— Sem motivo?

Ele parou e pareceu prestes a tombar se continuasse andando, como se o peso de tudo aquilo pudesse derrubá-lo no chão.

— Nós discutimos no aniversário dele.

— Por quê?

Eu não sei por que estava surpresa. As pessoas esquecem as outras mais rápido do que consigo entender. As pessoas esquecem dentro de poucos dias, tiram fotos novas para colocar no Facebook e não leem as mensagens que mandamos. Seguem em frente e deixam você de lado porque você comete mais erros do que deveria. Talvez isso fosse justo. Quem era eu para julgar, afinal?

— Não importa — disse ele.

— Ele também não fala mais comigo — disse eu.

Não dissemos mais nada depois disso.

ESPAÇO

— Está ficando meio tarde, não é, France? — perguntou minha mãe, entrando na sala com uma xícara de chá em uma das mãos.

Olhei para ela quando desviei o olhar do laptop. O movimento me fez sentir dor de cabeça na mesma hora.

— Que horas são?

— Meia-noite e meia. — Ela se sentou no sofá. — Você não está fazendo lição ainda, não é? Você fez lição todas as noites desta semana.

— Preciso acabar este parágrafo.

— Você precisa se levantar daqui a seis horas.

— Eu sei, termino já, já.

Ela bebericou o chá.

— Você não para. Não é à toa que está com dores por estresse.

Eu andava sentindo umas dores esquisitas nas costelas todas as vezes em que me sentava em determinada posição. Às vezes, mais parecia que eu estava tendo um ataque cardíaco lento, por isso estava tentando não pensar muito no assunto.

— Acho que você deveria ir para a cama — disse ela.

— Não posso! — rebati, mais alto do que pretendia. — Não posso, literalmente. Você não está entendendo. Isso é para amanhã. Primeira aula, então tenho que fazer agora.

Minha mãe ficou em silêncio por um momento.

— O que acha de irmos ao cinema nesse fim de semana? — perguntou ela. — Só para dar um tempo dessa coisa de Cambridge. Aquele filme sobre o espaço saiu há algumas semanas.

— Não tenho tempo. Talvez depois de minhas entrevistas.

Ela assentiu.

— Está bem. — Ficou de pé. — Tá. — E saiu da sala.

Terminei a redação à 1h e fui para a cama. Pensei em ouvir o episódio mais recente de *Universe City* porque ainda não tinha escutado, mas estava cansada demais e não estava a fim, então me deitei e esperei adormecer.

ÓDIO

Eu estava evitando checar o Tumblr há algumas semanas. Só andava recebendo um monte de mensagens de pessoas me perguntando por que eu não estava atualizando, além do lembrete de que não desenhava nada havia mais de um mês.

Além disso, para ser sincera, o fandom me assustava.

Agora que todo mundo sabia quem era Aled na vida real, a tag de *Universe City* passou por uma fase de postagens de todas as fotos de Aled que conseguiam encontrar. Na verdade, não eram muitas. Algumas roubadas do Facebook pessoal dele. Uma roubada da página da Johnny R's no Facebook. Uma borrada na rua de sua faculdade. Felizmente, depois que alguns fãs postaram comentários dizendo que aquilo era uma invasão absurda da privacidade de alguém que claramente pretendia se manter anônimo, as postagens diminuíram.

Parecia que ninguém sabia nada sobre ele. Não sabiam quantos anos ele tinha, onde vivia, o que estava estudando na faculdade. Aled não confirmava nada no Twitter — só ignorava tudo, como se nada estivesse acontecendo. Aos poucos, todo mundo parou de falar sobre ele e voltou a falar sobre *Universe City*. Como se nada tivesse acontecido.

De modo geral, comecei a sentir que as coisas não eram tão ruins quanto todos tínhamos pensado.

Até o fim de novembro.

Foi quando tudo ficou cem vezes pior.

O primeiro post a circular pelo fandom foi uma foto nova de Aled.

Ele estava sentado em um banco de pedra, no que parecia ser uma praça. Eu não tinha ido à cidade da faculdade do Aled, mas imaginei que fosse lá. Ele

segurava uma bolsa da Tesco e olhava para o telefone. Fiquei tentando imaginar o que ele podia estar digitando.

Seus cabelos tinham crescido o suficiente para cobrir os olhos e ele quase parecia o Aled que eu tinha conhecido em maio.

Não havia legenda com a foto e, como o blog do Tumblr que a havia postado não estava com a caixa de perguntas aberta, a única maneira de as pessoas criticarem a pessoa que havia feito o post era repostando. Foi o que fizeram. Dentro de poucos dias, o post tinha 20 mil comentários.

O segundo post nem era de um blog do *Universe City*.

troylerphandoms23756
oi dei uma olhada em "Universe City" já que o phil recomendou recentemente, mas... alguém mais acha que é, tipo... *superelitista*? Tipo muito, muito privilegiado? A coisa toda é uma metáfora enorme para como o autor acha o sistema educacional uma merda, né? Há pessoas em países de terceiro mundo morrendo de fome para poder estudar kkkk... sei lá, "Universe City" = "university"... não é exatamente sutil, né? Kkkk

Dezenas de blogs de *Universe City* reblogaram aquilo com comentários ácidos, e eu quase senti vontade de dizer algo também. Era uma afirmação absolutamente ridícula.

Por outro lado, acho que Aled tinha *mesmo* dito algo sobre não querer fazer faculdade. Não tinha? Ou estava só brincando?

Então, apareceu um terceiro post, feito pela mesma pessoa que compartilhou a primeira foto.

Era outra foto de Aled. Estava razoavelmente escuro e ele estava destrancando uma porta. As palavras "St John's College" podiam ser lidas com clareza na parede do prédio.

O que significava que todo mundo que visse aquilo saberia onde Aled morava.

Desta vez, a foto vinha com uma legenda.

youngadultmachine
vo matá aled last imbecil privilegiado ele tá fazeno coisa errada, a educação é um privilegio e ele Não tem direito de faze os aluno questiona o Caminho que tomaram na vida. Ele tá fazendo lavagem cerebral neles.

Senti o estômago revirar ao ler aquilo.

Não estavam falando sério, né?

Não tinha como saber se a pessoa que tinha escrito aquilo tinha sido a pessoa que tirou a foto.

Eu não soube o que pensar.

Era só ódio. Ódio na internet.

Universe City era só uma história — uma história de aventura mágica de ficção científica que me dava um intervalo de felicidade de vinte minutos por semana. Não havia significados mais profundos. Se houvesse, ele me diria.

Não é?

UNIVERSE CITY: Ep. 140 — bem

UniverseCity

96.231 visualizações

você acha que tudo isso é uma piada?

Deslize para baixo para ler o roteiro >>>

[...]

Gostaria de saber por que você ainda ouve isso! Está ligando o rádio toda semana para ouvir uma história engraçadinha a respeito das bobeiras de Rádio e seus amigos matando um novo monstro e resolvendo o mistério como se fôssemos uma bendita gangue do Scooby Doo do século XXVI? Consigo entender você agora. Rindo muito enquanto estamos aqui, morrendo lentamente com a poluição da cidade, sendo assassinados enquanto dormimos. Aposto que você tem o poder de entrar em contato conosco, mas não se dá ao trabalho. Você tem ouvido algo que eu disse?

Você é como todas as outras pessoas que conheci no velho mundo. Não se dá ao trabalho de fazer nada.

[...]

GUY DENNING

— Frances... não te aconselho a colocar a cara na mesa enquanto uso henna — disse Raine para mim durante uma de nossas aulas de arte no início de dezembro. Eu estava fazendo uma cópia de um retrato de Guy Denning usando giz e carvão, porque meu projeto era sobre isolamento. Ela estava aplicando henna em uma mão de esqueleto de papel maché, porque seu projeto era sobre racismo contra hindus na Grã-Bretanha.

Eu me recostei e toquei meu rosto.

— Espirrou henna em mim?

Raine olhou para mim e fez cara de concentrada.

— Não, tudo limpo.

— Ufa.

— O que foi?

— Só estou com dor de cabeça.

— De novo? Cara, você precisa ir ao médico ver isso.

— É só estresse. E falta de sono.

— Nunca se sabe. Pode ser um enorme tumor no cérebro.

Fiz uma careta.

— Por favor, não fale de tumores. Sou hipocondríaca ao extremo.

— Pode ser um aneurisma prestes a romper.

— Por favor, pare de falar.

— Meninas, como estão se saindo? — Nossa professora de arte, a srta. García, apareceu à frente de nossa mesa como por mágica. Levei um susto tão grande que quase borrei meu desenho.

— Bem — falei.

Ela observou meu desenho e se sentou no banco ao meu lado.

— Está ficando bom.

— Obrigada!

Ela tocou o papel com um dedo.

— Você é muito boa em captar semelhanças, mas as mantém em seu próprio estilo. Você não está só desenhando as coisas de modo fotográfico, está mesmo interpretando-as e transformando em algo novo. Está criando sua obra.

Fiquei um pouco feliz.

— Obrigada...

Ela olhou para mim através dos óculos quadrados e envolveu o corpo com a blusa de crochê.

— Para qual curso você está se candidatando na faculdade, Frances?

— Literatura inglesa.

— Ah, é mesmo?

Dei risada.

— Isso surpreende?

Ela se inclinou sobre a mesa.

— Eu não sabia que você se interessava. Pensei que você fosse fazer algo mais prático.

— Ah... tipo o quê?

— Bem, sempre pensei que você faria arte. Poderia estar enganada, mas parece que você gosta bastante.

— É, gosto... — Fiz uma pausa. Eu nunca tinha nem sequer pensado em me formar em arte. Sempre gostei de arte, mas a ideia de estudar isso na faculdade... seria um pouco inútil, não é? Para que faria isso sendo que conseguia notas ótimas em matérias mais úteis? Seria desperdício de potencial. — Não posso escolher um curso com base no que *gosto*.

A srta. García ergueu as sobrancelhas.

— Ah.

— Já mandei minha inscrição, de qualquer modo. Minhas entrevistas de Cambridge serão semana que vem.

— Sim, claro.

Fizemos uma pausa estranha, e então ela se endireitou.

— Continuem o bom trabalho, meninas — disse e se afastou.

Eu olhei para Raine, mas ela estava concentrada na henna de novo. Não ia tentar entrar em nenhuma faculdade, e isso irritava nossa escola — ela decidiu se candidatar a alguns estágios de negócios. Eu queria pedir a opinião dela, mas ela não sabia como o desenho era importante na minha vida, então provavelmente não teria conseguido ajudar.

Voltei a olhar para a cópia que estava fazendo. Era o rosto sombreado de uma menina com os olhos fechados. Eu fiquei me perguntando se Guy Denning fez faculdade, já que ele era um dos meus artistas preferidos de todos, e decidi que pesquisaria sobre isso quando chegasse em casa.

De acordo com a Wikipédia, ele havia se candidatado a um monte de cursos universitários de arte e não entrou em nenhum.

APERTAR O PLAY

Faltavam três dias para as entrevistas de Cambridge quando percebi que não ouvia um episódio de *Universe City* havia três semanas. Também não tinha olhado o Twitter de Aled. Nem checado o Tumblr. Não tinha desenhado nada.

Não foi nada de mais, mas fiquei me sentindo esquisita. Eu acreditava gostar de todas essas coisas, mas talvez eu tivesse a alma de acadêmica, afinal. Eu não parava de me despir de camadas de minha personalidade, mas parecia estar num ciclo vicioso. Sempre que acreditava ter determinado o que realmente gostava, começava a me questionar. Talvez eu não gostasse de mais nada.

Aled e eu tínhamos sido bons amigos; ele não poderia negar isso a si mesmo. Ele havia decidido terminar a amizade e nunca mais conversar comigo, então por que eu ficaria triste? O errado era ele. Não tinha nenhum direito de estar bravo comigo. Eu era a pessoa que precisou voltar a ser a Frances da escola, calada, chata, estressada, cansada. Ele estava se divertindo a valer na universidade e eu estava dormindo cinco horas por noite e talvez conversando com duas pessoas por dia.

Baixei um episódio de *Universe City* para ouvir, mas não consegui apertar o play, porque tinha trabalho para fazer, que era mais importante.

UNIVERSE CITY: Ep. 141 — dia de nada

UniverseCity

85.927 visualizações

Não fiz nada hoje

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Toda semana acontece alguma coisa e parece cansativo. A verdade, colega, é que às vezes não há nada a contar. Às vezes pode ser que eu exagere um pouco, para ter algo interessante a dizer. Lembra aquela vez que te contei que surfei com o BOT22 até a Leftley Square? Pois então... foi mentira. Era só um BOT18. Menti. Menti mesmo, mesmo. Me desculpa.

Eu me sinto um pouco como um BOT18 às vezes. Velho e enferrujado, com dor e sono. Percorrendo a cidade, perdido, em círculos, sozinho. Sem motores em meu coração, sem código comandando meu cérebro. Só energia cinética, sendo levado delicadamente a progredir por outras forças — som, luz, ondas de poeira, terremotos. Estou perdido como sempre, amigos. Percebem?

Gostaria que alguém me resgatasse logo. Ah, eu adoraria se isso acontecesse. Adoraria. Adoraria demais, de fato.

[...]

O QUE MAIS SE DEVERIA FAZER

Às nove da manhã no dia das minhas entrevistas de Cambridge, Raine parou na frente da minha casa com seu Ford Ka roxo. Ela me mandou uma mensagem de texto dizendo "OPA TÔ AQUI FORA". Respondi "saio em um segundo miga", apesar de não querer sair de casa de jeito nenhum.

Eu estava com as duas redações que tinha enviado à faculdade dentro da bolsa, para poder relê-las dentro do carro. Também estava com a garrafa de água, uma caixinha de balas de menta, alguns episódios de *Universe City* baixados em meu iPod para me acalmar e uma mensagem de calma/boa sorte de minha mãe, que ela tinha escrito embaixo de uma foto impressa da Beyoncé. Antes de minha mãe sair para trabalhar, ela havia me dado um abraço forte e me dito para mantê-la atualizada por meio de mensagens do Facebook e para ligar logo depois das entrevistas. Isso fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

Eu estava usando o que pensava ser uma combinação muito bem-sucedida de "sou uma jovem madura, requintada e inteligente" com "não acredito que o que eu estiver vestindo hoje influenciará sua decisão", que era uma calça jeans skinny azul, uma blusa preta bem normal e simples e uma camisa xadrez da cor verde por baixo. Normalmente, nunca usaria aquilo, mas estava me sentindo bem intelectual e ainda assim como eu mesma.

Basicamente, eu estava me sentindo muito desconfortável. Atribuí essa sensação ao nervosismo.

O olhar de Raine me acompanhou enquanto eu caminhava na direção do carro dela.

— Você está com uma aparência bem entediante, Frances — disse ela quando me sentei no banco do carona.

— Que bom — falei. — Não quero assustá-los.

— Estava torcendo para você vir de legging colorida. Ou com aquela jaqueta preta.

— Acho que as pessoas não usam isso em Cambridge.

Nós duas rimos muito e fomos para a casa do Daniel.

Daniel vivia no meio da cidade, na frente de um mercado Tesco Express, em uma casa com uma varanda bem pequena, sem garagem. Raine demorou uns três minutos para conseguir estacionar direito.

Enviei uma mensagem a Daniel e ele saiu da casa usando o uniforme de sempre da escola.

Saí do carro para que ele pudesse se acomodar no banco de trás.

— Então decidiu vestir o uniforme?

Ele olhou para mim, de cima a baixo.

— Pensei que todo mundo fosse vestido assim.

— Vão?

Ele deu de ombros.

— Pensei que sim, mas posso estar enganado.

Ele se virou e entrou no carro. Minha ansiedade em relação a hoje estava pelo menos três vezes maior.

— Daniel, você não está colaborando, cara — disse Raine, revirando os olhos de um jeito exagerado. — Já estamos bem nervosas.

— Você também? — Daniel riu enquanto eu entrava no carro de novo. — Você nem vai ser entrevistada. Só vai ficar no Costa Coffee por seis horas jogando *Candy Crush*.

— Dá licença? Estou muito nervosa por vocês dois. E eu parei de jogar *Candy Crush* há dois meses.

Isso me fez rir de novo e, pela primeira vez desde que tínhamos concordado em ir com Raine, fiquei meio feliz por não estar indo sozinha para as entrevistas.

O trajeto até Cambridge durou duas horas e meia. Daniel ficou no banco de trás com fones de ouvido e não conversou com nós duas. Eu não o julgava, para ser sincera. De poucos em poucos minutos, sentia o estômago revirar como se eu fosse vomitar no carro todo.

Raine também não tentou falar muito comigo, e por isso fiquei agradecida. Ela também me deixou escolher a música que tocaria no carro, pelo seu iPod. Escolhi uns remixes de Bon Iver, reli minhas redações por cerca de meia hora e depois passei a maior parte da viagem olhando pela janela. A estrada me acalmava.

Tudo o que eu já tinha feito na escola havia me levado para aquele momento.

Descobri o que eram Oxford e Cambridge aos nove anos de idade e soube que era para lá que eu deveria ir.

O que mais se deveria fazer quando se tiravam as melhores notas da sala, todos os anos, sem falta?

Por que eu perderia uma oportunidade como aquela?

COISAS INÚTEIS

— Minha nossa — disse Raine quando passamos por Cambridge. — Parece que a faculdade foi construída com caviar.

Já era quase meio-dia. Minha primeira entrevista era às duas, e a do Daniel, às duas e meia. Eu estava tentando não ter uma crise de ansiedade.

— Tudo é muito marrom — continuou Raine. — Tipo, não tem nada da cor cinza. Parece o cenário de um filme.

Era um lugar bonito, para ser sincera. Quase parecia falso em comparação com o cinza da cidade. O rio em Cambridge parecia ser de *O Senhor dos Anéis*, enquanto o rio em nossa cidade mais parecia um lugar onde era possível encontrar carrinhos de mercado e corpos mortos.

Depois de passarmos dez minutos entrando em ruas aleatoriamente, conseguimos encontrar um lugar para estacionar. Raine não tinha certeza de que era totalmente permitido estacionar ali, mas decidiu não se preocupar muito com isso. Eu me preocupei bastante, mas ela era a motorista, então eu não podia opinar. Daniel parecia ter entrado em uma dimensão diferente e não estava entendendo direito o que estávamos dizendo.

Algumas das faculdades em Cambridge pareciam palácios. Eu já as vira em fotos, claro, mas não era a mesma coisa que ver pessoalmente.

Nem pareciam reais.

Logo encontramos uma Starbucks.

— Retiro o que disse a respeito de tudo ser marrom — disse Raine assim que nos sentamos. — Só vi gente branca desde que chegamos.

Até mesmo ela parecia meio desconfortável, o que era compreensível, porque ela se destacava, sim, com os cabelos curtos, uma jaqueta de tom pastel azul e tênis

de plataforma.

— Verdade — falei.

Beberiquei meu café, mas não tinha certeza de que conseguiria comer o sanduíche que tinha comprado. Daniel tinha levado seu almoço e isso fez com que eu me lembrasse de Rony Weasley no trem em direção a Hogwarts, comendo sanduíches enrolados em filme plástico. Não que ele estivesse comendo; estava sentado, totalmente imóvel, exceto por uma perna, que ele não parava de balançar.

Raine se recostou no assento e ficou olhando para nós por um momento.

— Bem, tenho algumas coisas a dizer a esse respeito — disse ela.

— Por favor, não diga — respondeu Daniel imediatamente.

— Coisas úteis.

— Nada do que você disser vai ser útil.

— Então... coisas não inúteis.

Daniel lançou a ela um olhar como se quisesse que ela morresse.

— Pessoal, só acho que... tipo... se vocês dois não conseguirem entrar em Cambridge, quem vai conseguir?

Daniel e eu olhamos para ela.

— Isso realmente não é útil — disse Daniel.

— Falando sério. — Raine estendeu as mãos. — Vocês dois têm sido os melhores alunos da turma desde... tipo... entrarem na escola? E aposto que também eram os melhores da escola anterior. Tipo... Se vocês dois não conseguirem entrar em Cambridge, não sei quem entraria.

Não dissemos nada.

— Mas e se formos mal na entrevista? — perguntei baixinho.

— Pois é — disse Daniel.

Raine pareceu não encontrar palavras, mas então disse:

— Olha, não acho que isso vai acontecer. Vocês dois sabem muito sobre seus cursos, são superinteligentes. — Ela sorriu e fez um gesto para si mesma. — Tipo, se eu tentasse fazer uma entrevista dessa, provavelmente ia desistir. Ou suborná-los para me deixarem entrar.

Dei risada. Até Daniel deu um sorrisinho.

Almoçamos e eu fui para a faculdade para a qual tinha me candidatado; eu a havia escolhido por ser uma das famosas, uma das mais acadêmicas,

supostamente. Raine me deu um abraço forte antes de eu ir. Daniel meio que meneou a cabeça para mim, mas até mesmo esse gesto foi reconfortante. Enviei uma mensagem para a minha mãe avisando que estava indo e ela respondeu dizendo que acreditava em mim. Para ser sincera, eu só queria acreditar em mim também.

Era só porque eu estava nervosa. Estava esquisito porque eu estava nervosa. Era só isso.

Meu plano original, meses antes, tinha sido ouvir um episódio de *Universe City* para me acalmar antes de entrar na faculdade, mas não queria mais fazer isso.

Fui levada para a sala por um aluno. Ele tinha um sorrisão, uma voz bem bacana e usava um blazer por vontade própria.

Como eu esperava, meia hora antes da minha entrevista, recebi um pedaço de papel com um poema de um lado e um trecho curto de um romance do outro. Eu os li sentada em um sofá na biblioteca da faculdade. Faziam pouco sentido, mas tentei procurar as metáforas. O trecho do livro era sobre uma caverna. Não consigo me lembrar do que tratava o poema.

Quando minha meia hora terminou, as palmas das minhas mãos estavam suadas e meu coração batia forte. Minha vida tinha sido vivida para isso; meu futuro seria construído com isso. Eu só precisava parecer inteligente, entusiasmada, original, mente aberta. A aluna ideal de Cambridge — espera, o que era, mesmo? Eu havia assistido a todas as entrevistas de exemplo no site da Cambridge. Eu precisava cumprimentar o entrevistador com um aperto de mãos? Não conseguia me lembrar. A menina que tinha entrado antes de mim estava vestindo um terninho. Todo mundo estava de terno? Eu parecia burra? Meu telefone estava no silencioso? E se eu me desse mal? Seria o fim? E se eu me desse mal agora, depois de ter ficado tantas noites estudando até tarde, depois de ler todos os livros e poemas por um ano? E se eu tivesse desperdiçado todo aquele tempo? E se tudo aquilo tivesse sido para nada?

BRANCOS VELHOS

Os dois entrevistadores eram homens brancos velhos. Tenho certeza de que nem todos os entrevistadores da Universidade de Cambridge são brancos velhos, e uma mulher fez minha segunda entrevista do dia, mas, na primeira, os entrevistadores eram brancos velhos, e não fiquei surpresa.

Eles não estenderam a mão para me cumprimentar, então também não estendi a mão para eles.

Minha entrevista foi meio assim:

HOMEM BRANCO VELHO (H.B.V.) NÚMERO 1: Bem, Frances, vejo que você escolheu se especializar em arte, juntamente com inglês, história e política. Fez também matemática no colégio. Por que um grupo tão diverso de matérias?

FRANCES: Ah... sabe, sempre me interessei por muitas matérias. Só imaginei que, na especialização, sabe, seria bom, meio que... continuar assim, sabe, usando os dois lados do cérebro, tendo uma experiência de aprendizado mais ampla... mais abrangente. Gosto de muitas matérias diferentes, então, é isso.

H.B.V. número 1: [pisca e assente]

H.B.V. número 2: Você diz em sua apresentação que o livro que inspirou seu interesse em estudar literatura inglesa foi [olha o papel] *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger?

FRANCES: Isso!

H.B.V. número 2: O que, exatamente, te inspirou no livro?

FRANCES: [totalmente despreparada para uma pergunta como essa] Ah... sim. Bom, acho que foram os temas, de verdade, eu realmente me identifiquei com os temas de, sabe, desilusão e alienação. [ri] Sabe como é, coisa normal de

adolescente! Bom, sim, havia muitas coisas no livro que me deixaram interessada, como, em um ponto de vista acadêmico, como, hum... Uma das coisas de que gostei foi que Salinger meio que *pegou* o jeito de falar dos adolescentes dos anos 1940 e 1950. Foi a primeira vez que li um livro antigo — bem, tipo, um livro *clássico*, pelo menos... que, bem, pareceu uma voz real. Eu me senti muito ligada ao personagem principal, acho... e isso me fez querer entender por quê.

H.B.V. número 2: [assente e sorri, mas parece não ter ouvido nada do que eu disse]

H.B.V. número 1: Bem, Frances, acho que a maior pergunta é: Por que você quer estudar literatura inglesa?

FRANCES: [pausa aterrorizada] Bem... [outra pausa aterrorizada — por que eu não conseguia pensar em nada para dizer?] Bem, eu... eu sempre adorei literatura inglesa. [Uma terceira pausa aterrorizada. Vamos. Há mais motivos do que isso. Tudo bem. Vá com calma.] Literatura sempre foi minha matéria preferida. [Não é verdade, né?] Desde pequena quero fazer esse curso universitário. [Que mentira enorme. Você vai precisar falar menos como um robô se quiser que eles acreditem em você.] Eu amo analisar textos e aprender sobre eles... sobre seus contextos. [Não estou entendendo, por que você está agindo assim? Parece que está mentindo.] Acho que estudar literatura inglesa me motivaria a ler muito mais do que leio. [Espera aí, então você está dizendo que não lê muito? Por que então está se candidatando para estudar literatura inglesa, pra começo de conversa?] Eu acho... [Por que está se candidatando para estudar literatura inglesa na faculdade?] Acho que sempre... [Sempre o quê? Sempre mentiu para si mesma a esse respeito? Sempre pensou que adorava algo que não adorava?]

H.B.V. número 2: Certo, bem, vamos continuar.

ÚNICA COISA ESPECIAL

Logo depois disso, tive que fazer uma prova na qual precisava comparar dois trechos de prosa. Não consigo me lembrar sobre o que eram, nem consigo me lembrar do que escrevi. Eu estava em uma sala com cerca de mais vinte pessoas e tínhamos que nos sentar ao redor da mesma mesa ampla. Eu estava bem inquieta e, no fim, todo mundo parecia ter escrito muito mais do que eu.

Depois veio a segunda entrevista, que basicamente foi como a primeira.

Quando voltei para a Starbucks, Raine estava lendo um jornal. Ela olhou para mim quando me sentei e dobrou o jornal.

Eu me dei conta de como ela era uma ótima amiga.

Ela não tinha por que nos levar até ali de carro. Provavelmente estava à nossa espera, ali, havia três horas.

— Amiga, como foi?

— Hum...

Tinha sido terrível. Percebi no meio da entrevista que não queria fazer o curso para o qual estava me candidatando, na universidade na qual queria entrar havia pelo menos dez anos. Tinha perdido o rumo e esquecido como enrolar, além de acabar com todas as minhas chances de entrar.

— Não sei. Acho que fiz o melhor que podia.

Raine olhou para mim por um momento.

— Bom... isso é bom? É só o que você pode fazer.

— É, exatamente.

Mas eu não tinha feito o melhor que podia, não é? Tinha feito tudo da pior maneira. Como era possível que eu não tivesse me preparado? Como era possível que eu não tivesse analisado as coisas com mais profundidade?

— Deve ser útil ser esperta — disse ela, e então riu um pouco. Olhou ao redor e de repente pareceu bem triste. — Estou sempre com medo de acabar sem casa ou coisa assim. Queria que nossa vida não dependesse de nossas notas.

"Útil", pensei, era uma palavra muito boa naquele caso.

Raine e eu andamos por Cambridge por um tempo enquanto o Daniel fazia a segunda entrevista. Raine já tinha explorado o lugar, então me levou aos pontos que achava que valiam a pena visitar, entre eles uma ponte antiga sobre o rio e um café onde vendiam milk-shakes.

Às seis e meia, voltamos à Starbucks. A entrevista de Daniel tinha terminado e eu disse a Raine que iria tentar procurá-lo para que ele não tivesse que voltar sozinho no escuro. Raine disse que para isso eu teria que andar até a faculdade no escuro. Sugeri que ela fosse comigo, mas ela resmungou e disse que não queria sair dali, já que tínhamos conseguido lugar no sofá no canto da sala.

Então, eu fui ao encontro de Daniel sozinha, ainda com meio copo de latte de gemada na mão. De qualquer modo, não queria mais ficar dentro da Starbucks.

King's College, a faculdade à qual Daniel tinha se candidatado, parecia um palácio, mesmo de longe e no escuro. Era enorme, branca e gótica, muito diferente da minha escolha, que parecia uma casinha. O lugar combinava muito com Daniel.

Daniel estava sentado sozinho em um muro baixo de alvenaria do lado de fora, o rosto iluminado pela tela do celular e o corpo protegido por uma jaqueta grossa. Ainda dava para ver o terno e a gravata por baixo e ele combinava muito com o lugar. Eu conseguia imaginá-lo, aos vinte e um anos, caminhando em direção a uma igreja para a cerimônia de formatura com uma beca bonita, ou rindo com um cara esguio chamado Tim enquanto os dois caminhavam em direção ao salão onde Stephen Fry daria uma palestra sobre a privatização do Serviço Nacional de Saúde.

Ele olhou para a frente quando me aproximei. Lancei a ele um sorriso estranho, sem mostrar os dentes, o que é algo típico da Frances.

— Oi — falei e me sentei ao lado dele. Ele tentou sorrir para mim, mas não conseguiu. — Tudo bem?

Eu não sabia muito bem se ele tinha chorado.

Sentia que a possibilidade de isso ter acontecido era grande.

— Tô — disse ele, suspirando, mas não estava.

Ele se inclinou para a frente de repente, apoiando os cotovelos nas pernas e a cabeça nas mãos.

Era claro que não estava bem.

— É que... preciso muito entrar — disse ele. — É a única coisa... eu...

Daniel voltou a se endireitar, mas sem olhar para mim.

— Quando eu tinha treze anos, recebi um prêmio na escola... Tirei a pontuação mais alta da história da escola nos exames de habilidade cognitiva... — Ele tremia uma das pernas sem parar. Balançou a cabeça e riu. — E eu fiquei tão... achei que era muito *inteligente*. Fiquei me achando a pessoa mais inteligente do mundo inteiro.

Ele balançou a cabeça.

— Mas agora... sou só... quando você chega à nossa idade, percebe que não é nada especial.

Ele tinha razão. Eu não era especial.

— É... tudo o que eu tenho — disse ele. — É a única coisa especial em mim.

Ele gostava do curso para o qual estava se candidatando, eu sabia disso. Eu não gostava do meu.

Daniel olhou para mim. Parecia cansado, seus cabelos estavam despenteados e o joelho não parava de tremer.

— Por que você está aqui?

— Imaginei que você precisasse de um apoio moral — falei e achei que aquilo foi bem idiota de se dizer, então completei: — Além disso, é perigoso para um rapazinho andar no escuro sozinho.

Ele riu um pouco.

Ficamos em silêncio por um instante, olhando para a rua escura e para as lojas vazias à nossa frente.

— Quer um pouco de latte de gemada? — Estendi meu copo para ele. — Tem um pouco de gosto de terra.

Ele olhou para o copo como se estivesse desconfiado, mas aceitou e tomou um gole.

— Obrigado.

— De nada.

— O que temos que fazer agora?

— Ir para casa, acho. Estou literalmente congelando.

— Boa ideia.

Ficamos em silêncio de novo.

— Sua entrevista foi mesmo muito ruim? — perguntei.

Daniel riu. Eu nunca tinha visto ele rir enquanto estava sóbrio.

— Precisamos falar sobre isso?

— Não, me desculpa.

Ele respirou fundo.

— Não fui mal. Mas não foi perfeita. — Balançou a cabeça. — Tinha que ter sido perfeita.

— Acho que você está sendo muito exigente consigo mesmo.

— Não. Estou sendo realista. — Ele passou uma das mãos pelos cabelos. — Cambridge só vai aceitar os melhores. Então, tenho que ser o melhor.

— O Aled te desejou boa sorte, pelo menos?

Ele riu.

— Aled... nossa. Você diz o que vem a sua mente, né?

— Só para você. — Balancei a cabeça. — Desculpa, isso foi meio assustador.

— Ha. Bom, não, ele não disse nada. Te contei que não estamos nos falando, né?

— Contou.

— Vocês dois também não estão conversando?

— Não.

— Ah, pensei que pudessem ter feito as pazes.

Ele parecia quase amargurado.

— Acho que ele faria as pazes primeiro com você, não comigo... — comecei a dizer, mas ele riu e me interrompeu.

— Acha mesmo? — perguntou ele, balançando a cabeça. — Nossa. Você é mais burra do que pensei.

Eu me remexi, incomodada.

— Como assim?

Ele se virou para mim e ficou me olhando, incrédulo.

— Você é melhor do que eu de todas as maneiras possíveis, Frances. Você acha *mesmo* que ele se importa mais comigo do que com você?

— O que... — gaguejei. — Você... você é o namorado dele. E melhor amigo.

— Não sou, nada. Sou só alguém que ele beija de vez em quando.

BEIJINHOS DE CRIANÇA

Começou a chover forte, e as ruas pareciam bem menos chiques no escuro. Daniel estava segurando o copo meio cheio da Starbucks, encostado no joelho.

Ele riu e olhou para mim de novo, como se não mais quisesse ser malvado comigo.

— Vou fazer uma "revelação da história da minha vida" agora?

— Não se não quiser...

— Mas você quer saber, não quer? Quer saber sobre nós.

Queria.

— Um pouco — falei.

Daniel bebeu o latte.

— E eu quero entender o Aled melhor — falei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Não entendo muito bem as coisas que ele faz... nem as decisões que toma. É... é meio interessante. — Cruzei as pernas. — Ainda me importo com ele. Por mais que não quisesse me importar.

Ele assentiu.

— Compreensível. Vocês eram amigos.

— Quando vocês se tornaram amigos?

— Quando nascemos. Nossas mães trabalhavam juntas e engravidaram com poucos meses de diferença.

— Vocês são melhores amigos desde então?

— Somos. Estudamos na mesma escola até eu mudar para a Academy para fazer o ensino médio. Nós andávamos juntos todos os dias. Eu morava no seu bairro, sabia? Até meus onze anos.

Balancei a cabeça.

— Pois é, andávamos juntos todos os dias, jogávamos futebol nos campos, montávamos bases secretas, andávamos de bicicleta ou jogávamos videogames. Só... coisas de melhores amigos. Éramos melhores amigos.

Ele não disse mais nada depois disso, mas tomou um gole de latte.

— E... então... — Eu não sabia bem como abordaria o assunto. — Quando vocês começaram a... ficar? Se não se importa de me dizer...

Daniel ficou em silêncio por um momento.

— Não teve um começo certo para isso — disse ele. — Não foi... eu nem sequer sabia se estávamos ficando...

Quase perguntei o que ele queria dizer, mas então pensei que deveria deixar que ele explicasse em seu próprio ritmo. Ele parecia nervoso e se confundia com as palavras; não parava de olhar para a calçada.

— Ele sabia há muito tempo que eu sou gay — disse ele, baixinho. — Nós dois sabíamos. Desde que tínhamos, tipo, uns dez ou onze anos, talvez. Assim que compreendemos o que era ser gay, percebemos que era o que eu era. Nós...

Ele passou uma das mãos pelos cabelos.

— Nós nos beijávamos de vez em quando, na infância. Quando estávamos sozinhos. Só beijinhos de criança, selinhos, porque achávamos divertido. Sempre fomos... muito carinhosos um com o outro. Nós nos abraçávamos e... éramos gentis um com o outro, e não grosseiros, como a maioria das crianças. Acho que nos envolvemos tanto um com o outro que simplesmente... não demos atenção à propaganda heteronormativa que esfregam na nossa cara nessa idade.

Parecia ser a coisa mais doce do mundo, mas a voz de Daniel falhou como se ele estivesse falando de uma pessoa morta.

— Nós só percebemos que era esquisito quando... é, quando tínhamos dez ou onze anos. Mas isso não nos impediu de nada. Eu acho... acho que sempre achei mais romântico do que Aled achava. Aled sempre agia como se aquilo fosse algo que amigos faziam, e não namorados. Aled... sempre foi esquisito. Ele não se

importa com o que as pessoas pensam. Ele nem sequer conhece as normas sociais... ele simplesmente está no mundinho dele.

Dois alunos passaram por nós, rindo, e Daniel parou até eles sumirem.

— E eu acho... olha... quando éramos adolescentes, tudo ficou meio... meio sério. Não dava mais para ficar apenas nos selinhos, sabe? — Ele riu de um jeito esquisito. — Quando tínhamos catorze anos, mais ou menos, eu acho, eu... tomei a primeira atitude. Estávamos jogando videogame no quarto dele e eu... perguntei para ele se podia beijá-lo direito. Ele ficou um pouco surpreso, mas respondeu "tá", e eu o beijei.

Eu estava tensa, e Daniel riu da minha cara.

— Por que estou te contando tudo isso? Meu Deus. Mas sim... meio que continuamos dali... trocamos mais beijos e... fizemos outras coisas também. Eu sempre perguntei para ele, sabe... ele não... Ele nunca foi muito claro a respeito do que quer... é muito calado e... sempre foge muito dos assuntos... então para tudo o que íamos fazer, eu sempre pedia para ele primeiro, sempre dizia que ele podia dizer não se não quisesse fazer alguma coisa... Mas ele sempre disse sim.

Daniel fez uma pausa naquele momento, como se estivesse revivendo as lembranças, revivendo tudo. Era uma vida que eu mal conseguia imaginar. Mal conseguia imaginar dividir tanto de mim mesma com outra pessoa, por tanto tempo.

— Era mesmo algo... uma coisa *nossa*. Não queríamos estar em um "relacionamento", nem agir como casalzinho perto das outras pessoas que conhecíamos. Era só para ser uma coisa nossa, em particular, como se tivéssemos que proteger aquilo, porque não queríamos que o mundo destruísse o que tínhamos. Não sei bem por quê... Acho que nem parecia que estávamos namorando. Porque éramos melhores amigos, antes de mais nada. Nunca sabíamos como explicaríamos aquilo para as pessoas.

Daniel respirou fundo.

— Éramos muito importantes um para o outro. Contávamos tudo e qualquer coisa um para o outro. Éramos o primeiro em tudo, um para o outro. Primeiros e únicos em tudo. Ele... ele é um anjo.

Acho que nunca tinha ouvido alguém falar sobre outra pessoa desse jeito antes.

— Mas a questão é que Aled... ele não queria contar para as pessoas porque... ele acha que não é gay, tipo, ele diz que não se sente muito atraído por ninguém, só por mim.

— Ele pode ser um monte de outras coisas — falei, depressa.

— Bom, independentemente do que ele seja, ele não sabe — diz Daniel. — E eu não queria me expor em uma escola só de garotos. Fazer isso é pedir para ser agredido. Sei lá, algumas pessoas tinham feito isso... tinha um cara um ano acima de mim a quem eu admirava muito, um dos amigos de Aled... mas... eu morria de medo do que as pessoas diriam. Pensei em esperar até entrar na Academy no ensino médio e sair do armário, mas aí... Nunca fiz muitos amigos, e... o assunto nunca surgia entre as pessoas com quem eu conversava...

Ele balançou a cabeça e tomou mais um gole de latte.

— Mas mais ou menos há um ano, desde que a Carys se foi... ele mudou. Eu também mudei. A gente passa menos tempo juntos... e sinto que, quando estamos juntos, ele está comigo apenas para escapar de seus problemas, não porque quer me ver mesmo. Você sabe como são as coisas com a mãe dele, não sabe?

— Sei.

— Bom... antes de vocês dois se aproximarem, ele costumava ir muito à minha casa para não ter que ficar perto dela. E aí você chegou e... acho que ele parou de precisar de mim...

— Isso é... vocês são amigos desde que *nasceram*. Andam juntos há anos.

— Se ele se importasse, falaria mais comigo. — Daniel respirou fundo, como se aquela fosse a primeira vez em que estivesse admitindo aquilo para si mesmo. — Acho que ele nem gosta muito de mim desse jeito. Só acho que ele faz o que faz porque está acostumado, porque se sente à vontade comigo e... porque sente pena de mim. Não acho que ele... é a fim ou qualquer coisa assim.

Ele fez uma pausa e eu notei que seus olhos estavam marejados. Balançou a cabeça de novo e secou um dos olhos.

— Normalmente sou eu quem inicio o contato.

— Então por que... — Minha voz foi quase um sussurro, apesar de sermos as únicas pessoas na rua. — Por que você não... acaba com isso? Se nenhum de vocês está muito a fim, por que não terminar?

— Eu não disse que *eu* não sou a fim *dele*. Eu gosto *demais* dele. — Uma lágrima escorreu pelo rosto de Daniel, e ele abafou uma risada. — Desculpe. Isso foi idiota.

— Não é idiota. — Levantei os braços e o puxei para um abraço. Ficamos abraçados por um momento e então o soltei.

— Tentei conversar com ele sobre isso no aniversário dele — ele continuou. — Mas ele não estava a fim. Ficou tentando me garantir que gosta de mim. E isso me deixou bravo, porque percebi que ele estava mentindo. Ele chegou a mentir no Eu Nunca, aquele dia... fingindo nunca ter mentido ao dizer que me amava. Eu sei. Sei quando ele mente para mim! Por que ele me evitaria tanto se ele me *amasse*, porra? Ele nem quer admitir a própria sexualidade. Nem mesmo para *mim*.

Ele secou um olho de novo.

— E... naquela noite... ele ficou dizendo que queria, sabe, queria ficar comigo, mas acho que ele não estava dizendo a verdade, então eu recusei, e ele também ficou todo bravo. — Daniel balançou a cabeça. — Ele só me usou e não quer me chatear porque sabe... ele sabe que eu sou apaixonado por ele. Ele não gosta mais de mim desse jeito.

— Como pode ter certeza disso?

Ele olhou para mim.

— Você é ridiculamente otimista.

— Não, quero saber... — Mordi o lábio. — Mas... e se... eu sei que ele tem dificuldade de dizer o que está realmente pensando... e tipo, eu sei que até *eu* tenho dificuldade para saber o que ele está pensando, mas... e se ele... amar você? Como pode ter certeza se ele não disse não amar?

Daniel riu. Parecia que ele tinha desistido totalmente.

— Todo mundo quer que o casal gay tenha um final feliz, né? — disse ele.

Eu me senti tão triste que queria ir embora.

— Meu pior pesadelo é fazer com que ele faça algo que não quer fazer... sem saber... — Mais lágrimas rolaram de seus olhos. — E... e... acho que as pessoas mudam e temos que seguir em frente, mas... — Ele se inclinou para a frente e apoiou a cabeça nas mãos. — Ele poderia ter pelo menos... pelo menos ter terminado comigo oficialmente, em vez de simplesmente me deixar assim... — A voz dele tremia tanto em meio às lágrimas, e eu senti pena dele, a ponto de quase

pensar que também ia chorar. — Tudo bem se ele não gostar mais de mim do mesmo jeito... tudo bem... mas quero meu amigo de volta... só quero entender o que ele está sentindo. Não sei por que ele me evita. Sempre que concluo que ele não gosta mais de mim, começo a duvidar de mim mesmo porque ele não me *disse nada*. Só quero que ele me diga a verdade. Quando... quando ele mente para mim porque acha que vai fazer com que eu me sinta melhor, *machuca*.

Ele soluçou e eu o abracei de novo e desejei poder fazer algo por ele. *Qualquer coisa*.

— Às vezes, acho que ele só se importa com o canal dele no YouTube... é só ele, o *Universe City* dele. É só a alma dele em forma de áudio. Rádio, February Friday e ficar preso em um mundo cinza... é só a vida dele. Uma... analogia idiota de ficção científica.

Quando ele falou de February Friday, senti meu coração se acelerar um pouco. Fiquei tentando imaginar se ele sabia que era February Friday.

— Ele é meu único amigo de verdade — disse ele. — E simplesmente me deixou aqui. Sinto falta dele... nem só de ficar com ele... mas de saber dele... de ele dormir na minha casa... de jogar videogame com ele... só quero ouvir a voz dele... quero que ele me conte a verdade...

Eu o abracei por alguns minutos enquanto ele chorava e me dei conta de que estávamos na mesma situação, apesar de ser cem vezes pior para Daniel. Eu queria que Aled voltasse também. Por que ele não estava respondendo às nossas mensagens? Será que ele realmente gostava *tão pouco* de nós?

O problema era eu, não era?

Eu havia traído sua confiança. Havia feito com que ele se afastasse. Ele não ia voltar.

Não sabíamos se voltaríamos a ouvir a voz dele no mundo real de novo.

Quando Daniel se acalmou um pouco e se endireitou de novo, ele disse:

— Sabe de uma coisa? Na primeira vez em que o beijei direito... ele se retraiu.

EXTREMAMENTE CANSADA

No caminho para casa, Daniel e eu não dissemos nada um ao outro, apesar de haver a vaga sensação de que éramos amigos agora. Depois de cerca de meia hora de silêncio, Raine disse:

— Gente... tipo... se vocês não passarem, sei lá, não é um *desastre*, né?

Nós dois achávamos que seria um desastre, sim, mas eu logo disse:

— Não, vai ficar tudo bem.

Acho que Raine sabia que eu estava mentindo. Ela não tentou falar mais nada até chegarmos.

Em casa, eu encenei, talvez com um pouco de exagero, as expressões exatas feitas pelos entrevistadores durante minhas entrevistas. Minha mãe riu e os xingou de um monte de coisas. Depois pedimos pizza e assistimos a *Scott Pilgrim contra o mundo*.

Para ser sincera, estava bem aliviada porque tinha acabado.

Estava me estressando com aquilo havia mais de um ano.

Ainda que eu não quisesse mais estudar literatura inglesa, não importava. A decisão tinha sido tomada. O que tivesse que acontecer aconteceria.

Decidi me dar uma noite de folga dos estudos. Caí na cama perto de meia-noite e fiquei ali com meu laptop no colo. Pensei em desenhar um pouco — não fazia desenho nenhum há semanas —, mas, por algum motivo, não quis; não conseguia pensar em nada para desenhar. Naveguei um pouco pelo Tumblr até ter a sensação de que deveria parar de perder tempo, então fechei a aba para não ficar atualizando a página sem parar.

Pensei em tentar ouvir alguns dos episódios recentes de *Universe City* — quantos episódios eu já tinha perdido? Quatro? Cinco? Eu nunca tinha perdido

tantos em sequência assim antes.

Era... era muito esquisito, não era?

Para alguém que se orgulha de dizer que é uma das maiores fãs do fandom.

Para alguém que conhece o Criador tão bem.

Nem olhei mais o Twitter de Aled. Não olhei mais a tag de *Universe City* no Tumblr. Eu tinha desativado minha caixa de perguntas no Tumblr muito tempo antes para que as pessoas parassem de me fazer perguntas sobre Aled e o Criador. Eu não participava mais do programa e não estava fazendo artes para ele. Não tinha mais nada a ver com o programa. Não postava desenhos em meu blog havia mais de um mês.

De repente, eu me senti extremamente cansada. Desliguei meu laptop — não havia nada de muito interessante para fazer nele — e apaguei as luzinhas. Coloquei os fones de ouvido, baixei o mais recente episódio de *Universe City* no meu iPod e comecei a ouvir.

UNIVERSE CITY: Ep. 142 — sim

UniverseCity

93.937 visualizações

oi

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

Não sei... estou ficando meio cansado...

[pausa de 10 segundos]

Ontem à noite, eu estava descendo a Brockenborne Street e vi uma... um negócio fosforescente...

Hum.

Olha, não importa.

Eu estava pensando, na verdade... sei lá, tive uma ideia... Estava pensando... e se... e se acabássemos com isso?

Haha, não, desculpa, isso é... não é...

Ah.

Queria que February Friday estivesse aqui. Não nos vemos há... bom, anos e mais anos.

[...]

HORAS E HORAS

Foi abismal.

Foi um episódio horroroso.

Rádio mal falava frases completas. Não havia enredo discernível. Nenhum personagem apareceu. Era só Rádio falando por vinte minutos sobre coisas que ninguém além de Aled poderia entender.

E aquela menção a February Friday no fim?

O que foi *aquilo*?

Não se viam há anos?

February Friday não era Daniel? Aled tinha visto Daniel há poucos meses. Estaria apenas exagerando? Certamente estava apenas exagerando.

Daniel havia dito que Aled estava escrevendo a respeito de sua vida em *Universe City*, o que parecia ridículo naquele momento, mas depois de ouvir isso...

Sei lá, February Friday era uma pessoa de verdade. Aled tinha confirmado.

Talvez o resto também fosse verdade.

Eu me sentei. Não estava cansada.

February Friday era Daniel.

Ou... não sei.

Se Aled tivesse sido literal quando disse que eles não se viam há anos...

Decidi ouvir o episódio de novo para ver se havia mais pistas, mas só consegui perceber como a voz de Aled parecia *cansada*, como ele tropeçava nas palavras e parecia não saber o que estava fazendo. Ele não havia se dado ao trabalho de mudar a voz... era só ele, ali, fazendo aquele sotaque bobo de rádio antiga. Até isso falhou algumas vezes.

Não era normal. Se havia uma coisa com que Aled se importava, uma coisa que ele nunca deixava ser malfeita, era *Universe City*.

Tinha alguma coisa errada.

Tentei dormir, mas demorei horas e horas.

4. FÉRIAS DE NATAL

UM MISTÉRIO DA INTERNET

Eu costumava deixar a conta de Aled no Twitter, @UniverseCity, aberta em uma aba do meu navegador o tempo todo.

Aqui estão alguns exemplos de tweets de Aled no @UniverseCity:

RÁDIO @UniverseCity
OS SONS SÃO MAIS ALTOS NO ESCURO...!

RÁDIO @UniverseCity
Sei o que seus sonhos fizeram no verão passado,,, sim tô falando c você, migo. n pode mais se esconder

RÁDIO @UniverseCity
atualização da moda de universe city: o cascalho tá na moda, monstros tão por fora, carregue sempre um furador (vc foi !!! AVISADO !!!)

RÁDIO @UniverseCity
@NightValeRádio estamos na escuta “” sempre na escuta

Esses tweets não faziam qualquer sentido para mim e era isso o que me fazia gostar deles. Nem preciso dizer que sempre os compartilhava.

Depois que comecei a conhecer a pessoa por trás da conta do Twitter, comecei a ler as entrelinhas dos tweets de Rádio — de Aled —, bem mais do que provavelmente deveria.

Ele postou isto depois da prova de literatura inglesa:

RÁDIO @UniverseCity
\o alfabeto foi comprometido, só sete letras restam.., !!SALVEM-NAS!!

Ele postou isso numa noite de setembro, às quatro da madrugada, várias horas depois de ter me contado que havia brigado com a mãe:

RÁDIO @UniverseCity
*** IMPORTANTE: as estrelas estão sempre do seu lado. ***

Agora que ele estava na faculdade, os tweets de Aled estavam se tornando cada vez mais sombrios.

RÁDIO @UniverseCity
quantas pessoas tristes são necessárias para trocar uma lâmpada. por favor, é sério, estou no escuro há 2 semanas

RÁDIO @UniverseCity
opções de carreira: pó metálico, o vácuo frio do espaço, caixa de mercado

RÁDIO @UniverseCity
Alguém tem dicas para evitar se afundar no concreto?

Imaginei que ele estivesse fazendo aquilo de propósito. De qualquer modo, o *Universe City* estava ganhando um quê mais sombrio, mesmo. Não me preocupei muito.

Passei a maior parte das três semanas de férias de Natal ouvindo todos os episódios de *Universe City* numa tentativa de descobrir quem era February Friday.

Continuei sem fazer a menor ideia.

Aled mencionara muitas vezes antes que não via February Friday “havia anos e anos”. Então não podia ser o Daniel mesmo, eu tinha me enganado.

Era irritante. Detestava me enganar.

E sabe de uma coisa? No fim de tudo, não há nada que eu deteste mais do que um mistério da internet.

TETO DA GALÁXIA

Era tarde do dia 21 de dezembro e minha mãe estava me provocando para que eu fosse bater à porta de Aled.

Eu estava correndo no lugar na nossa varanda, e minha mãe olhou para mim, cruzando os braços.

— Se a Carol atender a porta, não fale sobre os seguintes assuntos: política, regras dos eventos escolares, álcool e a velhinha que trabalha na agência dos correios — disse minha mãe.

— O que ela tem contra a velhinha que trabalha nos correios?

— Ela cobrou a mais dela uma vez, sem querer, e a Carol não perdoa, nem esquece.

— Entendi.

— E se o Aled atender... — Minha mãe suspirou. — Não caia na besteira de pedir desculpas sem parar. Acho que ele sabe que você quer se desculpar, porque já pediu desculpas um bilhão de vezes.

— Obrigada, mãe, isso é muito sensível da sua parte.

— É preciso ser durona.

— Que beleza.

Minha mãe me deu um tapinha no ombro.

— Vai dar tudo certo. Não se preocupe. Conversar sempre melhora as coisas, pode acreditar, principalmente cara a cara. Eu ainda não confio nos jovens com essa coisa de... como é que se fala? "Tambo"?

— Tumblr, mãe.

— É, pois é, parece meio esquisito, na minha opinião. Falar cara a cara é a melhor maneira de resolver as coisas.

— Tá.

Ela abriu a porta e me fez um gesto para que eu saísse.

— Vá!

Quando Carol Last abriu a porta de sua casa, foi a primeira vez que eu a vi desde o incidente do cabelo cortado. Sinceramente, ainda pensava naquilo pelo menos uma vez por dia.

Ela estava exatamente igual. Cabelos curtos, gordinha e sem expressão.

— Frances! — disse ela, claramente meio surpresa por me ver. — Tudo bem, querida?

— Oi, sim, estou muito bem, obrigada — falei, rápido demais. — Como a senhora está?

— Ah, estou indo, sabe como é. — Ela sorriu e olhou para o ar acima da minha cabeça. — Tem umas coisinhas acontecendo. Ando ocupada, na correria!

— Ah — falei, tentando parecer interessada, mas não tão interessada a ponto de ela começar a contar tudo para mim. — Queria saber se o Aled está em casa.

Ela parou de sorrir.

— Entendi. — Ela me observou como se estivesse decidindo se começaria a gritar comigo. — Não, minha querida. Desculpa. Ele ainda está na faculdade.

— Ah. — Enfiei as mãos nos bolsos. — Ele... ele vai voltar para casa no Natal?

— Você deveria perguntar para ele, provavelmente — disse ela, contraindo os lábios.

Nesse momento, eu estava aterrorizada, mas decidi pressionar.

— É que... ele não tem respondido às minhas mensagens. Eu estava meio... preocupada com ele. Queria saber se ele está bem.

— Ah, *querida*. — Ela riu com pena de mim. — Ele está bem, juro. Só está um pouco ocupado com todos os trabalhos da faculdade. Fazem ele se esforçar muito lá... como tem que ser mesmo! Ele ficou na faculdade para estudar porque perdeu alguns prazos. — Ela balançou a cabeça. — Menino bobo. Provavelmente estava na farra em vez de estudar direito.

A coisa mais improvável de todas era que Aled estivesse na farra, mas eu não queria chamar a mãe dele de mentirosa.

— E você sabe que ele sempre teve problemas com as regras, aquele moleque — continuou. — Tem muito potencial... poderia fazer um doutorado, se decidisse se empenhar. Mas ele sempre se distrai com projetinhos e besteiras. Coisa inútil. Você sabia que ele costumava passar o tempo todo escrevendo umas histórias ridículas e *lendo tudo* na frente do computador? Juro que não sei onde ele arranjou um *microfone*.

Dei risada, mesmo sem achar graça.

Ela continuou:

— Tão bobo! Esta fase é essencial na vida dele, sabe? Vocês deveriam estar 100% focados em seus estudos. Caso contrário, podem estragar sua vida!

— Sim — falei, forçando a palavra a sair.

— Sempre dei muito apoio ao nosso Aled, mas... Às vezes me preocupo pensando que ele não age direito, sabe? Ele é um garoto *excepcionalmente* inteligente, mas não faz bom uso disso. Tento muito ajudá-lo, desde que ele era pequeno, mas ele não me ouve. Nunca foi tão ruim quanto a irmã, claro. — Ela riu com amargura. — Que menina odiosa.

Comecei a me sentir esquisita, mas ela olhou em meus olhos com empolgação renovada.

— Tenho feito uma coisinha desde que ele me ligou, algumas semanas atrás. Ele reclamou de que estava se sentindo desmotivado com o curso e... bom, eu acho mesmo que tem a ver com o jeito de pensar dele. Então, estou mudando algumas coisas no quarto dele.

Não gostei nada daquilo.

— É preciso estar no lugar certo para se manter motivado, não é? E eu acho, sim, que o quarto dele era um dos maiores problemas. Tão bagunçado o tempo todo... você se lembra, não lembra?

— Hum, acho que sim...

— Bem, reorganizei um pouco e acho que ele vai se dar muito bem com as coisas como estão. — Ela deu um passo para trás. — Por que não vem dar uma olhada, querida?

Estava começando a me sentir mal.

— T-tá — falei, e a segui para dentro da casa e escada acima em direção ao quarto de Aled.

— São só algumas coisinhas que mudei. Tenho certeza de que ele vai gostar da mudança.

Ela abriu a porta.

A primeira coisa que me surpreendeu foi como tudo estava branco. O edredom colorido e o cobertor de paisagem da cidade de Aled não estavam mais ali, tinham sido substituídos por roupa de cama branca e creme, com listras. A mesma coisa tinha acontecido com as cortinas. O carpete continuava o mesmo, mas agora tinha um tapete branco em cima dele. As luzinhas estavam enroladas em uma caixa de papelão no canto do quarto. Todos os adesivos tinham sido arrancados da cômoda e não havia nem um pôster, cartão-postal, ingresso, folheto, flyer nem pedaço de papel em nenhuma das paredes; alguns estavam amassados dentro da mesma caixa das luzinhas, mas com certeza nem tudo estava ali dentro. As plantas continuavam no quarto, mas todas estavam mortas. As paredes estavam brancas e eu sinceramente não sabia se elas sempre tinham sido daquele jeito ou se Carol as havia pintado.

Para meu horror, o teto de galáxia *tinha* sido pintado.

— Está bem clean, não acha? Um espaço mais limpo e vazio deixa a mente mais limpa e aguçada.

Forcei um “sim”, mas tenho certeza de que mais pareceu um engasgo.

Aled choraria quando visse aquilo.

Ela havia invadido o espaço particular dele, a casa dele, e destruído tudo.

Pegou tudo o que ele amava e destruiu.

3:54

Provavelmente deixei minha mãe bem preocupada quando voltei para casa com a caixa de papelão embaixo de um braço e o cobertor de paisagem da cidade embaixo do outro, falando sem parar sobre decorações.

Quando terminei de explicar a situação direito, minha mãe estava com cara de total nojo.

— Ela deveria se envergonhar — disse minha mãe.

— Acho que é por isso que ele ainda não voltou para casa... aposto que ele acha que não pode voltar, fica preso lá, não tem ninguém que cuide dele... — Comecei a falar sem parar de novo e minha mãe me fez sentar no sofá para me acalmar. Foi até a cozinha, preparou um chocolate quente e se sentou ao meu lado.

— Tenho *certeza* de que ele tem amigos na faculdade — disse ela. — E há muitos sistemas de apoio nas universidades... tutores, orientadores e serviços anônimos. Tenho certeza de que ele não está sozinho.

— Mas e se ele estiver — sussurrei, tentando não chorar pela bilionésima vez. — E se ele estiver... sofrendo...

— Você não tem mesmo como entrar em contato com ele?

Balancei a cabeça, negando.

— Ele não responde às minhas mensagens de texto, nem às do Facebook e nem aos telefonemas. Mora a seis horas daqui. Nem sei qual é o endereço dele.

Minha mãe respirou fundo.

— Então... sei que você está preocupada, mas... não pode fazer muita coisa. Não é sua culpa, prometo.

Mesmo assim, parecia ser minha culpa, porque eu sabia o que estava acontecendo e não conseguia fazer nada para ajudar.

A essa altura, eu estava demorando de três a quatro horas para conseguir pegar no sono à noite, mas aquela noite foi especialmente ruim. Eu não queria desligar meu laptop porque me sentia muito sozinha no meu quarto e não queria apagar as luzes porque odiava o escuro.

Não conseguia parar de pensar. Não conseguia desligar meu cérebro. Parecia que eu estava entrando em pânico.

Eu estava. Entrando em pânico, sim.

Da última vez em que eu não tinha conseguido ajudar alguém em apuros, essa pessoa fugiu e eu nunca mais soube dela.

Não podia cometer o mesmo erro dessa vez.

Tinha que prestar atenção ao que estava acontecendo e fazer alguma coisa a respeito.

Eu estava navegando pelo Tumblr, analisando as artes que tinha feito. Imaginei como seria se alguém apagasse tudo aquilo, se quebrasse meu laptop — só de pensar nisso, eu sentia raiva. Eu amava minha arte mais do que tudo, gostava daquilo mais do que tudo. Como seria se alguém a tirasse de mim, como a mãe de Aled havia tirado o mundo dele, seu lugarzinho seguro...

Abri minha lista de amigos no telefone enquanto estava na cama e encontrei o nome de Aled. A última vez que liguei para ele tinha sido em outubro.

Podia tentar mais uma vez.

Cliquei no símbolo do telefone ao lado do nome dele.

O telefone chamou.

E parou.

A: ... Alô?

A voz dele estava exatamente como eu lembrava. Baixa, um pouco rouca, meio nervosa.

F: A-Aled, meu Deus do céu, eu... eu não pensei que você atenderia...
A: ... Ah, desculpe.
F: Não, não peça desculpa. Eu... eu só... É muito, muito bom ouvir sua voz.
A: Ah.

O que eu diria? Aquela podia ser a única chance que eu teria.

F: E aí? Como você está? Como está a faculdade?
A: Está... bem.
F: Que bom... isso é bom.
A: É bem difícil.

Ele riu. Fiquei me perguntando o quanto ele ainda estava escondendo de mim.

F: Mas você está bem?
A: Hum...

Fez-se uma pausa comprida e eu consegui ouvir meu coração batendo.

A: Ah, sabe, é... difícil. Estou com um pouco de dificuldade.
F: É?
A: Acho que muitas pessoas são difíceis.

Havia algo esquisito na voz dele.

F: Aled... Pode me contar se não estiver se sentindo muito bem. Sei que não conversamos mais, mas ainda assim, eu... Eu ainda gosto... muito de você. Sei que talvez você ainda me odeie, e não sei o que pensa de mim de verdade... E sei que não quer que eu fique pedindo desculpas. Mas... gosto de você. Foi por isso que te liguei.
A: Haha, sim, pensei que você tivesse dito que não gostava de falar com as pessoas pelo telefone.
F: Eu sempre gostei de falar com *você* ao telefone.

Ele não disse nada quando ouviu isso.

F: Fui à sua casa hoje para ver se você estava lá.
A: Foi? Por quê?

F: Eu... queria falar com você. Você não tem respondido às minhas mensagens.
A: Desculpa... é que... tenho tido um pouco de... dificuldade...

A voz dele desapareceu e eu não fazia ideia do que ele estava tentando dizer.

F: Bom, a sua mãe... falei com sua mãe. Ela... ela reorganizou seu quarto. Pintou o teto e tal.
A: ... Ela fez isso...?
F: Fez... mas resgatei muitas das suas coisas e a convenci de que usaria tudo, para que ela não jogasse fora.

Ele ficou em silêncio.

F: Aled? Está aí ainda?
A: Espera... e-então, ela... jogou tudo fora...?
F: É, mas eu salvei um monte de coisas! Sei lá, não sei se salvei tudo, mas salvei um monte...
A:
F: Por que... por que ela *faria* algo assim... sem sua permissão...?
A: Isso é...
F:
A: Haha. Não se preocupe.

Eu não fazia ideia do que dizer.

A: Minha mãe sempre foi assim. Não me surpreende mais. Não me surpreende nem um pouco.
F: Você.... vai vir para casa no Natal?
A: ... Não sei.
F: Pode ficar na minha casa, se quiser.

Eu tinha quase certeza de que ele diria não, mas ele não disse.

A: Você... sua família não se importaria?

F: Não, de jeito nenhum! Você conhece a minha mãe, e meus avós, tias, tios e primos são barulhentos e legais. Podemos dizer que você é meu namorado.

A: Tá... Isso... seria bem legal. Obrigado.

F: Sem problema...

Ele tinha me perdoado. Não me odiava. Ele *não me odiava*.

F: O que você está fazendo acordado a essa hora?

A: Ah... estou... tentando escrever uma redação... Tive que pedir mais prazo...

Ele fez uma pausa comprida.

F: Que chato...

A: Pois é...

De repente, ouvi quando ele respirou fazendo barulho. Fiquei me perguntando se ele podia estar resfriado.

F: Está bem tarde para estar fazendo uma redação...

A: (pausa) Está...

Mais uma pausa longa, sofrida.

F: Está... dando certo?

A: Hum... não muito.

Quando ele voltou a falar, a voz estava trêmula. Foi quando notei que ele estava chorando.

A: Eu... sério... Eu não... Não quero escrever. Estou só olhando para a tela... tipo, o dia todo.

F:

A: Eu não quero... mais continuar...

F: Aled, está muito tarde para escrever um texto, vá dormir e faça isso de manhã.
A: Não posso, é... Meu prazo é amanhã às dez.
F: Aled... é por isso que a gente não faz trabalhos na véspera...

Primeiro, ele não respondeu nada. Ouvi quando ele respirou fundo de novo.

A: É.
F:
A: É, desculpe. Desculpe, eu não deveria... é.
F: Tudo bem.
A: Até mais.

Ele desligou antes que eu pudesse impedi-lo.

Olhei para o meu telefone. Eram 3:54.

DESTRUINDO

— Caramba, seu *cabelo*.

Aled saiu do trem na noite de 23 de dezembro com uma mala em uma das mãos e uma mochila nas costas.

O cabelo estava na altura dos ombros. Também estavam com as pontas cor-de-rosa claro.

Usava jeans skinny preta, um casaco bege de veludo cotelê com forro de lã e os sapatos verde-limão com cadarços roxos, e estava com fones no ouvido. Eu estava usando meu enorme casaco da Topman, legging quadriculada e tênis Vans de *Star Wars*.

Ele sorriu para mim. Foi meio esquisito, mas era um sorriso.

— Você gostou?

— Está *um arraso*!

Fiquei na frente dele por alguns segundos, só observando, então ele tirou os fones. Ouvi o que ele estava ouvindo: "Innocence", de Nero. Eu havia apresentado Nero para ele.

— Você está ouvindo música alto demais — falei, antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

Ele hesitou e deu um sorrisinho.

— Eu sei.

Nós voltamos caminhando para o bairro e conversamos sobre coisas simples: a viagem de trem, o Natal, o clima. Eu não me importei. Sabia que não tínhamos como voltar imediatamente para como as coisas eram antes.

Só estava feliz por ele estar aqui.

Chegamos em casa e minha mãe o recebeu oferecendo uma xícara de chá, mas Aled recusou.

— Vou conversar com minha mãe — disse ele. — Explicar para ela que vou passar o Natal aqui.

Hesitei.

— Pensei que ela já soubesse.

— Não, acho que é algo que preciso explicar pessoalmente.

Ele deixou a mochila no chão do corredor e encostou a mala na parede.

— Devo demorar uns dez minutos, por aí — disse ele.

Não acreditei.

Meia hora depois, eu estava começando a entrar em pânico. Minha mãe também.

— Acha que eu devo ir até lá? — perguntou ela. Estávamos de pé à janela da sala observando a casa de Aled, esperando um sinal de movimento. — Talvez ajude se eu conversar com ela. A maioria dos adultos prefere ouvir outros adultos.

Foi então que ouvi Aled gritar.

Não foi bem um grito. Foi uma espécie de gemido comprido. Nunca tinha escutado alguém fazer aquele som na vida real.

Corri até a porta e a abri, no mesmo instante em que Aled abriu a porta da casa dele e saiu. Corri até ele, que estava mancando. Por um minuto, pensei que ele estivesse machucado, mas não vi nada de errado com ele fisicamente, exceto o rosto retorcido numa careta porque ele chorava descontroladamente. Eu o abracei quando ele caiu no meio-fio, fazendo os ruídos mais dolorosos que eu já tinha escutado, como se tivesse levado um tiro, como se estivesse morrendo.

Em seguida, ele começou a gritar:

— Não, não, não, não, não, não, não...

As lágrimas rolavam sem controle pelos olhos dele, e comecei a perguntar desesperadamente o que estava acontecendo, o que ela tinha feito, mas ele não parava de balançar a cabeça, engasgado como se não conseguisse formar palavras nem se quisesse. Então ouvi...

— E-ela o matou... E-ela o matou.

Parecia que eu ia vomitar.

— Quem? O que aconteceu, me conta...

— Meu... meu cachorro... o Brian...

Então ele começou a soluçar de novo, alto, como se nunca tivesse chorado na vida.

Fiquei paralisada.

— Ela... matou... seu cachorro...?

— Ela d-disse... ela não podia cuidar dele... porque eu estava fora, e ele... Ele estava ficando velho, e-então ela... ela simplesmente... ela foi lá e... levou ele para ser *sacrificado*.

— Não...

Ele soltou mais um gemido e pressionou o rosto contra a minha blusa.

Eu não queria acreditar que alguém fosse capaz de fazer algo assim.

Mas estávamos sentados sob a luz dos postes, Aled estava tremendo e era verdade, estava mesmo acontecendo. Ela estava pegando tudo o que Aled tinha e destruindo. Ela o estava destruindo lentamente, até que ele morresse.

MÃOS ENFERRUJADAS DO NORTE

— Vou chamar a polícia para denunciá-la — disse minha mãe pela quarta vez. Estávamos sentados na sala havia mais de meia hora. — Pelo menos, deixem que eu vá lá gritar com ela.

— Não vai adiantar — disse Aled. Ele falava como se quisesse morrer.

— O que podemos fazer? — perguntei. — Tem que ter alguma coisa...

— Não. — Ele se levantou do sofá. — Vou voltar para a faculdade.

— O quê? — Eu me levantei também e o segui porta afora. — Espera, você não pode passar o Natal lá, sozinho!

— Não quero ficar perto dela.

Todos ficamos em silêncio por um instante.

— Olha... — continuou ele — quando a Carys e eu tínhamos dez anos... nossa mãe queimou um monte de roupas que a Carys tinha comprado em um brechó. Carys estava muito, muito feliz com uma calça que ela tinha comprado para usar quando saísse com as amigas dela... tinha estampa de galáxias... Mas nossa mãe disse que ela era horrorosa e simplesmente a pegou e queimou no jardim enquanto Carys gritava e chorava. Carys tentou tirá-la do fogo, mas queimou as mãos, e minha mãe nem a reconfortou. — Os olhos dele estavam inexpressivos, como se não existisse nada dentro deles. — Eu tive que... tive que segurar as mãos dela sob a água gelada...

— Meu Deus — falei.

Aled olhou para o chão e passou a falar mais baixo.

— Ela podia ter jogado a calça fora, mas decidiu *queimá-la*...

Minha mãe e eu passamos mais quinze minutos tentando fazer com que ele mudasse de ideia e ficasse, mas ele não quis.

Ele estava indo embora.

De novo.

Eram quase 21h quando Aled e eu voltamos para a estação. Apesar de eu tê-lo encontrado apenas duas horas antes, parecia que já fazia dias.

Nós nos sentamos em um banco. A zona rural se estendia à nossa frente, com o céu escuro de inverno.

Aled levantou as pernas de modo a flexionar os joelhos e acomodar os pés em cima do banco. Começou a mexer as mãos.

— Está bem frio no norte — disse ele, e então estendeu as mãos à minha frente. A pele de seus dedos estava toda seca. — Olha.

— Mãos enferrujadas do norte — falei.

— O quê?

— É o que minha mãe diz. — Acariciei a pele seca dos dedos dele com um dedo. — Quando a pele da mão fica toda seca. Mãos enferrujadas do norte.

Aled sorriu.

— Acho que preciso comprar luvas. Eu as usaria o tempo todo.

— Como Rádio.

Em *Universe City*, Rádio nunca tira as luvas. Ninguém sabe por quê.

— É. — Ele encolheu as mãos e passou os braços ao redor dos joelhos. — Às vezes eu acho que *sou* Rádio.

— Quer minhas luvas? — perguntei, de repente, e tirei as que usava. Eram de tricô azul-marinho, com uma estampa em ponto cruz. Eu as ofereci a ele. — Tenho montes de luvas.

Ele olhou para mim.

— Não posso roubar as suas!

— Elas já estão bem velhas. — Era verdade.

— Frances, se eu pegar essas luvas, vou me sentir muito mal por usá-las.

Ele não ia mesmo pegá-las. Dei de ombros.

— Tá — falei e voltei a colocá-las.

Ficamos em silêncio por um minuto.

— Me desculpe por não ter respondido a nenhuma de suas mensagens — disse ele.

— Tudo bem, era direito seu estar bravo comigo.

Mais uma pausa. Eu queria saber tudo o que ele tinha feito na faculdade. Queria pedir para ele me contar tudo o que eu não sabia sobre *Universe City*. Queria contar como a escola estava chata e como andava dormindo pouco, a ponto de ter dor de cabeça todo dia.

— Como você está? — perguntou ele.

Olhei para ele.

— Tô bem.

Ele sabia que não era verdade. Ele também não estava bem. Mas eu não sabia o que mais dizer.

— Como está a escola? — perguntou ele.

— Mal posso esperar para sair de lá — falei. — Mas também... estou tentando curtir.

— Você não é daquelas pessoas determinadas a perder a virgindade antes de entrar na faculdade, né?

Eu franzi a testa.

— Tem alguém que é assim mesmo?

Ele deu de ombros.

— Não que eu conheça.

Eu ri.

— Então você está dando conta das suas coisas? — perguntou ele.

Eu não podia mentir para ele.

— Na verdade, não muito. Tenho passado muitas noites em claro, acho.

Ele sorriu e desviou o olhar.

— Às vezes acho que somos a mesma pessoa... e que por acidente fomos divididos em dois antes de nascer.

— Por quê?

— Porque você é literalmente eu, mas sem todo o lixo.

Eu ri.

— Embaixo do lixo... tem mais lixo. Somos lixo até a alma.

— Ah — disse ele. — O título do meu disco de estreia no rap.

Nós dois rimos daquilo. Nossa risada ecoou pela estação.

De repente, ouvimos uma voz.

"*O próximo trem a chegar na Plataforma Um será o 21.07 com destino a Londres St. Pancras.*"

— Ah — disse Aled. Ele não fez movimento nenhum para se levantar.

Eu me inclinei para a frente e o abracei. Abracei mesmo, com os braços ao redor do pescoço dele, o queixo apoiado em seu ombro. Ele retribuiu o abraço. Acho que estávamos bem.

— Tem alguém lá com quem você possa passar o Natal? — perguntei.

— Hum... — Ele fez uma pausa. — É, acho que há alguns alunos de outros países lá...

O trem chegou, ele ficou de pé, pegou a mala, abriu a porta e entrou. Virou-se e acenou.

— Bon voyage! — falei.

Ele sorriu desanimado e disse:

— Frances, você é muito.... — Mas não conseguiu terminar a frase e eu não tinha ideia do que ele estava tentando dizer. Ele colocou os fones nos ouvidos, a porta se fechou, ele se afastou e eu não consegui mais vê-lo.

Quando o trem começou a se movimentar de novo, pensei em sair do banco e correr junto, acenando para ele pela janela, como fazem as pessoas nos filmes. Então, pensei que isso pareceria bem idiota, e seria inútil, por isso só fiquei ali no banco e esperei o trem sumir. Finalmente, restamos apenas eu e o interior de novo, os campos e a cor cinza.

MINHA AMIGA

Eu havia beijado Carys Last um dia antes de ela fugir e ela tinha detestado, me detestado, aí foi embora e foi minha culpa.

Aconteceu no dia dos meus resultados das provas — no começo do meu primeiro ano, do segundo ano dela. Ela foi à minha casa naquela noite para comemorar ou, no caso dela, se compadecer, porque tinha sido reprovada em tudo.

Ela havia sido reprovada em todos os exames feitos.

Eu me sentei em um sofá com pacotes fechados de salgadinhos e garrafas de refrigerante — comida e bebida para comemorar que não foram consumidas — e fiquei observando enquanto ela falava sem parar no outro sofá.

— Sabe de uma coisa? Não me importo mais. Literalmente não me importo. E daí, o que vai acontecer? Só vou ter que repetir de ano. Ninguém pode fazer nada a respeito. Se eu for reprovada de novo... e daí? Vou arranjar um emprego. Um lugar que não se importe com notas. Posso ser burra, mas tem muita coisa que posso fazer. Minha mãe é tão *escrota*, que eu... sei lá, o que ela espera? Tipo, não sou meu irmão! Não sou a filha de ouro, porra! O que ela esperava?!

Ela continuou falando por um tempo. Quando começou a chorar, fui até o sofá em que ela estava sentada e a abracei.

— Não sou inútil, sei fazer várias coisas! As notas... são apenas letras. E daí se eu não consigo me lembrar de trigonometria, fatos sobre Hitler, fotossíntese e tal? — Ela olhou para mim, com o rímel formando manchas escuras sob seus olhos. — Não sou inútil, sou?

— Não — falei só com um sussurro.

Então, eu me inclinei e a beijei.

Para ser sincera, não quero falar sobre isso.

Faço uma careta só de pensar.

Ela se levantou quase imediatamente.

Houve um instante de silêncio insuportável, como se nenhuma de nós acreditasse que aquilo tinha acontecido.

Então, ela começou a gritar comigo.

— Pensei que você fosse minha amiga — disse ela várias vezes. — Ninguém se importa comigo. Você estava fingindo o tempo todo.

Esta última frase provavelmente foi a que mais doeu. Eu não tinha fingido. Ela era minha amiga, eu gostava dela e não estava fingindo nada daquilo.

Ela fugiu de casa no dia seguinte. Em um dia, ela me bloqueou no Facebook e apagou sua conta no Twitter. Em uma semana, ela mudou o número do telefone. Em um mês, pensei que eu já teria superado, mas, na verdade, nunca superei. Pode até ser que eu não seja mais a fim dela, mas isso não quer dizer que nunca aconteceu, e sempre será minha culpa o fato de Carys Last ter fugido.

CRÂNIO

— Você quer que eu saia daqui? — perguntou minha mãe. — Posso sair, se você for se sentir melhor.

— Nada vai fazer com que eu me sinta melhor — respondi.

Era janeiro. Era O Dia. Estávamos em lados opostos do balcão da cozinha e eu segurava um envelope nas mãos. Dentro dele havia uma carta que me informaria se eu tinha entrado na Universidade de Cambridge.

— Tá. Vou para outro cômodo — falei, mudando de ideia.

Entrei na sala de estar com a carta e me sentei no sofá.

Meu coração estava acelerado, minhas mãos tremiam e eu suava por toda a parte.

Estava tentando não pensar no fato de que, se eu não tivesse passado, havia desperdiçado um bom percentual da minha vida. Quase tudo o que eu tinha feito na escola fora feito pensando em Oxbridge. Eu escolhera as matérias principais pensando em Oxbridge. Eu havia me tornado representante de turma por Oxbridge. Eu tinha tirado notas incríveis por Oxbridge.

Abri o envelope e li o primeiro parágrafo.

Uma frase depois, comecei a chorar.

Duas frases depois, dei um berro rouco.

Não li mais nada depois. Não precisava.

Eu não tinha passado.

Minha mãe entrou e me abraçou enquanto eu chorava. Eu queria me bater, queria me bater até meu crânio rachar.

— Tudo bem... calma, você vai ficar bem. — Minha mãe não parava de falar, me balançando levemente como se eu fosse um bebê de novo, mas não ia ficar tudo bem, eu não ia ficar bem.

Quando disse isso a ela, em meio aos soluços, ela disse:

— Tá, pode ficar chateada por isso. Pode chorar por isso hoje.

Foi o que fiz.

— Eles não sabem o que estão fazendo — murmurou ela depois de um tempo, acariciando meus cabelos. — Você é a pessoa mais inteligente da escola. é a melhor pessoa do mundo.

QUE VOCÊS TODOS SE FODAM

Dizer que fiquei extremamente chateada é muito pouco. Eu sabia que minhas entrevistas tinham sido péssimas, mas uma parte de mim ainda esperava que eu fosse entrar. Primeiro, vieram o choque e a decepção, e depois, quando minha mãe e eu pedimos pizza e assistimos a *De volta para o futuro*, eu estava brava comigo mesma por ter esperado entrar. Quando eu estava acordada na cama, às 3h, me odiei por ser uma idiota privilegiada. Quem chorava por não ter entrado em *uma* universidade entre as *cinco* para as quais tinha se candidatado? Algumas pessoas choravam de *felicidade* por terem entrado em uma universidade.

Os vários status com "Ai, meu Deus, eu consegui uma vaga em Cambridge/Oxford!!! :D" no Facebook que tinham aparecido ao longo do dia não estavam ajudando, principalmente por serem de pessoas que sempre se saíram pior do que eu nas provas.

Pelo menos, quando vi que Daniel Jun tinha postado também, eu senti uma *leve* alegria por ele ter entrado. Ele merecia.

Daniel Jun 준대성
4 horas
Aceito na Universidade de Cambridge para estudar ciências naturais! Não podia estar mais feliz x
106 pessoas curtiram isso

Ele tinha se matado de estudar. Não tinha ninguém torcendo por ele. Daniel merecia muito aquela conquista. E eu gostava dele, acho. Gostava mesmo, agora.

Mas será que eu tinha direito a um momento de egoísmo?

Eu…

Eu fizera literalmente tudo. Tinha lido uma quantidade obscena de livros. Vinha me preparando para aquilo havia um ano. Era a aluna mais inteligente da sala, assim fora desde que soube o que era ser inteligente, e era em Cambridge que as pessoas inteligentes estudavam.

Mesmo assim, eu não tinha entrado.

Tudo aquilo tinha sido para nada.

Tenho certeza de que você acha que eu estava reclamando por nada. Você provavelmente acha que sou uma adolescente mimada. É, provavelmente era coisa da minha cabeça. Não quer dizer que não era de verdade. Então, que vocês todos se fodam.

5. TRIMESTRE DA PRIMAVERA

a)

RUÍDO BRANCO

Até o fim de janeiro, tentei não pensar demais em nada. Fazia minha lição sem pensar. Não conversava com ninguém sobre Cambridge, mas todo mundo sabia que eu não tinha entrado. Enviei mensagens a Aled diversas vezes para ver como ele estava, mas ele não respondeu.

Eu tinha muita coisa da escola para entregar no fim do mês. Toda noite ficava acordada até tarde para terminar. Na verdade, não dormi na noite anterior à entrega, simplesmente fiquei acordada a noite toda e fui para a escola de manhã sem ter dormido. Tive que ligar para a minha mãe e pedir para ela me buscar na hora do almoço porque pensei que fosse desmaiar.

No meio disso tudo, continuei escutando *Universe City*. Os episódios em dezembro e janeiro foram bem estranhos. Parecia que Aled não sabia o que estava fazendo. Ele se esqueceu quase totalmente de muitos enredos secundários. Os novos personagens eram desinteressantes e não apareciam na história com frequência.

Na última sexta-feira de janeiro, Aled postou o episódio que destruiria o fandom de *Universe City*.

O episódio tinha o título de "Adeus" e era só vinte minutos de ruído branco.

VOCÊ DEVE TER VINDO DE UMA ESTRELA

O fandom praticamente ruiu em desespero coletivo. A tag do Tumblr estava transbordando de obituários compridos, textos sofridos e arte emotiva de fãs. Foi tudo muito triste, por isso não fiquei olhando por muito tempo.

Aled postou o último tweet no mesmo dia.

RÁDIO @UniverseCity
desculpem, preciso de um tempo. vocês podem ser bem pequenos, mas são todos muito importantes no universo. adeus <3
31 jan 14

As pessoas lotaram meu inbox com perguntas, apesar de eu não ter mais nada a ver com *Universe City*.

Anônimo disse:
Você não tem estado muito ativa no Tumblr nos últimos meses. É a única pessoa, além do Criador, que teve algum envolvimento no programa. Recentemente voltou a ativar a caixa de mensagens, então espero que não se importe por eu estar enviando esta mensagem. Você sabe alguma coisa sobre o episódio "Adeus" de Universe City que foi postado há duas semanas (se é que você o ouviu)?
Touloser respondeu:
não sei o que dizer. estou tão triste quanto vocês porque o criador decidiu fazer isso, mas está claro que ele está passando por questões pessoais no momento. ninguém além do criador sabe se universe city vai voltar, então sugiro que todo mundo comece a tentar seguir em frente. coisas assim acontecem. só é uma pena que tenha acontecido com algo tão importante para tantas pessoas.
eu conheci o criador. universe city era muito importante para ele. na verdade, dizer isso é dizer pouco. universe city era a única coisa que ele tinha. universe city foi a única coisa que eu tive por muito tempo também. não sei mais o que fazer. também não sei o que o criador vai fazer. não sei o que dizer.

Eu não sabia por que ele tinha decidido acabar com aquilo. Talvez sua mãe o tivesse obrigado. Talvez ele não tivesse tempo suficiente para continuar. Ou talvez simplesmente não quisesse mais continuar.

Aquilo ainda me deixava confusa, porque era claro que *Universe City* era importante para ele. Ele se importava com aquilo mais do qualquer coisa.

Ele ainda nem sequer tinha revelado quem era February Friday.

Na noite de episódio do ruído branco, eu me sentei na sala com o laptop e pensei, pela primeira vez em pelo menos um mês, sobre quem February Friday podia ser.

A resposta me ocorreu quase imediatamente.

O que Aled havia dito sobre Carys na noite em que ele voltou para casa estava tomando minha mente fazia semanas, e de repente percebi por quê.

Fogo.

A fogueira com as roupas.

Ela tinha queimado as mãos no fogo.

Era uma história muito aleatória para ele nos contar. De tudo o que poderia ter dito sobre a relação de Carys com a mãe deles, escolheu aquele acontecimento em especial.

Acessei o blog de transcrição de *Universe City* e fiz uma busca com CTRL-F para encontrar a palavra "fogo" em cada um dos primeiros vinte episódios. Em seguida, copiei e colei frases importantes em um documento do Word.

- Depois do fogo, pronto, você foi embora
- Eu te vejo em todo fogo que ilumina
- No fim, eu queria ter sido a pessoa a cair no Fogo, por mais egoísta que isso seja
- O Fogo que tocou você deve ter vindo de uma estrela
- Você sempre teve coragem suficiente para arder no Fogo

Depois daquilo, não tive mais dúvidas.

Carys Last era February Friday.

FRACASSAR

Tudo aquilo tinha sido um pedido de ajuda.

Universe City. Tudo.

Tinha sido um grito por socorro de um irmão a uma irmã.

Demorei o fim de semana todo para entender o que precisava fazer.

Precisava fazer Carys ajudar Aled.

Naquele momento, ela era a única pessoa que podia ajudá-lo.

As Cartas para February estavam ali desde o começo. Aled vinha escrevendo sobre Carys há anos. Ele sentia saudade dela. Queria falar com ela. E não tinha ideia de onde ela estava.

Se é que ela estava em algum lugar.

Era a mãe de Aled que escondia dele onde Carys estava. Eu não sabia como nem por quê. Mas não conseguia parar de pensar nisso e de me preocupar. Eu tinha tido a chance de ajudar Carys e a perdi.

Bem, era exatamente isso, não?

Eu já tinha tido a chance de ajudar e fracassei.

Nunca gostei de fracassar.

MENINA DE CABELOS GRISALHOS

— Ei, loirinho, troque de lugar comigo.

Parei de olhar para minha folha de história na segunda-feira seguinte e vi uma menina de cabelos grisalhos empurrando o garoto do assento ao lado do meu para que ela pudesse se sentar. Ela se acomodou, apoiou um cotovelo na mesa e o queixo na mão e olhou para mim. A menina de cabelos grisalhos era Raine Sengupta.

Recentemente, ela havia descolorido os cabelos, antes pretos, para que ficassem grisalhos. Dessa vez, tinha raspado tanto a lateral que deixou o lado direito careca. Os cabelos são uma janela para a alma.

— Frances, minha parceira, você não anda muito bem, né? — perguntou ela, assentindo com seriedade.

Eu ainda andava na escola com Raine e Maya e todo mundo, e ainda conversava com Raine com frequência, mas elas não sabiam nada a respeito do que tinha acontecido com Aled nem com *Universe City*.

Eu ri.

— Como assim?

— Sei lá, você anda com cara de biscoito murcho, colega. — Ela suspirou. — Ainda está sofrendo por causa de Cambridge?

Eu senti que estava prestes a explodir por estar entrando em pânico em relação a Aled, em relação a Carys, em relação a ajudá-los, em relação a fazer algo bom pelo menos uma vez no fracasso que era a minha vida, mas só disse:

— *Não*, não, tô bem. Juro.

— Ah, que bom.

— Sim.

Ela continuou olhando para mim. Em seguida, olhou para baixo, para o que eu estava fazendo: rabiscando em uma folha de exercícios em vez de responder às perguntas.

— Olha, são legais. Parecem seus desenhos de *Universe City*.

Assenti.

— Obrigada...

— Você deveria mandar a facul para o inferno e fazer um curso de arte ou algo assim. A professora García amaria você. — Ela disse isso em tom de piada, mas, por um instante, eu levei a ideia totalmente a sério, o que me assustou, e tentei não pensar nisso depois.

— O que tem rolado? — continuou ela.

Queria e não queria contar para ela. Queria contar *para alguém*, mas não tinha certeza se Raine era a pessoa certa. Havia uma pessoa certa com a qual resmungar sobre todas as coisas que estavam acontecendo?

Contei mesmo assim.

Desde meu envolvimento com *Universe City*, passando pelo que Aled tinha feito com Daniel ao que eu tinha feito com Aled, até o que a mãe de Aled tinha feito com ele, até Carys ser February Friday e o episódio do "Adeus". Tudo.

Tudo, menos a única coisa que eu não conseguia admitir a ninguém além de Aled: a respeito de mim e Carys. Eu ainda não conseguia encontrar as palavras para contar essa parte.

— É muita coisa — disse ela. — Qual é seu plano?

— Como assim?

— Você vai simplesmente deixar tudo acabar assim? — Ela cruzou os braços. — Aled está sozinho e preso na faculdade. Carys está por aí no mundo e não faz ideia do que está acontecendo com o irmão dela. *Universe City* terminou sem qualquer explicação. Ninguém vai fazer nada a respeito de nada disso. Só você, talvez.

Olhei para a minha folha de exercícios.

— Bom... eu quero encontrar a Carys para que ela possa ajudar Aled, mas... provavelmente é impossível.

— Você não é amiga de Aled?

— Claro que sou.

— Então não quer ajudar?

— Bom... — Claro que eu queria ajudar. Por que eu ainda estava hesitante? — Não sei.

Raine prendeu o lado mais comprido dos cabelos atrás da orelha.

— É tipo... beleza, isso vai parecer bem bobo, mas minha mãe sempre diz que... quando tem muita coisa rolando, você tem que ver as coisas de modo mais amplo. Dê um passo para trás e olhe para a situação toda e pense o que é muito importante naquele momento.

Eu me endireitei.

— Minha mãe diz exatamente a mesma coisa.

— É? Não acredito!

— É, ela chama isso de O Grande Esquema das Coisas!

— Cara! É literalmente disso que tô falando!

Nós duas sorrimos.

Raine estava mesmo tentando me ajudar.

— Sabe o que eu acho que ajudaria no Grande Esquema das Coisas? — perguntou ela. Dobrou uma perna em cima da outra e olhou dentro de meus olhos. — Encontrar Carys Last.

AGENDA

Aqui estão os motivos pelos quais eu tinha medo de encontrar Carys Last:

- A última vez que eu havia visto Carys e conversado com ela tinha sido dezoito meses antes.
- Na última vez em que eu tinha visto Carys Last e falado com ela, eu a havia beijado sem permissão. Ela não ficou contente com isso, fiz com que ela fugisse de casa e eu senti vergonha e culpa por isso todos os dias desde então.
- O esforço que envolveria localizar Carys Last, sendo que a última pessoa que sabia de sua localização era uma terrível assassina de cães, provavelmente me deixaria mais estressada do que eu já estava (se isso fosse possível).

Apesar de tudo isso, a ideia de fazer algo útil pela primeira vez na minha vida totalmente inútil era o que me motivava.

Era isso, acho.

Eu tinha sido rejeitada por Cambridge e parecia que minha vida toda tinha sido um desperdício.

O que é bobo e ridículo, eu sei. Pode acreditar, eu entendo.

Raine foi à minha casa no dia seguinte, depois da aula, para discutir seu plano “Encontrar Carys”.

Como Raine ainda estava muito aquém do esperado em três matérias, ainda estava sendo obrigada a passar o almoço e os tempos livres na sala da diretora Afolayan para fazer lição de casa.

Isso significava que Raine via um monte de gente entrar e sair da sala, que, a propósito, era mais como uma sala de conferência grande, com ar-condicionado,

TV de plasma na parede, vários vasos de planta e poltronas confortáveis.

Uma dessas pessoas era a representante dos pais, Carol Last.

De acordo com Raine, Carol levava uma agenda cor-de-rosa consigo sempre que ia à escola para uma reunião.

Também de acordo com Raine, se Carol tinha algum registro do endereço de Carys, só podia estar dentro da agenda.

Eu não fazia ideia de como conseguiríamos roubar a agenda de Carol bem embaixo de seu nariz. Para ser sincera, nem era o que eu queria fazer. Eu nunca tinha roubado nada antes nem queria me tornar uma ladra. Só a ideia de ser pega por ela já bastava para me deixar meio mal.

— Não se preocupe com isso — disse ela. Estávamos sentadas à mesa do café da manhã na minha casa comendo biscoitos diretamente do pacote. — Tenho menos moral. Já roubei coisas.

— Você já *roubou* coisas?

— Bom... mais ou menos. Roubei os sapatos de Thomas Lister porque ele jogou um sanduíche em mim dentro do ônibus. — Ela sorriu e olhou para a frente. — Ele teve que descer do ônibus e andar de meias na neve. Foi lindo.

O plano era que Raine trombaria com Carol enquanto esta estivesse saindo da sala de Afolayan e derrubaria uma pilha de livros. Teoricamente, Carol derrubaria a agenda e Raine poderia pegá-la sem que a mulher percebesse.

Pensei que o plano era péssimo porque dependia de a) a agenda estar na mão de Carol, e não dentro da bolsa, b) Raine derrubar os livros de um jeito que pudesse pegar a agenda sem que Carol visse, e c) Carol se esquecer de que estava com a agenda na mão tão logo ela fosse derrubada.

Ou seja, eu achava que não tinha como dar certo.

Nem sabíamos com certeza se o endereço de Carys estaria ali dentro.

Minha mãe por acaso estava na cozinha na hora e, quando Raine terminou de falar, ela disse:

— Não sei se isso vai dar certo, meninas.

Raine e eu nos viramos para ela.

Minha mãe sorriu e prendeu os cabelos compridos.

— Vou cuidar disso.

Sabíamos, com certeza, que Carol estaria na escola às 14h da quinta-feira, 13 de fevereiro, para uma reunião com todos os representantes do conselho de pais e mestres. Queria saber o que aqueles pais faziam da vida para estarem livres às 14h de uma quinta-feira. Ficava me perguntando por que Carol era representante do conselho de uma escola na qual nenhum de seus filhos estudava.

Minha mãe tinha tirado um dia de folga no trabalho. Ela dizia que nunca usava todo o tempo que davam para ela nas férias.

Acho que, na verdade, minha mãe estava muita animada por fazer parte do plano.

Ela havia marcado um horário com a dra. Afolayan às 15h. Disse que conversaria com Carol quando ela saísse da reunião com a diretora. Não sabia como conseguiria o endereço de Carys. Raine e eu estaríamos em uma aula de história na hora, então não fazíamos ideia do que aconteceria.

— Deixem tudo comigo — disse minha mãe com um sorriso malicioso.

Raine voltou para casa comigo no trem, depois da aula naquele dia. Minha mãe estava à nossa espera à mesa da cozinha. Estava vestindo o único terninho que tinha e tinha prendido os cabelos com uma presilha, representando o estereótipo perfeito de mãe.

Ela segurava a agenda cor-de-rosa.

— *Jesus Cristo!* — gritei, jogando os sapatos num canto e correndo até o balcão. Raine logo me acompanhou, com uma expressão de completa surpresa. — Como foi que você conseguiu?

— Perguntei se ela podia me emprestar — disse ela, dando de ombros de um jeito despreocupado.

Eu ri.

— *O quê?*

Minha mãe se inclinou sobre a mesa.

— Perguntei se ela tinha o endereço de nosso representante geral porque eu queria escrever uma carta bem direta sobre a *pouca* quantidade de lição de casa que vocês, alunos preguiçosos, recebem para fazer, afirmando que as escolas da região estão deixando vocês perderem rendimento, transformando todos os alunos em vagabundos. — Ela entregou a agenda para nós. — Mas, é claro, eu

tinha uma reunião que não podia perder, então não tinha tempo de parar e copiar o endereço. Então, perguntei se podia pegar a agenda emprestada e deixá-la na caixa de correspondências dela depois da reunião. É melhor vocês duas correrem.

— Ela deve gostar muito de você — falei, balançando a cabeça e pegando a agenda.

Minha mãe deu de ombros.

— Ela sempre tenta conversar comigo no correio — falou.

Raine e eu demoramos só dez minutos para procurar na seção inteira de endereços e descobrir que não havia nada registrado para Carys Last.

Procuramos na parte de anotações, mas só encontramos várias listas de compra, listas de afazeres, anotações relacionadas ao trabalho (eu ainda não tinha ideia do que ela fazia) e as anotações dela da reunião, que se resumiam às palavras "blá blá blá", uma carinha feliz e um desenho pequeno de um dinossauro. Fiz questão de rasgar aquela página.

— Acho que não está aqui — falei, sentindo o estômago meio revirado. Sinceramente, pensei que encontraríamos alguma coisa. Com certeza, Carol tinha que ter o endereço da filha anotado em *algum lugar*.

Se ela tivesse um endereço *mesmo*.

Raine resmungou:

— O que vamos fazer agora? Já estamos em fevereiro, Aled já se foi há quase dois meses...

— Fevereiro — falei de repente.

— O quê?

Fevereiro.

— Fevereiro. — Puxei a agenda para mim. — Deixa só eu olhar mais uma vez.

Virei cada página do caderno de endereços muito lentamente. Finalmente parei, gritei e apontei uma página com o dedo.

— Ai, meu Deus — sussurrou Raine.

Na parte "F" do caderno de endereços havia apenas quatro registros. O primeiro era o de uma pessoa que aparentemente nem tinha sobrenome. Havia só uma palavra no campo "Nome" na linha pontilhada:

"February."

LONDON'S BURNING

Peguei o trem para Londres naquela sexta-feira. Minha mãe me fez prometer levar um apito de segurança comigo o tempo todo e enviar uma mensagem de texto por hora.

Eu ia fazer isso.

Eu ia encontrar a Carys. Ela ia ajudar o Aled.

Eu me vi em uma casa razoavelmente limpa em uma área residencial. Era bem mais elegante do que eu esperava. Claro que não era uma daquelas construções brancas e chiques que todo mundo imagina quando pensa na vida em Londres, mas Carys não estava vivendo em um lixão. Eu tinha esperado paredes descascadas e janelas cheias de tábuas de madeira.

Subi os degraus até a porta e toquei a campainha. Tocou ao ritmo de "London's Burning", do The Clash.

Uma jovem negra com cabelos cor-de-rosa chamativos abriu a porta. Demorei um pouco para eu dizer alguma coisa porque ela tinha colocado margaridas em meio a seus cachos e era o cabelo mais legal que eu já tinha visto.

— Tudo bem, amiga? — perguntou ela com um sotaque tipicamente londrino. Parecia um pouco a Raine falando.

— Hum... sim, estou procurando Carys Last. — Pigarreei porque minha voz estava meio rouca. — Parece que ela mora aqui.

A mulher fez uma cara de solidariedade.

— Desculpa, amiga, mas não tem nenhuma Carys aqui.

— Ah... — Senti um aperto no peito.

Então algo me ocorreu.

— Espere... e alguém chamado February? — perguntei.

A mulher pareceu um pouco surpresa.

— Ah, sim! É a Feb! Você é amiga dela há muito tempo ou...?

— É... mais ou menos.

Ela sorriu e se inclinou no batente da porta.

— Caramba, eu sabia que ela tinha mudado o nome, mas... *Carys*. Cara, é tão *País de Gales*.

Também ri.

— Então... ela está?

— Não, amiga, ela está no trabalho. Você pode ir até lá para encontrá-la, se tiver tempo. Ou pode dar um tempo aqui.

— Ah, sim. Ela trabalha longe?

— Que nada. Trabalha em South Bank, no National Theatre, tipo... ela é guia turística e faz... tipo, oficinas para crianças e coisas assim. Uns dez minutos de metrô.

Como eu estava esperando que Carys estivesse sofrendo para ganhar um salário mínimo num subemprego, fiquei bem surpresa quando ouvi aquilo.

— Ela se importaria? Eu estaria interrompendo ou coisa assim?

A mulher olhou no relógio, que era grande e amarelo.

— Não, já passa das seis, então ela já deve ter acabado as oficinas. Você provavelmente vai encontrá-la na loja de lembrancinhas, ela costuma ajudar por lá até terminar o expediente, às oito.

— Tá. — Parei no degrau. Era isso. Eu encontraria a Carys.

Ou... não. Calma. Eu tinha que conferir. Só para ter certeza.

— Então, a Carys... — eu me corrigi — a *February*... hum... só para ter certeza, ela... ela tem cabelos loiros...

— Cabelos loiros tingidos, olhos azuis, peitões e um rosto sério como se fosse torcer seu pescoço? — A mulher riu. — É ela?

Sorri com nervosismo.

— Hum, isso.

Demorei só mais vinte minutos para chegar ao National Theatre. South Bank — uma área cheia de cafés, barraquinhas, restaurantes e ambulantes — estava lotada de pessoas saindo para jantar e indo ao teatro, e já estava bem escuro. Tinha

alguém tocando uma música do Radiohead com um violão. Eu havia estado ali só uma vez antes, para ver uma produção de *Cavalo de Guerra* com a escola.

Enquanto eu caminhava em direção ao teatro usando o Google Maps como guia, conferi o que estava vestindo: uma jardineira listrada por cima de uma camiseta com balões de fala espalhados, com meias grossas cinza e uma blusa de tricô. Eu me sentia eu mesma, o que fez com que eu me sentisse um pouco mais confiante na situação.

Por um momento, um pouco antes de entrar no National Theatre, realmente quis dar meia-volta e ir para casa. Enviei uma mensagem de texto para a minha mãe com uma carinha de choro e ela respondeu com um sinal de positivo, várias meninas dançarinas de salsa e um trevo de quatro folhas.

Entrei no prédio — uma construção enorme e cinza que não se parecia em nada com um teatro londrino — e, no mesmo instante, vi a loja de lembrancinhas perto da entrada. Entrei.

Demorei um pouco para encontrar Carys, mas não deveria ter sido assim, porque ela ainda se destacava como sempre havia se destacado.

Ela estava arrumando livros em uma prateleira, reorganizando e tirando alguns de uma caixa de papelão que carregava embaixo do braço. Eu me aproximei dela.

— Carys — falei.

Ao ouvir o nome, ela logo franziu o cenho e virou a cabeça para olhar para mim, como se eu a tivesse assustado.

Demorou um instante para ela me reconhecer.

— Frances Janvier — disse ela com um rosto totalmente inexpressivo.

FILHO DE OURO

Muitas coisas estavam me assustando. Os cabelos dela, para começar. O loiro estava oxigenado agora, quase branco, e a franja cobria apenas metade da testa. Os olhos pareciam muito *maiores*, dava para ver que ela me olhava *intensamente*. Meu Deus, o delineador dela deve ter demorado meia hora para ser feito.

Ela estava usando batom vermelho, uma blusa listrada de tema náutico e uma saia bege que chegava à metade da panturrilha com sapatos boneca de plataforma cor-de-rosa pastel. Estava usando um crachá do National Theatre pendurado no pescoço. Parecia ter aproximadamente vinte e quatro anos.

A única coisa que era a mesma era a jaqueta de couro. Não conseguia lembrar se era a mesma que ela usava o tempo todo no passado, mas produzia o mesmo efeito.

Ela parecia prestes a me matar, ou me processar. Talvez as duas coisas.

De repente, ela começou a rir sozinha.

— Eu sabia — disse ela, e pronto, ali estava aquela voz meio chique, baixa como a de Aled, como se ela trabalhasse na televisão. — Sabia que alguém acabaria me encontrando. — Ela olhou para mim e era ela mesma, mas era como se eu estivesse conversando com alguém que nunca tinha visto antes. — Só não pensei que seria você.

Eu ri sem jeito.

— Surpresa!

— Hum. — Ela ergueu as sobrancelhas, então se virou e gritou para uma mulher no caixa. — Ei, Kate! Posso sair mais cedo?

A mulher respondeu que ela podia, então ela pegou a bolsa e saímos juntas.

Carys me levou ao bar do teatro, o que não me surpreendeu nem um pouco. Ela gostava de beber quando tinha dezesseis anos e ainda gostava agora.

Ela também insistiu em me comprar uma bebida. Tentei impedi-la, mas, quando me dei conta, ela estava pedindo dois daiquiris, cada um provavelmente custando cerca de vinte libras, sabendo como eram as coisas em Londres. Tirei a jaqueta, a coloquei no encosto do banquinho e me concentrei para parar de transpirar tanto.

— O que te trouxe aqui? — perguntou ela, bebericando o coquetel com dois canudinhos e me olhando nos olhos. — Como me encontrou?

Pensar no fiasco da agenda me fez rir alto.

— Minha mãe roubou a agenda de sua mãe.

Carys franziu o cenho.

— Não era para a minha mãe ter meu endereço. — Ela desviou o olhar. — Que merda. Aposto que ela leu minha carta para Aled.

— Você... você enviou uma carta a Aled?

— Sim, ano passado, quando me mudei com minhas colegas. Só para contar para ele que estava tudo bem e passar meu novo endereço. Até assinei como February para que ele soubesse que estava usando esse nome.

— Aled... — Balancei a cabeça levemente. — Aled não recebeu notícia sua. Ele me disse.

Carys quase pareceu não ter me ouvido.

— Minha mãe. Meu Deus. Não sei por que estou surpresa. — Ela soltou o ar, então ergueu as sobrancelhas e olhou para mim.

Eu não sabia por onde começar. Havia muitas coisas que eu precisava dizer para ela, precisava *perguntar*.

Ela se adiantou.

— Você está diferente — falou. — Suas roupas estão mais *a sua cara*. E soltou os cabelos.

— Ah, obrigada, eu...

— Como você está?

Carys ficou me bombardeando com perguntas por vários minutos, me impedindo de falar de qualquer coisa que eu quisesse falar, como 1) seu irmão gêmeo tem demonstrado comportamento preocupante há cerca de sete meses, 2)

sinto muitíssimo por ter sido uma amiga ruim, 3) como você consegue ter a vida tão *organizada* aos dezoito anos, 4) por favor, explique por que agora seu nome é February.

Ela ainda era a pessoa mais intimidante que eu conhecia. *Mais* intimidante agora. Tudo nela me aterrorizava.

— Você conseguiu entrar em Cambridge? — perguntou ela.

— Não — respondi.

— E agora, qual é o plano?

— Ah.... Não sei, não importa. Não vim aqui falar disso.

Carys olhou para mim, mas não disse nada.

— Vim atrás de você por causa do Aled — falei.

Ela olhou para mim com as sobrancelhas levantadas. A expressão de pedra que eu conhecia estava de volta.

— É mesmo?

Comecei pelo começo. Expliquei que Aled e eu tínhamos nos tornado amigos, expliquei a coincidência de *Universe City*. Expliquei como acabei revelando que ele era o Criador, sem querer, que ele tinha parado de responder às minhas mensagens e que a mãe dele estava destruindo tudo o que ele tinha.

Carys ouvia, tomando golinhos da bebida enquanto eu falava, mas percebi que ela ficava cada vez mais preocupada. Eu estava mexendo no meu copo, passando-o de uma mão para a outra.

— Isso... — disse ela, assim que terminei. — Meu Deus, nunca pensei... *nunca* pensei que ela começaria com ele também.

Quase não quis perguntar.

— Começaria o quê?

Carys pensou naquilo por um momento, cruzando as pernas e mexendo nos cabelos.

— Nossa mãe não acredita que seja possível ter uma vida feliz que não seja bem-sucedida academicamente. — Ela colocou o copo na mesa e levantou uma das mãos, apontando para cada dedo enquanto falava. Ainda tinha pequenas cicatrizes de queimadura na pele. — Isso quer dizer que uma pessoa precisa de notas excelentes nos estudos o tempo todo, só escolhas perfeitas na escola e um

baita diploma das melhores universidades do mundo. — Ela abaixou a mão. — Ela acredita tanto nisso que prefere nos ver mortos a fazer outra coisa.

— Que merda — falei.

— Pois é. — Carys riu. — Infelizmente para mim, como você bem sabe, eu fui uma daquelas pessoas que... Por mais que tentasse, não conseguia boas notas. Em nada. Minha mãe achava que podia me *forçar* a me tornar inteligente, como por mágica. Professores particulares, mais lição de casa, acampamentos de férias etc. O que era ridículo, claro.

Ela tomou mais um gole. Estava me contando essa história de um jeito despreocupado, como se falasse sobre as férias de verão.

— Aled era o inteligente. O filho dos sonhos. A preferência sempre foi óbvia, mesmo antes de meu pai ir embora, quando tínhamos oito anos. Minha mãe me desprezava totalmente porque eu não conseguia resolver problemas de matemática, porque eu era a filha gorda e burra, e transformou a minha vida num inferno, literalmente.

Não quis perguntar, mas perguntei mesmo assim.

— O que ela fazia?

— Aos poucos, ela foi tirando tudo o que me dava alegria na vida. — Carys deu de ombros. — Era meio assim: se você não tirar 10 nessa prova, beleza, não vai poder ver seus amigos esse fim de semana. Não tirou 10 nesse trabalho? Tudo bem, vai ficar sem seu laptop por duas semanas. E foi ficando pior, sabe? Acabou ficando assim: se não tirar 10 no seu simulado, vou te trancar em seu quarto no fim de semana todo. Se não passar numa prova, não vai ganhar presente de aniversário.

— Meu Deus...

— Ela é um monstro, mesmo. — Carys ergueu um dedo. — Mas ela também é *calculista.* Não faz nada ilegal, nada que pareça abusivo. É assim que ela sai impune.

— E... você acha... que ela está fazendo essas coisas com o Aled agora?

— Pelo que você acabou de me contar... sei lá, parece. Nunca pensei que ela fosse descontar nele. Ele era o *filho de ouro*. Nunca poderia pensar... Sei lá, se eu soubesse... se ele tivesse lido minha carta, respondido e me dito... — Ela balançou a cabeça, parando a frase no meio do caminho. — Eu não conseguia nem me

defender contra ela, muito menos defendê-lo também. Acho que como eu não estava ali... ela só precisava de alguém para destruir.

Eu não soube o que dizer.

— Não acredito que ela mandou *sacrificar* o cachorro — continuou. — Isso é... horroroso.

— Aled ficou arrasado.

— Imagino, ele amava aquele cachorro.

Fizemos uma pausa e eu tomei um gole da minha bebida, que estava bem forte.

— Mas sinceramente, eu detestava ele naquela época.

Fiquei chocada.

— Você *detestava* ele? Por quê?

— Porque eu era o alvo de toda a perseguição da nossa mãe. Porque ele era o filho de ouro e eu era a idiota. Porque ele nunca me defendeu, nem uma vez, mesmo quando via como ela me tratava mal. Eu o culpava totalmente. — Ela viu minha cara de desdém e ergueu as sobrancelhas. — Ah, não se preocupe, não penso mais assim. Não o culpo mais, nem um pouco, é tudo culpa daquela mulher. Se ele tivesse tentado me defender, ela teria tornado a vida de *nós dois* insuportável.

A história toda era desesperadamente triste e eu sabia que tinha que fazer com que eles entrassem em contato de novo, mesmo que fosse literalmente a última coisa que eu fizesse.

— Bom, um dia eu tive que ir embora. — Ela terminou a bebida e colocou o copo na mesa. — Se eu continuasse ali, teria sido infeliz pelo resto da vida. Ela me forçaria a estudar, eu provavelmente repetiria um ano quando fosse reprovada nas matérias, e depois me esforçaria para arrumar um emprego que satisfizesse as expectativas da minha mãe. — Ela deu de ombros. — Então, fui embora. Procurei meus avós, os pais do meu pai, e morei com eles por um tempo. Meu pai nos abandonou, mas meus avós sempre mantiveram contato. Então, me envolvi com o National Youth Theatre, consegui uma bolsa para um dos cursos de artes cênicas deles. Depois, arrumei um emprego aqui. — Ela jogou os cabelos como uma estrela da TV e me fez rir. — E agora a minha vida é ótima! Moro com amigos, tenho um trabalho divertido no qual faço coisas de que gosto. A vida não se resume a livros e a notas.

Fiquei feliz por saber que ela estava feliz.

Pensei que descobriria muitas coisas sobre Carys Last quando a visse, mas não esperava que ela estivesse feliz.

— Mas... — Ela se recostou na cadeira de novo. — Sinto muito por Aled estar em dificuldades.

— Estou muito preocupada com ele desde que ele parou de fazer *Universe City*.

Carys inclinou a cabeça. Os cabelos loiros brancos brilharam um pouco sob as luzes de LED do bar.

— Fazer... universidade?

E então, eu me dei conta.

Carys não fazia ideia do que era *Universe City*.

— V-você não conhece a história de *Universe City*. — Levei a mão à testa. — Minha nossa.

Ela olhou para mim, assustada.

Contei a ela tudo o que tinha acontecido em *Universe City*, incluindo February Friday.

Sua expressão de gelo derreteu enquanto eu falava. Ela arregalou os olhos. Balançou a cabeça várias vezes.

— Pensei que você soubesse — falei, assim que terminei. — Sei lá... vocês são gêmeos...

Ela riu.

— Não temos uma ligação psíquica.

— Não, pensei que ele contasse para você.

— Aled não conta *nada*. — Carys voltou a franzir a testa, mergulhada em pensamentos. — Ele não diz *nada*, porra.

— Pensei que tinha sido por isso que você tinha escolhido o nome February...

— February é meu *segundo nome*.

Fizemos um silêncio cortante.

— Ele fez isso por mim, não foi? — perguntou ela.

— Bom, acho que foi mais por ele, na verdade. Mas ele queria que você ouvisse. Queria falar com você.

Por fim, ela suspirou.

— Sempre achei que vocês eram parecidos.

Eu mexi o canudo dentro do copo.

— Por quê?

— Você nunca diz o que está pensando de verdade.

FAMÍLIA

Ficamos ali por mais um tempo, conversando sobre a vida. Ela era só três meses mais velha do que eu, mas era dez vezes mais madura. Tinha feito entrevistas de emprego, pagava suas contas e impostos e bebia vinho tinto. Eu não conseguia marcar uma consulta no médico sozinha.

Quando eram 21:30, eu disse que precisava ir embora, então ela pagou nossas bebidas (apesar de eu ter protestado) e saímos em direção à estação Waterloo.

Eu ainda não tinha conseguido pedir para ela ajudar Aled de alguma forma, e aquela seria minha única chance.

Depois de darmos um abraço de despedida no meio da estação, pedi para ela.

— Existe a possibilidade de você... de você entrar em contato com o Aled? — perguntei em voz baixa.

Ela não aparentou surpresa. Seu rosto voltou a apresentar aquela máscara clássica inexpressiva.

— Foi para isso que você me procurou, não foi?

— Bom... sim.

— Hum. Você deve gostar muito dele.

— Ele... ele é o melhor amigo... que já tive. — No mesmo instante, me senti meio ridícula por dizer isso.

— Que bonitinho — disse ela. — Mas... acho que não posso falar com ele de novo.

Senti o estômago revirar.

— O quê? Por quê?

— É que... — Ela se remexeu meio sem jeito. — Deixei aquela vida para trás. Segui em frente. Não é mais da minha conta.

— Mas… ele é seu irmão. Da sua família.

— Família não quer dizer nada — disse ela, e eu percebi que ela acreditava mesmo nisso. — Ninguém tem obrigação de amar a família. Não escolhemos nascer.

— Mas… Aled é *bom*, ele… Acho que ele precisa de ajuda e não conversa comigo…

— Não é mais da minha conta! — disse ela, falando um pouco mais alto. Ninguém notou. As pessoas passavam apressadas por nós, vozes ecoando pela estação. — Não posso voltar, Frances. Tomei a decisão de ir embora sem olhar para trás. Aled vai ficar bem na faculdade, é onde ele sempre mereceu estar. Sinceramente, pode acreditar, eu cresci com ele. Se tem alguém que deveria estar na faculdade fazendo um curso acadêmico difícil, esse alguém é ele. Ele provavelmente está se divertindo demais.

Notei então que eu não acreditava nela.

Ele havia dito que não queria ir para a faculdade. Nas férias. Dissera que não queria fazer faculdade e ninguém escutou. Agora estava lá. Quando liguei para ele em dezembro, parecia que queria morrer.

— Ele escreveu Cartas a February para você — falei. — Para você. Mesmo quando você ainda estava em casa, ele estava fazendo *Universe City* e esperando que você descobrisse e conversasse com ele.

Ela não disse nada.

— Você se importa?

— Claro que sim, mas…

— Por favor — falei. — Por favor, estou com medo.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Com medo do quê?

— De que ele desapareça — falei. — Como você desapareceu.

Ela parou e olhou para baixo.

Eu quase *queria* que ela se sentisse culpada por aquilo.

Queria que ela se sentisse como eu tinha me sentido por dois anos.

Ela riu.

— Você está querendo fazer com que eu me sinta culpada, Frances — disse ela, sorrindo. — Acho que eu gostava mais de você quando era fracota.

Dei de ombros.

— Dessa vez, estou falando a verdade.

— Bom, a verdade tem força, não é o que dizem?

— Você vai ajudá-lo?

Ela respirou fundo, estreitou os olhos e enfiou as mãos nos bolsos.

— Vou — respondeu.

O “INCIDENTE”

Fomos à casa de Carys para pegar algumas roupas antes de pegar o trem de volta para a minha casa em St Pancras. Estava muito tarde para pegar um trem que nos levasse ao norte, até a universidade de Aled, então decidimos dormir na minha casa e sair de manhã. Eu havia enviado uma mensagem para a minha mãe e ela disse que tudo bem.

Conversamos pouco no trem. Era quase surreal estar com ela daquele jeito de novo: sentadas em lados opostos de uma mesa, olhando pela janela, para o escuro. Muitas coisas eram diferentes, mas o modo com que ela se apoiava na mão e com que seus olhos brilhavam era exatamente o mesmo.

Chegamos à minha casa, entramos e ela tirou os sapatos.

— Nossa! Nada mudou.

Eu ri.

— Não somos muito de mexer na decoração.

Minha mãe entrou no corredor, vinda da cozinha.

— Carys! Uau, adorei seus cabelos. Já tive uma franja assim. Ficava péssimo em mim.

Carys também riu.

— Obrigada! Hoje em dia eu consigo enxergar.

Carys trocou amenidades com minha mãe por uns minutos e então fomos para a cama, porque já era quase meia-noite. Estava escuro lá fora, mas as lâmpadas dos postes emitiam uma luz fraca e laranja em meio ao azul-escuro.

— Você se lembra quando eu dormi na sua casa, uma vez? — perguntou ela, depois de eu vestir o pijama no banheiro.

— Ah, lembro — falei, como se tivesse acabado de me lembrar. Eu não tinha me esquecido. Tinham sido dois dias antes do "incidente". Chegamos à minha casa depois de Carys ter me arrastado para outra para a qual eu não queria ir. — Você estava bêbada, haha.

— É.

Ela foi escovar os dentes e vestir o pijama. Tentei ignorar como estava me sentindo esquisita e o modo com que Carys ficava me olhando.

Nós duas nos deitamos na minha cama de casal. Apaguei as luzes do teto e acendi as luzinhas pequenas. Carys virou a cabeça na minha direção e perguntou:

— Como é ser inteligente?

Eu ri, mas não consegui olhar para ela. Olhei para as luzinhas no teto.

— Por que você acha que sou inteligente?

— Sei lá, as notas. Você tira boas notas. Como é isso?

— Não... não é tão especial. É útil, acho. Útil.

— Tá, isso faz sentido. — Ela olhou para o outro lado e depois para o teto. — Teria sido útil. Minha mãe ficava tentando fazer com que eu tirasse boas notas. Não dava. Não sou inteligente.

— Mas você é inteligente de modos mais importantes.

Ela olhou para mim de novo e sorriu.

— Ah. Que bonitinha.

Olhei para ela e não consegui evitar um sorriso.

— O quê? É verdade.

— Você é bonitinha.

— Não sou bonitinha.

— É, sim. — Ela levantou uma das mãos e acariciou meus cabelos. — Seu cabelo fica bonito assim. — Ela acariciou meu rosto delicadamente com um dedo. — Tinha me esquecido que você tem sardinhas. Bonitinha.

— Para de falar "bonitinha" — falei, meio dando risada.

Ela continuou acariciando meu rosto com os dedos. Depois de um tempo, olhei para ela e vi que estávamos a poucos centímetros de distância. A pele dela estava azul por causa das luzinhas, depois ficou cor-de-rosa, depois verde, depois azul de novo.

— Desculpe… — Minha voz falou antes que eu conseguisse terminar de falar. — Desculpe por eu não ter sido uma amiga melhor.

— Quer se desculpar por ter me beijado — disse ela.

— É — sussurrei.

— Hum.

Ela abaixou a mão. Notei o que ela estava prestes a fazer e não consegui pensar em uma maneira de recusar a tempo, então deixei que ela se inclinasse para a frente e pressionasse os lábios nos meus.

Deixei acontecer por alguns minutos. Foi bom. Em algum momento enquanto acontecia, notei que não me sentia atraída por ela e que não queria que aquilo estivesse acontecendo.

Também nesse tempo, ela se virou de modo que o cotovelo ficou apoiado ao lado da minha cabeça. Ela estava quase em cima de mim, com uma perna pressionada contra meu corpo, e me beijou lentamente, como se estivesse tentando se desculpar por ter gritado comigo dois anos antes. Tive a impressão de que ela tinha beijado muitas pessoas entre aquele tempo e agora.

Quando terminei de processar o que estava acontecendo, eu me afastei, virando a cabeça para o outro lado.

— Eu não… quero isso — falei.

Ela ficou parada por um instante. Então, se afastou e se deitou na cama de novo.

— Tudo bem — disse ela. — Sem problema.

Ficamos em silêncio.

— Você não é a fim de mim e não me contou, não é? — perguntei.

Ela sorriu.

— Não. Eu só quis me desculpar. Foi um beijo de desculpas.

— Se desculpar pelo quê?

— Literalmente gritei com você por uns dez minutos só porque você me beijou.

Nós duas demos risada.

Eu me senti aliviada.

O alívio foi principalmente porque não era mais a fim da Carys.

— Aled tem namorada? — perguntou ela.

— Ah... você também não sabe disso...

— Do quê?

— Aled, hum... Você se lembra do amigo dele, o Daniel?

— Eles... *ficam*? — Carys deu uma risada de bruxa. — Que demais. Demais. Espero que incomode muito a minha mãe.

Eu ri porque não soube o que dizer.

Ela acomodou as mãos embaixo do rosto.

— Vamos ouvir *Universe City*? — perguntou ela.

— Você quer ouvir um episódio?

— Quero, estou curiosa.

Eu me virei para o lado e fiquei de frente para ela de novo, procurando meu telefone embaixo do travesseiro. Acessei o primeiro episódio — seria melhor começar do começo — e apertei play.

Quando a voz de Aled surgiu, Carys se movimentou de novo de modo a ficar deitada de costas. Ela ouviu a voz de Aled, olhando para cima. Não fez nenhum comentário nem demonstrou qualquer reação, mas sorriu com algumas piadas. Depois de alguns minutos, eu comecei a me desligar, sentindo que estava prestes a pegar no sono, e só prestei atenção na voz de Aled, falando com a gente do ar acima de nossa cabeça, falando com a gente como se estivesse ali no quarto. Quando o episódio terminou e as notas finais de "Não nos resta nada" desapareceram, o quarto pareceu dolorosamente vazio e silencioso. Calado.

Olhei para Carys e fiquei surpresa ao vê-la ainda na mesma posição, piscando lentamente como se estivesse presa em pensamentos. Uma lágrima surgiu no canto de seu olho.

— Que triste — disse ela. — Muito triste.

Eu não disse nada.

— Ele fazia isso o tempo todo. Mesmo antes da minha partida.... estava chamando.

Ela fechou os olhos.

— Queria poder ser tão sutil e bonita. Eu só sei gritar...

Eu me virei para olhar para ela.

— Por que você não queria ajudá-lo?

— Estou com medo — sussurrou ela.

— De quê?

— De vê-lo e não conseguir deixá-lo.

Ela adormeceu quase imediatamente depois daquilo e eu decidi enviar uma mensagem para Aled. Duvidava de que ele responderia. Talvez nem visse. Mesmo assim, quis mandar.

Frances Janvier
Oi, Aled, espero que esteja tudo bem, cara. Só queria te contar que encontrei a Carys, e vamos te ver amanhã na universidade. Estamos muito preocupadas com você, te amamos e estamos com saudade xxx

UNIVERSE CITY: Ep. 1 — azul-escuro

UniverseCity | 109.982 visualizações

Com problemas. Preso em Universe City. Mandem ajuda.

Deslize para baixo para ler a transcrição >>>

[...]

O que sinto por você não é paixão, mas a você, meu amigo, quero contar *tudo*. Há muito tempo, uma predisposição a nunca dizer nada me tomou, e sinceramente não consigo entender por que ou como isso aconteceu. C'est la vie.

Mas alguma coisa em você faz com que eu queira falar como você fala – te observo de longe e você realmente é a melhor pessoa que conheci na vida. Tem a capacidade de fazer as pessoas ouvirem o que você diz sem questionar, ainda que não use esse poder com frequência. Quase quero *ser* você. Isso faz sentido? Aposto que não. Estou só falando bobagens. Peço desculpas.

Bom, espero, quando nos encontrarmos de novo um dia, que você me ouça e preste atenção. Não tenho mais ninguém a quem poderia dizer essas coisas. Pode ser que você nem esteja ouvindo agora. Mas você não tem que ouvir se não quiser. Quem sou eu para fazer você fazer alguma coisa? Não sou, sou nada. Mas *você*... ah, você... olha, eu ouviria você por horas.

[...]

5. TRIMESTRE DA PRIMAVERA

b)

A ARTE IMITA A VIDA

— A propósito, tô dura — disse Raine pela janela aberta de seu Ford Ka. — Então, espero que vocês estejam com grana.

Eu tinha ligado para a Raine de manhã, rezando para que ela estivesse a fim de entrar no plano de resgate do Aled da faculdade. Claro que ela estava.

— Eu pago a gasolina — disse Carys quando entrou no banco de trás.

Raine a observou fascinada.

— Sou a Carys — disse ela.

— Sei — disse Raine. — Uau. — Ela percebeu que estava olhando fixamente e pigarreou. — Sou a Raine. Você não se parece muito com o Aled.

— Bom, somos irmãos gêmeos, mas não somos a mesma pessoa.

Ajeitei o banco e me sentei.

— Tem certeza de que quer levar a gente?

Raine deu de ombros.

— Melhor do que ir para a escola.

Carys riu.

— Verdade.

Quando Raine ligou o carro, um pensamento me ocorreu.

— Acha que devemos ver se Daniel quer ir junto?

Raine e Carys se viraram para olhar para mim.

— Acho que se ele soubesse de tudo isso, ele... ele ia querer ir — falei.

— Você é, literalmente, a pessoa mais boazinha no mundo — disse Raine.

Carys deu de ombros.

— Quanto mais gente, melhor.

Peguei meu telefone e liguei para o Daniel. Contei tudo para ele.

— Está tudo bem? — perguntou Raine.

— Tudo. Precisamos buscá-lo.

Carys estava olhando pela janela.

Raine olhou para ela pelo espelho retrovisor.

— Você está bem, amiga? — perguntou. — Para o que está olhando?

— Não se preocupe, vamos.

Dirigimos até a casa dele para buscá-lo. Ele estava sentado, esperando na mureta do lado de fora, usando uma blusa vermelha por baixo do uniforme da escola. Parecia meio prestes a ter um ataque de pânico.

Saí do carro para deixar que ele se acomodasse ao lado de Carys. Ele se sentou e os dois se entreolharam por um bom tempo.

— Minha nossa senhora do céu — disse ele. — Você voltou.

— Voltei — disse ela. — Bom te ver também.

Foi um trajeto de seis horas. Começou bem tenso. Raine parecia estar meio nervosa com Carys da mesma maneira como eu ficava, principalmente porque Carys era extremamente intimidante. Daniel não parava de passar o telefone de uma das mãos a outra e me pedia para repetir exatamente o que tinha acontecido com Aled no Natal.

Cerca de duas horas de viagem depois, paramos em um posto de gasolina para que Raine pudesse comprar café e para que todos nós pudéssemos ir ao banheiro. Enquanto estávamos voltando para o carro, com o vento soprando no estacionamento, Raine perguntou a Carys:

— Então para onde você foi?

— Londres — disse Carys. — Trabalho no National Theatre, organizo oficinas e coisas assim. Ganho bem.

— Cara! Eu conheço o National. Vi *Cavalo de Guerra* lá alguns anos atrás. — Raine olhou para Carys com atenção. — Você não precisou de qualificação para conseguir o emprego?

— Não — disse Carys. — Eles nem pediram.

Daniel franziu o cenho ao ouvir isso, e Raine não disse nada em resposta, mas abriu um sorriso. Enquanto Carys voltava para dentro do carro, Raine murmurou para mim:

— Gosto dela.

As coisas dentro do carro se acalmaram um pouco depois disso. Raine me deixou assumir o controle de seu iPod e coloquei Madeon para tocar, mas Daniel resmungou que estava alto demais, então desisti e sintonizei a Rádio 1. Carys olhou de óculos escuros pela janela como se fosse Audrey Hepburn.

Eu estava extremamente nervosa. Aled não havia respondido à minha mensagem. Havia a possibilidade de Aled estar apenas ocupado no quarto, na sala de aula ou algo assim, mas não conseguia parar de pensar que ele podia fazer algo... mais sério.

Coisas assim aconteciam, não?

Aled não tinha mais ninguém.

— Tudo bem, Frances? — perguntou Daniel. Estávamos sentados lado a lado no banco de trás agora. A pergunta parecia ser sincera e ele olhava para mim com seus olhos escuros.

— Ele... ele não tem mais ninguém. Aled não tem mais ninguém.

— Ah, que besteira. — Daniel se recostou, rindo. — Somos quatro pessoas dentro deste carro. Faltei à aula de química pra isso.

Alguma coisa na estrada me acalmava. Sempre achei isso. Coloquei os fones de ouvido e escutei um episódio de *Universe City*, vendo o cinza e o verde num borrão do lado de fora. Daniel estava ao meu lado, apoiando a cabeça na janela, com as duas mãos segurando o telefone. Carys bebericava da garrafa de água. Raine mexia os lábios cantando a música que estava tocando no rádio, mas eu estava de fones, então não sabia o que era. Em meus ouvidos, Aled dizia, ou Rádio dizia: "Eu queria ter tantas histórias como ela." Apesar de estarmos todos em pânico pela mesma coisa, momentaneamente senti que estávamos em paz. Eu me sentia o menos estressada que me sentira há muito tempo. Fechei os olhos. O zunido do carro, o ruído do rádio e o murmúrio da voz de Aled se misturavam em um único som glorioso.

Meia hora antes de chegarmos, eu disse:

— Parece que estamos dentro de Universe City.

Raine riu.

— Como assim?

— Rádio está preso em Universe City. E alguém finalmente o ouviu. Alguém vai salvá-lo.

— A arte imita a vida — disse Carys. — Ou talvez seja o contrário.

UM COMPUTADOR COM CARA TRISTE

Quando nos demos conta, muito mais rápido do que eu esperava, chegamos à cidade universitária de Aled.

Em muitos aspectos, era extremamente parecida com a nossa cidade. Prédios dickensianos altos e ruas de paralelepípedo, uma pequena praça com uma série de lojas, um rio passando por tudo aquilo. Já passava das 21h — havia movimento e alunos por todos os lados, caminhando pela cidade e por perto dos pubs.

Demoramos uns bons vinte minutos dirigindo para encontrar o St John's College. Raine estacionou na frente, em uma vaga ilegal. Parecia apertado, só uma casa com varanda, e eu não entendia como um prédio tão pequeno podia ser uma faculdade inteira. Lá dentro, descobrimos que a faculdade se estendia a muitos dos prédios ao redor.

Permanecemos meio sem jeito na sala de recepção. Havia uma escada grande à nossa direita e dois corredores à frente.

— E agora? — perguntei.

— Aled sabe que estamos chegando? — perguntou Daniel.

— Sabe, mandei mensagem para ele.

— Ele respondeu?

— Não.

Daniel se virou para mim.

— Então... estamos aparecendo sem termos sido convidados.

Todo mundo se calou.

— Na verdade, amigo, estávamos meio em pânico — disse Raine. — Parecia que o Aled estava prestes a se matar ou sei lá o quê.

Ela havia dito as palavras que ninguém tinha ousado dizer ainda. Fizemos silêncio de novo.

— Alguém sabe pelo menos onde fica o quarto dele? — perguntou Carys.

— Talvez devêssemos perguntar na recepção — falei.

— Vou perguntar — disse Carys sem qualquer hesitação, e caminhou em direção à recepção, onde havia um senhor sentado. Ela conversou com ele por um momento e voltou.

— Parece que ele não pode nos contar.

Daniel resmungou.

— Poderíamos perguntar a alguns alunos — sugeriu Raine. — Ver se eles o conhecem.

Carys assentiu, concordando.

— E se ninguém *conhecer* o Aled? — perguntei.

Raine estava prestes a dizer algo quando ouvimos uma voz totalmente diferente vinda da escada.

— Com licença, vocês disseram “Aled”?

Todos nós nos viramos juntos e vimos um cara usando uma camisa polo da equipe de remo da universidade.

— Dissemos — respondi.

— Vocês são amigos da cidade dele?

— Somos, sou a irmã dele — disse Carys, parecendo dez anos mais velha do que era.

— Ah, graças a Deus — disse o rapaz.

— Por que graças a Deus? — perguntou Daniel.

— Hum... bom, ele tem agido de um jeito meio esquisito. Moro no quarto da frente e... Bom, ele não sai do quarto quase nunca, pra começo de conversa. Não faz mais as refeições no refeitório. Coisas assim.

— Onde fica o quarto dele? — perguntou Carys.

O aluno nos deu as orientações.

— Que bom que os amigos dele estão aqui — disse o garoto, antes de sair. — Sei lá, ele anda muito *isolado.*

Ficou decidido que eu iria sozinha ao quarto de Aled.

De certo modo, fiquei meio feliz.

Parecia que eu estava andando há séculos, atravessando corredores cobertos por carpetes azuis com paredes cor de creme e portas brilhantes, quando encontrei o quarto.

Bati à porta.

— Oi?

Ninguém respondeu, então bati de novo.

— Aled?

Nada.

Tentei a maçaneta. Estava destrancado. Entrei. O quarto estava escuro e as cortinas estavam fechadas, então acendi as luzes.

Parecia demolido.

O quarto em si era um típico quarto pequeno de faculdade. Menor do que o meu quarto em casa. Tinha espaço para uma cama de solteiro, uns metros de chão, um guarda-roupa meio feio, uma mesa igualmente feia. As cortinas eram tão finas que dava para ver as luzes da rua através delas.

Eram as coisas dentro do quarto que me preocuparam. Estava mais bagunçado do que seria normal, e o Aled nunca tinha sido muito bagunceiro. Havia um monte enorme de roupas em cima da cadeira e mais no chão, cobrindo todo o espaço do carpete. O guarda-roupa estava quase vazio e a cama, desarrumada, e parecia que os lençóis não eram trocados há meses. Havia pelo menos doze garrafas vazias de água no criado-mudo, juntamente com seu laptop, com a luz de *on* brilhando suavemente. As paredes eram a única parte limpa do quarto. Ele não havia pendurado nenhum pôster nem fotos na parede, eram apenas blocos entediantes, verde-claros. Estava congelando, porque ele tinha deixado a janela aberta.

A mesa estava coberta por um monte de folhas de papel, ingressos, folhetos, embalagens de comida e latas de refrigerante. Peguei um pedaço de papel da mesa. Estava quase totalmente em branco, mas li algumas linhas:

Poesia 14/1 — George Herbert — palestra Forma e Voz

- Anos 1930

- Paratexto — Gerard Genette. A forma textual que um poema assume — como fica no papel
- Diálogo — trocaico
- Cristo de John Wesley 1744 1844?????

No resto da folha, havia rabiscos.

Continuei mexendo nos papéis sobre a mesa, sem saber ao certo o que procurava. Encontrei muitas anotações de aulas com só uma ou duas linhas escritas. Havia também várias cartas do departamento financeiro lembrando que ele tinha que se recandidatar se quisesse financiamento para o ano que vem.

Então, encontrei a primeira anotação feita à mão.

Sinceramente, como você ousa acabar com um programa que é tão importante para tantas pessoas, porra? Acha que pode controlar tudo nele, mas o programa foi além disso — você nem sequer estaria nessa posição se não fosse por nós. Traga Universe City de volta ou vai se arrepender.

Encontrei mais um.

VÁ SE FODER, ALED LAST!!! VOCÊ ACABOU COM A FELICIDADE DE MUITAS PESSOAS NO MUNDO. ESPERO QUE ESTEJA SATISFEITO

E um terceiro.

KKKK por que você se dá ao trabalho de continuar vivendo se não está mais fazendo Universe City? Você destruiu o coração de milhares de pessoas. SE MATA

E um quarto. E um quinto.

Encontrei dezenove bilhetes, ao todo, espalhados sobre a mesa dele.

Fiquei confusa e morrendo de medo, então me lembrei daquela foto de Aled, meses antes, na qual ele aparecia entrando na faculdade. Todas aquelas pessoas só tiveram que escrever uma carta, colocar o nome dele no envelope e enviá-la à faculdade, e o resultado foi Aled sendo bombardeado com mensagens de ódio.

Encontrei uma carta que tinha o logo do YouTube no cabeçalho, com uma série de outros logos que não reconheci. Eu a li por cima.

Caro sr. Last,

Como não respondeu aos nossos e-mails, esperamos que não se importe por estarmos entrando em contato por correspondência. Nós, da Live!Video, gostaríamos de convidá-lo para participar de nossa convenção de verão, a Live!Video Londres. Como o seu canal no YouTube, Universe City, tem ganhado muita popularidade no último ano, gostaríamos de saber se você teria interesse em fazer uma versão ao vivo do programa. Nunca transmitimos uma versão ao vivo de um canal de história, como o seu, e seria uma grande honra para nós que o seu fosse o primeiro.

Havia várias outras cartas confirmando que Aled não tinha respondido a ninguém, o que me deixou triste.

Embaixo da pilha de papéis, encontrei o telefone de Aled. Estava desligado. Eu o liguei, já que sabia a senha, e imediatamente recebi oito novas mensagens. A maioria era minha, desde o início de janeiro.

Ele não ligava o telefone desde janeiro.

— Mas que merda é essa? — disse alguém atrás de mim.

Eu me virei e Aled estava parado na porta.

Usava uma camiseta branca com a estampa de um computador com cara triste e jeans rasgado azul-claro. Os cabelos dele estavam compridos, além dos ombros, e tinham o tom meio cinza-esverdeado de alguém que havia tingido os cabelos várias vezes, de várias cores diferentes, e depois parado por um tempo. Nas mãos, ele segurava uma escova de dentes e um tubo de pasta de dentes.

O que mais chamava atenção, no entanto, era que ele tinha perdido muito peso desde a última vez em que eu o vira, no Natal. Aled nunca tinha sido muito magro, mas agora seu rosto não estava mais redondo, os olhos pareciam fundos e a camiseta estava larga demais.

Ele estava chocado e boquiaberto. Tentou dizer mais alguma coisa. Acabou saindo correndo.

OUVIR

Corri atrás dele, mas logo o perdi e me vi no meio do escuro. Tinha certeza de que ele tinha corrido para fora do prédio, mas não consegui ver para que lado ele tinha ido e, naquelas condições climáticas, ele provavelmente estava congelando só de camiseta e calça jeans. Peguei meu telefone, procurei o número dele e liguei, mas é claro que ele não atendeu, então me lembrei de que o telefone dele estava no quarto e que ele não o usava há semanas.

Eu não sabia o que fazer. Será que ele apareceria se eu esperasse por ele lá dentro? Ou faria algo perigoso?

Estava claro que ele não estava pensando de modo racional.

Eu me virei e olhei para a entrada da faculdade.

Não podia entrar.

Comecei a correr descendo a rua e em direção ao salão.

Eu o vi quase no mesmo instante. Ele se destacava só de camiseta branca em meio a todos os alunos com casacos e blusas de lã, rindo, conversando e aparentemente se divertindo muito. Provavelmente estavam mesmo.

Eu o chamei. Ele se virou para olhar para mim e voltou a correr.

Por que ele estava *fugindo*?

Ele não queria me ver *mesmo*?

Eu desci uns degraus para segui-lo na rua e dobrei uma esquina, passando por uma ponte. Ele dobrou à direita de novo e desapareceu ao descer outros degraus. Eu o segui, percebendo, de repente, para onde ele estava indo.

Ele entrou em uma casa noturna.

A música que vinha de dentro era alta. Não havia fila, mas pude ver que o interior estava lotado.

— Tudo bem, moça? — disse o segurança com um sotaque forte. — Tem documento de identidade, amor?

— Hum... — Não tinha. Eu não dirigia e não andava com meu passaporte. — Não, é só que...

— Não posso te deixar entrar sem identidade, amor.

Fiz uma careta. Discutir com um careca de 1,80m provavelmente não seria a melhor ideia, mas eu não tinha escolha.

— Por favor, meu amigo correu para dentro, ele está bem transtornado, só preciso falar com ele e saio assim que o encontrar, eu juro...

O segurança olhou para mim com solidariedade. Olhou para o relógio e suspirou.

— Pode entrar, moça, são só dez horas.

Agradeci e corri para dentro.

Era pior do que a Johnny R's. O piso estava grudento e sujo, todas as paredes estavam pingando por causa do calor, e mal se via alguma coisa no escuro ou se ouvia algo além da música pop. Passei pelos alunos que não paravam de pular; estranhamente, a maioria deles parecia estar vestindo jeans e camiseta, bem diferentes dos adolescentes arrumados que frequentavam a Johnny R's. Eu o procurei sem parar, ignorando os alunos que me lançavam olhares de desaprovação quando eu passava por eles, então subi a escada e repeti tudo, até que...

Ali. Camiseta branca, encostado na parede. Cabelos pareciam verdes da cor de grama sob as luzes fortes.

Eu o agarrei pelos braços antes que ele me visse e ele se sobressaltou tanto que eu senti seus ossos em movimento.

— ALED! — gritei, ainda que não fizesse muito sentido. Nem mesmo eu consegui ouvir o som da minha voz.

A música estava tão alta que tudo estava vibrando: o chão, minha pele, meu sangue.

Ele olhava para mim como se nunca tivesse visto um ser humano antes. Ele tinha olheiras profundas. Há vários dias não devia lavar os cabelos. Sua pele era

iluminada pelas cores azul, vermelho, cor-de-rosa, laranja...

— O que você está fazendo?! — gritei, mas nenhum de nós conseguiu ouvir. — A música está muito alta!

Ele abriu a boca e disse alguma coisa, mas eu não consegui escutar nem fazer leitura labial, apesar de estar tentando ouvir, como nunca tinha tentado antes. Ele mordeu o lábio e permaneceu muito parado.

— Senti muito a sua falta — falei, a única coisa sincera em que consegui pensar. Acho que ele conseguiu fazer leitura labial, porque seus olhos ficaram marejados e ele movimentou os lábios para dizer "Eu também". Nunca antes, desde que o conheci, eu quis tanto ouvir a voz dele.

Eu não soube o que fazer, por isso só passei os braços pela cintura dele, apoiei a cabeça no seu ombro e o abracei.

A princípio, ele não fez nada. Em seguida, ergueu os braços lentamente e os passou ao redor de meus ombros, apoiando a cabeça contra a minha. Depois de um minuto, mais ou menos, senti que ele estava tremendo. Depois de mais um minuto, notei que eu também estava chorando.

Foi muito verdadeiro. Não parecia que eu estava tentando ser alguém que não era, que eu estava interpretando.

Eu gostava dele. Ele gostava de mim.

Era só isso.

NINGUÉM

Fomos para a praça. Não falamos nada no caminho. Andamos de mãos dadas porque foi natural.

Nós nos sentamos em um banco de pedra. Percebi, vários minutos depois, que ali era o ponto exato onde Aled havia se sentado quando a foto que aquele stalker postou no Tumblr foi tirada, meses antes.

Quando estou de mau humor, odeio que as pessoas sintam pena ou sejam muito boazinhas comigo. Eu sabia que, no caso de Aled, não se tratava apenas de "mau humor", mas decidi fazer uma abordagem diferente.

— Então você está se sentindo meio mal, né? — perguntei, sem soltar sua mão.

Aled estreitou um pouco os olhos, esboçando um sorriso. Ele assentiu, mas não disse nada.

— O que tem feito você se sentir assim? Se for alguém em especial, garanto que posso acabar com a raça dessa pessoa.

Ele sorriu de novo.

— Você não seria capaz de agredir nem uma *mosca* — respondeu.

O som da voz dele no ar, no mundo real, quase me fez começar a chorar de novo.

Pensei no que ele disse.

— Você deve ter razão. Elas são rápidas demais. Sou bem lenta, em geral.

Ele riu. Foi mágico.

— Então, o que está acontecendo? — perguntei, com uma voz que eu imaginei que seria parecida com a de um médico.

Aled deu um tapinha na minha mão com os dedos.

— Está acontecendo… tudo.

Esperei.

— Odeio a faculdade — disse ele.

— É mesmo?

— É. — Os olhos dele ficaram marejados de novo. — Odeio. Odeio tudo em relação a ela. Estou pirando. — Uma lágrima caiu e eu apertei a mão dele.

— Por que não larga? — sussurrei.

— Não posso ir para casa. Também detesto a minha casa. Então… não tenho para onde ir — disse ele com a voz rouca. — Nenhum lugar para ir. Ninguém para me ajudar.

— Estou aqui — falei. — Eu posso te ajudar.

Ele riu de novo, mas a risada desapareceu quase instantaneamente.

— Por que parou de falar comigo? — perguntei, porque eu não conseguia entender ainda. — E com o Daniel?

— Eu… — Ele hesitou. — Estava com medo.

— Medo do quê?

— Eu… simplesmente fugi de todas as coisas difíceis da minha vida — disse ele, e então riu meio descontrolado. — Se alguma coisa é difícil, se eu tenho que conversar com alguém sobre algo difícil, eu simplesmente evito e ignoro essa coisa, como se assim, ela pudesse desaparecer.

— O que… em relação a nós… você…

— Eu não suportava pensar em vocês dois… não sei… pensei que me rejeitariam para sempre. Pensei que seria melhor se eu ignorasse vocês.

— Mas… por que faríamos isso?

Ele secou os olhos com a mão livre.

— Bom… tá, então, eu e o Dan… a gente discutia por causa de muitas coisas. Principalmente porque ele não acredita quando digo que gosto dele. Tipo, ele acha que eu estou mentindo ou algo ridículo, ele acha que estou só *fingindo* sentir atração por ele porque sinto pena dele e porque somos amigos há muito tempo. — Ele olhou para mim e viu minha expressão. — Ah, você não acha a mesma coisa, né?

— Daniel parecia bem convencido…

Aled resmungou.

— Isso é muito idiota. Só porque eu... não saio gritando meus sentimentos o tempo todo...

— Por que ignorá-lo resolveria isso?

Ele balançou a cabeça.

— Não resolveria. Sei que não. Eu só estava com medo de falar a respeito. De encarar a possibilidade de ele... De ele acabar nosso relacionamento porque parece que eu não estou a fim. Tenho feito isso desde antes das férias porque... porque sou um baita *idiota*. E agora estamos separados e... não sei se um dia voltaremos a ser como já fomos...

Apertei a mão dele.

— E eu? — perguntei.

— Eu tentei — disse ele imediatamente, olhando em meus olhos. — Tentei. Escrevi tantas respostas para suas mensagens, mas... não consegui enviá-las. Pensei que elas fariam com que você me odiasse. Conforme o tempo foi passando, foi ficando cada vez pior, e eu fui me convencendo cada vez mais de que você me odiava e de que qualquer coisa que eu dissesse faria com que você me esquecesse para sempre. — Os olhos dele se encheram de lágrimas de novo. — Pensei que seria melhor se eu não dissesse nada. Pelo menos assim... ainda existia a possibilidade de eu ter algo bom na vida... agora que *Universe City*... se foi...

— Não te odeio — falei. — Longe disso, na verdade.

Ele fungou.

— Sinto muito — disse ele. — Sei que tenho sido um idiota. Tudo estaria bem se eu conseguisse... ter dito tudo isso antes...

Eu sabia que aquilo era verdade.

— Tudo bem — falei. — Eu entendo.

Às vezes não dá para dizer o que estamos pensando. Às vezes é difícil demais.

— Por que você terminou *Universe City*? — perguntei.

— Minha mãe me ligava sempre que eu fazia um novo episódio. Dizia para eu parar com aquilo ou ela... pararia de me mandar dinheiro, ou entraria em contato com a faculdade, coisas assim. Eu não dei ouvidos a ela no começo, mas chegou ao ponto de eu sentir medo a cada episódio e de ficar sem ideias, e passei a odiar fazer aquilo. — Ele chorou mais. — Eu *sabia* que ela ia destruir aquilo para mim. Sabia que ia roubar a última coisa que me restava só para *destruir*.

Soltei a mão dele e o abracei de novo.

Ficamos em silêncio por um instante e, apesar de nada estar resolvido, foi um alívio ouvi-lo dizer exatamente como se sentia, pela primeira vez.

— Só queremos que você fique bem — falei, abaixando os braços. — Todos nós.

— Todos... você e o Daniel?

Balancei a cabeça.

— A Carys está aqui.

Aled ficou paralisado.

— Carys? — sussurrou ele, como se não dissesse aquele nome há anos.

— É — respondi, quase sussurrando também. — Ela está aqui para te ver. Ela veio comigo para te ver.

Aled começou a chorar como se eu tivesse aberto uma torneira. As lágrimas não paravam de sair de seus olhos.

Aquilo me fez rir, o que provavelmente era muito insensível, mas eu não pude deixar de ficar feliz, de um jeito esquisito. Eu o abracei de novo, porque não fazia ideia do que dizer, e percebi que ele também estava rindo, de certo modo, em meio ao choro.

ASSIM ESPERÁVAMOS

Carys, Daniel e Raine ainda estavam na recepção quando voltamos para a faculdade. Quando entramos pela porta e Aled viu Carys, parou de andar e ficou olhando fixamente para ela.

Carys se levantou de onde estava e olhou para ele do outro lado do salão. Eles já tinham sido parecidos, com seus olhos azuis e cabelos loiros, mas agora não tinham mais nada a ver um com o outro. Carys era mais alta, mais rechonchuda e tudo nela era limpo, forte, marcado. Aled era pequeno, magrelo e parecia desleixado e retraído, a pele um pouco manchada, as roupas amassadas, os cabelos com tons diferentes de verde, roxo e cinza.

Eu me afastei de Aled quando Carys se aproximou. Quando Carys o abraçou, ouvi seu sussurro:

— Me desculpe por ter te deixado sozinho com ela.

Daniel e Raine olhavam com atenção das poltronas. Daniel parecia meio incomodado ao ver como Aled estava diferente fisicamente e Raine olhava encantada, como se aquilo fosse um documentário emocionante de um drama familiar.

Delicadamente, segurei a cabeça dos dois e as virei para que desviassem o olhar.

— Como ele está? — sussurrou Daniel quando me sentei.

Não tinha por que mentir.

— Péssimo — falei. — Mas pelo menos ele não está morto.

Eu disse isso meio na brincadeira, mas Daniel assentiu.

Tínhamos conseguido.

Nós tínhamos encontrado Aled. Nós o havíamos ajudado. Nós o havíamos resgatado... assim esperávamos.

Foi o que pensamos até a porta da faculdade ser aberta com tudo e uma mulher gordinha de cabelos curtos entrar com uma bolsa a tiracolo.

Eu me levantei da poltrona mais rápido do que nunca. Ao vê-la, Carys meio que puxou Aled para longe da porta e em direção a nós. Pouco antes de ele se virar e vê-la, percebi a confusão nos olhos de Aled.

— Allie, querido — disse Carol.

SOZINHO

Todo mundo ficou de pé. Parecia um confronto de filme de faroeste.

Carol hesitou.

— Carys. O que exatamente *você* está fazendo aqui?

— Vim ver o Aled.

— Não sabia que você ainda se preocupava com alguém de sua família.

— Só com os bons — disse Carys, entre os dentes.

Carol ergueu uma sobrancelha.

— Bem, é isso mesmo. Não estou aqui para ver você e, sinceramente, não quero. Vim para falar com meu filho *de verdade*.

— Acho que você não merece — disse Carys, e eu consegui perceber a reação inaudível de todos os presentes.

— Como *é*? — perguntou a mulher, com a voz mais alta. — Você *não* manda no modo com que eu interajo com meu filho.

Carys riu. A risada ecoou pelo salão.

— Ha! Ah, pode acreditar que mando, sim. Mando porque você o tem torturado como se ele fosse um *bonequinho*.

— Como você *ousa*...

— Como *eu* ouso? Como *você* ousa? Você matou o cachorro, Carol? Matou o cachorro? O Aled amava aquele cachorro, nós *crescemos* com ele...

— Aquele cachorro era um peso e um transtorno, a vida dele era péssima.

— Vou falar com ela — interrompeu Aled. Todos fizeram silêncio, apesar de sua voz ainda parecer um sussurro. Ele se afastou de Carys e caminhou em direção à mãe. — Venha, vamos conversar lá fora.

— Você não tem que fazer isso sozinho — disse Carys, mas não saiu de onde estava.

— Tenho, sim — disse Aled e acompanhou a mãe porta afora.

Esperamos por dez minutos e depois mais dez. Raine não parava de ir até a porta para ver se eles ainda estavam ali. Alunos passavam por nós e lançavam olhares estranhos na nossa direção.

Carys falava baixinho com Daniel, que não parava de balançar a perna. Eu estava sentada em uma poltrona, pensando no que estava acontecendo e no que Carol podia estar falando para ele.

— Ele vai ficar bem, né? — perguntou Raine e se sentou ao meu lado pela sexta vez. — Ele vai ficar bem, no fim.

— Não sei — falei, porque realmente não sabia. O destino de Aled dependia totalmente do que ele decidisse fazer naquela noite.

— Como ela soube que estávamos aqui? — perguntei, porque não tinha como pensar que Carol simplesmente tinha decidido estar ali no mesmo dia em que nós quatro dirigimos por seis horas atravessando o país para salvá-lo.

— Ela nos viu saindo — disse Carys, abruptamente. — Eu a vi olhando pela janela.

— Mas ela não tinha como saber para onde estávamos indo! — disse Raine.

Carys riu.

— A irmã há muito desaparecida parte no mesmo carro com a melhor amiga dele, com sacolas de comida para uma viagem longa? Acho que não é difícil de adivinhar.

Raine estava prestes a dizer algo quando ouvimos uma porta de carro ser batida. Ela se levantou de onde estava e correu até a porta.

— NÃO! — gritou.

Corremos para acompanhá-la a tempo de ver Aled partindo com a mãe em um táxi.

UNIVERSIDADE

— Não pensei que isso pudesse piorar — disse Daniel. — Mas literalmente piorou. Que ótimo.

Estávamos no meio da rua observando o táxi partir.

— Eles vão para a estação — disse Carys. — Ela vai querer levá-lo para casa.

— Bem, obviamente não podemos deixar que isso aconteça — falei.

Raine já estava andando em direção ao carro dela, que ainda estava inocentemente estacionado em local proibido na frente do prédio.

— Pessoal, entrem no carro.

Demoramos um momento para reagir.

— ENTREM NA PORRA DO CARRO! — gritou Raine.

Obedecemos e partimos atrás deles.

Ela ultrapassou o limite de velocidade e fez com que os alcançássemos em três minutos, com Daniel gritando na maior parte do caminho:

— Devagar, vamos todos morrer!

Saímos do carro e entramos na estação, onde conferimos os horários de partida, e havia um trem com destino a King's Cross saindo em três minutos na Plataforma Um. Corremos em direção à Plataforma Um sem falar mais nada, e ali estava ele, de pé ao lado de um banco com a mãe. Eu gritei — não pudemos nos aproximar mais porque não conseguimos passar pela catraca — e ele se virou com os olhos arregalados como se pensasse ter imaginado coisas.

— Não vá para casa com ela! — gritei. A estação estava iluminada, uma luz laranja e dourada contra a escuridão. — Por favor, Aled!

Ele tentou se movimentar na nossa direção, mas a mãe segurou o braço dele e o impediu. Ele abriu a boca para dizer algo, mas não disse nada.

— Vamos te ajudar! — Tentei pensar no que diria antes de dizer, mas meu coração batia acelerado e eu não conseguia pensar direito em nada, só pensava que, se Aled entrasse naquele trem, talvez nunca mais voltasse para nós. — Por favor, você não tem que ficar com ela!

Carol fez um som de desgosto e se virou como se não pudesse me ouvir, mas Aled continuou olhando. O trem estava quase na estação.

— É minha única opção — respondeu ele, apesar de eu mal conseguir ouvi-lo. O trem chegou fazendo um barulho alto na hora de frear. — Não posso ficar aqui, não tenho nenhum outro lugar para onde ir...

— Pode ficar na minha casa!

— Isso, ou na minha! — gritou Carys. — Em Londres!

— Você não tem que ficar lá! — continuei. — Ela vai fazer você voltar para a universidade! Você nunca deveria ter entrado na universidade...

Carol começou a tentar puxá-lo em direção à porta do trem. Ele se movimentou lentamente com ela, mas ainda olhava para mim.

— Você tomou a decisão errada... você... Você pensava que tinha que entrar na faculdade mesmo sem querer ou... Ou pensava que queria fazer faculdade, mas na verdade não queria... só porque sempre nos dizem que essa é nossa única opção. — Eu estava apoiando a maior parte do peso do meu corpo na catraca, como se pudesse quebrá-la ao meio. — Prometo que não é! Eu entendo... eu acho... acho que cometi o mesmo erro ou... ainda não cometi, mas... vou mudar isso.

Aled seguiu em direção ao trem, mas continuou na porta, olhando para mim.

— *Por favor, por favor, Aled...* — Eu balançava a cabeça sem parar para ele e senti que estava começando a chorar, não de tristeza, mas de *medo*.

Senti alguém me cutucar na lateral do corpo e, quando olhei, Raine tinha entrelaçado os dedos das mãos e fazia um apoio com elas. Percebi o que ela estava fazendo quando ela piscou para mim e disse:

— Vá antes que o segurança perceba.

Apoiei o pé nas mãos dela e Raine praticamente me lançou por cima da catraca. Ouvi o segurança gritando comigo, mas corri em direção à porta do trem

e parei na frente de Aled. A mãe dele tentava puxá-lo mais para dentro, mas ele não se mexia. Estava ali, parado, me observando.

Estendi a mão para ele.

— Por favor, não vá com ela. Você tem outras opções... não está preso. — Percebi minha voz trêmula, o pânico e o desespero.

— E se eu não tiver? — sussurrou ele. — E se... não conseguir um emprego... nunca conseguirei sair de casa... e...

— Você pode morar comigo, vamos trabalhar na agência do correio no bairro e faremos *Universe City* juntos — falei. — Seremos felizes.

Ele piscou para afastar as lágrimas.

— Eu... — Ele olhou para baixo, focado em algum ponto no chão, e não disse nada, mas eu *vi* quando ele decidiu.

— Aled! — A voz de Carol surgiu de algum ponto atrás dele, aguda e exigente.

Aled se livrou das mãos dela e segurou a minha.

Murmurei:

— Graças a Deus. — Vi que ele estava usando os sapatos verde-limão com cadarços roxos.

Finalmente, ele saiu do trem.

5. TRIMESTRE DA PRIMAVERA

c)

UNIVERSE CITY

Passamos a noite ali. Estava tarde demais para voltarmos para casa dirigindo. Aled tinha um edredom extra sobre o qual nos deitamos e nós quatro pensamos que não dormiríamos muito, mas Raine adormeceu dez minutos depois de dizer:

— Eu não durmo com meus amigos há *meses*.

Carys logo dormiu também, cobrindo-se com sua jaqueta de couro.

Daniel adormeceu quinze minutos depois, usando um short do pijama de Aled e uma camiseta, em vez do uniforme da escola, meio enfiado embaixo da mesa de Aled porque não havia espaço suficiente para cinco pessoas dormirem ali. Assim, só Aled e eu ficamos acordados, sentados na cama dele, encostados na parede.

— O que você quis dizer quando falou que pode ter cometido um erro em relação à universidade? — sussurrou ele, virando a cabeça na minha direção. — Você... O que planeja agora?

— Bom, a questão é que... acho que não gosto muito de literatura inglesa. Não quero mais estudar isso na faculdade.

Aled pareceu assustado.

— Não quer?

— Não tenho certeza de que quero.

— Mas... era isso... Era o que você mais queria, mais do que qualquer coisa.

— Só porque achava que tinha que querer — falei. — E porque era boa em literatura. Pensava que só assim teria uma vida boa. Mas... estava errada.

Fiz uma pausa.

— Adoro fazer *Universe City* com você — falei. — Não me sinto assim quando estou estudando.

Ele ficou olhando para mim.

— Como assim?

— Eu me sinto à vontade quando estou com você. E... essa versão minha... não quer estudar livros por mais três anos porque outras pessoas estão estudando e porque a escola diz que devo estudar... essa versão minha não quer um emprego qualquer só para ganhar dinheiro. Essa versão minha quer fazer o que eu quero.

Ele riu baixinho.

— O que você quer fazer?

Dei de ombros e sorri.

— Não tenho planos... mas talvez precise pensar nisso com mais cuidado. Antes de tomar uma decisão da qual eu me arrependa.

— Como aconteceu comigo — disse Aled, mas ele estava sorrindo.

— Pois é — falei e nós dois rimos. — Mas eu poderia fazer qualquer coisa. Poderia colocar um piercing no nariz.

Nós rimos de novo.

— Que tal arte? — perguntou ele.

— Oi?

— Você gosta bastante de arte, não gosta? Poderia fazer faculdade de arte. Você é boa nisso e gosta bastante.

Pensei na ideia. Pensei mesmo. Com certeza não era a primeira vez que alguém havia sugerido que eu estudasse arte. Eu não tinha dúvidas de que gostaria.

Por um instante, a ideia me pareceu brilhante.

O que me lembro do resto daquela noite foi que acordei e ouvi Daniel e Aled conversando, sussurrando, quase sem fazer qualquer barulho. Aled ainda estava ao meu lado na cama. Daniel, eu imaginava, estava falando com ele sentado no chão. Logo fechei os olhos de novo para que eles não percebessem que eu estava acordada e pensassem que eu estava ouvindo a conversa.

— Calma, não entendi — disse Daniel. — Pensei que isso significasse alguém que não gosta de fazer sexo.

— Acho que é assim com algumas pessoas... — disse Aled. Ele parecia um pouco nervoso. — Mas a assexualidade quer dizer... hum... quando alguém não se sente *atraído* sexualmente por ninguém.

— Certo. Entendi.

— E algumas pessoas sentem que são... tipo... *parcialmente* assexuais, então... elas só se sentem sexualmente atraídas por pessoas que elas conheçam muito, muito bem. As pessoas com quem, tipo, elas têm uma ligação emocional.

— Tá. E é o seu caso.

— Isso.

— E você sente atração por mim. Porque me conhece muito bem.

— Isso.

— E por isso você nunca fica a fim de ninguém.

— É. — Ele fez uma pausa. — Algumas pessoas chamam isso de "demissexual", mas, hum... não importa muito a palavra usada...

— Demissexual? — Daniel riu. — Nunca nem ouvi falar.

— É, não importa a palavra usada, para ser sincero... só estou tentando explicar o que eu... tipo... o que eu sinto. É o sentimento, o mais importante.

— Tudo bem. É só um pouco complicado. — Ouvi um barulho que podia ter sido feito por Daniel virando no chão. — Como descobriu tudo isso?

— Na internet.

— Você devia ter me contado.

— Pensei que você acharia... bobagem, sei lá.

— Quem sou eu para julgar a sexualidade dos outros? Sou bem gay.

Os dois riram baixinho.

Aled continuou:

— Só queria que você entendesse, tipo, porque não quero me assumir nem nada assim. Com certeza, não é por não gostar de você...

— Não, eu entendi. Entendi.

— Eu senti medo... Não sabia como explicar isso a você para que acreditasse em mim. Aos poucos comecei a te evitar... o que fez com que você pensasse que não gosto de você... eu fiquei com medo de que você terminasse comigo assim que eu falasse com você. Me desculpe, tenho sido terrível com você...

— É, você tem sido um idiota. — Percebi que Daniel estava sorrindo, e os dois abafaram o riso. — Tudo bem, peço desculpa também.

Aled esticou o braço. Fiquei tentando imaginar se eles estavam de mãos dadas.

— Então podemos voltar a ser como éramos antes? — sussurrou Aled. — Podemos ser nós de novo?

Daniel demorou um pouco para responder.

— Claro, podemos.

De manhã, Aled e eu fomos até a Boots para comprar escovas de dente para todos, porque Carys disse que não ia a lugar nenhum enquanto não escovasse os dentes. Enquanto estávamos lá, Aled se afastou para ver tinta para cabelo. Quando me aproximei, perguntei se ele queria que eu tingisse o cabelo dele quando voltássemos para o quarto, e ele aceitou.

Ele se sentou na cadeira à frente da mesa, com os cabelos lavados, e eu fiquei atrás dele com uma tesoura que tínhamos comprado na WHSmith.

— Frances... — O nervosismo na voz dele era nítido. — Se você cortar mal meus cabelos, provavelmente vou fugir para o País de Gales e viver por lá até meus cabelos crescerem de novo.

— Beleza! — Abri e fechei a tesoura no ar. — Sou artística. Tirei A em artes.

Raine riu da cama de Aled, onde estava sentada.

— Mas você não fez curso de cabeleireira, fez?

Eu me virei e apontei para ela com a tesoura.

— Teria feito se pudesse.

Cortei alguns centímetros dos cabelos de Aled — ainda passavam das orelhas dele, mas não tão compridos a ponto de ficarem lambidos e pesados — e tentei fazer umas camadas para que ele não ficasse parecendo um escudeiro medieval. De modo geral, ficou bom, na minha opinião, e Aled disse que ficou melhor do que qualquer outro corte que já tinha tentado fazer com cabeleireiros.

Descolorimos os cabelos dele, o que demorou séculos e deixou um tom laranja-amarelado, que eu achei hilário e fotografei com o celular.

Depois disso, tingimos os cabelos dele de cor-de-rosa pastel, inspirado em um gif que ele me mostrou do membro de uma banda com jaqueta jeans — com cabelos um pouco compridos, além do queixo, e um tom suave de rosa. Quando terminei, notei que ficou exatamente como os cabelos de Rádio são descritos em *Universe City*.

Estávamos dirigindo há cinco minutos quando o carro de Raine quebrou.

Ela parou no acostamento e ficou parada por um instante.

— Isso por acaso é uma piada? — perguntou, com educação.

— O que se faz quando o carro quebra muito longe de casa? — perguntei.

— Podemos ligar para algum guincho? — perguntou Daniel.

— Não sei — disse Raine. — Meu carro nunca tinha quebrado.

Todos saímos do veículo.

— Quem devemos chamar? — perguntei e olhei para Carys.

— Não olhem para mim. Posso até saber como pagar meus impostos, mas não sei nada de carros. Moro em Londres.

Daniel também não dirigia e, obviamente, nem Aled e nem eu. Ficamos ali, parados.

Carys suspirou e pegou o celular de dentro do bolso.

— Vou ver no Google. Esperem.

— Preciso ir para casa — disse Daniel. — Já perdi três aulas de química e é uma matéria difícil de entender depois.

— Podemos pegar o trem — falei.

— Custa cerca de noventa libras para ir para Kent. Eu pesquisei.

— Eu pago — disse Aled. Todos olhamos para ele. — Não tenho gastado muito dinheiro recentemente. Meu dinheiro do empréstimo estudantil entrou há algumas semanas.

— Mas e o meu carro? — Raine se apoiou de modo dramático no capô e passou a mão por ele. — Não posso simplesmente deixá-lo aqui.

— E as coisas do Aled estão ali dentro — lembrou Daniel.

Carys suspirou.

— Fico com você, Raine, e vamos dar um jeito no carro. Vocês três voltam de trem.

— O quê? — perguntei. — Tem certeza?

— Tenho. — Carys sorriu. — Eu quero falar com esta daqui, de qualquer modo. — Ela fez um gesto indicando Raine, que estava murmurando e passando a mão pelo capô do carro.

— Sobre o quê?

— Alternativas de projetos para pessoas que não são boas com problemas de matemática. — Ela deu de ombros. — Coisas que eles se esquecem de nos ensinar na escola.

Apesar de dizer que ia estudar no trem, Daniel dormiu quase imediatamente. Aled e eu nos sentamos um de frente para o outro com uma mesa entre nós e, em determinado momento, começamos a falar de *Universe City*.

— Não quero que acabe — falei.

Ele respirou fundo.

— Nem eu — respondeu.

— Eu acho... acho que você deveria retomar.

— Bom... eu quero.

— Então você vai retomar?

— Talvez.

Quase imediatamente começamos a planejar um novo episódio. Toulouse participava dele, fazendo um retorno dramático depois de ter desaparecido de modo repentino no Portão dos Mortos, e começamos a planejar enredos secundários também: o Prédio Azul-Escuro, February Friday e a própria Universe City. Começamos a sussurrar falas do roteiro um para o outro e Aled as anotou no telefone. Mesmo assim, acabamos despertando Daniel, e ele revirou os olhos quando percebeu o que estávamos fazendo, mas também sorria. Tentou voltar a dormir, mas não conseguiu, então ficou ouvindo nossa conversa.

— Você vai lavar as roupas por pelo menos três semanas — disse minha mãe.

Ainda estávamos no trem, no meio do caminho para casa, e eu estava conversando com ela ao telefone. Eu tinha percorrido o corredor para ficar perto da porta, entre dois vagões, porque Aled e Daniel tinham adormecido.

— Além disso, eu vou escolher os filmes de sábado à noite a que assistiremos no próximo mês. Não posso tirar noventa libras do céu quando quiser. Pode acreditar. Faria isso, se pudesse. Eu estava na floricultura, dia desses, e vi uma fonte em forma de cachorro fazendo xixi. Oitenta paus. Sabe, estamos falando de compras essenciais, Frances, *essenciais*. Estou sacrificando isso para que você possa pegar um trem...

— Tá, tá bom — respondi sorrindo. — Pode escolher o filme de sábado. Desde que não seja *Shrek*.

— O que acha de assistirmos a *Shrek 2*?

— Pode ser *Shrek 2*.

Minha mãe riu e eu apoiei a cabeça na porta do trem. Estávamos passando por uma cidade. Eu não sabia qual. Não sabia exatamente onde estávamos.

— Mãe — falei.

— O que foi, querida?

— Acho que não quero mais estudar literatura inglesa na faculdade. — Fiz uma pausa. — Acho que não quero fazer faculdade.

— Ah, Frances. — Ela não parecia desapontada. — Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntei porque não tinha certeza.

— Sim — disse ela. — Tudo bem.

VERÃO

UMA NOVA VOZ

O evento de Aled era um dos principais. Às 16:00 na maior arena. Eu estava passando o tempo assistindo a uma das outras YouTubers enquanto Aled se preparava e ensaiava a apresentação com uma parte da equipe nos bastidores. A garota que se apresentava no momento era uma comediante musical. Falou muito sobre o Tumblr, entrevistou alguns atores que faziam participação e cantou umas músicas sobre *Supernatural*.

Enquanto eu assistia, notei que estava ao lado de alguém que eu achava conhecer.

Os cabelos dela eram de um tom preto incomum, ou talvez um castanho bem intenso, eu não soube dizer, e ela tinha uma franja volumosa que escondia suas sobrancelhas. Parecia meio cansada, como se não soubesse direito onde estava.

— Acho que já te vi — disse ela, antes que eu pudesse dizer. — Você estudou na Higgs?

— Estudei, há muitos anos. Mas me mudei para a Academy... — E parei de falar.

Ela olhou para mim de cima a baixo.

— Você se fantasiou de Doctor Who, uma vez? Numa festa?

Eu ri, surpresa.

— Sim!

Fizemos uma pausa.

— Como está a Academy? Ouvi dizerem que está muito acadêmica agora. Como era a minha escola.

— É... sabe como é. Uma escola.

Nós duas rimos, cúmplices.

A garota se virou na direção do palco.

— Nossa, a escola quase me matou. Ainda bem que terminou.

— Digo a mesma coisa — respondi sorrindo.

Fui para os bastidores. Tive que correr para não me atrasar porque não tinha ficado de olho na hora.

Uma mulher usando roupas pretas e um microfone de cabeça tentou me chamar quando atravessei o corredor dos bastidores correndo.

— Estou com Rádio — falei, mostrando o crachá pendurado no pescoço, e ela me deixou em paz. Acho que eu parecia ser uma fã, porque estava usando minha legging com estampa das Tartarugas Ninja e um moletom largo de banda. Segui andando. Portas atrás de portas, sem qualquer descrição. No fim, um cartaz apontando para a esquerda. PALCO.

Eu entrei à esquerda. Subi uns degraus. Passei pela porta onde estava escrito “PALCO” e me vi nas sombras da área dos bastidores. Havia polias, cordas e fios esquisitos espalhados, luzes piscando e equipamento técnico, fita adesiva espalhada por todos os lados. Homens e mulheres vestidos de preto corriam de um lado a outro, me prendendo em uma espécie de furacão de corpos, até um cara me parar e perguntar:

— Está aqui com o Criador?

Respondi que sim.

Ele sorriu de modo assustador. Era bem grande, barbudo, com um iPad na mão. Devia ter pelo menos trinta anos.

— Ai, meu Deus. Então você deve saber quem ele é. Ai, meu Deus. Eu ainda não o vi. Só sei que o nome dele é Aled, mas não faço ideia de como ele é. Vicky disse que o viu, mas eu ainda não o vi. Ele deve estar esperando no lado direito do palco. Ai, meu Deus, estou *muito animado*.

Eu não soube bem o que responder àquilo, então deixei que ele se afastasse e dei a volta pela parte de trás do palco, um corredor estreito entre a cortina de trás e uma parede de tijolos escuros cheia de luzes, como se fôssemos aviões precisando de orientação para pousar.

O lado direito do palco estava praticamente vazio se comparado com o lado esquerdo. Havia três pessoas perto da parte da frente, duas delas meio dando

atenção a uma terceira.

Foi então que eu o vi.

Parei por um momento.

Não conseguia acreditar direito que aquilo estava acontecendo.

Não... eu conseguia acreditar, sim. Foi incrível. Espetacular.

As três pessoas acabaram percebendo minha presença e se viraram, caminhando para a luz. Aled e duas pessoas da equipe, um homem e uma mulher. O homem, de vinte e poucos anos, tinha cabelos azuis. A mulher, de quarenta e poucos, tinha dreads.

Aled caminhou na minha direção. Ele estava incrível da maneira mais esquisita possível. E olhou em meus olhos, nervoso, por apenas alguns segundos, e então virou a cabeça com um sorriso tímido. Mexeu nas luvas. Eu sorri e olhei para ele de cima a baixo. Sim. Rádio. Os cabelos dele tinham uma cor ridícula em tom pastel, e estavam compridos, presos atrás das orelhas. Terno de três peças, gravata, luvas. Havia um monte de fanart chegando. Todos o adorariam.

— Você está ótimo — falei, sinceramente. Ele estava ótimo, parecia prestes a se erguer do chão, flutuar entre as nuvens e se tornar o novo sol, parecia capaz de matar alguém com um sorriso, parecia a melhor pessoa do mundo.

Eu estava com a carta de admissão do curso de artes dentro do bolso. Aled ainda não sabia desse fato. Nunca antes eu tinha ficado tão animada com alguma coisa, mas não contaria para ele ainda. Queria fazer uma surpresa mais tarde.

Aquele era um dia maravilhoso.

— Eu... — começou a falar, mas meio que engoliu em seco.

O salão todo se apagou, fazendo a plateia gritar ensandecida. Nos bastidores, só conseguimos olhar um para o outro com a ajuda de uma luminária minúscula presa a um cano à minha direita.

— Vinte segundos — disse a mulher de dread.

— Vai ficar tudo bem, não vai? — perguntou Aled, com a voz trêmula. — O roteiro... foi... Estava bom, não estava?

— Sim, estava brilhante, como sempre — falei. — Mas não importa o que penso. É o seu programa.

Aled riu. Um sorriso raro e lindo.

— Eu não estaria aqui sem você, sua enorme idiota.

— Pare de me fazer chorar!

— Dez segundos — disse o cara de cabelos azuis.

— E AGORA, APRESENTANDO UMA VOZ NOVA AO EAST CONCERT HALL...

Ele empalideceu. Juro por Deus. Mesmo na luz fraca, eu consegui ver. O sorriso sumiu e ele morreu temporariamente.

— UM FEONÔMENO DO YOUTUBE QUE RECENTEMENTE PASSOU A MARCA DE 700 MIL INSCRITOS...

— E se as pessoas não gostarem? — perguntou ele, com a voz baixa. — Elas estão esperando algo brilhante da minha parte.

— Não importa — falei. — É o seu programa. Se você curtir, *será* brilhante.

— O ESTUDANTE MISTERIOSO QUE SE ESCONDEU ATRÁS DE UMA TELA VAZIA NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS...

O palco foi tomado por cores, luzes piscando por todo o salão. A introdução feita no baixo de "Não nos resta nada" começou a tocar e Aled pegou a guitarra e a pendurou no pescoço.

— Ai, meu Deus — falei. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus....

— Cinco segundos.

— O INCRÍVEL....

— Quatro.

— O TODO-PODEROSO...

— Três.

— O IMPRESSIONANTE...

— DOIS.

— O REVOLUCIONÁRIO...

— Um.

— RÁDIO... SILÊNCIO.

Só conseguia vê-lo de costas, a nuca visível acima do terno quando ele pisou na parte iluminada do palco, os passos acontecendo lentamente, enquanto uma música de fazer acelerar o coração surgia no ambiente. Parei de respirar e vi tudo. Vi a plateia ficar de pé, incrivelmente feliz por finalmente vê-lo ao vivo, e me

surpreendeu ver quantas pessoas Aled tinha feito sorrir só subindo num palco iluminado.

Vi a equipe dos bastidores se reunir ao lado esquerdo do palco, se amontoando ali para dar uma olhada no Criador Anônimo. Vi Aled levantar uma das mãos enluvada. Vi cada rosto na multidão. Cada rosto sorrindo, pessoas usando luvas e ternos como Rádio, alguns vestidos como Chester, Atlas ou os novos personagens daquele ano: Marine, Jupiter, Atom. Vi uma garota na frente vestida como Toulouse e senti o coração apertar.

Observei Aled, ou Rádio, ou quem quer que aquele cara fosse, pegar o microfone e abrir a boca, e sussurrei as palavras no ar enquanto ele as vociferava para a plateia.

— Olá. Espero que alguém esteja ouvindo...

Universe City ao vivo na Live! Video Londres 2014

Live!Video 1.562.979 visualizações

Publicado em 16 de setembro:

A primeira participação de Rádio na Live!Video Londres 2014 no East Concert Hall acontece no dia 22 de agosto, sábado. Depois de revelar sua aparência, Rádio descreve o resultado de sua busca pelo Irmão Perdido e os últimos acontecimentos na busca para encontrar uma rota de fuga da Universe City. Também discute o futuro da Universe City e das cidades-irmãs pelo país.

Informação:

Rádio é o criador da série de podcast internacionalmente celebrada, *Universe City*, cujo podcast alcançou mais de dez milhões de visualizações no YouTube desde março de 2011. Cada podcast dura de 20 a 25 minutos, e a série acompanha alunos da Universe City conforme eles descobrem os segredos da cidade, além de falhas e hipocrisias, conforme narrado por um aluno que não quer estar ali: o enigmático Rádio Silêncio.

[TRANSCRIÇÃO INDISPONÍVEL]

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos os que me apoiaram enquanto eu escrevia meu segundo livro. Demorei muito tempo, mas consegui!

Obrigada às pessoas mais importantes da minha carreira: minha agente Claire e meus editores Lizzie, Sam e Jocelyn. Vocês me fazem seguir acreditando que o que estou fazendo é ótimo e não terrível e que tudo está bem. Não chegaria a lugar nenhum sem vocês.

Obrigada a meus pais e a meu irmão, como sempre, por serem a melhor família de todas.

Obrigada às minhas lindas amigas da minha cidade, com quem sempre posso contar para rir, abraçar e cantar nas viagens de carro. Obrigada aos meus colegas de faculdade, que me mantêm sã. Obrigada à minha amiga tão importante, Lauren James — você me fez acreditar neste livro a cada passo.

Obrigada a *Welcome to Night Vale*, uma grande inspiração para *Universe City*, e um podcast muito bom.

E obrigada a você, leitor. Não importa se você me conhece há pouco tempo ou se me conhecia em 2010, quando eu postava no Tumblr sobre o meu grande desejo de me tornar uma escritora. Quem quer que você seja e como quer que tenha encontrado este livro... eu o escrevi para todos nós.

Título original
RADIO SILENCE

Primeira publicação em brochura na Grã-Bretanha por
HarperCollins Children's Books em 2016.

HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street, Londres, SE1 9GF

Copyright © Alice Oseman, 2016
Todos os direitos reservados.

Letra de 'lonely boy goes to a rave' cortesia de Teen Suicide © 2013.
Todos os direitos reservados.

O direito moral de Alice Oseman de ser
identificada como autora desta obra foi assegurado por ela.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais: SOFIA SOTER

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

VANESSA GOLDMACHER

Edição digital: agosto, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O91r
Oseman, Alice
Rádio Silêncio [recurso eletrônico] / Alice Oseman ; tradução Carolina Caires Coelho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2019.
recurso digital

Tradução de: Radio silence
ISBN 978-85-7980-438-0 (recurso eletrônico)

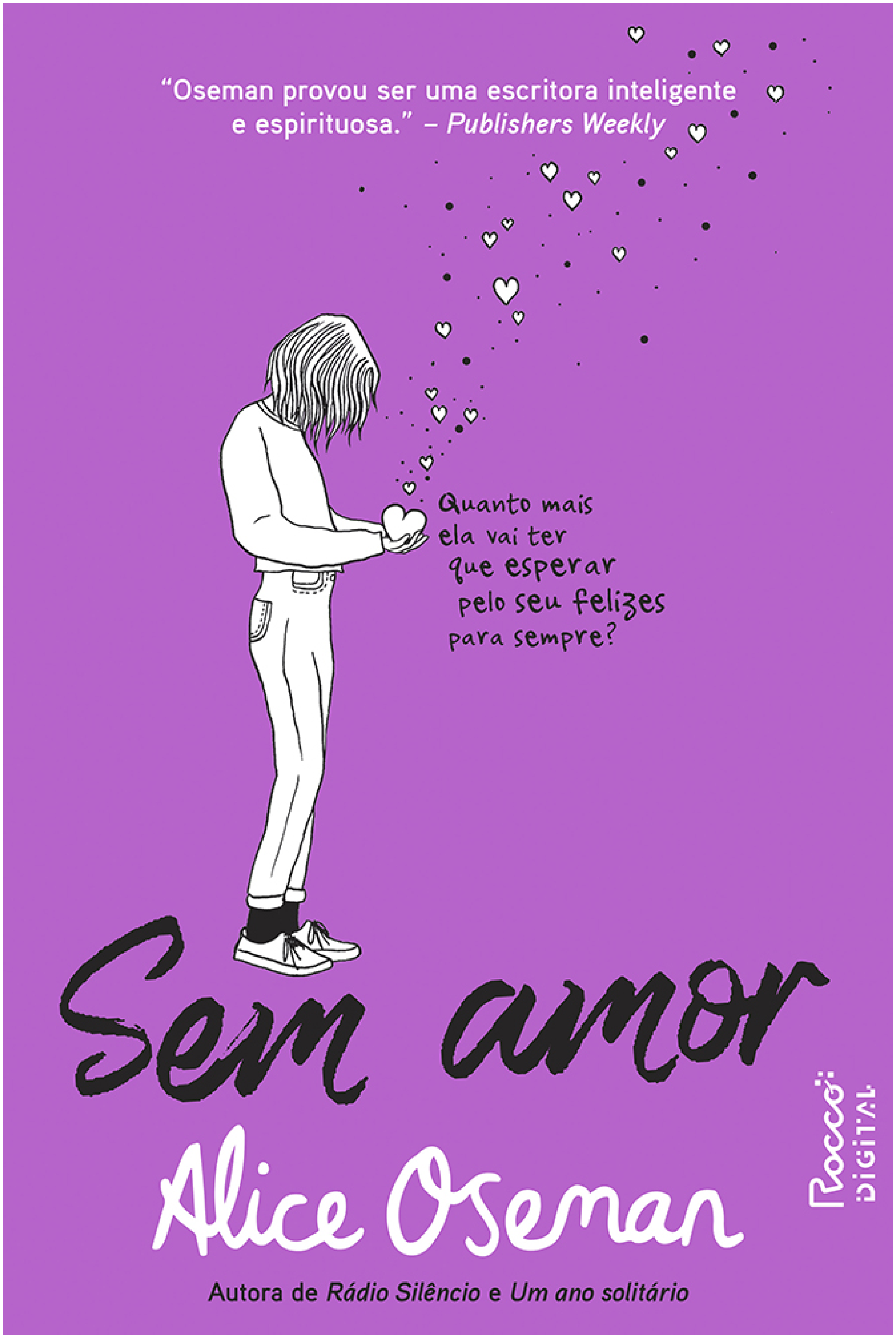
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

18-54206 CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Alice Oseman nasceu em 1994 em Kent, Inglaterra. Ela se formou em letras pela universidade de Durham em 2016 e atualmente ela é escritora e ilustradora. O primeiro livro de Alice, *Um ano solitário,* foi publicado quando ela tinha dezenove anos.


"Oseman provou ser uma escritora inteligente e espirituosa." – *Publishers Weekly*
Quanto mais ela vai ter que esperar pelo seu felizes para sempre?
Sem amor
Alice Oseman
Autora de *Rádio Silêncio* e *Um ano solitário*

Sem amor

Alice Oseman

Tradução de
LAURA POHL

Rocco DIGITAL

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE UM

Última chance

Romance

Pip, Jason e eu

Verdade ou desafio

Tommy

Beijo

Pegando fogo

Sem amor

PARTE DOIS

Mudança

Rooney

Uma nova amizade

Pensamento romântico

Sexo

Casamento de faculdade

Primeira balada da bebê

Muito exigente

Orgulho

Se abrindo a novas oportunidades

Shakespeare e plantas caseiras

Energia caótica

Sozinha pra sempre

Imatura

Nós amamos mesmo um drama

Habilidade de encontro

Direto de um romance

A faísca

Uma apresentação pequena, porém irresistível, por Rooney Bach

Mão e mão

Assunto proibido

A letra X

Senhor autoconfiança

Sunil

Dava pra ter caprichado mais nas bandeiras de orgulho

Pip

Miragem

PARTE TRÊS

Eu amo ninguém

Gêmeas de masturbação

Música de contagem regressiva
Lavagem cerebral
Futuro dos sonhos
Mundo espelhado
Mas se ela não puder te amar
Duas colegas de quarto
O Baile Bailey
Capuleto vs. Montéquio
Derrotada
Flores de papel
Sobrevivente

PARTE QUATRO

Pessoas muito opostas
Assexual arromântica
Amor verdadeiro
Lar
Ellis
Mágica platônica
Memórias
O amor estraga tudo
Você merece alegria
Jason

Desculpas
Beth
Reunião de emergência
Véspera
Sua canção
O oposto de curiosidade
Bagunça
Nós deixamos as camas juntas
Confusa e com tesão
Vou achar ela
Gesto grandioso
PARTE CINCO
Foi divertido
Boa noite
A casa
Agradecimentos
Para mais leituras sobre assexualidade e arromanticidade
Créditos
A Autora

Se é que se prova que o amor ao acaso acontece, então:
Alguns cupidos matam com setas; outros, com armação.

Muito barulho por nada, William Shakespeare

PARTE UM

ÚLTIMA CHANCE

Literalmente três casais diferentes sentavam ao redor do fogo se pegando, como se fosse algum tipo de orgia organizada de beijos, e parte de mim estava tipo, *eca*, e a outra parte estava tipo, *Uau, eu queria mesmo que fosse eu*.

Para ser justa, é o que eu deveria esperar da festa depois da formatura. Eu não vou muito a festas. Eu não sabia que isso fazia parte da cultura.

Eu me retiro da fogueira de volta para a enorme casa de campo de Hattie Jorgensen, segurando meu vestido de formatura com uma das mãos para não tropeçar, e mando uma mensagem para Pip.

Georgia Warr
não consegui chegar perto do fogo e pegar os marshmallows porque tinha gente se beijando ao redor

Felipa Quintana
Como você pode me trair e decepcionar dessa forma Georgia

Georgia Warr
você ainda me ama ou está tudo acabado entre nós?

Quando eu entrei na cozinha e encontrei Pip, ela estava encostada em um armário de canto com um copo descartável cheio de vinho numa mão e o celular na outra. A gravata dela estava meio enfiada no bolso da camiseta, o blazer de veludo borgonha, desabotoado, e os cachos curtos estavam fofos e soltos, sem dúvida por dançar tanto na formatura.

— Está tudo bem? — eu perguntei.

— Talvez esteja um pouco bêbada — disse ela, os óculos tartaruga escorregando no nariz. — E eu também te amo *pra caralho*.

— Mais do que marshmallows?

— Como é que você pode me fazer escolher?

Eu passei meu braço pelos ombros dela, e nós nos recostamos juntas contra os armários da cozinha. Era quase meia-noite, a música estava ecoando da sala de estar da Hattie, e o som dos nossos colegas conversando e rindo e gritando e berrando ressoava por cada canto da casa.

— Tinha três casais se pegando ao redor da fogueira — eu disse. — Tipo, ao mesmo tempo.

— Pervertidos — disse Pip.

— Eu meio que queria ser um deles.

Ela me lançou um olhar.

— *Eca*.

— Eu só quero beijar alguém — eu disse, o que era estranho, porque eu nem estava bêbada. Eu ia dirigir de volta para casa e levar Pip e Jason.

— Nós podemos nos pegar se você quiser.

— Não era isso que eu tinha em mente.

— Bem, Jason está solteiro há alguns meses. Acho que ele toparia.

— Cala a boca. Eu estou falando sério.

Eu *estava* falando sério. Eu queria muito, muito beijar alguém. Eu queria sentir um pouco da mágica da noite da festa de formatura.

— O Tommy, então — disse Pip, erguendo uma sobrancelha e sorrindo, maléfica. — Talvez seja a hora de *confessar*.

Eu só tive um *crush* em uma única pessoa. O nome dele era Tommy. Ele era o "garoto gato" do nosso ano — que poderia ser um modelo de verdade se quisesse. Ele era alto, magro e convencionalmente atraente, de uma forma parecida com o Timothée Chalamet, apesar de eu não entender de verdade o porquê de todo mundo amar o Timothée Chalamet. Eu tinha uma teoria de que um monte de *crushes* de celebridade das pessoas era só fingimento para não ficar de fora.

Tommy era o meu *crush* desde que eu estava na sexta série e uma menina tinha me perguntado "quem você acha que é o menino mais gato de Truham?". Ela tinha me mostrado uma foto no celular dela com um grupo dos garotos mais populares do nosso ano na escola de meninos do outro lado da rua, e Tommy estava bem no meio. Eu conseguia distinguir que ele era o mais atraente — quer dizer, ele tinha o

cabelo de algum vocalista de *boyband* e estava vestido de um jeito fashion — então apontei e disse *ele*. E acho que foi isso.

Quase sete anos depois, eu nunca nem tinha falado com Tommy. Eu nunca *quis* falar com ele, provavelmente porque eu era tímida. Ele era mais um conceito abstrato — ele era gato, e ele era meu *crush*, nada ia acontecer entre a gente, e eu estava perfeitamente contente com isso.

Eu faço um barulho de escárnio para Pip.

— Obviamente não o Tommy.

— Por que não? Você gosta dele.

O mero pensamento interagir com o meu *crush* me fazia ficar extremamente nervosa.

Eu só dei de ombros para Pip, e ela deixou a discussão de lado.

Pip e eu começamos a sair da cozinha, os braços ainda ao redor uma da outra, e de volta para o corredor da casa de campo chique da Hattie Jorgensen. Pessoas estavam jogadas no chão do corredor em seus ternos e vestidos de formatura, com copos e comida espalhados ao redor. Duas pessoas estavam se beijando nas escadas, e eu olhei para elas por um instante, sem saber se eu estava enojada ou se era a coisa mais romântica que eu já tinha visto em toda minha vida. Provavelmente a primeira opção.

— Sabe o que eu quero? — disse Pip, enquanto tropeçávamos até chegar ao jardim de inverno de Hattie e caíamos no sofá.

— O quê? — eu perguntei.

— Eu quero que alguém espontaneamente cante uma música para declarar o amor que sente por mim.

— Qual música?

— "Your Song", do *Moulin Rouge*. — Ela suspirou. — Deus, eu sou triste, gay e solitária.

— Uma ótima escolha, mas um pouco mais difícil de conseguir que um beijo.

Pip revirou os olhos.

— Se você quer tanto assim beijar alguém, só vai falar com o Tommy. Você gosta dele faz sete anos. Essa é sua última chance antes de irmos pra faculdade.

Talvez ela tenha razão.

Se fosse para ser com alguém, teria que ser com o Tommy. Só que essa ideia me enchia de pavor.

Eu cruzei meus braços.

— Talvez eu possa beijar um estranho.

— Ah, vá se foder.

— Tô falando *sério*.

— Não, você não tá. Você não é assim.

— Você não sabe como eu sou.

— Eu sei, sim — disse Pip. — Eu conheço você mais do que qualquer um.

Ela estava certa. Sobre me conhecer e também sobre eu não ser assim e sobre essa noite ser a minha última chance de confessar o *crush* que eu tinha havia sete anos, a última chance para beijar alguém quando eu ainda era uma garota na escola, enquanto eu ainda poderia sentir a empolgação adolescente sonhadora e a mágica da juventude que todo o resto do mundo parecia conseguir provar.

Era minha última chance de sentir isso.

Então talvez eu tivesse que me dar por vencida e ir beijar Tommy, afinal.

ROMANCE

Eu amava romances. Eu sempre amei. Eu amava a Disney (especialmente a obra de arte subestimada que é *A princesa e o sapo*). Eu amava fanfiction (até mesmo fanfics com personagens sobre os quais eu não sabia nada, mas Draco/Harry e Korra/Asami eram minhas leituras de conforto). Eu amava ficar pensando em como seria meu próprio casamento (um casamento num galpão, com folhas de outono e frutinhas, luzes pisca-pisca e velas, meu vestido — com rendas e retrô, o cônjuge chorando, minha família chorando, eu chorando porque estou tão, tão feliz, só tão, tão feliz porque eu encontrei *o escolhido*).

Eu só. Amava. O *amor*.

Eu sabia que era brega. Só que eu não era cínica. Eu era sonhadora, talvez, uma pessoa que gostava de ansiar e acreditar na mágica do amor. Tipo o protagonista de *Moulin Rouge*, que foge para Paris para escrever histórias sobre a verdade, a liberdade, a beleza e o amor, apesar de que ele provavelmente deveria estar pensando em arrumar um emprego para conseguir comprar comida. É. Definitivamente eu.

Eu provavelmente herdei isso da minha família. Os Warr acreditavam no *amor para sempre* — meus pais ainda eram tão apaixonados um pelo outro quanto em 1991, quando minha mãe era uma professora de balé, e meu pai estava numa banda. Eu nem estou zoando. Eles eram literalmente o enredo de "Sk8er Boi", da Avril Lavigne, só que com um final feliz.

Ambos os pares de avós ainda estavam casados. Meu irmão se casou com a namorada quando tinha vinte e dois anos. Nenhum dos meus parentes próximos tinha se divorciado. Até mesmo a maioria dos meus primos mais velhos ao menos tinha parceiros, se não uma própria família.

Eu nunca tinha tido um relacionamento.

Eu nunca tinha beijado ninguém.

Jason beijou Karishma, da minha aula de história, na expedição Duque de Edimburgo, e namorou uma garota horrível chamada Aimee por alguns meses até que ele percebeu que ela era babaca. Pip beijou Millie, da Academia, durante uma festa e também a Nicola do nosso grupo de teatro juvenil no ensaio final de *Drácula*. A maioria das pessoas tinha uma história desse tipo — um beijo bobo com alguém em quem meio que tinham um *crush*, ou não tinham, e não ia pra lugar nenhum, mas isso era parte de ser adolescente.

A maioria das pessoas de dezoito anos já beijou alguém. A maioria das pessoas de dezoito anos já teve ao menos um *crush*, mesmo que em uma celebridade. Ao menos metade das pessoas que eu conheço já transou de verdade, apesar de que algumas dessas pessoas provavelmente estavam mentindo, ou só estavam se referindo a uma punheta ruim ou a tocar em um seio.

Só que não me incomodava, porque eu sabia que minha hora ia chegar. Chegava para todo mundo. *Você vai encontrar alguém no fim das contas* — era o que todo mundo dizia, e eles estavam certos. Os romances de adolescentes só funcionavam em filmes, de qualquer forma.

Tudo que eu precisava fazer era esperar, e minha grande história de amor aconteceria. Eu encontraria o *escolhido*. Nós nos apaixonaríamos. E eu teria o meu felizes para sempre.

PIP, JASON E EU

— Georgia precisa beijar o Tommy — Pip disse para Jason, conforme nos jogamos ao lado dele em um sofá na sala de estar de Hattie.

Jason, que estava no meio de um jogo de cruzadinhas no celular, franziu o cenho para mim.

— Posso perguntar por quê?

— Porque faz sete anos, e acho que é a hora — disse Pip. — Opiniões?

Jason Farley-Shaw era nosso melhor amigo. Nós éramos tipo um trio. Pip e eu frequentávamos a mesma escola só para garotas, no ensino fundamental, e conhecemos Jason por meio das peças de teatro anuais da escola, para as quais sempre arrumavam alguns garotos da escola de garotos do fundamental para participar, então, depois de uns anos, ele foi para a nossa escola, que era mista no ensino médio, e também se juntou ao nosso grupo de teatro juvenil.

Não importa qual peça nós fazíamos, quer fosse musical ou não, Jason geralmente interpretava o que era essencialmente o mesmo papel: um homem mais velho severo. Isso, na maior parte, era porque ele era alto e largo, mas também porque, à primeira vista, ele emanava uma energia de pai meio bravo. Ele tinha sido Javert, em *Os miseráveis,* Próspero, em *A tempestade,* e o pai bravo, George Banks, em *Mary Poppins*.

Apesar disso, Pip e eu tínhamos aprendido rapidamente que, debaixo daquele seu exterior severo, Jason era um cara muito gentil e tranquilo que parecia gostar mais da nossa companhia do que a das outras pessoas. Já que Pip era o presságio do caos, e considerando a minha tendência de ficar preocupada e constrangida com praticamente tudo, a calma de Jason nos oferecia um equilíbrio perfeito.

— Er — disse Jason, olhando para mim. — Bem… não importa muito o que *eu* penso sobre isso.

— Eu não sei se eu quero beijar o Tommy — eu falei.

Jason pareceu satisfeito e se virou de volta para Pip.

— Pronto. Caso encerrado. Você tem que ter certeza sobre essas coisas.

— Não! Qual é! — Pip soltou um gritinho e se virou para mim. — Georgia. Eu sei que você é tímida. Mas é *totalmente normal* ficar nervosa com *crushes*. Essa é literalmente a sua *última* chance de confessar seus sentimentos, e, mesmo se ele te rejeitar, não importa, porque ele vai pra faculdade do outro lado do país.

Eu poderia ter falado que isso tornaria um relacionamento um pouco difícil caso a resposta dele fosse positiva, mas não falei.

— Lembra como eu fiquei nervosa quando falei pra Alicia que gostava dela? — Pip continuou. — E então ela ficou tipo *desculpa, eu sou hétero*, e eu chorei por tipo dois meses, mas olha só pra mim agora! Eu estou maravilhosa! — Ela chutou uma perna no ar para reafirmar seu ponto. — Este é um cenário sem nenhuma consequência.

Jason estava olhando para mim o tempo todo, como se ele estivesse tentando determinar como eu me sentia.

— Sei lá — eu disse. — Eu só… não sei. Acho que eu gosto um pouco dele.

Um relampejo de tristeza cruzou o semblante de Jason, e então desapareceu.

— Bem — disse ele, olhando para baixo na direção do colo dele —, eu acho que você deveria fazer o que você quiser.

— Eu acho que eu quero beijar ele — eu falei.

Eu olhei em volta da sala, e, bem ali, estava Tommy, em pé com um grupo pequeno de pessoas perto do batente. Ele estava longe o bastante, de modo que eu não podia focar bem nos detalhes do rosto dele — ele era só um conceito de pessoa, um borrão, um cara genérico atraente. Meu *crush* havia sete anos. Olhar para ele de longe e tão desfocado me levou de volta para a sexta série, apontando para uma foto de um garoto que eu achava que provavelmente era gato.

E isso selou o contrato. Eu conseguia fazer isso.

Eu conseguia beijar Tommy.

Houve um tempo em que eu me perguntei se eu acabaria ficando com Jason. Houve um tempo em que eu me perguntei se eu acabaria ficando com Pip

também. Se nossas vidas fossem um filme, ao menos dois de nós teriam ficado juntos.

Só que eu nunca tive nenhum sentimento romântico por nenhum deles, pelo que eu soubesse.

Pip e eu éramos amigas havia quase sete anos. Desde o primeiro dia da sexta série, quando sentamos juntas, seguindo o plano de assentos na chamada e fomos forçadas a falar três fatos interessantes sobre nós mesmas. Descobrimos que nós duas queríamos ser atrizes e foi isso. Amigas.

Pip sempre foi mais sociável, mais engraçada e no geral mais interessante do que eu. Eu era a que sempre escutava, a que apoiava quando ela teve a sua crise "será que sou gay" aos catorze anos, e então a crise do "eu não sei se quero ser atriz ou ser uma cientista" ano passado, e então a crise do "eu quero mesmo cortar meu cabelo curto, mas estou com medo" uns meses atrás.

Jason e eu nos conhecemos depois, mas nós ficamos amigos mais rápido do que eu pensei ser possível, considerando o meu histórico infeliz em fazer amizades. Ele foi a primeira pessoa que conheci que eu sabia que podia ficar sentada, quieta, ao seu lado sem sentir que seria esquisito. Eu não sentia que eu precisava ficar tentando ser engraçada ou divertida com ele; eu podia ser só eu, e ele não desgostaria de mim por causa disso.

Nós tínhamos dormido o que parecia umas mil vezes uns nas casas dos outros. Eu sabia exatamente onde ficavam as molas quebradas na cama de Pip. Eu sabia que o copo favorito de Jason no meu armário era um desbotado do Pato Donald que eu comprei na Disney quando eu tinha doze anos. *Moulin Rouge* era o filme a que sempre assistíamos quando estávamos juntos — nós sabíamos todas as falas de cor.

Nunca houve nenhum sentimento romântico entre Pip, Jason e eu. Só que o que nós tínhamos — uma amizade de muitos anos — era tão forte quanto um relacionamento, eu acho. Talvez até mais forte do que o de um monte dos casais que eu conhecia.

VERDADE OU DESAFIO

Para que eu conseguisse ficar fisicamente perto de Tommy, Pip nos forçou a entrar em um jogo de verdade ou desafio com o grupo, contra o que tanto eu quanto Jason protestamos, mas Pip obviamente ganhou.

— Verdade — eu disse, quando era minha vez de sofrer. Hattie, que estava liderando o jogo, sorriu, maléfica, e selecionou uma carta da pilha de "verdade". Devia ter uns doze de nós, todos sentados no tapete da sala de estar. Pip e Jason estavam sentados cada um de um lado. Tommy estava na minha frente. Eu não queria olhar pra ele, na verdade.

Pip me ofereceu um salgadinho da tigela como apoio. Eu aceitei, grata, e o enfiei na boca.

— Qual a pior experiência romântica ou sexual que já teve com um cara?

Algumas pessoas entraram em um coro de "oooh", um cara assobiou, e uma garota só riu, uma explosão curta de "hah" que eu achei mais vergonhosa do que qualquer outra coisa.

Felizmente, eu nunca mais veria as pessoas dessa festa de novo na minha vida. Talvez no Instagram, mas eu silenciava os stories da maioria das pessoas, e eu já tinha uma lista mental de todo mundo que eu ia deixar de seguir depois dos resultados das provas finais. Havia algumas pessoas na escola com quem eu, Pip e Jason nos dávamos bem. Pessoas com quem sentávamos no almoço. Um pequeno grupo da galera do teatro com quem saíamos durante a temporada do teatro da escola. Só que eu já sabia que todos iríamos pra faculdade e esqueceríamos uns dos outros.

Pip, Jason e eu não esqueceríamos uns dos outros, porém, porque nós todos iríamos para a Universidade de Durham em outubro, desde que conseguíssemos as notas. Isso na verdade não tinha sido planejado — nós éramos um trio de nerds

que gostavam de cumprir metas, só que Jason não tinha conseguido entrar em Oxford, e Pip não tinha conseguido entrar no King's College, em Londres, e eu era a única que tinha Durham como a primeira escolha.

Eu agradecia ao universo todos os dias que tudo tivesse se desdobrado dessa forma. Eu *precisava* de Pip e Jason. Eles eram a minha vida.

— Isso é meio demais — Jason protestou imediatamente. — Qual é. É pessoal demais.

Houve gritos de indignação do resto do grupo. As pessoas estavam cagando se algo era pessoal demais.

— Você tem que ter *alguma coisa* — falou Hattie com a voz arrastada, e o seu sotaque superchique. — Tipo, *todo mundo* já teve um beijo horrível ou algo do tipo nessa altura.

Eu fiquei muito desconfortável sendo o centro das atenções, então achei que talvez seria melhor acabar logo com isso.

— Eu nunca beijei ninguém — anunciei.

Quando eu disse isso, eu não achei que eu estava falando algo particularmente esquisito. Tipo, a gente não estava num filme adolescente. Ficar zoando a virgem não era algo que acontecia *de verdade*. Todo mundo sabia que as pessoas faziam essas coisas quando estavam prontas, certo?

Só que aí as reações começaram.

Houve arfadas audíveis. Um "aaaw" de pena. Alguns dos caras começaram a rir, e um deles tossiu a palavra "virgem".

Hattie colocou a mão dela na boca e disse, horrorizada:

— Ai meu Deus, *sério*?

Meu rosto começou a queimar. Eu não era estranha. Existiam muitas outras pessoas de dezoito anos que nunca tinham beijado ninguém por aí.

Eu olhei rapidamente para Tommy, e até ele estava olhando para mim com empatia, como se eu fosse uma criancinha — como se eu fosse uma criança que não entendia nada.

— Não é *tão* estranho — eu disse.

Hattie pressionou a mão dela contra o coração e fez um bico com o lábio inferior.

— Você é tão pura.

Um cara se inclinou e disse:

— Você tem tipo, dezoito anos, certo?

Eu assenti para ele, e ele disse "Meu *Deus*" como se eu fosse nojenta ou algo assim.

Será que eu era nojenta? Será que eu era feia, tímida e nojenta e era *por isso* que eu nunca tinha beijado ninguém até agora?

Meus olhos começaram a lacrimejar.

— Já chega — cortou Pip. — Vocês todos podem parar de ser babacas agora.

— Mas *é* estranho — disse um cara da minha aula de inglês. Ele estava falando com Pip. — Você precisa admitir que é *estranho* ter chegado aos dezoito anos sem nunca ter beijado ninguém.

— Essa é boa vindo do cara que confessou que se masturbou com as princesas de *Shrek 3*.

Houve gargalhadas de alegria do grupo, momentaneamente distraídos sem rir de mim. Enquanto Pip continuava a criticar nossos colegas, Jason muito sutilmente pegou a minha mão, me puxando para cima e para fora da sala.

Assim que chegamos ao corredor, eu estava prestes a chorar, então eu disse que precisava fazer xixi e subi as escadas para encontrar o banheiro. Quando entrei, eu examinei o meu reflexo, esfregando a parte debaixo dos meus olhos para que meu rímel não escorresse. Eu engoli as lágrimas. Eu não ia chorar. Eu não chorava na frente de ninguém.

Eu não sabia.

Eu não sabia o quanto eu estava *atrasada* com relação a todo mundo. Eu tinha passado tanto tempo pensando que meu amor verdadeiro um dia *apareceria*. Eu estava errada. Eu estava muito, muito errada. Todo mundo estava crescendo, beijando, transando, se apaixonando, e eu só estava…

Eu só era uma criança.

Se eu continuasse assim, será que eu ficaria sozinha para sempre?

— Georgia!

Era a voz de Pip. Eu me certifiquei de que minhas lágrimas tinham desaparecido quando eu saí do banheiro. E ela não suspeitou de nada.

— Eles são idiotas pra cacete — disse ela.

— É — concordei.

Ela tentou sorrir calorosa para mim.

— Você sabe que vai encontrar alguém no fim das contas, né?

— Sei.

— Você *sabe* que vai encontrar alguém. Todo mundo encontra. Você vai ver.

Jason estava olhando para mim com uma expressão triste no rosto. De pena, talvez. Será que ele também estava com pena de mim?

— Será que eu estou desperdiçando minha adolescência? — eu perguntei a eles. E eles me disseram *não*, como qualquer melhor amigo faria, mas já era tarde demais. Esse era o alarme que eu precisava para acordar.

Eu precisava beijar alguém antes que fosse tarde demais.

E esse alguém precisava ser Tommy.

TOMMY

Eu deixo que Pip e Jason voltem lá embaixo para buscar bebidas, usando a desculpa de que eu queria pegar meu casaco em um dos quartos de hóspedes porque estava com frio, e então eu só fiquei no corredor escuro, tentando respirar e organizar meus pensamentos.

Tudo estava ok. Não era tarde demais.

Eu não era esquisita ou nojenta.

Eu tinha tempo de fazer minha jogada.

Eu localizei meu casaco, e também encontrei uma tigela de salgadinhos de salsicha equilibrada no aquecedor, então eu peguei também. Conforme voltei andando pelo corredor, eu notei que a porta de outro quarto estava aberta, então espiei para dentro, só para ser recepcionada com uma vista e tanto de alguém claramente recebendo uma dedada.

Isso pareceu mandar uma onda de choque pela minha coluna. Tipo, uau, ok. Eu esqueci que as pessoas faziam isso de verdade. Era divertido de ler em fanfics e ver em filmes, mas a realidade era meio tipo, *Ah. Eca. Estou desconfortável, me tire daqui*.

Fora isso... certamente que se pensaria em fechar a porta direito se alguém estava colocando uma parte do corpo dele dentro de você.

Era difícil me imaginar em uma situação daquele tipo. Honestamente, eu adorava a ideia em teoria — ter uma aventura sexual em um quarto escuro na casa de alguém com uma pessoa com quem se está flertando intermitentemente por alguns meses —, mas a realidade? Ter que tocar as genitais de alguém? Eca.

Acho que levava tempo para as pessoas se prepararem para coisas assim. E teria que achar alguém com quem me sentisse confortável. Eu nunca interagi com ninguém que eu quisesse beijar, ainda menos com alguém que eu queria...

Eu olhei para a tigela de salgadinhos de salsicha. De repente, eu não estava mais com tanta fome.

E então uma voz quebrou o silêncio ao meu redor.

— Oi — disse uma voz, olhei para cima, e lá estava Tommy.

Essa era a primeira vez que eu falava com Tommy na vida.

Eu o tinha visto muitas vezes, óbvio. Em algumas festas a que eu fui. Às vezes no portão da escola. Quando ele foi pra nossa escola, nós não pegamos nenhuma matéria juntos, mas ocasionalmente passamos um pelo outro no corredor.

Eu sempre fiquei meio nervosa quando ele estava por perto. Achei que era por causa do *crush*.

Eu não sabia como é que eu deveria supostamente agir perto dele.

Tommy apontou para o quarto.

— Tem alguém lá dentro? Acho que deixei meu casaco na cama.

— Acho que tem alguém recebendo uma dedada lá — eu disse, torcendo para que não fosse alto o bastante para as pessoas referidas ouvirem.

Tommy abaixou a mão.

— Ah. Certo. Ok, então. Hum. Acho que pego depois, então.

Houve uma pausa. Nós ficamos constrangidos perto da porta. Não dava para ouvir as duas pessoas dentro do quarto, mas só de saber o que estava acontecendo, e que nós dois sabíamos disso, me dava vontade de morrer.

— Como você está? — ele perguntou.

— Ah, sabe — eu disse, erguendo a tigela de salsichas. — Eu tenho salsichas.

Tommy assentiu.

— Ótimo. Bom pra você.

— Obrigada.

— Você está muito bonita, aliás.

Meu vestido de formatura era lilás e cheio de brilhos, e eu me sentia razoavelmente desconfortável vestindo-o em vez de meus suéteres tricotados e os jeans de cintura alta, mas eu achei que estava bonita, então era bom ter uma confirmação.

— Obrigada.

— Sinto muito pelo jogo de verdade ou desafio. — Ele deu uma risadinha. — As pessoas podem ser muito babacas. Só pra você saber, eu não tive meu primeiro

beijo até ter dezessete.

— Sério?

— Sim. Eu sei que é meio tarde, mas… sabe, é melhor esperar até que seja a coisa certa, né?

— É — eu concordei, mas eu só estava pensando que, se dezessete era “tarde”, então eu basicamente era uma idosa.

Isso tudo era estranho. Tommy tinha sido meu *crush* por sete anos. Ele estava falando comigo. Por que eu não estava dando pulinhos de alegria agora?

Por sorte, naquele momento, meu telefone vibrou. Eu o tirei do meu sutiã.

Felipa Quintana
Com sexua licença mas cadê sua bunda
Hahaha sexo
Eu disse sexo sem querer
E BUNDA
Hahaha bundas

Jason Farley-Shaw
Por favor volte antes que pip tome outra taça de vinho

Felipa Quintana
Para de me lançar indiretas no nosso próprio grupo quando eu estou bem do seu lado

Jason Farley-Shaw
Falando sério Georgia cadê você?

Eu rapidamente desliguei a tela do celular antes que Tommy pensasse que eu o estava ignorando.

— Hum... — eu comecei, não sabendo bem o que eu ia dizer. Eu ergui a minha jaqueta jeans grande. — Se está com frio, pode pegar minha jaqueta emprestada.

Tommy olhou para a jaqueta. Ele não pareceu incomodado porque era tecnicamente uma jaqueta de “garotas”, o que era bom, pois, se ele tivesse protestado, isso provavelmente teria sido o fim do meu *crush*.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— Claro!

Ele pegou a jaqueta e colocou. Me fez sentir um pouco desconfortável, sabendo que um cara que eu não conhecia muito bem estava vestindo a minha jaqueta

favorita. Eu não deveria estar feliz com esse avanço?

— Eu só ia sentar perto da fogueira um pouco — disse Tommy, e ele se apoiou contra a parede, se inclinando só um pouquinho na minha direção com um sorriso. — Você… quer vir junto?

Foi aí que eu percebi que ele estava tentando flertar comigo.

Tipo, isso estava funcionando.

Eu ia conseguir beijar Tommy de verdade.

— Ok — disse eu. — Deixa só eu mandar uma mensagem pros meus amigos.

Georgia Warr
tô com o tommy kkkk

Romance de escola era um dos meus clichês favoritos de fanfics. Eu também amava fanfics de universos alternativos como almas gêmeas, encontro no café, sofrimento/conforto e amnésia temporária.

Eu achei que romance de escola era o mais provável de acontecer comigo, mas agora que a possibilidade de isso acontecer era maior do que zero, eu estava surtando.

Tipo, coração acelerado, suando, as mãos tremendo como em um surto.

Era assim que *crushes* eram para ser, então isso era normal, certo?

Tudo era totalmente normal.

BEIJO

Quando chegamos à fogueira, nós éramos as únicas pessoas lá. Nenhuma orgia de beijos à vista.

Eu escolhi um assento perto da pilha de cobertores, e Tommy sentou ao meu lado, equilibrando uma garrafa de cerveja no braço da cadeira. O que aconteceria agora? Nós só começaríamos a nos pegar? Deus, espero que não.

Espera, não era isso que eu queria?

Um beijo tinha que acontecer, de qualquer forma. Isso estava bastante claro para mim. Essa era minha última chance.

— Então — disse Tommy.

— Então — eu disse.

Eu pensei em como eu iria começar o beijo. Nas fanfics, as pessoas só dizem "posso te beijar" o que é muito romântico de ler, mas soava tão vergonhoso na minha cabeça quando eu me imaginava dizendo isso em voz alta. Nos filmes, só meio que parece acontecer sem nenhuma discussão de antemão, mas as duas pessoas começam sabendo exatamente o que vai acontecer.

Ele assentiu na minha direção, e eu olhei para ele, esperando ele falar alguma coisa.

— Você está muito bonita — disse ele.

— Você já falou isso — eu respondi, sorrindo constrangida —, mas obrigada.

— É esquisito que nós nunca nos falamos na escola — ele continuou. Conforme ele falava, ele colocou a mão no topo da minha cadeira, então a mão dele ficou estranhamente perto do meu rosto. Eu não sei o porquê de isso me deixar tão desconfortável. Acho que a pele dele só estava *ali*.

— Bem, nós não somos amigos exatamente das mesmas pessoas — eu disse.

— É, você é bem quietinha, né?

Eu não podia negar isso.

— É.

Agora que ele estava tão perto, eu estava com dificuldade de ver exatamente pelo que eu fui atraída nesses últimos sete anos. Eu conseguia *distinguir* que ele era convencionalmente atraente, assim como cantores ou atores são atraentes, mas nada nele realmente me fez sentir as *borboletas*. Será que eu sabia a sensação de borboletas no estômago? O que era para eu estar sentindo agora?

Ele assentiu como se soubesse tudo sobre mim.

— Tudo bem. Garotas quietinhas são legais.

O que isso significava?

Será que ele estava sendo esquisito? Eu não conseguia dizer. Eu provavelmente só estava nervosa. Todo mundo fica nervoso quando está perto do seu *crush.*

Eu olhei na direção da casa, sentindo que eu não queria mais olhar para ele. E então eu vi duas silhuetas pairando no jardim de inverno, nos observando — Pip e Jason. Pip imediatamente acenou para mim, mas Jason parecia um pouco envergonhado e puxou Pip para longe.

Os dois queriam ver o que aconteceria com Georgia e o *crush* que ela mantinha havia sete anos.

Tommy se inclinou um pouco mais para perto.

— Nós deveríamos falar mais, ou algo assim.

Dava pra saber que ele não estava falando sério. Ele só estava enrolando. Eu sabia o que deveria acontecer a seguir.

Era pra eu me inclinar, nervosa, mas empolgada, ele empurraria uma mecha do meu cabelo para trás da orelha, eu olharia para ele por debaixo dos meus cílios, então nós nos beijaríamos, gentilmente, e seríamos um só, Georgia e Tommy, então voltaríamos para casa, inebriados e felizes, e talvez nunca mais acontecesse de novo. Ou talvez ele me mandaria uma mensagem, nós decidiríamos ir a um encontro, só para ver o que ia acontecer, e nesse encontro nós decidiríamos que tentaríamos continuar saindo; no nosso terceiro encontro nós decidiríamos ser namorado e namorada, algumas semanas depois nós faríamos sexo, e, enquanto eu estivesse na faculdade, ele me mandaria mensagens de bom-dia e viria me visitar um final de semana sim e um não, então depois da faculdade nós iríamos

morar juntos em um pequeno apartamento perto do rio e adotar um cachorro, ele deixaria uma barba crescer, e então nós casaríamos, e isso seria o fim.

Era isso que deveria acontecer.

Eu poderia ver cada momento na minha cabeça. Essa rota simples. A saída mais fácil.

Eu podia fazer isso, não podia?

Se eu não fizesse, o que Pip e Jason diriam?

— Está tudo bem — disse ele. — Eu sei que você nunca beijou ninguém antes.

O jeito como ele disse aquilo era como se estivesse conversando com um cãozinho filhote.

— Ok — eu disse.

Aquilo me irritou. Ele estava me irritando.

Era isso que eu queria, não era? Um pequeno momento fofo no escuro?

— Ei, olha — disse ele, com um sorriso de pena no rosto. — Todo mundo tem um primeiro beijo. Não significa nada. Está tudo bem ser nova em, tipo, romance e tal.

Nova em romance? Eu queria rir. Eu tinha estudado romance como uma acadêmica. Como um pesquisador obcecado. Romance seria minha tese de mestrado.

— É — eu disse.

— Georgia — Tommy se aproximou mais, e então a onda me atingiu.

O nojo.

Uma onda de nojo absoluta e irrestrita.

Ele estava tão perto que eu senti que queria gritar, eu queria quebrar um vidro e vomitar ao mesmo tempo. Meus punhos se apertaram nos braços da cadeira, e eu tentei continuar olhando para ele, continuar me mexendo na direção dele, *beijar ele*, mas ele estava *tão perto de mim* que parecia *aterrorizante*, e eu estava com *nojo*. Eu queria que isso acabasse.

— Está tudo bem ficar nervosa — disse ele. — É meio fofo, na verdade.

— Eu não estou nervosa — eu disse. Eu estava com nojo da ideia dele perto de mim. Querendo coisas de mim. Isso não era normal, era?

Ele colocou a mão na minha coxa.

E foi aí que eu estremeci, empurrando a mão dele para longe, arremessando a bebida dele pelo lado da cadeira, ele se jogou para frente para pegar e caiu da cadeira.

Bem dentro da fogueira.

PEGANDO FOGO

Houve sinais. Eu perdi todos eles porque estava desesperada para me apaixonar.

Luke, do quinto ano, foi o primeiro. Ele fez o pedido por um bilhete no bolso do meu casaco durante a hora do recreio. *Para Georgia. Você é tão linda, quer ser minha namorada? Sim ( ) Não ( ) Ass: Luke.*

Eu marquei o X em *não*, e ele ficou chorando durante toda a aula de matemática.

No sexto ano, quando todas as garotas da minha turma decidiram que queriam namorados, eu me senti excluída, então perguntei a Luke se ele ainda estava a fim, só que ele já estava saindo com Ayesha, então ele disse não. Todos os novos casais brincavam juntos no playground durante a despedida de férias, e eu me senti triste e solitária.

Noah, do ônibus da escola, foi o segundo, no nono ano, apesar de eu não saber se ele conta. Ele me chamou para sair no Dia dos Namorados porque esse era o tipo de coisa que pessoas faziam no Dia dos Namorados — todo mundo queria ser parte de um casal no Dia dos Namorados. Noah me assustava porque ele era barulhento e gostava de jogar sanduíches nas pessoas, então eu só sacudi a cabeça e voltei a ficar encarando a janela.

O terceiro foi Jian, da escola de meninos. Segundo ano do ensino médio. Um monte de gente achava que ele era extremamente atraente. Nós tivemos uma conversa longa em uma festa na casa de alguém sobre se *De férias com o ex* era uma boa série ou não, e então ele tentou me beijar quando estava todo mundo bêbado, incluindo nós dois. Teria sido tão fácil deixar isso acontecer.

Teria sido tão fácil me inclinar e fazer isso.

Só que eu não queria. Eu não gostava dele.

Só que o quarto acabou sendo Tommy, a quem eu conhecia da escola e que parecia com o Timothée Chalamet, e eu não o conhecia assim tão bem, só que essa foi a vez que me destruiu um pouco, porque eu achava que eu gostava mesmo dele. Só que eu não conseguia, porque eu não gostava dele.

Meu *crush* de sete anos nele era inteiramente inventado.

Uma escolha aleatória de quando eu tinha onze anos, e uma garota me mostrou uma foto e me mandou escolher um garoto.

Eu não gostava de Tommy.

Aparentemente, eu nunca tinha gostado de ninguém.

Eu gritei. Tommy gritou. O braço dele inteiro estava pegando fogo.

Ele rolou no chão e repentinamente Pip chegou, pegando um cobertor, caindo diretamente em cima de Tommy, abafando as chamas enquanto Tommy estava gritando "puta merda, puta merda" de novo, e de novo e eu só estava em pé ao lado dele, observando enquanto ele queimava.

A primeira coisa que eu senti foi choque. Eu estava congelada. Como se isso não estivesse acontecendo.

A segunda coisa que eu senti foi raiva por causa da minha jaqueta.

Aquela era a porra da minha jaqueta favorita.

Eu nunca devia ter dado para um garoto que eu mal conhecia. Um garoto de quem eu nem sequer *gostava*.

Jason estava lá também, perguntando se Tommy estava machucado, mas ele estava se sentando, balançando a cabeça, tirando as ruínas da minha jaqueta favorita, olhando para seu braço intacto, dizendo "mas que porra". E então ele voltou o olhar para cima e disse de novo:

— Mas que porra?

Eu olhei para essa pessoa que eu tinha escolhido aleatoriamente em uma foto e disse:

— Eu não gosto de você desse jeito. Me desculpa. Você é legal, mas eu só… eu não gosto de você desse jeito.

Jason e Pip viraram para mim em sincronia. Uma pequena multidão estava começando a se formar, nossos colegas de turma indo para fora para ver do que se tratava a comoção.

— Mas que *porra*? — disse Tommy pela terceira vez, antes de ele ser rodeado pelos amigos dele, vindo ver se ele estava bem.

Eu só estava encarando-o e pensando, *essa era a porra da minha jaqueta favorita* e, *sete anos*, e *eu nunca gostei de você*.

— Georgia — disse Pip. Ela estava ao meu lado, puxando meu braço. — Acho que é hora de irmos pra casa.

SEM AMOR

— Eu nunca gostei dele — eu disse no carro conforme chegamos à casa de Pip, e eu desliguei o motor. Pip estava do meu lado. Jason estava no banco de trás. — Sete anos, e eu só menti pra mim mesma esse tempo todo.

Os dois estavam estranhamente silenciosos. Como se não soubessem o que dizer. De um jeito horrível, eu quase os culpava. Pip, de qualquer forma. Foi ela que ficou me forçando a fazer isso. Ela tinha me provocado por causa de Tommy por sete anos.

Não, isso era injusto. Não era culpa dela.

— Isso é culpa minha — eu disse.

— Eu não *entendo* — disse Pip, gesticulando selvagemente. Ela ainda estava razoavelmente bêbada. — Você… teve um *crush* nele por anos. — A voz dela ficou mais baixa. — Essa era sua… *grande chance*.

Eu comecei a rir.

É muito louco como você pode se enganar por tanto tempo. E todo mundo ao seu redor, também.

A porta da casa de Pip se abriu, revelando os pais dela em pijamas combinando. Manuel e Carolina Quintana eram outro casal perfeitamente apaixonado com uma história incrivelmente romântica que eu conhecia. Carolina, que tinha crescido em Popayán, na Colômbia, e Manuel, que tinha crescido em Londres, se conheceram quando Manuel foi visitar a avó que estava morrendo em Popayán quando ele tinha dezessete anos. Carolina era literalmente a garota da casa ao lado, e o resto entrou para a história. Essas coisas simplesmente aconteciam.

— Eu nunca tive um *crush* em ninguém em toda minha vida — eu disse. A ficha estava começando a cair. Eu nunca tinha tido um *crush* em ninguém. Nem

em garotos nem em garotas, em nenhuma pessoa que eu já tivesse conhecido. O que isso *significava*? Será que significava alguma coisa? Ou só estava vivendo a vida de forma errada? Será que tinha algo de errado comigo? — Dá pra acreditar nisso?

Houve uma pausa de novo, antes de Pip dizer:

— Bem, tudo bem. Tudo bem, cara. Você sabe que você vai encontrar alguém…

— Não termine essa frase — eu disse. — Por favor, não termine essa frase.

Então ela não terminou.

— Sabe… a *ideia* da coisa é legal. A *ideia* de gostar de Tommy e beijar Tommy e ter um momento fofo perto da fogueira depois da festa de formatura. É *tão* legal. Era isso que eu queria. — Eu me sinto endurecer enquanto aperto o volante. — Só que a realidade me *dá nojo*.

Eles não falaram nada. Nem mesmo Pip, que sempre era uma bêbada falante. Até mesmo meus melhores amigos não conseguiam pensar em uma única palavra reconfortante.

— Bem… foi uma boa noite, certo? — Pip estava tropeçando nas palavras enquanto cambaleava para fora do meu carro. Ela deixou a porta do passageiro aberta e apontou dramaticamente para mim, as luzes dos postes refletindo nos óculos dela. — Você. Ótima. Excepcional. E você — ela cutucou Jason no peito enquanto ele se mudava para o banco da frente —, excelente. Excelente trabalho.

— Beba água — disse Jason, dando um tapinha na cabeça dela.

Nós observamos enquanto ela andava até a porta da frente para levar uma bronca gentil da mãe dela por estar bêbada. O pai dela acenou para nós, e nós acenamos de volta, então eu liguei o motor e fomos embora. Poderia ter sido uma boa noite. Poderia ter sido a melhor noite da minha vida, se eu tivesse mesmo um *crush* no Tommy.

A próxima parada era a casa de Jason. Ele morava em uma casa que foi construída pelos dois pais dele, que eram arquitetos. Rob e Mitch tinham se conhecido na faculdade — estavam fazendo o mesmo curso — e acabaram competindo pelo mesmo estágio de arquitetura. Rob ganhou, o que ele diz ter sido merecido, e Mitch sempre diz que deixou Rob ganhar porque gostava dele.

Quando nós chegamos, eu disse:

— A maior parte das pessoas da nossa idade já beijaram alguém.

— Isso não importa — disse ele.

Só que eu sabia que importava. Importava, sim. Não era aleatório que eu estava ficando para trás. Tudo que aconteceu nessa noite era um sinal de que eu precisava me esforçar mais, ou eu ficaria sozinha pelo resto da minha vida.

— Eu não me sinto uma adolescente de verdade — eu disse. — Acho que falhei nisso.

E Jason claramente não sabia o que dizer depois disso, porque ele não disse nada.

Sentada no meu carro parado na calçada na frente da minha casa, com o fantasma da mão de um garoto na minha coxa, eu tracei um plano.

Eu logo iria para a faculdade. Uma chance de me reinventar e me tornar alguém que pudesse se apaixonar, alguém que se encaixaria com a minha família, com as pessoas da minha idade, com o mundo. Eu faria um monte de novos amigos. Eu entraria em clubes. Eu arranjaria um namorado. Ou até uma namorada. Um parceiro. Eu teria meu primeiro beijo, e eu transaria. Eu só tive um despertar tardio. Eu não morreria sozinha.

Eu me esforçaria mais.

Eu queria um amor para sempre.

Eu não queria ficar sem amor.

PARTE DOIS

MUDANÇA

A viagem até a Universidade de Durham levava seis horas, e passei a maior parte dela respondendo o vendaval de mensagens do Facebook que Pip me mandava. Jason tinha feito a viagem alguns dias mais cedo, e Pip e eu estávamos com esperança de irmos juntas, mas aconteceu que as minhas malas e caixas ocuparam todo o porta-malas do carro do meu pai, e a maior parte dos bancos de trás. Nós nos conformamos com mandar mensagens e ficar tentando ver o carro uma da outra na estrada.

Felipa Quintana
Jogo novo!!!!!
Se nós nos vimos na estrada ganhamos 10 pontos

Georgia Warr
o que eu ganho se tiver mais pontos

Felipa Quintana
Glória eterna

Georgia Warr
adoro o gostinho da glória eterna

Felipa Quintana
CARA EU ACABEI DE TE VER!!!!!!!!!!!!!!!!
Eu acenei mas você não me viu
Que rejeição
Uma tragédia moderna por Felipa Quintana

Georgia Warr
você supera

Felipa Quintana
Vou precisar de terapia intensa

Você vai pagar

Georgia Warr
eu não vou pagar sua terapia

Felipa Quintana
Grossa
Achei que você era minha amiga

Georgia Warr
use seus 10 pontos para pagar a terapia

Felipa Quintana
VOU MESMO

A viagem foi terrivelmente longa, na verdade, mesmo com as mensagens de Pip como companhia. Papai ficou dormindo a maior parte do tempo. Mamãe ficou insistindo que ela deveria escolher a rádio, já que era ela que estava dirigindo, então foi só a estrada, relampejos de cinza e verde, e uma única parada no posto. Mamãe me comprou um pacote de batatinhas, mas eu estava nervosa demais com o dia a seguir para comer, então elas só ficaram no meu colo, fechadas.

— Nunca se sabe — mamãe tinha dito em uma tentativa de me alegrar —, talvez você encontre um adorável jovem no seu curso!

— Talvez — eu disse. *Ou uma adorável mulher. Meu Deus, qualquer um. Por favor. Estou desesperada.*

— Um monte de gente encontra o amor de suas vidas na faculdade. Tipo eu e seu pai.

Mamãe regularmente apontava garotos para mim que ela acreditava que eu pudesse achar atraentes, como se eu só fosse chegar em alguém e convidar pra sair. Eu nunca pensei que nenhuma das escolhas dela fossem atraentes, de qualquer forma. Só que ela tinha esperanças. Na maior parte por curiosidade, acho eu. Ela queria saber que tipo de pessoa eu escolheria, assim como quando se está assistindo a um filme e esperando o interesse romântico aparecer.

— É, talvez — eu disse, não querendo falar para ela que a tentativa de me alegrar só estava me fazendo sentir pior. — Isso seria legal.

Eu estava sentindo um pouco como se eu fosse vomitar.

Só que todo mundo provavelmente se sentia assim começando a faculdade.

Durham era uma velha cidade pequena, com vários montes e ruas de paralelepípedos, que eu amava porque parecia que eu estava dentro de *A história secreta* ou outro drama profundo e misterioso de faculdade onde tem um monte de sexo e assassinato.

Não que eu estivesse a caminho de experimentar qualquer uma das duas coisas.

Nós tivemos que dirigir para dentro de um campo enorme, enfileirar o carro, e esperar para sermos chamados, porque as faculdades dentro da Universidade de Durham eram todas pequenas e não tinham estacionamento próprio. Um monte de estudantes acompanhados dos pais estava saindo dos carros para falar uns com os outros enquanto todos esperávamos. Eu sabia que eu deveria sair e começar a socializar também.

A minha teoria vigente era que minha timidez e introversão estavam ligadas à minha situação toda do "nunca gostei de ninguém" — talvez eu só não falasse o suficiente com as pessoas, ou talvez as pessoas só me estressassem no geral, e era por isso que eu nunca quis beijar ninguém. Se eu só melhorasse a minha autoconfiança, tentasse ser um pouco mais aberta e sociável, eu conseguiria fazer e sentir essas coisas, como a maioria das pessoas.

Começar a faculdade era uma boa hora de tentar fazer algo assim.

Felipa Quintana
Ei você está na fila?
Eu já fiz amizade com a minha vizinha de carro
Ela trouxe uma samambaia inteira com ela
Tem tipo um metro e meio
Atualização: o nome da samambaia é Roderick

Eu estava prestes a responder, ou talvez sair do carro e ir me apresentar para a nova conhecida de Pip e Roderick, mas foi aí que minha mãe ligou o motor.

— Eles estão nos chamando — disse ela, apontando lá na frente onde alguém usando um colete estava acenando.

Papai se virou para sorrir para mim.

— Está pronta?

Seria difícil, claro, seria assustador e provavelmente vergonhoso, mas eu me *tornaria* uma pessoa que poderia experimentar a magia do romance.

Eu sabia que eu ainda tinha *minha vida inteira* e que *um dia aconteceria*, mas eu sentia que, se eu não conseguisse mudar e fazer isso acontecer na faculdade, então não aconteceria jamais.

— Estou — respondi.

E, também, eu não queria esperar. Eu queria isso agora.

ROONEY

— Ai, não — eu disse, em pé do lado de fora da porta do que seria o meu quarto pelos próximos nove meses, e levemente morrendo por dentro.

— Quê? — perguntou papai, largando uma das minhas malas no chão e puxando os óculos para baixo do topo da cabeça dele.

— Bem — disse mamãe —, você sabia que tinha uma chance de isso acontecer, querida.

Na frente da porta do meu quarto estava minha foto, e embaixo estava escrito "Georgia Warr" na fonte Times New Roman. Ao lado estava outra foto — de uma garota de cabelo castanho comprido, e um sorriso que parecia verdadeiramente sincero e natural, e sobrancelhas perfeitamente desenhadas. Embaixo estava o nome "Rooney Bach".

Durham era uma velha universidade inglesa que tinha um esquema de "faculdades". Em vez de dormitórios e alojamentos, a universidade era feita de "faculdades" espalhadas pela cidade. O campus da sua faculdade era onde você dormia, tomava banho e comia, mas também era um lugar onde demonstrar sua filiação através dos eventos da faculdade, eventos de esportes, e concorrendo como representantes executivos estudantis.

A St. John's — a faculdade na qual tinha sido aceita — era um prédio antigo. E, por causa disso, alguns dos estudantes que moravam ali tinham que dividir quartos.

Eu só não achei que seria eu.

Uma onda de pânico se alastrou por mim. Não dava para eu ter uma colega de quarto — quase ninguém no Reino Unido tinha colegas de quarto na universidade. Eu precisava do *meu próprio espaço*. Como é que eu poderia dormir ou ler fanfic ou me vestir ou fazer *qualquer coisa* com outra pessoa no quarto?

Como é que eu poderia relaxar quando eu tinha que socializar com outra pessoa em cada instante em que eu estava acordada?

Mamãe nem pareceu notar que eu estava em pânico. Ela só disse:

— Bom, vamos nessa então. — E abriu a porta para mim.

E Rooney Bach já estava lá, vestindo leggings e uma camiseta polo, regando uma samambaia de um metro e meio.

A primeira coisa que Rooney Bach disse para mim foi “Ai meu Deus, você é a Georgia Warr?” como se eu fosse uma celebridade, mas ela nem esperou pela confirmação antes de jogar o regador para o lado, pegar um pedaço de pano grande cor de água-marinha — que eu consegui estabelecer que era um tapete — da cama dela, e estendê-lo na minha direção.

— Tapete — disse ela. — Alguma opinião?

— Hum — eu disse. — É legal.

— Ok, *incrível.* — Ela sacudiu o tapete no ar e então o colocou no meio do nosso quarto. — Pronto. Só precisava de um pouco de cor.

Eu acho que estava meio em estado de choque, porque só então eu realmente olhei para o nosso quarto. Era grande, mas bem nojento, como eu esperava que fosse — os quartos nunca são bons em faculdades inglesas antigas. O carpete era de um azul-acinzentado embolorado, a mobília era bege e parecia feita de plástico, e nossas camas eram de solteiro. A cama de Rooney já tinha lençóis alegres e floridos nela. A minha parecia que pertencia a um hospital.

A única parte legal do quarto era uma janela guilhotina quadriculada enorme. A pintura da moldura estava descascando, e eu sabia que seria meio frio, mas tinha um jeito bonito, e a vista se expandia até o rio.

— Você já arrumou bem o lugar! — Papai estava dizendo para Rooney.

— Ah, você acha? — disse Rooney.

Ela imediatamente começou a narrar um tour do lado dela do quarto para mamãe e papai, mostrando todos os elementos principais — a pintura ilustrada de alguns campos (ela gostava de ir a trilhas pelo interior) e uma de *Muito barulho por nada* (a sua peça favorita de Shakespeare), o edredom de pelos (também cor de água-marinha, para combinar com o tapete), a planta (cujo nome era — eu não tinha ouvido errado — *Roderick*), um abajur água-marinha (da John Lewis), e o

mais importante, um pôster gigante que simplesmente dizia “Não desista do seu sonho” em uma fonte cheia de curvas.

Ela ficou sorrindo o tempo todo. O cabelo dela, preso em um rabo de cavalo, balançava enquanto meus pais tentavam acompanhar o quão rápido ela estava falando.

Eu sentei na minha cama na metade cinzenta do quarto. Eu não tinha trazido nenhum pôster comigo. Tudo que eu tinha trazido eram algumas fotos impressas de mim, de Pip e de Jason.

Mamãe me olhou do outro lado do quarto e me deu um sorriso triste, como se ela soubesse que eu queria voltar para casa.

— Você pode mandar mensagem a qualquer hora, querida — disse mamãe, no momento em que nos despedíamos, do lado de fora da faculdade. Eu me sentia vazia e perdida, em pé na rua de paralelepípedos no frio de outubro, e com meus pais prestes a me deixarem.

Eu não queria que vocês fossem embora, é o que eu queria dizer para eles.

— E Pip e Jason estão logo descendo a rua, não estão? — continuou papai. — Você pode ir e se divertir com eles a qualquer hora.

Pip e Jason tinham sido designados a outro campus — ao University College, ou “Castle”, como era normalmente chamado pelos estudantes aqui, já que era literalmente parte do castelo de Durham. Eles pararam de responder minhas mensagens havia algumas horas. Provavelmente estavam ocupados desfazendo as malas.

— Aham — foi o que eu disse.

Eu olhei em volta. Essa era minha casa agora. Durham. Era uma cidade que parecia saída de uma adaptação de Dickens. Todos os prédios eram altos e velhos. Tudo parecia feito de calombos de pedra. Eu conseguia me ver andando pelas ruas de paralelepípedo até a catedral na minha toga de graduação. Aqui é onde eu deveria estar.

Os dois me abraçaram. Eu não chorei, apesar de que eu queria muito, muito chorar.

— Esse é o começo de uma grande aventura — disse papai.

— Talvez — eu murmurei dentro da jaqueta dele.

Eu não conseguiria suportar ficar e vê-los andar para longe pela rua até o carro — quando eles se viraram para ir embora, eu também me virei.

De volta ao quarto, Rooney estava colando uma foto na parede, bem no centro dos pôsteres. Na foto estava Rooney, com treze ou talvez catorze anos, com uma garota que tinha um cabelo tingido de vermelho. Tipo, da cor de Ariel em *A pequena sereia*.

— É sua amiga? — eu perguntei. Esse ao menos era um bom jeito de começar uma conversa.

— É! — disse ela. — Beth. Ela… não está aqui, óbvio, mas… é. Ela é minha amiga. Você conhece mais alguém em Durham? Ou está aqui sozinha?

— Ah, er, bom, meus dois melhores amigos estão aqui, mas eles estão na Castle.

— Ah, isso é legal! Triste não terem ido pra mesma faculdade.

Eu dei de ombros. Durham chegava a considerar a primeira escolha de faculdade, mas nem todo mundo conseguia sua primeira escolha. Eu também tinha tentado ir pra Castle, mas acabei por aqui.

— Nós tentamos, mas, é.

— Você vai ficar bem. — Rooney sorriu. — Nós vamos ser amigas.

Rooney se ofereceu para me ajudar a desfazer a mala, mas eu recusei, determinada a fazer ao menos uma coisa sozinha. Enquanto estava desfazendo as malas, ela ficou sentada na cama conversando comigo, e nós descobrimos que íamos estudar inglês juntas. Então ela declarou que não tinha feito nenhuma das leituras de verão. Eu tinha feito todas, mas não mencionei isso.

Rooney, como eu estava aprendendo rapidamente, era extremamente tagarela, mas eu conseguia distinguir que ela estava tentando parecer uma pessoa alegre e descontraída. O que era justo — quer dizer, era nosso primeiro dia na universidade. Todo mundo iria ficar tentando muito fazer novos amigos. Só que eu não conseguia dizer que tipo de pessoa ela realmente era, o que era levemente preocupante porque nós ficaríamos vivendo juntas por quase um ano todo.

Será que seríamos melhores amigas? Ou nós iríamos nos aguentar de uma forma esquisita antes de sair nas férias de verão e nunca mais nos falaríamos de novo?

— Então — eu escaneei o quarto à procura de algum assunto, antes de chegar ao pôster de *Muito barulho*. — Você gosta de Shakespeare?

A cabeça de Rooney imediatamente se ergueu do celular.

— Sim! Você gosta?

Eu assenti.

— Hum, é, bem, eu costumava fazer parte do grupo de teatro juvenil lá na escola. E eu participei de várias das peças. Shakespeare sempre foi meu favorito.

Isso fez com que Rooney sentasse com a postura ereta, os olhos arregalados e brilhando.

— *Espera aí*. Você *atua*?

Eu atuava, mas er, era um pouco mais complicado do que isso agora.

Quando eu estava na pré-adolescência, eu queria ser uma atriz — a razão pela qual eu me juntei ao grupo de teatro juvenil do qual Pip já participava e comecei a fazer audições para as peças junto com ela. E eu era boa nisso. Eu tirava notas máximas na aula de teatro na escola. E normalmente conseguia papéis com muitas falas nas peças e musicais que eu fazia.

Só que, conforme fui ficando mais velha, a atuação começou a me deixar nervosa. Eu ficava com *mais* medo de palco quanto mais peças eu fazia, e, finalmente, quando eu fiz a audição para *Os miseráveis* no último ano, eu estava tremendo tanto que eu fui deixada de lado para um papel com apenas uma fala. Mesmo assim, quando chegou a hora, eu vomitei antes de conseguir fazer uma única performance.

Então provavelmente uma carreira de atriz não funcionaria para mim.

Apesar disso, eu estava planejando continuar atuando na faculdade. Eu ainda gostava de entender papéis e interpretar roteiros — era com o público que eu tinha problema. Eu só precisava trabalhar mais na minha confiança. Eu iria me juntar à Sociedade de Teatro estudantil e talvez fazer audiência para uma peça. Eu precisava me afiliar a *uma* sociedade, pelo menos, se eu fosse *tentar novas experiências, me abrir* e *conhecer novas pessoas*.

E encontrar alguém por quem me apaixonar.

— É, um pouco — eu disse.

— Ah. Meu. Deus. — Rooney colocou a mão no coração. — Isso é incrível. A gente pode se filiar ao TED.

— O TED?

— O Teatro Estudantil de Durham. Ou TED. Eles basicamente comandam todas as sociedades de teatro de Durham. — Rooney jogou o rabo de cavalo para trás. — A Sociedade Shakespeare é literalmente a sociedade principal a que eu quero me filiar. Eu sei que a maioria dos calouros faz a Peça dos Calouros, mas eu dei uma olhada nas peças que eles fizeram nos últimos anos, e elas são todas meio chatas. Então eu vou ao menos tentar e me juntar a Shakespeare. Meu Deus, eu estou *rezando* para que façam uma tragédia. *Macbeth* é literalmente o meu *sonho*…

Rooney continuou a tagarelar sem parecer se importar se eu estava escutando ou não.

Nós tínhamos algo em comum. Teatro. Isso era bom.

Talvez Rooney pudesse ser minha primeira nova amiga.

UMA NOVA AMIZADE

— Ah, *uau*! — disse Jason mais tarde naquele dia quando ele e Pip entraram no meu, bom, no meu quarto e de Rooney. — É do tamanho do meu jardim.

Pip esticou os braços dela e deu um rodopio no lugar, enfatizando o tanto de espaço vazio desnecessário no quarto.

— Não sabia que você tinha se juntado a uma faculdade burguesa.

— Eu não consigo entender por que eles simplesmente não… construíram um muro no meio — eu disse, apontando para o vão entre a minha metade do quarto e a metade de Rooney, que atualmente estava apenas ocupada com o tapete água-marinha.

— Isso é bem Trump da sua parte — disse Jason.

— Meu Deus, cale a *boca*.

Rooney tinha ido embora havia pouco tempo com um grupo de pessoas com quem ela tinha feito amizade no corredor. Eles tinham me convidado, mas eu precisava de um tempo de descanso — eu estava tentando meu melhor para dizer oi para novas pessoas durante a maior parte do dia, e só queria muito, muito mesmo ver alguns rostos familiares. Então eu tinha convidado Jason e Pip para virem ficar no meu quarto um pouco antes dos eventos de boas-vindas dessa noite nas nossas faculdades separadas, e, felizmente, os dois tinham terminado de desarrumar as malas e não tinham mais nada pra fazer.

Eu já tinha contado a eles um pouco sobre Rooney — que ela gostava de teatro e que no geral era legal — mas o lado do quarto dela era um resumo muito melhor do que o meu da sua personalidade.

Jason fez uma inspeção, e então olhou para o meu lado.

— Por que a metade dela parece o quarto de uma influencer do Instagram e o seu parece uma cela de prisão? Você trouxe tantas malas com você!

— Não é assim *tão ruim*. E um monte de malas tinha só livros.

— Georgia, cara — disse Pip, que tinha se jogado na minha cama. — O lado dela parece a Disney. O seu parece que pertence a um banco de fotos.

— Eu não trouxe nenhum pôster — eu disse. — Ou luzes pisca-pisca.

— Você… *Georgia*, como é que você se esqueceu das luzes pisca-pisca? Elas são um elemento essencial da decoração de quartos na faculdade.

— Eu não sei!

— Você vai ficar triste sem pisca-pisca. Todo mundo fica triste sem pisca-pisca.

— Acho que Rooney tem o bastante para nós duas. Ela já está me deixando dividir o tapete.

Pip olhou para o tapete água-marinha e assentiu, aprovando.

— Sim. É um bom tapete.

— É só um tapete.

— É um tapete peludo. É sexy.

— *Pip*.

Pip de repente pulou da cama, encarando a samambaia de Rooney no canto do quarto.

— Espera aí… porra, um segundo. Essa planta…

Jason e eu nos viramos para olhar pra Roderick.

— Ah — eu disse. — É. Esse é o Roderick.

E foi nesse momento que Rooney Bach voltou para o nosso quarto.

Ela escancarou a porta, chutou a sua *Antologia Norton* para mantê-la aberta e se virou para nos encarar com um copo de Starbucks na mão.

— Visitas! — disse ela, sorrindo para nós três.

— Hum, é — eu disse. — Esses são meus amigos lá de casa, Pip e Jason. — Eu apontei para cada um deles. — E essa é minha colega de quarto, Rooney. — Eu apontei para ela.

Os olhos de Rooney se arregalaram.

— Ai meu Deus. São *eles*.

— Somos nós — disse Pip, com uma sobrancelha erguida.

— E nós já nos conhecemos! — Rooney analisou Pip, os olhos passando rapidamente de baixo para cima, desde os óculos de aro de tartaruga, até as meias

listradas visíveis embaixo dos jeans com a barra dobrada, antes de se adiantar até ela e estender a mão com tanta força que Pip pareceu amedrontada, por um segundo.

Ela apertou a mão. Ela retribuiu a análise de cima a baixo com Rooney — do seu Adidas até o elástico de cabelo visível um pouco acima do rabo de cavalo.

— Aham. Vejo que Roderick já está bem acomodado.

As sobrancelhas de Rooney levantaram, como se ela estivesse surpresa e feliz que a reação imediata de Pip fosse partir para a *brincadeira*.

— Está, sim. Ele está aproveitando o ar do norte.

Ela se virou para Jason e estendeu a mão de novo, que ele apertou.

— Nós ainda não nos conhecemos, mas eu gostei da sua jaqueta.

Jason olhou para si mesmo. Ele estava vestindo a jaqueta de pelúcia marrom que tinha havia anos. Eu verdadeiramente acreditava que era a peça de roupa mais confortável que existia neste planeta.

— Ah, certo. É, obrigado.

Rooney sorriu e bateu palmas.

— É *tão* bom conhecer vocês dois. Nós *vamos* ter que ser amigos, já que eu e Georgia já somos amigas.

Pip me lançou um olhar que significava, *amigas? Mas já?*

— Desde que você não a roube de nós — brincou Jason, apesar de Pip imediatamente virar a cabeça para ele, parecendo levar essa afirmação a sério.

Rooney notou isso acontecendo, uma pequena curva de um sorriso aparecendo no canto da sua boca.

— Claro que não — respondeu ela.

— Soube que você gosta de teatro — disse Pip. Tinha um tom nervoso na sua voz.

— Sim! E você?

— Sim! Nós todos estávamos no mesmo grupo de teatro juvenil. E fazíamos as peças da escola juntos.

Rooney parecia genuinamente animada com essa perspectiva. O amor dela por teatro definitivamente *não era* falso, mesmo se alguns dos sorrisos dela fossem.

— Então você vai fazer a audiência para uma peça da TED?

— Óbvio.

— Um papel principal?

— Óbvio.

Rooney sorriu e, depois de tomar um gole do seu Starbucks, ela disse:

— Ótimo. Nós vamos ser rivais, então.

— Eu… Acho que vamos — disse Pip, envergonhada, surpresa e confusa ao mesmo tempo.

Rooney de repente fez uma cara preocupada e checou o celular.

— Ah, desculpa, eu preciso sair de novo. Preciso encontrar essa garota com quem fiquei conversando no grupo do Facebook da Sociedade Inglesa lá no Vennels. Volto pra te encontrar aqui às seis pro churrasco da calourada?

E então ela se foi, enquanto eu fiquei me perguntando o que era o Vennels, e o porquê de eu não saber o que era o Vennels, e como Rooney já sabia o que era Vennels se ela estava aqui havia menos de um dia, assim como eu.

Quando me virei de volta para os meus amigos, Pip estava muito imóvel com uma expressão sobressaltada no rosto que fazia com que ela parecesse um pouco com um cientista de algum desenho, após uma explosão.

— O quê? — eu perguntei.

Pip engoliu em seco e sacudiu a cabeça dela um pouco.

— Nada.

— *Quê?*

— Nada. Ela parece legal.

Eu conhecia aquela cara. Era uma cara de Pip que eu conhecia bem. Eu já tinha visto quando ela teve que ser parceira na aula de educação física de Alicia Reece — um dos seus *crushes* mais intensos — no primeiro ano do ensino médio. Eu já tinha visto quando nós fomos para um *meet and greet* da Little Mix e Pip pôde abraçar Leigh-Anne Pinnock.

Pip não gostava de muitas garotas — ela era bem exigente, na verdade. Só que quando Pip *gostava* de fato de alguém, era muito, muito óbvio. Ao menos para mim. Eu sempre sabia quando pessoas tinham *crushes* umas nas outras.

Antes de eu fazer um comentário, Jason interrompeu. Ele estava olhando para a foto de Rooney e Beth do cabelo de sereia.

— É tão esquisito que você acabou com uma colega de quarto. O que você escreveu no seu teste de personalidade?

Nós tivemos que preencher testes de personalidade depois de sermos aceitos em Durham, para que, se acabássemos tendo que dividir um quarto, eles tentassem nos colocar com alguém com quem nos daríamos bem.

Eu me esforcei para lembrar o que eu tinha escrito no meu — e então a ficha caiu.

— Shakespeare — eu disse. — O teste. Uma das perguntas falava sobre seus interesses. Eu falei "Shakespeare".

— E daí? — perguntou Jason.

Eu apontei para o pôster de *Muito barulho por nada* de Rooney.

— Ai meu *Deus* — disse Pip, os olhos arregalando. — Ela também é fã de Shakespeare? Que nem a gente?

— É o que ela diz.

Jason assentiu, parecendo satisfeito.

— Isso é bom! Vocês podem conversar sobre isso.

— Sim — disse Pip, um pouco rápido demais. — Fique amiga dela.

— Quer dizer, nós somos colegas de quarto. Com esperança, nós seremos amigas.

— Isso é bom — repetiu Jason. — Especialmente já que nós não vamos poder ficar saindo juntos o tempo todo.

Isso me fez hesitar.

— Não vamos?

— Bem… não? Quer dizer, ao menos essa semana. Estamos em campi diferentes.

Eu sinceramente não tinha pensado nisso. Eu tinha essa ideia de que nós nos encontraríamos todos os dias, ficaríamos juntos, exploraríamos Durham, *começaríamos nossa jornada na faculdade juntos*. Só que todos os nossos eventos de inauguração eram dentro das nossas próprias faculdades. Todos estávamos em graduações diferentes — eu ia fazer Inglês, Jason ia fazer História, e Pip estudaria Ciências Naturais. Então ele estava certo. Eu provavelmente não veria muito nem Jason nem Pip nessa semana.

— Acho que sim — eu disse.

Talvez isso fosse bom. Talvez isso fosse o pontapé que eu precisava para *expandir,* encontrar *novas pessoas* e *ter experiências*.

Talvez tudo isso pudesse ser parte do *plano*. O plano do romance.

— Certo — disse Pip, batendo nas coxas e se colocando de pé. — Nós já vamos. Eu nem terminei de tirar todas minhas camisetas da mala.

Eu deixei que Pip me apertasse em um abraço antes de sair trotando do quarto, me deixando a sós com Jason. Eu não queria que Jason e Pip fossem embora. Eu não queria que meus pais tivessem ido embora. Eu não queria ser deixada sozinha.

— Eu queria tanto estar na Castle também — eu disse. Eu soava como uma criança de cinco anos.

— Você vai ficar bem — disse Jason, no seu tom calmo de sempre. Nada abalava Jason. Ele tinha o oposto de ansiedade. Uma paz de espírito absoluta e imperturbável.

Eu engoli. Eu queria muito mesmo chorar. Talvez eu pudesse chorar um pouquinho antes de Rooney voltar.

— Posso ganhar um abraço? — perguntei.

Jason hesitou. Algo indecifrável passou pelo rosto dele.

— Claro — disse ele. — Claro. Venha aqui.

Eu atravessei o quarto e deixei que ele me apertasse em um abraço quentinho.

— Você vai ficar bem — ele disse novamente, esfregando as mãos gentilmente nas minhas costas, e eu não sabia se eu acreditava nele, mas era bom ouvir mesmo assim. E Jason sempre tinha os abraços mais quentinhos e confortáveis.

— Ok — eu murmurei pra dentro da jaqueta dele.

Quando ele deu um passo para trás, ele desviou o olhar.

Ele pode até ter corado um pouco.

— Te vejo logo? — ele disse, sem olhar pra mim.

— Claro — eu disse. — Me mande uma mensagem.

Minhas amizades com Pip e Jason não iriam mudar. Nós passamos por sete anos de escola, pelo amor de Deus. Quer a gente ficasse saindo o tempo todo ou não, nós sempre seríamos amigos. Nada arruinaria o que nós tínhamos.

E poder focar em uma nova amizade com Rooney Bach — uma camarada entusiasta de Shakespeare que era significativamente mais sociável do que eu — só poderia ser uma coisa boa.

PENSAMENTO ROMÂNTICO

No churrasco da calourada da St. John's, Rooney andava pelo pátio como uma mulher de negócios ambiciosa em um evento importante de networking. Ela fez amizade com as pessoas de um jeito rápido e fácil que me deixou impressionada e, para ser sincera, com muita inveja.

Eu não tinha outra opção a não ser segui-la como uma sombra. Eu não sabia como me misturar sozinha.

A faculdade era onde a maioria das pessoas fazia amizades que *duravam* de verdade. Meus pais ainda se encontravam com os amigos da faculdade todo ano. O padrinho de casamento do meu irmão era um de seus amigos da faculdade. Eu sabia que eu tinha Pip e Jason, então não era como se estivesse indo sem nenhum amigo pra começar, mas eu ainda achava que eu poderia encontrar mais pessoas com quem eu me desse bem.

E no churrasco as pessoas estavam à *caça* de amizades. Todo mundo estava sendo barulhento demais, amigável demais, e fazendo mais perguntas do que normalmente é aceitável socialmente. Eu tentei meu melhor, mas eu não era boa nisso. Eu esquecia os nomes das pessoas assim que eles eram falados. Eu não fazia perguntas o suficiente. Todos os garotos de escolas particulares chiques usando suéteres de zíper se misturavam uns aos outros.

Eu pensei em tentar fazer progresso com a minha situação de *encontrar o amor*, mas nenhum sentimento romântico em particular surgiu com ninguém que eu conheci, e eu estava ansiosa demais para tentar me forçar a senti-lo.

Rooney, pelo contrário, estava *flertando*.

No começo, achei que eu só estava vendo coisas. Só que, quanto mais eu observava, mais eu a via fazendo isso. O jeito como ela tocava nos braços dos caras e sorria para eles — geralmente sorrindo para baixo, porque ela era *alta*. O jeito

como ela ficava atenta quando falavam, ou ria das piadas deles. O jeito como ela fazia contato visual direto e penetrante, o tipo de contato visual que fazia você sentir que ela te *conhecia* de verdade.

Ela era uma mestra absoluta.

O que eu achava interessante é que ela fez isso com vários caras. Eu me perguntei qual era o objetivo dela. O que ela estava procurando? Um namorado em potencial? Umas opções de peguete? Ou ela só estava fazendo isso por diversão?

De qualquer forma, fiquei pensando muito nisso enquanto eu estava tentando dormir naquela noite em um novo quarto e em uma nova cama, com uma pessoa que já estava dormindo só a alguns metros de distância.

Rooney parecia saber exatamente o que fazer. Eu fiquei observando enquanto ela comandava a inauguração. O jogo pré-romance. Ela fazia do mesmo jeito que ela fazia amizades — com a expertise de alguém que já tem muita prática e muito sucesso. Será que eu poderia fazer isso? Eu poderia copiá-la?

Ela poderia me ensinar a fazer o mesmo?

Precisou de um monte de esforço para Rooney se levantar na segunda feira de manhã. Eu achei que *eu* era ruim em acordar de manhã, mas Rooney tinha apertado o botão da soneca ao menos cinco vezes antes de ela conseguir se arrastar para fora da cama. Todos os despertadores eram “Spice Up Your Life” das Spice Girls. Eu acordei com o primeiro.

— Eu não sabia que você usava óculos — foi a primeira coisa que ela disse para mim depois que ela tinha levantado.

— Eu uso lente na maior parte do tempo — expliquei, o que me lembrou de como Pip tinha ficado surpresa, com onze anos, ao descobrir que eu era míope, depois de seis meses inteiros sendo amigas. Eu tinha começado a usar lentes de contato no verão antes do quinto ano.

Quando eu perguntei a ela, constrangida, se ela queria ir para a cantina tomar café da manhã, ela parecia que eu tinha sugerido que nos jogássemos da janela, antes de substituir essa expressão por um sorriso largo e dizer “Aham, parece bom!”. E então ela mudou para roupas de academia e se tornou a alegre e extrovertida Rooney que eu tinha conhecido no dia anterior.

Eu fiquei perto de Rooney durante todo o primeiro dia da nossa Semana dos Calouros, na aula introdutória de inglês e na nossa tarde livre. Durante a aula, ela fez amizade sem nenhum esforço com a pessoa que estava sentada ao lado dela e, à tarde, fomos tomar café com algumas outras pessoas que cursavam inglês. Ela também fez amizade com todas elas, e se desvencilhou para conversar com um cara que era obviamente atraente de um jeito bem convencional. Ela flertou. Tocou a manga dele. Riu. Olhou nos olhos dele.

Parecia tão fácil. Mas mesmo só de imaginar eu fazendo essas coisas, eu fiquei com um pouco de náuseas.

Eu espero que isso não pareça que eu estou falando mal de Rooney por flertar e fazer amizades e estar se preparando para, sem dúvida nenhuma, arrumar um grande romance da faculdade sobre o qual ela poderia contar aos seus netos quando ela fosse uma idosa que falava demais.

Eu só estava com muita, muita inveja que eu não era ela.

O evento principal de terça na Semana de Calouros era a "Matrícula na faculdade", uma cerimônia pseudorreligiosa bizarra que acontecia na catedral de Durham, onde nos davam as boas-vindas à universidade. Nós todos tínhamos que usar roupas chiques e nossas togas, o que me fez sentir muito sofisticada.

Eu fiquei ao lado de Rooney até que, do lado de fora da catedral, eu vi Pip e Jason, andando juntos pela grama, sem dúvida indo para sua própria cerimônia de matrícula. Eles me viram, e nós corremos na direção uns dos outros através do cemitério, com uma sensação de câmara lenta com "Chariots of Fire" tocando ao fundo.

Pip pulou em cima de mim, quase me afogando com a toga da faculdade. Ela estava vestida tão chique quanto na festa de formatura — com terno completo e gravata, uma auréola de cachos cuidadosamente penteados, e estava usando um perfume que tinha cheiro da floresta depois da chuva. Ela era como estar em *casa*.

— Vou escrever uma nota de repúdio para a St. John's — ela disse no meu ombro —, para pedir que deixem você se transferir pra Castle.

— Eu não acho que vai funcionar.

— Vai, sim. Você lembra quando escrevi uma nota pro Tesco e eles me mandaram cinco pacotes de Maltesers de graça? Eu sei como escrever uma boa

nota de repúdio.

— Só ignore — disse Jason. Jason também estava de terno, e também estava chique. — Ela ainda está de ressaca de ontem à noite.

Pip deu um passo para trás, arrumando o colarinho e a gravata. Ela parecia mesmo menos alegre do que de costume.

— Você está bem? — perguntou ela. — Sua colega de quarto é normal? Você está morrendo de estresse?

Eu pensei nessas perguntas e respondi:

— Não pra todas.

Falando em Rooney, eu olhei por cima do ombro de Pip para ver o quão longe Rooney tinha andado, só pra descobrir que ela tinha parado na cerca do cemitério e estava olhando para trás. Diretamente para nós.

Pip e Jason se viraram para olhar.

— A-ah, ela está ali — murmurou Pip, e imediatamente começou a arrumar o cabelo. Só que Rooney estava olhando para nós, ela sorriu e acenou, parecendo que o fazia diretamente para Pip. Pip ergueu uma mão sem jeito e acenou de volta com um sorriso nervoso.

Eu me perguntei repentinamente se Pip tinha alguma chance com Rooney. Rooney *parecia* bem hétero, a julgar pelo tanto de caras com quem eu a vi flertando, e ela não tinha tentado flertar com nenhuma garota, mas as pessoas podem ser cheias de surpresas.

— Você está se dando bem com ela? — perguntou Jason.

— Ela é bem legal. Ela é melhor do que eu em tipo, tudo, o que é irritante, mas ela é legal.

Pip franziu o cenho.

— Melhor do que você em quê?

— Ah, sabe. Tipo fazer amizades e sei lá. Falar com as pessoas. — *Flertar. Romance. Se apaixonar, provavelmente*.

Nem Jason nem Pip pareceram convencidos com essa resposta.

— Ok — disse Pip. — Nós vamos até lá hoje à noite.

— Vocês não precisam.

— Não, eu reconheço um pedido de socorro quando eu ouço um.

— Eu não estou pedindo socorro.

— Precisamos de uma noite de pizza, urgente.

Eu notei imediatamente o que ela queria de verdade.

— Você só quer uma oportunidade pra falar com Rooney de novo, né?

Pip me lançou um olhar de soslaio.

— Talvez — disse ela. — Mas eu também me importo com você. E eu me importo com pizza.

— Então ela é só tipo, insanamente boa em fazer as pessoas gostarem dela? — disse Pip, com a boca cheia de pizza, naquela noite.

— Acho que é isso, sim — eu falei.

Jason sacudiu a cabeça.

— E você quer ser como ela? Por quê?

Nós três estávamos esparramados no tapete água-marinha de Rooney, a pizza no meio. Nós tivemos um pequeno debate se deveríamos assistir ao nosso filme favorito, *Moulin Rouge*, ou o favorito de Jason, o filme *live action* do *Scooby-Doo*, mas, no fim das contas, escolhemos o *Scooby-Doo* e o filme estava passando no meu laptop. Rooney tinha saído para alguma noite temática de um bar, e, se eu não tivesse feito planos com os meus amigos, eu provavelmente teria ido com ela. Só que isso era melhor. Tudo era melhor quando Jason e Pip estavam aqui.

Eu não conseguia admitir para eles o quão desesperadamente eu queria estar em um relacionamento romântico. Porque eu *sabia* que era patético. Sério. Eu entendia por completo que as mulheres deveriam querer ser *fortes e independentes,* que você não precisa de amor para ter uma vida cheia de sucesso. E o fato de que eu queria um namorado tão desesperadamente — ou uma namorada, um parceiro, qualquer um, *alguém* — era um sinal de que eu não era nem forte, nem independente, nem autossuficiente, ou *feliz* estando *sozinha*. Eu estava é muito solitária, e eu queria ser amada.

Isso era tão ruim assim? Querer uma conexão íntima com outro ser humano?

Eu não sabia.

— Ela só acha muito fácil falar com as pessoas — eu disse.

— A vida só é assim quando você é anormalmente atraente — disse Pip.

Jason e eu olhamos para ela.

— Anormalmente atraente? — eu perguntei.

Pip parou de mastigar.

— Quê? Ela é mesmo! Eu só estou falando fatos! Ela tem aquele tipo de energia de "eu pisaria em você e você gostaria disso".

— Interessante — disse Jason, erguendo uma sobrancelha.

Pip começou a corar.

— Eu literalmente só estou fazendo uma observação!

— Ok.

— *Para de me olhar desse jeito*.

— Eu não tô.

— *Você tá, sim.*

Desde os eventos da formatura, eu tinha pensado seriamente se eu talvez não fosse lésbica, como Pip. Fazia sentido. Talvez a minha falta de interesse por garotos fosse porque eu, na verdade, estava interessada em garotas.

Seria uma solução bem sensata para minha situação.

De acordo com Pip, as características identificadoras para saber que você é lésbica são: primeiro, ficar intensamente obcecada por uma garota, confundir isso com admiração, e às vezes pensar em ficar de mãos dadas, e, segundo, ter uma fixação no seu subconsciente por certas vilãs de desenho animado.

Brincadeiras à parte, eu nunca tinha tido um *crush* em uma garota, então eu não tinha nenhuma evidência para sustentar essa teoria em particular.

Talvez eu fosse bi ou pan, já que eu não parecia ter nem mesmo uma preferência a essa altura do campeonato.

Nas próximas horas ficamos conversando, comendo, e ocasionalmente olhando para a tela do laptop para ver o filme. Pip ficou divagando muito sobre como a aula introdutória de laboratório de química foi interessante, e Jason e eu ficamos lamentando o quanto nossas primeiras aulas tinham sido chatas. Nós dividimos todos os pensamentos que tínhamos sobre as pessoas que conhecemos na faculdade — sobre o número de alunos esnobes de escolas particulares, sobre a cultura de bebida que já parecia ruim, e como deveria ter muito mais opções de cereal no café da manhã. A certa altura, Pip decidiu regar Roderick, a planta, porque, nas palavras dela, "ele parece um pouco seco".

Só que logo eram onze da noite, e Pip decidiu que era hora de fazer chocolate quente, que ela insistia em fazer no fogão em vez de usar a chaleira elétrica no

meu quarto. Nós todos saímos do quarto e fomos para a pequena cozinha no meu corredor, que era dividida com outras sete pessoas, mas estivera vazia nas poucas vezes que já tinha frequentado.

Essa noite não estava vazia.

Eu sabia no instante em que Pip olhou pela janela da porta e fez uma cara de quem tinha acabado de ser levemente eletrocutada.

— Ah, *merda* — ela sibilou, e quando eu e Jason nos juntamos a ela, nós finalmente vimos o que estava acontecendo.

Rooney estava na cozinha.

Ela estava com um cara.

Ela estava sentada no balcão da cozinha. Ele estava em pé entre as pernas dela, a língua dele dentro da boca dela, e a mão enfiada dentro da camiseta.

Sendo discreta: eles estavam mesmo aproveitando a companhia um do outro.

— Ah — eu disse.

Jason imediatamente se afastou da situação, como qualquer pessoa normal faria, mas Pip e eu só ficamos ali por um momento, olhando isso acontecer.

Ficou claro para mim naquele momento que o único jeito que eu faria algum progresso na minha missão de *encontrar o amor* era se eu pedisse para Rooney me ajudar.

Eu nunca ia conseguir fazer isso sozinha, nunca.

Eu tinha *tentado*. Eu tentei. Eu tentei beijar Tommy quando ele se aproximou, mas então as sirenes de *Kill Bill* começaram a tocar no meu cérebro, e eu só não consegui. Eu não *consegui*.

Eu tentei falar com as pessoas no churrasco de calouros, e quando estávamos aglomerados do lado de fora das salas de aula, e na hora do almoço e do jantar quando eu sentei com Rooney e todas as pessoas com quem ela tinha feito amizade. Eu tentei, eu não era horrível nisso, eu era educada, legal, e as pessoas não pareciam me odiar.

Só que eu nunca seria como Rooney. Ao menos não naturalmente. Eu nunca poderia beijar um cara só porque era divertido, porque me fazia me sentir bem, porque eu podia fazer o que eu quisesse. Eu nunca conseguiria produzir aquela faísca que ela parecia ter com todo mundo que ela conhecia.

A não ser que ela me ensinasse.

Pip finalmente desviou o olhar da janela.

— Isso não é bem higiênico — disse ela, fazendo uma cara de desgosto. — É onde as pessoas fazem *chá*, pelo amor de Deus.

Eu murmurei em concordância antes de me afastar da porta, nossos planos de chocolate quente abandonados.

Pip tinha um olhar no rosto dela como se tivesse antecipado isso.

— Eu sou tão burra — murmurou ela.

Eu sabia quase tudo sobre romance. Eu sabia da teoria. Eu sabia quando as pessoas estavam flertando, sabia quando elas queriam se beijar. Eu sabia quando os namorados das pessoas estavam sendo horríveis com elas, até mesmo quando nem elas conseguiam saber. Eu tinha lido histórias infinitas de pessoas se conhecendo e flertando de um jeito estranho, se odiando antes de se gostarem, desejando antes de amar, se beijando e transando e amando e casando e tendo parceiros para a vida toda, até que a morte os separe.

Eu era uma mestra da teoria. Só que Rooney era uma mestra da prática.

Talvez fosse o destino que a trouxe até mim. Ou talvez esse fosse só um pensamento romântico.

SEXO

No meio da noite, de terça para quarta-feira, eu acordei ao ouvir o som de alguém fazendo sexo no quarto acima do nosso.

Era um tipo de batimento rítmico. Como o som de uma cabeceira batendo contra a parede. E um ranger, como a madeira de uma cama sendo torcida.

Eu me sentei, me perguntando se eu só estava imaginando coisas. Só que eu não estava. Era de verdade. Pessoas estavam transando no quarto acima do nosso. O que mais esse som seria? Só havia quartos lá em cima, e, a não ser que alguém tivesse decidido seguir algum tutorial DIY às três da manhã, só tinha uma coisa que faria esse som.

Rooney estava dormindo pesado, virada de lado, o cabelo escuro esparramado ao redor dela no travesseiro. Completamente alheia.

Eu sabia que esse tipo de coisa aconteceria na faculdade. Na verdade, eu sabia que esse tipo de coisa acontecia na escola — bem, não *fisicamente* na escola, espero, mas entre meus colegas e amigos da escola.

Só que ouvir isso, ao vivo, não só sabendo e imaginando, me fez congelar até a alma. Até mais do que ver aquela pessoa levando uma dedada na festa de Hattie.

Foi um tipo chocante de *Ah meu Deus, essa coisa é de verdade, não é só nas fanfics e nos filmes. E é pra eu estar fazendo isso também.*

CASAMENTO DE FACULDADE

"Casamentos de faculdade" eram um conceito novo para mim. Na Durham, os alunos do segundo e do terceiro ano ficavam em pares para se tornarem um time de mentores, ou "pais da faculdade" para um pequeno grupo de novos calouros, que eram os "filhos da faculdade" deles.

Eu meio que amava a ideia. Fazia ficar romântico algo absolutamente mundano, algo no qual eu tinha incrivelmente muita experiência.

Rooney, eu, e mais quatro outros alunos que eu só conhecia do perfil do Facebook tínhamos combinado de nos reunirmos com nossos pais da faculdade no Starbucks. Isso tudo tinha sido organizado por um grupo de mensagens no Facebook na semana anterior, quando eu estava assustada demais para dizer qualquer coisa além de "Ótimo! Estarei lá! 😊".

Só que, quando cheguei lá, só um dos nossos pais estava lá — Sunil Jha.

— Então — disse Sunil, cruzando uma perna em cima da outra na cadeira. — Eu sou seu genitor da faculdade.

Sunil Jha tinha um sorriso caloroso e olhos gentis, e apesar de ele ser apenas dois anos mais velho do que nós, ele parecia infinitamente mais maduro. Ele também se vestia incrivelmente bem — calças justas com All Star, uma camiseta colocada para dentro e uma jaqueta bomber com delicada padronagem cinza xadrez.

— Por favor, não se refiram a mim como seu pai ou mãe da faculdade — ele continuou —, não só porque eu sou não binário, mas também porque isso parece uma responsabilidade assustadora.

Isso causou algumas risadas. Na jaqueta dele havia vários broches de metal — uma bandeira arco-íris, um rádio antigo, um broche com o logo de uma *boyband*, um em que estava escrito Ele/Elu e outro broche de orgulho, um com as listras

preta, cinza, branca e roxa. Eu tinha certeza de que já tinha visto esse em algum lugar on-line, mas não conseguia lembrar o que significava.

— Em uma reviravolta tremenda, a sua mãe da faculdade decidiu que a faculdade não era pra ela e desistiu no fim do último semestre. Então vamos ser uma família de genitor solo esse ano.

Houve mais algumas risadas, mas então silêncio. Eu me perguntei quando Rooney ia começar com as perguntas, mas parecia que ela estava um pouco intimidada com a confiança de terceiro ano de Sunil.

— Basicamente — disse Sunil —, eu estou aqui se tiverem literalmente *qualquer* pergunta ou preocupação sobre qualquer coisa enquanto estiverem aqui. Outra alternativa, vocês podem também fazer o que quiserem e esquecer que eu existo.

Mais risadas.

— Então. Alguém quer falar alguma coisa enquanto estamos aqui?

Depois de um curto momento, Rooney foi a primeira a falar.

— Eu estava pensando como, tipo… como funciona esse casamento de faculdade? Eu ouvi falarem de algo como *pedidos de faculdade*, mas eu não sei o que é isso.

Ah, sim. Fico feliz que ela tenha perguntado isso.

Sunil riu.

— Ah, meu Deus, sim. Ok. Então. Casamento de faculdade. — Ele juntou os dedos da mão. — Se quiserem se tornar um time de mentores com outro aluno, vocês têm um casamento de faculdade. Um dos dois geralmente faz o pedido para o outro, e geralmente é um pedido bem grande e dramático. Vai ter muitos acontecendo neste semestre.

Rooney estava assentindo, fascinada.

— O que você quer dizer com grande e dramático?

— Bom, deixa eu te dar uma ideia. Meu pedido consistia em encher o quarto dela de balões cheios de glitter, arrumar umas quarenta pessoas pra esperarem ali para fazer surpresa, e então ficar de joelhos na frente de todo mundo com um anel de plástico no formato de um gato.

Ai. Meu. Deus.

— Er, e todo mundo… hum… tem casamentos de faculdade? — eu perguntei.

Sunil olhou para mim. Ele realmente tinha olhos gentis.

— A maioria das pessoas. Na maioria são amigos, já que é só por diversão. Mas às vezes casais fazem isso.

Amigos. Casais.

Ai, não.

Eu *realmente* precisava conhecer pessoas de verdade.

Depois a discussão ampliou para os outros aspectos da universidade — os estudos, os melhores clubes, horários bons pra usar a biblioteca, o Baile Bailey no final do semestre. Só que eu não disse mais nada. Eu só fiquei sentada lá, estressada por causa do casamento da faculdade.

Não importava se eu não fizesse isso. Certo? Não era pra isso que eu estava aqui.

— Olha, eu vou ser a pessoa que vai acompanhar vocês até uma balada nesta noite, aparentemente — disse Sunil, enquanto todos nós estávamos nos preparando para ir. — Então me encontrem na recepção às nove, ok? E não se estressem em se arrumar demais. — Conforme ele continuou, ele encontrou meus olhos e sorriu, caloroso e gentil. — E não precisam vir se não quiserem, tá? Não é obrigatório.

Conforme Rooney e eu andamos de volta pra faculdade, eu mandei uma mensagem pra Pip e Jason sobre o "casamento da faculdade". As respostas deles foram mais ou menos o que eu esperava dos dois:

Felipa Quintana
MDS A GENTE TEM ISSO TAMBÉM
Literalmente mal posso esperar pra alguém me pedir em casamento
Ou eu pedir alguém em casamento
Vai ser dramático pra kct
Eu espero que alguém me jogue confete e então recite um poema para mim num barco na frente de umas cem pessoas antes de soltar um par de pombas no céu

Jason Farley-Shaw
Acho esse conceito meio arcaico, sl

Rooney, no entanto, não tinha nada para dizer sobre o casamento da faculdade, porque ela estava focada demais em ir pra uma balada naquela noite.

— Estou tão animada pra hoje à noite — disse ela.

— Sério?

Ela sorriu.

— Estou pronta pra *experiência da faculdade*, sabe?

— Aham — eu disse, e estava falando sério. Eu também estava pronta para a minha experiência da faculdade. Claro, a ideia de ir pra uma balada era horrível, e eu não conseguia imaginar um cenário no qual eu me apaixonaria por alguém, só que eu *ia* fazer isso acontecer, e eu *iria* gostar disso. — Eu também.

— Então — disse ela, e me olhou com aqueles grandes olhos escuros. Ela era objetivamente muito bonita. Talvez ela fosse o meu destino. Amor entre colegas de quarto, como nas fanfics. Isso era a faculdade, pelo amor de Deus. Qualquer coisa poderia acontecer. — Você gosta de sair?

Por "sair" ela queria dizer "ir a baladas", e, honestamente, eu não sabia. Eu nunca tinha ido a uma balada. Não tinha muitas legais no interior de Kent, e nem Pip nem Jason gostavam desse tipo de coisa.

Baladas. Casamento de faculdade. Sexo. Romance.

Só que eu queria ter uma experiência da faculdade completamente normal, assim como todo mundo.

PRIMEIRA BALADA DA BEBÊ

— Ai meu Deus! — disse Rooney, assim que terminei de fazer chapinha no meu cabelo. — Você está tão bonita!

— Ah, obrigada! — eu disse, desajeitada. Eu sou péssima em aceitar elogios.

Mamãe e eu tínhamos ido às compras algumas semanas atrás, para que eu tivesse roupas pra vestir nas noites de balada, e eu tinha escolhido alguns vestidos e um par de tênis de plataforma. Eu coloquei um dos vestidos com meia-calça preta e não achei que eu parecia tão ruim, mas, ao lado de Rooney, eu me sentia uma criança. Ela estava usando um macacão vermelho de veludo — com um decote em V profundo na frente e calças boca de sino — com botas de salto e brincos de argola enormes. Ela tinha colocado metade do cabelo em um coque bagunçado no topo da cabeça, e o resto solto atrás das costas. Ela parecia legal pra cacete. Eu… não.

Então eu me senti mal porque mamãe e eu escolhemos esse vestido juntas. Eu me senti a um milhão de quilômetros de mamãe e do shopping a que sempre íamos.

— Você costumava sair bastante em Kent? — Rooney perguntou de onde estava sentada na cama, aplicando os toques finais na maquiagem, na frente do seu espelho de mesa.

Eu queria mentir e dizer que eu tinha muita experiência em ir a baladas, mas não ia adiantar nada. Rooney já estava ficando extremamente consciente do fato de que eu era tímida e muito, muito pior em socializar do que ela.

— Não muito — eu disse. — Eu… sei lá. Não achei que fosse meu tipo de coisa.

— Você não precisa sair se não quiser! — Ela aplicou o iluminador em cima das maçãs do rosto antes de me dar um sorriso. — Não é o rolê de todo mundo.

— Não, não — eu falei. — Quer dizer… eu quero ao menos tentar.

Ela abriu mais o sorriso.

— Ótimo! Relaxe. Eu cuido de você.

— Você já foi a muitas baladas então?

— Ah, Deus, sim. — Ela riu, voltando pra maquiagem.

Ok. Ela parecia confiante. Ela era uma das garotas que iam sempre a festas, como muitas das pessoas que eu conhecia lá em casa? Ela era do tipo de pessoa que ia a baladas o tempo todo e ficava pegando estranhos?

— Você tem o "Find my Friends" no seu celular? — ela perguntou.

— Ah, hum, acho que sim.

Eu tirei meu celular e, bem, lá estava o app baixado. As únicas pessoas que eu tinha lá eram Pip e Jason.

Rooney estendeu a mão dela.

— Deixa que eu me adiciono. Então, se a gente se perder, você pode me achar de novo.

Ela fez isso, e logo havia um pequeno ponto com o rosto de Rooney no mapa de Durham.

Ela sugeriu que tirássemos uma selfie juntas no espelho do quarto. Ela sabia exatamente que pose fazer, com o queixo escondido atrás de um ombro erguido, os olhos aparecendo atraentes embaixo dos seus cílios. Eu coloquei uma mão no quadril e torci pelo melhor.

Se eu estivesse sendo inteiramente honesta comigo mesma, eu só queria ser Rooney Bach.

Sunil nos encontrou na área de recepção, e parecia que a maioria, senão todos os calouros da St. John's tinham aparecido para ter o primeiro gostinho da vida noturna da universidade. Apesar de ele ter falado que não precisávamos nos arrumar, Sunil estava usando uma camisa colada de caxemira clara estampada e jeans skinny. Eu notei, no entanto, que ele estava usando sapatos que pareciam ter sido arrastados por um campo cheio de lama, o que provavelmente deveria ter me preparado para o que eu teria que enfrentar na balada.

Nós fomos guiados para a balada através das ruas frias de Durham por Sunil e outros alunos do terceiro ano. Rooney já tinha atraído uma pequena multidão de

“amigos”, se é que já dava para os chamar disso, e eu fiquei no fundo do grupo, apreensiva.

Todo mundo parecia tão empolgado.

Mais ninguém parecia nervoso.

A maioria das pessoas da minha idade já tinha ido a baladas nessa altura. A maioria das pessoas que eu conhecia do último ano costumava frequentar a balada da cidade mais próxima que, segundo o que eu tinha ouvido falar, era um buraco infernal, grudento e assustador, cheio de arrependimentos. Só que *eu* agora estava me arrependendo de não ter ido com eles. Isso era só mais um exemplo de algo em que eu tinha falhado completamente em experimentar durante minha adolescência.

A entrada ficava em um beco, e era grátis para entrar antes das onze da noite. Eles não precisavam de identificação, já que estávamos todos usando nossas pulseiras de calouros. Lá dentro, era como se alguém tivesse me designado ao meu próprio inferno pessoal — uma multidão aglomerada, chão grudento, e música tão alta que Rooney precisou repetir três vezes antes de eu entender que ela estava me perguntando se eu queria ir pro bar.

Eu escutei o que ela pediu, assim sabia o que pedir — vodca com limonada. Então houve conversas, mais conversas, e ainda mais conversas. Bem, aos gritos, na verdade. A maioria das pessoas queria saber “o que você está estudando” e “de onde você é” e “o que você está achando de tudo isso”. Eu comecei a repetir as frases palavra por palavra para várias pessoas. Como um robô. Meu Deus. Eu queria só fazer um amigo.

E então tinha a parte de dançar. Eu comecei a notar quantas músicas eram sobre romance ou sexo. Como é que eu nunca tinha notado isso antes? Tipo, quase todas as letras de músicas escritas eram sobre romance ou sexo. E parecia que estavam me provocando.

Rooney tentou me fazer dançar com ela, só de um jeito casual e divertido, e eu tentei, eu juro que tentei, mas ela desistiu rápido e encontrou outra dupla. Eu fiquei balançando ao lado de várias pessoas com quem eu tinha conversado. Eu estava me divertindo.

Eu estava me divertindo.

Eu não estava me divertindo.

Eram quase onze da noite quando mandei uma mensagem para Pip, na maior parte porque eu queria conversar com alguém sem ter que gritar.

Georgia Warr
OI como você está

Felipa Quintana
Tudo está absolutamente bem, por que você está perguntando
Eu talvez tenha quebrado uma taça de vinho

Georgia Warr
pip........................

Felipa Quintana
Me deixa em paz

Georgia Warr
pq você está bebendo

Felipa Quintana
Porque eu sou a mestra do meu destino e eu vivo pelo caos
Tô zoando, nosso corredor está fazendo uma noite de pizza e álcool
Aliás acho q deixei minha jaqueta no seu quarto ontem à noite?

Georgia Warr
ai não!!!!! eu te levo quando for visitar, relaxa

— Pra quem está mandando mensagem? — Rooney gritou no meu ouvido.

— Pip! — eu gritei de volta.

— O que ela está dizendo?

Mostrei a Rooney a mensagem sobre a taça quebrada de Pip. Rooney abriu um sorriso, e então riu.

— Eu gosto dela! — ela gritou. — Ela é tão engraçada! — E então ela voltou a dançar.

Georgia Warr
enfim adivinha onde eu tô

Felipa Quintana
Mds onde

Georgia Warr
NUMA BALADA

Felipa Quintana
TÁ ZOANDO
Eu nunca achei que veria esse dia
Primeira balada da bebê!!!
Pera isso foi ideia da Rooney? Ela tá botando pressão em cima de você???

Georgia Warr
não eu que quis vir haha!!

Felipa Quintana
Ok então se cuide!!!!! Não use drogas!!!!! Tome cuidado com homens horríveis!!!!!

Eu fiquei lá, balançando, até que Rooney quis tomar um pouco de ar fresco. Bom, o máximo de ar fresco que dava pra tomar na área de fumantes, nos fundos da balada.

Nós nos inclinamos contra a parede de tijolos do prédio. Eu estava com calafrios, mas Rooney parecia bem.

— Então? — perguntou ela. — Qual seu veredito oficial sobre a balada?

Fiz uma careta. Não consegui esconder.

Ela jogou a cabeça para trás contra a parede e riu.

— Ao menos você é sincera — ela disse. — Um monte de gente odeia e continua vindo mesmo assim.

— É. — Eu tomei um gole da minha bebida. — Eu só queria tentar. Queria fazer parte da experiência da faculdade. Sabe.

Ela assentiu.

— Baladas nojentas são um marco importante da vida universitária, é verdade.

Eu não conseguia determinar se ela estava sendo sarcástica.

Eu estava um pouco bêbada, pra ser justa.

— Eu só quero… Eu quero *conhecer pessoas*, e… fazer coisas normais — eu disse, virando o resto da minha bebida. Eu nem gostava muito, mas todo mundo estava bebendo, e seria estranho se eu não estivesse, né? — Eu não tenho um histórico muito bom nisso.

— Não tem?

— Não. Eu quase não tenho amigos. Eu, sempre, quase não tive amigos.

O sorriso de Rooney se foi.

— Ah.

— Eu nunca nem tive um namorado. Ou beijei alguém.

As palavras saíram antes que eu pudesse impedir.

Eu imediatamente me retraí com o comentário. Merda. Essa era a coisa que eu não devia falar pra mais ninguém. Essa era a coisa que tinha feito outras pessoas rirem de mim.

Rooney ergueu as sobrancelhas.

— Uau, *sério*?

Ela não estava sendo sarcástica. Aquilo era choque puro e genuíno. Eu não sei por que eu fiquei surpresa — a reação das pessoas durante o jogo de verdade ou desafio na noite da formatura deve ter sido geral. Só que realmente tinha me atingido naquele momento. Os olhares estranhos. As pessoas que olhavam para mim de repente como se eu fosse uma criança, como se eu fosse *imatura*. Os filmes nos quais os protagonistas surtavam por serem virgens aos dezesseis anos.

— Sério — eu disse.

— Você se sente mal com isso?

Eu dei de ombros.

— É.

— E você quer mudar isso? Agora que está na faculdade?

— Idealmente, sim.

— Ok. Bom. — Ela se virou para ficar de frente para mim, se inclinando contra a parede em um ombro. — Acho que posso te ajudar.

— Ok…

— Eu quero que entre lá e encontre uma pessoa que você ache gata. Ou algumas. Tem mais chance de isso funcionar.

Eu já odiava essa ideia.

— Ah.

— Tente descobrir o nome, ou ao menos memorizar o rosto. E então eu vou te ajudar a chegar nelas.

Eu não gostei desse plano. Eu não gostei nada disso. O modo de sobrevivência já estava se alastrando pelo meu corpo. Eu queria correr.

— Ah — eu repeti.

— Confia em mim. — Ela sorriu. — Eu sei um *monte* sobre relacionamentos.

O que *isso* significava?

— Ok — eu disse. — Então é só escolher uma pessoa e você vai arranjar pra mim?

— Sim. Parece bom?

— É.

Se a experiência da faculdade era sobre fazer decisões ruins, ao menos eu estava fazendo uma coisa certa.

Eu me sentia um pouco como o David Attenborough.

Eu dei uma volta na balada sozinha, deixando Rooney no bar, focando nos caras primeiro. Tinha muitos moletons. Marcas de suor nas camisetas. Um monte deles usava o mesmo corte de cabelo — curto dos lados e comprido em cima.

Continuei olhando. Certamente eu encontraria uma pessoa de quem eu gostasse. A balada estava lotada — tinha ao menos umas duzentas pessoas enfiadas somente nesse espaço.

E ainda assim, eu não encontrei ninguém.

Havia caras que eram objetivamente "atraentes", claro, pelos padrões de mídia vigentes. Havia caras que claramente iam muito à academia. Havia caras com cabelo divertido ou que se vestiam bem ou que tinham um sorriso bonito.

Mas eu não sentia *atração* por nenhum deles.

Eu não sentia nenhum tipo de *desejo*.

Quando eu tentava me imaginar perto deles, beijando, *tocando*…

Eu fiz uma careta. Nojo, nojo, *nojo*.

Tentei mudar de tática e olhar para as garotas em vez disso. Garotas são todas bonitas, pra falar a verdade. E tem muito mais variedade na aparência.

Mas num nível primordial, físico, eu sentia alguma atração?

Não.

Já tinha muita gente se pegando — se beijando embaixo das luzes piscando e com as músicas românticas tocando mais alto que as vozes da nossa cabeça. Era um pouco nojento, mas tinha um elemento de perigo que fazia ficar bonito. Beijar um estranho que você nunca veria de novo, beijar alguém cujo nome você nem

sabia, só pra sentir a emoção do momento. Só pra sentir o calor da pele de alguém contra a sua. Só, por um tempo, se sentir puramente vivo.

Deus. Eu queria conseguir fazer isso.

Só que a ideia de tentar me aproximar de qualquer uma dessas pessoas — não importa o gênero — era, honestamente, inquietante. Me fazia sentir coceira. Ou calafrios, talvez. Encheu meu estômago com um terror estranho e horrível, e uma sirene de aviso apitou no meu cérebro. Era como se meus anticorpos estivessem tentando expulsar essa sensação.

O que eu ia dizer pra Rooney?

De uns cem alunos, não consegui encontrar ninguém que eu achasse gato. Foi mal.

Talvez ela pudesse escolher alguém por mim. Deus, isso seria muito mais fácil.

Seria tão mais fácil se alguém só pudesse me dizer o que fazer e com quem ficar, como agir e o que era o amor de verdade.

Eu abandonei minha busca. Hoje eu continuaria sem beijos. Sem romance. E estava tudo bem. Certo? Estava tudo bem.

Eu não sabia se eu queria ou se eu não queria. Honestamente, talvez fosse um pouco das duas coisas. Assim como foi com Tommy.

Querendo e não querendo ao mesmo tempo.

Foi só uma hora depois que eu encontrei Rooney de novo através da massa piscando e desfocada de corpos. Ela estava no meio da pista de dança, pegando um cara alto que vestia jeans skinny rasgados.

Os braços dele estavam ao redor da cintura dela. Uma das mãos dela estava no rosto dele.

Era a imagem perfeita da paixão. Do romance dos filmes. Do desejo.

Como.

Como é que alguém podia chegar a esse ponto em só uma hora?

Como é que ela fazia isso em uma única hora enquanto eu era incapaz de me forçar a fazer isso por toda a minha adolescência?

Eu a odiava. Eu queria ser como ela. Eu me odiava.

Tudo me atingiu ali, de repente. A música era tão alta que eu senti que minha visão estava embaçando. Eu empurrei pessoas para conseguir chegar ao canto da

sala, só pra me ver pressionada contra a parede, que estava molhada com a condensação. Eu procurei desesperadamente pela saída, então comecei a cambalear até ela, para fora, para o ar vazio e frio de outubro.

Eu respirei.

Eu não ia chorar.

Três dos veteranos do terceiro ano da St. John's estavam conversando na área de fumantes, reclinados contra a parede, incluindo, para minha surpresa, Sunil.

Ele era meu genitor da faculdade — eu sabia que ele me ajudaria. Eu poderia pedir a ele que me levasse de volta. Mas, quando dei um passo para frente, fiquei com vergonha. Eu era um fracasso absoluto. Uma criança. Sunil se virou, olhou para mim com curiosidade, e eu desejei na minha mente que ele perguntasse se eu queria voltar pra faculdade, e se eu queria que ele fosse comigo. Só que ele não falou nada. Então eu só fui embora.

Depois de algumas horas na balada barulhenta, o silêncio da rua principal parecia ecoar ao meu redor. Eu mal conseguia lembrar o caminho de volta para a faculdade, porque eu estava tão estressada no caminho pra cá que eu não tinha prestado atenção para onde eu estava indo, mas felizmente eu encontrei o caminho de paralelepípedos, e voltei andando, subindo a rua, passando o castelo, então a catedral, e então conseguia ver os degraus de pedra do St. John's College.

— Tem algo errado com você — eu murmurei para mim mesma. Então eu sacudi a cabeça, tentando afastar esse pensamento. Esse era um pensamento ruim. Não tinha nada de errado comigo. Essa era eu. *Para de pensar nisso. Para de pensar em qualquer coisa*.

Eu poderia mandar uma mensagem para Pip e — e o que eu diria? Que eu era horrível em baladas? Que eu poderia ter tentado beijar alguém, mas decidi não fazer isso? Que eu estava fracassando por completo no meu novo começo? Patético. Não tinha nada pra falar pra ela.

Eu poderia falar com Jason, mas ele provavelmente me diria que eu estava sendo boba. Porque eu estava. Eu sabia que essa coisa toda era ridícula.

Então eu só continuei andando. Fiquei de cabeça baixa. Eu nem sabia o que estava errado. Tudo. Eu mesma. Eu não sabia. Como é que todo mundo era

funcional, e eu não? Como é que todo mundo podia viver direito, e eu tinha algum tipo de erro de programação no meu cérebro?

Eu pensei em todas as pessoas que conheci nos últimos dias. Centenas de pessoas da minha idade, de todos os gêneros, aparências, personalidades.

Eu não conseguia pensar em nenhuma por quem eu me sentisse atraída.

Abri a porta da faculdade um jeito tão barulhento que o homem no pequeno escritório me lançou um olhar severo. Acho que ele pensou que eu era uma caloura bêbada. Meu Deus, eu queria ser. Olhei para o meu vestido, o que mamãe tinha visto na River Island e dito "ah, esse não é perfeito?", eu tinha concordado, e ela tinha comprado para mim, para que eu ficasse bonita e me sentisse bem durante a Semana de Calouros. Eu comecei a lacrimejar. Deus, ainda não, por favor, ainda não.

Meu quarto estava vazio — claro que estava. Rooney estava lá fora vivendo a vida dela e tendo experiências. Eu peguei minha nécessaire de banho e meu pijama, fui direto pro banheiro, entrei no chuveiro e comecei a chorar.

MUITO EXIGENTE

— Então você é *muito exigente* — Rooney disse para mim na manhã seguinte enquanto eu estava comendo um pão na cama e ela estava se maquiando na frente do espelho.

Nós teríamos conversado sobre isso ontem à noite, mas eu dormi na metade de uma fic que estava lendo de Steve/Bucky, de universo alternativo passado na Regência Britânica, e acordei algumas horas depois ao descobrir que Rooney tinha voltado e já estava dormindo, ainda de maquiagem, as botas jogadas no meio do tapete água-marinha.

— Isso está… certo — eu confirmei. Eu era mesmo muito exigente. Eu não tinha certeza do que exatamente eu estava exigindo, mas eu indubitavelmente estava exigindo muito.

— Não se preocupe — disse ela, parecendo despreocupada. — Nós temos *muitas* outras chances de achar alguém pra você. Não vai ser assim tão difícil.

— Não vai?

— Não. — A boca dela se abriu enquanto ela passava rímel. — Um monte de gente está procurando dar uns pegas essa semana. Vai ter *tantas* oportunidades pra você conhecer gente nova. Não vai levar assim tanto tempo pra você encontrar alguém que você goste.

— Ok.

— Você vai ver.

— Ok.

— Qual é o seu tipo? — Rooney perguntou na hora do almoço.

A hora do almoço na faculdade era como a hora do almoço na escola — comida de cantina e ficar sentada em mesas redondas e banquinhos —, só que dez

vezes pior por causa da pressão extra de ter que socializar com um monte de gente que eu não conhecia muito bem. Por mais que achasse irritante a habilidade sem esforços de Rooney de se relacionar na faculdade, eu estava na verdade muito feliz de tê-la em situações como essa.

Felizmente, no entanto, essa era a primeira refeição que Rooney e eu tínhamos feito na qual nós não encontramos com ninguém que Rooney conhecia, então conseguimos sentar só nós duas.

— Tipo? — perguntei, minha mente imediatamente pensando em tipos de Pokémon, e então me perguntando se era uma pergunta sobre comida, olhei para o meu macarrão.

— Tipo de *cara* — esclareceu Rooney, a boca cheia.

— Ah. — Eu dei de ombros e pesquei um pedaço do meu macarrão. — Eu não sei bem.

— Qual é. Você deve ter *alguma* ideia. Tipo, de que tipo de cara você se vê gostando?

Nenhum, é o que eu provavelmente deveria ter dito. *Eu nunca gosto de ninguém*.

— Não tenho um tipo em particular — foi o que eu realmente disse.

— Alto? Meio nerd? Meio esportista? Músicos? Com tatuagem? Cabelo comprido? Caras que parecem piratas?

— Eu não sei.

— Hum. — Rooney mastigou lentamente, olhando pra mim. — Garotas?

— Quê?

— Você prefere garotas?

— Hum. — Eu pisquei. — Bem, acho que não? Não muito.

— Hum.

— Quê?

— É só interessante.

— O que é interessante?

Rooney engoliu, abrindo um sorriso de canto.

— Você, acho.

Eu tinha oitenta por cento de certeza de que ela estava usando "interessante" como sinônimo pra "esquisita", mas fazer o quê.

— Eu tive uma ideia — Rooney disse para mim num tom muito importante.

Eu teria levado ela a sério se não estivesse vestida como um ovo frito sexy, se preparando para a festa à fantasia em um bar da St. John's. A roupa consistia em um vestido que tinha o formato de um ovo frito, mas com meias na altura da coxa e sapatos de salto enormes. Eu estava até bem impressionada — era um jeito incrível de dizer "quero estar bonita, mas também mostrar que eu tenho um senso de humor".

Eu não ia pra festa à fantasia. Tinha falado pra Rooney que precisava de uma noite sozinha pra assistir a *Questão de tempo* seguido rapidamente de *La La Land*, e, para minha surpresa, ela tinha dito que parecia justo.

— Uma ideia? — eu disse, da cama. — Sobre…?

Rooney foi até mim e se jogou ao meu lado na cama. Eu me afastei para que a parte do ovo frito não estivesse literalmente esmagando meu torso.

— Sua situação sem romance.

— Eu não estou assim tão incomodada — eu disse, o que era obviamente uma mentira. Eu estava extremamente e consistentemente incomodada, mas depois do fiasco de ontem, eu estava pronta para desistir em vez de ter que passar por isso de novo.

Rooney ergueu o celular.

— Você já tentou aplicativos de namoro?

Eu olhei para o celular. Eu nunca tinha encontrado ninguém da nossa idade que usasse um *aplicativo de namoro*. Eu hesitei.

— As pessoas da nossa idade usam aplicativos de namoro?

— Eu uso o Tinder desde que fiz dezoito.

Eu sabia o que era o Tinder, ao menos.

— Não acho que o Tinder seja pra mim.

— Mas como vai saber se não tentar?

— Eu acho que não preciso tentar tudo pra saber que eu não vou gostar.

Rooney suspirou.

— Olha. Ok. Isso é só uma ideia, mas o Tinder é um bom jeito de só olhar para que caras estão por aí, tipo, nas *redondezas.* Você não precisa falar com nenhum de verdade, mas tipo, ao menos pode ajudar a ter uma ideia de com que tipo de cara você quer sair.

Ela abriu o Tinder no celular e imediatamente me mostrou uma foto do primeiro cara que apareceu.

— Kieran, 21, estudante.

Eu olhei pro Kieran. Ele parecia um pouco com um rato alto. O que, sabe. Esse tipo de aparência atrai algumas pessoas.

— Não acho que seja minha praia — eu digo.

Rooney rolou para fora da minha cama com um suspiro, a fantasia de ovo quase derrubando o copo d'água na minha mesa de cabeceira.

— É só uma ideia. Faz isso se ficar entediada essa noite. — Ela foi até a cama dela e pegou a bolsa. — Esquerda é não, direita é sim.

— Eu não acho que eu…

— É só uma ideia! Você não precisa tipo, *amar* ninguém, mas só veja se tem alguém que você ache que pode ser interessante conhecer.

E então ela saiu porta afora.

Eu estava em meia hora do filme *Questão de tempo* quando peguei meu celular e baixei o Tinder.

Eu definitivamente não ia falar com ninguém. Eu só estava curiosa.

Eu só queria saber se eu alguma vez veria um cara e pensaria, *é, ele é gostoso*.

Então eu fiz um perfil no Tinder. Escolhi cinco das minhas melhores selfies do Instagram e passei a próxima meia hora tentando pensar o que eu escreveria na minha descrição, antes de me decidir por "especialista em comédias românticas cafonas".

O primeiro cara que apareceu era "Myles, 20, estudante". Ele tinha cabelo marrom e um olhar malicioso. Em uma das fotos ele estava jogando sinuca. Senti uma energia ruim e passei pra esquerda.

O segundo cara era "Adrian, 19, estudante". A descrição dizia que ele era viciado em adrenalina e que estava em busca de sua *manic pixie dream girl* o que instantaneamente me fez passar pra esquerda.

Passei pra esquerda em outros quatro caras, e então percebi que eu sequer estava olhando para eles direito — eu só estava lendo as descrições e analisando se eu achava que nós nos daríamos bem. Esse não era o ponto. Era pra eu estar encontrando alguém por quem eu era *fisicamente atraída*.

Então, depois disso, focar direito nas aparências. O rosto deles, os olhos, a boca, o cabelo, o estilo. Essas eram coisas de que pessoas gostavam. Do que *eu* gostava? Qual era a *minha* exigência? Quais eram as *minhas* preferências?

Depois de dez minutos, eu me deparei com um cara que parecia um modelo, então não fiquei surpresa quando olhei para as informações e li "Jack, 18, modelo". Ele tinha uma mandíbula esculpida e um rosto simétrico. A foto principal dele era claramente de uma propaganda de revista que ele tinha feito.

Tentei me imaginar namorando Jack, 18, modelo. Beijando-o. Transando com ele.

Tipo, se fosse pra ser com alguém, baseando apenas nas aparências, certamente seria Jack, 18, modelo, com a sua linda jaqueta jeans e covinhas.

Imaginar beijar aquele rosto.

Imaginar ele se inclinando.

Imaginar a pele dele próxima da minha.

Meu dedão pairou em cima da tela por um momento. Tentando ignorar a sensação de náusea no meu estômago que a minha imaginação estava conjurando com esses cenários.

Então passei pra esquerda.

Georgia Warr
olá ovo frito trago notícias
passei pra esquerda em todos eles rs

Rooney Bach
Haha o que quer dizer com todos

Georgia Warr
todos os que eu olhei

Rooney Bach
E quantos foram?

Georgia Warr
sl tipo… quarenta?
acho que o tinder não é pra mim kkkk
sinto muito por te decepcionar

Rooney Bach

Eu não estou decepcionada haha eu só estava torcendo que resolvesse
QUARENTA
Uau!!
Ok!

Georgia Warr
então isso é muita gente pra passar pra esquerda?

Rooney Bach
Você é mesmo muito exigente
Isso não é necessariamente ruim mas ao menos a gente tentou essa

Georgia Warr
então o que eu faço agora

Rooney Bach
Talvez tenha que voltar pra velha história de Conhecer Gente Na Vida Real

Georgia Warr
eca
odeio isso

Eu deletei o Tinder do celular, então coloquei play em *Questão de tempo* de novo, me perguntando por que me imaginar envolvida em qualquer situação romântica ou sexual me fazia sentir vontade de vomitar e/ou fugir para as montanhas, enquanto o romance nos filmes parecia o propósito exclusivo de se estar vivo.

ORGULHO

Rooney estava certa sobre uma coisa: conhecer gente na vida real era provavelmente o único jeito que daria certo pra mim. Felizmente, era a Semana de Calouros, e eu tinha muitas oportunidades de conhecer gente, o que continuou na sexta-feira quando Rooney e eu fomos à feira de calouros.

— Eu vou me filiar a *tantas* sociedades — disse Rooney, e eu não queria levar ela muito a sério, mas, quando passamos pelas barracas no prédio da União Estudantil, ela juntou tantos folhetos que ela começou a me fazer carregar uns pra ela.

Eu tinha combinado de encontrar Pip e Jason lá também, mas eu não sabia onde encontrá-los porque o prédio da União Estudantil era *gigante*. Eles precisariam esperar. A tarefa mais importante do momento era me *filiar a sociedades da universidade*. Assim como ir a baladas, no que eu tinha fracassado epicamente, as sociedades eram o outro marco da vida universitária e supostamente um dos jeitos mais fáceis de fazer amigos com pessoas com interesses parecidos.

Só que, conforme andamos pelas barracas, comecei a ficar nervosa. Talvez um pouco inundada por emoções. Com cautela, eu me filiei na Sociedade Inglesa com Rooney, mas, fora isso, eu mal conseguia lembrar as coisas nas quais tinha interesse. Sociedade de Escrita Criativa? Eu não gostava de escrever tanto assim — as poucas vezes que tinha tentado escrever minhas próprias fanfics foram *desastrosas*. Sociedade Cinéfila? Eu poderia só ficar vendo filmes na cama. Tinha até mesmo sociedades super de nicho como Sociedade de Anime, Sociedade de Quadribol e Sociedade de Snowboarding, mas todas pareciam só contemplar um grupo de amigos que queriam uma desculpa pra passar tempo juntos e praticar

seu hobby favorito. Eu não sabia quais eram os meus hobbies, fora ansiar por romance e ler fanfics.

Na verdade, a única outra sociedade à qual eu queria me filiar era ao TED, o Teatro Estudantil de Durham. Eu conseguia ver a barraca gigante no fim do saguão.

Eu definitivamente ia conhecer pessoas novas se fosse parte de uma peça esse ano.

Rooney acabou seguindo em frente, empolgada pra conversar com todas as pessoas nas barracas. Eu perambulei por perto, me sentindo cada vez mais como se não pertencesse a lugar nenhum, até que percebi que tinha chegado à barraca da Sociedade do Orgulho de Durham.

Ela se sobressaía com uma bandeira arco-íris gigante atrás e tinha um número considerável de calouros por perto, conversando animados com os estudantes mais velhos atrás da mesa.

Eu peguei um dos folhetos para dar uma olhada. A maior parte da primeira página estava decorada em fontes artísticas, com algumas das identidades que apoiavam. As identidades que eu conhecia estavam no topo — lésbica, gay, bissexual, trans — e então, para minha surpresa, seguia com aquelas que eu só tinha ouvido falar na internet — pansexual, assexual, arromântico, não binário. E mais. Eu nem sabia o que alguns deles significavam.

— Criança da faculdade? — disse uma voz, e eu levantei os olhos do folheto e encontrei o olhar de Sunil Jha, meu genitor da faculdade.

Ele estava usando todos os broches de novo no suéter de lã, e sorria calorosamente para mim. Ele definitivamente era a pessoa mais legal que eu já tinha encontrado em Durham até agora, se eu não contasse Rooney. Será que ele poderia ser meu amigo? Pais de faculdade contavam como amigos?

— Está interessada em se filiar? — perguntou ele.

— Hum — eu disse. Pra ser sincera, eu não queria me filiar de verdade.

Que tipo de direito eu tinha de me filiar a uma sociedade como essa? Quer dizer, na sinceridade, eu não sabia direito o que eu era. E, sim, eu tinha considerado a possibilidade de que eu não era a fim de caras. Considerado *muito fortemente*. Mas até aí eu também não gostava muito de garotas. Parecia que eu não gostava de ninguém. Eu não tinha encontrado ninguém de quem eu gostasse,

sentido as famosas borboletas no estômago, e então declarado orgulhosa: "Ahá! Claro! *Esse* é o gênero do qual eu gosto!" Eu nem sequer tinha preferência de gêneros nas fanfics de putaria.

Sunil me entregou uma prancheta e uma caneta.

— Escreva seu e-mail! É pra receber nossa newsletter.

Não havia nenhum jeito de dizer "não", então eu murmurei um "ok" e escrevi o meu e-mail. Eu imediatamente me senti uma fraude.

— É Georgia, né? — perguntou Sunil, enquanto eu estava escrevendo.

— A-aham — eu gaguejei, honestamente surpresa que ele tivesse se lembrado do meu nome.

Sunil aquiesceu, aprovando.

— Legal. Sou representante do Orgulho na St. John's.

Outra garota na barraca se inclinou para nós e acrescentou:

— *E* também é o presidente da Sociedade do Orgulho. Ele sempre se esquece de mencionar isso por causa da modéstia ou algo assim.

Sunil riu, gentilmente. Ele definitivamente tinha um ar de modéstia, mas também de autoconfiança. Como se ele fosse muito bom no trabalho dele, mas não quisesse ficar se gabando.

— Essa é a Jess, uma das vice-presidentes — disse ele. — E essa é Georgia, uma da minha prole da faculdade.

Eu olhei para a garota do terceiro ano. Ela tinha tranças na altura dos quadris, um sorriso enorme, e estava usando um vestido colorido com estampa de pirulitos. Ela tinha um crachá que dizia "ela/dela".

— Own! — disse ela. — Essa é sua filha da faculdade?

Sunil assentiu.

— É, sim.

Jess aplaudiu.

— E você está se filiando à Sociedade do Orgulho! É o destino.

Eu forcei um sorriso.

— *Enfim* — disse Sunil, sacudindo a cabeça para ela com algum sentimentalismo —, estamos aqui pra qualquer calouro que queria se envolver na comunidade queer em Durham, basicamente. Noites de balada, encontros, festas, noites de filmes. Esse tipo de coisa.

— Legal! — eu falei, tentando parecer entusiasmada. Talvez eu *devesse* tentar me envolver. Talvez eu fosse pra Sociedade do Orgulho, visse uma garota, tivesse um grande despertar lésbico, e finalmente sentisse um algo romântico por outro ser humano. Eu tinha certeza de que tinha lido uma fanfic com esse mesmo enredo.

Eu entreguei a prancheta de volta.

— Nosso encontro de boas-vindas vai acontecer em umas duas semanas — disse Sunil com um sorriso. — Talvez a gente se veja lá?

Eu assenti, me sentindo um pouco envergonhada, como se tivesse sido exposta de alguma forma, o que era idiota, porque não tinha nada interessante sobre mim para ser exposto, e eu já sabia que eu não ia pra nenhum dos eventos da Sociedade do Orgulho de Sunil.

SE ABRINDO A NOVAS OPORTUNIDADES

Nossa última parada na feira de calouros foi a barraca do Teatro Estudantil de Durham, que tinha a maior barraca de toda a União Estudantil, e Pip e Jason estavam bem na frente dela.

Rooney já tinha avançado direto para a barraca, que estava decorada com uma cortina vermelha enorme e as máscaras de comédia-tragédia feitas de papel machê. A TED parecia uma organização guarda-chuva que apoiava e fornecia fundos para vários outros grupos de teatro menores — a Sociedade de Teatro Musical, a Sociedade da Ópera, a Sociedade de Drama dos Calouros, Comédia Estudantil, e outras mais.

Os alunos atrás da barraca, mesmo de longe, pareciam barulhentos e confiantes — não tinham nenhum ar calmo como o da barraca da Sociedade do Orgulho. Só que isso não me impediu. Teatro era algo familiar. Tinha sido parte da minha vida por mais de sete anos, e apesar do meu medo de palco, eu não queria desistir disso.

Além do quê, Pip e Jason estariam comigo. Então ficaria tudo bem.

— Pip? Jason?

As cabeças deles viraram para revelar uma Pip Quintana confusa, segurando um folheto e empurrando os óculos de aro de tartaruga em cima do nariz, e um Jason Farley-Shaw que estava definitivamente de ressaca, que tinha olheiras debaixo dos olhos e parecia que estava tentando cavar um buraco e fazer um ninho dentro da jaqueta de pelúcia.

— GEORGIA! — Pip gritou, correndo até mim e me apertando num abraço.

Eu a abracei de volta até que ela deu um passo para trás. Ela estava sorrindo largamente. Tão pouco tinha mudado; ela ainda era Pip, o cabelo escuro fofo espetado em todas as direções diferentes, soterrada em um moletom gigantesco.

Só que, é claro, nós estávamos em Durham havia apenas cinco dias. Parecia que já fazia uma vida. Como se eu já fosse uma pessoa diferente.

— Oi — disse Jason. A voz dele parecia grave.

— Tudo bem com você? — eu perguntei a ele.

Ele deu um grunhido e se apertou mais dentro da jaqueta.

— De ressaca. E não conseguíamos te achar. Olha pro seu telefone.

Eu rapidamente olhei pra tela. Havia várias mensagens sem ler no grupo perguntando onde eu estava.

Pip cruzou os braços e me lançou um olhar atento.

— Presumo que não olhou o celular porque você estava muito ocupada se abrindo a novas oportunidades e se filiando a várias sociedades?

— Hum — Eu tentei não parecer muito culpada. — Eu me filiei à Sociedade Inglesa?

Eu não falei pra Pip que eu tinha me alistado pra receber a newsletter da Sociedade do Orgulho. Provavelmente porque eu não sentia como se pertencesse àquele lugar de verdade.

Pip fez uma careta.

— Georgia. Isso é *uma* sociedade.

Eu dei de ombros.

— Posso me filiar a outras depois.

— *Georgia*.

— Pra qual vocês se alistaram?

Ela contou nos dedos.

— Me filiei ao Teatro Estudantil de Durham, óbvio, e também à Sociedade Científica, à Sociedade Latino-americana, Sociedade do Orgulho, Xadrez, Frisbee Hardcore e acho que eu me alistei pra tipo, Quadribol?

É claro que Pip tinha se filiado à Sociedade do Orgulho também. Eu me perguntei o que ela diria se eu aleatoriamente aparecesse em um evento do Orgulho.

— Quadribol? — perguntei.

— Aham, e se as vassouras não voarem de verdade, nós vamos ficar decepcionados pra caralho.

— Nós? — Olhei para Jason. — Você também se alistou pra Quadribol? Você nem gosta de *Harry Potter*.

Jason assentiu.

— O presidente de Quadribol era incrivelmente persuasivo.

— No que mais se alistou?

— TED, Sociedade Histórica, Sociedade Cinéfila e Remo.

Eu franzi o cenho.

— Remo?

Jason deu de ombros.

— Um monte de gente está fazendo. Pensei que eu devia tentar — Ele parou de falar abruptamente, olhando por cima do meu ombro. — O que Rooney está fazendo?

Eu me virei. Rooney parecia estar em uma conversa acalorada com uma garota do outro lado da barraca.

— Eu não entendo — Rooney estava dizendo. — O que você quer dizer com *fechou*?

A garota atrás da barraca parecia um pouco desesperada.

— Eu… eu não achei que eles teriam membros no segundo ou no primeiro ano, então quando o terceiro ano foi embora, só meio que desapareceu.

— E eu não posso começar de novo?

— Hum… Eu não sei… Eu não sei bem como isso funciona…

— Você é a presidente? Eu posso falar com a presidente?

— Não, ela não está aqui…

— Ah, deixa pra lá. Vou resolver isso outra hora.

Rooney tempestuou até nós, os olhos cheios de fogo. Por puro instinto, eu dei um passo para trás.

— Você consegue *acreditar* — disse ela —, que a porra da Sociedade Shakespeare só… *fechou*? Tipo, essa era a *única* sociedade a que eu queria me filiar, e agora só… — Ela parou de falar, notando que Pip e Jason estavam do meu lado, encarando Rooney com algo que só poderia ser descrito como fascínio. — Ah. Oi.

— Certo — disse Pip.

— Oi — disse Jason.

— Como vai o Roderick? — perguntou Pip.

A boca de Rooney se contorceu com diversão.

— Eu gosto que seu cérebro imediatamente pensou na minha planta em vez de perguntar como *eu* estou.

— Eu me preocupo com o bem-estar das plantas — respondeu Pip.

Notei imediatamente a frieza no tom dela. O jeito como ela tinha ficado alvoroçada e conversando com Rooney no nosso quarto já não existia mais. Ela não estava corando ou arrumando o cabelo.

Depois do que tinha visto na nossa cozinha, Pip agora estava na defensiva.

Fiquei um pouco triste. Só que isso era o que Pip fazia quando ela tinha um *crush* em alguém que não iria corresponder: ela automaticamente desligava os sentimentos por puro autocontrole.

Isso a protegia.

— Você vai chamar o conselho tutelar de plantas? — perguntou Rooney, sorrindo divertida. Ela parecia estar curtindo imensamente ter alguém pra provocar, como se fosse pausa bem-vinda não precisar ser alegre e educada.

Pip inclinou a cabeça.

— Talvez eu seja do conselho tutelar de plantas, e só esteja usando um disfarce.

— Não é um bom disfarce. Você parece o tipo de pessoa que tem ao menos uns seis cactos na sua estante.

Isso pareceu ser a gota d'água para Pip, porque ela respondeu de volta:

— Eu tenho só três, na verdade, e são *suculentas* não *cactos*…

— Er — As duas garotas foram interrompidas por Jason, que, se não estava com uma dor de cabeça antes, definitivamente estava com uma agora. — Então, você vai se filiar à TED, ou…?

— Sim — eu disse imediatamente, só pra tentar terminar com a batalha verbal estranhamente agressiva entre Pip e Rooney.

— Eu nem sei qual o objetivo disso agora — disse Rooney, com um suspiro dramático. — A Sociedade Shakespeare nem existe mais. Disseram algo sobre não ter mais nenhum membro.

— Você não pode se filiar a alguma outra coisa? — disse Pip, mas Rooney olhou para ela como se tivesse falado a coisa mais idiota do mundo.

Jason não tinha se importado em ficar envolvido nessa conversa, e tinha andado de volta para a lista com os e-mails da TED. Eu o segui, e ele me entregou a caneta.

— Eu não achei que você ia querer se juntar à TED — disse ele —, não depois de vomitar em *Os miseráveis*.

— Eu ainda amo teatro — eu falei. — E eu preciso me filiar a alguma outra coisa fora a Sociedade Inglesa.

— Só que você pode escolher algo que *não* vá fazer você vomitar.

— Prefiro vomitar rodeada por amigos a me juntar sozinha a uma sociedade e ficar triste.

Jason hesitou, e depois disse:

— Acho que isso soava mais profundo na sua cabeça do que soa na vida real.

Terminei de escrever meu e-mail e larguei a caneta, olhando para Jason. Ele parecia genuinamente um pouco preocupado comigo.

— Eu quero fazer isso — eu disse. — Eu… quero tentar e… sabe. Conhecer novas pessoas e… ter uma boa experiência de faculdade.

Jason hesitou de novo. Então ele assentiu, o rosto cheio de compreensão.

— É. Faz sentido.

Nós demos um passo para o lado para deixar Pip e Rooney escreverem seus e-mails na lista, enquanto elas estavam tendo uma discussão insossa sobre a qual sociedade dentro da TED elas deveriam se juntar, as duas pareciam determinadas a estabelecer que a escolha delas era a escolha correta, e que a escolha da outra pessoa era completamente errada. Depois de alguns minutos disso, Jason decidiu dar um fim nisso ao sugerir que fôssemos todos comer pizza na barraca da Domino's, que estava dando pizza de graça.

— Eu vou continuar dando uma olhada por aqui — disse Rooney. — Ela desviou o olhar de Pip para mim. — Te vejo na entrada daqui a uns vinte minutos?

Eu assenti.

— Legal. — Rooney olhou para Pip de novo e disse, como se Jason não existisse: — Que tal a gente se encontrar no bar do John esta noite? É *tão* legal lá, é esse bar no porão bem pequenininho…

A maioria das pessoas não saberia dizer o que estava acontecendo com Pip, mas eu a conhecia havia sete anos, e ela tinha esse *olhar*. Esse leve estreitamento dos olhos. Os ombros encolhendo.

Resumindo os fatos: Pip tinha decidido odiar Rooney.

— Nós estaremos lá — disse Pip, cruzando os braços.

— *Yes* — disse Rooney, abrindo um sorriso. — Mal posso *esperar*.

Rooney voltou para a multidão das barracas. Pip, Jason e eu fomos na direção da barraca da Domino's, os olhos de Pip sem nunca desviar da parte de trás da cabeça de Rooney, e Jason perguntou pra Pip:

— Mas que *porra* foi essa?

SHAKESPEARE E PLANTAS CASEIRAS

Uma oportunidade de passar tempo com meus únicos três amigos era definitivamente uma boa ideia, mas isso foi de alguma forma anulado pelo fato de que Rooney parecia se deliciar em irritar Pip, enquanto Pip parecia enfurecida com a mera existência dela em nossas vidas, e eu já tinha descoberto que eu não era fã de baladas e bares.

Felipa Quintana
AS ENERGIAS, GEORGIA. AS ENERGIAS

Georgia Warr
o que tem elas

Felipa Quintana
SÃO RUINS
Deveria ter notado quando nos conhecemos
Ela é cheia de energia ruim

Georgia Warr
na verdade rooney é bem legal
você só está dizendo isso porque viu ela se pegando com outra pessoa?? não é permitido *slut-shaming* nesse grupo

Felipa Quintana
ÓBVIO QUE NÃO. Ela pode pegar quem ela quiser o quanto ela quiser, não tenho problemas com pessoas que têm uns ficantes ocasionalmente
Eu só sinto uma energia ruim
……… Ela zoou o meu cacto

Jason Farley-Shaw
Mudando de assunto
Onde vamos nos encontrar e a que horas??
Eu não sei onde é o bar do John!!

Georgia Warr
eu passo para buscar vocês dois no quarto de pip
estou preocupada com pip chegando sozinha e fazendo um escândalo na hora que ela vir rooney

Jason Farley-Shaw
Ah, isso é uma boa ideia. Esperta. 👍

Felipa Quintana
Vão se FODER vocês dois

— Eu sou perfeitamente capaz de ir a um bar e não fazer um escândalo só porque eu não gosto de *uma* pessoa — disse Pip, assim que ela abriu a porta para mim mais tarde naquela noite.

Eu tinha recebido instruções específicas, mas ainda assim acabei tendo que ligar para ela e ser verbalmente direcionada pelos corredores sinuosos de Castle. E se isso não fosse caótico o suficiente para lidar numa sexta à noite, o quarto de Pip estava definitivamente em uma competição para ganhar o título de *o quarto mais bagunçado de Durham*. Tinha mais roupas no chão do que dentro do guarda-roupa aberto, a escrivaninha estava empilhada até o teto com uma pilha de livros de ciência incrivelmente tediosos e pedaços de papel, e os lençóis estavam amassados em um canto, bem longe da cama dela.

— Claro que é — eu disse, dando um tapinha na cabeça dela.

— *Não* seja condescendente, Georgia Warr. Você trouxe minha jaqueta jeans?

— Sua jaqueta jeans? — Eu dei um tapa na minha própria cabeça. Eu sabia exatamente onde estava a jaqueta de Pip no meu quarto: nas costas da minha cadeira. — Ai, não, me desculpa. Esqueci completamente.

— Tudo bem — disse Pip, mas ela olhou para a roupa que estava vestindo, nervosa. — Eu ia usar esta noite, mas… você acha que estou ok sem ela? Ou talvez eu devesse usar uma jaqueta bomber.

Ela estava muito bonita, na verdade — ela estava usando uma camiseta de manga curta listrada, colocada para dentro nos quadris, onde encontrava um jeans preto skinny rasgado, e o cabelo dela estava cuidadosamente arrumado. E ela parecia muito com *ela mesma*, o que eu achava que era mais importante.

Pip sempre era meio insegura com a aparência dela. Só que agora que ela estava se vestindo exatamente como sempre quis se vestir, e tinha cortado o cabelo e tudo o mais, ela exalava um tipo de confiança que eu nunca esperava atingir — uma autoconfiança que dizia *Eu sei exatamente quem eu sou*.

— Você está muito bonita — eu disse.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Eu tinha decidido vestir algo um pouco mais casual do que na minha última tentativa de "sair" — um par de jeans de cintura alta com um cropped apertado — mas eu ainda assim sentia como se estivesse usando uma fantasia. Meu estilo habitual de casacos de lã não servia para bares e baladas.

Jason chegou minutos depois, vestindo a sua jaqueta de pelúcia em cima da sua combinação padrão de jeans e camiseta. Ele olhou rapidamente para o chão e imediatamente começou a pegar peças de roupas e dobrá-las.

— Porra, Pip. Aprenda a se organizar.

— Está bom como está. Eu sei onde tudo está.

— Pode até ser, mas não vai estar bom quando você começar a encontrar aranhas parindo ovos nas suas camisetas.

— *Eca*, Jason. Não fale "parindo".

Nós arrumamos rapidamente o quarto de Pip antes de ir embora. Só era uma caminhada de alguns minutos da Castle pra St. John's — tivemos que cruzar o gramado, a catedral, e passar por uma viela — e nesse tempo, eu tinha decidido enfrentar Pip sobre as razões reais da sua declaração de "energia ruim".

— Eu *não* tenho um *crush* nela — disse Pip instantaneamente, o que confirmava que ela definitivamente tinha um *crush* em Rooney. — Eu *não* tenho *crushes* em garotas héteros. Não mais.

— Então você decidiu que ela é sua inimiga mortal porque…?

— Sabe o que é? — Pip cruzou os braços, se apertando mais na jaqueta bomber. — Ela é o tipo de pessoa que acha que ela é melhor do que *todo mundo*, só porque ela vai a baladas e bares e tem uma planta doméstica gigante e gosta de Shakespeare.

— Você gosta de Shakespeare e tem plantas domésticas — disse Jason. — Por que ela não pode gostar de Shakespeare e plantas domésticas?

Pip lançou-lhe um olhar irritado.

Jason olhou pra mim, as sobrancelhas erguidas. Nós dois sabíamos que Pip estava inventando umas razões bobas pra desgostar de Rooney em uma tentativa de desviar seus sentimentos. Só que nós também sabíamos que só deveríamos deixar isso quieto, porque, honestamente, era provavelmente o melhor plano de ação.

Nós vimos Pip passar por vários *crushes* em meninas héteros. Eles não eram divertidos. Quanto mais rápido que ela conseguisse superar esses sentimentos, melhor.

— Você poderia só ter dito não pro convite desta noite — eu falei.

— Não podia, não — disse Pip —, porque então ela ia *ganhar*.

Jason e eu ficamos em silêncio por um momento.

Então eu disse:

— Ela tem me dado uns conselhos sobre coisas.

Pip franziu o cenho.

— Conselhos? Sobre o quê?

— Bem, você sabe que eu estava me sentindo meio mal com a coisa do… — Meu Deus. Esse tipo de coisa era tão esquisito de falar. — Você lembra na festa depois da formatura que eu estava meio deprimida com a coisa de nunca ter beijado ninguém e… sabe. Rooney tem me ajudado a tentar expandir meus horizontes um pouco.

Pip e Jason me encararam.

— *Quê?* — Pip sacudiu a cabeça, incrédula. — Você não… Por que ela está tentando te obrigar a isso? Você não precisa fazer essas merdas… só, *meu Deus*. Você só precisa ir no seu próprio ritmo, cara. Por que ela está fazendo você... Quê? Ela está tentando te convencer a pegar gente em bares? Tudo bem se *ela* quer fazer isso, mas não é quem você é.

— Ela não está me obrigando a nada! Ela só está me ajudando a me abrir mais com as pessoas, e, tipo, me arriscar mais.

— Só que você não precisa forçar esse tipo de coisa! Não é quem você *é* — ela repetiu, franzindo o cenho.

— Bem, e se essa for quem eu *quero* ser? — eu me irritei. Eu imediatamente me senti mal. Pip e eu nunca brigávamos.

Pip se calou. Ela não parecia ter uma resposta pra isso.

Então ela disse:

— Eu não gosto de Rooney porque ela está desestabilizando a dinâmica de nosso grupo de amigos. E ela é muito irritante, pra mim, particularmente.

Eu nem me dei ao trabalho de responder.

Jason estava achatando o cabelo dele, envergonhado.

— Er… é bom que você fez uma amiga, Georgia.

— É — eu disse.

Senti meu celular vibrar na bolsa e tirei pra dar uma olhada.

Rooney Bach
Estou no bar!
Ei vamos tentar arrumar alguém pra você essa noite…

Eu mandei um emoji de joinha como resposta.

ENERGIA CAÓTICA

Rooney tinha conseguido arrumar uma mesa inteira pra nós no bar do John, o que merecia uma medalha, porque estava *lotado*. O bar ficava em um porão pequeno dentro da faculdade, supervelho e superabafado. Eu praticamente conseguia sentir o suor das pessoas no ar conforme nos apertamos para passar em meio à multidão pra chegar à mesa.

Rooney tinha se vestido para a saída: macacão, saltos, o cabelo enrolado em ondas soltas. Ela provavelmente tinha outros planos depois de ficar um pouco com a gente durante a hora infantil de nove da noite. E enquanto ela estava esperando por nós, parecia que ela tinha feito amizade com um grupo grande de pessoas sentadas na mesa ao lado.

— Queridos — disse Rooney em um sotaque chique falso, conforme nos sentamos, desviando o olhar dos amigos novos. — Vocês todos estão *tão* bonitos. — Ela olhou diretamente para Pip. — Então listras são a sua praia, Felipa?

Pip semicerrou os olhos com o uso do nome inteiro.

— Você estava stalkeando meu Facebook?

— Instagram, na real. Eu adorei a foto em que você está vestida de giz de cera, no Halloween.

Isso fez com que Pip sorrisse, presunçosa.

— Então você chegou às minhas fotos *bem* antigas.

Nós tivemos que sofrer durante alguns minutos de bate-boca irritante entre Pip e Rooney antes que Jason e eu pudéssemos sequer contribuir para a conversa. Durante esse tempo, eu observei algumas pessoas, dando uma olhada em volta para ver nossos outros colegas. Havia pessoas que pareciam sair regularmente, algumas vestidas de acordo, e outras só com o moletom da faculdade e jeans.

Tinha gente muito arrumada — bastante, na verdade, mas ainda era a Semana dos Calouros, então fazia sentido.

— Então como vocês ficaram amigos? — perguntou Rooney.

— Na escola — respondi. — E todos éramos do mesmo grupo de teatro juvenil.

— Ai meu *Deus*, é verdade! Vocês são todos gente do teatro! Eu esqueci! — O rosto de Rooney se iluminou. — Isso é incrível. Nós podemos ir juntos pra reunião de boas-vindas semana que vem.

— É meio triste que a sua sociedade fechou — disse Jason.

— É! A Sociedade Shakespeare. Eu estava *tão* determinada a me filiar, mas só não existe mais. Certamente que isso é tipo um crime contra a Inglaterra.

— Então você curte Shakespeare? — perguntou Pip. Ela quase soava *cética*.

Rooney fez que sim.

— É! Eu *amo*. E você?

Pip assentiu de volta.

— É. Já fiz algumas na escola.

— Eu também. Eu fiz *Romeu e Julieta, Muito barulho por nada, A comédia dos erros* e *Hamlet* na escola.

— Nós fizemos *Romeu e Julieta, Sonho de uma noite de verão* e *A tempestade*.

— Então eu tenho mais experiência? — Rooney disse, e a curva nos lábios dela era impossível de não ser notada. Era como se ela estivesse tentando começar uma briga.

A mandíbula de Pip estremeceu.

— Acho que sim — ela disse.

Eu encontrei os olhos de Jason através da mesa, e o jeito como os olhos dele arregalaram me diziam que eu não estava imaginando coisas. Jason estava vendo o que estava acontecendo também.

Aqui estavam elas, Rooney e Pip, dois tipos de energia caótica muito diferentes, colidindo diante dos meus olhos. Eu me sentia arrebatada.

— Então você e Georgia são tipo melhores amigas, agora? — perguntou Pip, com uma risadinha fraca.

Eu estava prestes a protestar contra ser arrastada pro meio do que sabe Deus o que era isso, quando Rooney respondeu em vez disso.

— Eu diria que somos boas amigas já — disse Rooney, sorrindo e olhando pra mim. — Né?

— Aham — eu disse, porque não tinha mais nada que eu pudesse dizer.

— A gente de fato mora junto — Rooney continuou —, então sim. Por quê? Ciúmes?

Pip ficou um pouco vermelha.

— Só estava me perguntando se a gente teria que brigar pelo título de Melhor Amiga Suprema da Georgia.

— E eu não estou competindo? — Jason apontou, mas as duas garotas o ignoraram.

Rooney tomou um longo gole da cerveja dela, então se inclinou para mais perto de Pip.

— Você não parece o tipo boa de briga.

— Você está zoando a minha altura?

— Só estou comentando. Acho que você estaria em uma desvantagem natural comparada com a maioria das pessoas.

— Ah, mas eu tenho a raiva de pessoas baixinhas como vantagem.

Rooney sorriu.

— Não faço ideia de como é isso.

— Ei — eu falei alto, e tanto Pip quanto Rooney olharam para mim. — É pra gente estar se divertindo e se conhecendo melhor.

Elas piscaram.

— Não é isso que estamos fazendo? — perguntou Rooney.

— Eu preciso de uma *bebida* — Jason disse, alto, ficando em pé. Eu me pus de pé com ele, apertando o braço dele em apoio, e deixamos Rooney e Pip com a competição bizarra de implicância.

Eu sabia que ficar dependente de álcool para aliviar a ansiedade não era bom. Em um nível físico, eu nem gostava muito do sabor. Infelizmente, eu tinha crescido em um lugar onde quase todo mundo da minha idade bebia, então tinha aceitado que beber era "normal", como um monte de outras coisas, mesmo que nem sempre fosse o que eu queria fazer.

Jason pediu uma sidra, e eu pedi uma vodca dupla com limonada, e mais duas cervejas para Pip e Rooney.

— Eu sei que ela já fez essa coisa de desviar-dos-sentimentos-ficando-brava antes — disse Jason, sério, enquanto esperávamos no bar por nossas bebidas. — Só que eu não a vejo desse jeito desde Kelly Thornton, no primeiro ano.

— Isso é definitivamente pior — eu disse, lembrando-me de Kelly. Foi um confronto prolongado por causa de um lápis roubado, que tinha terminado com Pip atirando uma maçã meio-comida na cabeça dela e recebendo duas semanas de detenção. — Eu só quero que todo mundo seja amigo.

Jason riu, e me deu um empurrão com o ombro dele.

— Bom, ao menos eu estou aqui. Nós somos relativamente livres de drama.

Olhei para Jason. Seus grandes olhos castanhos e sorriso suave eram familiares. Nós nunca tínhamos tido nenhum drama. Até agora, pelo menos.

— É — eu disse. — Relativamente.

SOZINHA PRA SEMPRE

Continuei até ficar bêbada em tempo recorde. Talvez porque eu tinha pulado o jantar pra ficar lendo fanfics e comendo um pão na cama, ou talvez porque tinha bebido o equivalente a seis shots em quarenta e cinco minutos, mas seja lá o que foi, quando deram dez da noite, eu estava genuinamente relaxada e feliz, o que era definitivamente um sinal de que eu estava fora de mim.

Para reiterar: eu não estou defendendo esse tipo de coisa. Só que, ao mesmo tempo, eu não sabia como lidar com o que tinha sido uma semana longa e estressante, e com a perspectiva de muitas outras semanas longas e estressantes pelas quais eu teria que passar nos próximos três anos.

Acho que é justo dizer que eu não estava aproveitando a minha *experiência da faculdade* até agora.

Fomos para a cidade em torno das dez horas. Rooney tinha insistido. Eu teria protestado, mas eu queria verificar se ir a baladas era melhor se você ia com seus amigos. Talvez eu aproveitasse mais se Pip e Jason estivessem lá.

Pip e Rooney estavam pelo menos um pouco bêbadas e tinham dominado cerca de oitenta por cento da conversa. Jason estava meio quieto, o que não era anormal, e ele não pareceu se importar quando enganchei meu braço no dele conforme andávamos na direção do centro de Durham, para tentar minimizar o tanto que eu estava cambaleando conforme andava.

Rooney continuava a alternar entre bater boca com Pip, e então se virar para mim, seus longos cabelos esvoaçando no ar agitado de outubro, gritando:

— Nós precisamos te achar um HOMEM, Georgia! Precisamos achar um HOMEM pra você!

A palavra "homem" me enojava porque me fazia imaginar um cara muito mais velho que eu — ninguém da nossa idade era um *homem*, era?

— Eu vou encontrar um algum dia! — eu gritei de volta, mesmo eu sabendo que era mentira, que nada na vida era certo e que eu não tinha "tempo pra encontrar meu caminho" porque eu poderia ter um aneurisma no cérebro a qualquer instante, então morrer sem ter me apaixonado, sem entender quem eu era e o que eu queria.

— Você não precisa achar um homem, Georgia — Pip disse com a língua arrastada quando entramos na balada, na fila pro bar.

Não era a mesma balada grudenta e úmida do outro dia, mas uma nova. Era chique, moderna, e discordante em relação ao centro histórico de Durham. Estava tocando pop indie — Pale Waves, Janelle Monáe, Chvrches — e estávamos rodeadas por pessoas dançando sob luzes neon. Eu estava com um pouco de dor de cabeça, mas eu queria tentar aproveitar. Eu queria testar meus limites.

— Eu sei — respondi, felizmente longe de Rooney, que estava conversando intensamente com Jason sobre alguma coisa. Jason parecia moderadamente sufocado.

— Eu já aceitei que eu nunca vou encontrar ninguém — disse Pip, e demorou um instante pra meu cérebro captar todas as inferências dessa frase.

— Quê? O que aconteceu com o *você vai encontrar alguém no fim das contas porque todo mundo encontra*?

— Isso é uma regra de héteros — disse Pip, e isso me calou por um momento. Todas as vezes que ela tinha me dito "você vai encontrar alguém no fim das contas" ela nem tinha acreditado nisso pra ela mesma? — Não se aplica ao meu caso.

— Quê… não fala uma coisa dessas. Só não havia muitas garotas fora do armário quando estávamos na escola. Você não tinha muitas opções.

Pip tinha beijado duas garotas durante o tempo em que nos conhecíamos — uma delas tinha negado repetidamente que isso tinha acontecido, e a outra tinha falado pra Pip que ela na verdade não gostava dela desse jeito, achou que era só uma piada entre amigas.

Pip olhou para a superfície grudenta do balcão do bar.

— É, mas, tipo… Eu nem sei como namorar. Como é que isso *acontece*?

Eu não sabia o que dizer pra ela. Não era como se eu tivesse respostas, e mesmo que eu tivesse, nós duas estávamos bêbadas demais para tentar entendê-las.

— Tem alguma coisa de errado comigo? — disse ela, de repente, me olhando direto nos olhos. — Eu sou… muito irritante… eu só sou muito irritante pra todo mundo?

— Pip… — Eu coloquei um braço ao redor dos ombros dela. — Não, meu Deus. Não, claro que não. Meu Deus. Por que você acha isso?

— Sei lá — ela resmungou. — Só achei que podia ter uma razão específica pra eu estar sozinha pra sempre.

— Você não está sozinha pra sempre quando eu estou aqui. Eu sou sua melhor amiga.

Ela suspirou.

— *Tá bom*.

Eu a apertei, e então nossas bebidas chegaram.

— Você acha que, eu sendo sua melhor amiga, você poderia ao menos tentar *não* odiar Rooney com cada célula do seu corpo? Ao menos essa noite?

Pip tomou um gole da sidra.

— Eu vou fazer uma *tentativa.* Não faço promessas.

Isso teria que bastar.

Assim que terminamos nossas bebidas, Rooney começou a dançar. Ela também parecia conhecer diversas pessoas na balada, então ficava sumindo pra socializar em outro lugar. Eu me senti mal por pensar isso, mas na verdade isso não me incomodava, porque assim eu tinha um pouco de tempo para mim e para meus melhores amigos.

E, no fim das contas, ir pra balada *era* melhor quando você estava com pessoas que você conhece e ama. Pip conseguiu nos convencer a fazer nossos passinhos de dança idiotas de sempre, e, depois disso eu estava sorrindo, e rindo, e eu quase me senti *feliz.* Rooney tinha até se juntado a nós, e Pip tinha conseguido manter seu olhar laser em uma configuração mínima. Se não fosse pelos estudantes mais velhos assustadores compondo a multidão ao nosso redor, e a constante ameaça de Rooney tentar me juntar com algum cara, eu teria genuinamente me divertido.

Infelizmente, isso só durou meia hora antes de Rooney intervir.

Eu, Jason e Pip tínhamos ido sentar em uns sofás de couro quando Rooney apareceu com um cara que eu não conhecia. Ele estava vestindo uma camisa da Ralph Lauren, calças de sarja cor de pêssego e mocassins.

— Oi! — Rooney gritou por cima da música. — Georgia!

— Oi?

— Esse é o Miles! — Ela apontou para o cara. Eu olhei para ele. Ele sorriu de um jeito que imediatamente me irritou.

— Oi? — eu disse.

— Vem dançar com a gente! — Rooney esticou a mão para mim.

— Eu tô cansada — eu disse, porque estava mesmo.

— Acho que você e Miles iam se dar bem! — disse Rooney. Era dolorosamente óbvio o que ela estava tentando fazer.

E eu não queria seguir esse plano.

— Talvez depois! — eu disse.

Miles não pareceu se importar, mas o sorriso de Rooney se dissipou um pouco. Ela se aproximou mais de mim para que Miles não pudesse nos ouvir.

— Só tente! — ela disse. — Você pode só beijar ele e *ver*.

— Ela não está a fim — disse a voz de Jason do outro lado. Eu não tinha percebido que ele estava ouvindo.

— Só estou tentando ajudar.

— Eu sei — disse Jason. — Só que Georgia não quer. Dá pra ver na cara dela.

Rooney o encarou por um longo momento.

— Estou vendo — disse ela. — Interessante.

Miles já tinha saído para ficar mais perto dos amigos, então Rooney se virou para Pip, que também estava escutando a conversa com uma expressão severa, e disse:

— Quintana? Vamos dançar?

Ela disse isso como se estivesse desafiando-a para um duelo, então é claro que Pip aceitou e foi dançar com Rooney como se ela tivesse algo a provar. Rooney não estava sóbria o bastante para entender o que Pip estava tentando dizer: Rooney não a afetava. Exceto que era óbvio que sim. Eu me afundei de volta no sofá com Jason, e ficamos observando Rooney e Pip dançarem.

Quase parecia que Pip estava se divertindo, não fosse pela careta digna do Sr. Darcy cada vez que Rooney se aproximava demais. As luzes piscavam ao redor delas, e, a cada poucos segundos, elas ficavam escondidas de vista por outros corpos que dançavam e rostos sorrindo — mas então voltavam, e estavam um pouco mais próximas uma da outra, balançando com a música. Rooney se curvava acima de Pip, por causa das botas de salto gigantes, mas ela já era alguns centímetros mais alta normalmente, e, quando Rooney colocou os braços ao redor de Pip, eu fiquei preocupada que elas de repente fossem cair, então Pip começou a protestar, só que deve ter sido ignorada, percebendo que foi ela mesma que se colocou nessa situação e agora teria que lidar com isso.

Por um instante, achei que Rooney ia se inclinar e beijar Pip, mas ela não fez isso.

Pip me lançou um olhar, e eu só sorri para ela, então parei de observá-las. Elas não iriam se matar. Eu esperava.

Jason e eu comemos um saco de salgadinhos que Jason tinha conseguido no bar, e ficamos conversando, o que me lembrou do que costumávamos fazer durante o ensaio final do teatro na escola quando nós não participávamos da cena. Pip sempre pegava o papel da protagonista então ficava ocupada o dia todo, mas Jason e eu saíamos de fininho para sentar atrás da cortina em algum lugar, comendo salgadinhos e vendo compilações do TikTok no meu celular, tentando não rir alto demais.

— Está sentindo falta de casa? — Jason perguntou.

Pensei um pouco.

— Não sei. Você?

— Não sei — disse ele, fechando os olhos e jogando a cabeça pra trás. — Quer dizer, estou com um pouco de saudades. — Ele riu. — Estou com saudade dos meus pais, mesmo que eles me liguem todos os dias. E eu já assisti ao filme do Scooby-Doo quatro vezes. Só pra me reconfortar. Só que a escola era infernal. Não tenho saudades da escola.

— Hum.

Por enquanto, a faculdade não era melhor. Ao menos não pra mim.

— Que foi?

— Eu gosto de estar *aqui* — eu disse.

— Na faculdade?

— Não, aqui. Com você.

Jason abriu os olhos de novo e virou pra mim. Ele sorriu.

— Eu também.

— GEORGIA! — gritou Rooney, cambaleando da pista de dança até a gente. — Você encontrou um HOMEM.

— Não — eu disse. — Esse é meu amigo Jason. Lembra?

— Eu sei quem ele é — ela disse, se abaixando na nossa frente. — Eu sei exatamente o que está acontecendo aqui. — Ela apontou um dedo pra mim. — *Você*. — Ela apontou pra Jason. — E *ele*. — Ela juntou as mãos. — Muitos. Sentimentos. Bagunçados.

Eu só sacudi a cabeça, e eu senti Jason se afastar minimamente de mim enquanto dava uma risada desconfortável. Do que Rooney estava falando?

Rooney deu um tapinha no ombro de Jason.

— É legal. Mas você deveria contar pra Georgia.

Jason não falou nada. Eu olhei para ver se ele sabia do que Rooney estava falando, mas o rosto dele não deixava nada transparecer.

— Não entendi — eu disse.

— Você é muito interessante — disse Rooney para Jason —, e muito chato ao mesmo tempo, porque você nunca *faz* nada.

— Eu vou ao banheiro — disse Jason, se levantando com uma expressão no rosto que eu só via quando ele estava bêbado. Irritação profunda. Ele estava genuinamente bravo. Ele se afastou de nós.

— Isso foi bem grosseiro da sua parte — eu disse pra Rooney. Acho que eu estava genuinamente brava também.

— Você sabe que Jason gosta de você?

As palavras me atingiram como um raio.

Você sabe que Jason gosta de você?

Jason. Um dos meus melhores amigos no mundo inteiro. Nós nos conhecíamos havia mais de quatro anos, e passamos mais tempo juntos do que eu era capaz de contabilizar, e eu conhecia o rosto dele tão bem quanto o meu. A gente podia falar tudo um pro outro.

Mas ele não tinha falado *isso* pra mim.

— O quê? — eu grunhi, sem conseguir respirar.

Rooney riu.

— Você está zoando? O *crush* dele em você é tão óbvio que dói de ver.

Como é que isso era *possível*? Eu era excelente em reconhecer sentimentos românticos. Eu sempre sabia quando as pessoas estavam flertando comigo, ou umas com as outras. Eu *sempre* sabia quando Pip e Jason tinham *crushes* em outras pessoas.

Como é que eu tinha deixado isso passar?

— Ele é um cara adorável — disse Rooney, a voz dela mais suave, conforme se sentava no sofá ao meu lado. — Você nunca considerou essa possibilidade?

— Eu… — Eu comecei a dizer a Rooney que eu não gostava dele desse jeito, mas será que eu sequer sabia como era ter sentimentos românticos? Eu havia tido um *crush* no Tommy por sete anos, e, no fim das contas, não tinha sido nada.

Jason *era* um cara amável. Quer dizer, eu o amava.

E então de repente a ideia estava girando no meu cérebro, e eu não conseguia me impedir de ficar *imaginando*. Talvez fosse como todas as comédias românticas americanas a que passei a maior parte da minha adolescência assistindo; talvez Jason e eu *devêssemos* ficar juntos como os dois protagonistas de *De repente 30* ou *A Mentira*, e talvez ele tivesse "estado lá o tempo todo", talvez eu só não tivesse me conectado aos meus sentimentos românticos porque eu me sentia tão confortável e segura perto de Jason que eu só o tinha designado como "melhor amigo" quando na verdade ele poderia ser "namorado".

Talvez, se eu me abrisse, se eu me *esforçasse* — talvez Jason fosse o amor da minha vida.

— O que… o que eu faço? — eu sussurrei.

Rooney colocou as mãos de volta no bolso.

— Não sei ainda. Mas — ela ficou em pé, os cabelos cascateando pelos ombros como a capa de um super-herói —, eu acho que vou conseguir resolver essa sua situação de *nunca fui beijada*.

IMATURA

Eu acordei de um sonho naquela noite quando Rooney voltou pro nosso quarto. Ela tinha falado para retornarmos pra faculdade sem ela. Eu não conseguia vê-la direito sem meus óculos, mas ela parecia estar andando na ponta dos pés como um personagem de desenho. Ela ligou a chaleira para fazer a costumeira xícara de chá pós-saída, e, quando abriu o guarda-roupa, vários cabides caíram, fazendo um barulho bem alto. Ela congelou e disse:

— Ai, não.

Coloquei meus óculos bem na hora para vê-la se virando para mim com uma expressão culpada.

— *Desculpa* — ela sussurrou, bem alto.

— Tudo bem — eu murmurei, ainda rouca de sono. Olhei para o meu celular. 5:21 da manhã. Como. *Como* qualquer ser humano conseguia ficar acordado, ainda mais *na balada* por tanto tempo? Eu já tinha cometido meus erros noturnos de fanfics de mais de duzentas mil palavras, mas isso era só ficar na cama lendo. — Não sabia que algum lugar ficava aberto até tão tarde.

Rooney riu.

— Ah, não, não ficam. Eu estava na casa de um cara.

Eu franzi o cenho, um pouco confusa. Só que aí eu entendi. Ela estava na casa de um cara, transando.

— Ah — eu disse. — Legal.

Eu achava mesmo que era legal. Eu sempre tive um pouco de inveja de pessoas que eram tão positivas sexualmente, e se sentiam confortáveis consigo mesmas o bastante pra transar com qualquer um que gostassem. Eu não conseguia nem imaginar me sentir confortável o bastante para deixar alguém me beijar, muito menos ir pra casa de um desconhecido e tirar as roupas.

Ela deu de ombros.

— Não foi ótimo, pra ser sincera. Um pouco decepcionante. Mas, sabe. Por que não? Todo mundo está a fim esta semana.

Eu estava curiosa do porquê desse cara ter sido um pouco decepcionante, mas talvez fosse invasivo demais perguntar.

Rooney então soltou um gemido dramático, virou o corpo e sussurrou:

— *Me esqueci de botar água no Roderick* — então rapidamente encheu uma xícara de água, correu até a sua planta e virou tudo no vaso.

— Você acha que… — eu comecei, mas então parei. O sono estava me fazendo querer ser honesta.

Eu não gostava de ser honesta.

— O quê? — perguntou ela, terminando de cuidar de Roderick. Ela andou até a cama dela e tirou os saltos.

— Você acha que eu sou imatura? — eu perguntei, os olhos inchados, meu cérebro ainda não inteiramente acordado.

— Por que eu acharia isso? — Ela começou a abrir o zíper do macacão.

— Porque eu nunca transei com ninguém nem beijei ninguém nem… nada disso. E eu não estou… ficando com caras e… sabe.

Sendo você. Fazendo o que você faz.

Ela olhou pra mim.

— *Você* acha que você é imatura?

— Não. Só acho que muitas outras pessoas acham isso.

— Elas já te falaram isso?

Eu me lembrei da festa depois da formatura.

— Aham — respondi.

Rooney tirou o macacão e sentou na cama dela só de calcinha e sutiã.

— Que péssimo.

— Então, eu sou?

Rooney hesitou.

— Acho que é incrível que você resistiu a ser pressionada a fazer qualquer coisa até agora. Você não se obrigou a fazer nada que não quisesse fazer. Você não beijou ninguém só porque está com medo de estar perdendo alguma coisa. Acho que é uma das atitudes mais maduras que já vi, na verdade.

Fechei meus olhos e pensei em falar pra ela o que aconteceu com Tommy. Eu quase o tinha beijado.

Só que, quando abri meus olhos de novo, eu a vi só sentada na cama, encarando a foto da Beth de cabelos de sereia. Beth deveria ter sido uma ótima amiga. Era a única foto que Rooney tinha colocado na parede.

Então ela virou a cabeça para me encarar e disse:

— Então, você vai tentar sair com Jason?

Tudo voltou à tona, e isso bastou.

Uma sugestão.

Rooney dizendo: "Você não vai saber até tentar."

Rooney dizendo: "Ele é bem fofo. Você tem certeza de que não gosta dele, talvez, tipo, um pouquinho? Vocês se dão *muito* bem."

Rooney dizendo: "Você age como se vocês fossem feitos um pro outro."

Isso foi o que bastou para eu pensar…

É.

Talvez.

Talvez eu pudesse me apaixonar por Jason.

NÓS AMAMOS MESMO UM DRAMA

A reunião de introdução do Teatro Estudantil de Durham aconteceu quatro dias depois — na terça-feira da minha segunda semana na faculdade — dentro do teatro da assembleia. Rooney quase teve que me arrastar fisicamente até lá depois de eu passar o final de semana inteiro no quarto, exausta depois de cinco dias de socialização intensa, mas eu tinha que ficar lembrando a mim mesma que eu precisava fazer isso, que eu *queria* fazer isso, me abrir mais e ter novas experiências. E Jason e Pip estariam lá, então não seria de todo ruim.

Os assentos estavam quase todos cheios, já que *um monte* de gente estava interessada em ser parte da TED, mas eu e Rooney vimos Pip sentada nos fundos da plateia, então fomos nos juntar a ela. Eu provavelmente deveria ter sentado diplomaticamente entre Rooney e Pip, mas Rooney acabou entrando na fileira de assentos antes de mim, levando a um cumprimento muito estranho entre as duas.

Instantes depois, Jason chegou. Ele estava arfando e parecia um pouco suado.

Eu me perguntei se eu deveria achar isso atraente, tipo quando alguém vai malhar.

— Esse… assento… está ocupado?

Eu sacudi a cabeça

— Não. — Eu pausei enquanto ele sacudiu a camiseta para longe do peito, e então tirou a jaqueta de pelúcia. — Você está bem?

Ele assentiu.

— Eu só corri… desde a biblioteca… e agora eu estou morrendo.

— Você chegou bem na hora.

— Eu sei. — Ele se virou e olhou para mim de verdade, me oferecendo um sorriso caloroso. — Oi.

Eu sorri de volta.

— Oi.

— Então você tem certeza de que quer fazer isso?

— Aham. E mesmo se não tivesse, acho que teria sido obrigada por essas duas. — Apontei para Rooney e Pip, que estavam ignorando uma à outra.

— Verdade. — Ele cruzou uma perna por cima da outra, e não me deu a chance de dizer nada antes de começar a vasculhar a mochila. Depois de um instante, ele tirou um pacote aberto de pipoca salgada tamanho família e me ofereceu. — Pipoca?

Eu estiquei a mão e peguei um punhado.

— Salgada. Você é um herói.

— Nem todos nós usamos capa.

Eu estava prestes a concordar, mas então as luzes diminuíram, como se estivéssemos prestes a assistir a uma peça de teatro de verdade, e a primeira reunião do Teatro Estudantil de Durham do ano começou.

O nome da presidente era Sadie, e ela tinha a voz mais clara e envolvente que eu já tinha ouvido. Ela explicou o sistema da TED, que era incrivelmente complicado, mas a ideia principal era que cada sociedade dentro da TED ganhava um tanto de orçamento para fazer uma produção própria, criada inteiramente pelos alunos dentro daquela sociedade. Rooney estava anotando várias coisas enquanto Sadie explicava.

A reunião durou uma hora, e Jason e eu ficamos sentados e dividimos a pipoca o tempo todo. Era pra isso significar alguma coisa? Isso era um flerte? Não. Não, isso era só uma coisa que amigos faziam, certo? Éramos só Jason e eu sendo normais.

Achei que eu *soubesse* esse tipo de coisa. Eu *entendia* flertes. Só que agora, quando se tratava de Jason, eu não fazia ideia do que pensar.

Quando a reunião finalmente acabou, Rooney e Pip foram se juntar à fila de calouros que tinham algo para perguntar para a Presidente Sadie. Elas andaram juntas, mas não olharam uma para a outra.

Jason e eu ficamos nos nossos assentos lembrando as histórias mais engraçadas do grupo de teatro juvenil. De *Hairspray,* quando o diretor musical baixou a versão genérica da trilha sonora e todas as músicas soavam errado. De *Drácula,* quando Pip escorregou em sangue falso e rasgou as cortinas do palco. De *Romeu e Julieta,*

quando Jason e eu estávamos pintando o cenário e ficamos presos na sacada por duas horas porque todo mundo tinha saído para comer e esqueceu que estávamos lá.

Talvez tenha sido o fato de eu estar rodeada por pessoas barulhentas do teatro durante a última hora.

Talvez tenha sido o fato de que eu genuinamente gostava de Jason desse jeito.

Seja lá o que foi, me deu confiança pra dizer:

— Então, eu estava pensando… nós deveríamos… fazer alguma coisa.

Ele ergueu as sobrancelhas, intrigado.

— Alguma coisa?

Ai meu Deus. Por que eu estava fazendo isso? *Como* eu estava fazendo isso? Eu tinha sido possuída pelo espírito de alguém que tinha autoconfiança de verdade?

— É — falei. — Sei lá. Ir ao cinema, ou — Espera. Que coisas divertidas as pessoas faziam em encontros? Vasculhei meu cérebro, mas de repente todas as fanfics que eu tinha lido foram deletadas da minha memória. — Comer… alguma coisa.

Jason me encarou.

— Georgia, o que você está fazendo?

— É que… a gente… deveria sair.

— A gente sai o tempo todo.

— Quero dizer só nós dois.

— Por que só nós dois?

Houve uma pausa.

E então ele pareceu entender.

Os olhos dele se arregalaram. Ele se afastou de mim, e então se aproximou de novo.

— Você… — Ele deixou escapar uma risadinha pequena e incrédula. — Parece que você está me chamando pra um encontro, Georgia.

Fiz uma careta.

— Hum. Bom, é.

E então ele disse:

— Por quê?

Não era exatamente como eu esperava que ele reagisse.

— Eu só… — hesitei. — Acho que… não sei. Eu quero. Ir num encontro com você. Se você também quiser.

Ele só continuou encarando.

— Se você não quiser, tudo bem. Dá pra gente esquecer esse assunto.

Consigo sentir minhas bochechas esquentando. Não porque Jason estava me deixando particularmente envergonhada, mas porque eu era um desastre, e tudo que eu fazia era um erro trágico.

— Ok — ele disse. — É. Vamos fazer isso.

— Sério?

— Sério.

Nós nos encaramos. Jason era um cara atraente, e era uma boa pessoa também. Ele era claramente o tipo de pessoa de quem eu deveria gostar romanticamente. De quem eu *poderia* gostar romanticamente. Ele parecia um namorado.

Eu amava a personalidade dele. Eu amava a personalidade dele havia anos.

Então eu poderia me *apaixonar* por ele. Com um pouco de esforço. Definitivamente.

Jason foi embora correndo para uma aula, me deixando um pouco chocada porque eu tinha conseguido fazer o que acabara de fazer, mas logo fiquei distraída pelas vozes erguidas na frente do auditório. Vozes que pertenciam à Rooney e Sadie, a presidente da TED.

Quase não havia mais ninguém no teatro agora, então fui até onde Rooney e Pip estavam em frente ao palco com Sadie. Pip estava sentada na fileira do gargarejo, assistindo à conversa — ou discussão, eu ainda não tinha certeza — acontecer.

— Nós só temos orçamento para uma nova sociedade esse ano — disse Sadie, firme. — E já foi dado à Sociedade de Mímica.

— *Sociedade de Mímica?* — Rooney rugiu. — Você está zoando? Desde quando *mímica* é mais importante do que *Shakespeare*?

Sadie lançou a ela um olhar como se estivesse muito, muito cansada de ter que lidar com gente como Rooney.

— Nós da TED não gostamos de esnobismo.

— Eu não estou sendo *esnobe*, eu só… — Rooney respirou fundo, claramente tentando não gritar. — Eu só não entendo o porquê de vocês terem se livrado da Sociedade Shakespeare, pra começo de conversa!

— Porque não tinha membros o suficiente para continuar — disse Sadie, calma.

Sentei ao lado de Pip na primeira fila. Ela se inclinou para mim e sussurrou:

— Eu só queria perguntar qual seria a Peça dos Calouros esse ano.

— E qual é?

— Não faço ideia. Essa discussão ainda está acontecendo.

— E se eu mesma financiasse a sociedade? — Rooney perguntou.

Sadie ergueu uma sobrancelha.

— Continue.

— Eu… não preciso de nenhum dinheiro da TED. Eu só quero fazer uma peça de Shakespeare. — Ela parecia genuinamente *desesperada*. Eu não fazia ideia de que ela se importava tanto com isso, pra ser sincera.

— Você sabe quanto dinheiro custa pra montar uma peça?

— Hum… não, mas…

— Alugar o teatro? As fantasias? O cenário? Espaço de ensaio? Tudo isso usando o tempo e os recursos da TED?

— Bem, não, mas eu…

Sadie suspirou de novo.

— Você precisa de pelo menos cinco membros para contar como uma sociedade — disse ela. — E vou alugar o teatro para você para *uma* apresentação.

Rooney fechou a boca. Piscou uma vez. Então disse:

— Espera, sério?

— Não vou mentir, só estou fazendo isso pra você parar de me encher o saco. — Sadie tirou um caderno de baixo de uma pilha de folhetos que estava com ela no palco. — Quem são seus membros?

— Rooney Bach — disse Rooney, então olhou para mim e para Pip.

Não tivemos tempo de protestar.

— Felipa Quintana — disse Rooney.

— Pera aí, não — disse Pip.

— Georgia Warr.

— Quê? — eu perguntei.

— E Jason Farley-Shaw.

— Isso não é um crime? — disse Pip.

— Quem é o quinto? — perguntou Sadie.

— Hum — Rooney hesitou. Eu achei que ela ia só apresentar o nome de um dos seus muitos amigos, mas parecia que ela não conseguia pensar em ninguém. — Er, acho que não temos um quinto membro ainda.

— Bom, é melhor você arrumar um rápido, ok? Nós vamos financiar isso. Eu preciso saber que você está levando isso a sério.

— Eu estou.

— Façam uma boa peça até o fim do ano, e eu vou considerar dar um financiamento completo pra vocês no ano que vem. Isso parece razoável?

— Hum. Sim. Claro. — Rooney descruzou os braços. — O-obrigada.

— De nada. — Sadie esticou o braço para pegar uma garrafa de plástico e tomou um gole profundo, o que me fez pensar que seja lá o que fosse o conteúdo, não era água. — Eu não acho que você entenda o quanto de trabalho dá fazer uma peça. Precisa ser *boa*, ok? Algumas de nossas peças vão pro festival de artes Edinburgh Fringe.

— Vai ser boa — disse Rooney, assentindo. — Prometo.

— Ok. — Sadie olhou diretamente para mim quando ela disse, em tom sério: — Bem-vinda ao Teatro Estudantil de Durham. Nós amamos mesmo um drama.

— Eu não entendo por que você simplesmente não me deixa ganhar essa e faz parte da minha peça — Rooney brigou com Pip enquanto nós voltávamos pra faculdade. — O que você ia fazer? Se alistar na Sociedade de Mímica?

— Eu ia fazer a Peça dos Calouros como uma caloura *normal* — Pip brigou de volta. — Eles vão fazer *A importância de ser prudente*, pelo amor de Deus. É um clássico.

— Shakespeare significa *muito* pra mim, ok? É basicamente uma das únicas coisas de que eu gostava na escola…

— E é pra eu esquecer meus hobbies e interesses porque você tem uma história triste? Aqui não é a porra do X Factor.

Eu estava andando alguns passos atrás de Pip e Rooney enquanto elas brigavam, as vozes ficando gradualmente mais e mais altas. As pessoas ao nosso redor na rua começaram a observar a cena conforme passavam.

Pip se abraçou mais na jaqueta bomber e passou a mão no cabelo.

— Eu sei que você era tipo uma estrela no teatro da sua escola, mas, tipo, eu também era, e você não pode só chegar aqui e fingir que você é melhor do que eu só porque você gosta de Shakespeare.

Rooney cruzou os braços.

— Bom, *eu* acho que fazer Shakespeare é um pouco mais digno de nota do que uma peça qualquer de comédia.

— *Peça qualquer de comédia?* Peça desculpas pro Oscar Wilde agora mesmo, caralho!

Rooney travou, fazendo todas nós pararmos. Eu estava contemplando correr pra dentro do café mais próximo. Ela deu um passo pequeno na direção de Pip, então pareceu mudar de ideia, e deu um passo para trás, mantendo uma distância segura entre elas.

— Você só está aqui pra *se divertir*. Bom, eu estou aqui pra fazer alguma coisa significativa de verdade.

Pip sacudiu a cabeça.

— Mas que *porra* você está *falando*, cara? É a sociedade de teatro. Não um partido político.

— Argh, você é tão *irritante*.

— Você também!

Houve um momento de silêncio.

— Entra na minha sociedade, por favor — disse Rooney. — Preciso de cinco membros.

Pip olhou para ela sem mudar de expressão.

— Qual peça você vai fazer?

— Ainda não sei.

— Pode ser uma comédia? Não vou entrar se a gente for fazer uma daquelas peças históricas chatas.

— Vai ser uma comédia ou tragédia. Sem peças históricas.

Pip estreitou os olhos.

— Vou pensar no seu caso — disse ela.

— Sério?

— Sério. Mas eu ainda não gosto de você.

Rooney sorriu abertamente.

— Eu sei.

Pip foi na direção de Castle, deixando Rooney e eu sozinhas na rua de paralelepípedos ao lado da catedral.

— O que acabou de acontecer? — perguntei.

Rooney soltou um longo fôlego. Então ela sorriu.

— Nós vamos fazer uma peça.

HABILIDADE DE ENCONTRO

Eu tinha de alguma forma convidado um dos meus melhores amigos para um encontro, e não tinha jeito de voltar atrás, o que significava que eu provavelmente precisava seguir e ir de verdade a um encontro com Jason Farley-Shaw.

Ele acabou me mandando uma mensagem no dia seguinte à reunião da TED.

Jason Farley-Shaw
Oi ☺ Então, que tal aquele filme/comida?

Recebi a mensagem enquanto Rooney e eu estávamos em uma aula de introdução à poesia, então, em vez de escutar o professor monologar sobre Keats, passei uma hora analisando a mensagem. Eu não abri, mas podia ler tudo da minha tela principal. Eu não queria abrir, porque não queria que ele soubesse que eu tinha lido, porque, se ele soubesse, eu teria que responder para que ele não achasse que eu o estava ignorando, e por alguma razão, a ideia de prosseguir com esse incrivelmente novo e incrivelmente estranho flerte com Jason estava querendo me fazer trancar a faculdade e ser aprendiz de encanador do meu irmão.

O emoji muito normal de carinha feliz e o único ponto de interrogação sensato eram extremamente *contra* o caráter de Jason, o que sugeria que ele também tinha pensado demais nessa conversa. Como eu deveria responder? Eu deveria ser educada e me adequar a regras gramaticais? Ou deveria mandar memes logo de cara, como sempre? Como é que isso funcionava?

Para ser absoluta e inteiramente honesta, eu não queria ir a um encontro com ele de jeito nenhum.

Mas eu queria *querer* ir a um encontro com ele.

Essa era a essência do problema.

— Por que você está encarando seu celular como se você quisesse que ele explodisse com o poder da sua mente? — perguntou Rooney ao voltarmos pro quarto depois de sair da aula.

Eu decidi ser sincera. Rooney provavelmente saberia como lidar com isso.

— Jason me mandou uma mensagem — eu disse.

— Ah! — Ela jogou a mochila no chão e se largou na cama, chutando seus All Star e tirando o cabelo do rabo de cavalo. — Legal. O que ele disse?

Sentada na minha própria cama, estiquei meu celular pra ela ver.

— Eu meio que o chamei pra um encontro ontem.

Rooney pulou da cama dela.

— Você fez *O QUÊ*?

Eu hesitei.

— Hum. Chamei ele pra um encontro. Isso foi… errado?

Ela me encarou por um bom tempo.

— Eu não te entendo — disse ela, finalmente.

— Sei.

Ela sentou de novo, pressionando os dedos contra os lábios.

— Ok, bom… bom. Isso é bom. — Ela respirou fundo. — Como isso *aconteceu*?

— Sei lá, eu só estava pensando nisso depois do que você disse e, quer dizer, acho que pensei, tipo, eu *percebi*… — Cruzei meus braços. — Eu gosto.

— Você gosta do quê?

— Dele.

— Romanticamente?

— Hum.

— Sexualmente?

Eu gaguejei alto, porque de repente eu estava imaginando fazer sexo com Jason.

— Quem pensa em sexo assim tão rápido?

Rooney soltou um barulho do fundo da garganta.

— Eu.

— Enfim, eu gosto dele. — Eu *gosto*. Eu gostava. Provavelmente gostava.

— Ah, eu *sei* que você gosta. Vi isso desde o momento que eu o vi. — Ela suspirou, feliz. — É tipo um filme.

— Eu não sei o que mandar de volta na mensagem — falei. — Me ajuda.

Eu fiquei um pouco envergonhada. Isso era uma coisa simples, pelo amor de Jesus Cristo. Era uma habilidade de encontro do nível de alguém de doze anos.

Rooney piscou. Então ela levantou da cama, foi até mim, e gesticulou para que eu abrisse espaço. Eu obedeci, e ela se jogou no edredom ao meu lado, pegando o celular das minhas mãos. Ela abriu a mensagem antes que eu pudesse impedi-la.

Eu fiquei observando enquanto ela lia.

— Ok — ela disse, e então digitou uma mensagem por mim e mandou.

Georgia Warr
Claro! Você está livre essa semana?

— Ah — falei.

Ela colocou o celular de volta nas minhas mãos.

Eu esperei que ela me perguntasse o porquê de eu não conseguir cumprir uma tarefa tão simples. Esperei que ela talvez fosse rir, de um jeito cuidadoso, sobre como eu estava entrando em pânico por causa disso.

Ela ficou me olhando, e eu esperei ela perguntar: *Foi assim tão difícil? Por que você mesma não fez isso? Você quer de fato falar com Jason? O seu pânico é porque você tem um crush nele ou você só está em pânico porque você nem sabe o que você está fazendo, ou o porquê de estar fazendo, ou se você sequer quer estar fazendo isso? Você está em pânico porque, se você nem mesmo quer fazer isso, talvez você nunca queira fazer isso?*

Só que, em vez disso, ela só sorriu e disse:

— De nada.

DIRETO DE UM ROMANCE

Jason e eu combinamos nosso encontro para aquele sábado, o que significava que eu tinha cinco dias inteiros para entrar em pânico.

Felizmente, a minha segunda semana na faculdade serviu de distração.

Tanto Rooney quanto eu agora éramos obrigadas a encarar *trabalhos de faculdade de verdade* — aulas de verdade e seminários e ler dez livros inteiros em quatro semanas. E ainda estávamos nos acostumando com viver nossa vida juntas. Sempre íamos às aulas e ao almoço juntas, mas ela gostava de descer para o bar à noite ou ir pra balada com outros amigos, enquanto eu preferia ficar sentada na cama comendo biscoito e lendo fanfic. Às vezes Rooney falava comigo sobre as ideias que tinha sobre a peça de Shakespeare, conversando animada sobre como ela faria o cenário, as fantasias e a encenação, outras vezes nós só conversávamos sobre qualquer coisa — séries de TV, fofocas da faculdade, nossas vidas em casa.

Eu não entendia por que Rooney tinha me escolhido. Obviamente, ela poderia ter qualquer um que quisesse do jeito que quisesse — amigo, parceiro, ficante, até alguém pra trocar farpas amigavelmente. Só que, mesmo conseguindo fazer amizade com qualquer um e ter ao menos cinquenta conhecidos, era comigo que ela comia, e andava por Durham, e com quem passava tempo se ela não estava indo a festas.

Eu provavelmente só era conveniente. Essa era a natureza de colegas de quarto.

Só que ao todo, era ok. Eu era ok. Talvez eu não fosse a socialite que eu estava esperando ser quando vim pra faculdade, mas morar com Rooney era *ok*, e eu tinha até conseguido marcar um encontro com alguém. Um encontro romântico de verdade.

As coisas estavam melhorando.

Acontece que não tinha nada de interessante pra fazer em Durham fora comer, beber e ir ao cinema. A não ser que você gostasse de olhar prédios velhos. Mas até mesmo isso ficava cansativo depois de você passar todo dia por eles no caminho para o supermercado.

Eu queria pensar em algo que fosse divertido de verdade pra fazer com Jason, tipo patinação no gelo ou boliche ou um desses bares legais que também têm minigolfe. Só que Jason imediatamente sugeriu irmos para a sorveteria na rua Saddler, e eu não tinha nada melhor pra sugerir, então concordei. Além de que, sorvete é ótimo.

— Você vai pro seu encontro? — Rooney perguntou, quando eu estava prestes a sair do nosso quarto sábado à tarde, uns dez minutos antes do horário marcado. Ela examinou minha roupa de cima a baixo.

— Sim? — eu falei, olhando pra mim mesma.

Eu estava vestindo minhas roupas normais — jeans de cintura alta, um suéter de lã curto e meu casaco. Achei que eu parecia bonitinha, na verdade, do meu jeito de sempre, de vendedora de livros acolhedora. Nós só estávamos indo tomar sorvete, pelo amor de Deus.

— Você está fofa — disse Rooney, e senti que ela estava sendo sincera.

— Valeu.

— Você está animada?

Na verdade, não. Achei que era porque estava nervosa. Todo mundo ficava nervoso para o primeiro encontro. E eu estava *muito* nervosa. Eu sabia que precisava me acalmar e ser eu mesma, e se eu não sentisse aquela faísca depois de um tempo, então só não era pra ser.

No entanto, eu também sabia que essa era a chance de eu finalmente experimentar o romance e ser alguém que tem experiências divertidas e legais, e que não vai morrer sozinha.

Sem pressão, né.

— Pistache — disse Jason, olhando pra minha escolha de sorvete conforme íamos nos sentar à mesa. Ele estava usando a mesma jaqueta de pelúcia, que eu amava porque me dava sensação de familiaridade e conforto. — Eu esqueci que você é um gremlin nojento quando se trata de sorvete.

A sorveteria era bonitinha, pequena e decorada com tons pastéis e flores. Eu admirei Jason por sugerir o lugar. Parecia que tinha saído direto de um romance.

Eu olhei para a escolha dele de sorvete.

— Creme? Quando eles têm sorvete de cookies?

— Não maltrate o sorvete de creme. É um clássico. — Ele colocou uma colher na boca e sorriu.

Eu ergui minhas sobrancelhas.

— Eu esqueci o quanto você é sem graça.

— Eu não sou sem graça!

— É uma escolha sem graça. Só isso que estou dizendo.

Nós sentamos à pequena mesinha redonda da sorveteria e conversamos durante uma hora.

Falamos sobre a faculdade na maior parte do tempo. Jason explicou que as aulas de história já estavam um pouco chatas, e eu reclamei da quantidade de material na minha lista de leitura. Jason admitiu que ele não achava que o estilo de vida de beber e baladas era pra ele, e eu disse que sentia o mesmo. Passamos um tempão falando sobre como nós dois ficamos enormemente decepcionados com a Semana dos Calouros — que havia sido divulgada como a melhor semana de toda a sua vida universitária, e que no fim era só uma semana de bebida infinita, baladas nojentas, e fracassar em fazer amigos de verdade.

Finalmente, a conversa diminuiu um pouco, porque nós nos conhecíamos havia anos, e já tínhamos tido dezenas, se não centenas, de conversas profundas. Nós já estávamos na altura em que o silêncio não parecia constrangedor. A gente já se *conhecia*.

Só que a gente não sabia fazer isso.

Ser romântico.

Ir a *encontros*.

— Isso é esquisito, né? — Jason disse. Nós já tínhamos terminado o sorvete havia tempos.

Eu estava apoiada na minha mão, o cotovelo na mesa.

— O que é esquisito?

Jason olhou para baixo, um pouco envergonhado.

— Bem… o fato de que nós… sabe… estamos fazendo isso.

Ah. É.

— É… — Eu não sabia exatamente o que dizer. — Acho que sim. Um pouco.

Jason manteve seus olhos firmemente voltados para baixo, sem olhar pra mim.

— Fiquei pensando nisso a semana inteira e eu só… quer dizer, eu nem pensei que você poderia gostar de mim dessa forma.

Nem eu. Só que até aí, eu não fazia ideia de como "gostar de alguém dessa forma" deveria ser. Se fosse para eu ficar com alguém, provavelmente seria ele.

A voz dele ficou um pouco mais silenciosa, e ele sorriu, envergonhado, como se ele não quisesse que eu visse o quão nervoso ele estava.

— Você só está fazendo isso por causa do que Rooney disse quando fomos pra balada aquele dia?

Eu me empertiguei.

— Não, não… bom, talvez, um pouquinho? Eu achei que ela falar em voz alta me fez *perceber* propriamente o que eu queria. Então… eu acho que *comecei* a pensar nisso depois, e… foi isso. Só tinha a sensação de… acho que parecia a coisa certa a se fazer.

Jason assentiu, e eu torci pra que eu estivesse fazendo sentido.

Eu precisava ser sincera. Jason era meu melhor amigo. Eu precisava fazer isso funcionar, e também respeitar o meu próprio tempo.

Eu amava Jason. Eu sabia que podia ser sincera com ele.

— Você sabe que eu nunca fiz isso antes — eu falei.

Ele assentiu de novo. Entendendo.

— Eu sei.

— Eu… quero ir devagar.

Ele ficou um pouco vermelho.

— É. Claro.

— Eu gosto de você — eu disse. Ao menos, eu pensava que sim. Eu poderia, se eu tentasse, se eu me *encorajasse*, se eu fingisse que fosse real até realmente *ser*. — Quer dizer, eu acho que posso… eu quero dar uma chance, e eu não quero me arrepender de nada quando estiver no meu leito de morte.

— Ok.

— Eu só não sei bem o que eu estou fazendo. Tipo. Teoricamente, sim, mas na prática… não.

— Ok. Tudo bem.

— Ok. — Eu acho que também estava ficando um pouco vermelha. Minhas bochechas pareciam quentes. Era porque eu estava sem graça perto de Jason ou porque essa coisa toda era esquisita de se falar?

— Eu não me importo de ir devagar — disse Jason. — Tipo, todas minhas experiências românticas até agora foram um pouco merda.

Eu sabia tudo sobre as experiências românticas passadas de Jason. Eu sabia que o primeiro beijo dele foi com uma menina que ele achou que gostava, só que o beijo foi tão ruim que ele não quis tentar de novo por um tempo. E eu sabia tudo sobre a namorada com quem ele tinha ficado por cinco meses quando estávamos no último ano — Aimee, que estava no nosso grupo de teatro. Aimee era meio irritante de um jeito *Jason é minha propriedade e eu não quero que ninguém fique perto dele*, e Pip e eu nunca gostamos dela, mas Jason tinha ficado feliz por um tempo, então apoiamos o relacionamento.

Ou, ao menos, fizemos isso até descobrirmos que Aimee tinha feito um monte de comentários pro Jason sobre como ele não podia sair com certas pessoas, e que ele precisava parar de falar com outras meninas — incluindo Pip e eu. Jason aguentou isso por *meses* até ele perceber que ela era, de fato, uma pessoa tóxica.

Jason tinha transado pela primeira vez com ela, e me irritava que ele tinha tido essa experiência com alguém que era assim.

— Isso não vai ser uma merda — eu disse, então reformulei a frase. — Isso não vai ser uma merda, né?

— Não — disse ele. — Definitivamente não.

— Nós vamos devagar.

— Sim. Isso é território novo.

— Aham.

— E se não funcionar… — Jason começou, então pareceu mudar de ideia sobre o que ia dizer.

Vou ser sincera: eu ainda não tinha certeza de que estava a fim de Jason. Ele era muito legal, engraçado, interessante e atraente, mas eu não sabia se eu estava *sentindo* alguma coisa que não fosse uma amizade platônica.

Só que eu nunca saberia a não ser que eu insistisse. A não ser que eu tentasse.

E se não funcionasse, Jason entenderia.

— Nós ainda vamos ser amigos — eu concluí. — Não importa o que aconteça.

— Sim.

Jason se inclinou de volta na cadeira e cruzou os braços, e, meu Deus, eu fiquei feliz que estava fazendo isso com Jason e não com uma pessoa aleatória que não me conhecia, que não entenderia, que ia esperar coisas de mim e me acharia esquisita quando eu não quisesse…

— Tem outra coisa sobre a qual deveríamos conversar — disse Jason.

— O quê?

— O que nós vamos falar pra Pip?

Fez-se um silêncio. Eu honestamente não tinha nem pensado em como Pip se sentiria sobre isso.

Alguma coisa me dizia que ela não ficaria feliz com seus dois melhores amigos virando um casal e distorcendo de forma considerável as dinâmicas do nosso grupo de amigos.

— A gente deveria falar pra ela — eu disse. — Quando encontrarmos uma boa hora.

— Sim. Concordo. — Jason parecia aliviado que eu tivesse dito isso. Que ele não precisava ser a pessoa a sugerir isso.

— É melhor só falar a verdade.

— É.

Quando deixamos a sorveteria, nos abraçamos, e parecia um abraço normal pra gente. Um abraço normal de Jason e Georgia, o tipo de abraço que compartilhávamos havia anos.

Não teve nenhum momento estranho onde parecia que íamos nos beijar. Acho que não tínhamos chegado a esse ponto.

Isso viria depois.

E eu estava bem com isso.

Era isso que eu *queria*.

Eu acho.

É.

A FAÍSCA

Quando Rooney voltou pro nosso quarto naquela noite, ela queria ouvir todos os detalhes do meu encontro com Jason. Eu teria ficado bem com isso, se não fossem 4:38 da manhã.

— Então foi bom? — ela perguntou depois que eu tinha terminado de descrever tudo, embrulhada no meu edredom como um burrito.

— Sim? — eu disse.

— Tem certeza? — ela perguntou. Ela estava sentada na própria cama, uma xícara de chá em uma mão e um lenço removedor de maquiagem na outra.

Eu franzi o cenho.

— Por quê?

— Você só… — Ela deu de ombros. — Não pareceu muito entusiasmada.

— Ah — eu disse. — Quer dizer, acho que eu…

— Quê?

— Eu não sei se eu gosto dele dessa forma ainda. Sei lá.

Rooney fez uma pausa.

— Bom, se a faísca não está lá, a faísca não está lá.

— Não, a gente se dá superbem. Tipo, eu o amo como pessoa.

— Tá, mas a faísca está lá?

Como é que era pra eu saber disso? Que porra era essa *faísca*? Qual era a sensação dessa *faísca*?

Eu achei que eu sabia qual seria a sensação de todas as coisas românticas — *borboletas* no estômago, a *faísca* e simplesmente *saber* que você gosta de alguém. Eu já tinha lido sobre esses sentimentos centenas de vezes em livros e fanfics. Eu já tinha assistido a mais comédias românticas do que era normal pra uma garota de dezoito anos.

Só que agora eu estava começando a me perguntar se só não tinham inventado todas essas coisas.

— … Talvez? — eu disse.

— Bom, talvez valha a pena esperar e ver no que dá, então. Quando você sabe, você sabe.

Isso meio que me fez querer gritar. Eu não sabia *como* saber.

Honestamente, se eu tivesse algum tipo de sentimentos por meninas, eu *teria* questionado minha sexualidade. Talvez *meninos* fossem o problema.

— Como é a sensação quando *você* sente a faísca? — perguntei. — Tipo, hoje à noite. Você… presumo que estava com um cara?

A expressão dela mudou imediatamente.

— Isso é diferente.

— Espera, como? Por quê?

Ela ficou em pé da cama e me deu as costas, pegando o pijama.

— É só diferente. Não é nada parecido com a sua situação.

— Só estou perguntando.

— Eu transar com um cara aleatório não é parecido com você namorar seu melhor amigo. Os cenários são outros.

Eu pisquei. Ela provavelmente estava certa sobre isso.

— Então por que você transa com caras aleatórios? — perguntei.

Assim que eu disse aquelas palavras, percebi que era uma pergunta muito direta e invasiva. Só que eu queria *mesmo* saber. Não era como se eu a estivesse julgando — sinceramente, eu queria ter a confiança dela. Só que eu não entendia como ela conseguia, na verdade. Ou o *porquê* de ela querer. Por que alguém iria pra casa de um estranho tirar as roupas quando dava pra ficar em casa e se masturbar confortavelmente, de forma segura? Os resultados finais certamente eram os mesmos.

Rooney virou novamente. Ela me lançou um longo olhar indecifrável.

— Pra valer? — ela perguntou.

— Sim — respondi.

— Eu só *gosto* de transar — ela disse. — Eu estou solteira e gosto de sexo, então eu transo. É divertido porque eu me sinto bem. Eu não sinto nenhuma "faísca" porque não é sobre romance. É uma coisa física e casual.

Eu tinha a sensação de que ela estava falando a verdade. Era só isso mesmo.

— Enfim — ela continuou —, nós temos coisas *muito* mais importantes pra nos preocupar nesse momento.

— Tipo o quê?

— Tipo a Sociedade Shakespeare. — Rooney terminou de colocar o pijama e pegou a nécessaire, e foi na direção da porta do nosso quarto. — Vá dormir.

— Ok.

E eu dormi. Só que não antes de ficar um tempo pensando na faísca. Parecia algo mágico. Algo saído de um conto de fadas. No entanto, eu não conseguia imaginar qual era a sensação. Era algo físico? Era só intuição?

Por que eu não tinha sentido isso? *Nunca?*

No domingo daquela segunda semana, Rooney e eu estávamos só passando tempo no nosso quarto quando alguém bateu na porta. Quando Rooney abriu, ao menos trinta dos conhecidos entraram, trazendo bexigas, confete e serpentina, então um cara se ajoelhou na frente de todo mundo e pediu pra Rooney ser a esposa da faculdade dele.

Rooney deu um grito e pulou em cima dele, soterrando-o em um abraço apertado, concordando em ser sua esposa da faculdade. E foi isso. Eu vi a coisa toda acontecer da minha cama, entretida de verdade. Foi meio adorável.

Depois que todo mundo foi embora, ajudei Rooney a limpar o resto dos confetes e serpentinas. Demorou uma hora inteira.

Ela tinha saído algumas vezes naquela semana, e sempre voltava com uma *história* — um ficante, ou uma fuga bêbada, ou algum tipo de drama da faculdade. Eu sempre escutava, fascinada, e com um pouco de inveja, de um jeito confuso. Uma parte de mim queria esse tipo de empolgação pra minha vida, mas ao mesmo tempo a ideia de ter uma noite assim me enchia de terror. Eu sabia que eu não queria de *verdade* ficar com um estranho enquanto estava bêbada, por mais que isso parecesse divertido do outro lado da história. Eu não precisava, de qualquer forma, agora que tinha essa coisa com Jason.

Eu queria *ser* Rooney quando eu a conheci. Eu achei que precisava copiá-la.

Agora eu não tinha tanta certeza de que eu conseguiria.

UMA APRESENTAÇÃO PEQUENA, PORÉM IRRESISTÍVEL, POR ROONEY BACH

Rooney me lançou um longo olhar conforme nos sentamos uma de frente para a outra no café da União Estudantil na quarta-feira, na nossa terceira semana da faculdade. Então ela tirou seu MacBook da mochila.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Ah, você vai ver. Você vai *ver*.

Ela tinha me arrastado pra cá depois da aula de Literatura Épica dessa manhã, mas tinha se recusado a me contar o motivo, explicando que ela queria fazer a tensão crescer. Isso só fez com que eu ficasse mais irritada.

— Presumo que seja uma coisa da Sociedade Shakespeare — falei.

— Você está correta.

Apesar de não ter sido exatamente minha ideia me juntar à Sociedade Shakespeare, eu tinha ficado genuinamente empolgada de estar envolvida nisso. Era como se eu estivesse de verdade expandindo meus horizontes, tentando algo novo, e, com sorte, traria um ano de ensaios divertidos, conhecer novas pessoas e curtir minha *experiência da faculdade*.

Só que agora parecia que nós seríamos uma sociedade de só quatro pessoas, todas que eu já conhecia, e, sem membros o bastante, nós provavelmente não conseguiríamos nem funcionar como uma sociedade de verdade.

— Já decidiu qual peça vamos fazer?

— Melhor do que isso. — Ela sorriu.

Antes que eu pudesse perguntar o que aquilo significava, Pip chegou, a mochila jogada em cima de um ombro, um livro de química gigante embaixo do braço, e a camisa de botões aberta na parte de cima do torso.

Ela empurrou os óculos pra cima do nariz e se sentou ao meu lado.

— Achei que você teria encontrado uma desculpa pra escapar dessa. Tipo trancar a faculdade ou fugir pras montanhas pra ser uma pastora de bodes.

— Ei! — Eu fiz uma cara decepcionada. — Eu quero estar aqui! Quero ter experiências de faculdade divertidas e criar novas memórias!

— Memórias tipo vomitar quatro vezes em uma única noite?

— Isso com certeza foi uma ocasião excepcional.

Rooney, nos ignorando, olhou pro relógio.

— Agora só estamos esperando pelo Jason.

Pip e eu olhamos pra ela.

— Você realmente conseguiu convencer Jason a vir? — Pip disse. — Ele não me falou que tinha concordado com isso.

— Tenho meus métodos — disse Rooney. — Eu sou muito persuasiva.

— Tá mais para irritante.

— Mesma coisa.

Foi aí que Jason, o quarto membro da nossa trupe de Shakespeare, entrou no café e se sentou ao lado de Rooney, tirando sua jaqueta de pelúcia. Embaixo, ele estava usando roupa de academia, incluindo uma camiseta com o logo "Clube de Remo da Universidade".

— Oi — ele disse.

Pip franziu o cenho pra ele.

— Cara, desde quando você se juntou ao *clube de remo*?

— Desde a feira dos calouros. Você estava literalmente do meu lado quando eu escrevi meu nome na lista.

— Eu não achei que você *ia* de verdade. Eles não treinam tipo seis horas da manhã todo dia?

— Não é todo dia. Só às terças e quintas.

— Por que você se submeteria a uma coisa dessas?

Jason deixou escapar uma risada, apesar de eu conseguir ver que ele estava um pouco irritado.

— Porque eu queria tentar uma coisa nova? Isso é assim tão ruim?

— Não, não. Foi mal. — Pip o cutucou com o cotovelo. — É legal.

Rooney bateu uma palma alto, interrompendo a conversa.

— Atenção, por favor. — Ela virou o MacBook na nossa direção. — A apresentação vai começar agora.

— O quê? — disse Pip.

— Jesus — eu disse.

Na tela estava o primeiro slide de uma apresentação de PowerPoint.

Um pot-pourri Shakespeariano: uma apresentação pequena, porém irresistível, por Rooney Bach

— Pequena… porém irresistível — eu repeti.

— Eu me identifico com essa descrição — Pip falou.

— O que está acontecendo? — perguntou Jason.

Rooney clicou no próximo slide.

Parte 1: A Premissa

a) Um pot-pourri (uma bela mistura) de várias cenas de Shakespeare (só as boas) (SEM peças históricas)

b) Cada um de nós faz vários papéis em várias cenas de peças variadas

c) Todas as cenas exploram o tema do AMOR e vai ser superprofundo e significativo

Isso de fato chamava minha atenção. E parecia ser do interesse de Jason e Pip também, já que os dois se inclinaram pra frente conforme várias imagens apareceram na tela: Leonardo DiCaprio e Claire Danes parecendo traumatizados no filme *Romeu + Julieta,* seguidos por David Tennant e Catherine Tate sentados na produção do West End que fizeram de *Muito barulho por nada*, então uma foto de alguém usando uma máscara de burro, que presumivelmente era parte de *Sonho de uma noite de verão*.

— Eu decidi — disse Rooney — que, em vez de fazer só uma peça, vamos fazer as melhores partes de um monte delas. Só as boas, óbvio. — Ela lançou um olhar pra Pip. — Sem peças históricas. Só comédias e tragédias.

— Odeio dizer isso — disse Pip —, mas essa é uma ideia divertida.

Rooney jogou o rabo de cavalo para trás com uma expressão triunfante.

— Obrigada por admitir que eu estou certa.

— Espera aí, não foi isso que eu…

Jason interrompeu.

— Então vamos fazer vários papéis diferentes?

Rooney assentiu.

— Sim.

— Ah. Legal. É, parece bem divertido.

Ergui minhas sobrancelhas pra ele. Achei que ele preferiria ir pra Sociedade de Teatro Musical, pra falar a verdade. Ele sempre gostou mais de musicais do que de peças.

Jason deu de ombros.

— Eu quero fazer uma peça este ano, e eu sei que, se tentarmos fazer uma audição pra Peça dos Calouros ou pra Sociedade do Teatro Musical, ou não vamos conseguir um papel porque tantas pessoas vão querer participar, ou vamos acabar jogados pra escanteio num papel pequeno. Você se lembra do primeiro ano, quando eu tive que ser uma árvore em *Sonho de uma noite de verão*.

Assenti.

— Uma experiência eletrizante pra você.

— Não estou com nenhuma vontade de desperdiçar um ano da minha vida chegando a ensaios pra só ficar parado e sacudir meus braços ocasionalmente. — Jason olhou pra Rooney. — Ao menos assim sabemos que vamos ter papéis principais e um tanto decente de falas. E estamos fazendo com amigos. Seria *divertido*. — Ele bateu a mão na coxa e se inclinou pra trás na cadeira. — Estou dentro.

Rooney estava exibindo um sorriso largo.

— Eu devia ter te contratado pra fazer a apresentação.

— Meu Deus — disse Pip, cruzando os braços. — Não consigo acreditar que você converteu Jason pro seu lado.

— É que eu sou muito inteligente e charmosa.

— Vai se foder.

Rooney foi pro próximo slide.

Parte 2: O Plano

a) Eu vou decidir quais peças e quais cenas vamos fazer

b) Eu vou dirigir

c) Ensaios semanais até a apresentação em março (VOCÊS PRECISAM COMPARECER A TODOS ELES)

— Espera aí — Pip engasgou, passando uma mão nos cachos. — Quem te coroou *soberana suprema* da Sociedade Shakespeare?

Rooney ofereceu um sorrisinho convencido.

— Acho que fui eu, na verdade, considerando que tudo isso foi ideia minha.

— Tá, mas… — Pip ficou um pouco vermelha. — Eu… Eu acho que deveríamos poder votar em quem vai dirigir.

— Sério?

— Sim.

Rooney se inclinou na mesa para que pudesse ficar encarando Pip diretamente.

— E em quem você vota?

— Eu — Pip pigarreou, sem conseguir manter contato visual. — quero ser codiretora com você.

O sorriso de Rooney sumiu. Ela não falou nada por um momento. E então:

— Por quê?

Pip não se deixou intimidar.

— Porque eu quero.

Essa não era a razão. Eu sabia exatamente o porquê de Pip estar fazendo isso.

Ela queria estar acima de Rooney. Ou ao menos, ser vista como igual.

— Essa é minha condição — disse ela. — Se você quiser que eu seja parte disso, eu vou ser codiretora.

Rooney espremeu os lábios.

— Tá bom.

Pip sorriu abertamente. Ela tinha ganhado essa rodada.

— Seguindo em frente — disse Rooney, e clicou no próximo slide.

Parte 3: O Quinto Membro

a) Encontrar

b) Aliciar

c) A Sociedade Shakespeare é aprovada como uma sociedade completa

d) SUCESSO

— *Aliciar?* — eu disse.

— Eita — disse Pip.

Jason soltou uma risadinha.

— Parece que estamos tentando seduzir pessoas a entrar pra um culto.

— Bom, é — Rooney bufou. — Eu não sabia bem como escrever essa frase. Nós só precisamos encontrar uma quinta pessoa — ela continuou. — Vocês podem dar uma perguntada pra ver se alguém está interessado? Nada disso importa se não conseguirmos recrutar uma quinta pessoa. Eu vou perguntar também.

Nós três concordamos em perguntar pra pessoas que a gente conhecia, apesar de eu não saber exatamente pra quem eu iria pedir, já que todos meus amigos estavam sentados comigo nessa mesa.

— Você realmente pensou em tudo — disse Pip.

Rooney sorriu.

— Impressionada?

Pip cruzou os braços.

— Não, só… na verdade, não. Você fez o mínimo exigido pelo cargo de direção, e…

— Admite. Você ficou impressionada comigo.

Jason pigarreou.

— Então, ensaio esta semana?

O sorriso de Rooney virou de orelha a orelha. Ela bateu as mãos na mesa, atraindo a atenção da maior parte das pessoas no ambiente.

— *Sim!*

Todos concordamos com uma data e hora, então Pip e Jason precisavam ir embora — Pip, para uma aula em laboratório, e Jason, para um seminário. Assim que eles tinham saído do café, Rooney ficou de pé e se atirou do outro lado da mesa pra me abraçar. Eu só fiquei sentada, deixando que acontecesse.

Era nosso primeiro abraço.

Eu estava prestes a mover meus braços pra abraçá-la de volta quando ela se afastou, sentando-se e ajeitando o rabo de cavalo. O rosto dela voltou a ser o da Rooney de sempre: um sorriso que não parecia exigir esforço.

— Vai ser incrível — disse ela.

Nossa trupe incluía duas estrelas que queriam sempre estar no comando, uma garota que vomitava cada vez que tinha que atuar, e o garoto que possivelmente poderia ser o amor da minha vida.

Seria um desastre absoluto, mas isso não nos impediria.

MÃO E MÃO

— Isso é perfeito — disse Rooney, no exato momento em que Jason tentou entrar na sala e bateu a cabeça no batente tão forte que deixou escapar um barulho como o de um gato assustado.

Em sua defesa, Rooney *tinha* tentado reservar uma sala decente para o nosso primeiro ensaio da Sociedade Shakespeare. Ela tinha tentado reservar uma das salas gigantes nos prédios da universidade perto da catedral, onde as sociedades de teatro e música ensaiavam. Ela também tinha tentado reservar uma sala de aula no prédio da Elvet Riverside onde costumávamos ter aulas ou seminários e faríamos nossas provas no final do ano.

Só que Sadie não estava respondendo os e-mails de Rooney, e sem a autorização da TED, Rooney não podia reservar salas para a Sociedade Shakespeare.

Eu tinha sugerido que a gente podia ensaiar no nosso quarto, só que Rooney insistia que precisávamos de um espaço de ensaios próprio. "Pra ficar no clima", ela tinha dito.

E foi assim que acabamos em uma sala frágil dentro da capela de centenas de anos da faculdade, que tinha um teto tão baixo que Jason, que tinha um metro e noventa, precisava se abaixar um pouco para andar dentro dela. O carpete era desbotado e gasto, e pôsteres de catequese em decomposição decoravam as paredes, mas era silencioso e podíamos usar de graça, o que era tudo que precisávamos.

Pip estava numa ligação de vídeo com os pais quando entrou na sala, falando em espanhol rápido demais para meu nível escolar acompanhar, parecendo um pouco exasperada conforme a mãe continuava a interrompendo.

— Ela está falando com eles faz uma hora — Jason explicou se sentando, massageando a cabeça. Eu sentei na cadeira ao lado dele. Os pais de Pip sempre tinham sido um tanto superprotetores, de um jeito meio fofo. Eu não falava com os meus pais desde a semana anterior.

— Com quem você está falando? — disse Rooney, andando até Pip e espiando por cima do ombro.

— *Quem é essa, nena?* — ouvi o pai de Pip dizer. — *Finalmente arrumou uma namorada?*

— NÃO! — Pip imediatamente chiou. — Ela… definitivamente não é!

Rooney acenou para os pais de Pip com um sorriso aberto.

— Oi! Eu sou a Rooney!

— Eu preciso ir — Pip falou rapidamente para o celular.

— *O que você estuda, Rooney?*

Ela se aproximou mais do celular, e mais perto de Pip, em consequência.

— Inglês! E eu e Pip estamos juntas na Sociedade Shakespeare!

Pip começou a arrumar o cabelo, aparentemente uma estratégia para colocar o braço inteiro entre seu corpo e o de Rooney.

— Vou desligar! Amo vocês! ¡Chau!

— Own — disse Rooney, assim que Pip desligou. — Seus pais são tão fofos. E eles gostaram de mim!

Pip suspirou.

— Agora eles vão perguntar por você toda santa vez que me ligarem.

Rooney deu de ombros e se afastou.

— Claramente eles sabem que eu seria uma ótima namorada. Só estou dizendo.

— Por quê?

— Meu charme e minha inteligência, óbvio. A gente já teve essa conversa.

Esperei Pip retorquir alguma coisa, só que ela não disse nada. Ela ficou um pouco vermelha, e então riu, como se achasse mesmo Rooney engraçada. Rooney se virou, o rabo de cavalo voando no ar, pra observar a cena, com uma expressão indecifrável no rosto.

Precisamos de vinte minutos para de fato conseguir começar o ensaio, em maior parte porque Pip e Rooney não pararam de discutir. Primeiro sobre quem deveria ser Romeu e Julieta, depois sobre qual parte de *Romeu e Julieta* nós iríamos apresentar, e então sobre como apresentaríamos.

Mesmo depois de concordarem em deixar Jason e eu nos papéis de Romeu e Julieta, Pip e Rooney passaram outros quinze minutos batendo os pés pela sala, organizando a cena e veementemente discordando uma da outra sobre literalmente tudo, até que Jason decidiu que a gente provavelmente deveria intervir.

— Isso não está funcionando — disse ele. — Vocês não estão codirigindo.

— Er, *sim*, estamos — disse Pip.

— Nós temos apenas algumas pequenas diferenças artísticas — disse Rooney. — Fora isso, está tudo funcionando bem.

Dei uma risada de escárnio. Pip me lançou um olhar gélido.

Rooney colocou uma mão no quadril.

— Se a Felipa pudesse ao menos chegar a um *meio termo*, então as coisas poderiam andar um pouco mais rápido.

Pip virou para ficar cara a cara com Rooney. Ou ao menos ela tentou, só que não conseguiu bem porque Rooney era muitos centímetros mais alta, mesmo contando com a altura do cabelo de Pip.

— Você *não* tem permissão para me chamar de Felipa — disse ela.

— Isso é ruim — eu murmurei pra Jason. Ele concordou.

— Que tal a gente só improvisar? — perguntou Jason. — Só deixem Georgia e eu fazermos a cena, e depois disso a gente se acerta.

As duas codiretoras concordaram relutantemente, e tudo ficou bem por um breve momento.

Até eu perceber que eu iria atuar numa cena de *Romeu e Julieta* com Jason Farley-Shaw.

Eu amava atuar. Amava poder adentrar em um personagem e fingir ser outra pessoa. Eu adorava poder falar e me comportar de um jeito que eu jamais faria na vida real. E eu sabia que eu era boa nisso também.

Era a parte do *público* que me deixava nervosa, e, nesse caso, era Pip e Rooney. E com a pressão extra de *atuar numa cena romântica com Jason, meu melhor*

amigo com quem eu estava quase namorando, era ao menos compreensível que eu estivesse *muito* nervosa ao entrar na cena.

Jason e eu tínhamos exemplares de *Romeu e Julieta* nas mãos — bom, a minha meio que estava no braço porque eu estava usando a minha *Antologia de Oxford de Shakespeare* gigantesca — e ele tinha a primeira fala. Pip e Rooney estavam sentadas em cadeiras, com um assento vazio entre elas, observando.

— *Se eu profano esse altar* — começou Jason —, *assumo o meu pecado; mas pequei gentilmente, ao estender a mão. Meus lábios, palmeirins de aspecto encabulado, hão de apagar, num beijo, a rude intromissão.*

Ok. Entrando no clima. No papel de protagonista romântica.

— *Ofendes tua mão* — disse eu, focando em ler as palavras no livro e tentando não pensar demais —, *honrado peregrino…*

— Ok, Georgia? — Pip interrompeu. — Dá pra você ficar um pouco mais longe de Jason? Só pra enfatizar o *desejo*.

— E então você pode se aproximar um pouco mais dele conforme fala — disse Rooney. — Tipo, essa é a primeira vez que vocês se encontram de verdade, e já estão *obcecados* um pelo outro.

Pip olhou para ela.

— É. Boa ideia.

Rooney encontrou o olhar dela com um franzir leve de sobrancelha.

— Obrigada.

Eu fiz como foi instruído e continuei.

— *Mas ela foi correta e agiu com devoção. Um toque é suficiente ao santo e ao paladino, beijam-se os palmeirins tocando mão e mão.*

— Definitivamente um toque de mãos aí — disse Rooney.

Jason estendeu a mão para mim, e eu a toquei com a minha.

Senti uma onda de pânico me percorrer.

— *As santas não tem boca?* — disse Jason, me encarando diretamente.

Eu conseguia me sentir corar. Não porque eu estava nervosa, ou por causa do romance da cena. Só porque eu estava *desconfortável.*

— *Têm lábios, peregrino* — respondi —, *e os usam para orar.*

— Georgia — disse Pip —, posso ser sincera?

— Claro?

— Isso é pra ser uma cena de flerte intenso, e você só parece que precisa muito cagar.

Eu engasguei com uma risada.

— Uau.

— Eu sei que é só uma leitura mas, tipo, seja romântica?

— Eu estou tentando.

— Está?

— Ai meu *Deus*. — Eu fechei o livro, meio irritada, pra ser sincera. Eu não era má atriz. Atuar era uma das poucas coisas nas quais eu era *excelente*. — Você está sendo dura demais.

— Dá pra gente começar do início?

— Tá.

Jason e eu voltamos às posições e eu abri o livro de novo.

Ok. Eu era *Julieta*. Eu estava apaixonada. Tinha acabado de encontrar esse cara muito gato, um amor proibido, e eu já estava obcecada por ele. Eu conseguia *fazer isso*.

Nós seguimos a leitura até chegar à parte dos "lábios" de novo, a mão de Jason segurando a minha.

— *Que a boca imite as mãos* — disse Jason —, *buscando o mesmo fim. Encostem-se, gentis, os lábios a rezar.*

Jason estava dando o *máximo* de si. Meu Deus, eu estava desconfortável.

— *Um santo não se move enquanto aceita o voto.*

— *Parada, então, recebe a oferta de um devoto.*

Jason de repente olhou pra mim com um pouco de vergonha, e então virou-se para Rooney e Pip, dizendo:

— Presumo que a gente se beije aqui.

Rooney bateu palmas, animada.

— *Sim*.

— Definitivamente — disse Pip.

— Só um beijinho pequeno.

— Sei lá. Acho que dava pra ser um beijo de verdade.

Rooney mexeu as sobrancelhas.

— Aaaah. Felipa *curte* isso.

— Eu preferiria — disse Pip — que você não me chamasse assim.

Pip não gostava mesmo de ser chamada de Felipa. Ela atendia por Pip desde que eu a conhecia. Ela sempre dizia que preferia um nome que parecesse mais masculino e — com a exceção de quando era usado por membros da família — "Felipa" não parecia que pertencia a ela.

Sentindo a mudança de tom na voz de Pip, o sorriso de Rooney desapareceu.

— Ok — disse Rooney, mais genuína do que eu já tinha a ouvido falar com Pip até agora. — Claro. Desculpa.

Pip bagunçou o cabelo e pigarreou.

— Obrigada.

Elas se encararam.

Então Rooney disse:

— Que tal eu te chamar de *Pipinha*, então?

Pip imediatamente pareceu que ia explodir, mas Jason interrompeu antes que isso se transformasse em outra briga:

— Enfim, o beijo.

— Não precisa ser agora — disse Pip, rapidamente.

— Não — Rooney concordou. — Em ensaios futuros, mas não agora.

— Ok — eu disse, e dei um passo para trás, aliviada.

Obviamente eu não queria beijar Jason na frente de um monte de gente. E eu não queria que meu primeiro beijo fosse numa peça.

Era provavelmente por causa disso que eu estava desconfortável. Era provavelmente a razão de eu não estar atuando meu melhor agora.

Era provavelmente porque ser Julieta, um dos papéis mais românticos na história da literatura, me fazia ficar um pouco enjoada.

— Isso não foi… estranho ou algo assim, foi? — Jason sussurrou pra mim conforme estávamos guardando as coisas vinte minutos depois.

— Quê? Não. Não, foi… tudo bem. Ótimo. Foi tudo ótimo. Você foi ótimo. Nós vamos ser ótimos.

Compensou demais, Georgia.

Ele suspirou, aliviado.

— Ok. Legal.

Eu pensei mais um pouco no assunto e, antes de eu mesma me convencer de não falar nisso, disse:

— Não quero que nosso primeiro beijo seja numa peça.

Jason congelou no meio de empilhar as cadeiras. Só por um instante. As bochechas dele coraram.

— Hum, não. Definitivamente não.

— É.

— É.

Quando nos viramos, eu vi Pip olhando para nós do outro lado da sala, os olhos dela semicerrados, suspeitos. Mas, antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Rooney falou.

— Algum de vocês deu uma perguntada pra encontrarmos nosso quinto membro?

— Eu não tenho nenhum outro amigo — eu disse imediatamente, como se todo mundo já não soubesse disso.

Jason saiu da sala para que finalmente pudesse ficar em pé na sua altura.

— Eu posso tentar perguntar pra alguns dos meus amigos da Castle, mas eu não acho que eles fazem o tipo teatral.

— Eu já perguntei aos meus amigos da Castle — disse Pip. — Eles falaram não. — Ela se virou pra Rooney. — Você não tem tipo, uns cinquenta melhores amigos? Você não pode encontrar alguém?

A expressão de Rooney congelou, e, por um breve momento, ela parecia genuinamente brava. Só que então desapareceu. Ela revirou os olhos e disse:

— Eu não tenho cinquenta amigos. — Só que também não disse mais nada.

Eu tinha que concordar com Pip. Era um pouco estranho que Rooney, que saía pra festas ao menos duas vezes por semana e ia para o bar da faculdade quase todos os outros dias, não tinha uma única pessoa que ela podia convencer a se filiar.

— Que tal seu marido da faculdade? — sugeri. Eles deviam ser amigos, pelo menos.

Rooney sacudiu a cabeça.

— Não acho que ele goste de teatro.

Talvez ela não fosse tão próxima das pessoas quanto eu pensava.

Em pé no frio de outono na rua de paralelepípedos nos despedindo, eu me perguntei por que Rooney se importava tanto com isso pra começo de conversa. Ela estava se esforçando tanto — começando uma nova sociedade, sendo a diretora, montando a própria peça.

Nós só nos conhecíamos por algumas semanas. Eu sabia que ela gostava de festas e que falava positivamente sobre sexo, e era uma entusiasta de Shakespeare que tinha um sorriso que fazia todo mundo gostar dela.

Mas o *porquê* de ela fazer as coisas que ela fazia?

Eu não tinha ideia.

ASSUNTO PROIBIDO

GEORGIA WARR, FELIPA QUINTANA

Felipa Quintana
ROONEY

Georgia Warr
meu nome é georgia, na verdade

Felipa Quintana
Eu só queria saber como uma pessoa que é tão gata consegue ser irritante pra caralho

Georgia Warr
ah que bom
nós estamos finalmente falando do assunto proibido

Felipa Quintana
Que assunto???

Georgia Warr
o seu crush gigantesco na rooney bach

Felipa Quintana
Que pera pera pera
Estou falando que OBJETIVAMENTE ela é gata
Eu não estou a fim dela

Georgia Warr
aldkjhgsldkfjghlkf

Felipa Quintana
EU NÃO TENHO CRUSHES EM GAROTAS HÉTEROS

Georgia Warr

aham

Felipa Quintana
A gente se mataria se a gente namorasse
O que a gente não faria porque ela é hétero
E eu não gosto dela desse jeito
E ela é irritante demais e precisa fazer tudo do jeito dela o tempo todo
E eu estou destinada a ser uma gay solitária pra sempre

Georgia Warr
você está se enfiando tão fundo nesse buraco

Felipa Quintana
VOU MUDAR DE ASSUNTO
Tenho uma pergunta

Georgia Warr
pode falar cara

Felipa Quintana
Talvez eu esteja tipo… inventando isso da minha cabeça, mas… tem alguma coisa acontecendo entre você e o Jason???
Ele me falou outro dia que vocês dois se encontraram e tipo
SI parecia que era tipo um encontro ou algo assim hahaha

Georgia Warr
você acharia isso estranho? se a gente estivesse saindo?

Felipa Quintana
SI
Seria uma mudança

Georgia Warr
bom eu ainda meio que não sei o que vai acontecer

Felipa Quintana
Então você gosta dele??

Georgia Warr
eu não sei?
talvez?
a gente decidiu ver o que ia acontecer

Felipa Quintana
Hum

Ok

GEORGIA WARR, JASON FARLEY-SHAW

Georgia Warr
acabei de falar pra pip que estamos potencialmente saindo

Jason Farley-Shaw
PUTA MERDA ok!
Uau
O que ela disse?

Georgia Warr
ela só disse "hum ok"

Jason Farley-Shaw
Ai Deus ela está puta então

Georgia Warr
não acho que ela está puta
acho que só está confusa

Jason Farley-Shaw
Justo, acho!!
É meio que uma mudança repentina

Georgia Warr
ela vai superar isso né?
tipo ela vai ficar bem com isso?

Jason Farley-Shaw
Sim
Definitivamente

GEORGIA WARR, ROONEY BACH

Georgia Warr
oi ovo frito cadê você??

Rooney Bach
Saí!!!! ☺

Georgia Warr
você volta hoje?
tenho coisas pra conversar

Rooney Bach
Oooooo COISAS
Que coisas eu amo coisas

Georgia Warr
bom
não sei o que fazer com Jason agora
então estou te chamando pra ajudar
a não ser que prefira sair, sem pressão haha

Rooney Bach
Deixa as pessoas estão sendo chatas e bêbadas e não tô a fim de pegar ninguém
Ovo frito está a caminho

Georgia Warr
Vem logo ovo

A LETRA X

— Pronto — disse Rooney, conforme eu apertava o botão de enviar na minha mensagem.

Georgia Warr
Entãooooo você quer sair de novo esse final de semana?

Estávamos sentadas ao lado uma da outra contra a cabeceira da minha cama, Rooney ainda nas roupas de balada, e eu vestida com um pijama de Natal, mesmo que fosse começo de novembro.

— O que eu faço em um encontro? — eu perguntei, olhando para a mensagem, esperando que Jason visualizasse.

Ela deu um gole no chá pós-balada.

— O que você quiser.

— Mas a gente tem que se beijar no segundo encontro?

— Você não *tem* que fazer nada.

Eu me virei para Rooney, mas a gente estava sentada perto demais, então eu só consegui ver um monte de cabelo preto enrolado em ondas leves.

— *Você* beijaria em um segundo encontro?

Rooney bufou.

— Eu não vou a encontros.

— Mas você já foi a um encontro antes.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Acho que sim — ela disse finalmente. — Mas normalmente prefiro só transar.

— Ah.

— Não me leve a mal, estar em um relacionamento seria *legal*, provavelmente. Às vezes eu conheço alguém e penso, talvez… — Ela parou no meio da frase, então saiu da minha cama e foi pra dela. — Bom, eu sempre me apaixono pelas pessoas erradas. Então por que tentar?

— Ah.

Ela não disse mais nada além disso, e parecia grosseria forçar o assunto e perguntar detalhes. Em vez disso, ela colocou o pijama, e eu definitivamente a vi olhando de relance para a foto dela com Beth dos cabelos de sereia.

Talvez Beth fosse uma ex-namorada. Ou um antigo *crush*. Eu não tinha nenhuma prova de que Rooney gostava de garotas, mas não era impossível.

— Não tem nada de errado em só transar — ela disse, assim que entrou na cama.

— Eu sei — falei.

— Relacionamentos só não são pra mim, acho. Nunca acabam bem.

— Ok.

Ela repentinamente pulou da cama, murmurando "*Roderick*", e correu para aguá-lo. Roderick estava parecendo um pouco mal de saúde, pra ser sincera — Rooney se esquecia de regá-lo com frequência. Depois que ela terminou, ela adormeceu em cinco minutos, enquanto eu fiquei acordada, alternando entre encarar o teto pintado em tons de azul ou ficar mexendo no celular, me estressando com a possibilidade de ter que beijar Jason no nosso segundo encontro.

E se eu não gostasse *mesmo* de caras e era *esse* o motivo de essa coisa toda ser tão difícil?

Assim que o pensamento apareceu na minha cabeça, precisei investigar mais. Abri o navegador do meu celular e digitei "eu sou gay?".

Um monte de links apareceu, a maioria testes de internet que eu já sabia que seriam inúteis ou incorretos. Só que um deles chamou minha atenção — o teste da *Escala de Kinsey*.

Comecei a ler sobre a Escala de Kinsey. A Wikipédia explicava que era uma escala de sexualidade, que começava no zero, "exclusivamente heterossexual" até seis, "exclusivamente homossexual".

Curiosa, e frustrada comigo mesma, eu fiz o teste, tentando responder as perguntas instintivamente e não pensar demais. Quando terminei, cliquei em "enviar questionário" e esperei.

E em vez de um número, a letra X apareceu.

Você não indicou nenhuma preferência sexual. Tente reavaliar suas respostas.

Eu li e reli essa frase.

Eu… eu tinha feito o teste errado.

Eu só podia ter feito o teste errado.

Voltei para as perguntas e comecei a pensar onde poderia mudar minhas respostas, mas não conseguia encontrar nenhuma que tinha respondido de maneira desonesta, então só decidi fechar o navegador.

O teste provavelmente era falho.

SENHOR AUTOCONFIANÇA

— Você está bonita! — foi uma das primeiras coisas que ele me disse quando nos encontramos do lado de fora do cinema no sábado à tarde.

— Ah, hum, obrigada? — eu disse, olhando pra minha roupa. Eu tinha escolhido uma jardineira cáqui com um moletom da Ilha Fair embaixo, apesar de que a maior parte da minha roupa estava escondida sob meu casaco gigante, porque a temperatura de Durham já estava indo para baixo dos dez graus, e eu não lidava bem com o frio.

Jason, por outro lado, estava usando a jaqueta de pelúcia e jeans escuros, que era mais ou menos a roupa que ele usava o ano todo.

— Eu estava pensando — ele disse conforme fomos pra dentro —, o cinema é provavelmente uma ideia horrível pra, hum… pra conversar.

Ele estava prestes a dizer "para um encontro". Ele também sabia que era um encontro, então.

Era pra *valer*.

Eu dei uma risada.

— É. Vamos nos encontrar e nos ignorar por duas horas.

— Basicamente. Quer dizer, parece bem relaxante, pra ser honesto.

— Verdade.

— Acho que o casamento perfeito é composto de duas pessoas que conseguem sentar juntas, em um silêncio confortável, por longos períodos.

— Vai com calma — eu disse. — Ainda não nos casamos.

Isso fez com que ele soltasse uma risada meio engasgada e escandalizada. Bom. Eu conseguia flertar. Eu estava *arrasando* nesse jogo.

Estávamos em meia hora de filme quando o alarme de incêndio tocou.

Até então, as coisas estavam indo bem. Jason não tinha tentado pegar minha mão, ou tentado passar o braço ao meu redor, ou, graças a *Deus*, tentado me beijar. Éramos simplesmente dois amigos vendo um filme no cinema.

Obviamente eu não queria que ele fizesse nenhuma dessas coisas porque teria sido terrivelmente clichê e quase sujo.

— E agora? — ele perguntou quando voltamos para o frio do lado de fora do cinema. Ninguém parecia saber se o incêndio era real, mas não dava a impressão de que a gente ia voltar pra dentro logo. Um funcionário tinha acabado de sair e estava entregando cupons para outra sessão.

Eu me apertei um pouco mais dentro do casaco. Não era assim que eu esperava que fosse a tarde. Eu esperava que sentássemos ao lado um do outro em silêncio por duas horas, assistíssemos a um bom filme e então voltássemos pra casa.

Só que a gente não podia encerrar o encontro agora. Isso seria esquisito. Não seria um comportamento digno de encontro.

— Er… acho que a gente pode só voltar pra faculdade e tomar chá ou algo assim? — perguntei. Esse parecia ser o tipo de coisa que as pessoas faziam pra socializar na faculdade. Chá no quarto.

Espera. Quarto. Será que ir para o quarto era uma boa ideia? Ou isso significaria...

— Legal! — Jason sorriu, colocando as mãos dentro do bolso. — Isso parece legal. Você quer vir pro meu? A gente pode assistir a um filme lá ou algo assim?

Eu também assenti.

— É, parece bom.

Ok.

Estava tudo ok.

Eu podia fazer isso.

Eu podia ser normal.

Eu podia ir pro quarto de um garoto num encontro e fazer o que geralmente era esperado. Conversar. Flertar. Beijar. Transar, talvez.

Eu era corajosa. Eu não precisava ficar escutando meus próprios pensamentos. Eu conseguia fazer tudo isso.

Na verdade, eu não gosto de chá, o que Jason obviamente sabia, e ele automaticamente me fez um chocolate quente em vez disso.

Ele tinha um quarto só pra ele, assim como Pip e a maioria dos alunos de Durham, o que significava que era pequeno. Era provavelmente um terço do meu e de Rooney, com uma única cama de solteiro. A decoração era bem parecida — um carpete velho, as paredes de alvenaria amarelas, e mobília padrão. Os lençóis dele eram azuis e simples. Ele tinha um laptop e alguns livros na mesa de cabeceira, e alguns pares de sapato estavam organizadamente enfileirados embaixo do aquecedor.

Só que não foi nada disso que eu notei primeiro. Foi a parede que eu notei primeiro.

A parede era completamente vazia fora uma fotografia emoldurada da Sarah Michelle Gellar e do Freddie Prinze Jr em *Scooby-Doo 2: Monstros à solta*.

Olhei para a foto.

Jason olhou pra mim enquanto eu olhava pra foto.

— Eu tenho perguntas — comecei.

— Compreensível — disse ele, assentindo e sentando na própria cama. — Er, você se lembra do Edward? Da minha escola antiga? Ele que me deu.

Ele terminou a frase, como se isso fosse o fim da história.

— Continue — falei.

— Então… Ok, você vai ter que vir sentar se eu for explicar isso. — Ele gesticulou para o espaço ao lado dele na cama.

Isso me deixou um pouco nervosa. Só que não era como se tivesse outro lugar pra sentar no quarto, e ele não me chamou de uma maneira que parecia particularmente paqueradora, então achei que tudo bem.

Eu sentei ao lado dele na beirada da cama, segurando meu chocolate quente.

— Então, todos nós sabemos que eu sou muito fã de Scooby-Doo.

— Óbvio.

— E também fã da Sarah Michelle Gellar e do Freddie Prinze Junior.

— Tá… Ok, claro.

— Ok. Então, na minha escola antiga, antes de eu me mudar pra nossa, eu era meio que conhecido como o cara que nunca tinha beijado ninguém.

— Quê? — perguntei. — Você nunca me contou isso.

— Bem, sabe que eu mudei de escola porque… — Ele fez uma careta. — Um monte dos meninos lá… Bom, era uma escola só pra meninos, e as pessoas se destruíam completamente por qualquer coisinha.

— É.

Jason tinha nos contado um pouco disso antes. Como as pessoas na escola antiga dele eram horríveis, no geral, e ele não queria mais ficar naquele tipo de ambiente.

— Então eles implicavam por nunca ter beijado ninguém. E acho que me atormentaram por causa disso bastante. Não era nada sério, mas era uma questão. Todo mundo achava isso bem esquisito.

— Só que você já beijou pessoas agora — eu disse. — Tipo, você já teve uma namorada.

— Isso tudo foi depois. Antes disso, essa era *a coisa* que as pessoas usavam pra me encher. E, sabe, as pessoas diziam que era porque eu era feio e tinha acne e eu gostava de musicais e umas coisas idiotas assim. Esse tipo de coisa já não me incomoda mais, mas acho que incomodava quando eu era mais novo.

— Ah — eu disse, mas minha voz estava rouca de repente. — Isso é horrível.

— Quando mudamos no primeiro ano do ensino médio, Ed me deu essa foto no porta-retratos — Ele apontou para a foto. — Sarah e Freddie. E Ed estava tipo, *esse é um amuleto de boa sorte pra te ajudar a encontrar uma namorada*. Nós dois amávamos muito os filmes do Scooby-Doo, e virou uma piada interna que a Sarah Michelle Gellar e Freddie Prinze Junior eram tipo, o ápice do romance, porque eles eram casados na vida real *e* estavam juntos no filme. Cada vez que algum conhecido começava um relacionamento, nós ficávamos tipo, *mas vocês estão no nível da Sarah e Freddie, cara?* Eu… é. Ok. É esquisito quando eu tento explicar.

— Não, é engraçado — eu disse. — Só espero que eles não se divorciem logo.

Ele assentiu.

— É. Isso meio que estragaria essa coisa toda.

— É.

— Enfim, depois que ele me deu a foto, eu tive meu primeiro beijo uma semana depois. — Jason riu. — Quer dizer, foi um beijo bem merda, mas acho que tirei essa pedra do caminho. Então agora *é* mesmo um amuleto de sorte.

Jason contava essa história como se fosse uma anedota engraçada, e era pra eu estar rindo disso. Só que não era engraçado.

Era triste pra cacete.

Eu me lembro da história do primeiro beijo dele com uma garota de quem ele nem gostava muito. Ele contou para mim e para Pip que não foi bom, mas que ele estava feliz de ter resolvido isso, só que ouvir isso da boca de Jason agora me fez perceber o que tinha acontecido de verdade.

Ele tinha sido pressionado pra ter o primeiro beijo. Porque as pessoas estavam fazendo bullying com o fato de ele nunca ter beijado ninguém, e ele se forçou a fazer isso, e foi ruim.

Um monte de adolescentes fazia isso. Só que ouvir Jason contando me deixava muito, muito brava.

Eu sabia como era se sentir mal por nunca ter beijado ninguém.

E se sentir pressionada a fazer isso porque todo mundo estava fazendo.

Porque você era esquisita se não fizesse isso.

Porque era parte do ser humano, da experiência como pessoa.

Era isso que todo mundo dizia.

Ele olhou para a foto.

— Ou talvez não seja um amuleto de boa sorte. Acho que minhas experiências românticas até agora não foram… boas. — Ele desviou o olhar. — Um primeiro beijo de merda e depois… Aimee.

— É, Aimee era um ser humano nojento.

— Acho que só fiquei com Aimee por tanto tempo porque eu tinha medo de ficar sozinho e ser aquela pessoa de novo. As pessoas tinham me enchido o saco por anos porque eu era… sei lá, como se eu fosse uma pessoa que *ninguém* fosse capaz de amar ou algo assim. Se eu terminasse com Aimee, achei que eu ia ficar tipo, inamável para sempre. — A voz dele ficou mais baixa. — Eu realmente acreditava que ela era o melhor que eu poderia ter.

— Você merece mais — eu disse imediatamente. Eu sabia que isso era verdade porque eu o amava. Talvez eu não estivesse *apaixonada* por ele, não ainda, mas eu o amava.

— Obrigado — ele disse. — Quer dizer, eu sei disso. Eu sei disso agora.

— Ok, Senhor Autoconfiança.

Ele riu.

— Só queria poder ter falado isso pro meu eu de dezesseis anos.

Eu era uma hipócrita.

Eu estava fazendo exatamente o que Jason tinha se forçado a fazer todos esses anos atrás. Ter experiências, beijar, se relacionar — tudo isso porque ele tinha medo de ser diferente. Ele tinha medo de ser o cara que nunca tinha beijado ninguém.

Isso era exatamente o que eu estava fazendo. E eu ia acabar machucando-o.

Talvez eu só devesse falar isso pra ele agora. Falar que a gente devia parar com isso, terminar, só ficarmos amigos.

Só que talvez, se eu continuasse por mais um tempinho, nós poderíamos nos apaixonar, e eu não ia mais me odiar.

Antes de eu ter uma chance de falar de novo, Jason já tinha se encostado contra a cabeceira e aberto o laptop.

— Enfim. Filme? — Ele deu um tapinha na cama ao lado dele e tirou um cobertor de baixo. — Você pode escolher, já que escolhi o do cinema.

Eu fiquei do lado dele pra inspecionar as opções. Ele puxou um cobertor por cima das nossas pernas. Será que tudo isso era uma coisa que precedia o sexo? Ou até mesmo só beijar? Essa era a hora quando nós só começaríamos a nos beijar, certo? Pessoas que iam a um encontro não só ficavam vendo um filme. Elas aguentavam dez minutos e começavam a se pegar. Será que eu teria que fazer isso? Só pensar nisso me fazia querer chorar.

Eu escolhi um filme e assistimos em silêncio. Eu continuei me remexendo. Eu não sabia o que fazer. Eu não sabia o que eu *queria* fazer.

— Georgia? — Jason perguntou depois de uns vinte minutos. — Tá tudo bem?

— Hum... — Eu estava surtando. Eu estava surtando mesmo. Eu gostava de Jason e eu queria ficar de boas e ver um filme com ele. Só que eu não queria fazer nada além. E se minha sexualidade fosse só a letra X, como a Escala de Kinsey tinha me falado? — Na verdade, acho que estou passando meio mal.

Jason desencostou da cabeceira.

— Ai, não! O que houve?

Eu sacudi a cabeça.

— Nada ruim, eu só… estou com um pouco de dor de cabeça, pra ser sincera.

— Você quer ir embora? Você deveria tirar um cochilo ou algo assim.

Nossa. Jason era tão legal.

— Tudo bem por você? — eu perguntei.

Ele assentiu, sincero.

— Claro.

Quando eu fui embora, houve um momento de alívio profundo.

Só que, depois disso, eu só me odiei.

SUNIL

Eu nem acabei voltando pra St. John's.

Desci as escadas direto saindo de Castle, pensando que eu deveria ir ao mercado comprar uma comida reconfortante para a noite. Só que aí eu só sentei nas escadas e não consegui me mexer.

Eu estava mesmo, mesmo arruinando tudo.

Eu ia acabar machucando Jason.

E eu ia acabar sozinha. Pra sempre.

Se eu não conseguisse gostar de um cara que era adorável, gentil, divertido, atraente, *meu melhor amigo*, como é que eu algum dia poderia gostar de qualquer outra pessoa?

Não estava sendo como nos filmes. Nos filmes, dois amigos de infância no fim das contas perceberiam que, apesar de tudo, eles foram feitos um para o outro esse tempo todo, que a conexão deles ia além da atração, e eles ficariam juntos e viveriam felizes para sempre.

Por que é que não estava acontecendo assim?

— Georgia? — disse uma voz atrás de mim. Eu me virei, espantada que alguém cuja voz eu não imediatamente reconhecia soubesse quem eu era. Fiquei espantada de novo vendo que era Sunil, meu genitor da faculdade, que tinha a autoconfiança de um membro do Queer Eye.

— Sunil — falei.

Ele riu. Ele estava vestindo um casaco grosso de listras largas por cima de um smoking preto clássico.

— Correto — disse ele.

— Por que você veio até Castle?

— Ensaio de música — ele disse, com um sorriso caloroso. — Eu sou parte da orquestra estudantil e precisava ensaiar com os outros violoncelistas.

Ele se sentou ao meu lado na escadaria.

— Você toca violoncelo?

— Toco. É bem agradável, mas a orquestra é estressante. O maestro não gosta de mim porque Jess e eu estamos sempre conversando.

— Jess… da Sociedade do Orgulho? Ela também faz parte?

— Aham. Viola, então ela não estava lá hoje. A gente faz basicamente tudo junto.

Achei que era uma coisa fofa de dizer, mas eu estava com dificuldades de sentir qualquer emoção positiva sobre literalmente qualquer coisa, então só tentei forçar um sorriso, e obviamente fracassei.

— Está tudo bem? — ele perguntou, erguendo a sobrancelha.

Abri minha boca para dizer que sim, eu estava ótima, só que eu comecei a rir histericamente em vez disso.

Acho que era a coisa mais próxima de chorar que eu já tinha chegado a fazer na frente de alguém.

— Ah, não — disse Sunil, os olhos arregalando em preocupação. — Você definitivamente não está bem.

Ele esperou que eu dissesse alguma coisa.

— Estou bem — falei. Se eu fosse uma boneca, essa seria uma das minhas frases gravadas.

— Ah, *não*. — Sunil sacudiu a cabeça. — Essa foi a pior mentira que eu já ouvi em toda minha vida.

Dessa vez, isso me fez rir de verdade.

Sunil esperou para ver se eu iria elaborar, mas não fiz isso.

— Você não foi à noite de balada dos calouros da Sociedade do Orgulho — ele continuou, se virando um pouco para mim.

— Ah, é. — Dei de ombros, fraca. — Noites de balada não são muito minha praia.

Eu tinha recebido o e-mail sobre o assunto, claro. Foi há duas semanas. *A Sociedade do Orgulho te dá boas vindas! Venha festejar com a sua nova família de LGBTQIAP+!* Eu tive que dar um Google na sigla completa para ver os

significados, mas, mesmo fazendo isso, eu sabia que não iria. Mesmo se eu gostasse de beber e ir a baladas, eu não iria. Eu não pertencia àquele lugar. Eu nem sabia se eu era uma LGBTQIAP+ ou não.

Ele assentiu.

— Quer saber? Nem a minha.

— Sério?

— Aham. Não suporto álcool. Eu fico tremendo e sou *muito* ruim de copo. Eu prefiro fazer uma noite queer do cinema ou um chá da tarde queer, sabe?

Conforme ele falava, eu olhei para o casaco e vi que ele estava usando os mesmos broches de novo. Eu cheguei ao broche com as listras roxa, preta, cinza e branca. Deus, eu esqueci que queria olhar o que aquilo significava. Eu realmente queria saber.

— Falando da Sociedade do Orgulho — ele disse, gesticulando para o smoking —, estou indo pro baile de outono. O resto do time executivo está arrumando tudo agora e estou *torcendo* para que não tenha ocorrido nenhum desastre.

Eu não sei o que me possuiu naquele momento para perguntar, mas a próxima coisa que eu disse foi:

— Posso ir junto?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você quer ir? Você não confirmou por e-mail.

Eu tinha recebido esse e-mail também. Eu não tinha deletado. Eu tinha vividamente imaginado como seria participar de algo assim, ser confiante em ser parte de alguma coisa.

— Eu poderia… ajudar a arrumar? — sugeri.

Eu gostava de Sunil. Gostava mesmo. Queria ficar mais um pouco ao lado dele.

Queria ver como era a Sociedade do Orgulho.

E eu queria esquecer o que tinha acabado de acontecer com Jason.

Ele me olhou por um longo momento, e então sorriu.

— Bom, por que não? É sempre bom ter mais alguém pra ajudar a encher os balões.

— Tem certeza?

— Claro!

De repente, comecei a ficar receosa. Olhei para a minha jardineira e meu suéter de lã.

— Não estou vestida pra um baile.

— Todo mundo está pouco se fodendo pro que você está vestindo, Georgia. Essa é a Sociedade do Orgulho.

— Só que você está sexy, e eu pareço que acabei de sair de uma aula às nove da manhã.

— Sexy? — Ele riu um pouco como se tivesse uma piada particular com a palavra, e então ficou em pé e me ofereceu a mão.

Eu não sabia mais o que fazer ou dizer, então peguei a mão dele.

DAVA PRA TER CAPRICHADO MAIS NAS BANDEIRAS DE ORGULHO

Sunil ficou de mãos dadas comigo o tempo todo enquanto atravessávamos Durham. Era um pouco estranho, mas também reconfortante, como se eu estivesse saindo com um dos meus pais. Suponho que, de alguma forma, estava mesmo.

Ele não sentiu a necessidade de falar. Nós só andamos. Às vezes, ele balançava minha mão. Na metade do caminho, eu me perguntei o que estava fazendo. Eu queria estar enrolada na cama, lendo a fanfic Jimmy/Rowan de universo alternativo do Homem-Aranha que eu tinha começado a ler ontem à noite. Eu nem deveria estar nesse baile. Eu não merecia estar nesse baile.

Eu precisava mandar uma mensagem pra Jason explicando tudo.

Eu precisava explicar o que tinha de errado comigo.

Eu precisava pedir desculpas.

— Aqui estamos — disse Sunil, sorrindo. Nós tínhamos chegado a uma porta vermelha que levava a um dos prédios antigos da época de Dickens de Durham. Eu olhei para a loja que era conectada a ela.

— O Gregg's?

Sunil bufou.

— Sim, Georgia. Estamos fazendo nosso jantar do baile no *Gregg's*.

— Eu não estou reclamando. Eu amo enroladinho de salsicha.

Ele abriu uma porta, revelando um corredor estreito que levava para uma escadaria e uma placa: *Big's Digs: Restaurante e Bar.*

— A gente alugou o Big's hoje — disse Sunil alegremente, me guiando escada acima e para o restaurante. — As noites de balada são ótimas, óbvio, mas eu insisti

para fazermos bailes este ano também. Nem todo mundo gosta de saídas noturnas.

Não era um espaço enorme, mas era bonito. Era um dos prédios antigos de Durham, então o teto era baixo, decorado com vigas de madeira e uma luz baixa aconchegante. Todas as mesas tinham sido arrumadas em quadrados organizados, com toalhas brancas, velas, talheres brilhantes e centros de mesa coloridos que mostravam todos os tipos diferentes de bandeiras de orgulho — algumas eu reconhecia, outras não. Alguns balões multicoloridos estavam pendurados nos cantos da sala, e serpentinas margeavam as janelas. No fundo, dando pra ver de qualquer lugar da sala, estava uma bandeira enorme de arco-íris.

— Dava pra ter caprichado mais nas bandeiras de orgulho — disse Sunil, estreitando os olhos. Eu não conseguia determinar se ele estava brincando.

Nós não estávamos sozinhos na sala — havia um punhado de pessoas colocando os toques finais nas decorações. Eu logo vi a outra veterana do terceiro ano que eu tinha conhecido na barraca, Jess, apesar de que as tranças dela estavam arrumadas em um penteado. Ela estava usando um vestido estampado com cachorrinhos. Ela acenou, saltitando até Sunil, e jogou os braços em volta dele.

— Ai, meu Deus, *finalmente* — disse ela.

— Como estamos?

— Bem, na verdade. Estávamos discutindo se deveríamos colocar marcadores de assento ou não.

— Hum. As pessoas vão querer sentar com os amigos.

— É isso que eu penso, mas o Alex acha que isso vai deixar tudo em caos.

Eles discutiram sobre marcadores de assentos enquanto eu ficava um pouco atrás de Sunil, como uma criança que fica atrás das pernas dos pais numa reunião de família. Os alunos que estavam arrumando tudo pareciam ser todos do terceiro ano. Alguns estavam vestidos com roupas alegres e diferentes — paetês, ternos com estampas e saltos enormes —, enquanto outros estavam usando vestidos mais normais e smokings. Eu estava me sentindo totalmente deslocada com minha jardineira, não importa o que Sunil tinha dito.

— Ah, e eu trouxe Georgia pra ajudar na arrumação — disse Sunil, interrompendo meus pensamentos. Ele me deu um aperto no ombro.

Jess sorriu para mim. Eu entrei um pouco em pânico — ela ia perguntar o porquê de eu estar aqui? Qual era minha sexualidade? Por que eu não tinha ido a nenhum dos outros eventos?

— Você consegue encher balões? — ela perguntou.

— Hum, sim.

— Graças a *Deus*, porque eu literalmente não consigo, e Laura está reclamando porque parece que está com tosse. — E então ela me entregou um saco de balões.

Sunil tinha que ajudar com as preparações para aquela noite, e eu rapidamente comecei a sentir como se tivesse cometido um erro grave por ter vindo, e que eu seria obrigada a conversar com um monte de gente que eu não conhecia. Só que Jess parecia feliz que eu tinha aparecido, eu estava enchendo os balões, e ela conversava com os amigos e conhecidos, e eu pude até conhecê-la mais um pouco, perguntando da orquestra, sobre tocar viola e sobre a amizade dela com Sunil.

— Para ser sincera, eu não tinha nenhum amigo de verdade aqui até conhecer Sunil — disse ela, depois que tínhamos terminado de amarrar o último cacho de balões. — Colocaram a gente sentado um do lado do outro na orquestra e nós imediatamente começamos a elogiar o que o outro estava vestindo. E aí estamos colados como chiclete desde então. — Ela sorriu, observando Sunil conversar com alguns calouros tímidos. — Todo mundo ama Sunil.

— Bom, ele é bem legal, então faz sentido — falei.

— Não só isso, mas ele também é um bom presidente de verdade. Ele ganhou a eleição da Sociedade do Orgulho de lavada. Todo mundo estava de saco cheio do presidente do ano passado, ele nunca usava as ideias de ninguém fora as dele. Ah, falando nele. — Jess foi até Sunil e disse baixinho: — Lloyd chegou. Só um aviso.

Ela apontou para a entrada.

Sunil deu uma espiada na porta, onde um garoto loiro magrelo estava em pé vestindo um smoking de veludo. Uma expressão que eu nunca tinha visto em Sunil marcou seu rosto — irritação.

Lloyd olhou para ele, sem sorrir, então andou até uma mesa do outro lado da sala.

— Lloyd *odeia* Sunil — disse Jess, assim que Sunil voltou para a conversa com o grupo de calouros. — Então isso é meio que uma questão aqui.

— Drama? — perguntei.

Jess assentiu.

— Drama.

Por algum motivo — pena, ou talvez bondade genuína, não sabia dizer — eu acabei sentando ao lado de Sunil na mesa dele durante todo o jantar. Às oito da noite, a sala estava cheia e animada, e garçons estavam servindo bebidas e aperitivos.

Entre um prato e outro, Sunil fazia questão de sair pela sala e falar com pessoas em todas as mesas, especialmente os calouros. Os novatos pareciam genuinamente empolgados em encontrar com ele. Era meio incrível ficar observando.

Eu consegui falar um pouco com as outras pessoas na minha mesa, mas fiquei aliviada quando Sunil voltou para a sobremesa, e eu consegui conversar com ele de verdade. Ele me falou que estava estudando música, o que ele achava que provavelmente era um erro, mas que ele estava gostando. Ele era de Birmingham, o que explicava o leve sotaque que eu não tinha conseguido identificar. Ele não fazia ideia do que ia fazer depois de Durham, apesar de esse ser o último ano de faculdade.

Eu falei pra ele da nossa Sociedade Shakespeare e como provavelmente seria um desastre.

— Eu atuei um pouco quando estava na escola — disse Sunil, quando mencionei que precisávamos de um quinto membro. Ele então começou uma história sobre a vez em que ele fez um papel pequeno na produção de *Wicked: A história não contada das bruxas de Oz* e concluiu dizendo: — Talvez eu pudesse atuar na sua peça. Eu sinto falta do teatro.

Eu falei que isso seria incrível.

— Mas estou tão ocupado — disse ele. — Tenho um milhão de coisas pra fazer o tempo todo.

E, a julgar pela expressão cansada no rosto dele, ele não estava exagerando, então eu disse que tudo bem se ele não pudesse.

Só que ele disse que ia pensar no assunto.

Eu não conhecia muita gente abertamente queer. Tinha um pessoal na escola com quem Pip saía de vez em quando, mas tinha no máximo sete ou oito deles. Eu não sabia o que esperar. Não havia um tipo particular de pessoa, ou estilo ou

a*parência*. Só que todo mundo era tão amigável. Havia grupos óbvios de amigos, mas, na maior parte, as pessoas ficavam felizes em conversar com qualquer um.

Todos eles eram só *eles mesmos*.

Eu não sabia como explicar.

Não havia uma pretensão. Não havia uma omissão. Não havia um fingimento.

Nesse pequeno restaurante escondido nas antigas ruas de Durham, um monte de pessoas queer podiam só aparecer e *existir*.

Eu não achei que eu entendia o que era isso até aquele instante.

Depois da sobremesa, as mesas foram empurradas para o lado, e a festa começou de verdade. As luzes foram diminuídas, e a música aumentou de volume, e quase todo mundo estava de pé, conversando, rindo e bebendo. Eu rapidamente percebi que minhas reservas de socialização tinham sido esgotadas pelo que parecia honestamente o dia mais longo da minha vida, e que eu também tinha bebido o bastante para ficar naquele estado onde tudo parece um sonho, então encontrei um assento vazio em um canto e me encolhi com o meu celular e uma taça de vinho por meia hora, passando pela timeline do Twitter e do Instagram.

— Se escondendo num canto, criança da faculdade?

Eu ergui minha cabeça, assustada, mas era só Sunil, com um copo de limonada na mão. Ele parecia uma celebridade no smoking, com o cabelo penteado para trás. Suponho que ele era uma celebridade aqui.

Ele se sentou na cadeira ao meu lado.

— Como você está?

Eu assenti pra ele.

— Bem! É. Isso aqui está sendo bem legal.

Ele sorriu e olhou para a sala. Pessoas felizes se divertindo.

— Sim. Foi um sucesso.

— Você já organizou algo assim antes?

— Nunca. Eu fui parte da equipe de liderança da sociedade ano passado, mas eventos desse tipo não estavam sob meu comando. O ano passado foi literalmente só noites de balada ou saídas pro bar.

Fiz uma careta. Sunil viu e riu.

— É. Exatamente.

— É estressante? Ser o presidente?

— Às vezes. Mas vale a pena. Me faz sentir como se eu estivesse fazendo algo importante. E que eu sou *parte* de algo importante. — Ele exalou. — Eu… fiz muitas coisas sozinho por um bom tempo. Eu sei como é se sentir totalmente sozinho. Então agora estou tentando me certificar… de que nenhuma pessoa queer se sinta assim nesta cidade.

Eu assenti novamente. Eu conseguia entender isso.

— Não sou um super-herói nem nada. Nem quero ser. Um monte de calouros me olha tipo como se eu fosse um anjo queer que desceu dos céus pra resolver todos os problemas deles, e eu não sou, não sou mesmo. Sou só uma pessoa. Só que eu gosto de pensar que estou tendo um impacto positivo, mesmo que seja pequeno.

Eu tive a sensação repentina de que Sunil tinha passado por muita coisa antes de se tornar essa pessoa — confiante, eloquente, sábia. Ele nem sempre foi esse presidente autoconfiante de uma sociedade. Só que, o que quer que ele tenha passado, ele conseguiu superar. Ele sobreviveu. E ele estava transformando o mundo num lugar melhor.

— Só que eu estou muito cansado o tempo todo — disse ele, com uma risada pequena. — Eu às vezes acho que me esqueço de… cuidar de mim mesmo. Só assistir a uma série, ou sei lá. Fazer um bolo. Eu raramente faço coisas assim. Às vezes eu queria passar um pouco mais de tempo fazendo alguma coisa completamente inútil. — Ele encontrou meu olhar. — E agora estou falando demais!

— Não tem problema! — eu deixei escapar. Não tinha mesmo. Eu gostava de conversas profundas, e agora eu sentia que estava conhecendo Sunil bem. Eu sabia que ele, como meu genitor da faculdade, era pra ser meu mentor aqui em Durham, mas eu já queria conhecê-lo melhor do que isso. Queria que fôssemos amigos.

Só que foi aí que ouvi a voz.

— Georgia?

Olhei pra cima mesmo sem precisar, porque essa era uma voz que eu conhecia tão bem quanto a minha.

Pip, usando um smoking preto não muito diferente de Sunil, estava me encarando com uma expressão espantada.

— O que você está fazendo aqui?

PIP

Eu olhei para Pip. Pip olhou para mim. Sunil olhou para Pip. Então ele olhou para mim. Eu olhei para minhas mãos, com dificuldade de saber o que eu deveria fazer ou como eu ia explicar o fato de eu estar no baile da Sociedade do Orgulho quando eu deveria estar saindo com Jason, e Pip não tinha nenhum motivo para acreditar que eu não era hétero.

— Eu encontrei com Sunil — eu disse, mas não sabia como continuar dali.

— Sou o genitor da faculdade dela — disse Sunil.

— É.

— Então… — Pip deu um sorriso constrangido. — Você só… decidiu vir junto?

Houve um silêncio.

— Na verdade — disse Sunil, se endireitando na cadeira —, pedi pra Georgia vir ajudar. Nós estávamos com pouca gente para conseguir arrumar tudo. — Ele se virou para mim com um sorriso que era um pouco macabro. Provavelmente porque ele estava tirando uma mentira do cu. — E, pra retribuir o favor, eu vou atuar na peça da Georgia.

— Ah! — Pip imediatamente se iluminou, os olhos arregalando. — Caralho! Sim! A gente precisa mesmo de um quinto membro!

— Você está na peça também?

— Sim! Bom, eu meio que fui forçada, mas, sim.

Assim que processei o fato de que Sunil tinha acabado de se voluntariar pra entrar na nossa peça, ele foi chamado por outro grupo de pessoas, tinha me dado um tapinha no ombro e dado um tchau pra nós duas.

Pip encontrou meus olhos de novo. Ela ainda parecia um pouco confusa.

— Que tal a gente ir pro bar?

Eu assenti. Eu já tinha bebido muito vinho e precisava muito de água.

— Vamos.

Demorou uns vinte minutos pra gente conseguir chegar ao bar, porque as pessoas ficavam parando para falar com Pip.

Pip tinha feito um número grande de amigos na Sociedade do Orgulho, o que não deveria ter me surpreendido. Ela sempre foi boa em fazer amizades, mas ela era seletiva, e, em casa, não havia muitas pessoas com quem ela gostava de sair. Houve outras garotas quando estávamos no ensino fundamental, e ela tinha alguns amigos queer no último ano, mas não existia uma Sociedade do Orgulho na nossa escola. Kent era um lugar rural e não tinha nenhum tipo de áreas ou lojas ou baladas queer como nas cidades grandes.

Ela se assumiu pra mim quando nós tínhamos quinze anos. Não foi a saída do armário mais dramática ou engraçada ou emotiva, em comparação com os filmes e a TV. "Eu acho que gosto de meninas" foi o que ela me disse enquanto estávamos passeando pelas lojas na rua principal à procura de mochilas novas. Houve certo desenvolvimento prévio. Nós estávamos falando dos meninos que frequentavam a escola só de meninos. Eu estava falando que não entendia qual era a empolgação. Pip concordou.

Não preciso nem falar que, no geral, Pip passou um tempo na merda. E por mais que Pip tivesse vários, vários outros conhecidos com quem ela definitivamente poderia ter aprofundado sua amizade, ela sempre me procurava para falar sobre as coisas difíceis. Eu não sei se por ela confiar em mim, ou só porque eu era boa em escutar. Talvez as duas coisas. De toda forma, eu virei um porto seguro. Eu ficava feliz em ser um, e ainda era um agora.

Eu ficava feliz de poder oferecer isso pra ela.

— Sinto muito por isso — disse ela, quando finalmente sentamos nos banquinhos do bar e pedimos dois copos de suco de maçã, nenhuma das duas particularmente a fim de continuar bebendo álcool. Ela estava sorrindo.

— Sente nada. — Eu sorri de volta. — Você é extremamente popular.

— Ok, você me pegou. — Ela cruzou as pernas, revelando meias listradas que espreitavam debaixo das calças. — Eu sou extremamente popular agora e estou

amando isso. Não se preocupe, você e Jason ainda dividem o primeiro lugar no pódio.

Olhei para os pequenos grupos de membros da Sociedade do Orgulho, alguns em pé conversando, outros dançando, outros sentados nos cantos com bebidas, cochichando intimamente.

— Eu também tenho frequentado a Sociedade Latino-americana — disse Pip. — Eles tiveram uma reunião de boas-vindas uns dias atrás.

— Ah! E como foi?

Pip assentiu, animada.

— Incrível, na verdade. Minha mãe basicamente me obrigou a ir porque, tipo, eu não estava superentusiasmada pra ir. Eu não sabia o que a gente ia de fato *fazer* lá. Mas foi legal fazer alguns amigos. E eles fazem *tanta* coisa, sério. Tipo, conheci essa outra menina colombiana e ela estava me contando sobre esse encontro que eles fizeram em dezembro do ano passado pro *Día de las Velitas*. — Ela sorriu. — Me fez sentir… sei lá. Me lembrou de quando eu ainda morava em Londres.

Em casa, às vezes, Pip tinha se sentido sozinha, de um jeito que eu e Jason não podíamos ajudar. Muitas vezes ela falava que preferia que a família não tivesse saído de Londres, porque ao menos ela teria os avós e uma comunidade grande que a abraçava. Quando ela se mudou pra nossa pequena cidade no Kent, aos dez anos, essa comunidade se foi. Pip era a única garota latina do nosso ano.

Com isso, e entendendo que ela era gay, Pip tinha definitivamente dado azar em termos de *pessoas nas redondezas com quem ela podia se identificar e se aproximar em um nível profundo devido a experiências de vida semelhantes*.

— Eu tinha esquecido como era bom estar rodeada de tantas pessoas latinas, sabe? — ela continuou. — A nossa escola era tão *branca*. E até aqui em Durham, Durham é tão branca. Até mesmo a Sociedade do Orgulho é bem branca no geral!

Ela gesticulou ao nosso redor, e, quando olhei, percebi o quanto ela estava certa — à exceção de Sunil, Jess, e mais uma meia dúzia de pessoas, a maioria dos rostos presentes era branca.

— Estou começando agora a perceber o quanto me afetou só… ficar ao redor de gente branca o tempo todo. Tipo, ser gay *e* latina significava que eu não conhecia *ninguém* como eu. Por mais que fosse bom ter outros amigos gays no último ano, eles também eram todos brancos, então eu não podia só me identificar

por inteiro com as experiências deles. — Ela riu, repentinamente. — Só que aí conheci um cara gay na Sociedade Latino-americana e conversamos um monte sobre ser gay e latino, e eu juro por Deus que nunca na *vida* eu me senti tão compreendida.

Eu me vi sorrindo. Porque minha melhor amiga estava *prosperando* aqui.

— Quê? — ela disse, vendo o sorriso no meu rosto.

— Só estou feliz por você — respondi.

— Meu Deus, você é uma manteiga derretida.

— Não consigo evitar. Você é uma das poucas pessoas com que eu me importo de verdade no mundo.

Pip sorriu como se estivesse muito satisfeita com esse fato.

— Bom, eu sou uma lésbica muito popular e bem-sucedida. É uma honra me conhecer.

— *Bem-sucedida?* — Eu ergui uma sobrancelha. — Isso é novo.

— Primeiro, como você ousa? — Pip se inclinou para trás do banquinho com uma expressão convencida. — Segundo, sim, eu meio que peguei uma menina noite passada na balada da Sociedade do Orgulho.

— Pip! — eu me endireitei, rindo. — Por que você não me contou?

Ela deu de ombros, mas ela claramente estava muito satisfeita consigo mesma.

— Não foi nada sério, tipo, não é que eu queria sair com ela nem nada. Mas eu queria beijar ela, nós duas queríamos, então, a gente só se beijou.

— Como ela era?

Nós continuamos sentadas no bar enquanto Pip contava sobre o encontro com essa garota do segundo ano do Hatfield que estudava francês e estava usando uma saia bonitinha, e como não significava nada em particular, mas tinha sido bom e divertido e bobo e tudo que ela queria na experiência universitária.

— Isso é meio idiota, mas… me deu esperança. Só um pouco. — Pip exalou. — Tipo… eu não vou ficar sozinha pra sempre. Eu vou ter a chance de ser eu mesma aqui. De sentir que ser eu mesma é uma coisa *boa*. — Ela riu, e afastou os cachos dos olhos. — Eu não sei se já senti que ser eu mesma era… bom.

— Somos duas — respondi em um tom de brincadeira, mas acho que no fim eu meio que estava falando sério.

— Bom, se você algum dia pensar em virar gay, me avise. Eu posso rapidamente te arrumar alguém. Eu agora tenho contatos.

Eu engasguei.

— Se ao menos sexualidade funcionasse assim.

— Tipo, por escolha?

— É. Eu acho que eu escolheria ser gay se eu pudesse.

Pip não disse nada por um momento, e eu me perguntei se tinha falado algo esquisito ou ofensivo. Só que era a verdade. Eu escolheria ser gay se eu pudesse.

Eu sabia que gostar de meninas podia ser difícil quando você também é uma menina. Normalmente era difícil, ao menos por um tempo. Mas também era bonito. Era bonito pra cacete.

Gostar de meninas quando você também é uma menina tinha um certo *poder*. Era uma *luz*. Esperança. Alegria. Paixão.

Às vezes demorava um tempo para meninas que gostavam de outras meninas encontrarem isso. Só que, quando encontravam, começavam a voar.

— Sabe — disse Pip. — As pessoas héteros não pensam em merdas assim.

— Ah. Sério?

— Sim. Pensar umas merdas assim é tipo, o primeiro passo pra você perceber que você é lésbica.

— Ah. Claro. — Eu ri, envergonhada. Eu ainda tinha bastante certeza de que eu não era lésbica. Ou talvez eu fosse e só fosse muito reprimida. Ou talvez eu só fosse o X na escala Kinsey. Um nada.

Nossa! Eu estava arrependida de não ter pedido mais álcool.

Nós sentamos em silêncio por um momento, nenhuma de nós querendo adentrar mais no assunto. Normalmente, Pip era bem enxerida quando a gente começava a falar de *coisas profundas*, mas ela provavelmente sabia que havia algumas coisas sobre as quais era bom não ser enxerida.

Eu queria que ela tivesse sido enxerida.

Eu queria encontrar as palavras para falar sobre tudo isso com a minha melhor amiga.

— Então, você e o Jason — disse Pip, e eu pensei *ai não*.

— Sim? — falei.

Pip pigarreou.

— Vocês já se beijaram?

Eu me senti ficando um pouco vermelha.

— Hum, não.

— Bom. Eu não consigo imaginar vocês se beijando. — Ela estreitou os olhos e ficou encarando o horizonte. — Seria como… sei lá. Ver meus irmãos se beijarem.

— Bom, a gente provavelmente vai acabar fazendo isso. — Eu disse. *Definitivamente*. Nós definitivamente íamos fazer isso.

Pip olhou para mim de novo. Eu não conseguia decifrar a expressão dela. Ela estava irritada? Ou será que só achava tudo estranho?

— Você nunca ficou interessada em ninguém antes — disse ela. — Quer dizer, a coisa com o Tommy… tudo isso foi… você meio que só *inventou* aquele *crush*. Por acidente.

— É — concordei.

— Mas você gosta do Jason agora?

Eu pisquei.

— O quê? Você não acredita em mim?

Ela se inclinou um pouco para a frente, e depois para trás de novo.

— Não sei se acredito.

— Por que não?

Ela não queria falar. Ela sabia que seria desrespeitoso falar, simplesmente *pressupor* qualquer coisa sobre a minha sexualidade, mas nós duas estávamos pensando nisso.

Nós duas estávamos pensando que eu provavelmente só não gostava de homens.

Eu não sabia o que dizer, porque eu não discordava.

Eu queria falar pra Pip que eu provavelmente não tinha certeza de nada, e que eu me sentia esquisita o tempo todo, ao ponto de que eu só me odiava, sendo eu uma pessoa que sabia tudo sobre sexualidade por causa da internet, que não conseguia nem vagamente determinar o que eu era, não conseguia nem fazer um chute, quando todo mundo parecia saber disso tão, tão facilmente. Ou se eles não achavam isso fácil, ao menos passavam pela fase difícil na escola, e quando chegavam à minha idade, já estavam beijando e transando e se apaixonando o quanto queriam.

Tudo que eu consegui dizer foi:

— Eu não sei bem como me sinto.

Pip sabia que eu não estava falando tudo que eu estava pensando. Ela sempre sabia.

Ela pegou minha mão e segurou.

— Tudo bem, cara — disse ela. — Tudo bem.

— Desculpa — eu murmurei. — Eu sou… uma droga em explicar isso. Tudo parece falso.

— Eu estou aqui quando você quiser conversar, cara.

— Ok.

Ela me puxou pra um abraço de lado, meu rosto pressionado no colarinho dela.

— Namore Jason por um tempo se você quiser. Só não o machuque, ok? Ele fica se fazendo todo de calmo e despreocupado, mas ele é bem sensível depois de toda aquela merda com a Aimee.

— Eu sei. Não vou fazer isso. — Eu ergui minha cabeça. — Você está mesmo bem com isso?

O sorriso dela parecia forçado e dolorido, e quase partiu meu coração.

— Claro. Eu te amo.

— Eu também te amo.

MIRAGEM

Eu decidi ir embora depois disso. Pip ficava sendo arrastada para conversas com pessoas que eu não conhecia, e eu não tinha nenhuma energia sobrando para falar com pessoas novas. Jess estava ocupada se misturando, e Sunil não estava em nenhum lugar à vista.

Olhei para o celular. Ainda eram 22:20. Me perguntei se Jason estava bem.

Ele provavelmente ainda estava sentado no quarto, sozinho, se questionando se eu tinha tido mesmo uma dor de cabeça ou se eu só não gostava dele.

Eu não queria mais pensar em amor.

Conforme saí do restaurante e desci as escadas estreitas, ouvi um par de vozes abafadas no patamar abaixo. Eu parei, percebendo que uma das vozes pertencia a Sunil.

— Eu sou o presidente agora — ele estava dizendo —, e se isso te irrita *tanto*, você não precisa mais vir pros eventos da sociedade.

— Você está tentando me expulsar? — disse a segunda voz. — *Clássico*. Eu nem deveria ficar chocado nessa altura.

— E agora você está tentando arrumar uma briga de novo. — Sunil suspirou profundamente. — Você nunca fica *cansado*, Lloyd? Porque eu sim.

— É meu direito falar das minhas preocupações com os rumos da sociedade. Você mudou todos os eventos que fazemos e agora está deixando gente demais entrar!

— Deixando gente demais? Em que planeta você *vive*?

— Eu vi a porra dos folhetos que vocês estavam entregando na feira dos calouros! *Assexual* e *bigênero* e sei lá o quê. Você simplesmente vai deixar entrar qualquer um que acha que é um rótulo inventado na internet?

Houve um pequeno silêncio, e então Sunil falou de novo, a voz mais séria.

— Sabe de uma coisa, Lloyd? Vou. Vou, sim. Porque a Sociedade do Orgulho é inclusiva e aberta e cheia de amor, e *não é mais comandada por você*. E porque ainda existem uns gays cis brancos tristes e pequenininhos como você que não conseguem aceitar a existência de outras pessoas queer sem achar que são uma ameaça aos seus direitos, mesmo uns *calouros* que estão aparecendo aqui pela primeira vez, uns que provavelmente *nunca* frequentaram um evento queer toda sua vida, só estão tentando encontrar um lugar em que eles possam relaxar e ser eles mesmos. E eu não sei se você sabe disso, Lloyd, porque eu sei que você não sabe identificar nenhuma bandeira do orgulho que não seja a porra do arco-íris, mas acontece que eu *sou* um desses *rótulos inventados na internet*. E sabe o que mais? Eu sou o presidente. Então vai pra casa do cacete, e fique longe da minha festa.

Eu ouvi o som de passos indo embora, e uma porta que se abriu e fechou.

Esperei um momento, mas não tinha jeito de fingir que eu não tinha ouvido a conversa, então eu desci as escadas. Sunil olhou para cima quando me aproximei. Ele estava inclinado na parede, os dedos segurando fortemente o antebraço.

— Georgia — disse ele, forçando um sorriso, mas eu devo ter parecido culpada, porque ele imediatamente falou: — Ah, você ouviu uma parte da conversa.

— Desculpa — eu disse, chegando ao último degrau. — Você está bem? Você quer… — Me esforcei pensando em um jeito que eu poderia ajudar. — uma bebida ou algo assim?

Sunil riu.

— Você é fofa. Estou bem.

— Ele… parecia… uma pessoa bem nojenta.

— Sim. Ele é mesmo. Só porque você é gay não significa que você não pode ser preconceituoso.

— Acho que você meio que aniquilou ele.

Ele riu de novo.

— Valeu. — Ele descruzou os braços. — Está voltando pra casa?

— Aham. Foi bem legal.

— Que bom. Ótimo. Você pode vir a hora que você quiser.

— Obrigada. E obrigada pelo que você disse pra Pip sobre… sabe, a razão de eu estar aqui.

Ele deu de ombros.

— Não foi nada.

— Você não precisa atuar na nossa peça.

— Ah, não, eu vou definitivamente atuar na sua peça.

Meu queixo caiu.

— Você vai?

— Definitivamente. Eu estou precisando mesmo fazer algo desse tipo, algo *divertido*. Então estou dentro. — Ele colocou a mão nos bolsos. — Se você quiser.

— Claro! Claro, a gente meio que precisa de cinco membros ou a sociedade vai ser eliminada.

— Bom, então tudo certo. Me manda os detalhes por mensagem?

— Sim, claro.

Houve uma pausa.

Eu poderia ter ido embora. Faria sentido eu ir embora para casa.

Só que, em vez disso, eu me encontrei falando:

— Eu meio que estava num encontro hoje — falei. — Quando você me encontrou.

Sunil ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é?

— Só que não deu muito certo.

— Ai. Por quê? A pessoa foi horrível?

— Não, foi só… o cara é ótimo mesmo. Eu sou o problema. Eu sou esquisita.

Sunil pausou.

— E por que você é esquisita?

— Eu só… — eu ri, nervosa. — Acho que eu nunca consigo sentir nada.

— Talvez ele seja a pessoa errada pra você.

— Não — eu disse. — Ele é ótimo. Mas eu nunca sinto nada por ninguém.

Houve outra pausa longa.

Eu nem sabia como começar a explicar exatamente. Parecia algo que eu tinha inventado. Um sonho que eu não conseguia lembrar direito.

E uma palavra.

Uma palavra que Lloyd tinha falado com tanta maldade, mas Sunil tinha defendido.

Uma palavra que tinha causado uma faísca no meu próprio cérebro.

Eu finalmente tinha feito a conexão.

— Er — Eu estava grata por estar um pouco bêbada. Apontei para o broche dele, aquele com as faixas preta, cinza, branca e roxa. — Essa é a… bandeira de… ser assexual?

Os olhos de Sunil se arregalaram. Pelo mais breve momento, ele parecia genuinamente chocado por eu não ter certeza do que significava o broche dele.

— Sim — disse ele. — Assexualidade. Você sabe o que é isso?

Bom, eu definitivamente tinha *ouvido falar* de assexualidade. Eu já tinha visto algumas pessoas falarem sobre isso on-line, e muitas pessoas tinham isso nas bios do Twitter e do Tumblr. Às vezes até aparecia em uma fanfic um personagem assexual. Só que eu quase nunca tinha ouvido as pessoas falarem a palavra na vida real, ou até mesmo na TV ou em filmes. Achei que tinha alguma coisa a ver com não gostar de sexo, mas eu não tinha certeza.

— Hum… não muito — eu disse. — Já *ouvi* falar. — Imediatamente me senti envergonhada com essa confissão. — Você não precisa passar tempo explicando isso pra mim, eu posso só, sei lá, ir e pesquisar…

Ele sorriu de novo.

— Tudo bem. Eu gostaria de explicar. A internet pode ser um pouco confusa.

Eu me calei.

— Assexualidade significa que eu não sinto atração sexual por nenhum gênero.

— Então — pensei no assunto —, isso significa… que você não quer fazer sexo com ninguém?

Ele riu.

— Não necessariamente. Alguns assexuais se sentem dessa forma. Outros, não.

Agora eu estava confusa mesmo. Sunil conseguiu perceber.

— Está tranquilo — ele falou, e de verdade aquilo me fez sentir que não teria problema se eu não entendesse. — Assexualidade significa que eu não tenho *atração* sexual por nenhum gênero. Então eu não olho para homens, mulheres, ou qualquer um, e penso, *uau eu quero muito pegar essa pessoa e fazer coisas e tal.*

Isso me fez bufar.

— Alguém pensa mesmo esse tipo de coisa?

Sunil sorriu, mas era um sorriso triste.

— Talvez não nessas palavras, mas, sim, a maioria das pessoas pensa coisas desse tipo.

Isso me abalou.

— Ah.

— Então eu só não tenho esse tipo de sentimento. Mesmo se for com alguém com quem estou namorando. Mesmo se for um modelo ou uma celebridade. Mesmo que, num nível simples e objetivo, eu sempre consiga dizer se uma pessoa é convencionalmente atraente. Eu só não sinto esses sentimentos de atração.

— Ah — eu disse de novo.

— Alguns assexuais gostam de transar, por uma variedade enorme de razões — ele continuou. — Acho que é por isso que muitas pessoas acham isso confuso. Só que outros assexuais não gostam mesmo de sexo, e outros só são neutros nesse assunto. Alguns assexuais ainda sentem atração romântica por outras pessoas, querem estar em um relacionamento ou até beijar pessoas, por exemplo. Só que outros não querem relacionamento romântico nenhum. É um espectro bem, bem grande, com um monte de sentimentos e experiências diferentes. E não há nenhum jeito de determinar como uma pessoa específica se sente, mesmo se ela abertamente se descrever como assexual.

— Então... — Senti que era um pouco invasivo perguntar, mas eu *tinha* que fazer isso. — *Você* ainda quer um relacionamento?

Ele assentiu.

— Sim. Eu me rotulo como gay também. Gay assexual.

— Tam… também?

— O termo técnico é homorromântico. Eu ainda quero um relacionamento com caras ou pessoas no espectro masculino de gênero. Só que eu sou bem indiferente a sexo, porque nunca olho para homens ou qualquer gênero e sinto atração sexual. Homens não me dão tesão. Ninguém me dá.

— Então atração romântica é *diferente* de atração sexual?

— Para algumas pessoas isso se manifesta de jeitos diferentes, sim — disse Sunil. — Algumas pessoas acham útil definir esses dois aspectos da atração que

sentem de jeitos diferentes.

— Ah.

Eu não sabia como me sentir sobre isso. O que eu sentia parecia ser *inteiro* — não parecia ser duas coisas diferentes.

— A Jess é arromântica, o que significa que ela não sente atração *romântica* por ninguém. Ela também é bissexual. Ela não se importa de eu falar isso. Ela acha muitas pessoas fisicamente atraentes, só não se apaixona por elas.

Isso não é meio triste?, era o que eu queria perguntar. *Como é que ela fica bem com isso*? Como é que *eu* ficaria bem com isso?

— Ela é feliz — disse Sunil, como se lesse minha mente. — Demorou um tempo para ela ficar feliz consigo mesma, mas, quer dizer, você a conheceu. Ela é *feliz* com quem ela é. Talvez não seja esse sonho heteronormativo que ela cresceu querendo, mas saber quem você é e se *amar* é muito melhor do que isso, acho.

— Isso é… bastante coisa — eu falei, e minha voz saiu baixa e um pouco rouca.

Sunil assentiu de novo.

— Eu sei.

— Tipo bastante, *bastante,* mesmo.

— Eu sei.

— Por que as coisas precisam ser tão complicadas?

— Ah, as eternas e sábias palavras da filósofa contemporânea Avril Lavigne.

Eu não sabia o que dizer depois disso. Só fiquei ali, processando.

— É engraçado — disse Sunil, depois de uns instantes. Ele olhou para baixo, como se lembrasse uma velha piada. — Poucas pessoas sabem o que é assexualidade ou arromanticidade. Às vezes acho que estou tão envolvido com a Sociedade do Orgulho que esqueço que tem pessoas que simplesmente nunca ouviram essas palavras. Ou nem sabem que isso é uma coisa que existe.

— D-desculpa — eu disse no mesmo instante. Eu tinha ofendido ele sem querer?

— Meu Deus, não tem por que você se desculpar. Não está nos filmes. Mal está nas séries de TV, e quando está, em geral é em uma trama secundária que a maioria das pessoas ignora. Quando é falado na mídia, geralmente acaba virando motivo de piada. Até mesmo algumas pessoas queer por aí odeiam o conceito de

ser aro ou ace porque eles acham que é anormal ou só *fingimento*… Quer dizer, você ouviu o Lloyd. — Ele sorriu para mim com tristeza. — Fico feliz que você ficou curiosa. É sempre bom ser curioso.

Eu estava curiosa agora, isso era certo.

E também estava apavorada.

Quer dizer, essa não era eu. Assexual. Arromântica.

Eu ainda queria transar com alguém, em algum momento. Quando eu encontrasse alguém de quem eu gostasse. Só porque eu nunca tinha gostado de ninguém não significava que eu nunca *iria* gostar, certo?

E eu queria me apaixonar. Queria muito, muito mesmo.

Eu definitivamente me apaixonaria um dia.

Então essa não seria eu.

Eu não queria que essa pessoa fosse eu.

Porra. Sei lá.

Sacudi a minha cabeça um pouco, tentando dissipar o turbilhão de caos que estava ameaçando se formar dentro do meu cérebro.

— Eu preciso… ir pra casa — eu gaguejei, sentindo repentinamente que eu era um grande incômodo pra Sunil. Ele provavelmente só queria ter uma noite boa, mas aqui estava eu, pedindo uma aula de sexualidade. — Quer dizer, pro dormitório. Desculpa. E, hum, obrigada por explicar… isso tudo.

Sunil olhou para mim por um bom tempo.

— Claro — disse ele. — E fiquei feliz mesmo que você veio comigo, Georgia.

— É — murmurei. — Obrigada.

— A Sociedade do Orgulho está com você — disse ele. — Ok? Ninguém estava comigo até… até eu conhecer a Jess. E se eu não tivesse conhecido ela… — A voz dele se esvaiu, algo atravessando a expressão dele que eu não conseguia decifrar. Ele substituiu por seu sorriso calmo e familiar. — Só quero que você saiba que as pessoas estão aqui pro que você precisar.

— Ok — eu falei rouca.

Então eu fui embora.

Acho que é justo dizer que muita coisa estava girando dentro do meu cérebro na caminhada para casa.

Eu ia magoar Jason, ou a gente ia morrer junto, usando alianças de casamento. Pip estava ótima — talvez ela não precisasse mais da gente. Por que eu não conseguia sentir nada por ninguém? Era isso que Sunil e Jess eram? Essas palavras supercompridas que a maioria das pessoas nunca nem tinha ouvido falar?

Por que eu não conseguia me apaixonar por alguém?

Eu passei por lojas, cafés, pelo departamento de história do Hatfield, estudantes bêbados e moradores tropeçando por aí, e a catedral, acesa gentilmente na escuridão, e isso me fez parar e pensar sobre como eu tinha percorrido esse caminho com Jason algumas horas antes, e nós estávamos rindo, e eu quase tinha conseguido imaginar que eu era uma pessoa completamente diferente.

Quando voltei para o meu quarto, as pessoas do andar de cima estavam transando de novo. Eu ouvia um som ritmado contra a parede. Eu odiava, mas eu me senti mal, porque talvez fossem só duas pessoas apaixonadas.

No fim das contas, esse era o problema com romance. Era tão fácil romantizar o romance porque estava por todos os lugares. Estava nas músicas e na TV e nas fotos cheias de filtro do Instagram. Estava no ar, vivo e nítido com uma possibilidade revigorante. Estava nas folhas que caíam, nos batentes de madeira das portas antigas, nos paralelepípedos gastos e nos campos de dentes-de-leão. Estava no toque das mãos, nas cartas rabiscadas, em lençóis amassados e na hora do crepúsculo. Um bocejo suave, na risada matinal, nos sapatos alinhados juntos ao lado da porta. Nos olhos que se encontram na pista de dança.

Eu podia ver tudo isso, o tempo todo, ao meu redor, mas, quando eu me aproximava, eu via que nada estava ali.

Uma miragem.

PARTE TRÊS

EU AMO NINGUÉM

— GEORGIA — uma voz disse, ou melhor, gritou, quando entrei na Sociedade Shakespeare pro ensaio dias depois.

Era nosso primeiro ensaio, em uma sala de ensaios de verdade. Nós estávamos dentro de um dos enormes e antigos prédios ao lado da catedral de Durham que só continham salas de aula que podiam ser reservadas por sociedades como espaços para atividades. Eu imaginava que esse prédio era igual a escolas particulares — cheio de madeira e desnecessariamente grande.

O grito em questão era um com o qual eu já estava me familiarizando bem.

Rooney apareceu no batente da sala usando um macacão militar bordô, que parecia imensamente fashion nela, mas, se eu estivesse usando, iria me fazer parecer uma funcionária de lava a jato.

Ela pegou meus dois braços e começou a me guiar para dentro da sala, que era na maior parte vazia, fora uma mesa no fundo, à qual Pip e Jason estavam sentados. Jason parecia estar lendo algum material didático, enquanto Pip olhou para cima e encarou Rooney com nada menos do que desdém.

— Estou morrendo, Georgia — disse Rooney. — Literalmente. Eu vou explodir.

— Por favor, se acalme.

— Não, é sério. Fiquei acordada até as seis da manhã planejando o resto da peça.

— Eu sei. A gente mora junto.

Desde que eu tinha avisado Rooney que Sunil estava dentro, ela tinha exagerado um pouco na preparação da peça — ficando acordada até tarde no planejamento, agendando ensaios semanais pelo resto do ano, e nos bombardeando com mensagens no novo grupo que Pip tinha chamado de

"Pesadelo de uma Noite de Verão". Rooney tinha brigado com Pip sobre o nome do grupo por horas.

— Nós temos que ter as primeiras cenas prontas antes do Baile Bailey — Rooney continuou. — Isso, de acordo com a nossa meta.

— Isso é daqui a algumas semanas já.

— *Exatamente*.

O Baile Bailey — o baile que acontece na St. John's no começo de dezembro — era completamente irrelevante para nossa sociedade, mas Rooney tinha decidido usá-lo como meta, de qualquer forma. Provavelmente só pra assustar todo mundo e nos obrigar a comparecer aos ensaios.

— E se Sunil não quiser vir? — Ela abaixou a voz num sussurro. — E se ele achar que isso é uma péssima ideia? Ele é um *veterano*. Ele *sabe* de coisas.

— Ele não é o tipo de pessoa que vai criticar uma peça estudantil, pra ser sincera.

Foi aí que Sunil entrou na sala, usando calças escuras com uma listra vermelha de cada lado, uma polo apertada e uma jaqueta jeans. De alguma forma, ele não parecia estar congelado até a morte na temperatura fria brutal de novembro típica daqui do norte.

Ele sorriu quando se aproximou, e eu senti uma onda de culpa desconfortável por ele só ter aparecido porque eu pedi.

Pip e Jason se juntaram a nós para dar oi.

— Você é o único que eu não conheci ainda — disse Sunil para Jason, esticando a mão.

Jason a apertou. Ele pareceu intimidado. Ele provavelmente estava admirado com a aura fenomenal que irradiava de Sunil o tempo todo.

— Oi. Eu sou o Jason.

— Oi! Eu me chamo Sunil. Você é muito alto, Jason.

— Hum, verdade, acho?

— Parabéns.

— Valeu?

Rooney bateu palmas bem alto.

— Ok! Vamos começar!

Jason e Sunil foram mandados para o outro lado da sala para repassarem uma cena de *Sonho de uma noite de verão* enquanto Pip, Rooney e eu nos sentávamos em um círculo com nossos exemplares de *Muito barulho por nada* expostos na nossa frente.

Muito barulho por nada é provavelmente uma das melhores peças de Shakespeare porque o enredo é exatamente igual a uma fanfic de inimigos a amantes, com um monte de confusão e falta de comunicação no meio do caminho. A premissa é que Beatriz e Benedicto se *odeiam*, e os amigos deles acham isso hilário, então decidem que vão fazer artimanhas para que os dois se apaixonem, e isso funciona muito melhor do que o planejado.

Incrível.

Eu tinha mais uma vez sido escolhida por Pip e Rooney para ser um dos protagonistas românticos — Benedicto. Pip ia ser Beatriz. Sentamos num círculo para ler a cena, e eu esperava que fosse melhor dessa vez. Talvez só fosse esquisito com Jason. Agora eu ia contracenar com Pip em uma cena muito mais divertida.

— *Me admira que ainda insistais em falar, Senhor Benedicto* — Pip zombou com um revirar de olhos. — *Ninguém vos dá atenção.*

Eu me esforcei com meu melhor sarcasmo para responder:

— *Ora, minha cara senhora Desdém! Ainda viveis?*

— Menos brava, eu acho — disse Rooney. — Tipo, Benedicto está provocando. Ele acha isso hilário.

Eu *amava* romances de inimigos-a-amantes. Só que eu estava com dificuldade de *entrar de cabeça* nisso. Eu preferia assistir a alguém atuando numa história assim.

Deixei Pip ler a próxima fala antes de ser minha vez de novo, dessa vez tentando soar menos irritada.

— *Pois que a Cortesia gosta de virar a casaca. Uma coisa é certa; com vossa exceção, sou amado por todas as mulheres* — eu disse. — *Apenas assim desejava o coração encontrar caso não tivesse um feito de pedra; para ser franco, eu amo ninguém.*

— Hum — disse Rooney.

— Olha — falei. — Essa é a primeira vez que estamos lendo a cena toda.

— Tudo bem. Talvez esse papel só não seja pra você.

Isso *e* a Julieta? Será que eram os papéis românticos que eu não conseguia fazer? Óbvio que não — eu já tinha atuado em muitos papéis românticos nas peças da escola, no passado, e nos espetáculos do teatro juvenil, e eu tinha me saído bem.

Por que eu estava me estressando tanto com papéis românticos agora?

— Ei! — Pip brigou com Rooney. — Para de ofender a Georgia!

— Eu sou a diretora! Eu preciso ser sincera!

— Hum, eu *também* sou a diretora e acho que você está sendo uma cuzona!

— Drama — disse Jason do outro lado da sala. Eu virei para ver Sunil erguer as sobrancelhas para ele, e então os dois só começaram a rir.

— Se você acha que Georgia é *tãoooo* merda assim… — disse Pip.

— Não foi isso que ela disse, mas ok — falei.

— Então deixa eu ver *você* fazer melhor, Rooney Bach. Se você não tem nenhum problema em ser gay em uma cena.

— Ah, eu não tenho problema nenhum em *ser gay*, Pipinha — disse Rooney, com o tom de quem insinuava uma coisa completamente diferente, o que Pip notou, e hesitou um pouco, surpresa.

— Ok, então — disse Pip.

— Ok — disse Rooney.

Rooney jogou o exemplar dela de *Muito barulho por nada* no chão.

— *Ok*.

Eu fui me sentar com Sunil e Jason para que todos nós pudéssemos observar Pip e Rooney encenarem a primeira discussão de Beatriz e Benedicto na peça. Eu previa que seria ou absolutamente hilário ou uma bagunça completa. Possivelmente as duas coisas.

Rooney se ajeitou, erguendo a cabeça de forma altiva, e sorriu com escárnio para Pip.

— *Apenas assim desejava o coração encontrar caso não tivesse um feito de pedra; para ser franco, eu amo ninguém.*

Ela não estava nem olhando para o exemplar de *Muito barulho por nada*. Ela sabia de cor.

Pip riu e se virou, como se estivesse se dirigindo para a plateia.

— *Uma alegria imensa para as mulheres! Desse modo, ficariam livres de tal pretendente* nefasto. — Ela se virou de volta para Rooney, estreitando os olhos. — *Dou graças a Deus por ter sangue frio, e compartilho vossa disposição: prefiro ouvir meu cachorro latir para uma gralha do que ouvir um homem dizer que me ama.*

A boca de Rooney estremeceu. Era estranhamente semelhante ao jeito que fazia quando ela *não estava* atuando.

Ela deu um passo para mais perto de Pip, como se para enfatizar a vantagem de altura.

— *Que Deus conserve a Senhorita com tal disposição!* — ela pressionou uma mão no ombro de Pip, apertando. — *Desse modo, poupará um cavalheiro ou outro de um rosto arranhado que o Destino lhe reservou.*

— *Um arranhão não pode torná-lo pior* — Pip replicou imediatamente com um leve inclinar da cabeça e um sorriso atrevido —, *se for um rosto como o vosso.*

Como é que as duas já sabiam essa cena de cor?

Rooney se inclinou mais, o rosto apenas a centímetros de Pip.

— *Ora* — ela sussurrou em um tom baixo —, *farias uma rara professora de papagaios.*

Pip inalou o ar com força, estremecendo.

— *Um pássaro de minha língua é preferível a uma fera da vossa.*

E Rooney, essa doida varrida, deixou que os olhos abaixassem para a boca de Pip.

— *Só quisera meu cavalo ser tão veloz quanto vossa língua* — ela murmurou —, *e partilhasse do mesmo fôlego.*

O silêncio que se seguiu foi de dar desespero. Jason, Sunil e eu só ficamos encarando, hipnotizados. O ar na sala estava mais do que carregado — estava pegando *fogo*.

Nós esperamos um momento para que acabasse, e foi Pip que finalmente interrompeu. Ela se desvencilhou do momento, o rosto vermelho.

— E é assim que se faz, crianças — disse ela, com uma reverência. Nós aplaudimos.

Rooney se virou para arrumar o rabo de cavalo, estranhamente quieta.

— Então vocês duas vão ser Benedicto e Beatriz, certo? — perguntou Jason.

Pip me lançou um olhar.

— Bom, se Georgia não se importar…

— Não, claro que não — falei. — Foi ótimo.

Talvez um pouco ótimo *demais*, considerando o rubor nas bochechas de Pip.

— Quê? — disse Pip, olhando para Rooney, que ainda estava se mantendo ocupada tirando o elástico e amarrando de novo o cabelo. — A cena foi sexy demais para você?

— Nada é sexy demais pra mim — ela respondeu de volta. Só que ela não se virou para responder. Ela estava se escondendo.

Pip sorriu torto. Eu sabia que ela achava que tinha ganhado.

Passamos o resto do tempo de ensaio ajudando Rooney e Pip a delinear a cena, acrescentando alguns objetos, antes de fazê-la mais algumas vezes. Elas pareciam ficar mais alvoroçadas a cada vez, também aumentando a quantidade de contato visual intenso e toques ao longo da cena.

No fim de duas horas, Sunil, Jason e eu empilhamos as cadeiras, então fomos esperar perto da porta, enquanto Pip e Rooney ficavam no centro da sala e discutiam sobre algumas falas no fim da cena. Jason colocou o casaco de pelúcia.

— Então — ele disse pra Sunil —, algum arrependimento?

Sunil riu.

— Não! Foi divertido. Fico muito contente de ser testemunha de… — ele gesticulou vagamente na direção de Pip e Rooney — ... seja lá o que for *isso*.

— Nós sentimos muito por elas — falei.

Ele riu de novo.

— Não, é sério. Foi divertido. É uma mudança muito boa do caos e drama geral da Sociedade do Orgulho. E do estresse do último ano. — Ele colocou as mãos no bolso e deu de ombros. — Eu sei lá, eu acho que… eu precisava fazer algo desse tipo. A faculdade é tão estressante. Tipo, quando era calouro, eu só estava meio… Fiquei um tempo muito mal, e então eu passei o segundo ano inteiro fazendo coisas pra Sociedade do Orgulho, e bom, obviamente isso continuou até agora. A orquestra é boa, mas também estressante pra cacete. Eu não acho que eu aproveitei um tempo só pra fazer algo porque é *divertido*. Sabe? — Ele olhou para cima, como se estivesse surpreso que nós ainda estivéssemos parados ali, escutando ele falar. — Desculpa, agora estou falando demais.

— Não, tudo bem — eu disse, mas isso não parecia o suficiente. — Nós estamos… felizes que você está aqui.

Jason deu um tapinha no ombro dele.

— Aham, você precisa vir com a gente comer pizza uma hora. Reunião de elenco.

Sunil sorriu para ele.

— Vou, sim. Obrigado.

Nós nos despedimos de Sunil, que tinha um seminário para ir, e Jason e eu nos inclinamos em lados opostos do batente, esperando por Pip e Rooney.

Jason começou a folhear as páginas do exemplar dele da peça.

— *Muito barulho por nada* é uma peça ótima. Apesar de eu não entender o apelo desses relacionamentos em que as pessoas são más umas com as outras no começo.

— É só tensão crescente até a hora inevitável em que eles vão transar loucamente — eu disse, pensando carinhosamente em algumas das minhas fanfics de inimigos-a-amantes favoritas. — Faz o sexo que vai vir depois ser mais empolgante.

— Acho que isso dá uma boa história. — Ele virou uma página. — É engraçado o quanto essas coisas todas giram ao redor de sexo. Eu nem acho que precisaria de sexo num relacionamento.

— Espera, sério?

— Tipo, é divertido, mas não acho que seja tão importante. Se a outra pessoa não quiser tanto fazer isso. Ou, tipo, nem quiser fazer. — Ele desvia o olhar do livro. — O quê? Isso é esquisito?

Dou de ombros.

— Não, é um jeito legal de pensar.

— Se você realmente ama alguém, eu acho que você… não se *importa* tanto assim com coisas desse tipo. Sei lá. Acho que todo mundo foi meio condicionado a ser obcecado por isso, quando, na verdade, sabe, é só uma coisa que pessoas fazem por diversão. Você nem precisa mais disso pra fazer bebês. Não é como se você fosse morrer sem.

— Morrer sem o quê? — perguntou Pip, que repentinamente só estava a alguns metros de nós, colocando a jaqueta bomber.

Jason fechou o livro com pressa.

— Pizza.

— Ah, meu Deus, dá pra gente ir comer pizza agora? Eu *vou* morrer se não comer pizza agora.

Eles foram embora juntos, conversando, enquanto eu esperava por Rooney, que estava amarrando os cadarços.

Será que tinha algum tipo de terceiro caminho quando se tratava do meu relacionamento e de Jason? Será que dava para ficarmos juntos e só não transar?

Eu fiquei encostada no batente tentando imaginar isso. Sem sexo, mas ainda com romance. Um *relacionamento*. Beijar Jason, ficar de mãos dadas com Jason. Estar *apaixonada*.

Passei tanto tempo pensando em como eu me sentia sobre o amor, mas não muito em *fazer sexo* — eu só tinha pressuposto que sexo automaticamente faria parte disso. Só que não precisava ser assim. Sunil tinha me dito que algumas pessoas não queriam sexo, mas eram muito felizes em seus relacionamentos sem isso.

Talvez eu *gostasse* de Jason romanticamente — eu só não queria transar com ele.

GÊMEAS DE MASTURBAÇÃO

Obviamente, passei o resto do dia pensando em sexo. Não de um jeito divertido. Só de um jeito *confuso*.

Eu não tinha pensado muito em como me sentia sobre sexo antes da festa da formatura. Esse tinha sido o primeiro momento em que eu tinha começado a me perguntar se eu era *estranha* por não ter feito todas as coisas que as outras pessoas diziam que tinham feito — inclusive transar.

Todos nós sabemos que o conceito de "virgindade" é idiota pra caramba, e que foi inventado por misóginos, só que isso não me impedia de pensar que eu estava, no fundo, perdendo algo muito bom. Só que eu estava *mesmo* perdendo alguma coisa? Sunil disse que ele se sentia *indiferente* a sexo. Eu nunca tinha ouvido ninguém falar de sexo dessa forma antes. Como se fosse um tipo de delivery de comida que você até achasse ok, mas pessoalmente nunca escolheria.

Tudo que eu sentia sobre sexo até agora era vergonha por não ter feito ainda.

Naquela noite, na cama, eu decidi falar com alguém que sabia de verdade um pouco do assunto. Rooney.

Eu me virei na cama para encará-la do outro lado do quarto. Ela estava digitando no MacBook, a maior parte do corpo escondida debaixo do edredom.

— Rooney? — eu disse.

— Hum?

— Eu estive pensando sobre… sabe… minha situação com Jason.

Isso chamou a atenção dela na hora. Ela se endireitou um pouco na cama, fechando o computador, e disse:

— É? Vocês já se beijaram?

— Bem, não, mas…

— Sério? — Ela ergueu as sobrancelhas, claramente pensando que isso era esquisito. — Que houve?

Eu não sabia o que falar pra ela.

— Não esquente a cabeça com isso — ela disse, abanando a mão. — Vai acontecer. Quando for a hora certa, só vai *acontecer*.

Isso me irritou. Beijar era uma coisa assim tão *vaga*?

— Acho que sim — eu disse, sentindo como se devesse só ser sincera. — Eu… não sei nem mesmo se… sei lá, eu sinto atração por homens no geral, ou algo do gênero.

Rooney piscou.

— Sério?

— Aham.

— Ok — disse Rooney. Ela assentiu, mas eu conseguia ver no rosto dela que isso era uma novidade pra ela. — Ok.

— Só que eu não tenho certeza. Eu andei pensando muito sobre, bom, sobre como eu me sentiria com… a parte física.

Houve uma pausa, e então ela disse:

— Sexo?

Eu deveria ter imaginado que ela só iria direto pro assunto.

— Bom, sim.

— Ok. — Ela assentiu de novo. — É. Isso é bom. Atração sexual é só entender com quem você quer transar. — Ela pausou para pensar, e então se virou de lado para me encarar. — Certo. A gente vai analisar isso.

— O que você está pensando?

— Vamos chegar às profundezas dos seus sentimentos e entender se você sente atração pelo Jason ou não.

Eu não fazia nenhuma ideia de aonde essa conversa estava indo, e eu estava com medo.

— Pergunta número um. Você toca siririca?

Eu estava certa de ficar com medo.

— Nossa.

Ela ergueu as mãos.

— Você não precisa responder, mas acho que isso pode ser um bom jeito de entender se você gosta mesmo do Jason.

— Eu estou tão desconfortável.

— Sou só eu. Eu já te ouvi peidar na cama.

— Você não ouviu, *não*.

— Ouvi, sim. Foi bem alto.

— Ai, *Deus*.

Eu sabia que eu poderia interromper essa conversa se eu quisesse mesmo. *Era* um pouco grosseiro da parte de Rooney fazer tantas perguntas pessoais quando na verdade a gente só se conhecia havia um mês e meio. Só que eu *queria* falar sobre esse tipo de coisa com alguém. E eu *achava* que falar sobre isso me ajudaria a entender algumas coisas.

— Então — Rooney continuou. — Masturbação.

Eu não era o tipo de pessoa que achava que isso era uma "coisa de homens". Eu estava na internet por tempo o suficiente pra saber que masturbação era uma coisa de todos os gêneros.

— Mas todo mundo… todo mundo não se masturba? — eu murmurei.

— Hum, não, acho que não. — Rooney tamborilou o dedo no queixo. — Eu tinha uma amiga lá em casa que dizia que ela só não gostava.

— Ah. É justo.

— Então presumo que você faz isso.

Bem, sim. Eu não ia mentir sobre esse assunto. Eu sabia que não era algo para me envergonhar, obviamente, mas ainda assim era excruciante falar sobre isso.

— Aham — respondi.

— Ok. Então, no que você pensa quando você se masturba?

— Rooney. Puta que pariu.

— Qual é! Estamos fazendo um estudo científico para determinar onde está sua atração. A gente devia pedir ajuda pra Pip! Ela estuda ciência!

Eu não estava lá muito a fim de que Pip se envolvesse numa conversa que já era pra lá de estranha.

— Não devia, não.

— Você pensa em homens? Mulheres? As duas coisas? Qualquer um?

A resposta sincera era:

Qualquer um.

Literalmente qualquer coisa.

Só que eu sabia que isso só iria confundir mais as coisas. E aqui vai a razão.

A minha situação normal de masturbação era só quando eu estava a fim de ler uma fanfic meio pornográfica. Parecia um jeito seguro e divertido de sentir tesão e aproveitar. Então eu só ficava pensando nos personagens da fic que eu estava lendo. Seja lá qual fosse a combinação de gêneros que ela envolvia — eu não era exigente, desde que a escrita fosse boa.

Não era sobre corpos ou órgãos genitais no meu caso. Era sobre química. Só que eu não achava que isso era algo anormal.

As pessoas não pensavam só em peitos ou tanquinhos e ficavam com tesão *de verdade*. Ou será que sim?

— Georgia — disse Rooney. — Vamos lá. Eu te falo a minha se você me falar a sua.

— Tá bom — eu disse. — Eu… O gênero não importa muito.

— Ah, meu Deus! Eu também! — Rooney gesticulou para o espaço entre nós. — Mais do que amigas, gêmeas de masturbação!

— Nunca fale isso de novo.

— Não, só é legal saber que não estou sozinha nessa. — Ela puxou o edredom um pouco mais para perto dela. — Tipo, eu sei que no geral só fico com caras, mas… sabe. É divertido pensar em outras possibilidades.

Talvez eu fosse bi ou pan, então. Talvez nós duas fôssemos. Se gênero não importasse pra nós duas, isso faria sentido, certo?

— Tem uns cenários mais específicos nos quais eu tenho que pensar — ela continuou. — Tipo, eu não consigo me imaginar fazendo com qualquer um. Ainda acho que tenho certas preferências. Só que não estão limitadas a gênero.

Algo que ela disse me fez pausar.

— Espera — falei. — Quer dizer, eu não *me* imagino com nenhum gênero.

Ela hesitou.

— Ah. Quê?

Algo clicou no meu cérebro com o que eu estava tentando dizer.

— Eu não penso em *mim mesma* fazendo sexo — falei.

Rooney franziu o cenho, então ela soltou uma risada pelo nariz, e depois, percebendo que eu não estava brincando, ela voltou a franzir a testa.

— No que você pensa então? Outras pessoas?

— É.

— … Pessoas que você conhece?

— Eca, não. Que nojo. Mais como… pessoas que eu inventei na minha cabeça.

— Hum. — Rooney exala profundamente. — Então você não pensa em transar com Jason?

— Não! — eu exclamei. A ideia de transar com Jason me fazia surtar. — As pessoas… as pessoas não fazem isso de verdade, fazem?

— O quê, fantasiar sobre alguém em quem você tem um *crush*?

Assim que ela disse, eu percebi o quão óbvio isso era. É claro que as pessoas faziam isso. Eu tinha visto isso dezenas de vezes em filmes e na TV e em fanfics.

— Isso vai ser mais difícil do que eu pensava — disse Rooney.

— Ah.

— Ok, então. Pergunta número dois. Quem foi a última celebridade com a qual você se masturbou?

Eu pisquei.

— As pessoas *definitivamente* não fazem isso.

— Fazem o quê?

— Se masturbam olhando foto de gente famosa.

— Hum, sim, fazem isso, sim. Eu tenho uma pasta cheia de fotos do Henry Cavill sem camisa no meu computador.

Eu ri.

Rooney não fazia isso.

— Que foi? — ela perguntou.

Eu genuinamente achei que ela estava zoando.

— Eu achei que isso era uma coisa de filme. Você só tipo… olha pra um tanquinho e isso resolve pra você?

— Quer dizer… é. — Rooney parecia um pouco incomodada. — Isso não é normal?

Eu não fazia ideia do que era normal. Talvez nada fosse normal.

— Eu só não entendo o apelo. Tanquinhos são só um estômago com caroços.

Isso fez Rooney soltar uma gargalhada.

— Ok. Tá bom. Pergunta número três…

— Como é que tem ainda mais perguntas…

— Sonhos sexuais. O que aconteceu no seu último sonho sexual?

Eu a encarei.

— Sério?

— Sim!

Eu comecei a dizer que nunca tive um sonho sexual, mas isso tecnicamente não era verdade. Sonhei alguns anos atrás que, pra passar nas minhas provas finais, eu tinha que transar com um cara na minha aula. Ele estava esperando na minha cama, pelado, e eu continuava entrando e saindo do meu quarto, inteiramente vestida, sem nem conseguir reunir coragem o suficiente pra terminar logo. Não era um pesadelo, mas me deu a mesma sensação de um, no qual você está tentando fugir de um demônio só que suas pernas não estão se mexendo, como se estivessem presas em areia movediça, o demônio está se aproximando, só que você não consegue se mexer direito, e você está prestes a morrer.

Pensando bem, acho que isso não contava como um sonho sexual.

— Eu não tenho sonhos sexuais — eu disse.

Rooney me encarou de volta.

— Tipo… nunca?

— Todo mundo tem sonhos sexuais?

— Bom… eu sei lá. — Rooney parecia quase tão confusa quanto eu. — Eu achava que isso era uma coisa geral, mas então acho que não.

Eu quase me arrependi de começar esse assunto com ela. Para alguém que já tinha transado muito, Rooney não parecia entender tudo tão melhor do que eu. Tomando uma decisão precipitada, peguei meu celular de novo.

— Vou mandar uma mensagem pra Pip.

— *Sim*. Por favor, traga ela pra essa conversa. Eu quero saber o que ela pensa.

Lancei um olhar para Rooney.

— Você está mesmo muito interessada no que Pip pensa sobre sexo, hein?

Rooney gaguejou.

— Er, não, na verdade, não. Eu só… queria uma terceira opinião, e ela é a pessoa que tem mais chance de aceitar dividir informações bem pessoais além do

normal.

Georgia Warr
desculpa mandar mensagem tão tarde, mas eu tenho uma pergunta, amiga querida

Felipa Quintana
É melhor não ser reclamando do nome do grupo porque eu vou defender “pesadelo de uma noite de verão” até a morte

Georgia Warr
eu respeito o pesadelo, não é sobre isso
entãoooooooo
eu e rooney estamos tendo uma conversa sobre sexo agora

Felipa Quintana
UUUUUUH
Ok manda ver

Georgia Warr
minha pergunta é……
você tem sonhos sexuais?

Felipa Quintana
rs UAU

Georgia Warr
você não precisa responder se for pessoal demais haha
mas tipo eu também já te vi mijar várias vezes
a gente já se conhece demais nessa altura
e só pra constar rooney está aqui e quer saber suas respostas

Felipa Quintana
Uau oi Rooney
É eu já tive sonhos sexuais
Não tipo um moooonte
Mas de vez em quando
Quer dizer isso é bem normal né??

— Ela disse que já teve sonhos sexuais — eu falei pra Rooney.

— Pergunte a ela sobre se masturbar — Rooney sibilou do outro lado do quarto.

— Rooney.

— É pela ciência!

Georgia Warr
isso é basicamente o que estamos tentando determinar
segunda pergunta: quando você se masturba você pensa em VOCÊ MESMA fazendo sexo?? E se sim… com qual gênero??
rooney disse que gênero não importa pra ela

Felipa Quintana
JESUS Georgia que conversa é essa mds
Espera Rooney pensa em transar com meninas??????

Georgia Warr
aham

Felipa Quintana
OKKKKK……… Ok interessante
Bom, primeiro, sim, eu penso em mim mesma. SI no que mais você pensaria?? Eu acho que a não ser que você esteja literalmente tocando siririca enquanto assiste pornô… mas mesmo assim é um pouco sobre você e suas próprias fantasias também
E obviamente eu só penso em mulheres haha… a ideia de ficar com um cara me dá nojo
Quer dizer eu sou mesmo lésbica. A gente já estabeleceu isso
Mas esse é um assunto interessante

— Ela falou que pensa nela mesma transando — falei.

Rooney assentiu, apesar de que agora ela tinha começado a arrumar o cabelo dela, e eu não conseguia ler bem sua expressão.

— É. Acho que é isso que a maioria das pessoas faz.

Georgia Warr
não vou falar essa pra rooney, essa é uma pergunta só minha
você tipo fantasia com outras pessoas?? pessoas de verdade? Tipo se você tiver um crush ou encontrar uma pessoa gata, você pensa em transar com essa pessoa????

Felipa Quintana
Georgia por que é que você quer saber de tudo isso?
Você está bem??
Você e Jason estão TRANSANDO??
Ai deus eu não sei se eu quero saber

Georgia Warr

se acalme eu não estou transando
só tentando entender umas coisas

Felipa Quintana
Ok
É acho que faço isso sim às vezes
Não com toooooda pessoa gata que eu encontro, mas se eu gostar mesmo de alguém…
Acho que eu só não consigo evitar, haha?

— O que você está falando pra ela? — Rooney perguntou.

Eu estava encarando a tela do celular.

Então atirei-o pro outro lado da cama.

— Isso só pode ser uma *brincadeira* — desabafei.

Rooney hesitou.

— O quê?

Eu me sentei, tirando o edredom do meu corpo.

— Todo mundo só pode estar ZOANDO.

— O que você…

— As pessoas só ficam por aí, pensando em transar o tempo todo, e elas não conseguem nem *evitar*? — eu gaguejei. — As pessoas têm sonhos sobre isso porque elas querem *tanto assim*? Como é que… Eu estou em crise. Achei que todos os filmes estavam exagerando, mas vocês todos só estão mesmo no mundo desejando genitais e constrangimento. Isso tudo só pode ser uma brincadeira.

Houve um longo silêncio.

Rooney pigarreou.

— Acho que não somos gêmeas de masturbação.

— Puta merda, Rooney.

Acho que essa conversa foi pra um lugar que nenhuma de nós duas esperava.

Eu nunca tinha fantasiado comigo mesma transando. E isso era diferente da maioria das pessoas. *Eu* era diferente. Como é que eu nunca tinha percebido isso antes?

Pensando em personagens de fanfic transando? Ótimo. Legal. Sexy. Só que pensar em *mim mesma* fazendo sexo com qualquer um, homem, mulher, seja lá quem, não me interessava.

Não, era mais do que isso. Era um bloqueio que imediatamente acabava com qualquer clima.

Era disso que Sunil tinha falado? Era assim que ele se sentia?

— Eu não sei bem o que dizer ou como ajudar — disse Rooney. Então, com mais sinceridade do que eu estava acostumada de Rooney, ela prosseguiu dizendo: — Não faça nada que você não queira fazer, tá?

— Tá.

— Eu estou falando de Jason. — Ela pareceu muito séria de repente, e eu percebi o quão raro era ver uma expressão como aquela no rosto de Rooney. — Só não faça nada que você não se sinta confortável fazendo. Por favor.

— Aham. Ok.

Felipa Quintana
Ei tem certeza de que tá tudo bem? Essa foi uma conversa estranha

Georgia Warr
eu tô bem
desculpa
isso foi esquisito

Felipa Quintana
Tá tudo bem!!! Eu amo esquisito
Espero ter ajudado??

Georgia Warr
ajudou

MÚSICA DE CONTAGEM REGRESSIVA

— Então, acho que isso é um encontro de verdade — falei pra Jason enquanto comíamos nossas panquecas.

Nosso terceiro encontro foi no café de panquecas. Ficava em um morro a uns dez minutos de caminhada do centro de Durham, e era tão pequeno que eu me sentia claustrofóbica. Talvez fosse por isso que eu estava tão desconfortável, pelo meu raciocínio.

Minha constatação pareceu agitá-lo por um instante, mas ele abriu um sorriso no fim das contas.

— Acho que sim.

Ele tinha feito um esforço hoje, assim como eu. O cabelo dele parecia mais macio, e ele estava usando uma camiseta fashion da Adidas com o seu jeans preto de sempre.

— Os outros dois contaram? — perguntei.

— Hum… não sei. Talvez o segundo?

— Sim. Ser chutado pra fora do cinema e então ter uma enxaqueca parece ótimo pra um primeiro encontro.

— Com certeza um pra contar aos netos, suponho. — Assim que ele falou isso, ele desviou o olhar, envergonhado, sem saber se isso era uma piada apropriada para fazer. Eu dei uma risada só para reconfortá-lo.

Nós comemos nossas panquecas e conversamos. Falamos sobre a peça, sobre as aulas, sobre o Baile Bailey, para o qual eu tinha conseguido arrumar ingressos para Jason e Pip. Falamos sobre política e decoração de quartos e o novo jogo de Pokémon que ia sair. Era tão fácil conversar com Jason.

Era tudo que eu precisava para amenizar minhas dúvidas. Parar de pensar naquela conversa com Rooney e Pip. Para esquecer o que Sunil tinha me dito.

Jason e eu rimos de alguma piada. E eu pensei — talvez. Talvez pudesse funcionar se eu tentasse só mais uma vez.

— Você sabe o que Rooney disse? — falei pra Jason quando voltamos para o dormitório da faculdade. Estávamos sentados no corredor da cozinha dele, e Jason tinha acabado de me fazer chocolate quente.

Jason colocou açúcar no chá dele.

— O quê?

Eu tinha tomado a decisão na caminhada de volta para cá para aproveitar essa chance. Independentemente do que Rooney tinha concluído no fim da nossa conversa, eu precisava tratar essa situação de forma realista — eu tinha que fazer um esforço para gostar de Jason. Eu podia fazer isso, certo? Eu conseguia.

— Ela achou esquisito que a gente ainda não se beijou.

Ok, isso não era *exatamente* o que ela tinha dito antes de nossa grande conversa sobre sexo. Só que era isso que ela tinha insinuado.

Jason parou de mexer o chá. Por um momento, sua expressão se tornou indecifrável.

Então, ele voltou a mexer no chá.

— É mesmo? — ele falou, com um pequeno muxoxo.

— Mas eu acho que ela já teve mais relacionamentos do que a gente — eu falei, com uma risadinha envergonhada.

— É mesmo? — Jason respondeu, enigmático.

— É.

Merda. Será que eu estava deixando isso estranho? Eu estava deixando isso estranho.

— Bem... — Jason bateu a colher ao lado da caneca. — Isso… quer dizer, todo mundo faz essas coisas em ritmos diferentes. A gente não precisa se apressar.

Eu assenti.

— É. Verdade.

Ok. Tudo bem. Nós não precisávamos nos beijar hoje. Eu podia tentar outro dia.

Uma onda de alívio me preencheu.

Não, espera aí.

Eu não podia desistir assim fácil, né?

Porra.

Por que isso era tão difícil?

Rooney disse que essas coisas só *aconteciam*. Só que, se eu não fizesse nada, nada iria acontecer. Se eu não tentasse, eu ficaria assim pra sempre.

Jason terminou de fazer seu chá. Nós decidimos só aproveitar para ficar no quarto dele e assistir a um filme — era domingo à tarde, e parecia a coisa certa a fazer.

Só que, assim que eu fui abrir a porta, alguém do outro lado a empurrou na minha direção tão rapidamente que eu tropecei pra trás nos meus próprios pés, e caí em cima de Jason e sua caneca fervente de chá.

Nós não caímos, mas o chá esparramou por *tudo*.

A pessoa que tinha aberto a porta se afastou imediatamente com um "desculpa, volto daqui a pouco". Eu só fui atingida por algumas gotas e eu ainda estava vestindo meu casaco, de qualquer forma. Eu me virei pra Jason, que tinha se sentado em uma cadeira próxima para examinar o estrago.

O moletom dele estava encharcado. Só que isso não parecia incomodá-lo — ele estava encarando, assustado, a mão esquerda, que tinha sido coberta de chá. Chá que tinha acabado de ferver.

— Puta merda — eu falei.

— É — ele disse, encarando a mão.

— Está doendo?

— É… um pouco.

— Água fria — eu disse imediatamente. Peguei o pulso dele, puxando-o na direção da pia, e abri a torneira, segurando a mão dele embaixo da água.

Jason só ficou encarando, espantado. Nós esperamos, deixando que a água gelada fizesse seu trabalho.

Depois de um momento, ele disse:

— Eu estava empolgado pra tomar aquele chá.

Eu deixei escapar um suspiro de alívio. Se ele estava fazendo piadas, provavelmente não era tão ruim assim.

— Chá mancha? — Ele olhou para o tecido molhado, e então só deu uma risada. — Vou pesquisar isso.

— Desculpa mesmo — eu falei, percebendo que isso era provavelmente minha culpa.

Jason me cutucou com o cotovelo.

Nós estávamos bem perto um do outro na frente da pia.

— Não foi sua culpa. O cara que veio é do meu corredor. Eu juro que ele nunca olha por onde anda. Já trombei com ele umas cinco vezes.

— Você está… tá tudo bem? A gente não precisa ir pra emergência nem nada?

— Acho que tudo bem, mas eu provavelmente deveria ficar aqui mais uns minutos.

Nós ficamos em silêncio de novo, ouvindo o som da água corrente.

Então Jason disse:

— Hum, você não precisa segurar minha mão se não quiser.

Eu ainda estava segurando o pulso dele, deixando sua mão embaixo da torneira. Eu rapidamente soltei, mas então percebi que isso poderia ter meio que sido uma cantada, e ele queria que eu continuasse segurando a mão dele… ou talvez não significasse nada? Não tinha certeza. Talvez fosse tarde demais.

Eu me virei para vê-lo me encarando. Ele rapidamente desviou o olhar, mas quase que imediatamente se virou de novo para que ficássemos sustentando um olhar do outro.

Era como se um alarme tivesse de repente soado ao meu redor.

Como um alarme de invasores que te acorda, tão intrusivo que você não consegue parar de tremer por meia hora.

Pensando bem, era quase hilário.

Toda vez que alguém tentava me beijar, eu reagia imediatamente como se eu estivesse em um perigo profundo.

Os olhos dele focaram nos meus lábios e foram pra cima novamente. Ele não era como Tommy. Ele estava tentando muito entender se isso era algo que eu queria. Ele estava procurando os *sinais*. Eu estava dando os sinais? Talvez fosse mais fácil pra ele perguntar, mas como as pessoas perguntam isso sem ser de um jeito cafona? E pra ser sincera, eu estava aliviada que ele não tinha perguntando, porque o que eu iria dizer?

Não. Eu teria dito não, porque no fim das contas, eu não conseguia mentir pra ninguém exceto pra mim mesma.

Conforme ele se moveu na minha direção, somente uma fração de centímetro, eu imaginei uma música de *contagem regressiva* começando a tocar.

Eu queria tentar.

Eu *queria* querer beijar ele.

Só que eu não queria beijar ele de verdade.

Mas talvez eu devesse fazer isso mesmo assim.

Só que eu não queria.

Mas talvez eu não soubesse até tentar.

Só que eu sabia que eu já sabia.

Eu já sabia o que eu sentia.

E Jason captou a mensagem.

Ele se afastou de novo, claramente envergonhado.

— Ah… desculpa. Momento errado.

— Não — eu me encontrei dizendo. — Pode continuar.

Eu queria que ele só fizesse isso. Queria que ele arrancasse o Band-Aid rápido. Colocasse o osso de volta no lugar. Que me consertasse.

Só que eu já sabia que não teria nada pra consertar.

Eu sempre seria desse jeito.

Ele encontrou meu olhar, questionando. Então ele se inclinou e encostou os lábios nos meus.

LAVAGEM CEREBRAL

Meu primeiro beijo aconteceu com Jason Farley-Shaw em novembro do meu primeiro ano da faculdade, parada na frente da pia da cozinha de um dormitório.

Por mais romântica que eu fosse, eu nunca tinha pensado muito em como seria meu primeiro beijo. Pensando bem, isso provavelmente deveria ter sido um indicativo do quanto eu não estava interessada em beijar ninguém, só que anos de filmes, música, TV, pressão externa e meu próprio desejo por uma grande história de amor tinham feito uma lavagem cerebral em mim para acreditar que isso era uma coisa incrível, desde que eu experimentasse.

Não foi uma coisa incrível.

Na verdade, eu odiei. Acho que ficaria menos desconfortável se alguém tivesse me desafiado a começar a cantar no meio do transporte público.

Não foi culpa de Jason não ter sido. Eu não tinha ninguém para comparar com ele, óbvio, mas, objetivamente, ele beijava tão bem quanto se esperaria. Ele não fez força demais, nem foi intenso demais. Não teve nenhum contato de dentes, ou, Deus que me livre, língua.

Eu sabia mais ou menos quais eram os sentimentos que beijar *deveria* provocar. Eu tinha lido centenas, possivelmente *milhares* de fanfics nessa altura da vida. Beijar alguém de que você gostava era pra deixar sua cabeça girando, o seu estômago embrulhado, o coração acelerado, e era pra você gostar da experiência.

Eu não senti nada disso. Só senti um terror profundo e vazio no meu estômago. Eu odiava o quão perto ele estava de mim. Odiava o jeito como os lábios dele ficavam contra os meus. Odiava o fato de que ele queria fazer isso.

Só durou alguns segundos.

Mas foram segundos muito desconfortáveis pra mim.

E, a julgar pela expressão dele, a experiência foi a mesma.

— Parece que você achou horrível — eu me vi dizendo. Eu não sabia o que mais falar fora a verdade nessa altura.

— Você também — disse Jason.

— Ah.

Jason desviou o olhar com uma expressão de dor. Ele abriu a boca, e então fechou de novo.

— Bom, eu fodi essa direitinho — eu falei.

Ele sacudiu a cabeça imediatamente.

— Não, a culpa foi minha. Desculpa. Merda. Foi o momento errado.

Eu queria rir. Eu queria poder explicar o quanto isso era de fato minha culpa.

Talvez eu *devesse* tentar explicar.

Só que Jason acabou falando primeiro.

— Eu não acho que você está a fim de mim — ele disse.

Quando ele olhou para mim, era como se ele estivesse implorando. Suplicando para que eu falasse que era mentira.

— Eu… não sabia se estava — falei. — Eu achei que se… eu *tentasse* então eu podia fazer isso acontecer. Eu só queria ver se eu *poderia* me apaixonar, e você era a pessoa por quem pensei que poderia me apaixonar, tipo, se tentasse?

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu percebi exatamente o peso do que eu tinha acabado de fazer.

— Você… só me usou de experimento, então — disse Jason, desviando o olhar. — Sabendo muito bem que eu gostava mesmo de você.

— Eu não queria te magoar.

— Bom, você magoou. — Ele riu. — Como é que você achou que ia fazer isso e *não* magoaria?

— Desculpa — foi tudo que eu consegui dizer.

— Porra. — Então ele riu uma risada horrível e triste. — Por que você fez isso comigo?

— Não fala assim — eu respondi, rouca.

Jason desligou a torneira e examinou a mão dele, comparando com a outra. Ainda parecia alguns tons de vermelho mais forte do que deveria ser.

— Ok. Eu acho que está ok.

— Tem certeza?

— Aham. Eu vou embrulhar em alguma coisa, só pra garantir.

— Ah. Claro, é, faz isso. — Eu fiquei lá em pé, desconfortável. — Você quer que eu vá junto?

— Não.

Caralho. Tudo estava indo por água abaixo.

— Eu sinto muito mesmo — eu falei, sem saber se estava pedindo desculpas pela queimadura ou pelo beijo. Provavelmente as duas coisas.

Jason sacudia a cabeça. Quase parecia que ele estava irritado consigo mesmo, só que nada do que aconteceu naquela tarde foi culpa dele.

— Eu… preciso ir.

Jason foi em direção à porta.

— Jason — chamei, mas ele não parou.

— Eu só preciso que você me deixe sozinho por um tempo, ok, Georgia?

E então ele se foi.

Jason não merecia nada disso.

Jason tinha…

Jason gostava de verdade de mim.

Ele merecia ter alguém capaz de sentir o mesmo por ele.

FUTURO DOS SONHOS

O problema não era só eu ter machucado Jason. Não era nem que eu tinha que aceitar que eu era de algum tipo de orientação sexual que quase ninguém tinha ouvido falar, que eu teria que encontrar um jeito de explicar pra minha família e todo mundo. Era saber, com uma certeza absoluta, que eu nunca, nunca mesmo, ia me apaixonar por ninguém.

Eu tinha passado minha vida inteira acreditando que o amor romântico estava esperando por mim. Que um dia eu o encontraria e então eu seria, totalmente, e finalmente *feliz*.

Só que agora eu precisava aceitar que isso nunca ia acontecer. Nada disso. Nenhum romance. Nenhum casamento. Nenhum sexo.

Havia tantas coisas que eu nunca poderia fazer. Que eu nunca nem ia *querer* fazer ou me sentir *confortável* fazendo. Tantas coisas pequenas que eu acreditava que eram simplesmente garantidas, tipo mudar para uma casa com o meu parceiro, a minha primeira dança na cerimônia do casamento, ou ter um filho com alguém. Ter alguém pra cuidar de mim quando eu estivesse doente, ou assistir a TV durante a noite, ou viagens em casal pra Disney.

E a pior parte disso tudo: apesar de eu desejar essas coisas, eu sabia que elas nunca me fariam feliz, de qualquer forma. A ideia era linda, mas a realidade me dava ânsia.

Como eu poderia ficar tão triste em ter que desistir dessas coisas que eu nem sequer queria de verdade?

Eu me sentia patética só por ficar triste por isso. Eu me sentia culpada, sabendo que havia pessoas como eu que eram *felizes* sendo assim.

Eu me senti como se estivesse em luto. Eu estava em luto por essa vida falsa, por esse futuro dos sonhos que eu jamais viveria.

Eu não tinha ideia de como minha vida seria agora. E isso me assustava. Meu Deus, isso me assustava muito, muito mesmo.

MUNDO ESPELHADO

Eu não contei nada pra Pip.

Eu também não queria decepcioná-la.

No dia depois do meu encontro com Jason, eu comecei a me perguntar se ele ia falar alguma coisa pra Pip, e Pip ia me odiar. Só que então ela me mandou uma mensagem naquela mesma tarde com um link pra um TikTok bem engraçado, o que definitivamente significava que Jason não tinha dito nada.

No dia seguinte a esse, Pip me mandou uma mensagem perguntando se eu queria encontrá-la para uma sessão de estudos na biblioteca grande da universidade, porque ela odiava fazer tarefas sozinhas no quarto dela, e eu concordei. Ela explicou que Jason tinha um treino de remo, então não podia vir. Nós não conversamos muito enquanto estávamos lá — eu tinha uma tarefa focada em literatura da cavalaria medieval, e ela estava fazendo um trabalho de química que parecia dez vezes mais difícil do que a minha redação sobre "O destino na obra *Perceval*, de Chrétien de Troyes". Eu fiquei feliz que não conversamos muito, porque, se ela tivesse me perguntado de Jason, eu não teria conseguido mentir.

Era quase nove da noite quando nós duas terminamos, então decidimos ir comer peixe frito com batata, e depois voltamos para o meu quarto para assistir a uns episódios atrasados de *Killing Eve*.

Teria provavelmente sido uma noite normal. Provavelmente teria me alegrado um pouco, depois de tudo que aconteceu.

Se a gente não tivesse entrado no meu quarto e se deparado com Rooney chorando.

Ela estava encolhida nos lençóis, claramente tentando esconder o fato de que ela estava chateada, mas falhando miseravelmente devido ao fato de que ela estava fungando muito alto. Meu primeiro pensamento foi que Rooney *nunca* estava no

nosso quarto a essa hora da noite. Meu segundo pensamento foi, *por que ela está chorando?*

Pip tinha congelado ao meu lado. Não havia jeito de escapar dessa situação. Dava pra ver que Rooney estava chorando. Ela sabia que a gente sabia. Não tinha como fingir que isso não estava acontecendo.

— Oi — eu disse, propriamente entrando no quarto. Pip ficou na porta, claramente tentando decidir se devia ficar ou ir embora, só que, quando eu me virei para dizer pra ela ir embora, ela entrou e fechou a porta atrás de si.

— Eu estou bem — veio a resposta chorosa.

Pip riu, e então instantaneamente pareceu se arrepender.

Ao som da voz de Pip, Rooney espreitou por cima das cobertas. Assim que ela viu Pip, os olhos estreitaram.

— Dá pra você ir embora? — ela disse imediatamente, menos chorosa e mais *Rooney*.

— Hum — Pip pigarreou. — Não estava rindo de você. Só estava rindo porque você disse que estava bem quando você claramente não está. Tipo, sério, você está literalmente chorando. Não que isso seja *engraçado*. Foi só um pouco *idiota*…

O rosto de Rooney, muito claramente manchado de lágrimas, endureceu.

— Vá embora.

— Hum. — Pip vasculhou a sacola em que estavam o peixe e as batatas, tirando um amontoado de guardanapos de papel. Ela se adiantou até a cama de Rooney, colocou-os no canto do edredom, e então voltou pra porta. — Pronto.

Rooney olhou para os guardanapos. Então para Pip. E, uma vez na vida, ela não disse nada.

— Eu, hum… — Pip passou a mão pelo cabelo, bagunçando um lado. — Espero que você se sinta melhor logo. E, se você precisar de mais lenços, eu posso ir pegar uns pra você?

Houve uma pausa.

— Acho que tenho o bastante, obrigada — disse Rooney.

— Legal. Eu vou indo então.

— Legal.

— Você está bem?

Rooney a encarou por um longo momento.

Pip não esperou uma resposta.

— É. Não. Foi mal. Estou indo. — Ela se virou muito rápido e praticamente saiu correndo do quarto. Assim que a porta se fechou, Rooney lentamente se sentou, pegou um dos guardanapos, e usou para secar os olhos.

Eu me sentei na minha própria cama, colocando as minhas sacolas no lençol.

— Você *está* bem? — eu perguntei.

Isso fez com que ela erguesse a cabeça. A maquiagem dela estava borrada pelas bochechas, o rabo de cavalo fora do lugar, e ela estava usando roupas de sair — uma blusa com ombros de fora e uma saia apertada.

Houve um momento de silêncio.

Então ela começou a chorar de novo.

Ok. Eu teria que lidar com essa situação. De alguma forma.

Eu me levantei e fui até a chaleira elétrica que ela mantinha na tomada ao lado da escrivaninha. Eu a enchi na torneira do nosso quarto, e então coloquei para ferver. Rooney gostava de chá. A primeira coisa que ela fazia depois de voltar para o nosso quarto era preparar uma xícara de chá.

Enquanto eu esperava ferver, me sentei devagar na beirada da cama dela.

Eu de repente notei que algo estava no chão embaixo dos meus pés — a foto de Rooney com a Beth dos cabelos de sereia. Devia ter caído da parede. Eu a peguei e coloquei na mesa de cabeceira.

Do que isso se tratava? Da peça, talvez? Era mais ou menos oitenta por cento do que ela falava.

Talvez fosse algo sobre relacionamento. Talvez ela tivesse brigado com um cara. Ou talvez uma coisa de família. Eu não sabia nada da família de Rooney, ou de como era a vida dela em casa, na verdade.

Eu sempre odiava que pessoas me perguntassem se eu estava "bem". As respostas disponíveis eram ou mentir e dizer *eu tô bem*, ou ficar compartilhando tudo de um jeito copioso de dar vergonha.

Então em vez de perguntar de novo pra Rooney, eu disse:

— Você quer que eu pegue seu pijama?

Por um instante, eu me perguntei se ela não tinha me ouvido.

Mas então ela assentiu.

Eu me inclinei e peguei-o ao pé da cama. Ela sempre usava pijamas de camisa combinando com estampas fofas.

— Aqui — falei, esticando para ela.

Ela fungou. E então os pegou.

Enquanto ela estava trocando de roupa, eu voltei para a chaleira e fiz um pouco de chá. Quando eu voltei, ela tinha se transformado na Rooney da Hora de Dormir, e aceitou a caneca.

— Obrigada — ela murmurou, e tomou um gole imediatamente. Pessoas que bebem chá não devem ter nenhuma papila gustativa sobrando na língua, eu juro por Deus.

Eu entrelacei meus dedos, desconfortável, no meu colo.

— Você quer… falar sobre isso? — perguntei.

Ela bufou, o que acho que era ao menos um pouco melhor do que ficar soluçando.

— Isso é um não? — perguntei.

Ela tomou outro gole.

Houve uma longa pausa.

Eu estava prestes a desistir e voltar pra minha própria cama quando ela disse:

— Eu transei com um cara.

— Ah — falei. — Recentemente?

— É. Algumas horas atrás. — Ela suspirou. — Eu estava entediada.

— Ah. Bom… bom pra você.

Ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Não. Na verdade, não.

— Foi… ruim?

— Eu só meio que tentei preencher um buraco.

Eu considerei essa declaração.

— Eu posso ser virgem — falei —, mas eu *meio* que achava que preencher um buraco era o objetivo da coisa.

Rooney soltou uma gargalhada.

— Ah, meu *Deus*. Você *não* fez essa piada.

Eu olhei para ela. Ela estava sorrindo.

— Você está se referindo a um buraco diferente? — eu perguntei. — Um buraco não vaginal?

— *Sim*, Georgia. Eu não estou falando da porra da minha *vagina*.

— Ok. Só checando. — Eu hesitei. — Achei que você era bem positiva sobre sexo, no geral. Não tem nada de errado em fazer sexo casualmente.

— Eu sei disso — ela falou, e então sacudiu a cabeça. — Eu ainda acredito nisso. Eu não estou dizendo que ter uma transa casual me faz uma pessoa ruim, porque não faz. E eu gosto mesmo. Só que esta noite… foi só meio… — Ela tomou um gole do chá, os olhos enchendo de lágrimas de novo. — Você sabe quando você come bolo demais e te deixa enjoada? Foi meio isso. Achei que ia ser divertido, mas só me fez sentir sozinha.

— Ah. — Eu não queria ficar bisbilhotando, então só fiquei em silêncio.

Rooney tomou o resto do chá dela em alguns goles grandes.

— Você quer ver alguma coisa no YouTube? — ela perguntou.

Isso me surpreendeu.

— Claro.

Ela deixou a caneca de lado, ficou em pé, jogou o edredom para cima e se enfiou dentro dele. Ela se esgueirou para o lado e deu um tapinha no espaço ao lado dela, indicando onde eu deveria me sentar.

— Você não precisa — disse Rooney, sentindo minha hesitação. — Você tem uma aula amanhã cedo ou algo assim?

Eu não tinha. Teria o dia todo livre.

— Não. E eu preciso jantar também. — Eu peguei meu peixe frito com batatas, e me sentei ao lado dela. Parecia certo e errado ao mesmo tempo, como um mundo espelhado. O mesmo que a minha cama, mas tudo estava do lado contrário.

Ela sorriu de novo e nos cobriu com seu edredom florido, e então se aconchegou em mim para ficar confortável, pegando o laptop da mesa de cabeceira.

Ela abriu o YouTube. Eu não assistia a muitos youtubers — usava o YouTube no geral pra ver trailers, fancams e compilações do TikTok. Só que Rooney era inscrita em dezenas e dezenas de canais. Me surpreendeu. Ela não parecia o tipo que curtia YouTube.

— Tem esse youtuber engraçado a que eu assisto muito — ela falou.

— Claro — disse. — Você quer umas batatinhas?

— Nossa, sim.

Ela encontrou o canal e passou pelos vídeos até achar o que ela queria. Então ficamos deitadas na cama dela assistindo, dividindo as minhas batatas.

Era um vídeo bem engraçado, pra ser justa. Era só esse youtuber e os amigos dele jogando um jogo de cantar esquisito. Eu dei muitas risadas altas, o que fez Rooney rir, e antes de eu perceber, a gente já tinha assistido a vinte minutos inteiros. Ela imediatamente encontrou outro vídeo que queria me mostrar, e eu fiquei feliz em deixar ela fazer isso. Na metade, ela descansou a cabeça no meu ombro, e… Não sei. Ela parecia o mais calma que eu já tinha visto.

Vimos vários vídeos bobos por quase uma hora, até que Rooney fechou o laptop e o colocou de lado, então se aconchegou de novo na cama. Eu me perguntei se ela tinha adormecido, e se sim, eu deveria voltar pra minha própria cama, porque eu definitivamente não ia conseguir dormir aqui tão próxima de outra pessoa, mas então Rooney puxou conversa.

— Eu tinha um namorado — ela falou. — Um namorado de longa data. Dos meus catorze aos dezessete anos.

— Uau. Sério?

— Aham. A gente terminou quando eu estava no último ano.

Eu imaginava que Rooney sempre tinha sido Rooney. Que ela sempre tinha sido essa pessoa passional, descontraída, que gostava de se divertir, que não tinha nenhum compromisso.

Um relacionamento que durou *três anos*?

Não era isso que eu esperava.

— As coisas com ele eram bem ruins — ela falou. — Eu… Foi um relacionamento muito ruim de vários jeitos, e meio que… me afastou de querer mais coisas assim.

Eu não pedi que ela elaborasse. Conseguia imaginar o que ela estava dizendo.

— Eu nunca gostei de ninguém depois — ela murmurou de novo. — Eu tinha medo demais. Mas eu posso estar começando a gostar de alguém novo.

— É?

— Eu não… eu não quero fazer isso.

— Por quê?

— Não vai acabar bem. — Ela sacudiu a cabeça. — E enfim, ela me odeia.

Eu sabia instantaneamente que ela estava falando de Pip.

— Eu não acho que ela te odeia — falei gentilmente.

Rooney não disse nada.

— Enfim, você só tem dezoito anos, você tem tanto tempo — eu comecei a dizer, mas não sabia como continuar. O que eu queria dizer com aquilo? Que ela *definitivamente* ia encontrar o relacionamento perfeito um dia? Porque eu sabia que isso não era verdade. Não pra mim. Nem pra *ninguém*.

Era algo que adultos falavam o tempo todo. *Você vai mudar de ideia quando for mais velho. Você nunca sabe o que pode acontecer. Você vai pensar diferente um dia*. Como se os adolescentes soubessem tão pouco sobre si mesmos que pudessem acordar um dia e ser completamente outra pessoa. Como se a pessoa que nós éramos *agora* não importasse de forma alguma.

A ideia de que as pessoas cresciam, se apaixonavam, e casavam era uma completa mentira. Quanto tempo demoraria pra eu aceitar isso?

— Eu tenho dezenove — ela falou.

Franzi a testa.

— Espera, tem? Você tirou um ano sabático?

— Não. Meu aniversário foi semana passada.

Isso me confundiu ainda mais.

— Quê? Quando?

— Quinta passada.

Quinta passada. Eu mal conseguia lembrar — os dias de faculdade agora se embaralhavam como um fluxo contínuo de aulas e refeições e ir dormir.

— Você… não falou nada — eu disse.

— Não. — Ela riu, o som abafado parcialmente pelo travesseiro. — Fiquei pensando o que aconteceria se as pessoas soubessem que era meu aniversário. Eu só acabaria saindo mais uma vez com um monte de gente que eu não conheço de verdade, todos eles iam fingir que eram meus amigos, cantariam feliz aniversário, tirariam selfies bem falsas sorrindo pro Instagram antes de todos nós nos separarmos e irmos pegar pessoas diferentes, e eu só acabaria na cama de algum estranho depois de ter uma transa abaixo da média, me odiando de novo.

— Se você tivesse me falado, a gente poderia fazer… nada disso.

Ela riu.

— O que a gente teria feito?

— Sei lá. Sentado aqui e comido pizza. Poderia te obrigar a ver *Missão madrinha de casamento*.

Ela deu uma risada com o nariz.

— Esse filme é péssimo.

— Não é o melhor, mas o romance é literalmente perfeito. Eles ficam num carro e comem *cenourinhas* juntos.

— O sonho.

Nós ficamos deitadas em silêncio por um tempo.

— Você não curte mais transar casualmente — eu falei, percebendo o que ela estava tentando me dizer mais cedo. Não era que sexo casual a machucava, ou que a tornava uma pessoa ruim. Não era nada disso. — Você quer… — Não era nem que ela queria um relacionamento. Não de verdade. Ela queria o que um relacionamento poderia *dar* a ela. — Você quer alguém que te conheça.

Ela ficou em silêncio por um instante. Eu esperei pra ela me falar o quão errada eu estava.

Em vez disso, ela falou:

— Eu só fico me sentindo sozinha. Eu me sinto sozinha o tempo todo.

Eu não sabia o que responder, mas eu não precisava, porque ela caiu no sono alguns minutos depois. Eu olhei por cima dela e vi que Roderick estava significativamente curvado — Rooney estava definitivamente se esquecendo de regá-lo. Eu fiquei encarando o teto e escutei ela ficar respirando ao meu lado, mas eu não queria sair da cama, porque, apesar de eu não conseguir dormir, e eu estava paranoica com a ideia de babar em cima dela, ou me jogar em cima dela por acidente, Rooney precisava de mim por algum motivo. Talvez porque, apesar de todos os amigos e conhecidos, ninguém a conhecia como eu a conhecia.

MAS SE ELA NÃO PUDER TE AMAR

Jason ainda assim apareceu no nosso próximo ensaio da Sociedade Shakespeare na semana seguinte.

Eu não achei que ele apareceria. Eu tinha mandado outra mensagem pedindo desculpas, tentando explicar, mesmo que eu fosse péssima em articular qualquer um dos meus pensamentos ou sentimentos.

Ele tinha visualizado, mas não tinha respondido.

Passei a maior parte das minhas aulas naquela semana sem prestar atenção, sem anotar nada, me perguntando como é que eu recuperaria nossa amizade depois do caos que eu tinha criado. Jason gostava de mim romanticamente. Eu tinha me aproveitado disso para tentar entender a minha identidade sexual, mesmo sabendo que eu não gostava dele como ele gostava de mim. Foi egoísta. Eu era tão egoísta.

Ele parecia exausto quando chegou ao nosso ensaio usando as roupas de treino de remo, uma mochila pesada pendurada no ombro. A jaqueta de pelúcia não estava presente. Eu estava tão acostumada com ele a usando que ele parecia meio vulnerável sem ela.

Ele passou reto por mim, sem me olhar, a boca fechada, e sentou ao lado de Pip, que estava repassando a cena de hoje.

Sunil chegou momentos depois. Estava usando calças xadrez com uma jaqueta aviador preta e um gorro.

Ele deu um único olhar para Jason e disse:

— Você parece exausto.

Jason grunhiu.

— É o remo.

— Ah, sim. Como estão os treinos às seis da manhã?

— Frios e molhados.

— Dá pra você desistir — disse Pip. Ela parecia contente com essa possibilidade.

Jason sacudiu a cabeça.

— Não, eu gosto. Fiz vários amigos lá. — Ele olhou rapidamente pra mim. — Só tem sido difícil.

Dei as costas para eles. Eu não ia conseguir consertar isso.

Como era de costume, Jason recebeu o papel de um homem ranzinza mais velho. Dessa vez, foi o papel de Duque Orsino em *Noite de reis*, outra das comédias românticas de Shakespeare.

A premissa de *Noite de reis* é um triângulo amoroso grande e bagunçado. Viola naufraga na terra de Ilíria e, já que não tem dinheiro nenhum, se disfarça de um garoto chamado Cesário, para que consiga um trabalho como criada do Duque Orsino. O Duque está apaixonado por uma nobre dama de Ilíria, Olívia, então ele manda Viola para expressar seu amor por ela. Infelizmente, em vez de aceitar os sentimentos do duque, Olivia se apaixona por Viola, que está disfarçada de Cesário, um cara. E infelizmente, de novo, Viola se apaixona pelo duque. Não é *tecnicamente* gay, mas vamos ser honestos: essa peça é muito, muito gay.

Sunil já tinha se voluntariado para ser Viola, avisando que ele queria "todos os papéis que deixam a gente brincar com gênero, por favor".

Pip e eu nos aconchegamos perto da parede com o meu casaco por cima das pernas. Estava um frio congelante na nossa enorme sala de ensaio.

— Vocês dois repassem a cena — disse Rooney. — Eu preciso ir pegar um chá ou eu vou literalmente morrer.

Ela tinha saído de novo ontem à noite.

— Pega um café pra mim! — Pip gritou conforme Rooney saía.

— Eu prefiro enfiar o pé num prego! — Rooney gritou de volta, e fiquei interessada em ver que isso fez Pip *rir* em vez de só ficar irritada e cerrar os dentes.

Jason e Sunil foram incríveis. Jason tinha muita prática, já tendo feito várias peças de Shakespeare antes, e Sunil era igualmente bom, apesar de só ter atuado uma vez em um papel pequeno na produção de *Wicked* da escola dele. Jason

estava todo "*Mais uma vez, Cesário*", e Sunil estava todo "*Mas e se ela não puder te amar, senhor*", e no geral, foi um ensaio muito bom.

Eu sentei e assisti, e quase me fez escapar da minha cabeça, me fazendo esquecer tudo que tinha acontecido nos últimos meses. Eu podia só viver no mundo de Viola e Orsino por um tempo.

— *Eu sou todas as filhas da casa de meu pai* — disse Sunil. Era uma das últimas falas na cena. — *E também todos os irmãos.* — Ele olhou para mim e para Pip com um sorriso, momentaneamente saindo do personagem. — Essa fala é tão boa. Vai ser minha nova bio no Twitter.

Sunil parecia estar curtindo participar da produção. Talvez mais do que todos nós, pra ser sincera. Ele e Jason se afastaram para trabalhar na cena sozinhos, e, sem nada pra fazer, fiquei encostada na parede, o queixo apoiado nos joelhos, esperando Rooney voltar com o seu chá.

— Georgia?

Eu olhei para cima e vi que a Pip estava se abaixando para sentar mais perto de mim, o seu exemplar de *Noite de reis* aberto na mão.

— Eu tive uma ideia — disse ela. — Sobre o que você poderia fazer na peça.

Eu não estava nada no clima pra fazer qualquer atuação hoje. Eu nem tinha mais certeza de que eu conseguia atuar tão bem quanto eu achava antes.

— Ok — falei.

— Tem outro personagem em *Noite de reis* que tem um papel temático muito importante. O palhaço.

Soltei uma risada irônica.

— Você quer que eu seja o palhaço?

— Bom, esse é o nome que ele tem no texto. Ele está mais pra um bobo da corte. — Pip apontou para a cena em questão. O palhaço tinha algumas falhas que levavam à cena em que Jason e Sunil estavam trabalhando. — Eu achei que seria bem legal você fazer um pouco dessa parte antes da cena de Viola-Orsino.

Eu li as falas, cética.

— Eu não sei. — Olhei pra ela. — Eu… minha atuação tá sendo bem merda ultimamente.

Pip franziu o cenho.

— Cara. Não é verdade. Esses papéis só não são *certos* pra você. Você não é *uma merda* em nada.

Eu não respondi.

— Que tal você só tentar essa? Prometo que só vou te encorajar. E eu jogo algo na cabeça de Rooney se ela disser qualquer coisa negativa sobre você. — Como se pra demonstrar, Pip tirou o coturno e o segurou no ar.

Isso me fez rir.

— Ok. Tá bom. Eu vou tentar.

— Voltei! — Rooney entrou galopante na sala, de alguma forma conseguindo não derrubar bebida quente em tudo. Ela se jogou no chão ao lado de mim e de Pip, colocando o chá no chão, e entregando um café pra Pip.

Pip encarou o café.

— Você realmente pegou um pra mim?

Rooney deu de ombros.

— Sim?

Pip olhou para Rooney, genuinamente surpresa, e alguma coisa que quase parecia afeição surgiu no rosto dela.

— Obrigada.

Rooney a encarou de volta, e então pareceu ter que desviar o rosto forçadamente.

— Então, como está indo a cena? Só faltam duas semanas pro Baile Bailey, e a gente precisa terminar essa antes disso.

— Eu tive uma ideia — falou Pip. — Dá pra gente acrescentar o palhaço.

Eu esperava que Rooney fosse imediatamente contestar, mas, em vez disso, ela se sentou ao lado de Pip e se inclinou sobre ela para conseguir ler a cena de *Noite de reis*. Pip fez uma cara de assustada antes de relaxar, apesar de só fazer isso depois de dar uma ajeitada rápida no cabelo.

— Acho que é uma boa ideia — disse Rooney.

— Sério? — perguntou Pip.

— Aham. Você tem umas boas ideias às vezes.

Pip sorriu torto.

— Às vezes?

— Às vezes.

— Isso é um elogio e tanto. — Pip a cutucou. — Vindo de você.

E eu juro por Deus que Rooney ficou mais vermelha do que eu já a vi antes.

Fazia bastante tempo que eu não ficava em pé num palco sozinha. Bom, não era *tecnicamente* um palco, mas o jeito como os outros quatro estavam sentados na minha frente, observando, enquanto eu estava em pé diante deles, dava a mesma sensação.

Em *Noite de reis*, o palhaço, cujo nome é na verdade Feste, aparece de vez em quando para dar o alívio cômico ou para cantar uma música que é relevante para o tema da história. Um pouco antes da cena de Jason e Sunil, Feste canta uma música, "Vamos rápido, morte", sobre um homem que morre, possivelmente de coração partido porque uma mulher não retribui o seu amor, e ele quer ser enterrado sozinho porque está triste demais. É basicamente um jeito chique de dizer que um amor não recíproco é de doer.

Todos nós decidimos que eu deveria recitar como um monólogo em vez de uma canção, pelo que fiquei grata. Ainda assim, estava nervosa. Eu queria *provar* que conseguia fazer isso.

— *Vamos rápido, morte, apresse-se* — eu comecei, e senti minha garganta se fechar quando respirei.

Eu consigo fazer isso.

— *Deito em tábuas tristes de cipreste.* — Deixo minha voz baixa. — *Vai-te embora, sopro de vida meu! Matou-me uma donzela linda e cruel.*

E eu li o resto da música. E eu senti tudo. Eu só senti tudo. O luto. O desejo. A fantasia de algo que nunca poderia acontecer.

Eu nunca tinha experimentado um amor não recíproco. Eu nunca iria passar por isso. E Feste, o palhaço, sequer estava falando de si mesmo — ele estava contando a história de outra pessoa. Ainda assim, eu senti tudo.

— *Que amantes tristes e pálidos não encontrem minha cova para ali verter suas lágrimas.*

Houve uma pausa antes de eu fechar o meu livro e olhar para os meus amigos.

Todos eles estavam me encarando, fascinados.

E então Pip só começou a aplaudir.

— CARALHO, SIM. Sim demais, cacete. Eu sou um gênio. Você é um gênio. Essa peça vai ser *genial*.

Rooney se juntou ao aplauso. Sunil também. E eu vi Jason muito sutilmente enxugar uma lágrima do olho dele.

— Isso foi legal? — eu perguntei, apesar de que não era exatamente o que eu queria perguntar. *Eu fui boa? Eu vou ficar bem?*

Tudo na minha vida estava de cabeça para baixo, mas eu ainda conseguiria fazer isso? Eu ainda era capaz dessa coisa que só me trouxe felicidade?

— Mais do que legal — disse Pip, com um sorriso largo, e eu pensei "Tá, ok".

Eu meio que me odiava nesse momento por várias razões, mas ao menos eu ainda tinha isso.

DUAS COLEGAS DE QUARTO

Nas duas semanas entre os ensaios e o Baile Bailey, nós tivemos outros três ensaios, nos quais completamente superamos as metas de Rooney de terminar uma cena. Nós conseguimos finalizar todas as três — *Muito barulho por nada*, com Pip e Rooney, *Noite de reis*, com Jason, Sunil e eu, e *Romeu e Julieta*, com Jason e Rooney, depois da decisão de que eu não era a melhor escolha pra Julieta. Nós até tivemos tempo de fazer uma noite de pizza como tínhamos prometido a Sunil. Ele e Jason pareciam ter ficado amigos próximos, entrando em uma discussão profunda sobre os musicais a que tinham assistido, e Rooney e Pip conseguiram passar um filme inteiro sem fazer um comentário birrento uma pra outra. Em certa hora, até mesmo ficaram sentadas com os ombros colados uma na outra, amigavelmente compartilhando um pacote de Doritos.

Apesar de tudo que acontecia nos bastidores, estava ficando tudo pronto. Nós estávamos mesmo produzindo fazer um espetáculo.

Graças a Deus, eu tinha isso pra pensar. Sem isso, eu provavelmente só teria ficado duas semanas na cama, porque tentar compreender minha sexualidade tinha desenterrado algum tipo de ódio por mim mesma para o qual eu não estava preparada. Eu achei que entender isso era pra ser um momento de orgulho ou algo do tipo. Claramente não.

Alguma coisa estava acontecendo com Rooney também. Alguma coisa tinha mudado nela depois daquela noite em que nós tínhamos chegado e a encontrado chorando. Ela parou de sair quase toda noite, e em vez disso passara a ver vídeos no YouTube ou séries de TV, ou só dormido. Eu já tinha acostumado com a barulheira da sua digitação frenética ao meu lado nas aulas de literatura, mas isso havia parado, e muitas vezes eu a via sentar muito imóvel, encarando o horizonte, sem prestar nenhuma atenção nas aulas.

Às vezes, ela parecia bem. Às vezes, ela era a Rooney “normal”, sendo a diretora da peça com um punho de ferro, a pessoa mais brilhante da sala, conversando com doze pessoas diferentes durante o jantar no refeitório. Ela era o seu melhor quando Pip estava por perto — trocando farpas e piadas, se iluminando de um jeito que ela não fazia com mais ninguém —, mas, mesmo ali, eu às vezes notava que Rooney virava de costas, colocava uma distância física entre elas, como se ela não quisesse nem que Pip a visse. Como se ela estivesse com medo do que aconteceria se elas ficassem próximas demais.

Eu poderia ter perguntado se ela estava bem, mas eu continuava ocupada demais com meus próprios sentimentos, e ela também não perguntou se eu estava bem, porque ela estava ocupada demais com os delas. Eu não a culpava, e eu esperava que ela não estivesse me culpando também.

Nós só éramos duas colegas de quarto lidando com coisas das quais era difícil demais falar.

O BAILE BAILEY

— Se você me mandar fotos de você usando o seu vestido — disse mamãe numa chamada de Skype na tarde do Baile Bailey —, eu vou mandar imprimir e enviar todas para os seus avós!

Eu suspirei.

— Não é a mesma coisa que a formatura. Eu nem acho que vá ter fotos oficiais.

— Bom, só se certifique de tirar ao menos *uma* foto de corpo inteiro de você usando o vestido. Fui eu que comprei, então preciso ver como ficou.

Mamãe tinha comprado o meu vestido para o Baile Bailey, apesar de ter sido a minha escolha. Na verdade, eu não tinha planejado comprá-lo porque era caro demais, mas, quando eu estava mandando links de vestidos em potencial para ela ver enquanto conversávamos por mensagem, ela se ofereceu para pagar. Foi bem legal da parte dela, e sinceramente, me deixou com uma saudade mais intensa do que qualquer outra coisa até agora na faculdade.

— Algum dos meninos te convidou como par para o baile?

— Mãe. As faculdades da Inglaterra não fazem isso. Só as escolas americanas têm essa tradição.

— Bom, teria sido legal, né?

— Todo mundo só vai com os amigos, mãe.

Mamãe suspirou.

— Você vai ficar tão *linda* — ela murmurou com carinho. — Arrume seu cabelo direitinho.

— Eu vou — falei. Rooney já tinha oferecido de arrumar ele pra mim.

— Nunca se sabe, talvez você encontre seu futuro marido esta noite!

Eu comecei a rir antes que pudesse me impedir. Há dois meses, eu *teria* sonhado com um encontro mágico e perfeito no meu primeiro baile na faculdade.

Agora? Agora eu estava me vestindo só pra mim mesma.

— É — eu falo, pigarreando. — Nunca se sabe.

Rooney ficou em silêncio enquanto arrumava meu cabelo com um babyliss grosso, as sobrancelhas franzidas em concentração. Ela sabia como fazer aquelas ondas largas que apareciam em todas as séries de TV americanas, mas que eu achava absolutamente impossíveis de reproduzir em mim mesma.

Rooney já tinha arrumado o próprio cabelo. Estava preso rente à cabeça, para trás, e perfeitamente liso. O vestido dela era vermelho-sangue, agarrado, mas com uma fenda longa em uma das pernas. Ela parecia uma das namoradas de James Bond que depois se revelaria sendo a vilã.

Ela insistiu em fazer minha maquiagem também — sempre foi uma grande fã de transformações, ela explicou —, e eu deixei, já que ela era bem melhor nisso do que eu. Ela misturou tons de dourado e marrom nas minhas pálpebras, escolheu um batom rosa-claro pastel, preencheu minhas sobrancelhas com um pincel chanfrado e fez um delineado de gatinho muito mais perfeito do que eu já tinha conseguido fazer sozinha.

— Pronto — disse ela, depois do que pareciam ser horas, mas eram provavelmente uns vinte minutos. — Tudo certo.

Eu me olhei no espelho de Rooney. Eu estava bonita de verdade.

— Uau. Isso é… uau.

— Vá olhar no espelho grande! Você precisa ver o efeito com o vestido. Você parece uma princesa.

Eu fiz o que ela falou. O vestido parecia que tinha saído de um conto de fadas — era comprido, com um chiffon rosa-claro e um corpete de paetês. Não era muito confortável — eu estava usando um *monte* de fita para segurar meus peitos —, mas com meu cabelo ondulado e minha maquiagem cintilante, eu parecia e me sentia uma princesa.

Talvez eu até mesmo pudesse curtir essa noite. Coisas mais loucas já aconteceram.

Rooney ficou ao meu lado no espelho.

— Hum. A gente só não está combinando muito. Vermelho e rosa.

— Acho que é uma boa combinação. Eu pareço um anjo, e você, um demônio.

— Sim. Eu sou sua gêmea do mal.

— Ou talvez *eu* seja a sua gêmea do mal.

— Isso é tipo um resumo de toda nossa amizade?

Nós olhamos uma para a outra e caímos na gargalhada.

O tema do Baile Bailey tinha sido um tópico de especulação enorme no St. John's durante semanas. Na noite anterior ao baile, de alguma forma, eu era uma das poucas pessoas que ainda não tinha descoberto qual era. Provavelmente porque a única amiga que eu tinha na faculdade era Rooney, e ela havia se recusado a me contar quando eu perguntei, e eu não me incomodei o suficiente para forçá-la a me contar.

Aparentemente, os últimos temas foram "Circo", "Alice no País das Maravilhas", "Conto de Fadas", "Os Anos 20", "Hollywood", "Las Vegas", "Baile de Máscaras" e "Debaixo das Estrelas". Eu me perguntei se eles estavam ficando sem ideias.

Não ficou imediatamente claro qual era o tema quando atravessamos os corredores da faculdade na direção da festa. O pátio tinha sido adornado com flores, e a escadaria parecia que tinha se transformado na parede de um castelo, completa com torres e uma varanda. Dentro do salão de jantar, as mesas redondas tinham flores como peça de centro, mas também imitações de garrafas de veneno e facas de madeira.

Eu só entendi quando escutei "I'm Kissing You" da Des'ree — uma música que eu sabia que tocava numa cena importante de um certo filme do Baz Luhrmann de 1996.

O tema era "Romeu e Julieta".

Nós encontramos Pip e Jason nas portas da St. John's. Jason acenou com a cabeça de um jeito estranho para mim, mas não disse nada.

Os dois estavam incríveis. Jason usava um smoking clássico, que estava tão bem vestido nos seus ombros largos que parecia ter sido feito sob medida. Pip tinha deixado o cabelo com mais cachos ainda, e estava usando calças apertadas pretas, mas com uma jaqueta de smoking de veludo verde-escura. Ela tinha combinado tudo isso com um par de botas Chelsea de pele de cobra falsa, o que de alguma forma combinava perfeitamente com os aros dos seus óculos.

Os olhos de Rooney percorreram o corpo de Pip de cima a baixo.

— Você está bonita — ela disse.

Pip se esforçou para não fazer o mesmo com Rooney e o vestido de vilã de James Bond, em vez disso mantendo os olhos firmemente no rosto de Rooney.

— Você também.

O jantar pareceu durar um ano, apesar de ser somente o começo do que seria a noite mais longa de toda a minha vida.

Rooney, Jason, Pip e eu tivemos que dividir uma mesa com quatro outras pessoas, mas por sorte eram todos amigos e conhecidos de Rooney. Enquanto todo mundo aproveitava para se conhecer melhor, eu fiz o que eu sempre fazia e fiquei em silêncio, mas prestando atenção, sorrindo e acenando quando as pessoas falavam, sem saber como me envolver em nenhuma das conversas.

Eu me senti pior do que eu já tinha me sentido.

Eu queria muito sair dessa, mas não conseguia.

Eu não queria ficar numa festa onde Jason me odiava e Rooney e Pip estavam vivendo o que eu nunca teria.

Sunil, vestido com um smoking azul bebê, e Jess, que estava usando um vestido coberto de paetês verde-menta, pararam para dar um oi pra nós, apesar de falarem principalmente com Rooney, porque ela já tinha tomado três taças de vinho e estava tagarela. Quando eles foram embora, Sunil piscou para mim, o que me fez sentir melhor por uns dois minutos, mas então os meus devoradores de cérebro voltaram.

Essa era eu. Eu nunca ia vivenciar o amor romântico, tudo por causa da minha sexualidade — uma parte fundamental de quem eu era que eu nunca poderia mudar.

Eu bebi vinho. *Muito* vinho. Era de graça.

— Só mais *oito horas*! — Pip gritou quando saímos do salão de jantar depois da sobremesa. Eu já estava cheia de comida e, para ser sincera, meio bêbada.

Balancei a cabeça.

— Não vou aguentar até as seis da manhã.

— Ah, vai, *sim*. Você vai. Eu vou me certificar de que você vai.

— Isso parece incrivelmente ameaçador.

— Eu estarei aqui para te dar um peteleco na testa se você começar a dormir.

— Por favor, não me dê um peteleco na testa.

— Eu posso, e eu irei.

Ela tentou demonstrar, mas eu desviei do caminho, rindo. Pip sempre sabia como me alegrar, mesmo se ela não soubesse o motivo de eu estar triste, pra começo de conversa.

O Baile Bailey não estava limitado a somente um salão — estava esparramado pelo andar térreo do prédio principal da faculdade, chegando até a marquise e o gramado do lado de fora. O salão de jantar foi rapidamente transformado no salão de dança principal, é claro, com uma área de bar e música ao vivo. Havia várias salas temáticas servindo comida e bebida, desde torradas até sorvete, chá e café, e uma sala de cinema em que estavam passando todas as adaptações diferentes de "Romeu e Julieta" em ordem cronológica. Os corredores que ainda não tínhamos visitado estavam decorados tão intensamente que não dava mais para ver as paredes — estavam cobertos de flores, vinhas, tecidos, luzes pisca-pisca e escudos com os brasões "Capuleto" e "Montéquio". Por apenas uma noite, estávamos em outro mundo, fora das regras do espaço e do tempo.

— Aonde vamos primeiro? — Pip perguntou. — À sala de cinema? À marquise? — Ela se virou, e então franziu a testa. — Rooney?

Eu virei rápido demais, e encontrei Rooney alguns passos atrás de nós, inclinada contra a parede. Ela definitivamente estava bêbada, mas também estava olhando para Pip quase como se estivesse com *medo*, ou ao menos bem nervosa. Então ela transformou essa expressão em um sorriso largo.

— Eu vou ver meus outros amigos um pouco! — ela gritou por cima do barulho da música e da multidão.

E então ela se foi.

— Outros amigos? — disse Jason, confuso.

— Ela conhece todo mundo — falei, mas eu não sabia o quão verdadeiro era isso. Ela conhecia muita gente, mas eu estava começando a perceber que nós éramos os seus únicos *amigos* de verdade.

— Bom, então ela que se foda, se ela vai fazer isso — disse Pip, mas ela não estava falando tão sério.

Jason revirou os olhos pra ela.

— Pip.

— Quê?

— Você não precisa continuar fazendo isso. Nós dois sabemos que você gosta dela.

— Quê? — A cabeça de Pip levantou. — Quê. *Não*, não, eu não, tipo, *sim* eu gosto dela como *pessoa*, quer dizer, eu admiro ela como *diretora* e pessoa criativa, mas a personalidade dela é *muito* intensa, então eu não diria que eu *gosto* dela, só *aprecio* quem ela é, o que ela *faz*…

— Só que você é a fim dela — eu falei. — Não é um crime.

— *Não.* — Pip cruzou os braços em cima da jaqueta. — *Não*, claro que não, Georgia, ela… é objetivamente *muito* gostosa e, *sim*, em qualquer situação normal ela seria bem do meu tipo, eu *sei* que você sabe disso, mas, tipo, ela é *hétero* e literalmente me *odeia*, então, mesmo se eu estivesse a fim dela, qual seria a graça…

— Pip! — eu falei, exasperada.

Ela aquiesceu. Ela sabia que não dava pra fazer nada pra esconder.

— Acho que eu devia ir atrás dela — eu continuei.

— Por quê?

— Só pra ver se está tudo bem.

Pip e Jason não se manifestaram, então fui embora para ir atrás de Rooney.

Eu tinha a sensação de que, se ela continuasse a beber ainda mais, ia fazer alguma coisa da qual ia se arrepender.

CAPULETO VS. MONTÉQUIO

Eu não encontrei Rooney em lugar nenhum. Centenas de estudantes se espalhavam ao redor da faculdade, e estava difícil até atravessar os corredores, quem diria encontrar alguém no meio dos grupos conversando, rindo, cantando e dançando. Ela estava em algum lugar por ali, sem dúvida. Rooney parecia operar como se fosse uma protagonista de videogame em um mundo cheio de personagens secundários não jogáveis.

Eu fiquei perto da marquise por um tempo, torcendo para ela aparecer, mas, mesmo se ela estivesse ali, eu provavelmente não a teria encontrado. Estava lotado, porque ali era onde tinha todas as atividades divertidas — uma cabine de fotos, barracas de pipoca e algodão-doce, um touro mecânico, e a atração principal: "Capuleto vs. Montéquio", que parecia ser um castelo inflável com duas plataformas dentro, nas quais dois estudantes batalhavam com espadas infláveis até um deles cair. Eu fiquei observando algumas pessoas jogarem, e eu realmente queria ir uma vez, mas não sabia onde Rooney estava, e eu ficaria com um pouco de vergonha de pedir pra ela ir comigo. Eu acho que tinha a sensação de que ela diria não.

Peguei outra bebida do bar, algo de que eu não precisava porque já estava bêbada, e perambulei sem rumo em volta do baile, atravessando as salas. Quanto mais eu bebia, mais eu parava de prestar atenção, e menos eu me importava em ficar sozinha, em todos os sentidos da palavra.

Era difícil de esquecer, porém, quando toda música que estava tocando nos alto-falantes era sobre amor romântico. Obviamente isso era de propósito — o tema da festa era *Romeu e Julieta*, afinal —, mas ainda assim me deixava irritada.

Tudo começava a me lembrar da festa depois da formatura. As luzes brilhando na pista de dança, as risadas, os ternos e os vestidos.

Quando eu estava naquela festa, eu sentia que aquele era meu mundo, e um dia eu seria uma dessas pessoas.

Eu não me sentia mais assim.

Eu nunca seria uma dessas pessoas. Flertando. Me apaixonando. Sendo feliz pra sempre.

Eu fui me aconchegar na sala do chá, só pra ficar presa do lado de um casal que estava se pegando num canto. Eu os odiava. Eu tentei ignorá-los e beber meu vinho enquanto eu ficava passando por posts no Instagram.

— *Georgia*.

Uma voz incrivelmente alta quebrou a atmosfera relaxante da sala, assustando todo mundo. Eu me virei na direção da porta e vi Pip ali com seu smoking verde, uma mão na cintura e um copo descartável indubitavelmente cheio de álcool na outra.

Ela sorriu sem graça com a atenção repentina.

— Er, foi mal. Não sabia que essa era uma sala silenciosa.

Ela prosseguiu na ponta dos pés e se abaixou ao meu lado, derrubando um pouco da bebida no chão.

— Cadê a Rooney? — ela perguntou.

Eu só dei de ombros.

— Ah. Bom, eu vim te desafiar pra um duelo de Capuleto vs. Montéquio.

— Aquela parada do castelo inflável?

— É tão melhor do que um castelo inflável, minha cara. É uma prova definitiva de resistência, agilidade e vigor mental.

— Parece exatamente com um castelo inflável, pra mim.

Ela agarrou a minha mão e me puxou.

— Só vem tentar! Jason disse que ele já precisava ir cochilar, então voltou pra Castle.

— Espera, ele foi embora?

— É. Ele provavelmente vai ficar bem, você sabe o quanto ele é ruim ficando acordado até tarde.

Eu imediatamente me senti culpada — era minha culpa que Jason estava tão amargurado — e eu me esforcei para levantar, apenas para ver o mundo girando ao meu redor, quase me fazendo cair de novo.

Pip franziu o cenho.

— Jesus. Quanto você bebeu?

— Ah — disse Pip, assim que entramos na marquise.

Primeiro, achei que ela estava se referindo ao estado da marquise. Quando eu tinha chegado por aqui no começo da noite, era brilhante e empolgante, colorido e novo. Agora mais parecia um fim de feira. O chão estava grudento e com pipocas amassadas espalhadas. As barracas estavam menos ocupadas e o pessoal que trabalhava nelas parecia cansado.

Só que Pip não estava se referindo a nada disso, o que percebi quando fomos acostadas por Rooney no seu vestido de vilã de James Bond.

Ela ainda estava, impossivelmente, calçando os saltos, e ela devia ter retocado a maquiagem, porque ela parecia radiante. O iluminador estava brilhando, o contorno tão preciso quanto uma faca, e ela sorriu para Pip com olhos grandes e escuros.

Ela estava obviamente bem bêbada.

— Com licença — disse ela, com um sorriso torto. — Quem te convidou? Você não é estudante da John's.

Pip ofereceu outro sorriso torto, imediatamente seguindo com a piada.

— Eu entrei de penetra. Sou uma mestra dos disfarces.

— Pra onde você foi? — perguntei a Rooney.

— Ah, sabe — disse ela. Ela fez um sotaque afetado que a fez parecer uma herdeira rica. — Só fiquei por *aí*, querida.

— Nós estávamos indo pra uma batalha no castelo inflável — disse Pip. — Você pode vir com a gente. Alguém está prestes a ser absolutamente aniquilada.

Rooney sorriu para ela em um tom de ameaça.

— Bom, eu adoro aniquilar pessoas.

— *Tá bom* — eu me encontrei dizendo.

Se eu estivesse sóbria, provavelmente teria deixado isso rolar, mas estava bêbada, cansada, de saco cheio das duas, e cada vez que elas olhavam uma pra outra com aquela paixão ardente que ficava entre o amor e a irritação, eu queria morrer porque isso nunca aconteceria comigo. Eu olhei para Pip, cuja gravata

borboleta estava torta e cujos óculos estavam para baixo demais do nariz, e para Rooney, cuja base não escondia o corar das bochechas dela.

E então olhei para o que estava entre elas, o desafio Capuleto vs. Montéquio.

— Acho que vocês duas deveriam ir primeiro — eu falei, apontando. — Uma contra a outra. Só pra vocês acabarem logo com isso. Por favor.

— Estou dentro — disse Rooney, encontrando o olhar ferrenho de Pip com olhos aguçados.

— Eu… ok — Pip gaguejou. — Tá ótimo. Só que eu não vou pegar leve com você.

— Você acha que eu sou o tipo de pessoa que gosta de que alguém *pegue leve* com ela?

Os olhos de Pip percorreram o vestido de Rooney, e então voltaram rapidamente para o rosto dela.

— Não.

— Então vamos lá.

Isso estava ficando absolutamente insuportável, então fui em direção ao cara que tomava conta do brinquedo e disse:

— Essas duas querem ir.

Ele assentiu, exausto, e então gesticulou para as duas plataformas erguidas.

— Podem subir.

Nenhuma das duas falou quando subiram no castelo inflável, Rooney chutando os saltos para longe quando subiu, então depois mais no degrau para a plataforma. Isso era claramente mais difícil do que as duas tinham antecipado — as calças skinny de Pip eram só um pouco mais práticas do que o vestido apertado de Rooney — mas elas conseguiram, e o cara entregou para as duas o que parecia um espaguete de piscina.

— Vocês têm três minutos — ele avisou, gesticulando para o relógio com a contagem regressiva no canto do castelo inflável. — O objetivo é derrubar a outra pessoa da plataforma antes que o tempo acabe. Prontas?

Rooney assentiu com o foco intenso de um jogador de tênis em Wimbledon.

— Pra caralho — disse Pip, segurando o espaguete.

O cara suspirou. Então ele pressionou um botão no chão, e um apito soou três vezes. Uma contagem regressiva.

Três. Dois. Um.

Comecem.

Rooney pulou direto na jugular, imediatamente. Ela arremessou o espaguete selvagemente na direção de Pip, mas Pip antecipou o golpe e bloqueou com seu próprio espaguete, mas não sem estremecer na plataforma. As plataformas eram circulares, e deviam ter só meio metro de diâmetro. Isso provavelmente não duraria muito tempo.

Pip riu.

— Não está pra brincadeira, então?

Rooney sorriu.

— Não, eu estou tentando *ganhar*.

Pip impulsionou o espaguete para a frente numa tentativa de empurrar Rooney para trás, mas Rooney desviou o torso, quase dobrando noventa graus para o lado.

— Tá bom, *ginasta* — disse Pip.

— Dançarina, na verdade — Rooney retrucou. — Até os catorze anos.

Ela balançou o espaguete para Pip de novo, mas Pip bloqueou.

E então a briga começou.

Rooney golpeava de um lado e de outro, mas os reflexos de Pip pareciam ter ficado mais aguçados pelo álcool que tinha bebido, o que não fazia sentido nenhum. Rooney passava pela esquerda, Pip bloqueava, Rooney golpeava pela direita, Pip desviava. Pip lançou-se para frente, tentando empurrar Rooney pelo ombro, e, por um momento, achei que tinha acabado, mas Rooney recuperou o equilíbrio com um sorriso malicioso, e a batalha continuou.

— A sua cara de concentração é *tão engraçada* — disse Rooney rindo. Ela imitou as sobrancelhas e nariz enrugado de Pip.

— *Er*, não tão engraçada quanto a sua cara vai ficar quando eu ganhar — Pip retrucou. Só que tinha um vestígio de sorriso no rosto dela também.

Houve mais golpes e giros e, a certo ponto, elas estavam tendo uma verdadeira batalha Jedi de sabre de luz. Pip cutucou Rooney pelo lado, e ela quase caiu, se salvando no último segundo, usando o espaguete como apoio, o que fez Pip rir tanto que ela quase caiu da plataforma sozinha.

Foi aí que eu percebi que as duas estavam se *divertindo.*

Foi aí também que todo o álcool subiu para minha cabeça e eu senti que eu ia cair.

Fui me escorando com todo o cuidado que consegui para o lado da marquise, e sentei no tecido para assistir ao fim.

Eu não conseguia deixar de notar que Rooney, por mais implacável que ela parecesse, com golpes grandes e duros, estava estrategicamente evitando o rosto de Pip para não atingir os óculos. Pip, no entanto, queria ver sangue.

— Por que você é tão *flexível*? — Pip gritou quando Rooney desviou de outro golpe.

— Só um dos meus muitos talentos!

— *Muitos* talentos? No plural?

— Acho que você sabe tudo sobre eles, Pipinha.

Pip balançou o espaguete na direção de Rooney, mas Rooney bloqueou.

— Você é a porra de um *pesadelo*.

Rooney sorriu de volta.

— Sou mesmo, e você me *ama*.

Pip soltou o que só poderia ser descrito como um grito de guerra. Ela impulsionou o espaguete contra Rooney, então de novo, e uma terceira vez, empurrando a outra garota cada vez mais para trás. Na quarta vez, Rooney tropeçou, caindo direto para trás do pódio e no castelo inflável, soltando um grito curto.

— AÊÊ! — Pip gritou, segurando o espaguete acima dela em vitória.

O cara operando o castelo inflável parou o relógio e gesticulou vagamente na direção de Pip.

— A de óculos ganhou.

Pip saltou do pódio e começou a pular do lado de Rooney, fazendo com que ficasse difícil para ela levantar.

— Está com problemas aí embaixo, cara?

Rooney tentou se levantar, mas só acabou caindo de novo, conforme Pip pulava ao lado dela.

— Ai, meu Deus, *para*…

— Achei que você era uma dançarina! Cadê sua coordenação?

— A gente não treinava em *castelos infláveis*!

Pip finalmente desacelerou nos seus pulos, ficando parada e esticando a mão para ajudar Rooney a se levantar. Rooney olhou para a mão, e eu pude vê-la considerando, mas ela não a segurou, ficando em pé sozinha em vez disso.

— Boa jogada — disse ela, com uma sobrancelha erguida. Então ela foi andando, ou melhor, foi saltando através do castelo inflável e rolou para fora até chegar ao chão de verdade.

— Você não vai ser má perdedora, vai? — Pip gritou atrás dela, também se abaixando e rolando para fora do castelo.

Rooney fez um barulho de irritação tão alto que dava pra ouvir do outro lado da marquise.

— Ah. — Pip sorriu. — Você vai. Eu devia ter adivinhado.

Rooney começou a enfiar os pés dela de volta nos saltos. Ela provavelmente queria voltar a ter uma altura significativa de vantagem sobre Pip.

— Ei! — Pip ergueu a voz, a chamando. — Por que você me odeia tanto?

Rooney parou.

— É, isso mesmo! — Pip continuou, erguendo os braços. — Já disse! Por que você me odeia? Nós duas estamos bêbadas, então é melhor resolver isso agora! É porque eu sou a melhor amiga de Georgia de antes, e agora eu estou no caminho?

Rooney não disse nada, mas ela terminou de colocar os saltos e se endireitou em toda a sua altura.

— Ou você só odeia quem eu sou como pessoa?

Rooney se virou e disse:

— Você é muito idiota. E você deveria ter me deixado ganhar.

Houve uma pausa.

— Às vezes eu posso ter o que *eu* quero — disse Pip com uma calma angustiante. — Às vezes, sou eu a pessoa que pode ganhar.

Eu mal tive tempo de pensar nessa constatação, porque Rooney estava prestes a explodir. Ela estava com as mãos em punho, e eu consegui sentir que uma briga de verdade estava vindo, daquelas estimuladas por bebida e que seria vergonhoso lembrar depois. Eu precisava impedir isso. Precisava acabar com isso antes que ficasse pior. Essas eram as únicas duas amigas que me restavam.

Então eu me levantei, o que foi difícil com meu vestido.

Abri a boca para falar. Para tentar impedir isso tudo. Talvez até para tentar ajudar.

Só que o que aconteceu de verdade foi que todo o sangue subiu para minha cabeça. Pontos de luz começaram a aparecer nos cantos da visão, e minha audição ficou obscura.

E daí eu desmaiei.

DERROTADA

Eu recobrei minha consciência para encontrar Pip dando tapinhas no meu rosto um pouco fortes demais.

— Ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus — ela estava gaguejando.

— Para de me bater, por favor — eu murmurei.

Rooney estava lá também, a irritação desaparecida por completo da expressão, substituída por preocupação séria.

— Puta merda, Georgia. Quanto você bebeu?

— Catorze.

— Catorze o quê?

— Catorze bebidas.

— Não, *não* bebeu.

— Ok, eu não consigo lembrar o quanto eu bebi.

— Então por que você disse catorze?

— Parecia um bom número.

Fomos interrompidos por outros estudantes bisbilhotando por cima dos ombros de Rooney e Pip, educadamente perguntando se eu estava bem. Eu percebi que ainda estava deitada no chão, o que era estranho, então me sentei e assegurei a todo mundo que eu estava bem e que só tinha bebido um pouco demais. Todo mundo riu e seguiu com a noite. Se eu não estivesse completamente fora de mim, eu teria ficado com uma vergonha profunda, mas felizmente eu estava bêbada, então a única coisa que se passava pela minha cabeça era que eu queria muito vomitar.

Rooney me puxou para levantar, um braço ao redor da cintura, o que parecia irritar Pip por algum motivo.

— A gente devia ficar de boas no cinema um pouco — disse Rooney. — Ainda temos umas seis horas pra matar. Dá pra Georgia voltar a ficar sóbria.

Seis horas? Ficar sóbria era a última coisa que eu queria nesse momento.

— *Nãooooo* — eu gemi, mas Rooney ou me ignorou ou não me ouviu. — Me deixa. Eu tô bem.

— Claramente você não está, e vamos sentar num pufe, com um pouco de água, pela próxima meia hora, quer você queira ou não.

— Você não é minha mãe.

— Bom, sua mãe de verdade ia me agradecer.

Rooney aguentou a maior parte do meu peso enquanto atravessávamos os corredores floridos e brilhantes da faculdade, Pip seguindo atrás. Ninguém falou nada até a gente chegar à porta do cinema e uma voz aguda atrás de nós gritar:

— *PIP!* Ah, meu Deus, oi!

No meu estado nebuloso, eu espiei atrás de mim para ver de quem era a voz. Pertencia a um cara com um grupo grande de pessoas que eu não reconhecia, provavelmente porque eram da faculdade de Pip.

— Vem ficar com a gente — o cara continuou. — Nós vamos dançar um pouco.

Pip mudou o peso, desconcertada.

— Ah…

Ela se virou para olhar pra mim.

Eu não sabia o que dizer, mas felizmente, Rooney falou por mim.

— Vai logo. Ela vai ficar bem comigo.

Eu assenti em concordância, oferecendo um sinal de joinha trêmulo.

— Ok, bom… eu encontro vocês aqui tipo, em uma hora? — disse Pip.

— Tá — falou Rooney, e então se virou de costas, e Pip se foi.

— Aqui — disse Rooney, me entregando um copo de água grande e uma torrada em um guardanapo dobrado. Ela se jogou ao meu lado em um pufe.

Eu os peguei obedientemente.

— O que tem aqui? — eu disse, gesticulando para a torrada.

— Queijo e cenovit.

— Que escolha peculiar — eu disse, dando uma mordida. — E se eu odiasse cenovit?

— Era o único recheio que tinha sobrado, então você vai comer e ficar feliz.

Por sorte, eu amava cenovit, e mesmo se não amasse, eu provavelmente teria comido de qualquer forma, porque de repente eu estava *faminta*. A náusea tinha passado, e meu estômago parecia dolorosamente vazio, então eu mastiguei a torrada enquanto assistíamos ao filme que estava passando na tela no momento.

Nós éramos as únicas pessoas na sala. De longe, dava para ouvir as batidas da música do DJ no salão de dança, que era sem dúvida onde a maioria das pessoas estavam. Também havia outras conversas vindas da sala oposta, onde se serviam chá grátis e torradas, e ocasionalmente risadas altas e vozes atravessavam a porta conforme os estudantes prosseguiam pela noite juntos, fazendo o que quer que fosse para passar o tempo até chegar ao fim do baile, ao amanhecer. Não parecia mais com um baile — parecia uma enorme festa do pijama, onde ninguém queria ser o primeiro a ir dormir.

O filme era a melhor adaptação de *Romeu e Julieta* — a do Baz Luhrmann feita nos anos noventa com o Leonardo DiCaprio. A gente não tinha perdido muita coisa — Romeu estava passeando cabisbaixo pela praia — então nós nos aconchegamos no pufe para assistir, sem falar nada.

Nós ficamos assim, absortas, pelos quarenta e cinco minutos seguintes.

Foi mais ou menos o tempo que levou para eu ficar um pouco mais sóbria e meu cérebro voltar a funcionar.

— Pra onde você foi? — foi a primeira pergunta que eu fiz.

Rooney não desviou os olhos da tela.

— Eu tô bem aqui.

— Não, mais cedo. Você foi embora, e aí você sumiu.

Houve uma pausa.

— Só estava por aí com umas pessoas. Desculpa. Desculpa por isso. — Ela olhou para mim. — Você ficou bem, né?

Eu mal conseguia lembrar o tempo que eu tinha passado entre o jantar e a batalha no castelo inflável. Passeando pelo salão de dança, sentada na sala de chá, explorando a marquise, mas sem me aproximar de nenhuma barraca.

— Aham, eu fiquei bem — falei.

— Bom. Você dançou com o Jason?

Ah. Tinha isso.

— Não — eu falei.

— Ah. O que aconteceu?

Eu queria falar tudo para ela.

Eu iria falar tudo para ela.

Era o álcool? O efeito do baile? O fato de que Rooney estava começando a me conhecer melhor do que todo mundo, tudo isso porque ela dormia a dois metros de mim todas as noites?

— Jason e eu não é uma coisa que vai acontecer — falei.

Ela assentiu.

— É, eu… eu acho que fiquei com essa impressão, mas só achei que vocês ainda estavam saindo.

— Não, eu terminei.

— Por quê?

— Porque…

As palavras estavam na ponta da minha língua. *Porque eu sou arromântica e assexual*. Só que parecia tão desajeitado. Ainda pareciam palavras falsas no meu cérebro, palavras secretas, sussurradas, que não pertenciam ao mundo real.

Não era como se eu achasse que Rooney ia reagir mal — ela não reagiria com nojo ou raiva. Ela não era assim.

Só que eu achei que ela reagiria de um jeito esquisito. Confuso. Tipo, *ok, que porra é essa?* Ela assentiria educadamente depois que eu explicasse, mas, na cabeça dela, ela estaria pensando "ah meu Deus, a Georgia é tão esquisita".

De alguma forma, isso parecia tão ruim quanto.

— Porque eu não gosto de caras — falei.

Assim que eu falei, eu percebi meu erro.

— *Ah* — disse Rooney. — Ah meu Deus. — Ela se endireitou, assentindo, assimilando a informação. — Tudo bem. Cacete. Quer dizer, estou feliz que você *entendeu*. Parabéns, acho? — ela riu. — Parece *bem* melhor não sentir atração por caras. Meninas são muito melhores no geral. — Então ela fez uma careta. — Ai, meu *Deus*. Eu gastei *tanto tempo e energia* tentando te ajudar com o Jason. Por que você não disse nada?

Antes que eu tivesse tempo de responder, ela mesma se interrompeu.

— Não, desculpa, isso é uma coisa idiota de dizer. Você obviamente ainda estava processando isso tudo. Tudo bem. Quer dizer, é pra isso que a faculdade *serve*, né? Experimentar e entender de quem você gosta de verdade. — Ela me deu um tapinha firme na perna. — E sabe o que isso significa? Agora a gente pode achar uma *menina* legal pra você namorar! Ah, meu *Deus*. Eu conheço tantas garotas bonitas que iam gostar de você. Você *precisa* vir comigo a uma balada semana que vem. Eu posso te apresentar a *tantas* garotas.

O tempo todo que ela estava fazendo esse monólogo, eu senti que estava ficando mais e mais quente. Se eu não falasse logo, eu ia perder a coragem e ficar seguindo com essa nova mentira, e então eu teria que passar de novo por toda essa coisa de tentar namorar.

— Eu não quero muito fazer isso — eu disse, revirando o guardanapo, agora vazio, da torrada.

— Ah. Ok, tá bom. Claro. Tudo bem.

Rooney tomou um gole do próprio copo d'água, e passou alguns minutos observando a tela.

Então ela continuou.

— Você não precisa fazer essa coisa de namorar agora. Você tem *tanto* tempo.

Tanto tempo. Eu queria rir.

— Acho que eu não vou — eu falei.

— Vai o quê?

— Namorar. Nunca. Eu também não gosto de meninas. Eu não gosto de ninguém.

As palavras ecoaram pela sala. Houve uma longa pausa.

E então Rooney riu.

— Você está *bêbada* — ela disse.

Eu estava, um pouco, mas essa não era a questão.

Ela tinha rido. Isso me irritou.

Era assim que eu esperava que ela reagisse. Era assim que eu esperava que todo mundo reagisse.

Uma risada estranha e piedosa.

— Eu não gosto de meninos — eu disse. — E não gosto de meninas. Eu não gosto de ninguém. Então eu nunca vou namorar ninguém.

Rooney não disse nada por alguns instantes.

Então ela disse:

— Escute só, Georgia. Você pode se sentir assim neste momento, mas não perca a *esperança*. Talvez você esteja atravessando um período difícil, tipo, sei lá, o estresse de começar a faculdade ou o que quer que seja, só que você *vai* encontrar alguém de quem você goste um dia. Todo mundo encontra.

Não, não encontra, era o que eu queria dizer.

Nem todo mundo.

Eu, não.

— É uma coisa de verdade — falei. — É uma sexualidade de verdade. Quando você não gosta de ninguém.

Porém eu não conseguia pronunciar as palavras corretas.

Provavelmente não teria ajudado mesmo se eu conseguisse.

— Ok — disse Rooney. — Bom, como é que você *sabe* que você é… isso? Como você sabe que um dia você não vai encontrar alguém de quem você gosta mesmo?

Eu a encarei.

É *claro* que ela não entendia.

Rooney não era a especialista em romance que eu achei que ela fosse. Eu tinha quase certeza de que sabia mais do que ela a essa altura.

— Eu nunca tive um *crush* em ninguém na minha vida toda — eu falei, mas minha voz estava baixa, e eu nem sequer *soava* confiante, muito menos me *sentia* confiante sobre quem eu era. — Eu… gosto da ideia, mas a realidade…

Eu parei de falar, sentindo um nó na garganta. Se eu tentasse explicar, eu sabia que eu só ia começar a chorar. Ainda era tudo tão novo. Eu nunca tinha tentado explicar isso pra ninguém.

— Você já beijou uma menina, então?

Eu olhei para ela. Ela estava me olhando, séria. Como se fosse um *desafio*.

— Não — falei.

— Então como você sabe que não gosta?

Lá no fundo, eu sabia que isso era uma pergunta injusta. Ninguém *precisava* experimentar uma coisa pra saber que não gostava mesmo daquilo. Eu sabia que não ia gostar de pular de um avião. Eu definitivamente não precisava experimentar para provar.

Só que eu estava bêbada. E ela também.

— Não sei — eu falei.

— Talvez você devesse tentar uma vez antes de… sabe, completamente rejeitar a ideia de que você possivelmente poderia encontrar alguém.

Rooney riu de novo. Ela não estava *tentando* ser escrota. Mas, ainda assim, eu sentia que ela estava sendo.

Eu sabia que ela só queria ajudar.

E isso meio que deixava tudo pior.

Ela estava tentando ser uma boa amiga, mas só estava falando todas as coisas erradas porque ela não tinha a mínima ideia de como era ser eu.

— Talvez — eu murmurei, me inclinando de volta no pufe.

— Por que você não tenta comigo?

Espera.

Quê?

— Quê? — eu falei, virando para ela.

Ela rolou para um lado para que o corpo dela inteiro estivesse virado na minha direção, então ergueu as duas mãos no gesto universal de desistência.

— Eu literalmente só quero ajudar. Eu realmente não gosto de você desse jeito, *sem ofensas*, mas talvez você tenha alguma ideia se essa é uma coisa da qual você possivelmente pode gostar. Só quero ajudar.

— Mas eu não gosto de você desse jeito — falei. — Mesmo se eu *fosse* gay, eu não necessariamente sentiria alguma coisa porque você é uma garota.

— Tá, talvez não — disse ela, suspirando. — Eu só não quero ver você desistir sem nem mesmo *tentar*.

Ela estava me irritando, e eu percebi que era porque eu não estava "desistindo".

Eu estava aceitando.

E talvez, só talvez, isso pudesse ser uma coisa boa.

— Eu só não quero que você sinta como se você fosse ficar triste e sozinha pra sempre! — ela disse, e foi nesse momento que eu quebrei um pouco.

Era só isso que eu seria? Triste e sozinha? Pra sempre?

Será que eu tinha me condenado ao ousar pensar nessa parte de mim?

Será que eu estava aceitando uma vida de solidão?

Assim que essas perguntas me atingiram, abriram um portal para todas as outras dúvidas que eu achei que tinha superado.

Talvez isso seja só uma fase.

Talvez isso seja desistir.

Talvez eu devesse tentar de novo.

Talvez, talvez, talvez.

— Tá bom, então — falei.

— Você quer tentar.

Eu suspirei, derrotada, *exausta*. Eu estava tão cansada disso tudo.

— É. Pode vir.

Não poderia ser pior do que o beijo com Jason, poderia?

Então ela se inclinou.

Foi diferente. Rooney estava acostumada a beijos mais profundos e longos de um tipo inteiramente distinto.

Ela guiou. Eu tentei imitar.

Eu odiei.

Eu odiei tanto quanto eu tinha odiado aquele beijo com Jason. Eu odiei como o rosto dela estava perto do meu. Odiei a sensação dos lábios dela se mexendo contra os meus. Odiei a respiração dela na minha pele. Meus olhos ficavam abrindo, tentando descobrir quando que isso ia acabar, enquanto ela colocava a mão atrás da minha cabeça, me puxando para mais perto.

Eu tentei me imaginar fazendo isso com uma pessoa de quem eu gostava, mas era como uma miragem. Quanto mais eu me esforçava para pensar nesse cenário, mais rápido ele desintegrava.

Eu nunca, nunca ia gostar disso. Com ninguém.

Não era nem desgostar de beijar. Não era um medo, um nervosismo, ou "não ter ainda encontrado a pessoa certa". Isso era parte de mim. Eu não sentia esses sentimentos de atração, romance e desejo que as outras pessoas sentiam.

E eu nunca iria.

Eu não precisava ter beijado ninguém para entender isso.

Rooney, por outro lado, estava mesmo se esforçando, o que presumi que ela fazia com todo mundo. O jeito como ela me beijava me fazia sentir como se ela gostasse de mim de verdade, mas percebi de repente que eu a conhecia melhor do que isso. Nunca era sobre a outra pessoa. Ela estava usando isso para se sentir bem consigo mesma.

Eu não tinha a energia para começar a pensar no que aquilo significava.

— Ah — disse uma voz atrás de nós.

Rooney se afastou de mim imediatamente, e eu, desfocada e estranhando um pouco essa situação toda, me virei para ver quem era.

Eu devia ter adivinhado, na verdade.

Porque o universo parecia estar me perseguindo.

Pip estava com a jaqueta dobrada em um braço, e uma torrada na outra.

— Eu… — ela falou, mas não terminou. Ela estava olhando para mim, os olhos arregalados, então para Rooney, e depois de volta para mim. — Eu te trouxe uma torrada, mas… — Ela olhou para a torrada. — Cacete. — Ela olhou para a gente. — Uau. Vão se foder vocês duas.

FLORES DE PAPEL

Rooney se pôs de pé.

— *Espera aí,* você não entendeu o que estava acontecendo.

O olhar de Pip endureceu.

— Acho que é bastante óbvio o que estava acontecendo — disse ela. — Então não me ofenda mentindo sobre o assunto.

— Eu não estou, mas…

— Se isso era uma coisa que estava acontecendo, você ao menos poderia ter me contado. — Ela virou o olhar para me encarar, o rosto assustadoramente esvaziado de emoção. — Você poderia ao menos ter me contado.

Então ela saiu da sala.

Rooney não perdeu tempo para segui-la, e eu rapidamente acompanhei. Rooney precisava explicar.

Todo mundo só precisava parar de mentir, atuar e fingir o tempo inteiro.

Rooney pegou no ombro de Pip assim que ela chegou ao fim do corredor, e virou-a para que pudesse encará-la.

— Pip, só *escuta*…

— Escutar O QUÊ? — Pip gritou, e então baixou a voz quando alguns dos estudantes que estavam passando viraram a cabeça com curiosidade. — Se vocês estão se pegando, ótimo, podem ir lá transar e aproveitar, mas você poderia ter ao menos feito a cortesia de me informar para que eu pudesse tentar impedir os *meus* sentimentos e não ficar *devastada* pra caralho agora.

A voz dela parou, e ela tinha lágrimas nos olhos.

Eu queria explicar, mas não conseguia falar.

Eu tinha arruinado minha amizade com Jason, e agora eu estava destruindo minha amizade com Pip também.

— Eu não… a gente não… nós não estamos juntas! — Rooney gesticulou para nós duas. — Eu juro! Foi ideia minha porque eu sou idiota pra cacete! Georgia só está tentando entender as coisas, e eu só tenho piorado tudo, fazendo ela sair com Jason como experimento, quando ela nem quis fazer isso, agora essa…

Parecia que as paredes tinham estilhaçado ao nosso redor. Pip apertou os punhos.

— Espera — Ela se virou para mim. — Você… Jason foi só um *experimento*?

— Eu…

Eu queria dizer que não, ele não era, eu achava que eu gostava dele, eu genuinamente *queria* me apaixonar por ele, mas isso era uma mentira?

O rosto de Pip desmoronou. Ela deu um passo na minha direção, e começou a *gritar*.

— Como você *pôde fazer isso*? *Como você pôde fazer isso com ele?*

Eu dei um passo para trás, sentindo as lágrimas se formarem. Não chore. Não chore.

— Pare de culpar ela! — Rooney gritou de volta. — Ela estava tentando entender a sexualidade dela!

— Bom, ela não deveria ter feito isso com o nosso melhor amigo que acabou de sair de um relacionamento que fez ele se sentir como um pedaço de BOSTA!

Ela estava certa. Eu tinha feito merda. Eu tinha feito uma merda tão grande.

Rooney colocou um braço entre mim e Pip.

— Pare de tentar fazer essa briga ser sobre essa outra coisa, quando nós duas sabemos o real motivo!

— Ah é? — A voz de Pip baixou. Havia manchas de lágrimas pelas bochechas. — Sobre o que é essa briga então?

— Sobre o fato de que você *me odeia*. Você acha que eu estou tirando Georgia de você porque ela é uma dos seus únicos *dois amigos*, e você *me detesta* porque você acha que eu estou te substituindo na vida dela.

Houve um silêncio. Os olhos de Pip se arregalaram.

— Você não sabe de nada — disse ela rouca, e se virou. — Eu estou indo embora.

— Espera! — eu falei. A primeira coisa que falei.

Pip se virou, se esforçando para dizer qualquer coisa entre lágrimas.

— O quê? Você tem algo pra dizer?

Eu não tinha. Não conseguia formar as palavras.

— Pois é — ela disse. — Você nunca tem nada a dizer.

Então ela se foi.

Rooney a seguiu, mas eu fiquei onde estava no corredor. As paredes ao meu redor eram feitas de flores de papel. Acima de mim, os pisca-piscas brilhavam. Os estudantes passavam rindo, de mãos dadas, vestindo ternos chiques e vestidos cintilantes. A música que estava tocando no ambiente era "Young Hearts Run Free", da Candi Staton.

Eu odiei tudo.

SOBREVIVENTE

Eu perambulei pelos corredores mal iluminados e pelas multidões roucas. Fiquei na beirada do salão de dança conforme a banda terminava o show, tocando uma música lenta, para que todos os casais pudessem dançar abraçados. Me deixou enjoada.

Rooney e Pip não estavam em lugar nenhum, então voltei pro meu quarto. Era a única coisa que eu conseguia pensar em fazer. Eu me olhei no espelho por um bom tempo, me perguntando se esse era o momento em que eu ia simplesmente desabar, se eu poderia só deixar tudo de lado e soluçar, chorando porque eu tinha estragado tudo. Eu tinha feito uma merda *tão grande* na minha busca para entender quem eu era. Além do fato de que Pip e Jason tinham muita coisa com o que lidar, e eu só tinha pensado em mim mesma.

Só que eu não chorei. Eu fiquei em silêncio. Eu não queria mais ficar acordada.

Eu dormi por algumas horas e, quando eu acordei, conseguia ouvir o bater ritmado das pessoas transando no quarto acima.

Isso foi, talvez, a gota d'água.

Estava todo mundo transando e se apaixonando o tempo todo? Por quê? Como é que era justo que todo mundo podia se sentir dessa forma exceto eu?

Eu queria que todo mundo parasse. Eu queria que amor e sexo não existissem.

Eu saí tempestuosa do quarto, sem sequer levar o meu celular comigo, subindo as escadas dois degraus de cada vez, correndo para o corredor acima do meu, sem saber o que eu ia fazer quando chegasse lá. Mas eu ao menos poderia ver de quem era o quarto e talvez depois pudesse encontrá-los e falar que precisavam parar de fazer tanto barulho…

Quando eu cheguei ao ponto do corredor que ficava acima do meu quarto, eu parei, e fiquei imóvel.

Era uma área de serviço. Lá dentro: seis máquinas de lavar roupa e seis secadoras.

Uma das máquinas de lavar estava ligada. Estava fazendo o barulho ritmado contra a parede.

De volta ao meu quarto, eu percebi que faltavam apenas dez minutos para as seis da manhã — a hora em que tiravam a famosa "Foto dos Sobreviventes".

Eu só ia descer para dar uma olhada. Ver quantas pessoas tinham sobrado.

A resposta era que não muitas. Das centenas de alunos que festejavam pela faculdade anteriormente, deviam ter só uns oitenta sobrando, e todos estavam reunidos no salão de dança. Um fotógrafo com a expressão cansada esperava que os estudantes, bêbados e carentes de sono, se organizassem entre si em fileiras. Eu não sabia se deveria me juntar a eles ou não. Eu me senti meio que uma fraude, eu tinha basicamente cochilado pelas últimas cinco horas.

— Georgia!

Eu me virei, com medo de que tivesse que enfrentar Jason, Rooney ou Pip, mas não era nenhum deles.

Sunil se aproximou de mim através da porta do salão. A gravata dele estava desmanchada, o paletó azul bebê jogado por cima de um braço, e ele parecia sobrenaturalmente acordado, considerando que eram seis da manhã.

Ele colocou as mãos nos meus antebraços e me sacudiu um pouco.

— Você *conseguiu*! Você chegou até as seis da manhã! Eu estou muito impressionado. Eu desisti à meia-noite quando eu era calouro.

— Eu tirei um cochilo — falei.

Sunil abriu um sorriso.

— Ótima ideia. Precisa fazer uma estratégia pra esse tipo de coisa. Jess foi tirar um cochilo umas horas atrás, mas não apareceu, então eu acho que ela falhou de novo este ano.

Eu pisquei. Não sabia o que dizer pra ele.

— Então mais ninguém aguentou? Rooney? Pip? Jason?

— Hum — eu olhei em volta. Nem Rooney nem Pip nem Jason estavam ali por perto. Eu não fazia ideia de onde ninguém estava. — Não. Só eu.

Sunil assentiu.

— Ah, tudo bem. Você pode se gabar amanhã. — Ele passou um braço pelo meu ombro, nos levando de volta para o grupo de alunos. — Você é uma *sobrevivente*!

Eu tentei sorrir, mas meus lábios só estremeceram. Sunil não viu, ocupado demais nos levando para frente.

Eu pisquei de novo.

E então eu consegui falar.

— Eu acho que eu talvez seja… assexual. Arromântica também. As duas coisas.

Sunil parou de andar.

— Ah é? — ele falou.

— Hum, é — eu falei, olhando pro chão. — Não sei bem o que fazer sobre isso.

Sunil ficou paralisado por um instante. E então ele se mexeu, o braço deslizando do meu, virando-se para ficar diretamente na minha frente. Ele colocou as mãos nos meus ombros e se inclinou um pouco para que os nossos rostos ficassem na mesma altura.

— Não tem nada pra *fazer* sobre isso, Georgia — ele disse baixinho. — Não tem nada mesmo.

O fotógrafo começou a ficar impaciente e gritou para que todo mundo se organizasse, então Sunil nos marchou até a multidão e nós nos apertamos na terceira fileira, ao lado de uns amigos dele. Conforme ele se virou para falar com eles, só então eu percebi que o que eu tinha dito era inegavelmente verdade. Eu sabia disso agora.

Sunil se virou de novo, apertou meu ombro, e disse:

— Você vai ficar bem. Você não tem que fazer nada a não ser *existir*.

— Mas e se o que eu *for* é só… nada? — Eu exalei e pisquei conforme o fotógrafo tirou a primeira foto. — E se eu for um belo nada?

— Você não é nada — disse Sunil. — Você precisa acreditar nisso.

Talvez eu pudesse fazer isso.

Talvez eu pudesse acreditar.

PARTE QUATRO

PESSOAS MUITO OPOSTAS

Na manhã seguinte do Baile Bailey, Rooney voltou para o nosso quarto quando era quase meio-dia. Eu ainda estava dormindo, mas ela chutou a porta para abrir, com tanta força, que bateu contra a parede, e então falou algo sobre ter dormido na casa de um cara, antes de chutar os sapatos, tirar o vestido por cima da cabeça e ficar em pé no meio do quarto, encarando Roderick, a planta doméstica, que estava basicamente à beira da morte. Então ela entrou na cama.

Ela não falou nada sobre o que tinha acontecido comigo ou Pip.

Eu tampouco queria falar com ela, então, assim que eu estava em pé e vestida, fui para a biblioteca. Eu cheguei ao último andar, onde havia mesas escondidas atrás de amplas estantes de livros de finanças e negócios. Eu fiquei lá até a hora do jantar, terminando um dos trabalhos do semestre, não pensando em nada do que aconteceu. Eu definitivamente não estava pensando em nada do que aconteceu.

Quando eu voltei, Rooney acordou, bem a tempo de ir jantar na cantina da faculdade.

Nós descemos juntas, sem falar nada, e comemos juntas, sentadas ao lado de um grupo que eu reconheci serem conhecidos de Rooney, mas ela ainda assim não disse nada.

Quando voltamos pro nosso quarto, ela trocou para o pijama, voltou direto pra cama e dormiu de novo. Eu fiquei acordada, encarando a jaqueta de Pip no canto do quarto — a que ela tinha esquecido aqui na Semana dos Calouros. A jaqueta que eu sempre me esquecia de devolver para ela.

Quando eu acordei no nosso quarto, no domingo, eu me senti nojenta, percebendo que eu não tinha tomado banho desde antes do Baile Bailey.

Então eu tomei banho. Coloquei uma camiseta limpa e um suéter quentinho, e saí do quarto deixando Rooney sozinha na cama, só o rabo de cavalo aparecendo por debaixo do edredom.

Voltei para a biblioteca de novo com a intenção de fazer mais um trabalho. Todos os meus primeiros trabalhos na vida universitária tinham prazo para semana que vem, antes das férias de inverno, e eu ainda tinha muita coisa pra fazer. Só que, uma vez que eu tinha passado o meu cartão na biblioteca e encontrei uma mesa vazia, só fiquei sentada ali com o meu laptop, encarando o meu grupo de mensagens com Pip e Jason.

Elaborei uma mensagem para cada um deles. Demorou duas horas.

Para Jason, eu mandei:

Georgia Warr
Me desculpa, mesmo, por tudo. Eu nunca pensei direito em como isso ia te afetar — eu só estava pensando em mim mesma. Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida e eu tirei vantagem disso sem refletir. Você merece alguém que te adore. Eu queria mesmo me sentir assim, mas não consigo — eu literalmente não sinto atração por ninguém, seja de que gênero for. Eu tentei muito mesmo sentir, só que eu só não sinto. Me desculpe por tudo.

Para Pip, eu mandei:

Georgia Warr
Ei, eu sei que você não está falando comigo, e eu entendo o porquê, mas só queria que você soubesse dos fatos: Rooney me beijou porque eu estava muito confusa com a minha sexualidade, e ela queria me ajudar a ver se eu gostava de meninas. Foi uma coisa muito idiota que fizemos — não ajudou em nada, e não era nem mesmo o que eu queria fazer, e nós duas estávamos bêbadas. Nós não gostamos mesmo uma da outra desse jeito e nós duas estamos arrependidas. Então eu sinto muito muito mesmo.

Os dois leram as mensagens logo que foram enviadas. Nenhum respondeu.

Apesar de nós duas morarmos no mesmo quarto, a primeira conversa que eu tive direito com Rooney depois do que aconteceu no Baile Bailey foi na segunda-feira antes do fim do semestre, em uma aula de introdução ao teatro. Eu estava sentada sozinha nos fundos, que era meu lugar de sempre, quando ela apareceu na minha visão periférica e se sentou ao meu lado.

Ela estava usando suas roupas diurnas — legging, uma camiseta polo da St. John's, o cabelo preso no rabo de cavalo — mas os olhos dela estavam arregalados conforme ela me encarava e esperava eu falar alguma coisa.

Eu não queria falar com ela. Eu estava irritada. Eu sabia que o que tinha acontecido era tanto minha culpa quanto dela, mas eu estava brava com o jeito como ela reagiu quando eu tinha tentado explicar meus sentimentos.

Ela nem sequer tinha tentado entender.

— Oi — eu falei, categórica.

— Oi — ela respondeu. — Preciso falar com você.

— Eu… não quero falar com você — falei.

— Eu sei. Você não precisa falar nada se não quiser.

Só que nenhuma de nós duas pôde falar nada, porque fomos interrompidas pela professora começando a aula sobre *A festa de aniversário*, de Harold Pinter.

Em vez de deixar o assunto morrer, Rooney tirou o iPad da bolsa, abriu o aplicativo de notas, e colocou na mesa na nossa frente, perto o bastante para eu conseguir ver a tela. Ela começou a digitar, e eu pressupus que ela só estava anotando as coisas da aula, mas então ela parou e empurrou o tablet na minha direção.

Eu sinto muito, muito, mesmo sobre o que aconteceu no baile bailey. Foi tudo minha culpa e eu fui babaca pra cacete com você quando você estava tentando me dizer uma coisa importante.

Ah. Ok.

Isso era inesperado. Eu olhei para Rooney. Ela ergueu as sobrancelhas e assentiu na direção do iPad, gesticulando para eu responder.

O que eu deveria dizer?

Com cuidado, eu ergui minhas mãos e comecei a digitar.

tá bom

Rooney pausou, e então digitou furiosamente no teclado.

Eu sei que a gente estava bêbada, mas isso não é uma desculpa pelo jeito como eu agi. Sabe quando os caras héteros descobrem que uma menina é gay e tudo que eles

falam é “haha mas você nem me beijou então como você sabe que você é gay”. Foi basicamente o que eu fiz com você!!!

Esse tempo todo eu estava te enchendo sobre encontrar um relacionamento, beijar pessoas e se abrir… eu fiquei falando pra você tentar com Jason, e quando você tentou me dizer que você não queria nada disso, eu nem escutei. Então eu achei que beijar você fosse uma boa ideia porque eu sempre acho que beijar resolve tudo!!!!!

Você estava tentando entender sua sexualidade faz meses e eu fiz tudo errado. TUDO.

Eu tinha tantas ideias sobre como pessoas deveriam se sentir sobre romance e sexo e tudo isso, mas… é tudo bobagem. Me desculpa, mesmo

Eu sou literalmente tão burra e eu sou uma cuzona

EU QUERO QUE VOCÊ ME DIGA QUE EU SOU UMA CUZONA

Eu ergui uma sobrancelha e digitei:

tá bom você é uma cuzona

Rooney abriu um sorriso assim que viu a mensagem.

R — obrigada

G — não foi nada

Eu não tinha esperado que ela pedisse desculpas, muito menos que entendesse o porquê de ser tão errado o que ela tinha feito.

Só que ela fez isso.

Então eu decidi ser ousada e digitar:

então, como é o caso, eu sou assexual arromântica

Rooney me lançou um olhar.

Não foi um olhar de “mas que porra é essa” que eu estava esperando.

Era um olhar de curiosidade. Curioso. Um pouco preocupado, talvez, mas não de um jeito ruim.

Só querendo saber de verdade o que estava acontecendo comigo.

é eu fiquei confusa com isso também haha
significa que eu não sinto atração por ninguém nem romântica nem sexualmente
não importa o gênero
foi meio isso que eu estava sacando ultimamente

Rooney ficou me observando digitar. Então ela demorou um instante antes de responder.

R — Uau… eu nem sabia que isso era uma coisa que existia!!! Eu sempre achei que era tipo… você gosta de meninos ou meninas ou algum outro combo

G — haha eu tbm
Por isso a confusão toda

R — Parece bem difícil de entender... Estou orgulhosa de você!!!!!!

Não foi nem de perto a resposta perfeita para alguém saindo do armário. Só que era tão típico da Rooney que me fez sorrir mesmo assim.

R — E você está bem com isso?

G — pra ser sincera não muito.
mas
eu acho que vou ficar
com o tempo?
perceber e aceitar que essa é quem eu sou são os primeiros passos e eu já fiz isso, eu acho.

Antes de digitar uma resposta, Rooney simplesmente colocou a cabeça no meu ombro e descansou ali por alguns segundos, um substituto de um abraço de verdade, o que teria sido um pouco difícil no meio da aula.

R — Acho que eu não consigo entender o que você está passando, mas estou aqui pro que precisar. Tipo, se você quiser reclamar do assunto ou só falar!!

G — sério??

R — Georgia. Nós somos amigas.

G — ah

R — Quer dizer, a gente se BEIJOU. Meio que. Nos pegamos platonicamente.

G — estou sabendo

R — Me desculpa por isso. De novo. Foi muito horrível pra você????

G — quer dizer... achei que foi meio nojento sim

R — Ah!!

G — sem ofensas

R — Não, eu curti isso. Você realmente é minha gêmea do mal

G — nós somos pessoas muito opostas, sim

R — Muito inovador

G — adoro

R — Gostoso

G — delicioso

R — 10/10

Nós duas começamos a rir, então não conseguíamos parar, até a professora nos mandar fazer silêncio, e ficamos olhando uma para a outra, sorrindo. Tudo ainda poderia ser uma merda, eu tinha magoado meus dois melhores amigos e sabia que ainda teria um longo caminho a percorrer antes de sequer começar a gostar de quem eu era, mas ao menos eu tinha Rooney sentada ao meu lado, rindo em vez de chorando.

ASSEXUAL ARROMÂNTICA

A internet é uma bênção e uma maldição. Jogar no Google “assexual arromântico” liberou uma quantidade de informações que eu não estava nem mental nem emocionalmente preparada para receber. Da primeira vez que busquei, logo fechei a janela e não procurei de novo o dia todo.

Meu instinto animalesco dizia *isso é idiota*.

Isso é falso.

Isso é uma coisa que alguém inventou na internet que é idiota e falsa e absolutamente não sou eu.

E ainda assim, era eu. Sunil e Jess não eram os únicos. Havia milhares de pessoas na internet que se identificavam dessa forma e ficavam felizes ao fazer isso. De fato, as pessoas usavam a palavra “assexual” como uma identidade sexual desde 1907. Então nem foi uma “coisa da internet”.

Sunil tinha explicado tudo de um jeito bem conciso, para ser justa. A internet me informou que assexual simplesmente significava pouca ou quase nenhuma atração *sexual*, e arromântico significava pouca ou quase nenhuma atração *romântica*. Em uma pesquisa mais profunda, eu descobri que havia muito debate sobre essas definições, porque as experiências e os sentimentos das pessoas podiam ser bem diferentes, mas, naquela altura, eu decidi fechar o navegador de novo.

Era coisa demais. Confuso demais. Novo demais.

Eu me perguntei se Sunil já tinha se sentido assim sobre a sua própria assexualidade, e depois de eu vasculhar o Instagram dele por um tempo, descobri que ele tinha um blog. Chamava-se “Diário de um Violoncelista em Durham” e tinha posts sobre todo o tipo de coisa — estudar música, atividades em Durham, sua rotina diária, o papel dele na Sociedade do Orgulho e na orquestra estudantil.

Ele também tinha postado sobre assexualidade algumas vezes. Um post se destacou para mim, no qual ele tinha escrito sobre como ele tinha achado difícil aceitar a assexualidade dele no começo. Sexualidade no geral era um tópico tabu na cultura indiana, ele explicava, e quando ele tinha procurado por mais apoio, ele tinha visto que a comunidade assexual — até mesmo on-line — era incrivelmente branca. Só que, depois de encontrar um grupo de assexuais indianos on-line, ele tinha começado a sentir orgulho da sua identidade.

Sem dúvida nenhuma, Sunil teve uma jornada muito diferente da minha, e muitas das coisas com as quais ele lidou, eu não precisaria, já que eu era branca e cis. Mesmo assim, era tranquilizador saber que ele também tivera certa ansiedade sobre ser assexual. As pessoas não amavam, de cara, quem elas eram.

Eu logo encontrei coragem para continuar minha busca.

Aparentemente, muitas pessoas assexuais, ainda assim, queriam fazer sexo por inúmeros motivos, mas algumas se sentiam neutras sobre o assunto, e outras — o que eu tinha pensado originalmente — literalmente odiavam. Algumas pessoas assexuais ainda se masturbavam; outras sequer tinham libido.

Também acontece que muitas pessoas arromânticas ainda queriam ter relacionamentos românticos, apesar de não sentirem esses sentimentos. Outros nem queriam um parceiro romântico, nunca.

E pessoas se identificavam entre todo o tipo de combinação romântica e sexual — gay assexual, como Sunil, ou bissexuais arromânticos, tipo Jess, ou assexuais héteros, e pansexuais arromânticos, e várias outras. Algumas pessoas assexuais e arromânticas nem gostavam de separar a atração que sentiam em dois rótulos diferentes, e outras só usavam a palavra "queer" pra resumir tudo. Havia outras palavras que eu precisei pesquisar, como "demissexual" e "arromântico-cinza", mas mesmo depois da pesquisa, eu não sabia o que elas significavam.

Os espectros arromântico e assexual não eram linhas diretas. Eram como gráficos X-Y com uma dúzia de linhas diferentes.

Era muita coisa.

Tipo muita coisa *mesmo*.

A questão central era que eu não sentia atração romântica ou sexual por ninguém. Nenhuma bendita pessoa que eu já tinha visto, ou que eu ainda iria ver.

Então essa era eu.

Assexual.

Arromântica.

Eu voltei para as palavras até elas parecerem reais na minha cabeça, no mínimo. Talvez elas não fossem ser reais na cabeça da maioria das pessoas, mas eu poderia fazer com que fossem reais para mim. Eu podia fazer a porra que eu bem entendesse.

Eu as sussurrei tantas vezes baixinho, até parecerem parte de um feitiço. Eu as visualizei conforme adormecia.

Não tenho certeza quando percebi que eu não estava sentindo mais um desespero melancólico sobre a minha sexualidade. Todo o sentimento de *pobrezinha de mim, eu sou sem amor* já tinha desaparecido.

Agora era só raiva.

Eu estava com tanta raiva.

De *tudo*.

Eu estava brava com o destino que tinha me dado essas cartas. Mesmo eu sabendo que não tinha nada de errado comigo — muitas pessoas eram assim, eu não estava sozinha, é bom ter amor próprio, blá blá blá — eu não sabia quando conseguiria chegar ao ponto no qual isso pararia de ser um fardo e passaria a ser algo *bom*, algo que eu poderia *comemorar*, algo que eu poderia *compartilhar com o mundo*.

Eu estava com raiva de todos os casais por quem eu passava na rua. Todas as pessoas que eu via que passavam de mãos dadas, todos os casais por quem eu passava no corredor, que flertavam na cozinha. Todos os casais que eu via trocando carícias na biblioteca ou na cantina. Todas as vezes que um dos autores de que eu gostava postava uma nova fanfic.

Eu estava com raiva do mundo por me fazer odiar quem eu era. Eu estava com raiva de mim mesma por deixar que esses sentimentos arruinassem minha amizade com as melhores pessoas do mundo. Eu estava com raiva de todos os filmes de romance, todas as fanfics, todos os casais perfeitos e idiotas que tinham me feito ansiar por encontrar o romance perfeito. Era por causa disso tudo, sem dúvida nenhuma, que essa nova identidade parecia uma perda, quando, na realidade, deveria ter sido uma linda descoberta.

No fim das contas, o fato de eu estar com raiva disso tudo só me fazia ficar com mais raiva porque eu sabia que eu não *deveria* ficar com raiva de nenhuma dessas coisas. Só que eu estava com raiva, e estou tentando ser sincera, ok? Ok.

AMOR VERDADEIRO

A realidade da situação com Pip e Jason só me abateu quando os dois saíram da Sociedade Shakespeare no mesmo dia. O último dia do semestre.

Eles nem sequer avisaram pessoalmente.

Eu não tinha grandes esperanças de que eles iriam para o ensaio naquela sexta-feira antes do Natal, mas Rooney e eu fomos mesmo assim, destrancamos a sala, ligamos o aquecedor e empurramos as mesas para um lado. Sunil apareceu sem saber de nada, vestindo um casaco que era basicamente um cobertor, e com um sorriso no rosto. A gente não sabia o que falar pra ele.

Dez minutos depois do horário no qual eles deveriam ter chegado, Pip mandou uma mensagem no grupo.

Felipa Quintana
Então eu e o Jason decidimos que não vamos mais fazer parte da peça, temos muito trabalho e outras coisas. É melhor achar alguém pra substituir a gente.
Foi mal

Eu vi primeiro, e então passei meu celular para Rooney.

Ela leu a mensagem. Fiquei observando enquanto ela mordia a parte interna das bochechas. Por um instante, ela pareceu furiosa. Então ela me entregou o celular de volta e se virou de costas para que nem eu nem Sunil pudéssemos ver o quanto ela estava chateada.

Sunil viu a mensagem por último. Ele olhou para nós com uma expressão confusa e perguntou:

— O que… o que aconteceu?

— A gente… teve uma briga — eu falei, porque não sabia como explicar essa bagunça do caralho em que esse pequeno grupo de pessoas tinha se transformado,

enquanto Sunil era um espectador inocente, só querendo participar de um grupo de teatro divertido.

E tudo era minha culpa.

Eu sempre me senti sozinha, acho.

Acho que muitas pessoas se sentem sozinhas. Rooney. Pip. Talvez até mesmo Jason, apesar de ele não dizer.

Eu passei toda a minha adolescência me sentindo sozinha cada vez que eu via um casal em uma festa, ou duas pessoas se beijando nos portões da escola. Eu me sentia sozinha cada vez que eu lia alguma história fofa de pedido de casamento no Twitter, ou via algum post de comemoração de bodas no Facebook, ou só via alguém passando tempo com seu parceiro nos stories do Instagram, sentados no sofá com o cachorro, vendo TV. Eu me sentia sozinha porque eu não tinha experimentado nada daquilo. E me senti ainda mais sozinha quando comecei a acreditar que eu jamais saberia a sensação.

Essa solidão — estar sem Jason e Pip — era pior.

Amigos são classificados automaticamente como “menos importantes” do que parceiros românticos. Eu nunca tinha questionado isso. Era só o jeito como o mundo funcionava. Acho que eu sempre senti que as amizades não poderiam ser comparadas ao que um parceiro ofereceria, e que eu nunca experimentaria o *amor verdadeiro* até eu encontrar o romance.

Só que, se isso fosse verdade, eu provavelmente não teria me sentido desse jeito.

Eu amava Jason e Pip. Eu os amava porque eu não precisava pensar quando estava com eles. Eu amava que a gente podia ficar sentado em silêncio, juntos. Eu amava que eles sabiam quais eram minhas comidas favoritas e que eles instantaneamente sabiam quando eu estava de mau humor. Eu amava o senso de humor idiota de Pip e como ela imediatamente fazia cada lugar em que entrava mais feliz. Eu amava como Jason sabia exatamente o que dizer quando você estava chateado, e sempre poderia te acalmar.

Eu amava Jason e Pip. E agora os dois se foram.

Eu tinha ficado tão desesperada pela minha ideia de amor verdadeiro que eu nem consegui ver quando ele estava bem na minha cara.

LAR

Eu apertei a mão gelada contra o meu carro, que estava o mais longe da calçada da minha casa quanto poderia estar. Eu estava com saudades do meu carro.

Havia outros três carros na nossa garagem, e mais quatro parados na calçada, o que me dizia uma coisa: toda a família Warr estava congregada na nossa casa. Isso não era uma coisa incomum na época do Natal, com os Warr, mas uma festa de família dia 21 de dezembro parecia um pouco prematuro, e era exatamente o tipo de ambiente para o qual eu não queria retornar depois do meu primeiro semestre infernal na universidade.

— Georgia? O que você está fazendo?

Papai estava segurando a porta aberta para mim. Ele tinha me buscado na estação.

— Nada — falei, tirando a mão do meu carro.

Teve um tipo de ovação dos vinte e poucos membros da minha família que socializavam na sala de estar quando eu entrei. Acho que isso foi legal. Eu tinha esquecido como era ficar perto de tanta gente que sabia quem eu era.

Mamãe me deu um abraço de urso. Meu irmão mais velho, Jonathan, e sua esposa, Rachel, vieram me abraçar também. Então mamãe não perdeu tempo me fazendo levar chá e café pra todo mundo, e me informar de toda a agenda, por horários, para semana que vem, inclusive o fato de que meu tio, minha tia e minha prima Ellis ficariam por aqui até o dia depois do Natal. Como se fosse uma grande festa do pijama em família.

— Você não se importa em dividir o quarto com a Ellis, né? — mamãe perguntou.

Eu não estava maravilhada com essa situação, mas eu gostava de Ellis, então não seria tão ruim assim.

Meu quarto estava exatamente do jeito que eu o deixei — livros, TV, os lençóis listrados — fora a adição de um colchão de ar para Ellis. Eu me joguei direto na cama. Tinha o cheiro certo.

Mesmo depois desse semestre, a faculdade ainda não parecia um lar.

— Vamos lá, então! — Vovó grasnou para mim conforme me apertei no sofá ao lado dela. — Nos conte tudo!

Por "tudo", ela definitivamente não estava falando de como eu destruíra completamente o pequeno número de amizades que eu tinha, relutantemente percebido de que eu não era hétero e que na verdade tinha uma sexualidade que pouquíssimas pessoas tinham ouvido falar, e notado que o mundo era tão obcecado pelo amor romântico que eu não conseguia passar uma hora sem me odiar por não poder senti-lo.

Então, em vez disso, eu falei para ela e os outros doze membros da família que estavam ouvindo sobre as minhas aulas ("interessantes"), meu quarto na faculdade ("espaçoso"), e minha colega de quarto ("muito legal").

Infelizmente, vovó gostava de bisbilhotar.

— E os seus amigos? Fez algum amigo novo legal? — Ela se inclinou na minha direção, dando um tapinha dissimulado na minha perna. — Ou conheceu algum *menino* legal? Eu aposto que tem um monte de meninos adoráveis em Durham.

Eu não odiava vovó por ser assim. Não era culpa dela. Ela havia sido criada para acreditar que o objetivo principal de uma garota na vida era se casar e ter uma família. Ela tinha feito exatamente isso quando tinha minha idade, e acho que ela se sentia muito completa. Era justo. Cada um na sua.

Só que isso não me impediu de ficar profundamente irritada.

— Na verdade — eu disse, tentando ao máximo impedir que a irritação soasse na minha voz —, eu não estou muito interessada em arrumar um namorado.

— Ah, bom — disse ela, dando mais um tapinha na minha perna —, ainda tem bastante tempo, meu amor. Bastante tempo.

Só que minha hora é agora, eu queria gritar. Minha vida estava acontecendo bem agora.

Minha família então começou uma conversa sobre como era fácil encontrar um relacionamento na faculdade. No canto, eu vi minha prima Ellis, sentada quieta com uma taça de vinho e uma perna cruzada em cima da outra. Ela encontrou meu olhar, deu um sorriso pequeno, e revirou os olhos para o grupo ao nosso redor. Eu retribuí o sorriso. Talvez, ao menos, eu teria uma aliada.

Ellis tinha trinta e quatro anos e costumava ser modelo. Uma modelo *fashion* de verdade que desfilava em passarelas e aparecia em propagandas de revista. Ela desistiu disso com vinte e poucos, e usou o dinheiro que tinha guardado para passar uns anos pintando, o que, no fim das contas, era algo no qual ela era muito boa. Ela é uma artista profissional desde então.

Eu só a vejo algumas vezes no ano, mas ela sempre aproveitava para falar comigo quando nós nos víamos, me perguntando como estava a escola, os amigos, se tinha alguma novidade na minha vida. Eu sempre gostei dela.

Eu não sei quando eu comecei a notar que Ellis era meio que uma piada para o restante da nossa família. Toda vez que ela e vovó estavam no mesmo cômodo, vovó conseguia mudar a conversa de volta para o fato de que ela ainda não tinha casado ou providenciado à família alguns bebês fofos para eles poderem mimar. Mamãe sempre falava dela como se ela tivesse algum tipo de vida trágica, só porque ela morava sozinha e nunca tivera um relacionamento de longa duração.

Eu sempre achei que ela tinha uma vida superlegal. Só que acho que também sempre me perguntei se ela era feliz. Ou se ela era triste e sozinha, desesperadamente querendo um romance, assim como eu.

— Então, sem namorados? — Ellis me perguntou quando eu me joguei ao lado dela no jardim de inverno naquela noite.

— Tragicamente, sim — eu falei.

— Parece que tem um pouco de sarcasmo aí.

— Talvez um pouco.

Ellis sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não esquente com a vovó. Ela tem me dito a mesma coisa nesses últimos quinze anos. Ela só está com medo de que vai morrer sem ter um bisneto.

Eu ri, mesmo que a conversa fosse algo em que eu pensava e que me fazia sentir mal. Eu não queria que vovó morresse infeliz.

— Então — Ellis continuou. — Não teve nenhuma… amiga? Em vez disso?

Demorou um minuto para eu perceber que ela não estava dizendo “amiga” no sentido platônico da palavra. Ela estava me perguntando se eu era gay.

O que, ei, parabéns para Ellis. Se eu fosse gay, teria sido um momento incrível pra cacete pra mim.

— Hum, não — eu falei. — Também não estou interessada em namoradas.

Ellis assentiu. Por um instante, achei que ela fosse perguntar alguma coisa, mas ela só disse:

— Quer jogar um pouco de *Cuphead*?

Então a gente ligou o Xbox e jogou *Cuphead* até todo mundo voltar pra casa ou ir deitar.

ELLIS

Os Warr são do tipo de família terrível que não permite a abertura dos presentes antes da tarde do dia de Natal, só que nesse ano eu não me importava tanto, tendo outras coisas na cabeça para pensar. Eu não tinha pedido nada em particular, então acabei com uma pilha grande de livros, uma variedade de produtos de beleza que eu provavelmente nunca usaria, e um moletom da mamãe com uma frase escrita " prefiro bolo". A família deu bastante risada com essa.

Depois dos presentes, os avós todos dormiram no jardim de inverno, mamãe ficou ocupada com um jogo de xadrez intenso contra Jonathan, enquanto papai e Rachel preparavam o chá. Ellis e eu jogamos um pouco de *Mario Kart* antes de eu me esgueirar de volta para o quarto para relaxar e ver o celular.

Eu abri o meu app de mensagens do Facebook na conversa com Pip.

Georgia Warr
feliz natal!! eu te amo, espero que você tenha tido um dia bom ontem bjssss

Ainda estava marcado como não visualizado. Eu estava bêbada quando mandei no meio do jantar de Natal. Talvez ela só não tivesse visto.

Eu olhei o Instagram. Em geral, a família de Pip comemorava o Natal na véspera, e ela tinha postado um monte de stories no Instagram. Tinha postado uma foto nas primeiras horas da madrugada — a família andando pela rua no caminho de volta da missa do galo.

dormi na igreja rs

Então ela postou outra foto, meia hora atrás, da família dela na cozinha, colocando um bolinho dentro da boca.

Restos de buñuelos entrem AGORA na minha barriga

Eu pensei em responder, mas não consegui pensar numa coisa engraçada para dizer.

Já que ela tinha postado havia meia hora, ela provavelmente tinha visto minha mensagem no celular. Ela só estava me ignorando.

Então ela ainda me odiava.

Eu estava pronta na cama às dez da noite. No geral, não foi um Natal ruim, apesar de ter perdido meus dois melhores amigos, e minha solteirice estar se tornando a piada constante da família.

Um dia eu provavelmente só teria que contar para eles.

Não gosto de caras. Ah, então você gosta de meninas? *Não, eu também não gosto de meninas.* O quê? Isso não faz sentido. *Faz sentido, sim. É uma coisa de verdade.* Você só não conheceu a pessoa certa ainda. Vai acontecer no seu tempo. *Não vai, não. Essa é quem eu sou*. Você está bem? Talvez a gente devesse marcar um terapeuta pra você. *O termo é "assexual arromântico"*. Bom, isso parece inventado, né? Você ouviu falar disso na internet?

Ugh. Ok. Eu não queria entrar nessa conversa em nenhuma data próxima.

Eu estava descendo as escadas para beber água quando ouvi vozes altas. Primeiro, achei que só fossem mamãe e papai batendo boca um com o outro, mas então eu percebi que as vozes eram, na verdade, da tia Sal e do tio Gavin. Os pais de Ellis. Fiquei parada nas escadas, sem querer interromper.

— Olha só pro Jonathan — tia Sal estava dizendo. — Ele já endireitou tudo. Casou, tem a própria casa, o próprio negócio. Ele já está com a vida nos rumos.

— E ele é dez anos mais novo que você! — tio Gavin acrescentou.

Ah. Ellis estava lá também.

Eu não era muito próxima da tia Sal e do tio Gavin. Assim como Ellis, na verdade — eles não moravam perto, então a gente só os via alguma vezes por ano em reuniões de família.

Só que eles sempre pareciam um pouco mais rígidos que meus pais. Um pouco mais tradicionais.

— Estou sabendo — disse Ellis. A voz dela me pegou de surpresa. Ela parecia cansada.

— Isso não te incomoda *nem um pouco*? — perguntou tia Sal.

— Por que me incomodaria?

— Que Jonathan está crescendo, começando uma família, fazendo planos, enquanto você ainda está…

— Ainda estou o quê? — retrucou Ellis. — O que eu estou fazendo que é assim tão ruim?

— Não precisa gritar — disse tio Gavin.

— Não estou gritando.

— Você está ficando *velha* — continuou tia Sal. — Está nos trinta e poucos. Está passando dos anos ideais para namorar. Logo vai estar cada vez mais difícil para você ter filhos.

— Eu não quero namorar e eu não quero ter filhos — falou Ellis.

— Ah, vamos lá. Não vem com essa de novo.

— Você é a nossa *única* filha — disse tio Gavin. — Você sabe como isso é para nós? Você é a *única* que carrega nosso sobrenome.

— Não é minha culpa que vocês não tiveram mais filhos — disse Ellis.

— E o quê, então acabou para nós? Nenhuma criança na família? Nós não podemos ser avós? Esse é o agradecimento que a gente recebe por te criar?

Ellis suspirou alto.

— Nós não estamos tentando *criticar* suas… escolhas de vida — disse tia Sal. — Nós sabemos que não é sobre a gente, mas nós só queremos que você seja *feliz*. Eu sei que você acha que está feliz agora, mas e daqui a dez anos? Vinte? Quarenta? Como vai ser a sua vida quando você tiver a idade da sua avó, sem um parceiro, sem filhos? Quem é que vai estar lá para cuidar de você? Você não vai ter *ninguém*.

— Talvez eu fosse feliz — Ellis retrucou —, se vocês não tivessem passado minha vida inteira fazendo uma lavagem cerebral me fazendo pensar que encontrar um marido e ter filhos é o único jeito de fazer me sentir como se minha vida valesse de alguma coisa. Talvez aí eu fosse feliz.

Tia Sal foi interromper, mas Ellis a cortou.

— Não é como se eu estivesse ativamente rejeitando pessoas, tá? — Ellis parecia à beira de lágrimas agora. — Eu não gosto de ninguém desse jeito. Eu nunca gosto. É só quem eu sou, e, de um jeito ou de outro, todos nós vamos ter que encarar isso. Eu ainda posso fazer coisas incríveis com a minha vida. Eu tenho amigos. E vou fazer outros. Eu fui uma modelo de sucesso. Agora sou artista, e minhas pinturas vendem muito bem. Estou pensando em ir pra faculdade estudar arte, já que não consegui fazer isso da primeira vez. Eu tenho uma casa ótima, que vocês nunca se dão ao trabalho de visitar. Se vocês tentassem, e estou falando tentar *de verdade*, vocês poderiam ficar orgulhosos por todas as coisas que fiz na minha vida, e tudo que ainda vou fazer.

Houve um silêncio longo e horrível.

— O que você diria — disse tia Sal, falando lentamente, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado — de talvez tentar ir pra terapia de novo? Ainda acho que não encontramos o terapeuta correto da outra vez. Talvez se continuássemos a procurar, desse para encontrar alguém que pudesse te ajudar de verdade.

Silêncio.

Então Ellis disse:

— Eu não preciso ser consertada. Vocês não podem fazer isso comigo de novo.

Houve o som de cadeiras arranhando o chão conforme alguém se levantou.

— Eu sou adulta — disse Ellis. Tinha uma fúria contida na voz conforme ela reforçava essa constatação. — E, se vocês não vão me respeitar, então eu não vou ficar perto de vocês.

Eu fiquei observando, escondida na escuridão do topo da escada, conforme Ellis se sentou no último degrau e colocou os sapatos. Ela pegou o casaco, calmamente abriu a porta da frente, e saiu.

Antes de pensar duas vezes, eu corri para o meu quarto, peguei o roupão e as pantufas e corri atrás dela.

Eu a encontrei sentada no carro, o cigarro eletrônico pendurado na boca, mas aparentemente sem nenhuma intenção de fumar qualquer coisa.

Bati na janela, o que a fez pular tão alto que o cigarro caiu da boca.

— Puta que *pariu* — ela falou depois de ligar a ignição e descer a janela. — Você me assustou tanto que a minha alma saiu pra fora do corpo.

— Desculpa.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu… — talvez isso fosse um pouco esquisito — ouvi seus pais sendo meio idiotas com você.

Ellis só olhou para mim.

— Achei que você gostaria de companhia — falei. — Sei lá. Posso voltar pra dentro, se você preferir.

Ellis sacudiu a cabeça.

— Não. Pode entrar.

Eu abri a porta do carro e pulei para dentro. Ela tinha um carro bem legal, na verdade. Moderno. Bem mais caro do que meu Fiat Punto antigo.

Houve um silêncio enquanto eu a esperava dizer alguma coisa. Ela localizou o cigarro, colocou cuidadosamente no compartimento na frente do câmbio, e então disse:

— Estou a fim de um McDonald's.

— No Natal?

— É. Eu quero muito um McFlurry agora.

Pensando bem, eu queria também umas batatinhas. Acho que *era* mesmo um dia para preferir bolo, ou comida no geral.

Eu também queria falar com Ellis sobre tudo que eu tinha acabado de ouvir. Especialmente sobre "não gostar de ninguém".

— Acho que dá pra ir ao McDonald's — falei.

— É?

— É.

Então Ellis deu a partida, e nós fomos.

MÁGICA PLATÔNICA

— Nossa, *sim* — falou Ellis, conforme enfiava a colher no McFlurry. — É isso que sempre faltou no dia de Natal.

— Concordo — eu falei, já na metade das minhas batatinhas.

— McDonald's. Ele nunca me decepciona.

— Não acho que esse seja o slogan.

— Pois deveria.

Nós estávamos paradas no estacionamento do restaurante, que estava praticamente vazio fora a gente. Eu tinha mandado uma mensagem para mamãe e papai sobre onde eu estava, e papai mandou um emoji de joinha, então eles provavelmente não estavam preocupados. Só que ficar no carro de pijama e roupão parecia um pouco errado.

Ellis tinha ficado conversando comigo o caminho todo sobre os tópicos mais mundanos. Era um caminho de quinze minutos de carro, mas, durante todos aqueles quinze minutos, eu não tinha conseguido falar muito mais do que um "é" ou "aham" em concordância. Eu não tinha conseguido perguntar nada do que eu realmente queria perguntar.

Você é como eu? Nós somos iguais?

— Então — eu finalmente consegui dizer, enquanto ela estava com uma colher de sorvete na boca —, seus pais.

Ela soltou um grunhido.

— Ah, é. Nossa, desculpa por você ter ouvido tudo *aquilo*. É bem vergonhoso que eles ainda me tratem como se eu tivesse quinze anos. Sem ofensas pra todo mundo que tem quinze anos por aí. Mesmo os adolescentes de quinze anos não merecem ter que ouvir alguém falar daquele jeito.

— Eles pareciam... — eu procurei a palavra certa — irracionais.

Ellis riu.

— É. Pareciam, sim.

— Eles ficam pegando muito no seu pé sobre essas coisas?

— Sempre que a gente se encontra, sim — disse Ellis. — O que acontece cada vez menos nesses tempos, pra ser sincera.

Eu não conseguia imaginar ver mamãe e papai cada vez menos. Só que talvez isso acontecesse comigo, se eu nunca me casasse ou tivesse filhos. Eu só me afastaria da família. Como um fantasma. Só aparecendo em algumas reuniões ocasionais.

Se eu me assumisse para eles, será que iam me obrigar a ir pra terapia, como os pais de Ellis fizeram?

— Você acredita neles? — eu perguntei.

Ellis claramente não estava esperando essa pergunta. Ela inspirou longamente, encarando o sorvete.

— Você está falando tipo, se eu sinto que minha vida não vale nada porque eu nunca vou me casar ou ter filhos? — ela perguntou.

Parecia pior quando ela falava desse jeito, mas eu queria saber.

Eu precisava saber se eu sempre me sentiria desconfortável com essa parte de mim mesma.

— É — falei.

— Bom, primeiro, eu posso ter filhos a hora que eu quiser. Adoção existe.

— Mas e ter um parceiro?

Ela pausou.

Então ela disse:

— Aham, eu me sinto assim de vez em quando.

Ah.

Então talvez eu sempre fosse me sentir assim.

Talvez eu nunca fosse me sentir confortável.

Talvez…

— Só que isso é só uma sensação — ela continuou. — Eu *sei* que não é verdade.

Eu pisquei, observando-a.

— Ter um parceiro é uma coisa que algumas pessoas querem. Outras, não. Demorou muito, muito tempo para eu entender que não era isso que eu queria. Na verdade — ela hesitou, só que apenas por um instante — demorou bastante tempo para eu entender que não é nem algo que eu *possa* querer. Não é uma escolha pra mim. É uma parte de mim que não posso mudar.

Eu estava segurando a respiração.

— Como você percebeu isso? — eu perguntei enfim, sentindo o meu coração querendo sair pela boca.

Ela riu.

— Bom… você está a fim de eu resumir a minha vida toda em uma única conversa no dia de Natal no McDonald's?

— Sim.

— Rá. Ok. — Ela pegou uma colher de sorvete. — Então, eu nunca tive nenhum *crush* quando era nova. Enfim, não de verdade. Às vezes eu confundia amizade com um *crush*, ou só pensando que um cara é muito legal. Mas eu nunca ficava a fim de ninguém. Mesmo celebridades ou músicos ou sei lá.

Ela ergueu as sobrancelhas e soltou um suspiro como se tudo isso fosse apenas um pequeno inconveniente.

— Só que *acontece* que — disse ela — todo mundo que eu conhecia tinha *crushes*. Eles namoravam. Todas minhas amigas falavam sobre caras gatos. Todas elas tinham namorados. Nossa família sempre foi grande e cheia de amor, sabe, seus pais, meus pais, nossos avós e todo o resto, então eu sempre vi tudo isso como se fosse a *norma*. Isso era tudo que eu conhecia no mundo. A meu ver, namoro e relacionamento eram só… coisas que as pessoas faziam. Era humano. Então foi isso que eu tentei fazer também.

Tentei.

Ela também tinha tentado.

— Isso continuou na minha adolescência e depois aos vinte e poucos. Especialmente quando eu era modelo, porque *todo mundo* estava pegando todo mundo no mundo da moda. Então eu me forçava a fazer isso também, só pra ficar envolvida e não me sentir excluída. — Ela piscou. — Mas eu odiava tudo. Odiava cada segundo daquela porra.

Houve uma pausa. Eu não sabia o que dizer.

— Eu não sei quando comecei a perceber que odiava isso. Por muito tempo, eu só estava namorando e transando porque *era isso que pessoas faziam*. E eu *queria* me sentir como aquelas pessoas. Queria a beleza empolgante e divertida de romance e sexo. Só que sempre tinha esse sentimento intrínseco de algo *errado*. Quase um *nojo*. Só parecia errado no nível mais fundamental.

Eu senti uma onda de alívio por eu nunca tinha me deixado ir assim tão longe.

Talvez eu fosse um pouco mais forte do que eu achava.

— Ainda assim eu ficava tentando gostar. Eu ficava pensando, *talvez eu só seja exigente. Talvez não tenha encontrado o cara certo. Talvez eu goste de meninas*. Talvez, talvez, talvez. — Ela sacudiu a cabeça. — Esse talvez nunca chegou. Nunca apareceu.

Ela se inclinou no assento do motorista, encarando o brilho suave da logo do McDonald's.

— Também tinha o medo. Eu não sabia como ia navegar esse mundo sozinha. Não só sozinha agora, mas sozinha *infinitamente*. Sem nenhum parceiro até morrer. Sabe por que as pessoas se dividem em pares? Porque ser humano é assustador pra caralho. É muito mais fácil se você não está fazendo isso sozinho.

Acho que no fim esse era o X da questão.

Eu podia, em um nível mais básico, aceitar que era assim. Só que eu não sabia como eu iria lidar com isso o resto da minha vida. Daqui a vinte anos. Quarenta. Sessenta.

Então Ellis disse:

— Só que sou mais velha agora. Aprendi algumas coisas.

— Tipo o quê? — perguntei.

— Tipo como amizade pode ser tão intensa, bonita e infinita quanto um romance. Tipo o jeito como o amor está espalhado a todo meu redor. Amor pelos meus amigos, amor pelas minhas pinturas, o amor que sinto por mim mesma. Tem até mesmo o amor que sinto pelos meus pais, em algum lugar. Lá no fundo. — Ela riu, e eu não consegui evitar um sorriso. — Eu tenho muito mais amor do que muitas pessoas nesse mundo. Mesmo se eu nunca me casar. — Ela pegou uma colherona de sorvete. — Tenho definitivamente amor por sorvete, isso eu te digo *com certeza*.

Eu ri, e ela sorriu abertamente para mim.

— Eu fiquei desesperançosa por muito tempo sobre ser assim — disse ela, e então sacudiu a cabeça. — Mas não me sinto mais assim. Finalmente. *Finalmente* eu não fiquei mais sem esperança.

— Eu queria ser mais assim — eu falei, as palavras escapando pela minha boca antes de eu conseguir impedi-las.

Ellis ergueu uma sobrancelha curiosa pra mim.

— Ah, é?

Eu respirei fundo. Ok. Agora ou nunca.

— Eu acho que sou… como você — falei. — Eu também não gosto de ninguém. Tipo, romanticamente. Namorar e essas coisas. Não consigo sentir nada disso. Eu costumava querer muito, quer dizer, ainda acho que quero de vez em quando. Mas eu não posso querer *de verdade*, porque não me sinto dessa forma por ninguém. Se isso faz sentido.

Eu percebi que estava ficando cada vez mais vermelha conforme eu falava.

Ellis não disse nada por um instante. Então ela pegou mais uma colherada do sorvete.

— Foi por isso que entrou no carro, não foi? — disse ela.

Eu assenti.

— Bom — ela falou. Ela pareceu perceber a magnitude do que eu tinha acabado de confessar. — Bom.

— É uma sexualidade de verdade — falei. Eu nem sabia se Ellis sabia que *era* uma sexualidade. — Tipo ser gay, hétero ou bi.

Ellis riu.

— A sexualidade do *nada*.

— Não é nada. É, bom, são duas coisas diferentes. Arromântico quando você não sente atração romântica, e assexual quando você não sente atração sexual. Algumas pessoas só são um ou outro, mas eu sou os dois, então sou… assexual arromântica.

Não era a primeira vez que eu falava aquelas palavras, mas toda vez que eu falava, elas pareciam um pouco mais como um lar ao meu redor.

Ellis considerou isso.

— Duas coisas. Hum. Duas em uma. Pague um, leve dois. Adorei.

Eu dei uma risadinha, o que fez ela rir de verdade, e todo o nervoso que estava apertado no meu peito se aliviou.

— Quem te falou sobre isso, então? — ela perguntou.

— Alguém na faculdade — eu disse. Só que Sunil não era só alguém, era? — Um dos meus amigos.

— E também é…?

— Também é assexual, sim.

— Uau. — Ellis abriu um sorrisão. — Bom, nós somos três então.

— Tem mais gente — eu falei. — Bem mais. Por aí. No mundo.

— Sério?

— Sério.

Ellis ficou olhando a janela, sorrindo.

— Isso é legal. Ter muito mais gente assim no mundo.

Nós ficamos sentadas em silêncio por um instante. Eu terminei de comer minhas batatinhas.

Havia mais de nós por aí.

Nenhuma de nós duas estava sozinha.

— Você tem muita sorte de saber tudo isso — disse Ellis de repente. — Eu… — Ela sacudiu a cabeça. — Rá. Acho que estou com um pouco de inveja.

— Por quê? — eu perguntei, confusa.

Ela olhou para mim.

— Eu só desperdicei muito tempo. Só isso.

Ela jogou o pote vazio de McFlurry no banco de trás e ligou a ignição.

— Eu não me sinto sortuda — falei.

— Como você se sente?

— Não sei. Perdida. — Pensei em Sunil. — Meu amigo disse que eu não preciso fazer nada. Ele disse que tudo que eu preciso fazer é *existir*.

— Seu amigo parece um daqueles velhos sábios.

— Isso meio que resume.

Ellis começou a dirigir para fora do estacionamento.

— Eu não gosto de não fazer nada — ela falou. — É chato.

— Então o que *você* acha que eu deveria fazer?

Ela pareceu pensar no assunto por um momento.

Então ela disse:

— Dê aos seus amigos a mágica que você daria para o romance. Porque eles são tão importantes quanto. Na verdade, pra gente, eles são *muito* mais importantes. — Ela me olhou de soslaio. — Pronto. Isso é sábio o suficiente pra você?

Eu sorri.

— Muito sábio.

— Eu posso ser profunda. Afinal de contas, eu *sou* uma artista.

— Você deveria botar isso numa pintura.

— Sabe do que mais? Talvez eu faça isso. — Ela ergueu a mão e estalou os dedos. — Vou chamar de *Mágica Platônica*. E ninguém que não é um de nós… espera, qual era o nome? Asse…?

— Assexual arromântico?

— Isso. Ninguém que não é um assexual arromântico vai entender.

— Posso ficar com a pintura?

— Você tem duas mil libras?

— Suas pinturas estão custando *duas mil libras*?

— Estão, sim. Eu sou bem boa no meu trabalho.

— Você me dá um desconto de estudante?

— Talvez. Mas só porque você é minha prima. Desconto de prima estudante.

Então ficamos rindo conforme voltamos para a estrada, e pensei na magia que eu poderia encontrar, talvez, se eu procurasse um pouco mais a fundo.

MEMÓRIAS

Eu não encontrei mágica quando voltei para o meu quarto da faculdade na tarde de 11 de janeiro. O que eu encontrei foi a maior parte das posses de Rooney esparramadas pelo chão, o guarda-roupa escancarado, os lençóis a vários metros de distância da cama, Roderick em um tom preocupante de marrom, e o tapete água-marinha inexplicavelmente atochado na pia.

Eu tinha acabado de abrir o zíper da minha mala quando Rooney entrou vestindo pijamas, olhou para mim, olhou para o tapete na pia, e disse:

— Eu derrubei chá nele.

Ela sentou na cama dela enquanto eu arrumava as coisas dela, espremia a água do tapete, e até cortei a maior parte das folhas mortas de Roderick. A foto da Beth de cabelos de sereia tinha caído no chão de novo, então eu só a colei de volta na parede, não dizendo nada sobre o assunto, enquanto Rooney ficou observando, sem expressão.

Eu perguntei sobre o Natal dela, mas a única coisa que Rooney disse é que ela odiava passar tempo na sua cidade natal.

Ela foi pra cama às sete da noite.

Então, é. Rooney claramente não estava bem.

Para ser justa, eu entendia o porquê. A peça não ia acontecer. A coisa tácita com Pip não ia acontecer. A única coisa que ela tinha era — bom, a mim, acho.

Não é um bom prêmio de consolação, na minha opinião.

— A gente deveria sair — eu falei pra ela no fim da nossa primeira semana de volta para a faculdade.

Ainda era cedo, mesmo já tendo anoitecido. Ela olhou para mim por cima da tela do laptop, e então continuou o que estava fazendo — assistindo a vídeos no YouTube.

— Por quê?

Eu estava sentada na minha escrivaninha.

— Porque você gosta de sair.

— Não estou a fim.

Rooney tinha ido para duas das nossas seis aulas naquela semana. E nas que ela *foi*, ela simplesmente tinha ficado encarando o teto, sem nem se dar o trabalho de pegar o iPad da bolsa para fazer anotações.

Era como se ela não se importasse com mais nada.

— A gente poderia ir pra um bar ou algo assim? — eu sugeri, parecendo meio desesperada. — Só pra um drinque. Podíamos tomar coquetéis. Ou comer *batata frita*. Podemos ir comer batata frita.

Isso fez com que ela erguesse uma sobrancelha.

— Batata frita?

— Batata frita.

— Eu… gostaria de comer batata frita.

— Pronto. A gente pode ir pra um bar, comer umas batatas fritas, tomar um pouco de ar fresco, e aí voltar.

Ela me olhou por um longo momento.

Então ela disse:

— Ok.

O bar mais próximo estava lotado, claro, porque era uma sexta-feira à noite em uma cidade universitária. Felizmente, a gente encontrou uma mesa pequena manchada de cerveja numa sala dos fundos, e eu deixei Rooney guardando o lugar enquanto eu ia buscar uma porção de batatas fritas para dividir e uma jarra de daiquiri de morango com dois canudos de papel.

Nós sentamos e comemos nossas batatas em silêncio. Na verdade, eu me sentia muito calma, considerando o fato de que tecnicamente essa era uma "saída". Ao nosso redor, todos os alunos estavam arrumados para sair à noite, prontos para passar umas horas em um bar antes de seguir para as baladas mais tarde. Rooney estava vestindo leggings e um casaco de moletom, enquanto eu usava uma calça de moletom e um suéter de lã. Nós provavelmente nos destacávamos muito, mas

comparado ao inferno que foi a Semana dos Calouros, eu estava extremamente relaxada.

— Então — eu disse, depois de sentarmos em silêncio por mais de dez minutos —, eu estou sentindo que você não está muito feliz agora.

Rooney me encarou, vazia.

— Eu gostei das batatas fritas.

— Eu estou falando no geral.

Ela tomou um longo gole da jarra.

— Não — disse ela. — Está tudo uma merda.

Eu esperei que ela se abrisse sobre o assunto, mas ela não o fez, e percebi que eu teria que insistir.

— A peça? — perguntei.

— Não só isso. — Rooney grunhiu e se inclinou sobre a mesa com uma mão. — O Natal foi um *inferno*. Eu passei a maior parte do tempo encontrando amigos da escola, e … *ele* sempre estava lá.

Demorou um momento para eu entender o que ela queria dizer com “ele”.

— Seu ex-namorado — falei.

— Ele estragou tantas coisas para mim. — Rooney começou a apunhalar as frutas na jarra de coquetel com o canudo. — Toda vez que eu vejo a cara dele, eu quero gritar. Ele nem acha que fez alguma coisa de *errado*. Por causa dele, eu… Nossa, eu poderia ter sido uma pessoa tão melhor se nunca tivesse conhecido ele. Ele é a razão de eu ser desse jeito.

Eu não sabia o que responder. Eu queria perguntar pra ela o que tinha acontecido, o que ele tinha feito, mas eu não queria forçá-la a revisitar as coisas ruins se ela não quisesse.

Houve um longo silêncio depois que ela falou. Quando voltou a falar, ela tinha obtido sucesso em espetar todas as frutas na jarra.

— Eu gosto da Pip. Muito — disse ela, bem baixinho.

Eu assenti, devagar.

— Você sabia? — ela perguntou.

Assenti de novo.

Rooney riu. Ela tomou outro gole.

— Como é que você me conhece melhor do que ninguém? — ela perguntou.

— A gente mora junta? — eu sugeri.

Ela só sorriu. Nós duas sabíamos que era mais do que isso.

— Então o que você vai fazer?

— Hum, nada? — Rooney bufou. — Ela me odeia.

— Quer dizer, sim, mas ela interpretou a situação errado.

— A gente se beijou. Não tem tanta margem para erro de interpretação.

— Ela acha que a gente é um casal. É por isso que ela está brava.

Rooney assentiu.

— Porque ela acha que eu estou tirando você dela.

Eu quase grunhi com tamanha estupidez.

— Não, é porque ela também gosta de você.

A expressão no seu rosto era como se eu tivesse pego um copo e quebrado na cabeça dela.

— Isso é… você está errada sobre isso — ela gaguejou, ficando um pouco vermelha no rosto.

— Eu só estou falando o que eu vejo.

— Eu não quero mais falar sobre a Pip.

Recaímos em silêncio por mais alguns momentos. Eu sabia que Rooney era esperta sobre esse tipo de coisa — eu a vi navegar sem esforço nenhum por relacionamentos de todos os tipos desde o primeiro dia em que a vi. Só que, quando se tratava de Pip, ela tinha a inteligência emocional de uma uva.

— Então você gosta de meninas? — perguntei.

A carranca no rosto dela desapareceu.

— Sim. Provavelmente. Sei lá.

— Três respostas drasticamente diferentes para a pergunta.

— Sei lá, então. Eu acho… quer dizer, eu me questionei se eu gostava de meninas um pouco quando eu era mais nova. Quando eu tinha treze anos, fiquei com um *crush* em uma das minhas amigas. Uma menina. Mas — ela deu de ombros —, todas as meninas fazem isso, né? Tipo, isso é comum, ter *crushes* nas suas amigas mulheres.

— Não — respondi, tentando não rir. — De jeito nenhum. Nem todas as garotas fazem isso. Exemplo: eu. — Eu gesticulei para mim mesma.

— Bom. Ok, então. — Ela olhou para o lado. — Acho que eu gosto de meninas.

Ela disse isso com tanta tranquilidade que era como se tivesse percebido sua sexualidade e se assumido no espaço de dez segundos. Só que eu a conhecia. Ela provavelmente estava processando isso havia um tempo. Assim como eu.

— Isso me faz ser bi? — ela perguntou. — Ou pan? Ou o quê?

— O que você quiser. Você pode pensar mais no assunto.

— É. Acho que vou, sim. — Ela encarou a mesa. — Sabe, quando a gente se beijou… eu acho que eu fiz isso porque sempre teve essa parte de mim que queria, bom, você sabe. Ficar com meninas. E você era uma opção segura para testar porque eu sabia que você não iria me odiar pra sempre. O que foi uma coisa *bem merda* de se fazer, obviamente. Meu Deus, me desculpa.

— Foi uma coisa bem merda de fazer — concordei. — Mas consigo entender isso de acidentalmente usar pessoas porque você está confusa sobre a sua sexualidade.

Nós duas tínhamos estragado as coisas pra cacete, de muitas formas. E por mais que a confusão sobre nossa sexualidade não fosse uma desculpa, era bom que nós duas tínhamos entendido nossos erros.

Talvez isso significasse que cometeríamos menos deles no futuro.

— Eu nunca tive amigos gays ou bi na escola — disse Rooney. — Eu não conhecia ninguém assumido, na verdade. Talvez eu tivesse entendido mais cedo, se eu tivesse.

— Minha melhor amiga é assumida desde que tinha quinze, e ainda demorou anos pra eu mesma entender — eu falei.

— Verdade. Uau. Essa porra é difícil mesmo.

— Aham.

Ela bufou.

— Estou na faculdade há três meses e de repente eu não sou mais hétero.

— Duas — falei.

— Adoro, acho? — ela perguntou.

— Adoro — eu concordei.

Eu peguei outra jarra de coquetel — um cosmopolitan — e nachos.

Estávamos na metade da jarra quando contei a Rooney sobre o meu plano.

— Eu vou trazer Jason e Pip de volta para a Sociedade Shakespeare — falei.

Rooney amassou na boca um nacho particularmente cheio de queijo.

— Boa sorte.

— Você é bem-vinda a tentar me ajudar.

— Qual o seu plano?

— Quer dizer, não cheguei assim tão longe ainda. Provavelmente vai envolver muitos pedidos de desculpa.

— Um plano terrível — disse Rooney, mastigando outro nacho.

— É tudo o que eu tenho.

— E se não funcionar?

E se não funcionasse?

Eu não sabia o que aconteceria.

Talvez fosse o fim da minha amizade com Jason e Pip. Para sempre.

Nós terminamos os nachos — não demorou muito — e a jarra de coquetel antes de sair do bar, nós duas nos sentindo um pouco zonzas. Eu estava pronta para ir dormir, sendo sincera, mas Rooney estava a fim de tagarelar. Eu fiquei satisfeita. Álcool e batatas fritas definitivamente não eram a solução mais saudável pros problemas dela, mas ela parecia ao menos um pouco mais feliz. Trabalho cumprido.

Essa felicidade durou os trinta segundos pelos quais saímos pela porta, e então desapareceu. Porque, do lado de fora, rodeada pelos amigos, estava a própria Pip Quintana.

Por um breve momento, ela não nos viu. Ela tinha cortado o cabelo, a franja enrolada acabando nas sobrancelhas, e estava vestida para sair à noite — uma camisa listrada, jeans apertados, e uma jaqueta aviador marrom que fazia ela parecer um dos caras de *Top Gun*. Com a garrafa de sidra na mão, era um bom visual.

Eu conseguia praticamente sentir a onda de terror que Rooney emanou quando Pip se virou e nos viu.

— Ah — disse Pip.

— Oi — eu falei, porque não tinha ideia do que mais falar.

Pip me encarou. Então os olhos dela desviaram para Rooney — desde o rabo de cavalo bagunçado até as meias desemparceiradas.

— Vocês estão num encontro ou algo assim? — disse Pip.

Isso imediatamente me irritou.

— A gente claramente não está num encontro — eu respondi ríspida. — Eu estou de moletom.

— Tanto faz. Não quero falar com você.

Ela começou a se virar de novo, mas congelou quando Rooney falou.

— Você pode ficar brava comigo, mas não fique brava com Georgia. Ela não fez nada de errado.

Isso não era nem um pouco verdade — Pip tinha deixado claro que gostava de Rooney, e eu a tinha beijado mesmo assim. Sem mencionar tudo o que eu fizera com Jason. Mesmo assim, eu agradecia a intenção.

— Ah, vai se *foder* com essa coisa de ficar querendo a culpa — Pip cuspiu. — Desde quando você está tentando ser uma *boa pessoa*? — Ela se virou nos calcanhares para poder falar diretamente na cara de Rooney. — Você é egoísta, mesquinha, e não dá a mínima pros sentimentos dos outros. Então não venha até aqui pra fingir que você é uma boa pessoa.

Os amigos de Pip todos tinham começado a murmurar, se perguntando o que estava acontecendo. Rooney deu um passo à frente, os dentes cerrados e as narinas abertas como se ela estivesse prestes a começar a gritar, mas ela não gritou.

Ela só deu as costas e saiu andando pela rua.

Eu fiquei imóvel, me perguntando se Pip ia dizer alguma coisa para mim. Ela me olhou por um longo momento, e senti como se meu cérebro tivesse passando por todos os nossos sete anos de amizade, cada vez que nós sentamos ao lado uma da outra na aula, cada vez que dormimos na casa uma da outra, cada aula de educação física e cada ida ao cinema, cada vez que ela tinha me contado uma piada ou me mandado um meme idiota, cada vez que eu tinha quase chorado na frente dela — não chorei, não *podia*, mas *quase*.

— Eu só não consigo acreditar — disse ela, exalando profundamente —, eu achei… eu achei que você se importava com os meus sentimentos.

Então ela também se virou, voltando para uma conversa com seus novos amigos, e todas aquelas memórias se estilhaçaram ao meu redor em pequenos

pedaços.

O AMOR ESTRAGA TUDO

Rooney passou a caminhada inteira de volta para a faculdade digitando coisas no celular. Eu não sabia para quem ela estava mandando mensagem, mas, quando voltamos para o nosso quarto, ela rapidamente trocou para uma roupa melhor, e eu sabia que ela ia sair.

— Não faz isso — eu disse, assim que ela tinha chegado à porta, e ela parou, se virando para me encarar.

— Sabe o que eu aprendi? — disse ela. — O amor estraga tudo.

Eu não concordava, mas eu não sabia como argumentar contra uma constatação desse tipo. Então ela foi embora, e eu não falei nada. E quando eu fui na direção da minha cama, encontrei a foto da Beth de cabelos de sereia no chão de novo, parcialmente amassada, como se Rooney a tivesse arrancado da parede.

VOCÊ MERECE ALEGRIA

Eu fui para o evento social de janeiro da Sociedade do Orgulho, na União Estudantil, sozinha. Era nossa terceira semana no semestre, e tentei induzir Rooney a vir comigo, mas ela estava passando a maioria das noites fora em baladas, voltando por volta das três da manhã, com sapatos sujos e cabelo bagunçado. Cabia a mim encontrar Pip, e tinha uma chance de ela estar no evento da Sociedade do Orgulho.

Se eu só pudesse *falar com ela*, eu pensava, ela entenderia. Se eu só conseguisse fazer com que ela me ouvisse tempo o suficiente para eu explicar, então tudo ficaria bem de novo.

O arrependimento instantâneo que eu senti ao aparecer no evento foi quase o suficiente para me mandar correndo de volta para a faculdade. Nós estávamos na maior sala da União Estudantil. Na frente da sala tinha um projetor mostrando todos os eventos da Sociedade do Orgulho que ocorreriam naquele semestre. Estava tocando música, as pessoas estavam vestidas com roupa casual, organizadas em rodinhas ou sentadas nas mesas para conversar enquanto devoravam uns lanchinhos.

Era um evento social. No qual o propósito era *socializar*. Eu estava em um lugar cujo intuito específico era socializar. Sozinha.

Mas por que caralhos eu tinha resolvido fazer isso?

Não. Ok. Eu era corajosa. E tinha cupcakes.

Eu fui pegar um cupcake. Para apoio moral.

Sunil, Jess, e com sorte, Pip, estariam aqui, então *havia* pessoas que eu conhecia. Eu vasculhei em volta e rapidamente achei Sunil e Jess no centro de um grupo de pessoas tendo uma conversa barulhenta, mas eu não queria incomodá-

los quando eles provavelmente tinham muita coisa para fazer e várias pessoas com quem conversar. Então deixei quieto e continuei na minha busca por Pip.

Eu dei a volta na sala três vezes antes de concluir que ela não estava lá.

Ótimo.

Eu peguei meu celular e olhei o Instagram dela, só para descobrir que ela estava postando nos stories uma noite do cinema com os amigos da Castle. Ela não estava nem planejando vir pra esse evento.

Ótimo.

— Georgia!

Uma voz me fez pular — a voz de Sunil. Eu me virei para vê-lo andando até mim, vestindo calças largas feitas de um material meio elástico, que parecia simultaneamente muito fashion e confortável.

— Desculpa, te dei um susto?

— N-não, não! — eu gaguejei. — Está tudo bem!

— Eu só queria saber se aconteceu alguma coisa com a Sociedade Shakespeare — ele disse, com uma expressão tão esperançosa que fez doer meu coração. — Eu sei que vocês tiveram aquela briga, mas eu estava torcendo para que, talvez… vocês tivessem dado um jeito, ou algo do tipo. — Ele sorriu, resignado. — Eu sei que era só por diversão, mas eu estava curtindo muito mesmo.

A expressão no meu rosto provavelmente era resposta o bastante, mas eu contei pra ele mesmo assim.

— Não — eu falei. — Está tudo… está tudo ainda… — Fiz um gesto com as minhas mãos. — Não vai mais acontecer.

— Ah. — Sunil assentiu como se esperasse isso, mas a sua decepção óbvia meio que me fazia querer chorar. — Que pena.

— Estou tentando consertar as coisas — eu falei instantaneamente. — Na verdade, eu vim pra cá porque queria encontrar Pip e ver se ela repensava o assunto.

Sunil olhou em volta.

— Eu acho que não a vi por aqui.

— Não, eu não acho que ela está aqui.

Houve uma pausa. Eu não sabia o que falar. Eu não sabia como consertar nada disso.

— Bom, se tiver algo que *eu* possa fazer — disse Sunil —, eu gostaria de ajudar. Foi muito bom fazer algo só *divertido* e não estressante. Tudo é um pouco estressante pra mim nesse momento, com o último ano e a Sociedade do Orgulho, e Lloyd determinado a ser uma irritação constante na minha vida. — Ele olhou rapidamente para onde o ex-presidente, Lloyd, estava sentado com um grupo de amigos.

— O que ele fez agora?

— Ele só está tentando se esgueirar de volta para o conselho executivo da sociedade. — Sunil revirou os olhos. — Ele acha que as opiniões dele são *vitais* porque minha visão é *inclusiva demais*. Dá pra acreditar? *Inclusiva demais?* Essa é uma sociedade pra alunos queer que estão se encontrando, pelo amor de Deus. Não precisa de uma prova pra entrar.

— Ele é um cuzão — eu disse.

— Ele é. Muito mesmo.

— Tem algo que eu possa fazer pra ajudar?

Sunil riu.

— Ah, não sei. Quer jogar bebida nele? Não, estou zoando. Mas é fofo da sua parte. — Ele sacudiu a cabeça. — Enfim, Sociedade Shakespeare. Tem algum jeito de eu ajudar a resolver a situação? — Ele quase parecia desesperado. — Foi mesmo a coisa mais divertida que eu fiz em bastante tempo.

— Bom, a não ser que você dê um jeito para que Jason e Pip falem comigo e Rooney de novo, acho que não vai acontecer.

— Eu poderia falar com ele — Sunil disse de imediato. — A gente conversa de vez em quando no WhatsApp. Eu poderia convencer Jason a vir para um ensaio.

Senti meu coração acelerar de esperança.

— Sério? Tem certeza?

— Eu não quero que essa peça se desmantele toda. — Sunil sacudiu a cabeça. — Eu realmente não tinha nenhum hobby *divertido* antes. Orquestra é estressante, e a Sociedade do Orgulho não conta como um hobby, e são divertidas, mas também são *trabalhosas*. Essa peça… era *alegria*, sabe? — Ele sorriu, olhando para baixo. — Quando a gente começou a ensaiar, sério, eu estava um pouco preocupado que seria um desperdício de tempo. Tempo que eu deveria usar para estudar e fazer coisas pras minhas outras sociedades. Só que ficar amigo de todos

vocês, atuar nas cenas, ter noites de pizza e todas as mensagens bobas no grupo, era só alegria. Pura alegria. E demorou tanto tempo para eu sentir que eu merecia isso. Mas eu mereço! E é isso! — Ele soltou uma risada animada e despreocupada. — Agora estou falando demais!

Eu me perguntei se ele estava um pouco bêbado, antes de lembrar que Sunil não bebia álcool. Ele estava só sendo sincero.

Me fez querer ser sincera também.

— Você merece mesmo isso — eu falei. — Você… você me ajudou tanto. Eu nem sei onde eu estaria ou como eu me sentiria se não tivesse encontrado você. E eu sinto que você fez isso por muitas outras pessoas. E foi difícil às vezes. E as pessoas nem sempre se preocupam com *você*. — Fiquei um pouco envergonhada pelo que eu estava dizendo, mas eu queria que ele soubesse. — E mesmo se não tivesse feito nada disso… você é meu amigo. Você é uma das melhores pessoas que eu conheço. Então você merece isso. Você merece alegria. — Eu não consegui evitar um sorriso. — E eu gosto quando você fala demais!

Ele riu de novo.

— Por que estamos tão emotivos?

— Sei lá. Você que começou.

Nós fomos interrompidos por Jess e outro vice-presidente de Sunil, que tinham chegado para convocá-lo para subir no palco. Sunil tinha que fazer um discurso.

— Eu mando uma mensagem pra ele — falou, e então se virou.

Foi nesse momento que eu soube que eu não poderia descansar até reunir a Sociedade Shakespeare de novo. Não só porque eu queria que Pip e Jason voltassem a ser meus amigos — mas também por Sunil. Porque, apesar da vida cheia, e de todas as coisas importantes que ele estava fazendo, ele tinha encontrado uma alegria com a nossa peça boba. E, meses atrás, naquele baile formal de outono da Sociedade do Orgulho, Sunil tinha ficado do meu lado num momento de crise, mesmo quando ele estava estressado e lidando com babacas. Agora era a minha vez de fazer algo por ele.

Eu fiquei mais tempo para ouvir o discurso de Sunil. No canto, com um cupcake e uma taça cheia de vinho.

Sunil subiu no palco, deu uma batida no microfone, o que foi o suficiente para os convidados começarem a aplaudir e uivar. Ele se apresentou, agradeceu a todo

mundo por vir, e então passou um tempo falando sobre todos os eventos que aconteceriam no semestre. O filme do mês seria *Moonlight*, as noites de balada do Orgulho seriam no dia 27 de janeiro, 16 de fevereiro e 7 de março, o Clube do Livro Trans aconteceria na Biblioteca Bill Bryson no dia 19 de janeiro, o grupo Queer de Dungeons & Dragons estava procurando por novos membros, e era a vez de uma pessoa chamada Mickey dar o jantar da Sociedade de Pessoas Queer, Trans e Intersexo Não Brancas no dia 20 de fevereiro, no seu apartamento em Gilesgate.

E havia muito mais. Ouvir todas essas coisas, e ver todas essas pessoas empolgadas sobre isso, *me* fez ficar empolgada de um jeito estranho. Mesmo que eu não fosse à maioria desses eventos. Eu quase senti que eu pertencia a alguma coisa só por estar aqui.

— Acho que esses são todos os eventos do semestre — Sunil concluiu —, então, antes de eu deixar vocês voltarem a comer e conversar, eu queria agradecer a todos vocês por esses meses incríveis que a gente teve no último semestre.

Outra rodada de aplausos e assovios. Sunil sorriu e aplaudiu também.

— Fico feliz que tenham gostado também! Eu fiquei bem nervoso em ser eleito presidente. Eu sei que implementei muitas mudanças, tipo transformar as noites de bar em bailes e instaurei mais atividades diurnas pra sociedade, então fico muito grato por todo o apoio.

Ele olhou para o horizonte de repente, como se estivesse pensando em algo.

— Quando eu era calouro, não sentia que pertencia à Durham. Eu tinha chegado aqui na esperança de finalmente conhecer pessoas como eu, mas, em vez disso, me encontrei rodeado de muitas pessoas cis, héteros e brancas. Eu tinha passado a minha adolescência de um jeito solitário. Naquela altura, eu tinha ficado *acostumado* com isso. Eu passava muito tempo pensando que era assim que as coisas deveriam ser. Que eu tinha que sobreviver sozinho, que eu tinha que fazer tudo sozinho, porque ninguém ia me ajudar. Eu passei tanto daquele primeiro ano me sentindo no fundo do poço até encontrar a minha melhor amiga, Jess.

Sunil apontou para Jess, que rapidamente colocou a mão na frente do rosto em uma tentativa falha de se esconder. Houve mais aplausos.

— Jess me ganhou imediatamente com as suas várias roupas de estampa de cachorrinho. — A multidão riu, e Jess sacudiu a cabeça, o sorriso aparecendo

atrás da mão dela. — Ela era a pessoa mais engraçada e alegre que eu já conheci. Ela me encorajou a me filiar à Sociedade do Orgulho. Ela me levou para um dos jantares originais da Sociedade de Pessoas Queer, Trans e Intersexo Não Brancas. E nós tivemos tantas discussões sobre como a sociedade poderia ser melhor, então ela me encorajou a tentar me eleger como presidente, com ela ao meu lado. — Ele abriu um sorriso. — Eu achei que *ela* deveria ser presidente, mas ela já me disse um bilhão de vezes que odeia falar em público.

Sunil sorriu para Jess, e Jess sorriu de volta para ele, e tinha um amor tão genuíno naquele olhar.

Eu me senti deslumbrada só de ver.

— A Sociedade do Orgulho não é sobre só fazer coisas gays — Sunil continuou, o que rendeu algumas risadas. — Não é nem sobre encontrar outras pessoas em potencial para pegar. — Alguém na multidão gritou o nome de um amigo, o que rendeu mais risadas. Sunil riu junto. — Não, é sobre os relacionamentos que formamos aqui. Amizade, amor e apoio, enquanto estamos tentando sobreviver e prosperar em um mundo que frequentemente não parece que foi feito para nós. Não importa se você for gay, lésbica, bi, pan, trans, intersexo, não binárie, assexual, arromântique, queer, seja lá como você se identifica, a maioria de nós sempre sentiu a sensação de não pertencimento quando estávamos crescendo. — Sunil olhou mais uma vez para Jess, e então de volta para a multidão. — Mas agora todos estamos aqui, juntos. São esses relacionamentos que fazem a Sociedade do Orgulho ser tão importante e tão especial. São essas relações que, apesar de toda a dureza nas nossas vidas, vão continuar a nos dar alegria todos os dias. — Ele ergueu a taça. — E todos nós merecemos alegria.

Era um pouco cafona. Só que também era um dos discursos mais bonitos que eu já tinha ouvido na vida.

Todo mundo ergueu seus copos e aplaudiu Sunil enquanto ele descia, e Jess o sufocou com um abraço.

Era isso. Era isso que era mais importante.

O amor, e aquele abraço. O olhar de reconhecimento entre os dois.

Eles tinham sua própria história de amor.

Era isso que eu queria. Era isso que eu *tinha*, antes, talvez.

Eu sempre fiquei sonhando com um romance eterno, infinito, mágico. Uma linda história em que eu conheceria uma pessoa que poderia mudar todo o meu mundo.

Só que eu percebia agora que amizades também poderiam ser assim.

A caminho da saída, passei perto da mesa de Lloyd. Ele estava sentado com alguns outros caras, terminando uma garrafa de vinho com uma expressão amarga estampada no rosto de todos eles.

— É tão patética a necessidade que ele tem de ficar falando da assexualidade dele toda vez que vai a um evento — Lloyd estava dizendo. — Quando a gente for ver, logo vamos receber qualquer cis-hétero que acha que está sendo vagamente oprimido.

O jeito como ele falou aquilo atiçou uma onda de ódio frio no fundo do meu estômago.

Só que eu acho estava me sentindo corajosa.

Quando passei por ele, eu deixei que minha taça meio cheia de vinho graciosamente virasse da minha mão e descesse pelas costas de Lloyd.

— QUE… que PORRA foi essa?!

Quando ele finalmente se virou para ver quem tinha jogado vinho nele, eu já estava saindo pela porta com um sorriso enorme no rosto.

JASON

Sunil Jha
JASON ESTÁ DENTRO

Georgia Warr
SÉRIO

Sunil Jha
AHAM. Ele concordou em vir junto como um favor pessoal para mim. Mas ele disse que não tem certeza sobre voltar para a sociedade ☹

Georgia Warr
ok
então
acho que sei como fazer ele mudar de ideia

— Não — disse Rooney, assim que expliquei minha ideia para ela. Ela estava na cama. Eu regava Roderick, cujo volume agora nem se comparava com o que já tinha sido, devido aos pedaços mortos que eu tinha cortado, mas que não estava *exatamente* morto, como eu tinha pensado antes.

— Vai *funcionar*.

— É idiota.

— Não é, não. Ele tem senso de humor.

Rooney estava esparramada nas roupas de sair, comendo palitinhos direto de um saco, algo que tinha recentemente se tornado sua rotina pré-noite de balada.

— A Sociedade Shakespeare acabou — disse ela, e eu sabia que ela acreditava nisso. Ela não estaria saindo o tempo todo se não tivesse completamente desistido de tudo.

— Confia em mim. Eu vou conseguir fazer ele mudar de ideia.

Rooney me lançou um longo olhar. Ela mastigou um palitinho alto.

— Ok — disse ela. — Mas eu vou ser a Daphne.

Eu matei a maior parte das aulas no dia seguinte para ir em busca da fantasia. Demorou quase a manhã toda e um bom pedaço da tarde. Durham tinha uma loja de fantasias em uma viela pequena, e eles não tinham exatamente o que eu estava procurando, então acabei vasculhando as lojas de roupas e brechós para encontrar o que precisasse para as fantasias improvisadas. Rooney até se juntou a mim depois do almoço, usando óculos escuros para esconder as olheiras enormes. Ela estava dormindo até meio-dia quase sempre ultimamente.

Eu tinha sacrificado boa parte da minha mesada esse mês para conseguir tudo, o que significava que eu sobreviveria com a comida da cantina pelas próximas duas semanas, mas era um sacrifício que valia a pena, porque, quando Rooney e eu chegamos mais cedo à nossa sala de ensaio e colocamos as nossas fantasias, eu sabia que essa era a melhor ideia que eu já tivera em toda minha vida.

— Ah, esse é o cosplay dos meus *sonhos* — disse Sunil, quando entreguei para ele um suéter laranja, uma saia vermelha e meias laranja.

Nós terminamos de nos trocar e ficamos esperando.

Eu comecei a pensar que essa era uma ideia terrível.

Talvez ele não fosse achar engraçado. Talvez ele fosse olhar para mim e virar as costas.

Só tinha um jeito de descobrir.

— O que tá acontecendo? — Jason perguntou, entrando na sala e franzindo o cenho com nossas vestimentas estranhas. Eu estava com saudades dele. *Meu Deus*, eu estava com tantas saudades dele e da jaqueta fofa e do sorriso suave. — Por que vocês… o que vocês…

Os olhos dele se arregalaram de repente. Ele registrou a saia de Sunil. Minha camiseta verde larga demais e as calças marrons. O lencinho verde de Rooney e a meia-calça roxa.

— Ah, meu Deus — disse ele.

Ele derrubou a mochila no chão.

— Ah. Meu. *Deus* — ele disse.

— Surpresa! — eu gritei, esticando minhas mãos e oferecendo o cachorro de pelúcia que tinha achado em um dos brechós da rua principal.

Rooney jogou o cabelo para trás e fez uma pose de Daphne, enquanto Sunil gritou "MEUS ÓCULOS!" e empurrou os óculos de Velma para cima do nariz.

Jason colocou a mão no coração. Por um segundo, fiquei aterrorizada que ele pudesse ficar irritado ou chateado. Só que então ele sorriu. Um sorriso grande, cheio de dentes.

— Mas que PORRA? Literalmente, MAS QUE PORRA É ESSA. POR QUE VOCÊS ESTÃO VESTIDOS COMO A GANGUE DO SCOOBY-DOO, CACETE?

— Tem uma festa à fantasia hoje à noite — eu falei, sorrindo. — Eu achei que seria divertido.

Jason se aproximou de nós. Então ele só ficou rindo. Primeiro devagar, e depois muito mais alto. Ele tirou o cachorro de pelúcia da minha mão e o olhou, e então ficou gargalhando quase histérico.

— Scooby — ele arfou, entre risadas —, Scooby… é pra ser… um dogue alemão! E isso… é um pug!

Eu comecei a rir junto.

— Foi o melhor que consegui fazer! Para de rir!

— Seu Scooby… — Ele literalmente começou a uivar. — Seu Scooby é um *pug*. O que é isso, difamação extrema?

Ele se abaixou, então só começou a chorar de tanto rir enquanto segurava o pequeno pug de pelúcia.

Demorou alguns minutos para todos nós nos acalmarmos, Jason enxugando as lágrimas do rosto. Nesse tempo, Rooney tinha tirado da mochila as últimas vestimentas que tínhamos comprado naquele dia e as entregou para Jason — um moletom branco, lenço laranja e uma peruca loira.

Ele os olhou.

— Chegou — disse ele — a minha hora de brilhar.

— Então você gosta muito de Scooby-Doo? — Sunil perguntou a Jason mais tarde naquela noite, quando chegamos à balada. Estava lotada de estudantes, vestidos desde super-heróis até uma batedeira gigante.

— Mais do que a maioria das coisas no mundo — respondeu Jason.

Nós dançamos. Nós dançamos *muito*. E pela primeira vez desde que cheguei à faculdade, eu curti de verdade. *Tudo*. A música alta, o chão grudento, as bebidas servidas em copos descartáveis. Os clássicos que a balada estava tocando, as meninas bêbadas com quem fizemos amizade no banheiro por causa do pug de pelúcia que eu estava carregando. Rooney jogando o braço por cima do meu ombro, alegre, dançando enquanto tocava "Happy Together" do The Turtles e "Walking on Sunshine" da Katrina and the Waves. Sunil pegando Jason pela mão e forçando ele a dançar a macarena mesmo que ele achasse que isso era passar vergonha.

Tudo ficou melhor por causa dos meus amigos. Se eles não estivessem lá, eu teria odiado. Eu teria querido voltar para casa.

Eu fiquei de olho na Rooney. Teve uma hora durante a noite que ela começou a conversar bêbada e rindo muito com outro grupo de pessoas, estudantes que eu nunca tinha visto antes, e me perguntei se ela ia fazer a coisa dela e nos abandonar.

Só que, quando eu peguei na mão dela, ela deu as costas para eles, olhou para mim, o rosto iluminado em cores diferentes sob a luz, e pareceu se lembrar do motivo pelo qual ela estava ali. Ela lembrou que tinha a gente.

Eu a puxei de volta para onde Jason e Sunil estavam pulando por todos os lados enquanto "Jump Around" do House of Pain estava tocando, e nós começamos a pular, e ela sorriu bem na minha cara.

Eu sabia que ela ainda estava sofrendo. Eu também. Mas, por um momento, ela parecia feliz. Tão, tão feliz.

No geral, eu tive uma das melhores noites da minha vida universitária.

— Berro — disse Rooney, com a boca cheia de pizza conforme andávamos pelas ruas de Durham de volta para nossos campi. — Essa é a melhor coisa que eu já enfiei na boca.

— Foi isso que ela disse ontem à noite — disse Jason, o que fez Rooney ter uma crise de riso tão forte que rapidamente se tornou uma crise de tosse.

Eu mordi meu próprio pedaço de pizza, concordando com Rooney. Alguma coisa sobre uma pizza no meio da madrugada no inverno congelante do norte era, para ser sincera, celestial.

Jason e eu andamos um do lado do outro, Rooney e Sunil um pouco na frente, engajados em uma discussão sobre qual era a melhor pizzaria em Durham.

Eu não tinha tido a chance de falar com Jason a sós. Até agora. Eu não sabia bem como começar. Como pedir desculpas por tudo. Como perguntar se havia uma chance de sermos amigos de novo.

Felizmente, ele falou primeiro.

— Queria que Pip estivesse aqui — disse ele. — Ela teria amado isso.

Não era o que eu esperava que ele dissesse, mas, assim que ele o fez, eu percebi o quão certo ele estava.

Jason bufou.

— Eu tenho uma visão tão clara dela vestida de Scooby-Doo, fazendo a voz do Scooby.

— Ai, meu Deus. Sim.

— Eu consigo *literalmente ouvir*. E é horrível.

— Ela teria sido horrível.

Nós dois rimos. Como se tudo estivesse de volta ao normal.

Só que não estava.

Não até a gente falar sobre isso.

— Eu — comecei a dizer, mas me impedi, porque não parecia ser o suficiente. Nada do que eu poderia dizer parecia ser suficiente.

Jason se virou para me encarar. Nós tínhamos acabado de chegar a uma das muitas pontes que se esticavam sobre o rio Wear.

— Você está com frio? — ele perguntou. — Você pode pegar minha jaqueta emprestada.

Ele começou a tirar. Meu Deus, eu não o merecia.

— Não, não. Eu só ia falar… Eu só ia pedir desculpas — eu falei.

Jason colocou a jaqueta de volta.

— Ah.

— Me desculpa por tudo. Eu só sinto muito por tudo mesmo. — Eu parei de andar porque conseguia sentir meus olhos enchendo, e não queria chorar na frente dele. Eu não queria mesmo chorar. — Eu te amo tanto e… tentar namorar você foi a pior coisa que eu já fiz.

Jason parou de andar.

— Foi bem ruim, não foi? — ele disse, depois de uma pausa. — Foi bem bosta no geral.

Isso me fez rir, apesar de tudo.

— Você não merecia ser tratado dessa forma — eu continuei, tentando expelir tudo, agora que eu tinha essa chance.

Jason assentiu.

— É verdade.

— E eu preciso que você saiba que não tinha nada a ver com você. Você é perfeito.

Jason sorriu, e tentou jogar para trás o cabelo da peruca dele.

— Também é verdade.

— Eu só sou… Eu só sou diferente. Eu não consigo sentir essas coisas.

— Tá. — Jason assentiu de novo. — Você é… assexual? Ou arromântica?

Eu congelei.

— Espera, quê, você sabe o que é isso?

— Bom, eu tinha ouvido falar. Quando você me mandou a mensagem, eu conectei as coisas então eu fui dar uma estudada, e isso aí. Parecia o que você tinha descrito. — Ele ficou preocupado, de repente. — Eu estou errado? Me desculpa se eu entendi tudo errado.

— Não, não, você está certo. — Eu exalei. — Eu… eu sou. Er, as duas coisas. Aro-ace.

— Aro-ace — Jason repetiu. — Bom.

— É.

Ele colocou a mão dele na minha, e nós continuamos a andar.

— Você não respondeu minha mensagem — eu falei.

— É, eu estava bem magoado. — Ele encarou o chão. — E não podia falar com você enquanto… eu ainda estava apaixonado por você.

Houve uma longa pausa. Eu não sabia o que dizer pra isso.

Finalmente, ele disse:

— Sabe a primeira vez que eu percebi que gostava de você?

Eu olhei para ele, sem saber muito para onde a conversa ia.

— Quando?

— Quando você respondeu grosso ao Sr. Cole naquela vez durante o ensaio de *Os miseráveis*.

Respondi grosso? Não consegui me lembrar de uma vez que eu *respondi grosso* a um professor, muito menos o Sr. Cole, o diretor autoritário das peças do teatro no último ano.

— Eu não me lembro disso — falei.

— Sério? — Jason riu. — Ele estava gritando comigo porque eu tinha falado que precisava faltar ao ensaio naquela tarde pra ir ao dentista. Você estava lá, e ele se virou para você e perguntou, "Georgia, você concorda comigo, né? Jason é o Javert, ele é um papel essencial e deveria ter marcado o dentista pra outra hora". Você sabe como era o Sr. Cole, todo mundo que discordava dele era oficialmente um inimigo. Só que você só o olhou nos olhos e disse "bom, agora já foi, então não adianta ficar gritando com o Jason". E isso fez com que ele calasse a boca e se virasse pra se trancar no escritório.

Eu *de fato* me lembrava desse dia, mas eu não achei que eu tinha sido particularmente corajosa ou grosseira. Eu só tinha tentado defender meu melhor amigo que claramente estava certo.

— Só me fez pensar… Georgia pode até ser quieta e tímida, mas ela se colocaria na frente de um professor assustador se um dos amigos dela estivesse recebendo uma bronca. *Esse* é o tipo de pessoa que você é. Só me fez ter certeza de que você se importava comigo de verdade. E acho que foi meio aí que começou, sabe, eu me apaixonar por você.

— Eu ainda me importo muito com você — eu disse imediatamente, mesmo que eu não achasse que o que eu tinha dito para o Sr. Cole era particularmente especial ou corajoso. Eu ainda queria que Jason soubesse que eu me importava com ele exatamente o mesmo tanto que ele achava naquele momento.

— Eu sei — disse ele com um sorriso. — Foi meio por isso que eu precisava ficar longe de você. Pra eu poder te superar.

— Você superou?

— Eu… estou tentando. Vai demorar um tempo. Mas eu estou tentando.

Eu inconscientemente tirei minha mão da dele. Eu estava piorando as coisas para ele só de estar perto?

Ele notou isso acontecer e houve uma pausa antes de ele falar de novo.

— Quando você me contou o motivo por querer me namorar, bom, óbvio, eu fiquei devastado — ele continuou. — Parecia que… você não se importava comigo de jeito nenhum. Só que depois que eu recebi a sua mensagem, eu comecei a perceber que você só estava muito confusa com tudo isso. Você achou mesmo que a gente poderia ficar junto, porque você *de fato* me ama. Não de um jeito romântico, mas igualmente intenso. Você ainda é a mesma pessoa que me protegeu do Sr. Cole. Você ainda é minha melhor amiga. — Ele me olhou de soslaio. — O fato de você e eu não sermos um casal não muda nada disso. Eu não perdi nada só porque a gente não namora.

Eu escutei, calada, aproveitando o momento para entender o que ele estava dizendo.

— Então está tudo bem com nós sermos só amigos? — eu perguntei.

Ele sorriu e pegou minha mão de novo.

— "Só amigos" parece que ser amigo é uma coisa pior. Pessoalmente, eu acho que é melhor, considerando o quão horrível o nosso beijo foi.

Apertei a mão dele.

— Concordo.

Nós alcançamos o fim da ponte, cruzando de volta para uma viela de paralelepípedos. O rosto de Jason ia e vinha da escuridão conforme passávamos embaixo dos postes. Quando o rosto dele voltou para a luz, ele estava sorrindo, e eu pensei que, possivelmente, eu estava perdoada.

DESCULPAS

Sunil olhou para o porta-retratos com a foto da Sarah Michelle Gellar e do Freddie Prinze Jr na parede por vários segundos antes de dar uma batidinha nela e perguntar:

— Por favor, alguém me explica isso?

— É uma história bem longa — disse Jason, que estava sentado na cama.

— Mas é uma boa história — eu acrescentei. Eu e Rooney estávamos no chão, usando as almofadas de Jason como apoio de costas, embora Rooney estivesse aproveitando para tirar um cochilo daqueles.

— Bom, agora eu estou ainda mais intrigado.

Jason suspirou.

— Que tal eu explicar depois que a gente decidir o que vai fazer sobre a Pip?

Uma semana após nossa saída como gangue de Scooby-Doo, Jason estava de volta à Sociedade Shakespeare. As coisas estavam melhores, e nós tínhamos conseguido fazer um ensaio de verdade.

Só que a gente não poderia fazer a peça sem a Pip.

E não era só sobre isso, afinal. A sociedade era importante para todos nós, só que a amizade com Pip era mais importante. Era *isso* que precisava de salvação.

Eu só não sabia como eu ia fazer isso.

— Estamos falando da Pip? — disse Rooney, que aparentemente tinha acabado de acordar.

Rooney ainda estava saindo para as baladas na maioria das noites e voltando de madrugada. Eu não sabia se eu poderia *impedi-la*, ou mesmo se eu *deveria*. Tecnicamente, ela não estava fazendo nada de errado.

Eu tinha a sensação de que ela só estava fazendo isso para entorpecer todo o resto.

— Achei que estávamos ensaiando — eu falei.

— Não tem por que a gente continuar com os ensaios se Pip não voltar — Jason constatou, e houve um silêncio quando todos nós percebemos que ele estava certo.

Sunil recostou na escrivaninha de Jason e cruzou os braços.

— Então, você tem alguma sugestão?

— Bom, eu tenho falado com ela, e…

— Espera, você *falou com ela*? — disse Rooney, sentando de repente.

— Não foi *comigo* que ela brigou. Nós ainda somos amigos. Nós somos da mesma faculdade.

— Você pode fazer ela voltar, então. Ela vai te escutar.

— Eu já tentei. — Jason sacudiu a cabeça. — Ela está com *raiva*. Pip não perdoa tão fácil. — Ele olhou para mim e para Rooney. — Bom, eu meio que entendo o porquê. O que vocês duas fizeram foi incrivelmente idiota.

Jason *sabia sobre o beijo*. É claro que ele sabia — Pip provavelmente tinha contado tudo para ele. Eu me sinto ficar vermelha por pura vergonha.

— O que vocês fizeram? — Sunil perguntou, curioso.

— Elas se beijaram, e Pip viu — falou Jason.

— *Eita*.

— Hum… a gente pode explicar o nosso lado da história nessa situação? — Rooney perguntou.

— Bom, meu chute era que vocês duas estavam bêbadas e foi ideia de Rooney — disse Jason. — E vocês duas se arrependeram imediatamente.

— Ok, isso foi um belo resumo do que aconteceu.

— Então o que a gente faz? — Sunil perguntou.

— Eu acho que Georgia e Rooney só vão ter que continuar tentando falar com ela até que ela esteja disposta a ouvir. Talvez uma de cada vez, assim ela não teria a sensação de que vocês duas estão juntas contra ela.

— Quando? — falei. — Como?

— Agora — falou Jason. — Acho que uma de vocês deveria ir ao quarto dela e só pedir desculpas frente a frente. Vocês não tentaram de fato pedir desculpas pessoalmente, tentaram?

Nem eu nem Rooney falamos nada.

— Foi isso que pensei.

Uma ideia surge na minha mente.

— A jaqueta da Pip. Uma de nós devia ir buscar e devolver a jaqueta.

Rooney virou a cabeça para mim.

— Sim. Está lá no nosso quarto por tipo, *meses*.

— Você quer que eu corra lá para buscar?

Só que Rooney já estava de pé.

Uma vez que ela voltou da St. John's com a jaqueta jeans de Pip nas mãos, Rooney exigiu que fosse ela quem iria até lá falar com Pip. Ela nem me deixou discutir com ela — só abriu a porta, deu um passo para fora, e disse:

— Qual o caminho pro quarto dela?

Rooney ainda se culpava por tudo, aparentemente. Mesmo que Pip tivesse muito mais motivos para ficar brava comigo.

Eu fui com ela parte do caminho, mas parei no canto a alguns metros de distância para ouvir a conversa. Era de noite, e o jantar tinha acabado, então, com sorte, Pip estaria no quarto.

Rooney bateu na porta de Pip. Eu me perguntei o que ela diria.

Será que isso era uma péssima ideia?

Tarde demais.

A porta abriu.

— Oi — disse Rooney, e então prosseguiu um silêncio notável.

— O que você tá fazendo aqui? — Pip perguntou. A voz dela era baixa. Era estranho ouvir Pip com a voz genuinamente triste. Eu não tinha ouvido ela desse jeito muitas vezes antes… de tudo isso.

— Eu…

Eu esperava que Rooney começasse um grande discurso ou algo do tipo. Falar uma desculpa sincera e esforçada.

Em vez disso, ela disse:

— Hum… sua… jaqueta.

Houve outro momento de silêncio.

— Ok — Pip falou. — Obrigada.

A porta rangeu, e eu olhei pelo canto para ver Rooney esticando o braço para manter a porta aberta.

— Espera! — ela gritou.

— Quê? O que você quer? — Eu não conseguia ver Pip. Ela ainda estava dentro do quarto, mas eu sabia que ela estava irritada.

Rooney estava em pânico.

— Eu… Por que o seu quarto é tão bagunçado?

Era definitivamente a coisa errada a dizer.

— Você literalmente não consegue se impedir de fazer comentários sarcásticos sobre mim, né? — Pip retrucou.

— Espera, desculpa, não era isso que eu…

— Não dá pra você me deixar em paz? É como se você estivesse me assombrando ou qualquer coisa do tipo.

Rooney engoliu em seco.

— Eu só queria pedir desculpas. De verdade. Pessoalmente.

— Ah.

— A Georgia está aqui também.

Eu senti meu estômago gelar quando Rooney apontou na minha direção, onde eu estava escondida. Isso não estava nos planos.

Para alguém que supostamente sabia muita coisa sobre romance, Rooney com certeza não sabia como fazer um gesto grandioso.

Pip deu um passo para fora do quarto para olhar, a expressão dela sombria.

— Não quero falar com nenhuma de vocês — disse, a voz trêmula, e ela se virou para voltar para dentro.

— Espera aí! — eu fiquei surpresa com a minha própria voz saindo da boca, e com a rapidez com que eu corri até o quarto de Pip.

E lá estava ela. O cabelo macio e sem pentear, e ela usava um moletom e shorts. Com o quarto muito bagunçado, até mesmo para ela. Pip estava visivelmente triste.

Só que não tão brava quanto na outra semana, do lado de fora do bar.

Algum progresso, talvez?

— Nós achamos que seria melhor se uma de nós falasse com você — eu desabafei. — Mas… é. Nós duas estamos aqui. E sentimos muito por, sabe. Tudo o que aconteceu.

Pip não disse nada. Ela esperou a gente continuar, mas eu não sabia o que mais dizer.

— Só isso, então? — ela disse, finalmente. — E com isso eu deveria só… perdoar vocês?

— A gente só quer que você volte pra sociedade Shakespeare — disse Rooney, mas, de novo, essa *definitivamente* era a coisa errada a se dizer.

Pip soltou uma risada.

— Ah meu Deus! Eu deveria ter adivinhado. Nem é sobre mim, vocês só precisam da porra do quinto membro para aquela merda da *Sociedade Shakespeare*. Puta que *pariu*.

— Não, não era isso que…

— Eu não faço ideia do motivo de você ligar tanto pra sua peça idiota, mas por que *caralhos* eu ia me colocar numa situação dessa com uma pessoa que me fez pensar que tinha uma chance *mínima* de retribuir meus sentimentos, e então resolveu ir beijar minha melhor amiga? — Pip sacudiu a cabeça. — Eu estava certa esse tempo todo. Você só me odeia.

Esperei a resposta inevitável de Rooney, mas nunca aconteceu.

Ela piscou várias vezes. Eu me virei para olhá-la de verdade, e percebi que ela estava prestes a chorar.

— Eu *realmente* gosto… — ela começou a dizer, mas parou, e então a expressão dela só *desabou*. As lágrimas começaram a escorrer dos olhos, e antes de dizer qualquer outra coisa, ela se virou abruptamente e foi embora.

Pip e eu observamos ela desaparecer no corredor.

— Merda, eu… eu não queria fazer ela chorar — Pip resmungou.

Eu não tinha ideia do que falar agora. Eu quase senti que queria chorar também.

— A gente sente muito — eu falei. — A gente… *eu* sinto muito. Estava falando sério sobre tudo que disse na mensagem. Foi só um erro idiota e bêbado. Nós duas não gostamos uma da outra desse jeito. E eu pedi desculpas para o Jason também.

— Você falou com o Jason?

— Aham, a gente conversou sobre tudo. Acho que estamos bem agora.

Pip não disse nada sobre isso. Ela só olhou para o chão.

— Eu realmente não ligo se você não quiser voltar pra Sociedade Shakespeare — falei. — Eu só quero que a gente possa ser amiga de novo.

— Preciso de um tempo para pensar. — Pip foi fechar a porta, mas, antes de fazer isso, ela disse: — Obrigada por devolver a minha jaqueta.

BETH

Rooney tinha parado de chorar quando eu voltei para o nosso quarto.

Em vez disso, ela tinha trocado para roupas de sair.

— Você vai sair? — eu perguntei, fechando a porta atrás de mim e acendendo o interruptor. Ela nem tinha se dado o trabalho de ligar a luz.

— Vou — ela disse, colocando uma blusa de ombros de fora por cima da cabeça.

— Por quê?

— Porque, se eu ficar aqui — ela retrucou —, vou ter que ficar sentada pensando nas coisas a noite toda e eu não posso fazer isso. Eu não posso ficar sentada sozinha com meus pensamentos.

— Com quem você sai, afinal?

— Só com pessoas da faculdade. Eu tenho *outros amigos*.

Amigos que nunca param por aqui para tomar chá, ou vêm até aqui pra ver um filme e comer pizza, ou checam pra ver se você está bem quando você está magoada?

Era isso que eu queria dizer.

— Ok — eu disse.

A mesma merda de sempre, era o que eu estava dizendo para mim mesma. Era como eu justificava tudo, na verdade. As aulas que ela matava. Dormir até depois do almoço. Sair pra balada todas as noites.

Eu não levei nada daquilo a sério, a sério *de verdade*, até aquela noite, quando acordei às cinco da manhã com uma mensagem escrita:

Rooney Bach
me deixa entrar to do lad de fora da falucdade
esquec minhachav

Tinha sido enviada às 3:24 da manhã. As portas da faculdade ficavam trancadas entre as duas da manhã e as seis — era preciso de chaves para entrar no prédio principal.

Eu acordava com frequência de madrugada e olhava o celular antes de rapidamente voltar a dormir. Só que isso me deixou em tanto pânico que eu dei um pulo da cama e imediatamente liguei para Rooney.

Ela não atendeu.

Eu coloquei meus óculos, meu roupão e pantufas, peguei as chaves e corri porta afora, minha mente de repente preenchida com visões dela morta na vala do esgoto, tendo se afogado no próprio vômito, ou afogada no rio. Ela precisava estar bem. Ela fazia umas coisas idiotas assim o tempo todo, mas *sempre* ficava bem.

A recepção do saguão principal estava escura e vazia conforme eu passei por ela, destranquei a porta e corri para fora no escuro.

A rua também estava vazia, exceto por uma silhueta sentada em uma mureta baixa de tijolos um pouco mais a frente, aconchegada em si mesma.

Rooney.

Viva. Graças a Deus. Graças a *Deus*.

Eu corri até ela. Ela só estava usando a blusa de ombros de fora e uma saia, mesmo estando tipo uns cinco graus.

— O que… o que você está *fazendo*? — eu disse, inexplicavelmente brava com ela.

Ela olhou para mim.

— Ah. Ótimo. Finalmente.

— Você só ficou *sentada aqui* a noite toda?

Ela ficou em pé, tentando parecer despreocupada, mas eu podia ver o jeito como ela estava envolvendo os braços, tentando controlar o tanto que ela estava tremendo violentamente.

— Só algumas horas.

Eu arranquei meu roupão e dei pra ela. Ela se embrulhou nele sem questionar nada.

— Não dava pra você ter ligado pra mais alguém, algum dos seus outros amigos? — perguntei. — Devia ter *alguém* acordado.

Ela sacudiu a cabeça.

— Ninguém estava acordado. Bom, algumas pessoas leram as minhas mensagens, mas devem ter me ignorado. Então a minha bateria morreu.

Fiquei tão alarmada por isso que nem consegui pensar em nada para responder. Eu só levei a gente pra dentro da faculdade de novo e andamos até nosso quarto em silêncio.

— Não dá pra você só… Você precisa ter mais cuidado — falei, quando entramos no quarto. — Não é seguro ficar sozinha esse tempo todo.

Ela começou a tirar a roupa e botar o pijama. Ela parecia exausta.

— Por que você se importa? — ela sussurrou. Não de um jeito maldoso, uma pergunta genuína. Como se ela honestamente não pudesse imaginar qual seria a resposta. — Por que você se importa comigo?

— Você é minha amiga — eu falei, em pé ao lado da porta.

Ela não falou mais nada. Ela só entrou debaixo do cobertor e fechou os olhos.

Eu peguei as roupas descartadas do chão e coloquei na pilha de roupa suja, mas então percebi que o celular dela estava no bolso da saia, então eu o peguei e coloquei para carregar. Eu até coloquei um pouco de água no vaso de Roderick. Ele estava mesmo parecendo um pouco mais alegre.

Então voltei pra cama e me perguntei por que eu me importava com Rooney Bach, a rainha da autossabotagem, a especialista no amor que de especialista não tinha nada. Porque eu me importava. Eu realmente me importava com ela, apesar de todas as nossas diferenças, como nós provavelmente nunca teríamos conversado se não tivéssemos sido colocadas no mesmo quarto, e todas as vezes que ela falou a coisa errada ou deixou uma situação mais bagunçada.

Eu me importava com ela porque eu gostava dela. Gostava da paixão dela pela Sociedade Shakespeare. Eu gostava do jeito como ela se empolgava com coisas que não importavam muito, tipo tapetes, peças e casamento da faculdade. Eu gostava do jeito como ela sempre tentava me ajudar, mesmo que ela nunca soubesse de verdade a coisa certa a se dizer ou fazer, e tinha me dado uns conselhos muito piores do que pareceram no começo.

Eu acreditava que ela era uma boa pessoa e gostava de tê-la na minha vida.

E estava começando a perceber que era impensável para Rooney que alguém pudesse se sentir assim sobre ela.

Eu fui acordada duas horas mais tarde pelo som do telefone de Rooney tocando.

Nós duas o ignoramos.

Quando tocou a segunda vez, eu me sentei e coloquei meus óculos.

— Seu celular está tocando — eu disse, minha voz rouca de sono.

Rooney não se mexeu. Ela só fez um barulho de grunhido.

Eu rolei para fora da cama e tropecei até onde o celular de Rooney estava carregando, na mesinha de cabeceira, e olhei para o identificador de chamadas.

Estava escrito: *Beth*.

Eu encarei o nome. Parecia que eu deveria saber quem era, de alguma forma, como se eu já tivesse ouvido o nome antes.

Então eu percebi que era o nome de alguém que estava a meio metro de mim, na única foto que Rooney tinha colado na parede ao lado da cama. Uma foto que estava um pouco amassada de todas as vezes que tinha caído da parede e sido pisoteada.

A foto de uma Rooney de treze anos e sua melhor amiga na escola. Beth dos cabelos de sereia.

Eu deslizei o dedo para atender a chamada.

— Alô?

— *Oi*? — disse a voz. Beth. Essa era a Beth? A menina na foto com os cabelos tingidos e as sardinhas?

Será que ela e Rooney ainda falavam uma com a outra? Talvez Rooney *tivesse* outros amigos que ligavam para ela, eu só não sabia quem eram.

E então Beth disse:

— *Recebi umas chamadas perdidas desse número ontem à noite e eu queria checar para ver quem era, caso tenha sido uma emergência ou algo assim*.

Eu senti meu queixo cair.

Ela nem mesmo tinha o número de Rooney salvo no celular.

— Hum — eu me encontrei dizendo. — Desculpa, esse na verdade não é meu celular. É o celular da Rooney Bach.

Houve uma pausa.

— *Rooney Bach?*

— Hum, é. Eu sou a colega de quarto dela na faculdade. Ela… estava bem bêbada ontem à noite, então… talvez ela tenha te ligado por isso?

— *É, acho que sim… Desculpa, isso é bem estranho. Eu não a vejo desde que… Nossa, deve fazer uns cinco anos. Eu nem sei por que ela ainda tem meu número*.

Eu encarei a foto na parede.

— Vocês não se falam mais? — eu perguntei.

— *Hum, não. Ela mudou de escola no nono ano, e a gente não manteve contato depois disso*.

Rooney tinha mentido. Ou não? Ela disse que Beth era amiga dela. Talvez isso fosse verdade quando elas eram mais novas. Só que não era mais.

Por que Rooney tinha uma foto de uma amiga com quem ela não falava havia cinco anos pregada na parede?

— *Como ela está?* — perguntou Beth.

— Ela… — Eu pisquei. — Ela está ok. Ela está bem.

— *Que bom. Ela ainda curte teatro?*

Eu não sabia o motivo, mas senti como se eu fosse chorar.

— Sim — eu falei. — Ela ainda curte. Ela ama teatro.

— *Aw, que legal. Ela sempre disse que queria ser diretora, ou algo assim*.

— Você deveria… Você deveria mandar uma mensagem qualquer hora dessas — eu falei, tentando engolir o nó na minha garganta. — Acho que ela ia gostar de conversar um pouco.

— *É* — disse Beth. — *Talvez eu faça isso. Seria legal.*

Eu torcia para que sim. Eu desesperadamente torcia para que sim.

— *Bom, eu vou desligar, então, já que não é uma emergência nem nada. Fico feliz que Rooney esteja bem*.

— Ok — eu falei, e Beth terminou a ligação.

Eu coloquei o celular de Rooney na cabeceira. Rooney não tinha nem se mexido. Tudo que eu conseguia ver era a parte de trás de sua cabeça, o rabo de cavalo caindo, e o resto de seu corpo coberto pelo edredom florido.

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA

O que eu achava que era uma máscara, na verdade era uma muralha. Rooney tinha construído uma muralha de tijolos em volta de alguma parte dela que ninguém tinha permissão de conhecer.

Ela tinha passado o ano todo demolindo a minha muralha até ser despedaçada. Eu merecia a chance de fazer o mesmo com ela.

Então eu convoquei uma reunião de emergência da Sociedade Shakespeare.

A gente ia trazer Pip de volta. E Rooney ia ajudar, quisesse ela ou não.

Era um sábado, e nós concordamos em tomar um café no meio da manhã. Jason tinha treino de remo cedo, Sunil tinha um ensaio da orquestra, e Rooney se recusava a levantar da cama até eu dar com o tapete água-marinha com força na parte de trás da cabeça dela, mas, de alguma forma, todos nós chegamos ao Vennels Café às onze da manhã. Eu finalmente sabia o que era o Vennels.

— Isso é… *muita coisa* — disse Sunil depois que eu expliquei meu plano. — Eu posso chamar Jess. Ela toca viola.

— E eu vou perguntar pro meu capitão de remo se a gente pode pegar umas coisas emprestado — falou Jason, tamborilando a boca com os dedos. — Tenho certeza de que ele vai falar que tudo bem.

— Eu… não quero incomodar ninguém — eu falei. A ideia de outras pessoas virem ajudar parecia meio vergonhosa.

— Não, a Jess vai ficar *magoada* se eu não pedir pra ela participar — disse Sunil. — Ela é obcecada por coisas assim.

— E Rooney? — falou Jason, para Rooney. — O que você acha?

Rooney estava recostada na cadeira e claramente não queria estar acordada.

— É uma boa — ela falou, tentando parecer entusiasmada e falhando drasticamente.

Depois que Jason e Sunil seguiram para os próprios compromissos — Jason tinha um grupo de estudos e Sunil ia encontrar um amigo no almoço — Rooney e eu ficamos sozinhas. Eu pensei que talvez a gente pudesse aproveitar e ficar pra comer, já que ela não tinha tomado café da manhã e a gente não tinha mais nada para fazer.

Nós pedimos panquecas — eu pedi a salgada, e ela, a doce — e conversamos sobre tópicos normais, como as nossas aulas e a semana de leituras que iria acontecer.

Finalmente, porém, ela foi direto ao ponto.

— Eu sei o porquê de você estar fazendo isso — ela disse, o olhar sustentando o meu.

— Fazendo o quê?

— Me fazendo sair pra tomar café da manhã e te ajudar com a coisa da Pip.

— Por quê, então?

— Você está com pena de mim.

Eu arrumei meu garfo e faca perfeitamente em cima do meu prato limpo.

— Na verdade não. Errou. Errou feio.

Dava para ver que ela não acreditava em mim. Então ela disse:

— Você falou com a Beth no telefone.

Eu congelei.

— Você estava acordada?

— Por que você atendeu a ligação?

Por que eu tinha atendido a ligação? Eu sei que a maioria das pessoas só teria deixado ir pra caixa de mensagens.

— Acho que eu queria que ela estivesse ligando para ver como você estava — eu falei, e não sabia se isso fazia sentido.

Eu só queria que Rooney soubesse que alguém tinha ligado. Que alguém se importava. Só que Beth não era essa pessoa. Ela não se importava mais.

— Foi por isso? — perguntou Rooney, com a voz baixa. — Ela ligou para ver como eu estava?

Eu poderia ter mentido.

Mas eu nunca mentia para Rooney.

— Não — falei. — Ela não tinha seu número salvo.

O rosto de Rooney desmoronou. Ela olhou para baixo, para o lado. Ela tomou um gole longo do suco de maçã.

— Quem era ela? — perguntei.

— Por que você tem que fazer isso? — Rooney se inclinou sobre uma mão, cobrindo os olhos. — Eu não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. Eu só quero que você saiba que você pode, se quiser.

Eu pedi outra bebida. Ela ficou sentada em silêncio com os braços cruzados, tentando se encolher ainda mais no canto da sala.

Precisou de duas semanas de planejamento intenso.

Na primeira, nós coordenamos o horário e o lugar, e Jason foi na missão de tentar convencer o capitão do time de remo dele a deixar que a gente usasse o equipamento que precisava. Depois que nós o mandamos negociar com um engradado de cerveja, ele voltou com um sorriso no rosto e uma chave que nos dava acesso às embarcações, e nós comemoramos comendo pizza no quarto de Jason.

Na segunda semana, Sunil trouxe Jess para o ensaio. Apesar de eu ter a sensação de não a conhecer muito bem, tendo conversado só algumas vezes, ela imediatamente exigiu saber onde eu tinha comprado o meu suéter — era bege com padrões multicoloridos da Ilha Fair — e nós ficamos amigas ao conversar longamente sobre nosso amor compartilhado por suéteres de lã estampados.

Jess estava completamente a favor de participar do nosso plano, apesar do número de vezes que eu falei que estava tudo bem se ela estivesse ocupada demais. Então ela pegou a viola, e Sunil pegou o violoncelo, e eu percebi o motivo de ela estar tão animada — eles claramente *amavam* tocar música juntos. Eles começaram a ensaiar a canção, conversando conforme passavam pelas partes difíceis, fazendo anotações minúsculas na partitura.

Os dois pareciam diferentes aqui, em comparação com a Sociedade do Orgulho, onde eles estavam constantemente correndo de um lado para o outro, organizando tudo, sendo o *presidente* e a *vice-presidente*. Aqui eles podiam ser só Sunil e Jess, dois melhores amigos tocando música.

— Não se preocupe, vai estar perfeito até domingo — Sunil prometeu, com um sorriso enorme no rosto.

— Obrigada — eu disse, mas não parecia ser agradecimento o suficiente pelo que eles estavam fazendo.

Rooney relutantemente concordou em ficar com o pandeiro. Das primeiras vezes que ensaiamos juntos, ela só ficou ali, dando tapinhas com a mão, encarando o chão.

Só que, conforme fomos chegando mais perto de domingo, ela começou a aproveitar mais. Começou a mexer a cabeça no lugar quando ensaiamos a música. Às vezes ela até cantava junto, só um pouquinho, como se tivesse certeza de que ninguém a estava escutando.

No fim, eu quase achava que ela estava se divertindo.

Nós todos estávamos, na verdade.

Nós todos estávamos nos divertindo tanto.

E *iria funcionar*.

VÉSPERA

Na véspera daquele domingo, Rooney não saiu.

Eu não sabia bem o motivo. Talvez ela só não estivesse a fim. Só que, seja lá qual foi o motivo, ela olhou por cima da tela do laptop quando saí do banho e perguntou:

— Quer ver uns vídeos no YouTube e comer biscoitos?

Eu me apertei ao lado dela na cama, o que, como na última vez, foi meio desconfortável, então eu só disse sem pensar:

— E se a gente juntar nossas camas?

E Rooney respondeu:

— Por que não?

Então, juntamos. Nós duas empurramos nossas camas para o meio do quarto, pra fazer uma cama de casal gigante, e começamos a ver compilações de TikTok enquanto comíamos um pacote inteiro de biscoitos de chocolate.

— Eu estou bem nervosa por causa de amanhã — confessei, no meio do terceiro vídeo.

— Eu também — disse Rooney, mastigando um biscoito.

— Você acha que ela vai gostar?

— Eu não faço a mínima ideia.

A gente não disse nada por mais um tempo, e logo também acabamos de comer os biscoitos. Quando o quarto vídeo terminou, Rooney não procurou outro, então a gente só ficou deitada ali, em silêncio, sob a luz da tela.

Depois de um tempo — talvez alguns minutos, talvez mais — ela perguntou:

— Você acha que é esquisito eu ainda ter a foto da Beth?

Eu virei minha cabeça para olhá-la.

— Não — respondi. Era a verdade.

— Eu acho — ela falou. Ela parecia exausta.

— Se ela não se deu o trabalho de manter contato quando você mudou de escola, então ela não te merecia — falei. Eu estava com raiva da Beth, na verdade. Estava com raiva por ela ter feito Rooney se importar tanto com alguém que não fazia o mesmo por ela.

Rooney escondeu uma risadinha no travesseiro.

— Não foi ela. Fui eu.

— Como assim?

— Quando eu estava no nono ano… foi quando eu conheci meu ex-namorado.

— Aquele que era horrível?

— Ah, sim. Só tive um namorado. E ele era horrível. Não que eu soubesse na época.

Eu não falei nada. Esperei e deixei que ela me contasse essa história.

— Ele frequentava outra escola. A gente ficava se mandando mensagens todos os dias. Eu fiquei imediatamente obcecada por ele. E eu decidi que a melhor coisa que eu poderia fazer era mudar pra escola dele. — Ela bufou. — Fiquei atormentando meus pais até eles me mudarem de escola. Inventei um monte de mentiras sobre como eu estava sofrendo bullying, que eu não tinha amigos. Como dá pra ver, eu fui a pior criança que já existiu no mundo.

— E Beth era da sua escola velha?

Houve uma pausa, antes de Rooney falar:

— Beth foi a única amiga de verdade que eu já tive.

— Só que… você parou de falar com ela…

— Eu sei — disse Rooney, esfregando os olhos com o punho. — Eu só achei que ter um namorado era a *melhor coisa do mundo*. Achei que estava tão apaixonada. Então imediatamente desisti de tudo. Beth. Todo o resto do pessoal da escola. Minha vida inteira estava naquela escola. Eu tinha hobbies. Frequentava o grupo de teatro. Eu e Beth atuávamos em todas as peças. Eu sempre enchia a paciência da responsável do departamento pra deixar a gente fazer Shakespeare, e ela sempre deixava. Eu era… feliz. Eu era feliz de verdade. — A voz dela ficou baixa. — E eu desisti de tudo isso pra ficar com meu namorado.

E Beth tinha esquecido ela. Rooney se lembrava. Rooney nunca tinha parado de pensar na vida dela e como seria se ela não tivesse escolhido o “amor” acima de

todo o resto. Ela nunca parou de imaginar como teria sido crescer com alguém que genuinamente se importava com ela.

— Minha vida só foi horrível nesses três anos que a gente namorou. Bom, eu falo *namorar*, se você não contar os dez bilhões de vezes que ele terminou comigo e depois decidiu que a gente deveria voltar. E todas as vezes que ele me traiu. — Os olhos de Rooney estavam úmidos. — Ele decidia tudo. Ele decidia quando a gente ia pras festas. Decidia que a gente deveria começar a beber, fumar e usar identidades falsas pra ir pra baladas. Decidia quando a gente ia transar. E eu só ficava pensando… enquanto ele estava feliz, eu estava dentro desse sonho. Era isso que era *amor*. Ele era minha *alma gêmea*. Era isso que todo mundo queria.

Isso tinha acontecido por *três anos*?

— Precisei de *toda* minha força para terminar com ele. — Uma única lágrima escorreu da bochecha dela até o travesseiro. — Porque terminar com ele significava aceitar que eu tinha cometido um erro muito, muito grande. Significava aceitar que isso tudo era minha culpa e que eu tinha fodido a minha própria vida. Perdi minha melhor amiga a troco de nada. Eu poderia ter sido tão feliz, mas o amor me estragou.

Ela parou. Ela só começou a chorar e não conseguia parar, então fiquei segurando-a. Eu passei os braços ao redor dela e a segurei apertado. Eu queria matar o cara que tinha feito isso com ela, que provavelmente estava por aí vivendo a vida dele e nunca pensando em porra nenhuma do que tinha acontecido. Eu queria voltar no tempo e dar a ela a vida que ela merecia porque eu a amava, e ela era uma boa pessoa. Eu sabia que ela era uma boa pessoa.

— A culpa não é sua — eu sussurrei. — Você precisa acreditar nisso.

Ela esfregou os olhos freneticamente, o que não ajudou muito.

— Desculpa — ela falou, rouca. — Isso sempre acontece quando eu falo sobre isso.

— Eu não ligo se você chorar — falei.

— Eu só… odeio a ideia de as pessoas me conhecerem porque, bom, elas certamente vão me odiar do mesmo jeito que eu me odeio.

— Só que eu não odeio — eu disse. — Eu não te odeio.

Ela não respondeu. Ela continuou de olhos fechados. E não sei quando nós duas caímos no sono, mas nós dormimos abraçadas daquele jeito na nossa cama

de casal improvisada, e eu sabia que não tinha um jeito fácil de consertar isso, só que esperava que ela se sentisse segura, ao menos. Talvez eu nunca fosse substituir a Beth, talvez Rooney precisasse de um tempo para passar por cima daqueles sentimentos, e talvez não tivesse nada que eu pudesse fazer pra ajudar. Só que eu esperava que ela pudesse se sentir segura comigo.

SUA CANÇÃO

Domingo chegou, e eu estava vestida com um terno e uma gravata — emprestados de um amigo de Sunil e Jess, já que eu não tinha nada bonito assim — encarando um barco a remo.

Não era um barco de corrida — era mais largo, feito para viagens casuais no rio, então todos nós caberíamos com os instrumentos, e era improvável que alguém caísse. Ainda assim, eu estava começando a sentir que essa era uma ideia horrível.

— Isso é uma ideia horrível — falei para Jason, que estava em pé ao meu lado na margem do rio, vestido com um colete salva-vidas amarelo neon por cima do próprio terno. Era um look e tanto.

— Não é uma ideia horrível — ele disse. — É muito boa.

— Eu mudei de ideia. Prefiro morrer.

— Você está com medo do barco, ou do que vai acontecer quando nós entrarmos no barco?

— Tudo. Eu me arrependo do fato de querer envolver um barco nessa história para começo de conversa.

Jason passou um braço ao meu redor e apertou. Eu encostei minha cabeça contra ele.

— Você consegue fazer isso, ok? Quer dizer, você é doida pra cacete por querer fazer, mas isso literalmente vai entrar pra história. Sério, eu não ficaria surpreso se fosse um hit na internet.

Eu olho para ele em pânico.

— Eu *não* quero que isso seja um hit. Eu quero fazer isso e nunca mais pensar nessa história de novo. Ninguém pode postar isso no YouTube.

— Ok. Não vai ser um hit. A gente pode esquecer que esse dia existiu.

— Obrigada.

— Colete salva-vidas?

— Sim, por favor.

Ele me ajudou a colocar o colete. Era roxo neon.

Rooney se aproximou de nós, também vestindo um terno, com um colete salva-vidas azul marinho, segurando o pandeiro.

— Pronta? — ela perguntou.

— Não.

Sunil e Jess estavam atrás de nós, os instrumentos em mãos. Sunil me deu um sinal positivo com o polegar.

— Tudo vai dar certo — falou Sunil.

— E se não der — disse Jess —, ao menos vamos ter nos divertido!

— Agora entra na porra do barco — disse Jason.

Eu suspirei e entrei na porra do barco.

Nós tínhamos conversado com uma das poucas pessoas que eu sabia que eram amigas de Pip. Ou melhor, Jason tinha. Jason era amigo dele no Facebook, e tinha perguntado se ele conseguia fazer Pip chegar à ponte Elvet exatamente às cinco da tarde — mais ou menos na hora em que o sol começaria a se pôr. O amigo de Pip concordou.

Eu tinha participado de sete peças na escola, e quatro espetáculos do grupo de teatro estudantil. Tinha entrado na faculdade a quase quinhentos quilômetros de casa, tinha concordado em dividir o quarto com uma estranha, tinha ido para uma balada pela primeira vez mesmo sabendo que eu odiaria, e eu tinha saído do armário para quatro pessoas.

De alguma forma, nada era tão assustador quanto isso.

Só que eu ia fazer isso. Pela Pip.

Para mostrar que eu a amava.

Jason — que agora eu via que tinha conseguido muita massa muscular desde que se juntou ao clube de remo — estava remando nós cinco rio abaixo. A St. John's não ficava longe da ponte Elvet, só que começamos a chamar muita atenção conforme chegávamos mais perto do centro da cidade, passeando no barco com

nossos ternos e gravatas, com instrumentos musicais cuidadosamente colocados nos nossos pés.

Não tinha absolutamente nenhuma razão para fazer isso em um barco, fora o efeito dramático. E por isso eu estava um pouco arrependida, mas, no geral, eu sabia que Pip amaria. Pip amava qualquer coisa que fosse um pouco ridícula e teatral.

Os outros estavam todos rindo e dando gritinhos animados, o que me deixava contente, porque eu estava tão nervosa que eu não conseguia nem falar. Eu estava congelando, também, mas ao menos a adrenalina deixava meu sangue quente.

A ponte apareceu lentamente no horizonte. Sunil ficou checando o relógio para se certificar de que estávamos na hora marcada.

— Quase lá — Jason murmurou atrás de mim.

Eu me virei para ele, reconfortada com sua presença.

— Vai ser incrível — ele falou.

— Você acha mesmo?

— Acho.

Eu tentei sorrir um pouco.

— Obrigada por ajudar.

Jason deu de ombros.

— É pra isso que servem os amigos.

Eu abri um sorriso.

— É só me falar se você precisar de ajuda com algum gesto platônico elaborado, se você quiser.

— Pode deixar.

E quando eu me virei e olhei para cima, Pip estava na ponte.

Os olhos dela estavam arregalados atrás das lentes. O vento do inverno chicoteava a massa de cachos escuros. Ela estava aconchegada em uma japona grossa, em pé ao lado do amigo que, felizmente, trouxe ela bem na hora.

Ela estava olhando para mim, o queixo caído, absolutamente espantada.

Eu só dei um sorriso. Não conseguia evitar.

— Oi! — eu gritei na direção dela.

E então ela sorriu de volta e gritou:

— Mas que porra é essa?

Eu me virei para todos no barco. Sunil, Jess e Rooney tinham pegado seus instrumentos, prontos para começar. Eles estavam esperando por mim.

— Prontos? — eu disse.

Eles assentiram. Eu fiz a contagem regressiva.

Então, com três acompanhantes, eu fiquei em pé num barco no rio Wear e cantei "Your Song" — a versão especificamente de *Moulin Rouge* — para Pip Quintana, que ainda não me conhecia tão bem quanto eu queria que ela me conhecesse, mas, mesmo assim, era uma das melhores pessoas que eu já conheci.

O OPOSTO DE CURIOSIDADE

A gente não tocou os três minutos e trinta e nove segundos inteiros de "Your Song", em vez disso preferindo ficar com noventa segundos seguros para que a coisa toda não ficasse vergonhosa *demais*, e desconcertante para todos os envolvidos. Só que eu provavelmente ainda ia olhar pra trás e passar vergonha me lembrando disso para o resto da minha vida.

Quando a música acabou, tínhamos atraído uma multidão de espectadores no centro de Durham, e o sorriso de Pip era tão largo e brilhante que eu só conseguia pensar que ela parecia o Sol. Nosso espetáculo tinha cumprido seu propósito.

Jason me cutucou de lado.

Eu olhei para ele, sentindo o quanto meu rosto estava queimando.

— Que foi?

— Você precisa fazer a pergunta.

Ah é.

Eu peguei o alto-falante que havíamos trazido do fundo do barco — cuidadosamente, para que eu não caísse na água, o que estava se tornando um perigo crescente nessa altura — e o ergui.

— *Pip Quintana* — eu falei, e saiu tão alto pelo megafone que eu mesma dei um pulo.

Pip pareceu incrivelmente envergonhada, e não parecia entender o que estava acontecendo.

— Sim?

— *Você quer ser minha esposa de faculdade?*

A expressão no rosto dela me dizia que ela não estava esperando essa pergunta.

Então ela bateu a palma da mão na testa. Ela *entendeu*.

— SIM! — ela berrou na minha direção. — E EU TE ODEIO!

Então as pessoas começaram a aplaudir. Todas as pessoas aleatórias que tinham parado na ponte ao lado do rio para observar — um monte de estudantes, mas também vários moradores de Durham — aplaudiram, e alguns deles assobiaram. Foi uma cena e tanto. Tipo um filme. Eu rezei para que ninguém tivesse filmado.

E Pip começou a chorar.

— Ah, porra — eu falei. — Jason?

— Quê?

— Ela tá chorando.

— Ela está, sim.

Eu dei um tapinha no braço de Jason.

— A gente precisa voltar pra margem.

Jason pegou os remos.

— Vamos nessa.

Quando chegamos à margem, Pip já tinha descido os degraus da ponte correndo, contornado o caminho de pedra e chegado à margem coberta de grama. Quando eu saí do barco, ela correu na minha direção e me abraçou tão agressivamente que eu tropecei para trás, caí, e de repente nós duas estávamos sentadas com a água do rio Wear até a cintura.

De alguma forma, nada disso parecia importar.

— Por que você é *assim*? — foi a primeira coisa que Pip disse para mim, furiosamente esfregando as lágrimas dos olhos, enquanto novas lágrimas substituíam as velhas rapidamente.

— Tipo como? — eu perguntei, genuinamente confusa.

Pip sacudiu a cabeça, se afastando um pouco.

— *Assim*. — Ela riu. — Eu nunca teria feito algo desse tipo. Eu sou tonta demais.

— Você não é tonta.

— Ah, sou sim. Uma tonta e tanto.

— Você está falando com alguém que está coberta de água do rio até a cintura no meio de fevereiro.

Ela abriu um sorriso.

— Vamos continuar essa conversa em outro lugar?

— Seria bom.

Nós acabamos voltando para o barco — dessa vez, com Pip — e remando de volta até a St. John’s. Pip estava tão empolgada com isso que ela quase virou o barco, e eu e Jason precisamos nos esforçar muito para convencê-la a sentar e ficar imóvel, mas a gente conseguiu chegar à faculdade sem nenhum acidente.

Rooney ficou sentada no fundo, tentando não olhar para Pip. Eu notei que Pip a olhava algumas vezes, quase como se quisesse dizer algo para ela, mas não o fez.

Antes de todos desembarcarmos de volta para o gramado da faculdade, eu agradeci a todos por me ajudarem.

— Tudo é pela causa do amor — respondeu Sunil, passando um braço ao redor de Jess.

Ele estava certo, acho.

Tudo isso era em nome do amor, de um jeito ou de outro.

Pip e Rooney finalmente decidiram reconhecer a existência uma da outra, quando Pip disse:

— Você foi boa… com o pandeiro.

Tinha sido um elogio sincero, mas de alguma forma parecia um xingamento. Rooney só disse “Obrigada”, e então murmurou qualquer coisa sobre encontrar outra pessoa no centro, tirou o colete salva-vidas e foi embora antes que Pip pudesse dizer algo mais.

A última pessoa a se despedir foi Jason. Ele me deu um abraço forte, e depois se virou, as barras das calças úmidas e as mangas cheias de pingos d’água.

Então só ficamos Pip e eu.

Não precisava nem ser combinado que Pip ficaria e conversaria comigo naquela tarde. Ela só fez isso.

Me lembrou de como nós éramos quando nos conhecemos. Tínhamos onze anos. Esse foi o ano em que fomos a todos os lugares uma com a outra, tentando entender se tinha mais alguém que poderíamos convidar para o nosso círculo, e finalmente percebendo que, por enquanto, seríamos só nós duas.

Eu a levei para o meu quarto. Rooney não estava lá — ela tinha ido mesmo para a cidade, e eu tinha a sensação de que ela não voltaria muito em breve — só

que nossas camas ainda estavam juntas, os lençóis bagunçados, e tudo de ontem à noite voltou em um impulso repentino. A confissão de Rooney. As lágrimas.

Eu percebi, de repente, que essa provavelmente não era a melhor impressão para dar a Pip, que tinha ficado brava comigo e com Rooney porque achava que nós éramos um casal.

— Hum — eu falei. — Isso não é… a gente não…

— Eu sei — Pip falou. Ela sorriu para mim, e eu soube que ela acreditava em mim. — Ei, o Roderick encolheu?

Ela andou até Roderick e se abaixou. Apesar do tanto de folhas que eu tinha cortado fora, ele parecia ter crescido desde a última vez que eu o reguei. Talvez não estivesse completamente morto, afinal de contas.

Pip estremeceu, e foi então que eu lembrei que tanto eu quanto ela ainda estávamos encharcadas da cintura para baixo.

Eu peguei um moletom para ela e um pijama para mim, e, quando eu me virei, Pip estava praticamente arrancando os jeans das pernas na pressa de se livrar deles.

Minha calça de moletom ficou comicamente comprida em Pip, mas ela rolou a barra para cima, e logo estávamos as duas aconchegadas no carpete, contra a lateral da cama, com canecas de chocolate quente e um cobertor em cima das nossas pernas.

Eu sabia que precisava ser a primeira pessoa a dizer algo sobre o que tinha acontecido, mas eu ainda era péssima em ter conversas profundas, ou falar sobre emoções de qualquer forma, sendo necessários alguns minutos de Pip tagarelando sem pressa sobre as aulas e as saídas pra balada com os amigos, antes de eu falar o que eu realmente queria.

Que no caso era:

— Me desculpa. Eu sei que já falei isso, mas é sério, eu sinto muito.

Pip olhou para mim.

— Ah — disse ela. — Tá.

— Eu entendo completamente você não querer falar comigo depois da coisa toda que rolou no Baile Bailey — eu continuei, sem conseguir olhá-la diretamente nos olhos. — Eu sinto muito por, sabe, tudo que aconteceu. Foi uma coisa bem merda de se fazer. Por vários motivos.

Pip ficou calada por um momento. Então ela se virou e assentiu.

— Obrigada por dizer isso — falou ela, achatando os cachos, desconcertada. — Eu acho que eu soube bem na hora que fora um erro pra vocês duas, mas… é. Ainda doeu.

— É.

— Eu só… — Ela olhou para mim, encontrando meu olhar. — Ok. A gente está sendo honesta, né?

— Aham. Claro.

— Bom, eu gostava mesmo da Rooney. Gostava de verdade. — Ela inclinou a cabeça para trás. — Eu sei que eu nunca falei em voz alta, mas eu não queria admitir isso pra mim mesma. Só que você sabia, né? Quer dizer, você disse que sabia.

Eu sabia. Era por isso que aquela situação toda era horrível.

— Sabia — falei.

— Eu não queria admitir, porque… — Ela riu. — Eu estou cansada pra *caralho* de gostar de meninas héteros. Passei minha adolescência *inteira* ficando apaixonada por meninas héteros, talvez ganhando só um beijinho de uma garota levemente curiosa que imediatamente voltava para o namorado. Então eu venho pra faculdade na esperança de finalmente conseguir encontrar várias outras meninas queer… e imediatamente tenho uma queda por uma menina hétero de novo. — Ela bateu a mão na testa. — Por que eu sou a *gay mais burra que existe*?

Eu sorri. Não conseguia evitar.

— Cala a boca — disse Pip, rindo também. — Eu sei. Eu *sei*. Eu estava indo *tão bem*. Eu me filiei à Sociedade do Orgulho e à Sociedade Latino-americana, até fui a uns daqueles jogos idiotas de Frisbee, mas *ainda* estava cometendo os mesmos erros. Quando você e ela se beijaram, eu só senti que foi a maior traição que vocês poderiam ter feito.

Eu a abracei. Forte.

— Me desculpa. Me desculpa mesmo.

Ela me abraçou de volta.

— Está tudo bem.

Nós ficamos daquele jeito por muito tempo.

Então ela disse:

— Eu só não entendo o *porquê* de esse beijo ter acontecido. Assim, eu acho que nunca fiquei tão genuinamente chocada com alguma coisa na minha vida.

Eu senti que estava ficando vermelha.

— A Rooney não explicou?

— Pra ser sincera, eu estava tão puta que eu mal ouvi o que ela estava falando. — Ela soltou uma risada. — E quando eu tinha me acalmado, acho que já era tarde demais.

— Ah.

Pip olhou para mim.

— Georgia… eu não quero… *forçar* você a falar sobre nada que você não queira. Não é isso que as pessoas deveriam fazer com qualquer pessoa, especialmente com os amigos, e especialmente com coisas tipo… sexualidade. — A voz dela ficou mais suave. — Mas eu queria que ao menos você soubesse que *pode* falar comigo sobre isso, se você *quiser*, e eu prometo que vou entender.

Eu congelei.

Ela sabia que tinha alguma coisa acontecendo.

Ela sabia havia eras, provavelmente.

— Eu não tinha ideia se você entenderia — eu falei, minha voz saindo baixinha.

Pip hesitou, e soltou uma risada curta e exasperada.

— Não sei se você sabe desse fato, Georgia Warr, mas eu sou uma lésbica excepcionalmente descomunal com uma vida inteira de experiência em ter pensamentos gays.

Eu ri.

— Eu sei. Eu estive ao seu lado durante toda a fase da Keira Knightley.

— Minha fase da Keira Knightley ainda existe, muito obrigada. Eu ainda tenho aquele pôster dela na minha parede.

— *Ainda?*

— Eu não consigo jogar fora. Representa o meu despertar gay.

— Você não consegue jogar fora porque ela é gata, é isso que está me dizendo.

— Talvez.

Nós duas abrimos sorrisos, mas eu não sabia como prosseguir dali em diante. Eu só deveria dizer? Deveria encontrar algum artigo para ela ler? Eu deveria só

esquecer esse assunto porque ela nunca entenderia?

— Então — disse Pip, virando o corpo para que ficasse de frente para mim. — Keira Knightley. O que acha?

Eu bufei.

— Você está perguntando se *eu* gosto da Keira Knightley?

— Isso.

— Ah. — Então era assim que a gente ia fazer. — Bem, não.

— E que tal… meninas no geral?

Pip segurou a caneca na frente da boca, me encarando com uma cautela silenciosa.

— Não — murmurei.

Acho que eu tinha certeza sobre isso agora, mas ainda assim parecia quase impossível admitir. Para Pip, ao menos, seria provavelmente mais fácil compreender se eu de fato *gostasse* de meninas.

— Então, a coisa com a Rooney… — Pip olhou para baixo. — Foi só… você só tinha curiosidade?

Curiosidade. Eu queria rir. Eu tinha, e sempre tivera, o oposto de curiosidade.

— *Desesperada* é a palavra que eu usaria — eu falei antes que eu pudesse me impedir.

Pip franziu o cenho, confusa.

— Desesperada pelo quê?

— Desesperada para gostar de alguém. — Eu olhei para Pip. — Qualquer um.

— Por quê? — ela sussurrou.

— Porque… eu não gosto. Não consigo. Não consigo gostar de ninguém. Nem meninos, nem meninas, nem ninguém. — Eu passei a mão pelo cabelo. — Só não dá. Eu nunca vou conseguir.

Eu esperei pelas palavras que sem dúvida se seguiriam. *Você não sabe disso. Talvez você encontre alguém um dia. Você só não encontrou a pessoa certa ainda.*

Só que tudo que ela disse foi:

— Ah.

Ela assentiu lentamente, do jeito que ela fazia quando estava pensando muito em um assunto.

Eu só teria que pronunciar as palavras.

— O nome disso é assexual arromântico — eu falei em uma única respiração.

— Ah — ela disse de novo.

Eu esperei que ela dissesse mais, só que ela não disse nada. Ela só ficou sentada ali, pensando muito no assunto.

— O que achou? — perguntei, soltando uma risadinha nervosa. — Preciso pegar o artigo da Wikipédia pra você?

Pip saiu da sua bolha de pensamentos e me encarou.

— Não. Não preciso da Wikipédia.

— Eu entendo que soa estranho. — Eu conseguia sentir que estava corando. Será que um dia eu pararia de sentir vergonha de ter que explicar isso pras pessoas?

— Não é estranho.

— Mas soa estranho.

— Não soa, não.

— Soa, sim.

— *Georgia*. — Pip sorriu, um pouco exasperada. — Você não é estranha.

Ela era a primeira pessoa a dizer isso pra mim.

Eu odiava que eu ainda sentia, às vezes, lá no fundo, que eu não era normal.

Talvez demorasse um tempo para eu superar essa sensação.

Talvez, pouco a pouco, eu poderia começar a acreditar que estava tudo bem comigo.

— É bem comprido, né? — Pip continuou, voltando a recostar na lateral da cama. — Oito sílabas inteiras. Um bocado de palavras.

— Algumas pessoas falam aro-ace pra encurtar.

— Ah, isso é *bem* melhor. Parece um personagem de *Star Wars*. — Ela fez um gesto dramático com a mão. — *Aro. Ace.* Defensor do universo.

— Ok, eu odiei isso.

— Qual é. Você ama o espaço.

— Não.

Só estávamos brincando, mas eu meio que queria gritar. *Me leve a sério*.

Ela entendeu.

— Desculpa — ela falou. — Eu não sei falar dessas coisas sérias sem transformar tudo em piada.

Eu assenti.

— É. Tudo bem.

— Você sempre se sentiu assim na escola?

— Aham. Eu só não compreendia tudo. — Dei de ombros. — Achei que eu era exigente demais. E meus sentimentos pelo Tommy foram um alarme falso.

Pip descansou a cabeça contra os lençóis, esperando para ouvir o resto.

— Acho… que eu meio que sempre fiquei desconfortável quando tentava ter sentimentos por alguém. Só parecia errado e esquisito. Como o que aconteceu com Jason. Eu sabia que não gostava dele desse jeito, porque, quando tentávamos fazer qualquer coisa romântica, só parecia… *errado*. Mas achei que todo mundo se sentia assim e que eu só precisava continuar tentando.

— Posso fazer uma pergunta idiota? — Pip interrompeu.

— Er, tá?

— Isso vai soar ruim mas, tipo, como você sabe que um dia você não vai encontrar alguém?

Essa era a pergunta que me atormentava havia meses.

Só que, quando Pip a fez, eu percebi que já sabia a resposta.

Finalmente.

— Porque eu me conheço. Eu sei o que eu sinto e o que eu tenho a capacidade de sentir, acho. — Eu dei um sorriso meio fraco pra ela. — Quer dizer, como você sabe que você não vai se apaixonar por um cara qualquer dia desses?

Pip fez uma careta.

Eu ri.

— Exatamente. Você só *sabe* isso sobre você mesma. E agora eu também sei.

Uma pausa se seguiu, e eu conseguia ouvir meu próprio coração batendo no peito. Eu mal podia esperar para o dia em que falar sobre isso não me deixasse suando frio ou com uma precipitação de adrenalina.

De repente, Pip bateu com tudo a caneca no carpete e berrou:

— Não acredito que nenhuma de nós percebeu isso antes! Puta que pariu! Porra, por que a gente é assim?!

Eu peguei a caneca dela, levemente alarmada, e a coloquei num lugar seguro, longe, na minha mesa de cabeceira.

— Do que você está falando?

Ela sacudiu a cabeça.

— A gente estava literalmente passando pela mesma coisa ao mesmo tempo, e *nenhuma das duas percebeu*.

— A gente estava?

— Bom, sim, com alguns detalhes de diferença.

— Tipo o fato de você gostar de meninas?

— Sim, tipo esse. Só que, *fora isso*, nós duas estávamos tentando nos forçar a gostar de meninos, nós duas estávamos tendo dificuldade com o fato de que não tínhamos *crush* nas pessoas que deveríamos ter. Nós duas estávamos nos sentindo, sei lá, *esquisitas e diferentes*! E *nenhuma das duas gosta de meninos*! E… ah, meu *Deus*, fui eu que vinha até você falando tipo "ah não, que tristeza, eu acho que sou gay e não sei o que fazer" enquanto você estava lá num estado tão intenso de se reprimir que você literalmente achou que era hétero, mesmo quando fazer qualquer coisa com meninos fazia você querer *vomitar*.

— Ah — falei. — Aham.

— É!

— Nós duas somos tontas?

— Acho que somos, sim, Georgia.

— Ai, não.

— Sim. É essa a conclusão dessa conversa.

— Ótimo.

Pip começou a rir. E isso me fez rir também. Nós duas ficamos rindo histéricas, o som ecoando pelo quarto, e eu não conseguia me lembrar da última vez em que eu e Pip tínhamos rido juntas desse jeito.

Nós acabamos perdendo o jantar, então decidimos fazer um piquenique com todos os lanchinhos que eu guardava no quarto — dos quais havia mais do que o suficiente. Nós sentamos no chão e comemos biscoitos da marca genérica do supermercado, meio pacote tamanho família de crisps de cebola caramelizada, e pãezinhos que estavam definitivamente endurecidos, enquanto a gente assistia a *Moulin Rouge*, claro.

Fora parecido com a noite anterior, vendo vídeos no YouTube com a Rooney. Se eu pudesse passar todas as noites do resto da minha vida comendo lanchinhos

e assistindo a algo bobo, deitada numa cama gigante com um dos meus melhores amigos, eu ficaria contente.

Meu futuro ainda me aterrorizava, mas agora parecia um pouco mais alegre, com os meus melhores amigos por perto.

Nós não falamos mais sobre identidades, romance e sentimentos até que o filme estivesse quase acabando, quando tínhamos ido deitar na cama e estávamos enroladas nos meus lençóis, em silêncio, por quase uma hora inteira. Eu estava quase caindo no sono.

Só que Pip falou, e a voz dela era suave e baixinha na luz fraca do cômodo.

— Por que você me pediu em casamento? — Pip perguntou.

Fora por muitos motivos. Eu queria fazer um gesto grandioso, queria animá-la, queria que ela voltasse a ser minha amiga, e eu queria consertar as coisas. Eu sabia que Pip também sabia disso tudo.

Só que talvez ela só precisasse ouvir isso em voz alta.

— Porque eu te amo — falei —, e você merece ter momentos mágicos na sua vida.

Pip me encarou.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

Ela se inclinou em uma mão, cobrindo os olhos.

— Sua filha da puta. Eu não estou bêbada o suficiente pra chorar enquanto tenho uma conversa emotiva com os amigos.

— Eu que não vou pedir desculpas.

— Pois devia! Cadê a porra das *suas* lágrimas!

— Eu não choro na frente de ninguém, cara. Você sabe disso.

— Fazer você chorar de emoção vai se tornar a minha nova missão de vida.

— Boa sorte.

— Vai acontecer.

— Claro.

— Eu te odeio.

Eu abri um sorriso para ela.

— Eu também te odeio.

BAGUNÇA

Eu acordei grogue na manhã seguinte com o som da porta do quarto abrindo e, quando ergui a cabeça, não fiquei surpresa em ver que Rooney estava se esgueirando para dentro vestindo as roupas da noite passada — o terno completo que ela tinha vestido como parte do pedido de casamento da faculdade.

Isso era um acontecimento relativamente normal a essa altura, mas o que *não* era normal era o jeito como Rooney congelou bem em cima do tapete água-marinha e encarou o espaço ao meu lado na cama — o lado dela — que estava sendo ocupado por Pip Quintana.

Pip e eu tínhamos conversado tanto que, quando Pip se tocou que provavelmente deveria voltar pra própria faculdade, já era perto da meia-noite, então eu emprestei um pijama para ela e ela tinha ficado por aqui. Nós duas tínhamos completamente esquecido o fato de que as coisas poderiam ficar bem estranhas entre Pip e Rooney se elas estivessem no mesmo quarto.

Houve alguns segundos muito óbvios de silêncio.

Então eu disse:

— Bom dia.

Rooney não disse nada por um instante, e começou a lentamente a tirar os sapatos, dizendo:

— Bom dia.

Senti um movimento ao meu lado e me virei para olhar, pegando os óculos na mesa de cabeceira. Pip estava acordada, os próprios óculos já no rosto.

— Ah — disse ela, e consegui ver um tom avermelhado preenchendo suas bochechas. — Desculpa, eu… nós provavelmente deveríamos ter perguntado se você…

— Tá tudo bem! — Rooney guinchou, se virando de costas e freneticamente revirando a nécessaire procurando por um pacote de lenços demaquilantes. — Você pode ficar se quiser!

— Sim, mas este também é seu quarto…

— Eu não ligo!

Pip sentou na cama.

— O-ok. — Ela começou a sair da cama com pressa. — Eu provavelmente já deveria ir mesmo, tenho aula de manhã.

Eu franzi o cenho.

— Espera aí, são sete da manhã.

— Sim, bom, eu preciso lavar meu cabelo e tal, então…

— Você não precisa ir embora por minha causa! — disse Rooney do outro lado do quarto. Ela estava de costas para nós, esfregando a cara com o lenço.

— Não é por sua causa! — disse Pip, um pouco rápido demais.

As duas estavam em pânico. Rooney começou a se trocar e colocar o pijama só pra ter alguma coisa pra fazer. Pip começou a recolher suas próprias roupas da noite anterior enquanto estava com os olhos determinadamente longe de Rooney, que agora só usava o short do pijama.

Eu queria muito, muito dar risada, mas em consideração a elas, fiquei de boca fechada.

Pip passou muito mais tempo do que precisava catando suas coisas, e, felizmente, quando ela se virou, Rooney já tinha vestido a blusa do pijama e estava sentada na escrivaninha, tentando parecer casual ao mexer no celular.

— Bom — Pip olhou para mim, quase desorientada. — Eu… vejo você depois?

— Aham. — Eu comprimi meus lábios para não soltar uma gargalhada.

Pip foi sair do quarto, mas de repente olhou para a pilha de roupas que estava em suas mãos e disse:

— Ah, merda, er, eu acho que essas aqui não são minhas — Ela tirou um par de leggings escrito "St. John's College". Eram de Rooney.

Rooney olhou para trás, fingindo indiferença.

— Ah, sim, são minhas. — Ela esticou a mão.

Pip não teve outra escolha a não ser se aproximar de Rooney e entregá-las.

Os olhos de Rooney ficaram focados nos de Pip conforme ela lentamente se aproximou. Pip entregou as leggings e as jogou na mão aberta de Rooney de uma altura que sugeria que ela estava nervosa de colocar a mão dela remotamente próxima da pele de Rooney.

— Valeu — disse Rooney.

Ela deu um sorriso desconfortável.

— Sem problemas. — Pip ficou perto da escrivaninha de Rooney. — Então… você saiu ontem à noite, ou…?

Claramente Rooney não estava esperando isso. Ela apertou as leggings na mão.

— Ah, sim! Bom, eu estava… eu e uns amigos fomos no Wiff Waff e depois ficamos no quarto deles. — Rooney apontou para a janela. — Em outro prédio. Não queria me dar o trabalho de voltar andando pra cá.

Pip assentiu.

— Legal. Wiff Waff… esse é o bar de tênis de mesa, né?

— Aham.

— Parece divertido.

— Sim, foi bom. Só que eu fico competitiva demais.

Pip sorriu.

— É, eu sei.

Pelo olhar no rosto dela, essa constatação pareceu abalar o mundo de Rooney.

— Sim — Rooney disse, se esforçando, depois de uma longa pausa. — Então, você dormiu aqui com a Georgia?

— Ah, é — Pip de repente perdeu o rumo. — Quer dizer, só platonicamente. Óbvio. Nós não… A Georgia não…

— Eu sei — disse Rooney, apressada. — A Georgia não gosta de sexo.

A boca de Pip estremeceu. Rooney usar a palavra "sexo" pareceu alastrar uma nova onda de pânico nela.

— A Georgia está bem aqui — eu falei, sem conseguir esconder o sorriso gigante no rosto nessa altura.

Pip deu um passo para trás, as bochechas coradas em vermelho.

— Enfim, é melhor eu ir.

Rooney parecia aturdida.

— Ok.

— Eu… bom, foi bom… isso aí.

— Isso.

Pip abriu a boca para dizer mais alguma coisa, lançou um olhar em pânico na minha direção, e depois ela saiu do quarto sem falar mais nenhuma palavra.

Nós esperamos mais alguns segundos até ouvir a porta no fim do corredor fechar.

Rooney explodiu.

— PORRA, GEORGIA, VOCÊ ESTÁ ZOANDO COM A MINHA CARA? Você não poderia ter me feito a pequena cortesia de ME AVISAR que a menina que eu gosto estaria BEM AQUI na hora que eu voltasse? — Ela começou a andar em círculos. — Você acha que eu teria entrado usando a porra das roupas DE ONTEM À NOITE com a PORRA da minha cara borrada de maquiagem se eu soubesse que Pip Quintana estaria aqui com a PORRA da cara de sono mais fofa que eu já vi na PORRA da minha vida inteira?

— Você vai acordar o corredor inteiro — eu falei, mas ela sequer parecia ter me ouvido.

Rooney se jogou no seu lado da cama primeiro.

— Que tipo de impressão eu passo quando entro aqui no meu quarto às sete da manhã como se eu tivesse passado a noite transando com alguém com quem eu nunca vou falar de novo?

— Você estava? — perguntei.

Ela levantou a cabeça e me lançou um olhar afiado.

— NÃO! Puta que pariu! Não faço isso desde o Baile Bailey.

Eu dei de ombros.

— Achei melhor perguntar.

Ela rolou para ficar de barriga para cima, espalhando os braços e as pernas como se quisesse se derreter nos lençóis.

— Eu sou tão fodida.

— Pip também é — falei. — Vocês foram feitas uma pra outra.

Rooney soltou um grunhido baixo.

— Não me dê falsas esperanças. Ela nunca vai gostar de mim depois do que eu fiz.

— Você quer a minha opinião?

— Não.

— Ok.

— Pera aí, quero. Quero, sim.

— Pip gosta de você, e eu acho que você deveria tentar falar com ela que nem gente de novo.

Ela rolou para ficar de bruços.

— Absolutamente impossível. Se você vai me dar ideias, que ao menos sejam ideias realistas.

— E por que isso é impossível?

— Porque eu sou horrível, e ela merece alguém melhor que eu. Eu não posso me apaixonar, de qualquer forma. Vou superar. Pip deveria ficar com alguém *legal*.

Pelo jeito como ela falou — leve e casual —, eu poderia ter achado que era uma piada, mas, como eu já entendia Rooney num nível um pouco mais profundo, eu sabia que ela não estava brincando.

— Cara — eu falei. — Sou *eu* que não posso me apaixonar. Acho que você só não quer.

Ela fez um barulho inteligível.

— Bem... — perguntei. — Você é arromântica?

— Não — ela resmungou.

— Então pronto. Para de apagar minha identidade e fala pra Pip que você gosta dela.

— Não use sua identidade pra me obrigar a confessar meus sentimentos.

— Eu posso fazer isso e é o que vou fazer.

— Você viu a cara de sono dela? — Rooney murmurou contra o travesseiro.

— Sim?

— O cabelo dela parecia tão fofo.

— Pip provavelmente te assassinaria se você falasse que ela é fofa.

— Eu aposto que ela tem um cheiro muito bom.

— Ela tem, sim.

— Vai se foder.

Nós fomos interrompidas por um som de notificação vindo dos nossos celulares.

Uma mensagem apareceu no grupo da Sociedade Shakespeare. Aquele que não era usado desde antes do Ano-Novo — “Pesadelo de uma noite de verão”.

Felipa Quintana
Esqueci de dizer
Eu gostaria de voltar para a Sociedade Shakespeare
Se vocês toparem
Eu posso decorar minhas falas em duas semanas!!!

Nós ficamos lá, na cama, lendo as mensagens ao mesmo tempo.

— A gente vai fazer a peça — disse Rooney, sem fôlego.

Eu não sabia se ela estava emocionada ou apavorada.

— Está tudo bem com você? — eu perguntei. Eu achei que era isso que ela queria. Ela tinha ficado devastada quando Pip e Jason foram embora e a sociedade se desfez. Isso a fez entrar em uma espiral por *semanas*.

Rooney era tão boa em fingir que estava tudo bem. Até mesmo agora eu não conseguia determinar se ela estava entrando em uma crise. Depois do surto da outra noite, a situação com Pip, todos os sentimentos contra os quais eu sabia que ela estava lutando, e aqueles com os quais eu também estava lidando…

Será que nós duas ficaríamos bem?

— Não sei — disse ela. — Eu não sei.

NÓS DEIXAMOS AS CAMAS JUNTAS

— *Contra a minha vontade* — disse Pip, revirando os olhos enquanto se apoiava em um pilar de papelão e papel machê que eu tinha passado a manhã esculpindo —, *fui incumbida de buscá-lo para o jantar*.

Rooney estava jogada em uma cadeira, no meio do palco.

— *Formosa Beatriz* — disse ela, pondo-se de pé com uma expressão de flerte. — *Eu vos agradeço pelo sofrimento*.

Nós tínhamos dez dias até a peça.

Isso definitivamente não era tempo o suficiente para terminar toda a encenação do palco, aprender as falas e preparar as fantasias e cenários. Mesmo assim, estávamos tentando.

A expressão de Pip permaneceu despreocupada.

— *Não sofro mais por esse agradecimento do que o que tens por me agradecer: se a incumbência fosse sofrida, eu não teria aceitado.*

Rooney deu um passo para mais perto, colocando uma mão no bolso e abrindo um sorriso torto para Pip.

— *Então sentes* prazer *em aceitá-la?*

Antes do ensaio de hoje, Rooney tinha passado vinte minutos inteiros mudando de roupa e arrumando o cabelo antes de eu perguntar:

— É por causa da Pip?

Ela tinha negado em voz alta e efusivamente, antes de dizer:

— Sim. Tá. O que eu faço?

Demorou um instante para eu perceber que ela estava pedindo pela minha ajuda. Com romance.

Assim como eu tinha feito com ela todos aqueles meses atrás, na Semana dos Calouros.

— *Assim como se obtém prazer em matar um pássaro com um punhal* — Pip bufou de volta, cruzando os braços. — *Vejo que estás sem apetite, senhor: passar bem.*

Ela se virou e fugiu do palco.

Eu, Jason e Sunil aplaudimos.

— Isso foi bom! — disse Pip, um sorriso no rosto. — Foi bom, certo? E eu não me esqueci da parte do pássaro.

— Você foi *ok* — disse Rooney, as sobrancelhas erguidas.

Eu tinha passado para Rooney todos os conselhos nos quais eu conseguia pensar. *Seja você mesma. Fale com ela. Talvez diga algo legal de vez em quando*.

Bom, ao menos ela estava tentando.

— Isso é um elogio vindo de você — disse Pip, e Rooney se virou para que ninguém conseguisse ver a expressão dela.

Cinco dias antes da peça, nós ensaiamos a coisa toda. Nós bagunçamos uma boa parte, Jason bateu com a cabeça no topo da pilastra de papel machê, e me deu branco por completo no discurso final de *Sonho de uma noite de verão*, mas, no fim das contas, chegamos ao encerramento, e não foi um desastre completo.

— Nós conseguimos — disse Pip com os olhos arregalados quando terminamos de aplaudir uns aos outros. — Tipo, a gente talvez consiga fazer isso.

— Não precisa soar tão surpresa — Rooney bufou. — Eu sou uma boa diretora.

— Com licença, nós somos *co*diretoras. Eu tenho direito a uma parcela de crédito.

— Não. Eu não aceito isso. Eu te expulsei da diretoria quando você decidiu nos abandonar por dois meses.

Pip ficou de queixo caído e virou a cabeça para ver a minha reação.

— Ela já pode me zoar sobre isso? Certamente não passamos ainda da época de poder zoar essa briga.

— Eu posso zoar o que eu quiser — falou Rooney.

Eu estava ocupada empilhando as cadeiras.

— Eu não vou me envolver — falei.

— Não — disse Pip, se virando de volta pra Rooney. — Eu não aceito isso. Quero a minha codiretoria de volta.

— Pois você não vai ter! — disse Rooney, que tinha começado a empurrar a pilastra pra um lado da sala.

Pip marchou diretamente até Rooney e deu um cutucão no braço dela.

— Tarde demais! Vou pegar de volta!

Ela foi dar outra cutucada, mas Rooney desviou por trás da pilastra e disse:

— Você vai ter que lutar por ela, então!

Pip a seguiu, aumentando a velocidade das cutucadas até ela estar fazendo cócegas em Rooney.

— Vou fazer isso mesmo!

Rooney tentou afastá-la, mas Pip era rápida demais, e logo Pip a estava perseguindo pela sala, as duas dando gritinhos e tapas uma na outra.

Elas estavam sorrindo e rindo tanto que *me* fizeram sorrir.

Mesmo que eu não tivesse certeza ainda se Rooney estava realmente bem.

Nós não tínhamos falado de novo sobre o que Rooney tinha me dito naquela noite em que nós mudamos as camas de lugar. Sobre a Beth, o seu ex-namorado e a adolescência dela.

Só que nós deixamos as camas juntas.

Ensaiamos nossa peça e comemos na cantina, e Rooney parou de sair à noite. Nós sentamos juntas nas aulas, andamos juntas até a biblioteca, no frio, e ficamos assistindo a *Brooklyn Nine-Nine* uma manhã de sábado até meio-dia, escondidas embaixo das cobertas. Fiquei esperando ela desabar de novo. Fiquei esperando ela fugir de mim.

Mas ela não o fez, e ainda assim, continuamos com as camas juntas.

Ela tirou a foto de Beth da parede. Ela não a jogou fora — só colocou dentro de um dos cadernos, onde poderia ficar protegida. *A gente deveria tirar mais fotos*, pensei. *Então ela teria algo pra grudar na parede*.

Eu sentia que havia algo que não estávamos dizendo. Algo que não tínhamos resolvido ainda. Eu tinha entendido quem eu era, e ela tinha me contado quem ela tinha sido, mas eu conseguia sentir que havia algo mais, eu não sabia se era o jeito

dela de guardar as coisas para si ou se era eu. Talvez as duas coisas. Eu nem sabia se era uma coisa que nós precisávamos conversar.

Às vezes eu acordava no meio da noite e não conseguia voltar a dormir, porque começava a pensar no futuro, aterrorizada, sem ter nenhuma ideia de como seria daqui pra frente. Às vezes Rooney acordava também, mas ela não dizia nada. Ela só ficava lá, se virando embaixo do edredom.

Era bem confortável quando ela acordava. Quando ela só ficava ali, acordada comigo.

Tudo aconteceu na noite antes da estreia da peça.

Eu, Pip e Rooney tínhamos nos encontrado para um último ensaio no quarto de Pip. Sunil, que era um especialista em discursos, tinha memorizado tudo semanas atrás, e Jason sempre tinha aprendido as falas dele rapidamente, mas nós três sentíamos que precisávamos de mais uma chance de repassar tudo.

O quarto de Pip não estava mais arrumado do que da última vez que eu tinha estado aqui. Na verdade, agora estava muito pior. Só que ela *tinha* conseguido limpar um pouco do carpete para que ela e Rooney pudessem atuar e tinha criado uma área confortável no chão perto da cama, empilhada com almofadas e lanchinhos, para a gente relaxar. Eu me joguei nas almofadas enquanto elas repassavam a cena delas.

— Você está falando isso errado — disse Rooney para Pip, e era como se tivéssemos voltado para aquela primeira semana em que nos conhecemos. — Eu digo *você não me ama* e você diz *não mais do que é razoável*, como… se você estivesse tentando esconder seus sentimentos.

Pip ergueu uma sobrancelha.

— É exatamente assim que eu estou falando.

— Não, você está falando "não mais do que é razoável?" como se fosse uma pergunta.

— Eu definitivamente não estou.

Rooney gesticulou para ela com o seu exemplar de *Muito barulho por nada*.

— Está sim. Olha, só confia em mim, eu conheço essa peça.

— Com licença, eu também conheço essa peça e posso fazer minha própria interpretação.

— Eu sei, tudo bem, mas tipo…

Pip ergueu as sobrancelhas.

— Acho que você só está com medo de que eu brilhe mais no palco que você.

Houve uma pausa enquanto Rooney percebia que Pip estava brincando.

— *Por que* eu ficaria com medo disso quando eu *claramente* sou a atriz superior? — Rooney retrucou, fechando o livro com força.

— Uau. Presunçosa, hein.

— Só estou falando os fatos, Pipinha.

— Roo — disse Pip —, qual é. Você *sabe* que eu sou a melhor atriz.

Rooney abriu a boca para retrucar, mas o uso repentino de um apelido pareceu pegá-la tão de surpresa que ela nem conseguia pensar em uma resposta. Acho que nunca a vi tão genuinamente atordoada até aquele instante.

— Que tal a gente fazer uma pausa? — falei. — A gente pode ver um filme.

— Hum, tá — disse Rooney, sem olhar para Pip enquanto ela se juntava a mim na pilha de almofadas. — Tá bom.

A gente colocou *A mentira* porque Rooney nunca tinha visto, e — apesar de não ser *Moulin Rouge* — também era um dos filmes favoritos meu e de Pip para festa do pijama.

Eu não o via há um tempo. Desde que vim pra Durham.

— Eu tinha esquecido que era um filme sobre uma garota que finge não ser mais virgem para aumentar a popularidade — eu falei, depois que a gente tinha assistido a uma meia hora de filme.

Eu estava sentada entre de Pip e Rooney.

— Também conhecido como o enredo de ao menos oitenta por cento dos filmes adolescentes — falou Rooney. — Não é nada realista.

Pip bufou.

— Quer dizer que você *não* mentiu sobre transar com um cara e ficou andando por aí com uma letra A bordada no seu corpete quando você tinha dezessete anos?

— Não precisei mentir — disse Rooney. — E eu não sei bordar.

— Não entendo por que tantos filmes adolescentes são sobre adolescentes obcecados em perder a virgindade — falei. — Tipo, quem se importa de verdade?

Pip e Rooney não falaram nada por um instante.

— Bom, eu acho que na verdade muitos adolescentes se importam com isso — disse Rooney. — Olha só pra Pip, por exemplo.

— Com licença! — Pip exclamou. — Eu não… eu não sou obcecada em perder minha virgindade!

— *Claro* que não é.

— Eu só acho que transar seria *divertido*, só isso. — Pip encarou a tela de novo, ficando um pouco vermelha. — Eu não ligo de *ser virgem*, só que… sexo parece divertido, então eu prefiro começar mais cedo do que mais tarde.

Rooney olhou para ela.

— Ok, eu estava te zoando, mas é bom saber disso.

Pip ficou ainda mais vermelha e gaguejou:

— Cala a boca.

— Mas por que a maior parte dos filmes adolescentes foca no fato de que os adolescentes sentem que vão morrer se não perderem a virgindade? — eu perguntei, e quase que imediatamente entendi a resposta. — Ah. Isso é uma coisa de assexual. — Eu ri de mim mesma. — Esqueci completamente que as outras pessoas são obcecadas por transar. Uau. Isso é hilário.

Eu de repente percebi que tanto Rooney quanto Pip estavam olhando para mim com pequenos sorrisos no rosto. Não de pena ou condescendentes. Só como se estivessem felizes por mim.

Acho que *era* mesmo um avanço eu poder rir da minha própria sexualidade. Isso era progresso, certo?

— É um bom filme, mas acho que o romance seria bem melhor se fosse gay — falou Pip.

— Concordo — disse Rooney, e nós duas olhamos para ela.

— Eu achei que você amaria esse tipo de romance hétero adorável pós-John Hughes — disse Pip. — Os héteros amam essa merda.

— Eles amam — Rooney concordou —, mas, felizmente, eu não sou hétero.

Houve um silêncio muito prolongado.

— Ah — Pip engasgou. — Bom… isso é bom então.

— É.

— É.

Nós terminamos o resto do filme em um silêncio extremamente desconfortável. Quando acabou, eu sabia que era hora de ir. De dar um passo para trás e deixar isso rolar.

As duas tentaram me convencer a ficar, mas eu insisti. Eu precisava dormir, falei pra elas. Elas poderiam repassar a última cena delas sozinhas.

Acho que me senti um pouco solitária conforme eu saí caminhando de Castle. Eu andei pelos corredores, saí do prédio de Pip, atravessei o gramado e voltei pra St. John's. Estava escuro, frio e era quase uma da manhã. Eu estava sozinha.

Eu estava sozinha agora.

Quando eu voltei para o meu quarto, coloquei um episódio de *Universe City* no YouTube enquanto trocava meu pijama, tirei minhas lentes de contato, escovei os dentes e examinei Roderick, que parecia bem melhor ultimamente. Fiquei aconchegada na minha metade da cama, embrulhando o edredom ao meu redor.

Eu adormeci por meia hora, mas acordei suando, minha mente preenchida por relampejos de pesadelos de futuros apocalípticos e todos os meus amigos morrendo; virei minha cabeça para checar como estava Rooney, só que ela não estava lá.

Era mais difícil voltar a dormir quando ela não estava lá.

Acordei sentindo que a minha cabeça parecia o zumbido de estática de uma TV e que meu estômago estava cheio de abelhas, o que era de se esperar, já que era o dia da peça. Só que nada disso se comparou à sensação de desespero que tomou conta de mim quando olhei meu celular e vi um monte de mensagens da Pip.

As primeiras diziam:

Felipa Quintana
GEORGIA
EMERGÊNCIA
EU FODI TUDO
ROONEY SE FOI

CONFUSA E COM TESÃO

Felipa Quintana
Ok eu sei que são tipo sete da manhã e você está definitivamente dormindo, mas você vai me matar quando eu contar o que acabou de acontecer

Ah meu DEUS alhsklsajsças ok

UAU

Desculpa eu literalmente não consigo processar

Ok. então. tá

Tudo estava bem ontem à noite, tipo, depois que você foi embora a gente só repassou a nossa última cena

(digo bem para nossos padrões, obviamente falar com ela ainda me deixa tensa toda vez)

Só que depois que terminamos já era suuuuper tarde, tipo 3 da manhã

Então eu ofereci de deixar ela dormir no meu quarto — na minha cama comigo — e ela falou SIM

Isso definitivamente não foi uma boa ideia porque eu não dormi nem por UM MINUTO inteiro cara

Ela acordou de novo umas cinco e foi pegar uma água, e quando ela voltou eu sabia que ela sabia que eu estava acordada então a gente só ficou conversando deitada na cama

E sl se foi alguma coisa porque a gente só estava cansada ou o que mas… foi diferente, a gente não estava batendo boca, só estávamos falando normal. Primeiro a gente falou da peça, depois falamos da nossa vida na escola e todo tipo dessas

merdas profundas… Ela falou que… cara a gente falou de coisas muito pessoais por… pelo menos uma hora, talvez mais

Ela me falou que acha que é pansexual!!!!!! Ela falou que não acha que tem uma preferência de gênero e que esse parecia o rótulo certo pra ela!!!!! Ela falou que você meio que já sabia

A gente estava conversando por horas, então só ficamos em silêncio um pouco e ela falou — e aqui estou REPETINDO palavra por palavra — ela literalmente disse “eu sei que parece que eu te odeio, mas na verdade é o contrário”

Georgia, eu morri

Eu fiquei tipo “é……………… eu também” enquanto eu tentava não gritar

Então ela só se inclinou e ME BEIJOU

ADSSKAÇLSKÇASJDFJAJÇALJDÇAS

Ela imediatamente se afastou com a expressão de alguém que estava assustada e que tinha cometido um erro

Mas obviamente ela NÃO tinha cometido um erro e dava pra ver na porra da minha cara

Aí ela se inclinou de novo e a gente literalmente COMEÇOU A SE PEGAR

Tipo, se pegar pra valer

Então eu só fiquei, caralho, mas como isso está acontecendo. Eu estou literalmente morta, e nós só ficamos nos pegando na minha cama por uns vinte minutos

HUM então essa história fica um pouco inapropriada a partir daqui e eu sinto muito por isso, mas se eu não contar pra alguém o que aconteceu eu vou morrer

Daí depois de um tempo ela só se ajoelha na cama e tipo… tira a camiseta dela. E eu estou tipo. Ai meu deus

Então eu pensei TUDO BEM ela quer ir além do que só se pegar??

E eu estou de boas com isso??? Eu também quero isso?????

Ela se deitou de novo e perguntou se estava tudo bem, e eu fiquei tipo nossa, sim, por favor, prossiga

(eu não falei de verdade “por favor, prossiga” durante minha primeira transa. Acho que eu só assenti de uma maneira bem entusiasmada)

Então óbvio que eu nunca tinha feito nada sexual com ninguém e tipo… ela estava prestes a colocar a mão pra dentro do short do meu pijama e eu fiquei nervosa pra cacete, mas extremamente empolgada haha

Só que então ela se afastou, disse algo como “ai, meu deus” e começou a surtar, pegando as roupas dela de volta, jogando as coisas dela na mochila e falando tipo “desculpa desculpa desculpa mesmo” e eu só fiquei lá deitada confusa e com tesão tipo “hum”

Então ela só falou tipo “que merda, eu sempre fodo com tudo” e daí ela FUGIU do meu quarto

ELA SE FOI

Eu liguei e mandei mensagem, mas eu não faço a menor ideia de onde ela está, ela voltou pro seu quarto???

Estou tão preocupada e confusa, a peça é hoje e eu estou só surtando um pouquinho, acho que talvez eu tenha chateado ela e arruinado tudo?

Só que eu acho que eu também preciso dormir algumas horas, porque senão só vou desmaiar de sono no palco hoje à tarde

Então

É

Me manda mensagem quando acordar

Georgia Warr
to acordada
ai meu deus

VOU ACHAR ELA

Georgia Warr
ela não tá aqui
não entre em pânico
vou achar ela

Eu liguei para Rooney e fiquei lá na nossa cama, escutando o telefone tocar, esperando.

Foi direto pra caixa postal.

— Cadê você? — eu falei imediatamente, mas não sabia o que mais falar, então eu só desliguei, pulei pra fora da cama, coloquei as primeiras roupas que encontrei, e corri porta afora.

Isso não estava acontecendo.

Ela não ia abandonar a gente no dia da peça.

Ela não ia me abandonar.

Eu corri até embaixo da escadaria antes de perceber que eu não tinha ideia de onde procurar. Ela poderia estar em *qualquer lugar*. Uma biblioteca. Um café. Em qualquer lugar da faculdade. No apartamento de alguém. Durham era pequena, mas era impossível procurar por uma cidade inteira em um único dia.

Só que eu precisava tentar.

Eu corri até o teatro primeiro. Ela provavelmente só tinha decidido encontrar a gente lá, talvez tivesse ido pra um Starbucks primeiro. Todos nós tínhamos concordado em nos encontrarmos às dez da manhã — nosso espetáculo seria às duas da tarde — e agora eram nove e meia, então ela provavelmente só estava um pouco adiantada.

Eu me arremessei na porta na tentativa de entrar. Estava trancada.

Foi aí que comecei a ficar assustada de verdade.

Ela tinha largado Pip no meio da noite. Pra onde ela teria ido depois disso? Eu acordaria se ela tivesse voltado para o nosso quarto. Será que ela tinha ido ver um dos muitos amigos que não pareciam se importar com ela? Será que ela tinha ido para uma balada? As baladas não ficavam abertas até tão tarde, ficavam?

Eu me agachei na calçada, tentando respirar. Merda. E se alguma coisa ruim tivesse acontecido? E se algum cara tivesse passado num carro e a raptado? E se ela tivesse andado pela ponte e caído?

Eu tirei meu celular do bolso e liguei pra Rooney de novo.

Ela não atendeu. Às vezes ela não estava com o celular.

Liguei pra Pip em vez disso.

— Você encontrou ela? — foi a primeira coisa que ela disse quando atendeu.

— Não. Ela… — eu nem sabia o que dizer — sumiu.

— Sumiu? Quê, como assim ela *sumiu*?

Eu fiquei em pé, olhando em volta como se eu pudesse repentinamente vê-la na rua, correndo na minha direção com as suas leggings, o rabo de cavalo voando, mas não vi. É claro que não vi.

Minha voz falhou.

— Ela sumiu.

— Isso é minha culpa — disse Pip imediatamente, e eu conseguia ouvir o quão devastada ela estava, e como ela verdadeiramente acreditava no que estava dizendo. — Eu não deveria ter… Ela provavelmente nem… Foi cedo demais pra nós duas sequer…

— Não, a culpa é minha — falei. Eu deveria ter tomado conta dela. Eu deveria ter previsto que isso iria acontecer.

Eu a conhecia melhor do que ninguém.

Qualquer um na vida dela inteira.

— Eu vou achar ela — eu falei. — Prometo que vou achar.

Eu devia isso a ela.

Corri para a balada que frequentamos na Semana dos Calouros, quando ela me falou pra eu encontrar alguém de quem eu gostasse enquanto ela saiu para pegar um cara. Parecia que isso fazia anos.

Estava fechada. É claro que estava, era sábado de manhã.

Fui ao supermercado, como se pudesse encontrá-la procurando um novo sabor de cereal, e andei em volta da praça, como se ela pudesse estar sentada num banco de pedra, olhando o celular. Cruzei a ponte Elvet e fui até o prédio de seminários do Elvet, sem nem saber se eles abriam durante os finais de semana, mas sem me importar, sem ter alguma ideia de por que ela estaria ali em uma manhã de sábado. Mas ainda com esperanças, muitas esperanças. *Rezando* para encontrá-la. Subi no prédio da União Estudantil e o encontrei trancado, então eu não consegui correr mais porque meu peito doía. Andei até a biblioteca Bill Bryson, entrei, fiquei em pé nas escadas e gritei "ROONEY!" só uma vez. Todo mundo se virou para olhar para mim, mas não dei a mínima.

Rooney não estava lá. Ela não estava em lugar nenhum.

Nós não fomos o suficiente para ela, no fim das contas?

Eu não tinha sido o suficiente?

Ou só tínhamos finalmente conseguido derrubar suas barreiras, pra no fim algo horrível acontecer com ela?

Eu liguei pra ela de novo. Caiu na caixa postal.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Desliguei de novo. Eu não sabia mais o que dizer.

De volta ao lado de fora da biblioteca, meu celular começou a tocar, mas era Jason.

— Que aconteceu? — ele perguntou. — Estou no teatro e mais ninguém tá aqui, fora o Sunil.

— Rooney sumiu.

— Como assim, sumiu?

— Não se preocupe, eu vou achar ela.

— Georgia…

Eu desliguei e tentei ligar pra Rooney mais uma vez.

— Talvez a versão de você da Semana dos Calouros pudesse ter deixado a gente pra trás. Mas não agora. Não depois de tudo. — Senti um aperto na garganta. — Você não teria me deixado.

Quando desliguei dessa vez, percebi que meu celular só estava com cinco por cento de bateria, porque eu tinha me esquecido de colocar pra carregar na noite

anterior.

O vento estava chicoteando ao meu redor na rua.

Será que eu deveria ligar pra polícia?

Eu comecei a andar de volta em direção ao centro, pensando em todos aqueles "e se" que rodopiavam na minha cabeça. E se ela tivesse voltado pra casa? E se ela tivesse caído no rio e morrido?

Parei no meio da calçada, uma memória repentina relampejando na minha mente com tanta força que senti fisicamente.

Naquela primeira noite na cidade, Rooney tinha instalado o aplicativo "Find my Friends" no meu celular. Eu não tinha precisado usar antes, no fim das contas, mas… funcionaria agora?

Eu quase derrubei meu celular na pressa de tirá-lo do bolso para checar, e certamente, lá estava no mapa um pequeno círculo com o rosto de Rooney.

Aparentemente, ela estava em um campo, ao lado do rio, talvez a um quilômetro adentrando a área rural.

Eu nem pensei nos motivos. Só comecei a correr de novo.

Eu nunca tinha parado para pensar em como era Durham fora do centro da cidade. Tudo que eu tinha visto nos últimos seis meses foram prédios universitários, ruas de paralelepípedos e pequenos cafés.

Só que precisei de apenas dez minutos para me encontrar em um grande cenário de gramado infinito. Campos enormes se esticavam na minha frente enquanto eu seguia o caminho de terra batida e monitorava o pequeno ponto que era Rooney no meu celular, até que minha tela ficou preta, e não consegui mais fazer isso.

Naquela altura, eu não precisava mais. O ponto estava ao lado do rio, perto de uma ponte. Eu só precisava chegar até lá.

Demorou mais uns quinze minutos. Em certa altura, fiquei com medo de estar perdida de verdade, sem o Google Maps pra me ajudar, mas só continuei, seguindo o rio, até eu enxergar. A ponte.

A ponte estava vazia.

Os caminhos e campos próximos também.

Eu só fiquei lá e olhei em volta por um momento. Atravessei a ponte e voltei andando, como se Rooney pudesse estar dormindo na margem do rio. Talvez eu fosse ver a parte de trás da cabeça dela boiando na água. Mas não vi nada.

Em vez disso, quando voltei para o caminho de pedestres, eu vi algo brilhando na grama.

Era o celular da Rooney.

Eu o peguei e liguei a tela. Todas as minhas chamadas perdidas estavam ali. Várias da Pip também, e até mesmo algumas de Jason.

Me sentei na grama.

E eu só chorei. De exaustão, de confusão, de medo. Só sentei num gramado com o celular da Rooney na mão e chorei.

Mesmo depois de tudo, não consegui ajudá-la.

Não consegui ser uma boa amiga para ela.

Não consegui fazer com que ela sentisse que importava na minha vida.

— GEORGIA.

Uma voz. Olhei para cima.

Por um momento, achei que estava sonhando. Que talvez ela fosse uma projeção mental do que eu gostaria que estivesse acontecendo naquele instante.

Mas ela era real.

Rooney estava atravessando a ponte correndo na minha direção, com um copo de Starbucks em uma mão e um buquê de flores na outra.

GESTO GRANDIOSO

— Ah, meu *Deus*, Georgia, por que você está… O que aconteceu?

Rooney se jogou de joelhos na minha frente, encarando as lágrimas que escorriam dos meus olhos.

Pip já chorou na minha frente uma dezena de vezes. Não precisava de muito para ela começar. Na maioria das vezes, era justificado, mas em outras ela só chorava porque estava cansada. Ou aquela vez em que ela chorou porque tinha feito uma lasanha e depois derrubado no chão.

Jason tinha chorado na minha frente algumas vezes. Quando coisas bem ruins tinham acontecido, como quando percebeu o quanto Aimee era horrível com ele, ou quando assistíamos a filmes tristes sobre pessoas velhas, tipo *Diário de uma paixão* ou *Up — Altas aventuras*.

Rooney chorou na minha frente algumas vezes também. Quando ela me contou sobre o ex dela. Do lado de fora da porta de Pip. E quando nós aproximamos nossas camas.

Eu nunca tinha chorado na frente dela.

Eu nunca tinha chorado na frente de ninguém.

— Por que… você… está aqui? — eu consegui gaguejar, entre soluços, em uma tentativa de recuperar o fôlego. Eu não queria que ela me visse assim. Eu não queria que ninguém me visse assim.

— Eu posso te perguntar a mesma coisa! — Ela jogou as flores no chão e colocou o copo do Starbucks cuidadosamente no caminho, se sentando ao meu lado na grama.

Percebi que ela estava usando roupas diferentes das de ontem à noite — agora usava outro par de leggings e uma camiseta larga. Quando é que ela tinha voltado

para o nosso quarto para trocar de roupa? Será que eu *tinha* ficado dormindo quando ela voltou?

Ela colocou um braço ao meu redor.

— Eu achei… achei que você… no rio — falei.

— Você achou que eu tinha caído no rio e *morrido*?

— Eu não sei… Eu fiquei com medo.

— Eu não sou *burra*, eu não saio por aí pulando em rios.

Eu olhei para ela.

— Você frequentemente fica na casa de estranhos.

Rooney apertou os lábios.

— Tudo bem.

— Você *se trancou pra fora da faculdade às cinco da manhã.*

— *Ok*. Talvez eu seja um pouco burra.

Eu esfreguei o rosto, me sentindo um pouco mais calma.

— Por que seu celular estava aqui?

Ela hesitou.

— Eu costumo andar por aqui às vezes. Depois que eu saio de noite. Bom, normalmente na manhã seguinte. Eu só gosto de vir aqui e… sentir que tudo está calmo.

— Você nunca me falou.

Ela deu de ombros.

— Não achei que ninguém ia se importar. É só uma coisa que eu gosto de fazer pra desanuviar a cabeça. Então eu vim aqui hoje de manhã e em certo ponto derrubei o celular, e não percebi até quase estar de volta à faculdade. Você já devia ter saído, então só me troquei, corri pra cá e agora nós duas estamos aqui.

Ela ainda estava com o braço ao meu redor. Nós ficamos encarando o rio.

— A Pip te contou o que aconteceu? — ela perguntou.

— Aham. — Eu empurrei o meu pé contra o dela. — Por que você fugiu?

Ela exalou profundamente.

— Eu fico com muito medo de me aproximar das pessoas. E ontem à noite, com a Pip, eu… O que a gente *fez*, bem, o que a gente ia fazer, eu só comecei a pensar que estava fazendo o que eu fazia sempre. Transar só pra me desprender e não sentir nada real. — Ela sacudiu a cabeça. — Só que não estava fazendo isso.

Percebi logo depois que fui embora. Eu percebi que eu… Seria a primeira vez que eu ficava com alguém com quem eu me importava de verdade. Com alguém que também se importava comigo.

— Ela está bem preocupada com você — falei. — Talvez a gente devesse voltar.

Rooney se virou para mim.

— *Você* também estava bem preocupada comigo, né? — ela falou. — Nunca te vi chorar antes.

Trinquei os dentes, sentindo que as lágrimas estavam brotando de novo. *Esse* era o motivo pelo qual eu nunca chorava na frente das pessoas. Quando eu começava, demorava anos pra conseguir parar.

— Que foi? — ela falou. — Fala comigo.

— Eu… — Olhei para baixo. *Eu não queria que ela me visse*. Só que Rooney estava olhando para mim, com as sobrancelhas franzidas, tantos pensamentos passando por trás dos olhos dela, e foi esse olhar que me fez despejar tudo. — Eu só me importo tanto com você... mas eu sempre fico com esse medo de que um dia você vá embora. Ou de que Pip ou Jason irão embora, ou… Não sei. — Novas lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas. — Eu nunca vou me apaixonar, então minhas amizades são tudo que eu tenho, daí… eu só… não consigo suportar a ideia de perder qualquer um dos meus amigos. Porque nunca vou ter aquela única pessoa especial.

— Você pode me deixar ser essa pessoa? — Rooney falou baixinho.

Eu funguei alto.

— Como assim?

— Estou dizendo que quero ser a sua pessoa especial.

— Mas… não é assim que o mundo funciona, as pessoas sempre colocam o romance acima de amizades…

— Quem disse? — Rooney interrompeu, batendo a mão com força no chão na nossa frente. — O livro de regras heteronormativas? *Foda-se* isso, Georgia. Foda-se.

Ela ficou em pé, agitando os braços e andando em círculos enquanto falava.

— Eu sei que você tem tentado me ajudar com Pip — começou ela —, e eu agradeço muito por isso, Georgia, de verdade. Eu *gosto dela*, acho que ela gosta de

mim e nós gostamos de ficar uma com a outra. E sim, vou só falar logo: eu acho que a gente quer muito, muito transar.

Eu só a encarei, minhas bochechas manchadas de lágrimas, sem ter ideia de onde esse discurso ia acabar.

— Mas sabe o que eu percebi enquanto eu caminhava? — ela falou. — Eu percebi que *eu te amo*, Georgia.

Meu queixo caiu.

— Obviamente não te amo de uma forma romântica. Só que eu percebi que sejam lá quais sentimentos eu tenho por você eu… — Ela abriu um sorriso enorme. — Eu me sinto como se *estivesse* apaixonada. Eu e você, *isso* é a porra de uma história de amor! Eu me sinto como se tivesse encontrado algo que a maior parte das pessoas não tem. Eu me sinto em casa perto de você, de um jeito que eu nunca senti antes *na porra da minha vida toda*. Talvez as pessoas olhem para a gente e pensem que somos *só amigas*, ou sei lá, mas eu sei que é… é muito MAIS do que isso. — Ela gesticulou dramaticamente para mim com as duas mãos. — Você *me mudou*. Você salvou a minha vida, caralho, juro. Eu sei que ainda faço um monte de coisas burras, falo todas as coisas erradas e tem dias em que eu ainda me sinto uma *merda*, mas eu me senti mais feliz nas últimas semanas do que me senti em *anos*.

Eu não conseguia falar. Eu congelei.

Rooney se ajoelhou na minha frente.

— Georgia, eu nunca vou parar de ser sua amiga. Eu *não* estou falando daquele jeito mediano e chato de “amizade” no qual paramos de conversar quando fazemos vinte e cinco anos porque nós duas encontramos *rapazes muito bons* e fomos ter bebês, e só nos encontramos duas vezes por ano. Estou falando que vou ficar te atormentando pra comprar uma casa ao lado da minha quando tivermos quarenta e cinco anos e finalmente tivermos dinheiro o suficiente pra dar entrada em um imóvel. Estou falando que vou ficar aparecendo na sua casa toda noite pra jantar, porque você *sabe* que cozinho mal pra caralho. Se eu tiver filhos e um parceiro, eles provavelmente vão comigo, porque, fora isso, eles provavelmente vão sobreviver de nuggets e batata frita. Estou falando que vou ser a pessoa que vai te levar sopa quando você me mandar uma mensagem falando que está doente e não consegue sair da cama, e te levar para uma consulta mesmo que você não queira ir

porque se sente culpada de ir ao médico quando só está com dor no estômago. Estou falando que vamos derrubar a cerca entre nossos jardins pra ter um jardim grande e todo nosso. Podemos adotar um cachorro e cuidar dele juntas. Estou falando que eu vou ficar aqui, te irritando, até nós duas sermos velhas, sentadas no mesmo asilo, falando sobre como a gente devia fazer uma peça de Shakespeare porque estamos entediadas pra caralho.

Ela agarrou o buquê de flores e praticamente o jogou em cima de mim.

— E comprei essas flores pra você porque honestamente não sabia como expressar isso tudo isso pra você.

Eu estava chorando. Comecei a chorar de novo.

Rooney limpou as lágrimas das minhas bochechas.

— Quê? Você não acredita em mim? Porque eu não estou zoando, cacete. Não fica só sentada aí me dizendo que estou mentindo, porque eu não estou. Alguma coisa disso tudo fez sentido? — Ela sorriu. — Eu estou *extremamente* lerda de sono neste momento.

Eu não conseguia falar. Eu estava uma bagunça.

Ela gesticulou para o buquê de flores, que tinha praticamente explodido no meu colo.

— Eu queria fazer um gesto grandioso como você fez para Pip e Jason, mas eu não conseguia pensar em nada, porque você é o cérebro dessa amizade.

Isso me fez rir. Ela jogou os braços ao meu redor, e fiquei meio rindo, meio chorando, feliz e triste ao mesmo tempo.

— Você não acredita em mim? — ela perguntou de novo, me apertando forte.

— Eu acredito em você — falei, meu nariz todo zoado e minha voz rachando. — Prometo.

PARTE CINCO

FOI DIVERTIDO

Nenhuma de nós estava em condições físicas para que correr o caminho todo de volta para o centro da cidade fosse uma boa ideia, mas foi o que fizemos mesmo assim. Nossa peça ia começar em duas horas. A gente não tinha escolha.

Corremos todo o caminho seguindo o rio. Eu com o buquê nas mãos, e parando para apanhar as flores cada vez que derrubava uma, e ela com nada mais do que um celular, um copo do Starbucks e um sorriso no rosto. Nós tivemos que parar e sentar várias vezes para recuperar o fôlego, e, mesmo assim, quando finalmente chegamos à praça principal, achei que meu peito ia implodir. Só que a gente tinha que correr. Para a peça.

Para os nossos amigos.

Quando chegamos ao teatro, nós duas estávamos encharcadas de suor, e irrompemos pela porta para encontrar Pip sentada numa mesa no saguão, a cabeça apoiada nas mãos.

Ela olhou para cima quando eu literalmente caí no chão, parecendo um astronauta que estava ficando sem ar, enquanto Rooney tentou seu melhor para ajustar a bagunça que era seu rabo de cavalo.

— Onde — disse Pip, muito calmamente. — Caralho. Vocês estavam?

— A gente… — eu comecei a dizer, mas só consegui emitir um chiado.

Então Rooney falou por nós duas.

— Eu entrei em pânico depois de ontem à noite, e a Georgia rastreou meu celular, só que ele estava perdido em um campo, e ela foi até lá, e eu tive que voltar porque eu sabia que tinha derrubado meu celular em algum lugar nesse campo. Eu encontrei ela, e estava com essas flores porque queria falar o quanto eu amo essa garota, o quanto sou grata por tudo que ela fez por mim esse ano. A gente falou de tudo e eu disse o quanto ela era importante para mim, e também — Rooney deu

um passo na direção de Pip, que a estava encarando, os olhos esbugalhados — percebi que eu gosto mesmo de você. Eu não me sinto assim por ninguém em muito tempo, então isso me assustou muito, e foi por isso que saí correndo.

— Hum, o-ok — Pip gaguejou.

Rooney deu mais um passo à frente e colocou a mão na mesa na frente de Pip.

— O que você sente por mim? — ela perguntou, séria.

— Hum, eu… — As bochechas de Pip ficaram vermelhas. — Eu… também… gosto de você.

Rooney assentiu vigorosamente, mas dava para ver que ela estava um pouco transtornada.

— Ótimo. Só achei que a gente precisava ser clara nesse assunto.

Pip ficou em pé, os olhos fixos em Rooney.

— Claro. É. Bom.

Eu tinha, nessa altura, conseguido ficar em pé, e meus pulmões não pareciam mais que iam explodir.

— A gente deveria encontrar Jason e Sunil.

— Sim — disseram Rooney e Pip simultaneamente, então nós três fomos para os bastidores do teatro, Rooney e Pip alguns passos atrás de mim.

Conforme virei em um canto, perguntei:

— Eles estão em um camarim, ou…? — Quando não recebi uma resposta, eu olhei para trás, apenas para ver Rooney e Pip se pegando ansiosamente, Rooney empurrando Pip contra a porta do vestiário, as duas aparentemente nada perturbadas com o fato de que eu estava literalmente *bem ali*.

— Ei — eu falei, mas nenhuma das duas me ouviu, ou escolheram me ignorar.

Eu tossi, alto.

— EI — eu repeti, mais alto dessa vez, e relutantemente as duas se afastaram, Rooney parecendo um pouco incomodada, e Pip ajustando os óculos, como se tivesse acabado de levar um soco. — A gente tem uma peça pra apresentar, lembram?

Jason e Sunil estavam sentados na beira do palco, dividindo um pacote de pipoca. Assim que viram a gente entrar, Jason ergueu os dois braços em triunfo, enquanto Sunil disse:

— *Ainda bem*.

Jason correu até nós, me pegou no colo, e me carregou até o palco, enquanto eu ria histericamente e tentava escapar.

— Nós vamos conseguir! — ele disse, nos rodopiando. — Nós vamos fazer a peça!

— Acho que vou chorar — disse Sunil, e então enfiou três pipocas na boca.

Rooney bateu palmas, alto.

— Chega de ser feliz! A gente precisa se trocar antes das pessoas chegarem!

E assim foi feito. Jason e Sunil já tinham arrumado todas as fantasias, os acessórios e o cenário nas coxias, então nós pusemos as primeiras fantasias que usaríamos, e depois passamos dez minutos arrumando o cenário que tínhamos conseguido fazer com nossos recursos limitados — meu pilar de papel machê, que foi colocado no centro, à esquerda, uma guirlanda coberta de estrelas que, de alguma forma, após muitas deliberações entre Jason e Rooney, conseguimos pendurar em um dos trilhos do pano de fundo. Quando nós o penduramos, parecia que choviam estrelas do teto.

Nós também tínhamos uma cadeira em várias das nossas cenas, mas a melhor coisa que conseguimos encontrar foi uma vermelha de plástico nas coxias.

— Tenho uma ideia — disse Rooney, e ela pulou da frente do palco para pegar as flores que eu tinha deixado nos assentos da primeira fileira. Ela as trouxe de volta para o palco e começou a colar as flores na cadeira.

Quando ela terminou, a cadeira tinha se transformado num trono todo florido.

Faltavam dez minutos para nossa apresentação quando eu comecei a me perguntar quem é que ia aparecer para ver esse espetáculo.

Obviamente Sadie tinha sido convidada, já que era ela que estava julgando. Eu chutava que Sunil tinha convidado Jess. Mas só seria isso? Dois membros na audiência?

Eu dei uma espiada por trás das cortinas e esperei. Logo eu tive a prova de que estava muito, muito errada.

Primeiro, algumas pessoas que eu reconheci da Sociedade do Orgulho tinham aparecido. Sunil foi imediatamente cumprimentá-las e depois de um tempo gesticulou para o resto de nós ir lá dar oi. Em seguida, outro grupo pequeno de

pessoas chegou, e Sunil os apresentou como seus amigos da orquestra. Todos eles começaram a tagarelar sobre o quanto estavam empolgados para a peça.

Eu não sabia se isso me assustava ou animava.

Depois, Sadie chegou com alguns amigos. Ela foi nos cumprimentar rápido antes de sentar na primeira fila, na escolha de assento mais intimidante possível.

Logo depois Jess chegou e, após dizer um olá para o pessoal da Sociedade do Orgulho, foi falar com Sadie. As duas se abraçaram e sentaram juntas, parecendo boas amigas. A universidade era um mundo bem pequeno.

Um grupo de garotos fortões apareceu, e eu não tinha ideia de quem eram, até que Jason foi lá cumprimentá-los — eles eram da equipe de remo. Duas outras pessoas apareceram, novamente, completos estranhos para mim, mas Pip correu até eles, os abraçou e apresentou como Lizzie e Leo, dois amigos que tinha feito na Sociedade Latino-americana.

Eu não tinha ninguém que veio especificamente para me ver. Nem Rooney.

Mas eu não me importava. Quem eu tinha aqui — essas quatro pessoas — era mais do que suficiente.

E, apesar da minha falta de contribuição, nós tínhamos uma plateia. O bastante para preencher três fileiras inteiras de assentos.

Talvez não fosse muito, mas parecia bastante para mim. Eu tinha a sensação de que a gente estava fazendo algo que realmente *importava*.

Faltando três minutos para as duas, nós cinco nos reunimos na coxia direita e aglomeramos em um círculo.

— Alguém mais está sentindo que precisa ir ao banheiro? — perguntou Pip.

— Sim — respondeu Rooney na hora.

— Bom, eu não falaria exatamente nessas palavras — disse Sunil.

— Nós vamos ficar *bem* — disse Jason. — Todo mundo, relaxa.

— Você me dizer pra relaxar me deixa ainda menos relaxada — falou Pip.

— Seja lá o que acontecer — eu falei —, foi divertido, certo? Foi bem divertido.

Todo mundo assentiu. A gente sabia que sim.

Seja lá o que acontecesse com a peça, com a sociedade, com o nosso pequeno e estranho grupo de amizade…

Tudo tinha sido tão divertido.

— Vamos nessa — falou Jason, e todos nós colocamos as mãos para dentro do círculo.

BOA NOITE

Jason foi ao palco primeiro. Com um microfone e vestido de Romeu — com roupas de estampas alegres, brilhantes e divergentes.

— Isso é só um anúncio pré-espetáculo — disse ele. — Primeiro, obrigado a todos por virem. É muito legal ver uma plateia assim tão grande e impressionante, sem dúvida graças à nossa campanha de publicidade extensiva.

Algumas pessoas no público soltaram risadas.

— Em segundo lugar, eu queria informar que a gente teve uns leves problemas, tentando preparar essa peça. Tivemos algumas disputas no elenco. Também tivemos que apressar algumas das cenas finais. Tudo está bem agora, esperamos, mas foi uma jornada e tanto para chegar aqui. Trocamos muitas lágrimas e mensagens acaloradas no WhatsApp.

Mais risadas da plateia.

— Para aqueles que não sabem — continuou Jason —, nós da Sociedade Shakespeare decidimos que, para nosso primeiro espetáculo, iríamos apresentar uma seleção de cenas em vez de uma peça inteira. Todas essas cenas são, de um jeito ou de outro, sobre o amor, mas deixamos para vocês interpretarem que tipo de amor elas representam. Puro, tóxico, romântico, platônico… procuramos explorar todos os tipos. De qualquer forma, vai ser bem mais curto do que uma peça normal, então dá tempo de todo mundo sair pra fazer um almoço tardio no bar, depois.

Alguns aplausos da multidão.

— Por último — disse Jason —, quatro de nós queríamos dizer que estamos dedicando este espetáculo para uma pessoa que conseguiu reunir todos nós depois de tudo ter entrado em colapso.

Ele se virou e olhou para mim nas coxias, os olhos encontrando os meus.

— Georgia Warr é a razão pela qual essa peça está acontecendo — disse ele. — Pode até ser uma peça pequena, mas é importante para nós. Bastante, na verdade. E Georgia merece algo feito em nome dela. Então, essa é pra você, Georgia. Essa é uma peça sobre o amor.

Foi um pouco bagunçado, mas foi incrível. Nós começamos com uma comédia, Rooney e Pip aparecendo como Benedicto e Beatriz, e logo a plateia estava rindo. Eu de alguma forma me vi escutando a história de *Muito barulho por nada* como se nunca tivesse ouvido antes. Estava viva na minha frente. Foi lindo.

Noite de reis era a próxima. O que significava que era quase hora de eu entrar.

Foi aí que percebi que eu estava bem.

Sem náuseas. Sem correr até o banheiro, como em *Os miseráveis*, no último ano.

Eu estava nervosa, claro, mas um nível normal de nervosa, misturando a empolgação por agir, por *atuar*, para fazer aquela coisa da qual eu gostava muito, muito mesmo.

Quando eu apareci e fiz o meu discurso de "Vamos rápido, Morte", eu realmente me diverti. Jason e Sunil apareceram depois de mim como Orsino e Viola, e eu assisti do lado, sorrindo, aliviada, *feliz*. Eu tinha conseguido. *Nós* tínhamos conseguido.

Jason e Rooney fizeram um pouco de *Romeu e Julieta*, tão passionais quanto se estivessem namorando de verdade. Então todos nós fizemos um pouco de *Rei Lear*, quando Lear tenta decifrar qual das filhas dele o ama mais. Eu fui Próspero em *A tempestade*, e Sunil foi Ariel, nós dois precisando um do outro, mas querendo ficar livres de nosso vínculo mágico.

Rooney e Pip voltaram e fizeram mais de *Muito barulho por nada*, na parte em que Benedicto e Beatriz finalmente confessam que amam um ao outro, e quando elas se beijaram, a audiência irrompeu em aplausos.

E, finalmente, nós terminamos com *Sonho de uma noite de verão*. Ou melhor, eu terminei.

Eu me sentei no trono de flores e li as últimas falas para concluir a peça.

— *Boa noite, eu vou saindo.* — Sorri gentilmente para os rostos do público, torcendo, rezando para que isso tudo fosse o suficiente. Que essa não fosse a

última vez que eu me apresentaria com meus melhores amigos. — *Se aplaudirem, como amigos, Puck os salva de perigos.*

Sunil abaixou as luzes do palco, e o público ficou de pé.

Nós nos curvamos enquanto a plateia aplaudia. Isso não entraria para a história da universidade. Isso não seria nada especial pra mais ninguém. As pessoas se esqueceriam, ou só lembrariam como aquele tipo de peça estranha, mas interessante, que viram uma vez na faculdade.

Mais ninguém no universo veria essa peça.

Acho que isso a tornava nossa.

— Foi uma *bagunça* — disse Sadie, as sobrancelhas erguidas e os braços cruzados. — As transições entre as cenas foram no mínimo questionáveis, e a encenação foi… incomum.

Nós cinco, sentados enfileirados na beirada do palco, coletivamente desabamos.

— *Mas* — ela continuou, erguendo um dedo — eu não desgostei. Na verdade, achei que foi muito criativo e definitivamente mais interessante do que se vocês tivessem entrado no palco e feito uma versão mais curta e medíocre de *Romeu e Julieta*.

— Então... — Rooney abriu a boca. — Foi... gente…

— Sim — disse Sadie —, vocês podem continuar com a Sociedade Shakespeare.

Pip e Rooney começaram a gritar e se abraçar. Sunil colocou a mão no peito e sussurrou:

— Ainda bem.

Enquanto isso, Jason passou o braço ao meu redor, abrindo um sorriso enorme, e eu percebi que estava sorrindo também. Eu estava feliz. Eu estava tão, tão feliz.

Depois que Sadie foi embora, Rooney foi a primeira a me abraçar. Ela passou por cima dos outros e se jogou em cima de mim, me empurrando no palco e apertando os braços, eu ri, ela riu, e então nós duas ficamos rindo e rindo mais. Pip se juntou a nós, gritando:

— Quero participar!

Ela se jogou em cima de nós duas. Sunil descansou a cabeça nas costas de Rooney, e Jason envolveu todos nós, e só ficamos assim por um momento, rindo e tagarelando e nos abraçando. Na parte debaixo da pilha, eu estava sendo basicamente esmagada, mas foi reconfortante de um jeito esquisito. O peso de todos eles em cima de mim. Ao meu redor. Comigo.

Não precisávamos falar em voz alta, mas nós sabíamos. Todos sabíamos o que tínhamos encontrado aqui. Ou ao menos, eu sabia. Eu sabia. Tinha encontrado.

Dessa vez não houve declarações dramáticas. Nem gestos grandiosos.

Era só a gente, se abraçando.

A CASA

A casa ficava numa esquina. Era uma casa com um terraço vitoriano, mas não de um jeito esteticamente agradável, e tinha janelas inquietantemente pequenas. Ninguém queria falar o que estávamos todos pensando: parecia uma merda.

Um mês depois do nosso espetáculo, Rooney, Pip, Jason e eu percebemos que não tínhamos onde morar no ano seguinte. As acomodações das faculdades da universidade de Durham eram principalmente para calouros e para alguns estudantes dos últimos anos — era esperado que no segundo ano as pessoas encontrassem seus próprios lugares para morar. Então, a maioria dos calouros formava grupinhos em dezembro ou janeiro, e ia a busca de casas, e assinava contratos de aluguel.

Devido ao drama desse último ano, tínhamos perdido todas essas datas. No fim de abril, a maioria das acomodações proporcionadas através da universidade em Durham já estavam completamente ocupadas para o próximo ano acadêmico, o que nos deixou tendo que nos arrastar pelas propagandas duvidosas em sites de aluguel.

— Tenho certeza de que é melhor por dentro — disse Rooney, dando um passo para frente e batendo na porta.

— Você disse isso nas últimas três casas — disse Pip, os braços cruzados.

— E em algum momento eu estarei certa.

— Só pra deixar claro — disse Sunil —, talvez a gente devesse reconsiderar se a gente precisa mesmo ter uma sala.

Apesar de Sunil estar no último ano, ele tinha decidido no último minuto voltar para mais um ano, para fazer mestrado em música. Ele ainda não tinha ideia do que queria fazer com a própria vida, o que eu achava bastante

compreensível e entendia bem, e ele disse que amava ficar em Durham e queria ficar lá um pouco mais.

No entanto, Jess estava se mudando no fim do ano letivo. Na verdade, a maior parte dos amigos veteranos de Sunil ia embora. Assim que descobrimos, convidamos ele para vir morar com a gente, e ele aceitou.

A porta abriu e uma estudante cansada nos deixou entrar, explicando que a maioria das pessoas que morava lá estava em aulas, exceto ela, então a gente podia dar uma volta e olhar todos os quartos que quisesse. Nós fomos para a cozinha primeiro, que dividia o espaço com a sala, com um sofá de um lado e os balcões da cozinha de outro. Tudo era muito antigo e claramente usado, mas parecia funcional e limpo, o que era tudo de que precisávamos. Nós éramos estudantes. Não tínhamos muitas opções.

— Na verdade, não é ruim — disse Sunil.

— Está vendo? — disse Rooney, gesticulando em volta. — Falei que seria esse.

Jason cruzou os braços.

— É bem… pequeno. — O topo da cabeça dele ficava muito perto do teto.

— Mas não tem mofo — Pip apontou.

— E tem bastante espaço pra todo mundo ficar — eu falei.

Por "todo mundo" eu me referia a nós cinco, além das outras pessoas que estavam vindo para nossos ensaios. Bom, não eram exatamente ensaios. Não era como se tivéssemos outra peça para preparar nesse ano, e todos estávamos ocupados com provas e trabalhos, então a gente só se encontrava para conversar, assistir a filmes e pedir comida. Toda sexta à noite no meu quarto e de Rooney.

Às vezes Sunil trazia Jess, ou Pip trazia seus amigos Lizzie e Leo. Às vezes metade do time de remo de Castle aparecia — garotos grandões que me assustaram no começo, mas que eram bem legais depois que conheci todos melhor. Às vezes éramos só nós cinco, os originais, ou menos se estávamos ocupados.

Tornou-se um ritual. Meu tipo favorito de ritual universitário.

— E esse lugar é *perfeito* pro Roderick! — disse Rooney animada, apontando para um canto vazio ao lado do braço do sofá.

Nós fomos em direção aos dois quartos do andar térreo, que eram bem normais. Jason e eu olhamos dentro do segundo. Era quase tão bagunçado quanto

o quarto atual de Pip.

— Eu sempre quis um quarto no térreo — falou Jason. — Nunca soube por quê. Só parecia legal.

— Você ficaria bem ao lado da rua.

— Acho que eu ia gostar. Bastante ruído branco. E olha! — Ele apontou para um pedaço de parede sem nada acima da cama, espaço suficiente para um único porta-retratos ser pendurado. — O lugar perfeito para a gangue do Scooby-Doo.

O aniversário de Jason tinha sido na semana anterior. Um dos presentes que dei pra ele: uma foto num porta-retratos com todo mundo de Scooby-Doo. Todos os cinco.

— Eu gostaria de um quarto no térreo — disse Sunil, que tinha aparecido atrás da gente. — Gosto de ficar perto da cozinha. É mais fácil para pegar comida.

Jason lançou um olhar de soslaio para ele.

— Desde que você não pratique o violoncelo tarde da noite.

— Você está dizendo que *não* quer ouvir minha linda música nas horas frias da madrugada?

Jason riu e foi para cima, deixando Sunil e eu para entrar no primeiro quarto, tomando cuidado para não tocar em nada que pertencesse ao ocupante atual.

Então Sunil disse:

— Queria conversar com você sobre uma ideia, Georgia.

— Oi?

— Bom, eu só vou ser o presidente da Sociedade do Orgulho por mais alguns meses, e antes de eu ter que deixar o cargo… eu queria organizar um novo grupo dentro da Sociedade do Orgulho. Uma sociedade para estudantes assexuais e arromânticos. E, na verdade, estava me perguntando se você queria se envolver nisso. Não necessariamente ser presidente da coisa, mas… Bom, não sei. Só queria perguntar. Sem pressão.

— Ah. Hum. — Eu imediatamente fiquei nervosa com a ideia. Eu ainda tinha dias em que eu não estava superconfiante sobre a minha sexualidade, apesar de todos os outros dias nos quais eu me sentia orgulhosa e grata por saber quem eu era e o que eu queria. Talvez os dias ruins ficassem menos e menos comuns, mas eu não sabia. Eu não *tinha como* saber.

Talvez muitas pessoas se sentissem assim sobre as próprias identidades. Talvez só demorasse um tempo.

— Eu não sei — falei. — Eu ainda nem me assumi pros meus pais.

Sunil assentiu, entendendo.

— Está tudo bem. Só me avise depois que pensar melhor no assunto.

Eu assenti de volta.

— Aviso, sim.

Ele olhou para dentro do quarto, examinando o jeito como a luz da tarde iluminava o chão.

— Foi um ano bom, mas estou animado para sair do cargo. Acho que mereço um ano mais relaxante. — Ele sorriu pra si mesmo. — Seria legal. Descansar.

Havia três outros quartos lá em cima, e Pip e Rooney obviamente foram direto para o maior.

— Vou ficar com este — disseram Pip e Rooney em uníssono, e então ficaram encarando uma à outra.

— Eu preciso de mais espaço — falou Rooney. — Eu sou uns trinta centímetros mais alta do que você.

— Hum, primeiro que isso é mentira, você é só um pouco mais alta que eu…

— Pelo menos quinze centímetros.

— E segundo, eu preciso de mais espaço porque eu tenho muito mais roupas que você.

— Vocês duas vão ficar dormindo no mesmo quarto de qualquer forma — Jason murmurou, revirando os olhos, e Pip lançou a ele um olhar de vergonha misturado com pânico enquanto Rooney imediatamente corou, abriu a boca e começou a protestar.

Rooney ainda passava algumas noites fora do nosso quarto. Da primeira vez que aconteceu depois da peça, eu fiquei com medo de que ela tivesse voltado a sair pra beber e ir a baladas com estranhos. Quando eu a confrontei sobre o assunto, depois de um tempo, ela timidamente revelou que tinha passado todas aquelas noites no quarto de Pip. As roupas que ela continuava largando lá eram uma prova disso.

Ela passava as noites no nosso quarto também. Várias noites. Não era como se ela tivesse me substituído, ou como se eu fosse menos importante.

Depois de Rooney terminar de atormentar Jason por ter ousado falar da vida sexual dela, e de Jason taticamente ter se retirado em direção ao banheiro, eu fiquei observando enquanto Rooney e Pip ficavam juntas na porta. Rooney gentilmente tocou a mão de Pip, se inclinou na direção dela e sussurrou algo que eu não consegui ouvir que fez Pip abrir um sorriso enorme.

Eu dei um passo para trás e examinei outro dos quartos. Esse tinha uma janela guilhotina grande, uma pia em um canto, e quem morava aqui tinha grudado fotos polaroide em toda uma parede. O carpete era meio esquisito — tinha um padrão vermelho forte que me lembrava das cortinas de vovó —, mas eu não desgostava. Eu não desgostava de nada daquilo.

Não era chique, mas eu conseguia me imaginar vivendo aqui. Conseguia imaginar todos nós vivendo aqui, começando o novo ano acadêmico, chegando em casa e nos jogando no sofá um ao lado do outro, conversando na cozinha durante as manhãs enquanto comíamos cereal, nos juntando no quarto maior para ver filmes, dormindo na cama uns dos outros quando estávamos cansados demais para nos mexer.

Conseguia imaginar tudo aquilo. Um futuro. Um futuro pequeno, e não para sempre, mas, ainda assim, um futuro.

— O que achou? — perguntou Rooney, que tinha vindo ficar ao meu lado no batente.

— É bem… ok — eu falei. — Não é perfeito.

— Mas?

Eu sorri.

— Acho que a gente pode se divertir aqui.

Ela sorriu de volta.

— Concordo.

Rooney deu as costas para continuar brigando com Pip por causa do quarto maior, mas eu só fiquei ali por um momento, olhando para o que poderia ser meu espaço no futuro. Depois de meses dormindo ao lado de uma das minhas melhores amigas, eu estava um pouco nervosa de voltar a dormir em um quarto sozinha. Dormir em um quarto silencioso, só com meus pensamentos.

Mas eu tinha tempo para me acostumar com a ideia.

Até lá, nós ficaríamos nas camas juntas.

AGRADECIMENTOS

Este foi o livro mais difícil, frustrante, assustador e libertador que eu já escrevi. Tantas pessoas incríveis me ajudaram nessa jornada:

Claire Wilson, minha agente incrível, que recebeu e-mails emotivos além da conta. Minha editora, Harriet Wilson; meu designer, Ryan Hammond; e todo mundo na HarperCollins que trabalhou neste livro — obrigada pelo seu esforço incansável e por seu apoio nas minhas histórias, apesar de eu ter precisado de extensões em literalmente todos os prazos que me deram. Emily Sharratt, Sam Stewart, Ant Belle e Keziah Reina por suas edições, ideias e leitura beta, geralmente com prazos muito apertados. Minha alma gêmea de escrita, Lauren James, que aguentou a parte pesada dos meus medos com relação a este livro e me ajudou muito na estrutura e no ritmo. Meus amigos e minha família, na vida real e on-line. E os meus leitores, que me encorajaram. Muito obrigada a todos.

E obrigada por todos aqueles que pegaram este livro para ler. Eu espero mesmo que tenham gostado desta história.

PARA MAIS LEITURAS SOBRE ASSEXUALIDADE E ARROMANTICIDADE

Internacionais:

AVEN (The Asexual Visibility and Education Network): https://www.asexuality.org/

What Is Asexuality?: https://www.whatisasexuality.com/

Aces & Aros: https://acesandaros.org/

AZE, um periódico que publica artigos de autores e artistas assexuais, arromânticos e agêneros: https://azejournal.com/

AUREA (Aromantic-spectrum Union for Recognition, Education, and Advocacy): https://www.aromanticism.org/

Brasileiras:

Assexualidade Brasil: http://assexualidadebrasil.blogspot.com/

Comunidade Assexual: https://www.assexualidade.com.br/

O que é arromanticidade?: https://medium.com/@ravenclaudia/o-que-%C3%A9-arromanticidade-add9cedc7898

O que é assexualidade?: https://medium.com/@ravenclaudia/o-que-é-assexualidade-98dc84204e4f

Aroaceiros: https://aroaceiros.com/

Card Ace Educativo: educ-ace.carrd.co

Título original
LOVELESS

Primeira publicação na Grã-Bretanha por
HarperCollins Children's Books em 2020.

HarperCollins Children's Books é uma divisão
da HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street, London, SE1 9GF

Copyright © Alice Oseman, 2020
Todos os direitos reservados.

O direito moral de Alice Oseman de ser identificada como autora desta obra foi assegurado por ela.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
CATARINA NOTAROBERTO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: novembro, 2021.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O91s
Oseman, Alice, 1994-
Sem amor [recurso eletrônico] / Alice Oseman ; tradução Laura Pohl. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2021.
recurso digital

Tradução de: Loveless
ISBN 978-65-5595-087-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Pohl, Laura. II. Título.

21-73916

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

ALICE OSEMAN nasceu em 1994 em Kent, Inglaterra. Ela se formou em Letras pela universidade de Durham em 2016 e atualmente é escritora e ilustradora. Seu primeiro livro, *Um ano solitário*, foi publicado quando Alice tinha dezenove anos.

Índice

- Capa
- Folha de rosto
- Sumário
- Um ano solitário
    - Folha de rosto
    - Dedicatória
    - Sumário
    - Epígrafe
    - Parte 1
        - Um
        - Dois
        - Três
        - Quatro
        - Cinco
        - Seis
        - Sete
        - Oito
        - Nove
        - Dez
        - Onze
        - Doze
        - Treze
        - Catorze
        - Quinze
        - Dezesseis
        - Dezessete
        - Dezoito
        - Dezenove
        - Vinte
        - Vinte e um
        - Vinte e dois

- Vinte e três
- Vinte e quatro
- Vinte e cinco
- Vinte e seis
- Vinte e sete
- Parte 2
  - Um
  - Dois
  - Três
  - Quatro
  - Cinco
  - Seis
  - Sete
  - Oito
  - Nove
  - Dez
  - Onze
  - Doze
  - Treze
  - Catorze
  - Quinze
  - Dezesseis
- Depois
- Agradecimentos
- Créditos
- A Autora
Rádio Silêncio
- Folha de rosto
- Sumário
- Epígrafe
- UNIVERSE CITY: Ep. 1 — azul-escuro
- Futuros
- 1. Trimestre de verão a)
  - Eu era inteligente
  - O narrador
  - Morrendo, mas passando bem

- Fazer o que quer
- Sempre quis ter um passatempo
- Uma adolescente normal
- Vagões diferentes
- Alguém está ouvindo
- Consegui

1. Trimestre de verão b)
    - Aled last na minha cama
    - Pois é, eu sei
    - Esquisito
    - Ganharíamos milhões
    - Poder
    - UNIVERSE CITY: Ep. 2 — skatista
    - Online
    - Stop-motion
    - #Floquinhodenevesensível
    - Sem jeito
    - Logaritmos
    - Antes de continuarmos
    - Estamos em todos os cantos
    - Daniel Jun
    - Chata
    - Babar, o rei dos elefantes
2. Férias de verão a)
    - Sua arte é muito linda
    - Anjo
    - Muito burra
    - UNIVERSE CITY: Ep. 15 — m4g14 d4 1nf0rm4t1c4
    - Verdade
    - Rir e correr
    - Rádio
    - February Friday
    - UNIVERSE CITY: Ep. 32 — barulho cósmico
    - O grande esquema das coisas
    - Botar medo

- Usina elétrica
- Kanye não teria gostado
- Monte de cobertores
- Azul-escuro

2. Férias de verão b)
- O pior episódio
- 5 Coisas estranhas com as quais sou obcecado
- UNIVERSE CITY: Ep. 126 — escola fantasma
- Vai dormir

3. Trimestre de outono a)
- Alunos confusos de terno
- Touloser
- Ser artístico era decepcionante?
- Raine
- Assim
- UNIVERSE CITY: Ep. 132 — telefone
- No escuro
- Famoso no youtube
- É mais fácil mentir na internet
- Vórtice do tempo
- Me desculpe

3. Trimestre do outono b)
- Jogar tudo para o alto
- Frances da escola
- Atleta das olimpíadas de inverno
- Espaço
- Ódio
- UNIVERSE CITY: Ep. 140 — bem
- Guy Denning
- Apertar o play
- UNIVERSE CITY: Ep. 141 — dia de nada
- O que mais se deveria fazer
- Coisas inúteis
- Brancos velhos
- Única coisa especial
- Beijinhos de criança

- Extremamente cansada
- UNIVERSE CITY: Ep. 142 — sim
- Horas e horas

4. Férias de natal
- Um mistério da internet
- Teto da galáxia
- 3:54
- Destruindo
- Mãos enferrujadas do norte
- Minha amiga
- Crânio
- Que vocês todos se fodam

5. Trimestre da primavera a)
- Ruído branco
- Você deve ter vindo de uma estrela
- Fracassar
- Menina de cabelos grisalhos
- Agenda
- London’s burning
- Filho de ouro
- Família
- O “incidente”
- UNIVERSE CITY: Ep. 1 — azul-escuro

5. Trimestre da primavera b)
- A arte imita a vida
- Um computador com cara triste
- Ouvir
- Ninguém
- Assim esperávamos
- Sozinho
- Universidade

5. Trimestre da primavera c)
- Universe City
- Verão
- Uma nova voz

            - Universe City ao vivo na Live! Video Londres 2014
        - Agradecimentos
        - Créditos
        - A Autora
- Sem amor
    - Folha de rosto
    - Sumário
    - Epígrafe
    - Parte um
        - Última chance
        - Romance
        - Pip, Jason e eu
        - Verdade ou desafio
        - Tommy
        - Beijo
        - Pegando fogo
        - Sem amor
    - Parte dois
        - Mudança
        - Rooney
        - Uma nova amizade
        - Pensamento romântico
        - Sexo
        - Casamento de faculdade
        - Primeira balada da bebê
        - Muito exigente
        - Orgulho
        - Se abrindo a novas oportunidades
        - Shakespeare e plantas caseiras
        - Energia caótica
        - Sozinha pra sempre
        - Imatura
        - Nós amamos mesmo um drama
        - Habilidade de encontro
        - Direto de um romance

- A faísca
- Uma apresentação pequena, porém irresistível, por Rooney Bach
- Mão e mão
- Assunto proibido
- A letra X
- Senhor autoconfiança
- Sunil
- Dava pra ter caprichado mais nas bandeiras de orgulho
- Pip
- Miragem

Parte três
- Eu amo ninguém
- Gêmeas de masturbação
- Música de contagem regressiva
- Lavagem cerebral
- Futuro dos sonhos
- Mundo espelhado
- Mas se ela não puder te amar
- Duas colegas de quarto
- O Baile Bailey
- Capuleto vs. Montéquio
- Derrotada
- Flores de papel
- Sobrevivente

Parte quatro
- Pessoas muito opostas
- Assexual arromântica
- Amor verdadeiro
- Lar
- Ellis
- Mágica platônica
- Memórias
- O amor estraga tudo
- Você merece alegria

- Jason
- Desculpas
- Beth
- Reunião de emergência
- Véspera
- Sua canção
- O oposto de curiosidade
- Bagunça
- Nós deixamos as camas juntas
- Confusa e com tesão
- Vou achar ela
- Gesto grandioso

Parte cinco
- Foi divertido
- Boa noite
- A casa

Agradecimentos
Para mais leituras sobre assexualidade e arromanticidade
Créditos
A Autora